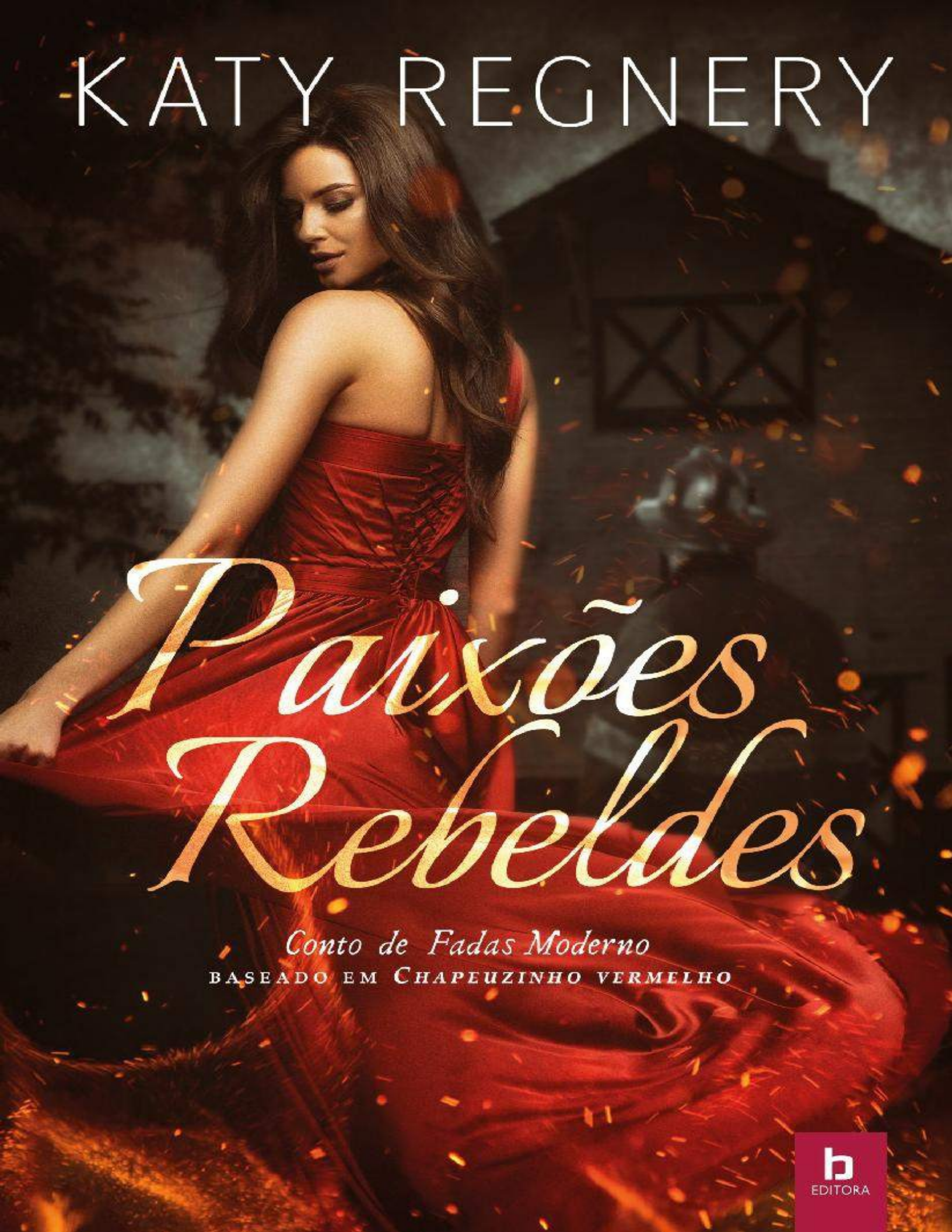




KATY REGNERY

*Paixões
Rebeldes*

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM CHAPEUZINHO VERMELHO



Paixões Rebeldes

Conto de Fadas Moderno

Paixões Rebeldes

Conto de Fadas Moderno

Katy Regnery

Copyright © 2016 Katharine Gilliam Regnery
Copyright © 2018 Editora Bezz

Título original: *Ginger's Heart*

Tradução: Gabriela Peres Gomes

Revisão Final: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações - exceto no caso de trechos breves ou citações incorporadas em revisão ou escritos críticos, sem a permissão expressa do autor e editora.

Os personagens e eventos deste livro são fictícios ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência e não pretendida pelo autor.

Regnery, Katy

Paixões Rebeldes (Contos de Fada Modernos)/ Katy Regnery; Tradução: Gabriela Peres Gomes. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2018.

ISBN: 9788554288198

1. Romance estrangeiro. 2. Ficção. 3. Erotismo. I. Gomes, Gabriela Peres II. Título III. Série

CONTEÚDO ADULTO

Aviso sobre a tradução: algumas expressões e piadas são quase impossíveis de serem traduzidas *ipsis litteris* para o Português. Portanto, a tradução foi feita para manter a expressão/sentença o mais próximo possível do idioma original.

Índice

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Epílogo](#)

[Uma carta para meus leitores](#)

Paixões Rebeldes

Conto de Fadas Moderno

Era uma vez dois primos:

um dourado como o sol,

um sombrio como a noite,

um protetor,

um predador,

um Woodsman

e

um Wolf...

ambos donos de partes iguais,

porém diferentes,

do coração de uma garota.

Para George, Henry e Callie,
que compartilham o *meu* coração.

Querido leitor,
Por favor, não leia a última página primeiro.

Com amor,
Todos os autores vivos
(#eosqueestãomortostambém)

Parte Um

Capítulo Um

~ *Ginger* ~

— Ginger, pule aqui! — gritou Josiah Woodman, um garoto de quinze anos, enquanto deslizava os dedos pelos cabelos louros sujos. Os fios eram dourados como o trigo à luz do sol e combinavam perfeitamente com os fiapos de palha que caíam da janela do palheiro em que ela se encontrava, olhando para os dois.

Ao lado do garoto, Cain Wolfram deu uma cotovelada na lateral do corpo do primo e abriu um sorriso para Ginger.

— Agora, Srt^a Virginia, faça o favor de ignorar o Woodman e pule aqui, gata.

Ga-ta. O novo timbre confiante na voz dele fez com que o coração da garota de doze anos ficasse apertado e agitado no peito. Os cabelos do garoto eram quase azuis de tão escuros e raios de sol iluminavam os fios naquele momento. O sorriso estava tão diabólico quanto sempre.

As mães dos dois garotos eram gêmeas idênticas e eles nasceram com menos de uma semana de diferença. E, já que o sobrenome dos dois começava com W, toda a cidade de Apple Valley, Kentucky, referia-se a eles como os Dois W ou os Gêmeos W. Bem, toda a cidade com exceção de Ginger. Porque se alguém conhecesse Woodman e Cain tão bem quanto ela, saberia que os primos não tinham nada a ver um com o outro.

— Seja inteligente, Gin — aconselhou Woodman com a voz baixa e séria, os olhos verde-musgo suplicantes e os dedos calejados fazendo um gesto em direção ao próprio corpo.

— Você acha mesmo que esses gravetos que você chama de braços vão aguentá-la? — debochou Cain.

Ele despiu a jaqueta jeans e a jogou em uma pilha de feno do lado de fora do celeiro, deixando uma regata da *Harley-Davidson* à mostra. Os braços

eram definidos, os músculos tão novos quanto o timbre confiante em sua voz, e Ginger os observou com avidez. Cain trabalhava no celeiro do pai dela desde sempre, mas foi só neste último outono que ela notara algo que todas as garotas de Apple Valley já haviam notado: Cain Wolfram estava ficando musculoso.

Os olhos azuis do garoto brilharam.

— Pule aqui, docinho.

A forma que ele disse docinho foi tão íntima que Ginger arfou e mordeu o lábio inferior. As pernas tremeram como gelatina quando ele arqueou as sobrancelhas de modo sedutor.

— Gin — chamou Woodman, a voz familiar e segura. Os olhos dela se afastaram da beleza sombria de Cain e pousaram no esplendor dourado de Woodman. — Venha aqui.

Cain lançou um olhar desconfiado para Woodman, as covinhas salientes em um sorriso afetado que Woodman não conseguia ver. Ele estava muito focado em Ginger e não tirava os olhos da garota, e nada seria capaz de distraí-lo.

Mas, dois andares acima, Ginger conseguia enxergá-los perfeitamente. E, quando Cain voltou a encará-la, ela sentiu um friozinho na barriga. Ele lambeu os lábios e deu uma piscadela.

— Pule para aquele que você ama mais, querida.

Cain, Cain, Cain.

Ele *sempre* jogava sujo.

— Caramba, Cain! — gritou ela, batendo o pé na tábua de madeira e franzindo o cenho para ele. — Agora você estragou tudo!

— O que foi que eu fiz? — quis saber ele, os braços abertos e os olhos arregalados, parecendo o arrependimento em pessoa.

— Você sabe muito bem que não posso escolher entre vocês dois. Não é assim que funciona!

— Mandou bem, babaca — praguejou Woodman antes de soltar o ar

pela boca e rir da expressão mal-humorada no rosto de Ginger.

Eles tinham que pegá-la ao *mesmo tempo*. Era uma tradição anual de seu aniversário, caramba!

Quando ela tinha apenas seis anos, desapareceu na hora de cortar o bolo de aniversário e a mãe pediu para que os garotos fossem procurá-la. Eles a encontraram sentada na janela do palheiro, dois andares acima do chão, proclamando que era uma princesa aprisionada na torre. Cain encorajou a princesa aniversariante a pular em direção a eles para que a levassem de volta à festa. Aquela façanha foi a primeira das muitas vezes em que Ginger fraturou os ossos por conta das sugestões ousadas de Cain. Os pais da garota usaram isso como desculpa para barrar Cain das próximas festas, a menos que ele fosse o responsável pelos passeios de pônei.

A mãe de Ginger proibira a garota de voltar ao celeiro.

Mas é claro que ela não obedecia.

Ia ao celeiro todo ano. E em todos os anos desde então os primos haviam conseguido pegá-la sã e salva.

Cruzou os braços sobre o peito e olhou para Cain antes de menear a cabeça em um gesto de desaprovação. Depois, virou-se e caminhou pelo celeiro sujo e parcamente iluminado que fedia a cavalos, madeira antiga e feno. Virou quando atingiu a escada e desceu os degraus com rapidez, pulando em direção ao chão quando ainda estava na metade do caminho. Caminhou pela extensão do celeiro, as botas de montaria estalando sobre o chão de concreto. Passou por seis baias antes de sair pela porta lateral e deu de cara com os lindos garotos esperando por ela.

— Não vai pular este ano? — perguntou Cain com um sorrisinho no rosto, os punhos calejados apoiados na lateral da calça jeans.

— Não vou pular na *sua* direção — determinou ela com o nariz arrebitado.

— Você está fazendo biquinho, Gin — avisou Woodman, esticando a mão em direção aos braços cruzados da garota com a intenção de soltá-los.

— Vocês dois têm que me pegar juntos! Eu não conseguiria escolher

entre vocês nem que minha vida dependesse disso! Seria como escolher entre uma de minhas mãos ou meus pés!

Cain deu risada, os olhos tão azuis que ela mal conseguia se forçar a desviar o olhar.

— Bem, querida — começou ele devagarinho —, pelo menos sua mãe não vai correr atrás da gente com uma frigideira dessa vez.

Ginger lançou um olhar para Woodman, que estava se chacoalhando de rir. A visão de Magnolia McHuid finalmente vestida para o aniversário de seis anos da filha enquanto corria atrás dos Gêmeos W com uma frigideira em mãos era uma das memórias de aniversário preferidas de Ginger. Quase fizera com que a dor lancinante do seu braço quebrado tivesse valido a pena.

Os dedos de Woodman deslizaram pelo braço de Ginger em direção à mão da garota, e ele entrelaçou os seus dedos aos dela.

— Você não devia mais estar pulando de janelas de palheiro mesmo — declarou ele com suavidade. — Você já tem doze anos. É uma moça.

Ginger virou a cabeça e olhou para ele com o cenho franzido. Algo naquelas palavras a incomodou, mas ela não teve tempo de remoê-las. Cain logo interrompeu seus pensamentos.

— Uma moça! — exclamou ele e abaixou-se para pegar a jaqueta jeans, jogando-a por sobre os ombros. — Que piada! Woodman, você só vê o que quer, primo!

— Ela já tem *doze* anos! — murmurou Woodman, empertigando-se e segurando os dedos de Ginger com mais força.

— Exatamente! *Doze*. Ela ainda é uma criancinha — Cain acariciou o queixo de Ginger. — E se você não vai pular, querida, tenho outros lugares para ir.

O coração dela se agitou no peito e ela desvencilhou os dedos da mão de Woodman e os levou ao braço de Cain.

— Mas vai ter bolo!

— Tem algo mais gostoso que bolo esperando por mim — declarou

Cain com uma piscadinha. — Sem contar que nunca sou convidado para as festas da Sra. Magnolia.

— A gente pega um pedaço para você!

Perturbada com a ideia de Cain passar o aniversário dela com outra garota, Ginger fincou as unhas no braço dele.

— Não, valeu.

— Você não pode simplesmente ir embora!

— Ai! Eu perdi alguma coisa? — perguntou Cain, afastando o braço das unhas de Ginger e esfregando o lugar em que ela as fincara. — É claro que posso ir embora. Eu tenho planos. Mas antes que eu vá, já que você já é uma *moça*, Srt^a Virginia, acho que posso te dar um beijo de aniversário, hein?

Ele deu um passo em direção a ela, a ponta de metal de sua bota chutando um pouco de terra entre eles. Os olhos azuis estavam fixos em Ginger e ficavam mais brilhantes à medida que ele se aproximava e observava o rosto dela com atenção. Ela arfou quando sentiu a palma da mão de Cain em sua bochecha esquerda, a pele áspera, mas quente. Seu coração foi a mil e bateu sem parar atrás dos peitos ainda em crescimento e ela ficou tonta e sem ar. Ele se aproximou, o rosto cada vez mais perto, tão perto que ela conseguia sentir o cheiro de Cain – o aroma pungente de suor, o desodorante, o odor de terra e cavalos e das costelas com molho barbecue que ele deve ter comido no almoço. Tudo misturado. Ela fechou os olhos e prendeu a respiração e ergueu o queixo para que ele pudesse... para que ele pudesse...

Os lábios dele – quentes e macios – pousaram na bochecha de Ginger, e o frio intenso que já habitava na barriga da garota expandiu-se e envolveu o seu coração.

A voz dele, lenta e grossa como mel, sussurrou:

— Feliz aniversário, garotinha valente.

Quando os olhos dela se abriram, Cain já estava longe.

Observou enquanto ele se afastava – o movimento confiante em suas passadas largas, o contorno de seu corpo em uma calça jeans de lavagem

clara da marca *Levi's*, o cabelo preto e comprido demais enrolando-se na gola da jaqueta puída, as mechas iluminadas pelo sol. Ele caminhava em direção a alguém mais “gostoso que bolo” e a deixava para trás. E ainda que Ginger não pudesse oferecer a Cain o mesmo que a garota de dezessete anos conhecida como Mary-Louise “Peitão” Walker ofereceria de bom-grado em algum cantinho da destilaria abandonada, ainda doía vê-lo indo embora daquela forma.

— Ah — murmurou ela, um lamento baixo e patético em meio à brisa do anoitecer.

A mão de Woodman pousou nas costas dela.

— Não sofra por ele — aconselhou o garoto com uma nota de incômodo na voz enquanto assistiam Cain se afastar. — Ele sempre foi um babaca, Gin.

Ginger virou-se para encarar o amigo.

— Ele não é babaca!

Woodman franziu os lábios e lançou um olhar de “pare de ser idiota” para a garota, o que a fez corar. Ela baixou o olhar e remexeu a terra com as botas.

— Ele é seu primo — disse ela baixinho.

— E eu não sei? — respondeu ele com desdém.

Ela ergueu o olhar e viu Woodman retirar um feixe de palha da camisa de algodão azul. Ele estava vestido para a festa de aniversário dela – calças cáqui com um vinco e uma camisa chique e nova. O cabelo estava modelado com algum tipo de gel que o deixava parecido com um banqueiro mirim, o que fazia um pouco de sentido, já que o pai dele, Howard Woodman, era o presidente do Banco Economias e Empréstimos de Apple Valley. Ginger lançou um olhar desamparado em direção a Cain, que já estava bem longe. Josiah Woodman nunca apareceria em uma festa com uma camiseta rasgada e calça jeans gasta, mesmo para pegar a princesa que ia pular de sua torre. Ele não faria isso. Mas, por alguma razão, as roupas requintadas de Woodman irritaram Ginger, como se o garoto se sentisse superior a Cain, que vestia roupas velhas e rasgadas. Franziu o cenho para

ele, sentindo-se na defensiva.

— Ele vai pegar alguma doença com a Peitão Walker — declarou ela, torcendo para que sua declaração chocasse o garoto.

Os olhos de Woodman se arregalaram por um instante antes que as extremidades da sua boca se curvassem em um sorriso. Ele deu um risinho surpreso e assentiu, pendendo a cabeça para o lado e olhando para ela.

— Acho que é bem possível.

O sorriso do garoto desapareceu depressa e o seu olhar se tornou abrasador e desconfortável, então, Ginger afastou o olhar de Woodman e buscou Cain, ao longe. Era apenas um pontinho no horizonte agora, descendo a longa estrada rural que seguia o curso do Glenn River em direção à destilaria.

— Você devia ir atrás dele — sugeriu ela —, e... e, não sei, pedir para ele ir dar uma volta no trator de papai ou...

— Eu *não* vou atrás dele — determinou Woodman com suavidade. Havia firmeza na voz e ele estendeu a mão em direção à mão de Ginger, guiando a garota para longe do celeiro e a levando de volta para a festa.

— Primeiro, porque não ia adiantar de nada. Você conhece Cain tão bem quanto eu. Ele vai onde quiser, e nada é capaz de impedi-lo, apenas Deus ou uma tempestade. E, em segundo lugar? Você vai me desculpar, Gin, mas eu não vou dar uma de ‘empata foda’ com o meu primo. Ele pode até ser um babaca, mas isso não significa que eu não o ame. E, em terceiro lugar? Sua mãe vai trazer o bolo a qualquer momento e vai ser um inferno se você não estiver lá para apagar as doze velinhas.

Lançando um último olhar para a estrada, ela suspirou longamente ao se dar conta de que Cain não ia voltar e que Woodman estava certo. A mãe ia ter um chilique se ela não estivesse lá na hora de cantar parabéns. Mas o coração de Ginger doeu diante da constatação que os mesmos lábios que beijaram a sua bochecha com tanta suavidade seriam usados para atividades bem menos castas dali a pouco.

Sua mãe diria que ela era jovem demais para amar Cain do jeito que amava, com um coração batendo acelerado e o corpo em desenvolvimento

alternando entre quente e frio sempre que ele se aproximava. Ela sabia disso, mas não conseguia evitar. Seus pais e a avó – e até mesmo Woodman – ficavam em cima dela desde que tivera o problema no coração aos cinco anos de idade. Eles estavam sempre dizendo o que ela devia fazer e, principalmente, o que *não* devia. Cain era o único que parecia reconhecer que ela era tão forte quanto qualquer um. Era o único que a desafiava, que a estimulava, que fazia com que ela sentisse que podia fazer qualquer coisa. Ele era como um improvável oásis em meio aos cuidados sufocantes daqueles que a amavam, e ela o adorava por isso. E, na maior parte do tempo, quando Cain dizia “pule”, Ginger pulava sem pensar duas vezes se o braço ou o coração ficariam seguros.

— Céus! Você está tão quieta. Pare de se preocupar com Cain — protestou Woodman com uma certa impaciência em sua voz geralmente tão gentil. — É o seu aniversário e eu ainda não entreguei o seu presente.

Ginger ergueu o olhar e relaxou os dedos, ainda entrelaçados aos dele. Caminhou ao lado de Woodman, contornando o celeiro e avistando a Mansão McHuid no topo das colinas verdejantes do seu lar da infância. Na placa sobre a entrada, lia-se “Fazenda McHuid” e, bem abaixo, “Ranger Jefferson McHuid III, criador de cavalos.” Como a mãe de Ginger adorava se gabar, o pai da garota era o principal criador de cavalos em Glendale County, Kentucky. E, desde que Ginger conseguia se lembrar, a Fazenda McHuid recebia os mais ricos e distintos compradores de cavalo do mundo.

Na verdade, a festa dela contava com a presença de apenas cinco crianças – todas das famílias mais proeminentes de Apple Valley, é claro – e cerca de cinquenta adultos de só Deus sabe onde que os pais haviam convidado. Como a maioria de seus aniversários, a festa era mais sobre o resto do mundo do que sobre ela, o que tornava o gesto de Woodman ainda mais especial.

— Você tem um presente para mim? — perguntou ela, o peso em seu coração se dissipando conforme acompanhava o passo do amigo.

— É claro! Você está fazendo doze anos. Caramba, ano que vem você será uma adolescente, Gin, e então...

— E então?

Ele parou no meio da estrada de cascalhos que levava até a casa, o som de taças tilintando e os acordes de uma música *country* chegando até eles por meio da brisa.

— E, então, você vai ser... bem... — Ele engoliu em seco e baixou o olhar.

— Woodman? — estimulou ela.

Ele ergueu o olhar, as bochechas ligeiramente coradas.

— Nada não.

— Você está agindo de forma tão estranha. — Ela deu um tapinha no braço dele e abriu um sorriso. — Agora, em relação ao presente...

Ele sorriu e o rosto se suavizou. Desvencilhou a mão dos dedos dela e a levou até o bolso, pegando uma bolsinha de veludo cor-de-rosa e entregando a ela.

— O que é isso? — quis saber Ginger, pegando o embrulho com risinhos animados.

— Abra e descubra.

Ela puxou o cordão e abriu a palma da mão para pegar o que havia dentro. Suspirou ao avistar uma pulseira de prata que reluzia e cintilava à luz do sol.

— É maravilhosa!

— Você gostou, Gin?

— Eu amei! — exclamou ela e jogou-se nos braços de Woodman, a pulseira firmemente presa entre os dedos.

Ele a envolveu com os braços, o corpo pressionado ao dela como se estivesse prendendo a respiração. Depois de um momento, ele expirou no pescoço de Ginger, e seu hálito quente e doce beijou a pele da garota como uma promessa. Ela sentiu o coração acelerar no peito, repentinamente ciente – ciente até demais – da masculinidade de Woodman. O corpo dele não tinha a mesma definição do corpo de Cain, mas era forte e sólido e estava pressionado contra os seios pequenos da garota.

— Queria que você tivesse algo especial — sussurrou ele, os lábios colados à orelha dela enquanto a música que vinha do topo da colina mudava de uma canção *country* para *Sweet Virginia*.

Ela corou e ficou toda arrepiada. Estava se sentindo quente e fria e, pela primeira vez em todos os anos de amizade com Woodman, sentiu-se envergonhada, como se um segredo que ele tivesse mantido por anos finalmente tivesse sido revelado. Confusa e um pouco abalada, afastou-se dele, tomando cuidado para evitar o seu olhar e abrindo a mão para se distrair.

— O que são todos esses pingentes? — quis saber ela com a voz ligeiramente trêmula, o corpo ávido por algo que ela não conseguia nomear.

Os olhos dele, agora num tom de verde mais escuro do que nunca, fitaram a pulseira. Ele pigarreou.

— Bem, este aqui é um celeiro... para te lembrar do pulo anual. E, hm, uma maçã. Por causa de Apple Valley. Também tem um banjo, porque você está ficando muito boa nesse instrumento. Achei que este cavalinho de prata parece a Heath. Também tem este, hm...

Ela olhou mais atentamente e viu um pequeno coração de prata ao lado do cavalo.

— Um coração.

Ginger ergueu o olhar para Woodman e sentiu o coração palpitar com uma emoção indescritível, algo entre esperança e desconforto, antes de perguntar:

— O seu coração ou o meu?

Ele a encarou, os olhos sinceros e sérios como sempre, apesar das bochechas estarem ruborizadas. Foi só neste verão que ela notara a penugem loura no rosto dele – a sombra de um bigode quando ele não o raspava, a barba por fazer ao longo do maxilar quadrado no fim do dia, quando ele estava coberto de sujeira por conta do trabalho com Klaus. Ele estava crescendo com a mesma velocidade que Cain, mas ela não tinha percebido – não tinha visto de verdade – até aquele exato momento.

— O meu — sussurrou ele, pegando a pulseira e colocando-a no pulso de Ginger.

Duas horas mais tarde, a festa estava chegando ao fim e Ginger, que apagara as velinhas ao lado de Woodman, estava sozinha perto de uma das inúmeras cercas brancas da Fazenda McHuid. O olhar recaía sobre a grama verde dos piquetes dos cavalos e as mãos remexiam a pulseira ao se lembrar da declaração de Woodman.

O meu.

Ela relaxou o rosto e suspirou. Não tinha gostado que Woodman, seu amigo – seu amigo mais querido em todo o mundo – fizesse com que ela se sentisse tão confusa naquela tarde. Não tinha gostado que suas bochechas tivessem ficado tão ruborizadas quando se abraçaram. Não tinha gostado de que agora estava ciente de que ele estava se tornando um homem. As mãos deles tinham praticamente arquitetado a união dos dois desde o nascimento de Ginger, mas a garota não via Woodman daquela maneira. Ele era o irmão mais velho que ela nunca tivera, seu amigo mais precioso, um porto seguro quando seus sentimentos em relação a Cain ficavam confusos demais.

Afastando-se da cerca, ela caminhou vagarosamente em direção à casa principal, aliviada ao avistar a avó sentada em uma cadeira de balanço na varanda de seu chalé, que ficava localizado a alguns metros da Mansão McHuid.

— Vovó! — exclamou ela e acelerou o passo. Mal tinha visto a avó – mãe de seu pai – durante o dia e, depois de Woodman, Vovó era sua amiga mais próxima.

Kelleyanne McHuid tinha se mudado para o chalé logo depois que os pais de Ginger se casaram, bem antes do nascimento da garota, o que significava que ela esteve presente na Fazenda McHuid durante toda a infância de Ginger. Porém – a garota franziu o nariz em um gesto de preocupação – não sabia por mais quanto tempo ela ficaria ali. Recentemente, Ginger escutara os pais discutindo sobre a avó aos sussurros. Vovó tinha Parkinson e a mãe de Ginger achava que ela precisava de “cuidados

melhores” do que aqueles que eles podiam oferecer em casa, ao passo que o pai de Ginger se recusava a mandar a mãe para um “maldito asilo” àquela altura da vida. Ginger ficava constantemente preocupada com a possibilidade de perder a avó para a casa de repouso da cidade.

— Aí está a aniversariante! — exclamou Vovó, dando tapinhas na almofada ao seu lado com a mão trêmula. O corpo todo da avó tremia ultimamente. Mais e mais a cada dia. Os olhos da avó recaíram sobre a pulseira no braço de Ginger e ela sorriu.

— O que é isso aí, boneca?

— Um presente que ganhei do Woodman — respondeu Ginger, sentindo as bochechas corarem.

— Muito lindo — elogiou Vovó, esticando a mão para que pudesse ver a pulseira mais de perto, os dedos trêmulos chacoalhando cada um dos pingentes. — E muito atencioso. Josiah é um bom rapaz.

Quase todo mundo chamava Woodman de Woodman, com exceção de Vovó e, às vezes, Cain. Vovó insistia em chamá-lo pelo primeiro nome. Cain alternava entre Josiah e Woodman, sem nenhum motivo ou razão aparente.

— Dizem por aí que você vai se casar com ele algum dia — segredou Kelleyanne para a neta, uma expressão de divertimento nos olhos azuis da senhora de sessenta e poucos anos. — Mas o que você tem a dizer sobre isso?

Ginger deu um risinho e pensou na pergunta da avó, o coração apertado diante do pensamento de se casar com o sensível Woodman e abandonar os sentimentos selvagens que sentia por Cain.

— Eu não sei — confessou ela, franzindo a testa em confusão.

— Ou talvez você esteja pensando em se casar com... Cain — declarou Vovó com suavidade.

A visão de Cain, com seus cabelos pretos cor de azeviche e olhos azuis como o gelo, invadiu a mente de Ginger e o coração da garota acelerou no peito. O jeito que ele saía correndo para se encontrar com Mary-Louise Walker naquela tarde fez com que os olhos castanhos de Ginger ficassem

verdes de inveja. O seu jeito de valentão a fazia perder o fôlego. Woodman era tão previsível, tão seguro comparado ao primo.

Se bem que Woodman não tinha sido nem um pouco previsível nesta tarde. Ele a surpreendera com aquele presente e ainda mais com o que dissera. Ela pôde sentir seu corpo definido e cálido quando estavam abraçados, e aquele contato despertou algo novo e estranho dentro dela. Algo que ela não tinha certeza se queria. Algo que não a fazia se sentir segura, e sim, um pouco assustada. Ela afastou os dedos da pulseira e olhou para a avó.

— O que eu faço se amo os dois?

Os olhos da avó, que estavam com uma expressão brincalhona, vacilaram, e a boca se curvou em uma careta de solidariedade. Aquilo conferiu um ar sério e solene ao rosto da senhora.

— *Escolha*, boneca — determinou Vovó. — Um dia você vai ter de escolher.

O mesmo sentimento que a invadiu no celeiro, quando Cain gritou para que ela pulasse para aquele que mais amava, incendiou-se dentro dela — uma recusa selvagem de amar um deles mais do que o outro, de abrir mão de um em detrimento do outro.

Escolher? Vasculhou as memórias de todos aqueles doze anos na Fazenda McHuid e Cain e Woodman estavam em todas elas. Quando eram criancinhas, costumavam brincar juntos, nadando pelados no riacho e brincando de pega-pega nas colinas verdejantes. Quando os garotos cresceram, começaram a trabalhar com o pai de Cain, Klaus, que era o mão direita do pai dela, limpando os estábulos e tratando dos cavalos. Ginger costumava correr em direção ao celeiro todo dia depois das aulas para vê-los, e trabalhava com eles até que os três estivessem cobertos de sujeira, feno e lama.

Apesar da família Wolfram não participar com frequência na vida social dos McHuids, os Woodmans estavam sempre presentes, então, além de ver Cain e Woodman na fazenda, ela também via Woodman em todos os feriados e festas de aniversário... e eles sempre conseguiam escapar sem serem vistos contrabandeando alguns doces para Cain.

Eles eram os três mosqueteiros da Fazenda McHuid e Ginger conhecia os dois garotos tão bem quanto a si mesma – o sorriso presunçoso de Cain, sua cabeça quente e seus modos impulsivos e a paciência, o cuidado, a bondade e a sensatez de Woodman. Apesar das diferenças, ela também sabia que, já que eram filhos de irmãs gêmeas, Cain e Woodman eram muito mais próximos que a maioria dos primos. Geneticamente falando, eles eram meios-irmãos, e apesar de adorarem trocar farpas e provocações, pulariam na frente de um trem para salvar um ao outro.

Em sua mente, Ginger via os dois como duas faces de uma mesma moeda. Uma moeda que ela segurava cuidadosamente na palma de sua mão.

Ela amava ambos desesperadamente.

Escolher?

Não, protestava o coração dela. Isso é impossível.

— E se eu não puder escolher? — sussurrou ela, recostando a cabeça no ombro reconfortante da avó.

— Então, você vai perder os dois — declarou a avó com suavidade.

Os ombros de Ginger penderam para baixo em rendição e seus olhos se fecharam quando as lágrimas ameaçaram vir à tona.

— Mas não vamos pensar nisso agora, boneca — tranquilizou Vovó, recostando a cabeça sobre a cabeça da neta, o tremor constante do seu corpo servindo quase como um alívio para Ginger enquanto a cadeira de balanço as acalentava à luz do crepúsculo. — Você está completando doze anos hoje. Você ainda tem a vida toda pela frente.

Capítulo Dois

~ *Cain* ~

— Ginger, pule aqui! — gritou Woodman ao lado dele.

Cain ergueu o olhar para ver a pequena Ginger, que fazia doze anos naquele dia, sentada na janela do palheiro. Apesar de seus pés estarem impacientes para que ele fosse logo para a destilaria abandonada ao lado do Rio Glenn, ele se forçou a não olhar para o relógio. Independentemente do horário, Mary-Louise estaria esperando por ele. Ele tinha certeza disso.

Da última vez em que estiveram juntos, ela havia guiado os dedos dele em direção à pequena saliência no meio de suas pernas, e ele a estimulara até que ela gritasse o nome dele. Como recompensa, ela ficou de joelhos e chupou o pau dele com aquela boquinha linda, fazendo-o gozar em cerca de três minutos. Depois de engolir cada gota, ela limpou os lábios com o dorso da mão. E é claro que ele ficou duro de novo porque foi a coisa mais sexy que ele já tinha visto.

E nesta noite? Bem, se as coisas acontecessem do jeito que ele queria, nesta noite eles enfim chegariam aos finais. Transariam. Trepariam. Porra, ele até *faria amor* se fosse isso que Mary-Louise quisesse. Ele presenciara a cópula dos cavalos da Fazenda McHuid desde sempre. Nesta noite era a vez dele, e ele estava tão animado quanto qualquer garoto de quinze anos. Aquilo ia acontecer. Ia mesmo, porra.

Cain afastou os pensamentos de Mary-Louise e sorriu para a Princesa Ginger no alto de sua torre.

— Agora, Srt^a Virginia, faça o favor de ignorar o Woodman e pule aqui, gata.

Ele e Woodman participavam dessa tradição de princesa-na-torre todos os anos desde que descobriram que a filha do chefe havia se empoleirado na janela do palheiro em seu aniversário de seis anos. Cain admitia de bom grado que era um ritual bem estúpido, mas, por algum

motivo, passou a tarde toda no celeiro, apenas esperando que Ginger e Woodman escapassem da festa, mesmo que aquilo significasse que ia se atrasar para o encontro com Mary-Louise. E Cain teve que se esforçar muito para reprimir o sorriso ao avistar os dois, de mãos dadas, correndo colina abaixo. Não era como se ficar à toa no celeiro dos McHuids em uma tarde de domingo fosse algo incrivelmente divertido, então, ele manteve a expressão séria, ainda que estivesse radiante por dentro. Porque a verdade era só uma: ele amava essa tradição do mesmo jeito que amava Woodman e Ginger. Aquilo era uma das pouquíssimas coisas que o deixavam feliz.

Por que ele seria feliz? Seus pais definitivamente não eram – passaram os últimos quinze anos se alternando entre brigar e ignorar completamente a existência um do outro. Quando tinha seis anos de idade, Cain já sabia que não existia amor entre os pais – porra, eles mal toleravam um ao outro. O pai, Klaus, viera da Áustria em 1989 depois de trabalhar na fazenda de criação dos garanhões Lipizzan. Viera até Kentucky para acompanhar um dos cavalos, que deveria se reproduzir na Fazenda McHuid, viu a linda mãe de Cain na Lanchonete Apple Valley, engravidou-a, casou-se com ela sem nenhum entusiasmo – pelo que as fotos do casamento escondidas na gaveta de roupas da mãe indicavam – e ficou em Apple Valley para criar o filho.

Enquanto isso, a tia de Cain e irmã gêmea de sua mãe, Sophie, casou-se com a porra do presidente do Banco de Economias e Empréstimos de Apple Valley um mês antes do casamento de seus pais, e a cidade inteira agiu como se o casamento *deles* fosse o retorno de Cristo. (Como ele sabia disso? Bem, em primeiro lugar, porque as fotos *daquele* casamento não estavam escondidas em uma gaveta de roupas. Havia aproximadamente trezentos e oitenta e seis bilhões delas espalhadas pela casa da tia, todas cuidadosamente emolduradas em porta-retratos prateados.) E, não, o casamento *não* foi o retorno de Cristo. Esse evento abençoado aconteceu nove meses depois, quando Josiah – o filho da puta de cabelos louros – nasceu. Josiah, que amava tanto cavalos que, aos pouquinhos, foi se tornando o filho que Klaus nunca enxergou em Cain. Enquanto Cain estava sempre fugindo para fumar atrás do Supermercado *Five and Dime* e para se encontrar com garotas na destilaria abandonada, o certinho do Josiah – ou Woodman, como todos o chamavam – estava na Fazenda McHuid, virando o mão direita de Klaus. E

apesar de Cain não ter nenhuma prova de que o pai amava mais Josiah do que do próprio filho, tinha certeza de que era verdade. E apesar de não odiar Josiah por isso (o ódio era direcionado ao pai), não conseguia negar que aquilo doía.

Então, o casamento dos pais estava condenado desde o início, ele era praticamente um bastardo, os tios eram celebridades locais e Woodman era quase tão cultuado quando Jesus.

Fantástico *pra* caralho.

E por último, mas não menos importante, apesar do casamento de Klaus ser um fracasso, sua parceria com Ranger McHuid era uma união digna dos céus. Na verdade, os cavalos da Fazenda McHuid se tornaram uma paixão tão grande para Klaus com o passar dos anos, que Cain e a mãe se tornaram meros coadjuvantes na vida do pai. E aquilo fazia com que Cain odiasse os pais e odiasse cavalos. Isso somado aos sentimentos conflitantes de Ranger McHuid em relação a ele e a recusa da Sra. Magnolia em convidá-lo às estúpidas festas de família desde que Ginger quebrou o braço, fazia com que Cain basicamente odiasse tudo em relação àquela família.

Bem, tudo... menos Ginger.

— Seja inteligente, Gin — aconselhou Woodman.

Cain bufou e olhou para o primo, que vestia uma camiseta requintada.

— Você acha mesmo que esses gravetos que você chama de braços vão aguentá-la?

Woodman franziu o cenho e as sobrancelhas e Cain se sentiu mal. Apesar de Klaus aparentemente preferir o sobrinho ao filho, o que deveria ter despertado uma rivalidade natural entre os dois, Cain não conseguia odiar Josiah. Sendo filho único, Woodman era tudo o que ele tinha e, bem lá no fundo, Cain amava o primo de todo coração. Maldito fosse o filho da puta que mexesse com Josiah, porque Cain acabaria com a raça dele. Mas isso não significava que ele não amasse provocar o primo de vez em quando.

Cain tirou a jaqueta jeans e contraiu os músculos, dando uma piscadela para Ginger.

— Pule aqui, docinho.

Woodman lançou um olhar raivoso para ele antes de voltar a olhar para Ginger.

— Venha aqui.

Algo na voz de Woodman – algo *cheio de vida* – distraiu Cain e ele se virou para o primo, estreitando os olhos ao notar o cuidado estampado no rosto de Woodman e a rigidez na palma das mãos dele ao encarar a garotinha com devoção. Ginger sempre foi como uma irmãzinha para eles, mas havia algo diferente na voz de Woodman. E, definitivamente, não pareceu ser algo muito fraternal.

Cain ergueu o olhar para Ginger e, depois, voltou a olhar para a expressão devotada do primo.

Não, pensou ele rapidamente. Ela é só uma criancinha. Woodman não gosta dela desse jeito. Não poderia. Ela é só uma criancinha. Só a Princesa Ginger.

Mas ele lançou outro olhar ao rosto do primo e a verdade se desenrolou à sua frente. Teve que se esforçar para não revirar os olhos. Como foi que Cain não percebeu isso antes? Todas aquelas vezes em que Woodman tinha deixado Heath selada e pronta para Ginger, com um sorriso ávido no rosto... ou as vezes em que passara um tempo extra escovando os pelos cor de chocolate da égua... ou, caramba, todas as vezes em que ele insistira em limpar o estábulo de Heath antes de Ginger chegar no celeiro... Bem, Cain presumiu que ele só estava agindo da maneira certinha e cuidadosa de sempre. Mas, ah, céus, era mais que isso. Era tudo por causa de Ginger. Woodman *gostava* dela. Gostava de uma criança. Gostava da princesinha.

Abriu um sorriso divertido e decidiu testar sua teoria. Deu uma piscadela para Ginger antes de voltar a olhar para Woodman e observar a reação do primo.

— Pule para aquele que você ama mais, querida — sugeriu ele.

De fato, Woodman cerrou a mandíbula e tremelicou a bochecha, impaciente enquanto esperava Ginger escolher entre os dois.

Bingo.

— Caramba, Cain! Agora você estragou tudo!

Cain observou os ombros do primo se relaxarem e, então, ergueu o olhar para Ginger, sorrindo diante da careta estampada no rosto da garotinha.

— O que foi que eu fiz?

Além de descobrir que meu primo tem uma quedinha gigantesca por você, garotinha.

— Você sabe muito bem que não posso escolher entre vocês dois. Não é assim que funciona! — gritou ela e sumiu de vista, sem dúvida descendo as escadas para dar uma bronca nele.

Woodman virou-se para ele.

— Mandou bem, babaca.

Cain sorriu para Woodman, imaginando até que ponto podia continuar com aquela provocação antes de ser descoberto.

— Alguém tem uma paixonite.

— Cale a boca, Cain.

— Ela praticamente ainda está no berçário.

— Eu mandei calar a boca.

— Ui, que sensível!

— Em relação a ela? Pode apostar que sim. E caso não tenha notado, ela não é mais criança — defendeu-se Woodman, visivelmente irritado.

— E você está querendo... o quê? Namorá-la?

O rosto do primo adquiriu um ar de seriedade ao responder:

— Um dia, quero sim.

— Você está a reivindicando, Josiah? — perguntou ele, tentando evitar o riso.

— Estou. — Os olhos do primo ficaram sérios e sua voz adquiriu o

tom de um homem fazendo um juramento. — Estou sim. — Ele parou por um momento e encarou Cain antes de perguntar: — Você tem algum problema com isso?

— Não mesmo.

— Tem certeza? Porque eu estou falando sério em relação a isso tudo. Em relação a ela.

— Falando sério em relação a uma criancinha? — perguntou Cain, abafando o riso ao dar tapinhas nas costas do primo. — Porra, primo, você só vai conseguir tirar mel daquela colmeia daqui a um tempão. Enquanto isso, eu tenho uma mulher de verdade esperando por mim. Para ser sincero, eu tenho pena de você.

— Eu não me importo de esperar — declarou Woodman com suavidade. — Eu... bem, eu vou me casar com ela um dia. Vou esperá-la para todo o sempre se for necessário. — Ele desvencilhou-se da mão de Cain antes de acrescentar: — Você não tem que ir para algum lugar?

Cain assentiu, ainda rindo da paixonite absurda de Woodman.

— Tenho sim.

— Você foi ao menos *convidado* para a festa de hoje?

— Não.

Ambos sabiam que ele não tinha sido.

— Fico surpreso por *você* ter sido convidado — alfinetou Cain, incapaz de esconder um pingo de voracidade em sua voz —, já que passa a maior parte do tempo limpando bosta de cavalo com o meu pai.

Woodman cruzou os braços em uma postura altiva.

— Vim com os meus pais hoje, e não como o garoto do estábulo.

— É claro que veio — respondeu Cain, sentindo-se amargo. Lançou um olhar para o anel de ouro no dedo de Josiah, um presente para comemorar a sua entrada no Ensino Médio. Os pais de Cain não tinham condições de comprar um igual para ele, e já que o garoto estava guardando dinheiro para comprar uma moto, acabou ficando sem um. — Com essas lindas mãozinhas

como prova.

— Ei, pare com isso! — Woodman ergueu a mão calejada. — Minhas mãos são tão...

Princesa Ginger apareceu na porta do celeiro com as mãos apoiadas nas laterais do quadril e uma expressão irada no rosto.

— Não vai pular hoje? — perguntou Cain com suavidade, interrompendo o primo.

Não queria ouvir como Woodman trabalhava com tanto afinho quanto ele. Enquanto trabalhar na Fazenda McHuid era o que colocava comida à mesa para Cain e sua família, Josiah via o trabalho quase como um *hobby*. Cain e o pai trabalhavam por necessidade. Woodman trabalhava porque gostava. Havia um mundo de diferenças entre os calos das mãos dos dois, e Cain não estava no clima de compará-los.

— Vocês dois têm que me pegar juntos! — exclamou Ginger e fez biquinho, cruzando os braços sobre o peito.

Sobre o peito.

Espere aí.

Sobre o *peito*.

A pequena Ginger tinha peito agora: dois carocinhos salientes em seu vestidinho branco e amarelo. Quando foi que *aquilo* aconteceu?

Erguendo o olhar rapidamente, Cain abriu um sorriso.

— Bem, querida, pelo menos sua mãe não vai correr atrás da gente com uma frigideira dessa vez.

Woodman aproximou-se da garota e puxou-lhe os braços, deslizando a mão por toda a extensão do braço bronzeado de Ginger até entrelaçar os dedos aos dela. Mas Ginger pareceu não notar – estava olhando fixamente para Cain.

Mais uma vez, Cain sentiu um pequeno choque de surpresa ao mergulhar no fundo dos olhos castanhos de Ginger, emoldurados por longos cílios curvados. Ela estava usando delineador? E rímel? Quando é que a

Princesa Ginger começou a usar maquiagem? E quando é que os olhos dela ganharam aquele ar de maturidade?

— Você não devia mais estar pulando de janelas de palheiro mesmo — declarou Woodman, a voz gentil e os olhos doces. — Você já tem doze anos. É uma moça.

Ginger olhou para Woodman, os lindos olhos recaindo sobre o rosto dele por um instante, e algo totalmente inesperado e incrivelmente ridículo, algo parecido com ciúmes, incendiou-se dentro de Cain.

— Uma moça! — exclamou ele, esticando o braço para pegar a jaqueta jeans e a jogando por sobre os ombros largos, completamente desconfortável com aquela sensação que o assolava. — Que piada! Woodman, você só vê o que quer, primo!

— Ela já tem doze anos! — protestou Woodman entredentes, um brilho assassino no olhar.

— Exatamente! Doze. Ela ainda é uma criancinha. — Se ele precisava provar aquilo para ele mesmo ou para Woodman, não sabia, mas Cain acariciou o queixo de Ginger como se ela fosse um bebê. — E se você não vai pular, querida, tenho outros lugares para ir.

Um lampejo incendiou os olhos castanhos da garota.

— Mas vai ter bolo!

— Tem algo mais gostoso que bolo esperando por mim — declarou Cain, esforçando-se para não olhar para os pequenos seios de Ginger novamente. *Mary-Louise. Mary-Louise e seus peitões estão esperando por mim. A princesa é só uma criança. Só uma criancinha.* — Sem contar que nunca sou convidado para as festas da Sra. Magnolia.

— A gente pega um pedaço para você!

— Não, valeu — negou ele antes de se virar.

— Você não pode simplesmente ir embora!

Repentinamente, os dedos de Ginger estavam pressionados contra a pele dele em um aperto forte e cálido. As unhas estavam fincadas em sua

carne e a mente de Cain foi para um lugar sombrio com tanta velocidade que até o deixou tonto. Aqueles mesmos dedos arranhando a sua nuca, o seu peito, o seu...

Não.

Não, não, não.

Não a princesa.

Não mesmo.

Além disso, seu primo já a tinha reivindicado.

Cain desvencilhou o braço do aperto dela.

— Ai! Eu perdi alguma coisa? — O coração estava acelerado no peito e ele olhou para aquele rosto adorável. — É claro que posso ir embora. Eu tenho planos.

Os olhos dela, ardentes e selvagens e praticamente implorando para que ele ficasse, nunca o tinham afetado até hoje. Mas agora aqueles olhos faziam com que suas entranhas ardessem. Ela o olhava com seriedade, como se precisasse dele, como se toda a felicidade do mundo dependesse dele. E aquilo despertou uma sensação completamente nova dentro de Cain.

Mal se dando conta dos pigarros do primo atrás de Ginger, o olhar de Cain recaiu sobre os lábios cor-de-rosa da garota antes de voltar aos seus olhos.

Só um gostinho. Um pouquinho só não vai fazer mal.

— Mas antes que eu vá, já que você já é uma *moça*, Srt^a Virginia, acho que posso te dar um beijo de aniversário, hein?

Afastando qualquer objeção, deu um passo em direção a ela, mergulhando em seus olhos da cor de *bourbon*. Ergueu a mão – a mão áspera e sem valor – e a levou à bochecha dela, inclinando-se em sua direção. Ela fechou os olhos e ergueu queixo. Os lábios cheios e levemente abertos o chamavam, mas, no último segundo, recobrou a razão e ouviu o cérebro gritar NÃO NÃO NÃO tão alto que Cain mudou o curso de ação e beijou a bochecha de Ginger.

Fechou os olhos e ficou ali por um instante, os lábios pressionados contra aquela pele macia. O coração estava disparado no peito e a respiração estava entalada na garganta.

Por fim, ele se afastou, mas sua voz soou rouca quando sussurrou:

— Feliz aniversário, garotinha valente.

Então, antes que pudesse pensar mais sobre o assunto, e porque não estava nem um pouco interessado em ponderar sobre as coisas confusas que estavam acontecendo com seu corpo, mente e coração, ele virou-se e foi embora.

— Você é um babaca, Cain Wolfram! — esbravejou Mary-Louise Walker quando Cain virou a esquina da imensa destilaria e atravessou o gramado em direção a ela.

Com um cigarro em uma das mãos e com o cenho franzido, a garota sentava-se sobre a mureta do antigo gazebo de pedra da Destilaria Glenn River, abandonada há mais de trinta anos. Era contra a lei entrar ali, mas todos os jovens de Apple Valley conheciam pelo menos cem maneiras diferentes de invadir a propriedade. Cain e Woodman exploravam aquele lugar desde que tinham idade suficiente para andar de bicicleta.

— Por que sou um babaca, doçura? — quis saber ele, o pau ficando duro quando avistou a calça jeans justinha que ela usava, bem como o suéter branco ainda mais justo que a calça.

Ela deu uma tragada no cigarro e lançou um olhar furioso para ele.

— Você disse que vinha às quatro. São quase cinco e é muito assustador aqui quando o sol se põe. Eu não devia ter ficado esperando você!

— Mas você ficou, querida — rebateu ele, abrindo seu sorriso mais sedutor ao percorrer os últimos metros que se estendiam entre eles. Sem pedir permissão, ele a enlaçou e a colocou de pé, puxando-a para perto de si.

Ela fez um biquinho lindo e arqueou as costas, pressionando os peitos contra o corpo dele.

— Eu já estou no último ano do Ensino Médio, sabe.

— A mais gostosa da escola.

Ela ignorou o comentário e tragou mais uma vez, soltando a fumaça por sobre o ombro de Cain.

— E você ainda está no primeiro ano, Cain.

— Pense em tudo que você está me ensinando, docinho. Você é a melhor professora que já tive, e estou determinado a tirar nota máxima.

— Talvez eu devesse fazer você me levar para casa — ameaçou ela, derrubando o cigarro no chão e pisando na bituca com o tênis cinza. — Porque não tenho certeza se quero continuar com as nossas... aulas.

— Ah, deixe disso, gata — seduziu ele, afastando a gola do suéter para plantar alguns beijos na pele cálida dos ombros dela. — Me ensine. Estou implorando.

— Então, me diga onde você estava — pediu ela, mas seu tom de voz estava mais gentil agora, e seus braços envolveram o pescoço dele, ávidos por mais.

— Estava na Fazenda McHuid — murmurou ele. Deu uma mordidinha suave no ombro dela, segurando um pouco de pele entre os dentes por um momento antes de soltar. Ela gemeu baixinho, derretendo-se nos braços dele.

— Não sabia que você frequentava... — Cain soltou a cintura dela e deslizou a mão por baixo do suéter e do sutiã de algodão até que estivesse apalpando o seio da garota. — Mm! Cain! Não sabia que você frequentava esses círculos sociais tão distintos.

O mamilo dela ficou rígido quando ele o prendeu entre o indicador e o polegar ao mesmo tempo em que mordiscava o ombro. Depois, acariciou aquele pedaço de pele com lambidas e assopros, sem deixar de estimular o mamilo preso entre seus dedos.

— Não fui convidado para a festa. Só fui me encontrar com...

— Se encontrar com quem? — quis saber ela com a voz arquejante e

distraída, a cabeça pendendo para baixo enquanto Cain continuava a estimulando.

— A prin... Hm, meu primo.

A outra mão percorreu o mesmo caminho que a primeira, enterrando-se embaixo do suéter e do sutiã e apalpando aquele seio exuberante. Mary-Louise levou a mão à bainha do suéter e o despiu antes de desabotoar o sutiã. Encolheu os ombros e baixou os braços e Cain observou enquanto o delicado sutiã deslizou para fora do corpo da garota, deixando-a completamente nua da cintura para cima.

Ele baixou o olhar para fixar a visão deliciosa de suas mãos sobre os peitos dela. À luz do crepúsculo, a grama alta adquiria tons dourados e lavandas, e Mary-Louise gemeu de satisfação quando ele levou um dos seios à boca.

— O seu primo. W-Woodman — suspirou ela.

— Ahã — concordou Cain, baixando a cabeça para abocanhar o mamilo cor-de-rosa. Mary-Louise arqueou as costas e gemeu de prazer. O pau de Cain, tão duro quanto o gazebo de pedra, pressionava o zíper da calça com impaciência.

— Não estou surpresa... o filho do banqueiro... foi convidado — declarou Mary-Louise entre gemidos de prazer. — Não era... Não era o, hm, aniversário da garotinha hoje? Pobrezinha.

Cain retraiu-se e mordeu o mamilo da garota com um pouco mais de intensidade do que pretendia. Mary-Louise gritou de prazer e enfiou os dedos nos cabelos de Cain, arranhando o couro cabeludo com as unhas afiadas.

Uma das razões pela qual Magnolia McHuid ficara tão brava com o braço quebrado de Ginger no aniversário de seis anos da filha foi porque a garota havia acabado de se recuperar de uma complicada cirurgia no coração. Como os McHuids eram o mais próximo de realza que existia no Condado de Glenndale, todos ficaram sabendo sobre o coração quebrado de Ginger e, poucos, incluindo Mary-Louise Walker, que tinha praticamente nenhum contato com os McHuids, haviam se esquecido daquilo.

— Isso aconteceu há muito tempo — esclareceu ele.

— Não vejo aquela garotinha há... séculos. Ela ainda não vai à escola, né? É educada em casa, certo?

Ele queria gritar para que Mary-Louise parasse de falar da princesa, porque agora o belo rosto de Ginger estava arraigado na mente dele. O pensamento dos dedos dela entrelaçados aos de Woodman fez com que estreitasse os olhos. E o pensamento de seus lábios pressionados contra a bochecha macia de Ginger fez com que uma inesperada onda de culpa percorresse seu corpo e o deixasse sem fôlego ao pensar onde seus lábios estavam agora: chupando os peitos com cheiro de nicotina de Mary-Louise.

Bufou de frustração e afastou as mãos dos peitos de Mary-Louise, ofegando enquanto deslizava as mãos em direção à cintura dela.

— Ah, querido — começou Mary-Louise, pensando que esse gesto abrupto fora causado por preocupação. Ela levou a mão ao rosto dele e o olhou com suavidade antes de lambe-los lábios. — É muito fofo de sua parte se preocupar com aquela garotinha.

— Não estou preocupado com ela — murmurou ele e cerrou a mandíbula, tentando evitar que as memórias dos peitos de Ginger, salientes naquele vestido branco e amarelo, viessem à tona enquanto Mary-Louise se aproximava para pressionar seus seios desnudos contra ele. — O coração dela não está mais quebrado. Eles consertaram. Provavelmente é mais forte do que o meu e o seu.

— Não há vergonha nenhuma em se importar com alguém, Cain — alertou Mary-Louise em um tom de voz profundo enquanto desabotoava o cinto de Cain e o tirava com destreza. — Na verdade, eu acho muito fofo.

O botão da calça e o zíper vieram em seguida. Enroscando os dedos na calça e na cueca dele, Mary-Louise o despiu e ajoelhou-se em frente a ele. E, no segundo seguinte, todos os pensamentos acerca da Princesa Ginger se esvaíram de sua mente poluída.

Capítulo Três

~ *Woodman* ~

Duas coisas batalhavam pela atenção de Woodman enquanto ele assistia ao primo caminhar em direção à destilaria abandonada, deixando Ginger para trás apesar de seus apelos para que ele ficasse.

A primeira? Mary-Louise Walker só era mais gostosa que bolo se o bolo em questão tivesse sido lambido por todos os jogadores do time de futebol americano da Apple Valley High School. Várias e várias vezes.

A segunda? Woodman estava profundamente incomodado por Ginger não ter pulado este ano, mas o que mais o incomodava era a expressão no rosto da garota quando Cain foi embora.

Droga, mas as coisas sempre haviam sido assim.

Cain era como um tornado, levando destruição para onde fosse, sem se preocupar com mais nada no mundo. E era Woodman quem tinha que consertar os estragos.

Depois de quinze anos, ele já estava ficando cansado disso.

Afastou o olhar da figura do babaca do primo no horizonte, olhou para Ginger e levou a mão às costas da garota em um esforço débil de consolá-la.

— Não sofra por ele — pediu Woodman, a raiva que sentia pelo primo crescendo à medida que ele se afastava no horizonte. — Ele sempre foi um babaca, Gin.

— Ele não é babaca! — protestou Ginger, lançando um olhar irado para ele.

E também tinha isso. Todas as mulheres do mundo – ou pelo menos as da Apple Valley High School – estavam sempre ávidas para defender Cain, como se ele fosse um anjo órfão e rebelde incapaz de fazer maldades,

mesmo quando partia o coração delas sem dó nem piedade.

Woodman percebia o modo como as mulheres de todas as idades olhavam para Cain, com uma mistura de encanto e esperança estampada no olhar, imaginando se Cain as agraciaria com um de seus sorrisos radiantes antes de se afastar. Ginger não era diferente, e ele sentia um ódio profundo pela maneira que Ginger vinha se portando na presença de Cain ultimamente. Woodman queria que ela o olhasse com o mesmo brilho nos olhos que tinha quando olhava para Cain. Que agarrasse o braço *dele* e implorasse para *ele* não ir embora. Que murmurasse “Ah” quando ele se afastasse no horizonte, como se quisesse guardá-lo no bolso e não deixá-lo ir embora.

Paciência, Woodman. Tenha paciência, ele lembrou a si mesmo. *Os lentos e estáveis vencem a corrida. E Cain não é o tipo de pessoa que se pode guardar no bolso.*

Ainda assim, uma parte dele não conseguia evitar de se sentir incomodado. Cain tinha acabado de ir embora apesar dos apelos de Ginger. Woodman estava parado ao lado dela, mas a garota parecia nem notar. Parecia nem se importar.

— Ele é seu primo — disse ela com a voz suave e os olhos marejados.

Maldito seja Cain por ter causado essas lágrimas. Bem no dia do aniversário dela.

— E eu não sei? — disse ele, afastando o olhar da pequena silhueta no horizonte que era seu primo enervante.

Ao observar Cain à distância, sentiu um pouco da raiva se dissipar. Tirando os sentimentos de Ginger da equação, ele tinha de se perguntar: o que Cain deveria fazer? Ficar esperando no celeiro até que ele ou Ginger conseguissem escapar da festa com um pedaço de bolo como costumavam fazer desde que eram pequenos? Desperdiçar a tarde inteira do lado de fora de uma festa para a qual ele não fora convidado enquanto Woodman e Ginger deleitavam-se com os refrescos e a música da mansão?

Woodman ficava envergonhado pela Sra. Magnolia não convidar tio Klaus, tia Sarah e Cain para o aniversário de Ginger. Tio Klaus e Ranger

McHuid eram tão camaradas quanto possível, mas quando chegava a hora das festas requintadas, os Wolframs eram sempre deixados de fora. A mãe de Woodman, Sophie, ficava incomodada de ver a irmã gêmea naquela situação. No entanto, pensou ele com acidez, ela nunca deixou de comparecer e desfrutar das festas dos McHuids.

E Woodman ficava incomodado por Cain – a quem, apesar do comportamento irritante, ele via mais como um irmão do que um primo – ser sempre deixado de fora.

Mas para ser honesto, Woodman tinha que admitir que ver *Ginger* chateada diminuía qualquer outra preocupação que ele tivesse. O que ele mais queria – mais do que qualquer coisa no mundo – era fazer Ginger McHuid feliz.

Estava presente no dia que o coração dela saiu dos eixos, sete anos antes. Estava carregando a garota nos ombros pela sala de estar, depois de uma caça aos ovos na Páscoa, quando Ginger disse que não se sentia bem. Ele a ajudou a descer de suas costas e sentar-se no sofá e, ao virar-se para ver a garota, a encontrou desmaiada sobre as almofadas, os olhos revirados e o corpo débil. Levou a mão à bochecha dela e percebeu que estava fria, apesar de corada, e pode ver o aterrorizante pulso rápido no pescoço dela.

— Sra. Magnolia! — Ele gritara em direção à sala de jantar, levando as mãos trêmulas e pegajosas à boca. — Tem algo errado com a Ginger!

Chamaram a ambulância e, mais tarde naquele dia, a pequena Ginger de cinco anos de idade foi levada de avião do Central Baptist Hospital em Lexington, Kentucky, para o Vanderbilt Medical Center, em Tennessee, onde havia um médico especializado em cirurgias cardíacas em crianças.

Ela foi diagnosticada com taquicardia supraventricular e teve que se submeter a uma cirurgia de retirada de cateter para eliminar de vez o perigoso ritmo acelerado de seu coração. Depois de uma semana no Vanderbilt, recebeu alta e Woodman estava esperando por ela na varanda da Mansão McHuid.

No instante em que ela saiu do carro, Sra. Magnolia puxou Woodman para os seus braços com aroma de perfume Chanel e plantou beijo

atrás de beijo no topo da cabeça do garoto, abençoando-o por ser “o anjo da guarda do meu bebê” e agradecendo-o por salvar a vida de Ginger. Ao sair do carro atrás da mãe, Ginger olhou para ele de maneira radiante, como se ele fosse o ser mais extraordinário do planeta. E, daquele momento adiante, Woodman fez de sua missão proteger, amar e servir a Srt^a Virginia Laire McHuid.

Os pais dos dois eram melhores amigos, então, Woodman a via em todos os jantares, festas, dia de Ação de Graças, Natal e Páscoa em que sua família passava com os McHuids, bem como em churrascos em tardes tranquilas. Sra. Magnolia aprovava os sentimentos que ele nutria por Ginger de todo o coração, e, no decorrer de sua infância, Woodman se enchia de orgulho sempre que escutava a Sra. Magnolia dizer para um de seus pais “Deus abençoou esta família quando colocou Josiah no caminho de Ginger”. Ele era o protetor de Ginger, seu cão de guarda, o irmão mais velho que ela nunca teve.

Mas recentemente, bem recentemente, os sentimentos que Woodman nutria por Ginger mudaram de forma. Não que ele a amasse menos do que antes, mas começou a amá-la de um jeito... diferente. Não era mais o amor de um irmão por uma irmã, e sim, o amor de um garoto por uma garota.

E, sim, ele sabia que Ginger só tinha doze anos e que ele mal havia chegado aos quinze, e não, é claro que ele jamais faria algo precipitadamente antes que ela estivesse pronta para retribuir os seus sentimentos. Mas ele não conseguia evitar sentir o que sentia. Não conseguia evitar desejar que Ginger parasse de vê-lo como um irmão mais velho e passasse a olhar para ele com o mesmo desejo que olhava para Cain.

Ela franziu o cenho para ele e declarou:

— Ele vai pegar alguma doença com a Peitão Walker.

Veja só. Ele sempre tomou muito cuidado, já que era três anos mais velho que Ginger, para não usar linguagem vulgar perto da garota, mas aparentemente ela tinha aprendido aquele palavreado com outra pessoa. E ele tinha de admitir, escutar algo tão sexual e malicioso escapar daqueles lábios doces era um pouco excitante.

Ele deu uma risadinha.

— Acho que é bem possível.

Ela virou-se para observar Cain se afastar, e Woodman sentiu o seu sorriso se esvaír do rosto.

— Você devia ir atrás dele e... E, não sei, pedir para ele ir dar uma volta no trator de papai ou...

Que droga! Não! Nós não precisamos dele, Gin! Temos tudo de que precisamos bem aqui, só nós dois!

— Eu não vou atrás dele — declarou ele com firmeza, estendendo a mão para pegar a dela em um gesto sem esforço de quem fizera isso a vida toda, e a guiou de volta à festa. — Primeiro, porque não ia adiantar de nada. Você conhece Cain tão bem quanto eu. Ele vai onde quiser, e nada é capaz de impedi-lo, apenas Deus ou uma tempestade. — Ela tinha acabado de fazer um comentário relativamente sexual em relação aos peitos de Mary-Louise Walker, não tinha? E se ele lançasse mão do mesmo estilo bruto de comentário sexual? Será que ficaria tudo bem ou só tornaria as coisas estranhas entre eles? — E, em segundo lugar? Você vai me desculpar, Gin, mas eu não vou dar uma de ‘empata foda’ com o meu primo. Ele pode até ser um babaca, mas isso não significa que eu não o ame.

Quando ela não se retraiu diante daquele palavreado sujo, Woodman se deu conta de que eles tinham alcançado um novo nível de comunicação, um nível que incluía comentários de natureza sexual. Essa doce constatação fez o coração dele acelerar no peito.

— E, em terceiro lugar? Sua mãe vai trazer o bolo a qualquer momento e vai ser um inferno se você não estiver lá para apagar as doze velinhas.

Eles caminharam lado a lado, mas Woodman ainda conseguia sentir o ímpeto que a prendia à estrada, o ímpeto de seguir Cain para onde quer que fosse.

— Céus! Você está tão quieta. Pare de se preocupar com Cain! — exclamou ele, sentindo-se impaciente. Arrependeu-se de imediato da agressividade em seu tom de voz, então acrescentou com suavidade: — É o seu aniversário e eu ainda não entreguei o seu presente.

— Você tem um presente para mim? — quis saber ela, finalmente se virando para ele, a voz adquirindo um tom consideravelmente mais afetuoso desde que Cain se fora.

— É claro — respondeu ele, sorrindo. — Você está fazendo doze anos. Caramba, ano que vem você será uma adolescente, Gin. E então...

— E então?

... E quando você for uma adolescente como eu, talvez deixe que eu a leve ao baile do Ensino Médio, ou deixe-me ser o seu primeiro beijo, e – Deus queira – deixe-me ser o seu primeiro em tudo.

Absorto nos próprios pensamentos, parou de andar e baixou o olhar para que ela não visse o desejo estampado em seus olhos.

— E, então, você vai ser... bem...

— Woodman? — estimulou ela, segurando um risinho.

Ele olhou para ela, para seus olhos castanhos felizes e para o sorriso estampado em seus lábios.

Eu te amo, pensou ele, seu coração de quinze anos ameaçando sair do peito. *Eu te amo tanto, Gin.*

— Nada não.

— Você está agindo de forma tão estranha — declarou ela com um sorrisinho e dando um tapinha no braço dele. Os olhos brilhavam de ansiedade. — Agora, em relação ao presente...

Ele tinha sentido a bolsinha de veludo cor-de-rosa em seu bolso durante a tarde inteira. Tirando-a de sua calça cáqui, colocou-a na palma da mão da garota.

— O que é isso? — quis saber ela, pegando o presente aos risinhos.

— Abra e descubra.

Ela puxou a cordinha e abriu a mão para pegar o que quer que estivesse dentro, suspirando “Ohhh” quando uma pulseira de prata caiu em sua mão, o metal iluminado pelos raios de sol.

Woodman ergueu o olhar para observar o rosto da garota, sentindo um prazer absoluto ao ver um sorriso surpreso se formar nos lábios dela. Ela lançou um olhar radiante para ele.

— É maravilhosa!

O coração de Woodman estava acelerado no peito.

— Você gostou, Gin?

— Eu amei! — declarou ela, surpreendendo-o ao envolver o pescoço dele com os braços.

Woodman prendeu a respiração e o mundo inteiro parecia ter parado ao seu redor.

Andar de mãos dadas era algo rotineiro para ele e Ginger, mas contato corporal era algo novo. Ele havia notado os peitos dela neste verão – pequenos e redondos, salientes por baixo de camisetas e vestidinhos. Mas agora, com o corpo colado ao dela, não conseguia evitar o efeito que aquilo tinha sobre ele. Precisou reunir todo o seu autocontrole para não beijar o ombro desnudo da garota, e rezou mentalmente para que seu membro não se enrijecesse e a cutucasse na barriga.

Mas mesmo a possibilidade dessa humilhação não foi suficiente para fazê-lo se afastar. Soltando o ar com suavidade, abraçou-a com mais força e baixou a cabeça para sussurrar no seu ouvido:

— Queria que você tivesse algo especial.

No momento certo, o tocador de banjo da festa no topo da colina terminou uma canção *country* e começou a tocar *Sweet Virginia*.

Woodman fechou os olhos e a manteve em seus braços, aquela menina mulher a quem ele amava desde que se dava por gente, aquela a quem ele reivindicara mais cedo, deixando claro para Cain – sem brechas – que Ginger era dele. Os corações estavam pressionados um contra o outro, e Woodman imaginou os dois se reconhecendo em uma comunicação silenciosa, concordando em baterem como um só. Ergueu a mão e acariciou os cabelos louros claros de Ginger, tentando memorizar a sensação de tê-la em seus braços.

Sem aviso prévio, Ginger afastou-se dele e, apesar de desejar poder ter visto a expressão no rosto da garota – para saber se ela tinha sido tão afetada por aquele abraço quanto ele – ela manteve o olhar fixo na pulseira em sua mão.

— O que são todos esses pingentes? — indagou ela com a voz ligeiramente trêmula.

Apesar da reza silenciosa, o corpo reagiu por conta própria e Woodman precisou de um momento para se recuperar dos efeitos causados por tê-la tão perto de si. Pediu a Deus para que ela não olhasse para a saliência em sua virilha e pigarreou.

— Bem, este aqui é um celeiro... para te lembrar do pulo anual. E, hm, uma maçã. Por causa de Apple Valley. Também tem um banjo, porque você está ficando muito boa nesse instrumento. Achei que este cavalinho de prata parece a Heath. Também tem este, hm...

Uma onda de calor percorreu seu rosto quando ele olhou o último pingente.

Tinha escolhido os outros quatro bem rápido – um celeiro, uma maçã, um banjo e um cavalo – todas as partes importantes da vida de Ginger. Mas o que *ele* significava? Sabia que era um amigo para ela, um irmão. Mas como ele poderia ser uma parte importante da vida dela de uma maneira diferente do que costumava ser?

— Um coração — declarou ela e olhou para ele, os profundos olhos castanhos buscando algo. — O seu coração ou o meu?

Ele a encarou, tentando decidir o que responder. Sentiu que ela ainda não estava pronta para ouvir a sua declaração de amor eterno, mas Woodman não tinha vergonha dos sentimentos em seu coração, então, respondeu a verdade.

— O meu — sussurrou ele, pegando a pulseira da palma da mão da garota e a prendendo ao redor do pulso dela.

Ela não demonstrou nenhuma reação diante da confissão dele, por isso, ele não tinha certeza se ela tinha escutado ou não. De qualquer forma, não faria sentido repetir o que dissera. Quando prendeu o fecho da pulseira,

olhou para Ginger, que abriu um sorriso hesitante.

— Quer apostar corrida até lá em cima? — propôs ela e pôs-se a correr, seguindo em direção ao topo da colina com suas botas de montaria e o vestidinho amarelo, pronta para voltar à sua festa de aniversário.

Woodman não correu atrás dela. Observou-a se afastar e meneou a cabeça enquanto ria sozinho, agora certo de que ela escutara a sua confissão e decidira não responder. Ginger era assim – entrando de cabeça em uma briga quando estava brava ou indignada, mas fugindo quando se sentia machucada ou confusa. Ele não se importava. Talvez ela precisasse de um tempinho para se acostumar à ideia de ser dona do coração dele. E estava tudo bem. Se ela precisasse de tempo, poderia ter o quanto quisesse. Ele não iria a lugar algum. E isso era certo.

No fim das contas, a ideia de Woodman e Ginger terminarem juntos não era nenhuma novidade. Desde que se entendia por gente, ele sabia que um dia Ginger, bem como a fazenda da família dela, pertenceriam a ele.

Uma união entre os Woodmans e os McHuids era o desejo da mãe dos dois, que costumavam conversar sobre o casamento dos filhos de forma não tão discreta (“*A Ginger não vai ser uma linda noiva para Woodman um dia?*” “*Vai, e Woodman é exatamente o tipo de rapaz que Ranger e eu queremos ao lado de nossa filha.*”) e os pais deles costumavam brincar que os netos seriam os melhores cavaleiros em todo o Condado de Glenndale. Seus sentimentos por Ginger, que sempre foram intensos, cresciam e se aprofundavam mais a cada dia, tornando-se algo mais sério e duradouro. E Woodman amava a Fazenda McHuid tanto quanto Ranger McHuid ou o seu tio Klaus, de quem Woodman era aprendiz desde que era pré-adolescente e passou a ter habilidade suficiente para limpar um estábulo.

Woodman já tinha entregado seu coração a Ginger há séculos. A pulseira com a qual ele a presenteara hoje era só o primeiro passo para tentar conquistar o dela, apesar de ainda haver anos pela frente antes que os dois pudessem, enfim, ficar juntos.

Enquanto continuava a caminhar vagarosamente pela estrada de cascalhos que levava à Mansão McHuid, Woodman pensou nos anos vindouros – nos planos cuidadosos que traçara para a própria vida:

atualmente estava no primeiro ano do Ensino Médio no Apple Valley High, era um dos melhores da classe, mas a sua meta era se tornar o primeiro da turma e o orador da formatura até o último ano. Também era jogador do Apple Valley Appaloosas e recentemente havia sido nomeado tesoureiro do corpo estudantil. E ele sabia que precisaria de todas essas conquistas para ser aceito na Academia Naval, seguindo os passos do pai e do avô.

Depois de ser aceito em Anápolis e completar os quatro anos de graduação como cadete, ele iria para outra graduação como subtenente e pediria para ser alocado na Naval Support Activity Mid-South, em Tennessee, onde poderia trabalhar no Comando de Recrutamento da Marinha. Desta forma, ficaria mais perto de casa e em uma posição geograficamente favorável para cortejar Ginger. Depois de cinco anos de serviço ativo, ele planejava se juntar à Reserva da Marinha por um período de três anos, durante os quais pretendia retornar à Apple Valley, pedir Ginger em casamento e tornar-se responsável por uma parte da gerência da Fazenda McHuid juntamente com Ranger McHuid e tio Klaus.

E então? Woodman sorriu. Uma linda esposa em sua cama, a mulher que ele sempre amara. E um dia? Um garotinho com os olhos castanhos da mãe e uma garotinha com o mesmo sorriso de Ginger. Ele deu um risinho diante do pensamento, o coração aquecido só de pensar naquilo.

— Basicamente um felizes para sempre — disse ele em voz alta, acenando para os pais quando eles apareceram em seu campo de visão e sentindo que o caminho que trilhava era a rota perfeita para uma vida maravilhosa.

Parte Dois

Três anos depois

Capítulo Quatro

~ *Cain* ~

— Ah, gata — gemeu ele, pousando a cabeça de volta ao travesseiro —, você é mais quente que o sol de verão.

A conquista da vez, Cherry alguma coisa, soltou um risinho tímido, os cabelos ruivos tingidos pendendo em uma cascata sensual sobre o abdômen definido dele. Cain se apoiou nos cotovelos para olhar para a garota. Os lábios, tão vermelhos quanto os cabelos, envolviam o pau dele, deixando extravagantes manchas de batom em seu membro conforme ela o chupava, gemendo como se Cain a estivesse estimulando e não o contrário.

Estendendo a mão, Cain agarrou um tufo do cabelo dela e soltou um rosnado quando os dentes da garota raspavam contra a carne rígida e sensível de seu pau. As chupadas se tornaram mais vigorosas e Cain sentiu a contração inevitável em suas bolas, o alerta de que estava prestes a gozar.

— Não me faça gozar — ordenou ele.

Os dedos dela seguravam as laterais do quadril dele com força e ela fincou as unhas na pele dele, fazendo-o exalar um suspiro e arquear as costas quando a cabeça de seu pau chegou ao fundo da garganta dela.

— Na... sua bucinha — Ele conseguiu proferir, soltando o tufo de cabelo e tateando o chão em busca de uma camisinha.

Estavam no cantinho da foda de Cain na Destilaria Glenn River, um lugar devidamente equipado com um colchão velho, travesseiros, velas queimadas quase até o fim, e um estoque de camisinhas. Cain não era exatamente conhecido por sua discricção no que dizia respeito a dar e receber prazer, mas era metuculoso em relação à sua segurança. Desde a primeira vez em que transara com Mary-Louise Walker, a alguns metros dali, nunca tinha feito sexo sem proteção. Toda essa cautela o deixara frustrado algumas vezes, quando alguma mulher voluntariosa se oferecia e ele se dava conta de que estava sem camisinha. Mas o seu cuidadosamente equipado ninho do amor,

localizado em um cantinho cheio de janelas do segundo andar da destilaria abandonada que mais parecia um castelo, tornava tais encontros sexuais bem mais convenientes.

Cherry ergueu a cabeça e abriu um sorriso, limpando os lábios manchados de batom com as costas da mão. Ele abriu o pacote de camisinha e a posicionou sobre a ereção antes de pegar a garota pelos quadris e virá-la de costas. Com a cabeça virada para a direção oposta, ele posicionou-se e deslizou o pau para dentro dela. Ela estava quente e molhadinha, pulsando ao redor de seu membro, e Cain fechou os olhos e pendeu a cabeça para trás, tomado de prazer.

Mantendo as mãos firmemente presas ao quadril da garota, fez movimentos de vai e vem até que os suspiros dela viraram gemidos e os gemidos viraram gritos de prazer. Posicionando-a para que ficasse com os joelhos e cotovelos apoiados no colchão, Cain ficou de pé e continuou comendo-a por trás, estendendo as mãos para apalpar os seios e os mamilos enrijecidos de Cherry.

— Porra, porra, porra, porraaaaaaaaaa! — gritou ela, contraindo-se em espasmos ao redor do pau de Cain.

Quando ela atingiu o clímax, Cain deslizou as mãos até os quadris dela, segurando-a com força enquanto dava mais duas arremetidas. Mordeu os lábios e rugiu quando estava prestes a atingir o orgasmo, dando arremetidas leves até atingir o clímax.

Cain levou a mão à camisinha e segurou a base com cuidado antes de deslizar para fora da garota. Tirou a camisinha, deu um nó e a jogou no balde de metal ao lado da cama.

Cherry deitou-se de bruços e Cain ficou sentado de costas para a parede, observando o corpo da garota estremecer com a respiração ofegante. Ele desviou o olhar e fitou a janela suja e estilhaçada que ficava no umbral que um dia havia sido grandioso. Respirou fundo e soltou o ar pela boca.

— Bem, isso foi divertido — disse ele, dando um tapa na bunda dela como se para sinalizar que já estava na hora de ela ir embora.

Ela levantou a cabeça e içou o corpo para cima para encará-lo com os

olhos estreitos.

— Espere aí... É isso mesmo?

Já habituado a este tipo de conversa, Cain pendeu a cabeça para o lado e arregalou os olhos, encarando-a sem dizer nada.

Ela se sentou, a boca toda manchada de batom e as bochechas ainda coradas por causa do sexo e uma expressão horrorizada, como se ele tivesse acabado de confessar que gostava de afogar filhotes de cachorro.

— Você está falando sério, porra?

— Sobre o quê?

— Você quer que eu vá embora? Simples assim?

Ele a encarou – a expressão irada no rosto, os peitos com traços cor-de-rosa causados por sua barba. Uma hora atrás, quando a encontrou no *Gas & Sip*, ela parecia selvagem e ousada com aqueles cabelos ruivos e o batom extravagante. Agora, ela só parecia... usada.

Ele deu de ombros.

— Você é um babaca — declarou ela, pegando o sutiã e a calcinha do chão empoeirado e levantando-se para se vestir.

Tô sabendo.

Ele pensou em dizer *Eu não te forcei a vir aqui. Na verdade, você praticamente implorou para vir atrás de mim. E por todo o barulho que você fez enquanto eu te comia de quatro, acho que você estava tão interessada quanto eu. Não me lembro de ter feito promessa alguma. Então, qual é o problema?*

Mas Cain sabia, por experiência própria, que esse discurso traria, no mínimo, um tapa em sua cara, então, não disse nada – apenas olhou para ela com o rosto desprovido de emoção, porque, bem, ele realmente não sentia nada. Na verdade, Cain não sentia nada de mais quando flertava e trepava com alguém. É claro que sentia o mesmo prazer que qualquer garoto de dezoitos anos sentiria, mas seu coração mantinha-se inalterado, independentemente de quantas mulheres conquistasse. E essa lista era grande

e estava sempre crescendo.

Como o meu pau, pensou ele, sorrindo.

— Você está rindo de mim? — quis saber Cherry não-sei-o-quê, a voz atingindo uma nota estridente quando disse a última palavra.

Ele voltou a ficar com uma expressão de tédio e negou com a cabeça.

— Você é um puta de um babaca — praguejou ela, fechando o zíper da calça jeans e pegando a camiseta que estava estirada no chão. — Quer saber? Espero que eles te mandem para o Iraque. E espero que você não sobreviva.

Ele estremeceu de leve e ela abriu um sorriso maldoso antes de pegar os sapatos e descer as escadas correndo.

Quando a frágil porta da escadaria se fechou, Cain ficou de pé e se espreguiçou demoradamente, caminhando até a janela para observá-la sair da destilaria pela abertura na cerca que eles usaram para entrar e caminhar em direção ao carro dela. Ela saiu arrancando pneu e Cain esfregou a mandíbula, pensando nas marcas avermelhadas que sua barba deixara nos seios da garota e decidindo que era melhor tomar um banho e se barbear antes de ir até a casa dos McHuids para se despedir do pai... e de Ginger.

Uma hora mais tarde, Cain estacionou a moto na entrada de cascalhos da Fazenda McHuid, virando à direita e seguindo direto para o celeiro, o mesmo caminho que ele trilhara centenas de vezes. Hoje era a sua última chance de se despedir do pai antes de ir embora para o campo de treinamento de novos recrutas da Marinha na manhã seguinte.

Desde o divórcio dos pais, dois anos antes, Cain morava com a mãe em um apartamentinho na Main Street, ao passo que o pai, que decidiu vender a casa de família, tinha se mudado para o casebre perto do estábulo da Fazenda McHuid. Foi uma mudança aprovada, se não encorajada, por Ranger McHuid. E a vida e o trabalho de Klaus pareciam uma coisa só agora, e Cain duvidava muito de que o pai sáísse da fazenda mais do que uma vez por semana, e apenas quando precisava ir comprar mantimentos ou cerveja.

Estacionando a sua moto *Yamaha R6* 2001 no chão de cascalho ao lado do celeiro, Cain desligou o motor, empurrou o estribo lateral e tirou o capacete. Desmontou da moto e seguiu em direção ao celeiro.

De todas as coisas de que sentiria saudades de Apple Valley, este celeiro era – paradoxalmente – a primeira e a última da lista. Trabalhara ali com o pai por quase dez anos por no mínimo vinte horas por semana, e era extremamente grato pelo dinheiro que havia ganhado com aquilo. Os pais nunca tiveram condições de dar uma mesada a ele, diferentemente dos pais de Josiah. Trabalhar para os McHuids foi o que possibilitou Cain de comprar as peças para consertar a motocicleta, o que possibilitou a pagar a academia que mantinha o corpo definido, a comprar as roupas que vestia e a ajuda que ele oferecia à mãe, que recusava qualquer dinheiro vindo do ex-marido.

Mas este celeiro também foi uma espécie de prisão. Como Cain nunca tinha gostado de trabalhar com os cavalos, seu emprego na Fazenda McHuid parecia um simples trabalho sem propósito. Um trabalho só pelo dinheiro. Limpar estábulos. Mexer com esterco. Ajudar no nascimento de potros. Era um trabalho difícil e nada glamoroso. E ele não sentiria falta dele. Nem um pouquinho.

Também não ia sentir falta da forma como o pai e Josiah pareciam aproveitar cada momento do trabalho com a mesma intensidade que Cain o odiava. A forma como o pai bagunçava o cabelo de Josiah ou dava tapinhas afetuosos nas costas do sobrinho depois de um parto difícil. A forma como o rosto do pai se iluminava quando Woodman adentrava o celeiro, ansioso para contar a ele sobre as novas crias das éguas ou sobre o garanhão que Ranger estava importando da Inglaterra. Cain sofria ao ver a camaradagem natural que os dois nutriam um pelo outro. Agora que os pais estavam divorciados, ele não odiava o pai tanto quanto antes – conseguia ver que os pais estavam mais felizes e saudáveis não estando mais juntos. E Cain amava Josiah tanto quanto antes. Mas ver o relacionamento que o pai tinha com o sobrinho fazia com que Cain se sentisse um lixo. E ele, definitivamente, não sentiria falta disso.

Mas o celeiro também era o lugar em que Ginger pulava para os braços deles todos os anos, tirando o aniversário de doze anos. Independentemente de como estivesse a vida de Cain, independentemente do

que estivesse fazendo ou quem estivesse fodendo, ele pegara Ginger McHuid em seus braços quase todos os anos da vida dela, e ele sentiria falta disso quando outubro chegasse. Sim, sentiria mesmo.

Não que ele passasse muito tempo com Ginger hoje em dia. Ela começara a frequentar a escola este ano, e ele notou que ela não vinha mais ao celeiro com tanta frequência. Também notou que ela tinha se tornado a – *indiscutivelmente* – garota mais linda e sexy de Apple Valley. Uma cascata de cachos louros pendia em suas costas e aqueles profundos olhos castanhos que capturaram a atenção dele três anos antes, agora capturavam a atenção de qualquer cara com menos de trinta anos. As pernas eram longas, definidas e musculosas de tanto andar a cavalo, e o sorriso – Céus, o sorriso! – fazia com que o coração dele parasse de bater sempre que o via, ou seja, sempre que ele se encontrava com ela.

Mas a realidade nua e crua era que, independentemente do que ele sentisse por Ginger, havia três razões pelas quais eles nunca poderiam ficar juntos.

A primeira? Ela era boa demais para ele. Era brilhante e radiante como prata à luz do sol, doce, gentil, inteligente e rica. E Cain? Era maculado e torpe, cínico e egoísta. Trepara com quase todas as garotas das redondezas. Ia mal na escola e só causava problemas, correndo pelas ruas de Apple Valley com sua motocicleta na maior parte do tempo, e sempre enchendo a cara com os amigos na destilaria abandonada.

A segunda? Ginger amava Apple Valley. Era o seu lar – um lar que ele sabia que ela amava do fundo do coração, enquanto tudo que Cain queria era ver Apple Valley ficando cada vez menor no retrovisor de sua moto. E, se ele tivesse escolha, jamais voltaria.

Mas a terceira razão era a mais implacável, a razão mais inegociável pela qual ele e Ginger nunca poderiam ficar juntos. Porque ela pertencia a Woodman. Sempre fora assim e sempre seria. E Cain amava muito o primo para perder sua amizade por conta de uma garota. Mesmo que essa garota fosse Ginger.

Você vai sentir falta dela?, sussurrou seu coração.

Era como perguntar se ele sentiria falta de algo que nunca poderia ter. Melhor seria perguntar, *Você vai sentir saudade dela?* E a resposta, é claro, seria um triste e simples *Para sempre*. Ela sempre seria a coisa mais doce do mundo. E algum dia, Cain iria para o céu ou para o inferno, ainda desejando que tivesse tido a chance de amá-la.

Afastando esses pensamentos e decidindo que não iria primeiro até a mansão para dizer adeus a ela (porque, sério, qual é o sentido?), adentrou o celeiro e bateu na porta do quarto do pai. Olhou em volta e percebeu que o novo ajudante de estábulo, provavelmente algum amigo de Ginger da escola, estava fazendo um ótimo trabalho. O piso de concreto entre os estábulos estava limpo e o celeiro cheirava a feno fresco. Cain respirou fundo, admitindo de má vontade que o aroma não era completamente desagradável, talvez fosse até mesmo um pouco reconfortante.

— Pai? — chamou ele, batendo à porta mais uma vez. Não havia luz passando pela soleira da porta e, quando colou o ouvido à janela, não ouviu nada.

Já era de se esperar, pensou ele, abafando a raiva e a decepção que sentia. Dissera ao pai que viria esta tarde para se despedir e ele nem se deu ao trabalho de estar presente. *Aposto que ele arranjaria tempo para se despedir de Woodman*.

— Foda-se — grunhiu ele, virando-se para voltar à moto. Tinha coisas melhores para fazer. Tinha mais algumas horas para encher a cara e trepar antes de pegar o ônibus das cinco da manhã de Lexington para Chicago e, depois, ficar três meses sem a bebida e o sexo. Ele tinha...

Ouviu um choro abafado ao sair do celeiro e deu de cara com Ginger, sentada na janela do palheiro, as pernas penduradas e os tornozelos cruzados. As mãos cobriam o rosto e os ombros se chacoalhavam por conta dos soluços.

Uma onda de adrenalina invadiu seu coração e Cain virou-se de volta ao celeiro. Correu pelas baias e subiu a escada em direção ao palheiro, baixando a cabeça para caminhar sob o teto baixo enquanto seguia em direção a Ginger.

— Gin? — chamou ele com suavidade a alguns passos de distância, com medo de assustá-la.

Ela arfou, surpresa, e virou-se para encará-lo, pousando as mãos nas tábuas de madeira ao seu redor.

— Cain — choramingou ela, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Pensei mesmo ter escutado um motor lá embaixo, mas não tinha certeza.

— Ah, princesa — consolou-a com gentileza, passando por cima dos fardos de feno para chegar a ela. Sentou-se com cuidado, deixando as pernas penderem ao lado das dela e envolveu o ombro da garota com um dos braços. — Por que você está tão triste?

Ela choramingou, o corpinho trêmulo ao afundar a cabeça no peito de Cain como se fosse uma flor murcha. O aroma de seu shampoo de limão o atingiu em cheio e ele estremeceu, fechando os olhos e memorizando aquele cheiro para que pudesse se lembrar quando estivesse longe de casa.

Desde o aniversário de doze anos de Ginger, quando Cain começou a enxergá-la como uma mulher, a garota aparecia com frequência em seus sonhos. Mas até mesmo em suas fantasias ele a tratava com delicadeza. Às vezes completamente vestida, e às vezes não, ela representava algo adorável e intocável, algo puro e inocente que esmagava o coração de Cain. Independentemente de estar nua ou não, sua suavidade, sua bondade e sua beleza perfeita e luminosa vinham a ele como uma prece atendida, mas Cain nunca chegava perto dela. Nunca trepou com Ginger em seus sonhos. Ele a observava de longe. Admirava-a em silêncio. Desejava que as coisas fossem diferentes.

Ela choramingou novamente e levantou a cabeça para olhar para ele. Os profundos olhos castanhos estavam marejados, mas ainda eram enormes e curiosos, rodeados por cílios escuros. Os lábios, os quais ele admirara milhões de vezes, eram cheios e de um tom claro de rosa, e o corpo tinha se desenvolvido e crescido nos lugares certos: peitos grandes, quadris estreitos e pernas longilíneas. Ele quase nunca se permitia ficar a sós com ela, sabendo quão desesperador era o desejo que sentia e quão inadequado ele era para Ginger.

Cain *consumia* mulheres. Ele as devorava no almoço e as lambia como se fossem sobremesa. Fazia com que passassem de criaturas dóceis e sorridentes para harpias irascíveis que o odiavam. Mas ele preferia morrer a ver os olhos de Ginger o encararem com sofrimento e ódio.

Além disso, Woodman amava Ginger.

E a amava há mais tempo.

E a amava de um jeito melhor.

Em todos os aspectos, Woodman era um homem melhor – mais inteligente, mais rico, mais limpo e mais honrado – e já que Ginger merecia o melhor, não fazia sentido que Cain se aproximasse dela. E ele não se aproximava. Porra, como ele tentava se manter afastado.

E, mesmo assim, não conseguia vê-la chateada e simplesmente dar as costas. Ginger era responsável pelo pouco de suavidade que existia no coração amargo dele, e, se ela precisasse de Cain, ele não conseguiria simplesmente ir embora.

— Conte ao velho Cain por que você está tão triste, gatinha.

Ela choramingou mais uma vez, aninhando-se contra ele, os cabelos macios pressionados ao pescoço de Cain.

— Além do fato de que você e Woodman vão embora amanhã?

— Ah, Gin. Nós vamos estar de volta antes que você perceba.

— E se vocês fo-forem mandados para a gue-guerra? — soluçou ela.

— Bom, pode ser que a gente vá — comentou ele de forma austera.

— Eles precisam de bons homens no Iraque.

— Vocês podem morrer.

— É por isso que você está preocupada, gatinha? — Ele a abraçou com mais força. — Não precisa se preocupar com isso. Eu vou cuidar de Woodman e ele vai cuidar de mim.

— Fico com medo, C-Cain. Não sei como é vi-viver sem vo-vocês dois — disse ela entre soluços, choramingando e arfando quando terminou a

frase.

— Está me ouvindo, Srt^a Virginia? — perguntou ele com o coração apertado por causa das lágrimas dela, sofrendo por saber que a sua decisão de se alistar causava tanto sofrimento à princesa.

— Ahã.

— Então, olhe para mim, caramba — exigiu ele.

Ela afastou a cabeça do peito dele e olhou para cima, os olhos arregalados, lacrimosos e vermelhos. Os lábios estavam abertos em uma expressão surpresa por conta das palavras dele, mas ela prendeu a respiração como se aquilo fosse impedir as lágrimas de caírem.

— *Nada* vai acontecer comigo e com Woodman, gatinha. Eu *prometo*.

— Vo-você não pode...

— Posso sim. — Ele levou a mão ao queixo dela e o segurou com firmeza, a pele delicada causando arrepios em seus dedos. — Eu prometo. Nada vai acontecer comigo, e pode apostar que nada vai acontecer com Josiah enquanto eu estiver vivo. Vamos estar de volta a tempo de pegá-la em nossos braços no seu aniversário de dezoito anos, ouviu bem?

— Ouvi.

Ele assentiu e abriu um sorriso.

— Essa é minha garota.

Ela assentiu de volta, mas as lágrimas voltaram aos seus olhos imediatamente, e ela suspirou alto, pendendo a cabeça para frente de tanta tristeza.

Ele não conseguia mais aguentar aquilo.

— Não me faça te dar uns tapas, Srt^a Virginia — alertou ele de forma severa, e ela ergueu a cabeça para encará-lo, bufando de um jeito tão pouco feminino que ele caiu na risada. — Oh, você está adorável, princesa.

Mas o sorriso surpreso estava se esvaindo dos lábios de Ginger e

dando lugar a uma careta.

— Robby Hanson está com dor de garganta — lamentou ela antes de aninhar a cabeça no peito de Cain.

O garoto franziu o cenho. *Quem é esse filho da puta de Robby Hanson e por que ele está fazendo Ginger chorar?* As palavras *acabar com a raça dele* passaram pela mente de Cain quando Ginger voltou a falar.

— É o meu par para o baile desta noite. Meu primeiro baile do Ensino Médio. Acho que Woodman fez que Robby me convidasse, mas eu não me importo. Eu estava empolgada. Comprei um vestido e sapatos novos e agora... e agora...

— Agora você não tem um acompanhante.

Ela assentiu, a cabeça ainda pressionada ao peito dele, o cabelo acariciando a garganta de Cain e fazendo com que uma onda de calor saísse da base de seu pescoço e fosse em direção à ponta de seu pau, fazendo-o estremecer. Os olhos do garoto se encheram de pânico e ele mordeu o interior da bochecha até sentir o gosto de sangue, torcendo para que não tivesse uma ereção enquanto estava sentado ao lado de Ginger.

— Já foi difícil o suficiente começar a frequentar a escola este ano depois de ter sido educada em casa durante toda a minha vida. Todos lá me tratam como se eu fosse de porcelana ou uma esquisitona, mas... Mas eu ia mudar as coisas esta noi...

— Gin — interrompeu ele.

— O quê? — quis saber ela, inclinando a cabeça para olhar para ele.

— Eu vou com você — declarou ele, chocado ao ouvir as palavras que proferira. Ele não as viu chegar, não sabia que estavam sendo formadas em seu cérebro e seguindo em direção à sua boca até que as dissera em voz alta.

— Vai mesmo? — arfou ela, a desolação estampada em seu rosto dando lugar a uma expressão animada.

— Se isso fizer com que você pare de chorar, então, porra, é claro que vou.

Ela arfou e abriu um sorriso de orelha a orelha antes de envolvê-lo em um abraço. Antes disso, ele mal tinha notado que os quadris dos dois estavam praticamente colados, mas agora – com os peitos dela pressionados contra a camiseta dele – ele analisou cada parte do seu corpo que estava colado ao dela, e de repente deu-se conta de que ela estava em todo canto.

— Quer saber de mais uma coisa? — perguntou ela, o hálito quente beijando a garganta dele.

— Claro — respondeu ele, tentando manter-se calma, tentando ignorar a maneira como o corpo dos dois estavam próximos.

— Eu ia beijá-lo. Robby. Ele seria o meu primeiro beijo.

O coração de Cain acelerou no peito e ele a puxou para mais perto de si, o mais próximo que conseguia, até que os seios dela estivessem colados ao seu peito. O pau ganhou vida, enrijecendo-se por detrás da calça jeans, ávido por um gostinho daquela garota proibida e adorável.

— Nunca foi beijada?

— Ainda não.

O sangue martelou em sua cabeça diante das palavras da garota, e apesar de Cain se esforçar para ignorar a leve sugestão explícita nas palavras de Ginger, percebeu que não conseguia. Depois de três anos de um desejo que duraria a vida inteira, ele simplesmente não conseguia deixar aquele momento passar.

— Você ainda quer aquele primeiro beijo? — perguntou ele com a boca colada na orelha dela, a voz baixa e rouca.

A respiração dela, quente e doce contra o pescoço dele, acelerou-se.

— Você está oferecendo?

— E se eu disser que sim? — sussurrou ele.

Ela se afastou dele, ainda aninhada aos seus braços, mas aqueles olhos, aqueles lindos olhos castanhos que assombraram os sonhos de Cain em incontáveis noites, fitaram o rosto do garoto, acariciando-o, vasculhando-o, entendendo-o. Ele prendeu a respiração, um nó se formando no estômago, e

encarou os lábios dela antes de voltar a olhar para aqueles olhos.

— Eu ainda quero aquele primeiro beijo — murmurou ela, mordendo o lábio inferior. Ela baixou o olhar para fitar a boca de Cain, uma expressão ardente nos olhos.

A língua de Cain escapou da boca e umedeceu os lábios instintivamente, a respiração baixa e entrecortada ao olhar para Ginger.

— Tem certeza?

Os olhos dela foram de encontro aos dele, certos e decididos.

— Tenho certeza.

Cain levou a mão à bochecha dela e acariciando a pele macia com delicadeza antes de deslizar os dedos por aqueles cachos dourados. Os olhos de Ginger estremeceram e se fecharam, e ele levou a outra mão ao maxilar da garota e envolveu o rosto dela com as duas mãos, admirando a maravilhosa expressão de submissão no rosto de Ginger à medida que se aproximava dela, levando os lábios de encontro aos da garota.

Apesar de este provavelmente ter sido o milionésimo beijo de Cain, a parte mais assustadora de beijar Ginger é que pareceu ser o primeiro. Como se nunca tivesse existido ninguém antes dela. Como se não fosse existir ninguém depois dela. E, conforme o seu coração acelerava no peito, ele soube – pela primeira vez, depois de anos sendo o predador – qual era a sensação de ser a presa.

Suaves como pétalas de rosa, os lábios de Ginger fixaram-se aos dele. Ela arfou quando os lábios se encontraram, roubando o fôlego de Cain e o deixando tonto. Ele fechou os olhos e segurou o rosto de Ginger com mais força e roçou o nariz ao dela antes de abocanhar o lábio superior da garota e, depois, o inferior e, então, deslizou a ponta da língua entre os lábios dela com suavidade. Ela se abriu como uma flor e arqueou as costas ao retribuir o beijo, trêmula nos braços de Cain quando ele a puxou para mais perto.

Ele entrelaçou a língua à dela, engolindo o gemido que escapou dos lábios de Ginger quando ela se aproximou dele por instinto. Os dedos de Cain enlaçaram os cachos louros e exuberantes, mantendo a cabeça de Ginger no lugar enquanto inclinava o rosto para o outro lado e voltava a pressionar os

lábios contra os dela. O sangue correu furioso em direção à sua virilha e ele gemeu, dominado pelo desejo enquanto a beijava, memorizando o gosto de Ginger, a sensação de tê-la em seus braços, o som de sua respiração entrecortada, a forma como ela parecia sugá-lo para dentro de si.

A respiração dele estava rasa e acelerada, e apesar de já ter aproveitado bem mais do que um momento com ela, apesar de já ter traído o primo a quem amava como um irmão, Cain queria mais. Muito mais. Queria vê-la deitada embaixo dele, os olhos gentis encorajando-o, as paredes apertadas de sua virgindade pulsando ao redor dele. Queria observar o rosto dela enquanto faziam amor e sentir o coração da garota acelerado e selvagem batendo contra o dele quando estivessem abraçados por horas a fio. Ele queria, ele queria, ele queria...

Sem aviso prévio, afastou-se dela e interrompeu o beijo enquanto os seus dedos, ainda profundamente entrelaçados aos cachos dourados, flexionavam-se e congelavam em horror.

Esta não era uma garota de cabelo tingido qualquer que ele havia conhecido no maldito *Gas & Sip!* Esta era Ginger! A princesa. Completamente boa, doce e pura. E os lábios dele... Céus, os lábios de Cain exploraram cantos que ele mal conseguia pensar naquele momento, mas ele definitivamente não tinha direito de macular os doces lábios de Ginger com os seus.

E porra. Ela era de Woodman, não dele. Ela merecia alguém como o primo – alguém forte, inteligente, limpo e que não havia trepado com metade das garotas do condado. Alguém que tinha um futuro decente a oferecer para uma garota como ela. Porra, porra, porra, merda. A sua respiração estava entrecortada ao desvencilhar os dedos do cabelo dela e o seu corpo estremeceu ao se dar conta da magnitude do que acabara de fazer.

— Cain? — murmurou ela, os olhos se abrindo, escuros e embriagados de desejo.

Sentiu um aperto no coração e engoliu o nó em sua garganta. Se antes ele já estava em frangalhos, agora estava arruinado pelo resto da vida. Ela levou a mão à boca e pressionou os lábios, e os olhos, tão suaves e doces, exibiam uma expressão lânguida enquanto ela se aproximava de Cain, a

respiração tão ofegante quanto a dele. Ele se lembraria daquela visão até o dia de sua morte. A visão da beleza angelical e ofuscante da Princesa Ginger.

— Desculpe-me — pediu ele de modo grosseiro, afastando-se dela.

— Não — respondeu ela rapidamente, estendendo a mão em direção ao braço dele. — Está tudo bem. Sério. Eu queria...

— Você é uma garotinha. Você não sabe o que quer — interrompeu ele com voz gélida. Afastou-se dela e ficou de pé, e a mão de Ginger ficou solitária e suspensa no ar entre eles.

— Sei sim! — insistiu ela, virando o corpo para poder olhar para ele. — Céus, Cain, eu *sempre* soube. *Sempre* foi você.

Eu sempre soube! Sempre foi você!

Aquelas palavras o acertaram em cheio e estalaram como um chicote, um misto de paraíso e inferno. Paraíso porque ela o queria e sempre quisera. Inferno porque os dois nunca, nunquinha, poderiam ficar juntos.

Ele pousou as mãos na lateral do quadril e olhou para ela, incapaz de processar os sentimentos que invadiam o seu peito de forma tão arrebatadora que ele mal conseguia respirar, mal conseguia sentir o coração bater, mal conseguia pensar. Precisava sair dali. Imediatamente.

— Eu, hm, eu te vejo por aí, Gin.

— Tu-tudo bem — respondeu ela com suavidade, ainda olhando para ele, medo substituindo a expressão de desejo que havia tornado seus olhos tão suaves e brilhantes. Estavam cautelosos agora. Preocupados. E ele odiava ver aqueles olhos daquele jeito. — Cain, por favor, não se arrependa.

Mas eu me arrependo. Me arrependo porque nunca vou me esquecer da sensação de te beijar. Me arrependo porque traí a confiança de meu primo. Me arrependo porque te toquei quando não tinha nenhum direito de fazer isso.

— Pode deixar — respondeu ele, esfregando o polegar sobre os lábios.

— Vejo você às sete?

Sete? Ai, meu Deus. O baile. Não. Ele não podia ir. Isso estava fora de cogitação.

Mas ela olhou para ele com uma expressão suplicante nos olhos e Cain se ouviu respondendo:

— Ahã. Às sete.

Então, ele se virou e caminhou rapidamente pelo palheiro, desceu as escadas, passou pelos estábulos e seguiu em direção à estrada de cascalhos. Colocou o capacete, subiu na moto e chutou o estribo. Sem olhar para trás, acelerou e foi perseguido pela vergonha e pela culpa por toda a estrada que levava à destilaria.

Ele era um ladrão que se apossara de algo que não era seu...

... e um tolo que queria mais de algo que jamais poderia ter.

Capítulo Cinco

~ *Woodman* ~

— Ela é uma beleza, senhor — disse Woodman para o pai de Ginger antes de voltar a olhar para a potra recém-nascida.

— É mesmo — concordou Ranger, que sempre arregaçava as mangas e dava um jeito de estar presente nos partos dos cavalos McHuid, independentemente de quantos compromissos tivesse. — Com um pai como Rollin' Thunder, já dava para saber que ela seria uma maravilha.

Woodman acariciou o focinho de Bit-O-Honey e a égua soltou um relincho suave.

— Você fez um ótimo trabalho, mamãe.

— *Wie ist sein Name?* — perguntou tio Klaus, os olhos azuis gélidos brilhando com uma animação rara. — O nome dela?

Ranger bufou e olhou para o filhote marrom escuro.

— Magnolia começou a nomear todas as éguas em homenagem a doces, e eu devia tê-la impedido em algum momento, mas nunca consegui. Com um pai chamado Rollin' Thunder, acho que o certo seria chamá-la de Rolo, como o bombom. Que tal?

— Rolo — repetiu tio Klaus, testando o nome com seu pesado sotaque alemão. — *Ja*. Eu gostei.

Woodman afastou-se de Bit-O-Honey quando ela se pôs de pé, agradecido pela respiração da égua ter começado a se normalizar depois do estressante parto de uma hora. O tio afastou a placenta da crina macia de Rolo, e a bebê vacilou um pouco antes de conseguir ficar sob as quatro patas.

Os três homens soltaram risinhos e aplaudiram a pequena égua, mas, alheia a isso, ela emitiu um lamento e cheirou o ar em busca das tetas da mãe. Tropeçou duas vezes antes de finalmente conseguir se aproximar da mãe e

mamar sofregamente.

— Parabéns mais uma vez, senhor — congratulou Woodman, recolhendo o cobertor de lã que estava na grama e o jogando por sobre o braço. Colocaria aquilo na cesta de roupa suja ao lado do casebre antes de ir se encontrar com Ginger na casa principal.

Ranger McHuid estava ajoelhado sobre a grama e aqueles olhos castanhos do mesmo tom que os de Ginger fixaram-se em Woodman.

— Nós vamos sentir a sua falta, filho.

Woodman assentiu.

— E eu vou sentir falta de vocês, senhor.

— A Fazenda McHuid não será a mesma sem ele, não é, Klaus?

Tio Klaus pigarreou.

— *Nein*. Nós vamos sentir saudade, garoto.

— Tem certeza de que não quer considerar ir para a faculdade em vez de encarar o serviço militar, filho?

Woodman negou com a cabeça.

— Tenho, senhor. Além disso, minha decisão já está feita. Meu primo e eu partimos para o centro de treinamento amanhã de manhã.

— *Oh! Scheisse!* — exclamou Klaus, estalando os dedos. — Acabei de lembrar. Cain ficou de vir para dizer *Auf Wiedersehen*. — Ele olhou para o relógio no pulso e fez careta. — Provavelmente nos desencontramos. Vou ter que ir até a cidade esta noite.

Ranger deu de ombros.

— Acho que Cain vai entender que você era necessário aqui para ajudar no nascimento da nova égua, não vai?

Woodman duvidava muito.

Apesar de nunca ter admitido em voz alta, Cain deixava claro o quanto detestava trabalhar na Fazenda McHuid. O temperamento do garoto

foi ficando cada vez mais azedo com o passar dos anos, o comportamento alternando entre irritado e mal-humorado sempre que estava trabalhando. Woodman, que amava praticamente tudo em relação à Fazenda, pensava, de tempos em tempos, se o comportamento de Cain tinha algo a ver com o fato de que tio Klaus sempre pareceu gostar mais dele do que do próprio filho. Mas isso era improvável, certo? Cain tinha que saber que o tópico de conversa preferido de tio Klaus era cavalos, algo que sempre fazia Cain revirar os olhos e ir embora. Woodman e tio Klaus compartilhavam um interesse no assunto. Não era como se os dois tivessem discussões profundas sobre o sentido da vida quando Cain não estava por perto.

Woodman ajeitou o cobertor sobre o braço e estendeu a mão.

— Vou escrever para vocês, senhor.

— Para Ginger, você quis dizer — corrigiu Ranger, levantando-se e apertando a mão de Woodman.

— Com a sua permissão.

— Caramba, Woodman, você é praticamente parte da família. Você não precisa da minha maldita permissão.

Woodman abriu um sorriso.

— Só quero agir corretamente.

— Exatamente o motivo pelo qual Magnolia e eu temos tantas esperanças para você e nossa garotinha.

Woodman apertou a mão do homem e virou-se para o tio.

— Acha que consegue dar conta disso tudo sem mim?

— Ah, *ja* — respondeu tio Klaus, assentindo para Woodman com olhos semicerrados. — Mas vou ficar esperando vocês dois voltarem para casa.

Puxando o tio para um abraço desajeitado, Woodman sussurrou em sua orelha:

— Vou ficar de olho em Cain, tio Klaus.

— *Ja*. Ele precisa mesmo disso.

— Ele vai ficar bem. Prometo.

O tio pigarreou e se afastou, enxugando os olhos enquanto se ajoelhava para verificar os cascos da potra.

— Acho que então é isso — declarou Woodman, e Ranger deu mais alguns tapinhas nas costas do garoto.

Aproximando-se de Woodman, Ranger disse com suavidade:

— Imagino que Cain consiga se cuidar bem sozinho. Não se envolva em nenhuma confusão com aquele problemático. Apenas certifique-se de voltar inteiro, Josiah Woodman.

— Sim, senhor. Adeus — respondeu ele, assentindo para o pai de Ginger antes de virar-se de costas e caminhar em direção à colina. Ele se limparia no banheirinho do casebre de Klaus antes de ir se despedir de Ginger na casa principal. Depois, voltaria para casa para jantar com os pais e teria uma boa noite de sono antes de pegar o ônibus às cinco da manhã.

Ir para Anápolis era o plano inicial de Woodman, mas um campo de futebol escorregadio no final do verão resultou em um rompimento do ligamento cruzado anterior, que acarretou em uma cirurgia artroscópica e várias semanas sem ir às aulas. Perder o futebol americano como atividade extracurricular foi o primeiro golpe, mas o segundo foi a queda drástica de suas notas por conta da cirurgia e da longa recuperação. Ele fez a inscrição para tentar ir a Anápolis em dezembro, mas recebeu uma carta de rejeição em abril – suas notas simplesmente não eram boas o suficiente. Para ser aceito, ele precisaria refazer o último ano do colegial e tentar novamente em dezembro do ano seguinte.

Como o pai e o avô tinham se alistado imediatamente após o Ensino Médio e Woodman estava determinado a honrar as tradições familiares, decidiu se alistar à Marinha. A princípio, ficou com receio de que a cirurgia a qual se submetera em setembro poderia ser um empecilho para o alistamento. Mas após solicitarem seus raios-x e o histórico médico logo depois da formatura de Woodman, o Comando de Processamento de Alistamento Militar determinou que Josiah havia se recuperado completamente e permitiu

que ele se alistasse.

Quando Woodman anunciou, em um jantar com os pais, tia e o primo, que havia decidido se alistar à Marinha, Cain sorriu e disse que tinha decidido fazer o mesmo. Woodman não tinha certeza de quando Cain havia decidido se alistar, apesar de suspeitar que o primo havia feito a escolha no exato instante em que Woodman anunciara sua decisão ao resto da família. Perguntou diversas vezes a Cain se ele já considerara se alistar à Marinha antes daquilo, mas Cain nunca respondia diretamente, apenas sorria e dizia a Woodman que alguém precisava tomar conta dele.

Ainda que Cain pudesse ser a parte mais irritante de sua vida, Woodman não conseguiu evitar o imenso alívio que sentiu ao descobrir que os dois enfrentariam esse novo mundo desconhecido juntos. Até mesmo haviam se alistado em um programa da Marinha que permitia que os dois ficassem juntos no campo de treinamento e nos primeiros remanejamentos militares. Sem as pressões de casa – a Fazenda McHuid, a família desfeita de Cain, e a opulenta família de Woodman – era certo que Cain deixaria um outro lado de sua personalidade vir à tona. Um lado menos agressivo. Um lado mais responsável. Porque Woodman tinha certeza de que era impossível que Cain se tornasse ainda mais infeliz e irresponsável. E o garoto desejava tornar-se mais próximo do único primo que tinha.

Para ser sincero, Woodman não sabia ao certo o que ficara entre os dois nos últimos três anos, mas sentia que algo invisível os separava de uma relação íntima e fraternal. Poderia ser um milhão de coisas: as diferenças de dinheiro entre as famílias, o divórcio dos pais de Cain, ou o fato – como Woodman suspeitava – de Cain se ressentir da proximidade que o pai tinha com o primo.

Ou talvez fosse o fato de que os dois se tornaram homens completamente diferentes: Cain trepava com qualquer coisa que se mexesse, amava a sua moto com a mesma intensidade que Woodman amava cavalos, e enchia a cara na destilaria todos os finais de semana, ao passo que Woodman passava seu tempo estudando, trabalhando na Fazenda McHuid e frequentando a igreja nos finais de semana.

Eles eram tão diferentes quanto o dia e a noite, mas ainda assim eram

primos, e o afastamento dos dois incomodava Woodman profundamente. Independentemente do que tivesse se fincado entre os dois para mantê-los tão distantes um do outro, Woodman estava pronto, ansioso até, para acabar com aquilo. E esperava, de todo coração, que embarcar nessa aventura juntos proporcionasse a eles uma chance de estreitar os laços e de voltarem a ser tão próximos quanto eram quando crianças.

Percorrendo a campina, Woodman admirou o celeiro no sopé da colina e ficou surpreso ao avistar duas pessoas sentadas na janela do palheiro. Estreitou os olhos e, apesar de estar a quase cinquenta metros de distância, seu coração ficou mais leve quando viu que eram Cain e Ginger. Talvez Cain tivesse vindo para pegá-la uma última vez antes de irem embora, já que não estariam presentes no aniversário da garota na semana seguinte. Levou as mãos à boca para chamá-los, mas parou quando viu Cain segurando o rosto de Ginger entre as mãos. Ela se aproximou dele, cada vez mais perto, e virou a cabeça para o lado até que, até que...

Woodman arfou e abafou o grito cordial que estava prestes a soltar para chamá-los, engolindo-o até que se juntasse ao nó que se formava em sua garganta. As mãos penderam ao lado do corpo enquanto observava o primo beijar Ginger, enquanto observava o indiscreto e devasso primo macular os lábios cor-de-rosa e castos que Woodman planejava beijar pela primeira vez quando se despedissem naquela noite.

Ainda sem fôlego, soltou um lamúrio estrangulado, os olhos ardendo enquanto assistia o primo entrelaçando os dedos nos cachos louros de Ginger para puxá-la para mais perto de si. Não havia nada casto naquele beijo, não era uma despedida fraternal de um velho amigo. Os corpos deles estavam colados um ao outro, os seios de Ginger pressionados contra o peito de Cain e as costas arqueadas de uma forma tão devassa que os punhos de Woodman se cerraram em protesto.

Ele não culpava Ginger. Apesar de suspeitar que ela soubesse dos sentimentos que ele nutria por ela, Woodman ainda não se declarara. Mas Cain. O filho da puta do Cain. Ginger era a *sua* garota, o *seu* amor, o *seu* futuro, e Cain *sabia* disso. Mas, como sempre, Cain estava pensando com a cabeça debaixo. Não dava a mínima por estar esfaqueando o primo bem no meio das costas. Provavelmente não dava a mínima para o fato de que um

beijo como aquele era uma espécie de promessa para uma garota doce como Ginger (e Woodman tinha certeza de que Cain não tinha nenhuma intenção honrosa em relação a ela). Rangeu os dentes, o corpo rígido de fúria e o coração dolorido no peito, porque Woodman tinha certeza de que, como sempre, Cain só estava pensando em seu próprio prazer, sem um pinga de consideração pelos sentimentos e corações alheios.

Entre a ferroadinha dolorosa da traição do primo e a dor lancinante de observar Ginger beijando Cain, Woodman mal conseguia respirar. Dobrou o corpo, abraçando os joelhos e tentando recuperar o fôlego. Quando ergueu o olhar, a posição dos dois havia mudado drasticamente. Agora Cain estava de pé, as mãos apoiadas no quadril, uma expressão perturbada no rosto e o corpo em posição de retirada. Ginger, por outro lado, ainda estava sentada, as pernas pendendo pela janela do palheiro. Woodman não conseguia ver o seu rosto, já que a garotinha olhava para Cain, mas notou que as mãos estavam retraídas no colo.

Os dois trocaram algumas palavras que Woodman não conseguiu ouvir, então, Cain desapareceu na escuridão do celeiro e voltou a aparecer na ponta da escada. Sem olhar para trás nenhuma vez, apressou-se em direção à moto, colocou o capacete e foi embora com uma expressão resoluta no rosto. Raiva. Infelicidade. Revolta. Cain estava profundamente abalado, e Woodman podia apostar aonde Cain estava indo para se sentir confortavelmente anuviado antes de aparecer de ressaca na estação Greyhound na manhã seguinte.

E quanto a Ginger? Parecia estar em frangalhos enquanto observava Cain se afastar. Mordia o lábio inferior e uma carranca tomara o lugar da expressão radiante que costumava habitar seu rosto. De repente, de modo inesperado, abriu um sorriso tão reluzente que todo o rosto foi tomado por uma beleza sem igual. Woodman sugou o ar pela boca. Ginger estava feliz com alguma coisa, e tinha tudo a ver com Cain. Ela olhou para o relógio no pulso e desceu as escadas em direção ao celeiro. Woodman observou quando ela saiu do celeiro com o celular pressionado à orelha.

— Vovó? Sou eu. Cain vai me levar ao baile!

Sorria de modo tão radiante que, mesmo àquela distância, seria capaz

de cegar Woodman. Devagarzinho para não ser visto, Woodman ajoelhou-se atrás de uma rocha em meio ao capim alto e ali ficou escondido enquanto Ginger caminhava colina acima em direção ao chalé da avó.

— Sim! Estou falando sério! Ele vai me levar ao baile, vovó! — Ela deu um risinho musical e alegre ao passar ao lado do esconderijo de Woodman. — Você pode me ajudar a me arrumar? Estou indo para a mansão agora. Ele vem me buscar daqui duas horas!

Quando ela já estava bem longe, Woodman ficou de pé e correu colina abaixo em direção ao estacionamento ao lado do celeiro, onde seu carro *BMW* usado aguardava por ele.

Não fazia ideia de que porra estava acontecendo, já que tinha orquestrado tudo para que o acompanhante de Ginger fosse Robby Hanson, um garoto bonzinho que fora reserva do time de futebol americano no ano anterior, e que havia sido alertado para que não fizesse nada com Ginger. Agora, de alguma forma, o pequeno e indefeso Robby saíra da equação para dar lugar a Cain, o Wolfram grande e mau.

Mas Woodman vira a expressão no rosto de Cain enquanto ele se afastava da Fazenda McHuid à velocidade da luz. Qualquer que fosse a *ideia* que Ginger tivesse sobre o que aconteceu entre eles, Woodman sabia que Cain *não* voltaria naquela noite. E o coração dele se despedaçou diante da ideia de Ginger esperar Cain por horas sem fio até se dar conta de que ele não apareceria. Ela pensava que iria ao baile, mas em vez disso, chegaria ao fim do dia com o coração esmigalhado. E a verdade era que, apesar de tudo que acabara de presenciar, Woodman a amava muito para deixar que aquilo acontecesse.

Então, ele precisava encontrar Cain.

Apesar da destilaria não ser um terreno desconhecido para Woodman, o garoto não usava o local decadente e coberto de vegetação como uma combinação imoral de bordel e bar, algo que Cain fizera com frequência nos últimos três anos.

De tempos em tempos, tia Sarah ligava para Woodman e pedia que

ele fosse atrás de Cain – geralmente quando ele não dormia em casa – e Woodman sempre acabava encontrando o primo na destilaria Glenn River. E ele não era o único a frequentar aquele lugar. Uma grande parcela dos jovens de Apple Valley costumava visitar a destilaria, dando festas barulhentas e insanas nas noites de sábado e namorando nas sombras da imensa construção. Como Cain estava sempre por lá, nunca era difícil encontrá-lo.

Woodman estacionou o carro ao lado do arbusto que ladeava os portões abandonados e caminhou de forma decidida pela cerca aramada até encontrar a abertura. Passou por ela e escutou a música trazida pela brisa, provavelmente vinda do antigo peristilo localizado no lado esquerdo da propriedade. Woodman deu a volta na construção principal, que havia sido construída na década de 1930 para se assemelhar a um castelo. Ele conhecia o lugar como a palma de sua mão e caminhou em meio ao concreto decrepito infestado de ervas daninhas, passando pela trilha deixada no capim alto e virando à direita na torre de água enferrujada. Ali, encontrou um grupo de seus antigos colegas de classe, reunidos em uma das construções da destilaria.

— Ei, Woodman! — chamou Kim Nadel, uma de suas colegas da aula de trigonometria. A garota passou por baixo de uma barra de metal e deu alguns passos apressados em direção a Woodman, envolvendo o garoto em um abraço antes mesmo que ele tivesse a chance de dizer oi.

— Oi, Kim — cumprimentou ele, dando tapinhas nas costas da garota.

Eles tinham saído algumas vezes, mas Woodman nunca se permitia a ter um relacionamento sério com ninguém. Entregara o seu coração a uma outra pessoa anos antes, e não se importava em esperar a garota dos seus sonhos crescer. Afastando-se, ele sorriu para a amiga.

— Pensei que você estivesse na Kentucky Wesleyan. Que diabos você está fazendo aqui?

— Vim passar o fim de semana em casa — respondeu ela, retribuindo o sorriso.

Kim era linda, com cabelos castanhos encaracolados e olhos azuis

radiantes. E, pela forma que a garota olhava para ele, Woodman se deu conta de que ela não se importaria em passar um tempinho com ele em sua última noite em Apple Valley. — Fiquei sabendo que você vai para o campo de treinamento amanhã.

Ele assentiu e apoiou as mãos no quadril.

— Vou sim.

— Chicago? — perguntou ela.

— Uma cidade chamada Great Lakes — respondeu ele. — Bem pertinho de Chicago.

— Todo mundo ficou surpreso quando Cain se alistou.

Woodman estreitou os olhos diante da menção ao primo, a raiva vindo à tona e o atingindo como uma onda. Olhou por cima do ombro de Kim, mas não avistou o cabelo preto como azeviche de Cain em meio ao grupo de adolescentes.

— Você o viu por aqui?

— Cain? — quis saber ela. — Ahm, claro. Vi sim. Ele chegou agorinha. Estava conversando com Gina e Nicole lá perto da lagoa.

Ela apontou para a extremidade oposta do peristilo e virou-se para encarar Woodman, pousando a mão em seu braço.

— Mas não vá atrás dele tão rápido assim. Se bem conheço seu primo, ele ainda vai estar aqui daqui uma hora. Por que eu e você não... conversamos um pouco?

O problema era que se Cain ainda estivesse na destilaria dali uma hora, significaria que Ginger ficaria esperando por ele, algo que Woodman não poderia permitir.

Woodman deu de ombros e abriu um sorriso carregado de desculpas.

— Já tenho planos para esta noite. Foi mal, querida.

— Sempre gostei de você, Woodman — declarou ela, aproximando-se e dando um apertão no braço dele.

Woodman desvencilhou-se do aperto com gentileza, pegou a mão da garota e plantou um beijo suave ali.

— Você é um amor, Kim. Mas preciso ir atrás de Cain. Fica para próxima?

Os olhos dela estavam frios quando enfiou as mãos nos bolsos e deu um passo para trás.

— Claro, Woodman. Boa sorte. Com tudo.

— Para você também, Kim.

Virando-se de costas, Woodman passou pelo grupo de adolescentes que bebia, fumava e dançava no peristilo. A construção consistia em um retângulo de dez metros de comprimento com um grande círculo na ponta, parecido com o formato de um dente-de-leão, um pompom branco em cima de um fino caule verde. No meio do retângulo, havia um grande tanque de água ladeado por colunas de mármore branco, como algo saído diretamente da Grécia ou da Roma antiga. Na parte circular, havia um teto abobado sobre uma piscina circular e balaustradas enferrujadas nas quais os jovens se apoiavam lado a lado, bebendo e conversando. Dois lances de escada de cada lado da piscina levavam a uma passarela perto da água, onde mais jovens bebiam, fumavam e dançavam no ritmo da música. E ali, no piso inferior ao lado da água, Woodman avistou Cain.

Estava apoiado sobre a balaustrada e conversava com duas garotas que pareciam completamente extasiadas. Woodman cerrou a mandíbula e desceu as escadas, parando ao lado de Cain com determinação.

— Cain.

— Primo! — exclamou Cain, as duas covinhas em seu rosto salientando-se ao puxar Woodman para um abraço entusiasmado. — Quase não vejo você por aqui! Que porra você está tramando, filho?

Cain fedia à cerveja e cigarros, e seus modos excessivamente animados sugeriam que ele já tinha entornado algumas cervejas nos vinte minutos em que estivera ali.

Woodman, que permanecera impassível durante o cumprimento

caloroso do primo, afastou-se de Cain, esforçando-se para manter a calma.

— Precisamos conversar.

Cain inclinou-se para trás e fitou o rosto de Woodman.

— Precisamos?

— Precisamos. Mas não aqui.

— Aqui parece ótimo para mim — determinou Cain devagar, cruzando os braços em frente ao peito. — Não percebeu que tenho companhia?

Woodman lançou um olhar rápido para Gina e Nicole, as quais sabia que estavam no último ano do Apple Valley High.

— Senhoritas, poderiam dar uma licencinha para nós?

— Uma *licencinha*? — perguntou Nicole, provocante. — Querido, preferimos que você *fique*. Nós adoraríamos agradar a vocês *dois* antes de irem para guerra.

— Nós não vamos para guerra — esclareceu Woodman, esforçando-se para manter a voz calma.

— Campo de treinamento. Que seja — retrucou Gina, dando de ombros e lambendo os lábios tingidos de batom vermelho. — É tão *sexy* que vocês dois estejam indo defender os Estados Unidos. *Hashtag* DoisWHeróis.

Woodman revirou os olhos e virou-se para Cain.

— Preciso conversar com você. Agora mesmo.

Cain bufou, levando a garrafa de cerveja aos lábios e a entornando vagorosamente, sem nunca afastar o olhar do primo. Woodman sabia qual era a intenção de Cain: estava tentando decifrar sobre o que Woodman queria conversar. Cain sabia que se Woodman só estivesse ali a pedido de sua mãe, simplesmente teria dito isso. *Por que ele precisa conversar comigo?* Woodman conseguia praticamente ouvir aquela pergunta zunindo no ar ao redor deles.

Por fim, Cain baixou a garrafa com os olhos arregalados e deu um

aceno quase imperceptível com a cabeça.

— Você me viu. Com a princesa.

Woodman estremeceu, inflando as narinas e rangendo os dentes antes de engolir em seco. Sentiu os punhos se cerrarem e se obrigou a mantê-los parados, apesar do ímpeto de levá-los ao ar.

— Eu vi — confessou ele.

— Não significou nada — declarou Cain olhando para o chão, um leve rubor tingindo as bochechas recém-barbeadas. — Deixe para lá.

— Não posso.

— Tente, Josiah. — Ele olhou para o primo e deu de ombros. — Simplesmente... aconteceu. Não significou nada, porra. — Quando Josiah não respondeu, Cain estreitou os olhos, irritado. — Vê se supera.

— O que você prometeu a ela, Cain? — perguntou Woodman em um rugido baixo e determinado.

Uma pequena plateia se formou ao redor dos dois. Além de Gina e Nicole, que ainda estavam paradas ao lado deles em um silêncio fascinado, dois ou três jovens também ficaram quietos para observar o que estava se passando entre os Gêmeos W.

Cain levou a cerveja aos lábios novamente, entornando o restante da garrafa.

— Não é da sua maldita conta, primo.

Woodman se moveu com a velocidade de um raio, os reflexos mais rápidos por não ter ingerido álcool. Levou o punho em direção à bochecha de Cain, acertando-o em cheio e com uma força descomunal. A cabeça de Cain pendeu para trás, a garrafa de cerveja vazia escapou de suas mãos e se estilhaçou no chão de concreto. Alguns cacos de vidro caíram na água, fazendo-a respingar antes de afundarem na escuridão esverdeada.

Cain demorou alguns segundos para se recuperar e socar Woodman, errando na primeira tentativa e acertando as costelas do primo em cheio quando tentou uma segunda vez. Woodman gemeu diante do golpe.

— Vai se foder, Cain! — gritou ele, agarrando o pescoço do primo com uma das mãos e desferindo um soco poderoso no nariz do garoto com a outra. — O... que... você... prometeu a ela, porra?

Cain estendeu os braços e agarrou as pernas de Woodman em um abraço de urso e o desequilibrou. Os dois caíram no chão e Cain ficou em cima do primo, segurando-o entre as pernas musculosas graças a uma década de trabalho braçal na Fazenda McHuid.

— Merda! Pare de me bater, Woodman!

Woodman debateu-se debaixo do primo, mas quando Cain o conteve, Woodman prendeu os braços do garoto na lateral do braço, um estilhaço de vidro enfiado em sua pele.

— Admita! — berrou Woodman, debatendo-se e tentando desvencilhar-se em vão. — Admita que você prometeu que a levaria ao baile esta noite!

Cain esfregou o nariz que, apesar de sangrar, não parecia estar quebrado.

— Se eu te soltar, não é para me bater, Josiah. Estou falando sério, porra. Se você me bater, vou revidar. E com mais força. Entendeu? — Woodman assentiu. — Vou te soltar e vamos conversar.

Cain lançou um último olhar para o primo antes de sair de cima dele, ficando de pé e estendendo o braço para ajudar Woodman a se levantar. Woodman ignorou e se levantou sozinho, passando pela plateia como um touro enraivecido antes de subir as escadas em direção ao andar superior do peristilo. Caminhou até chegar à outra extremidade da construção retangular sustentada por colunas cobertas de musgo. Então, deu mais alguns passos em direção ao capim alto, virando-se de costas para a construção em um silêncio enfurecido enquanto aguardava Cain juntar-se a ele.

Um momento depois, sentiu uma mão no ombro e se desvencilhou, virando-se para encarar o primo.

— Você *sabia* — sussurrou ele, incapaz de esconder a mágoa em sua voz. — Você sabia, porra. Você *sabia* sobre os meus sentimentos por Ginger. Como você foi capaz de fazer aquilo com ela? Justo com *ela*!

Cain encolheu-se, pendeu a cabeça para baixo e olhou para o chão. Quando ergueu o olhar, o rosto estava tomado de arrependimento.

— Não foi a minha intenção.

— Repita isso e eu vou quebrar a porra do seu nariz.

— Você está nervoso demais, Josiah! — gritou Cain. — Porra! Sinto *muito* por tê-la beijado. Eu não devia ter feito aquilo, mas agora já foi e não há nada que eu possa fazer.

Woodman respirou fundo, tentando se acalmar.

— Por que é que você vai levá-la ao maldito baile?

— O acompanhante dela ficou doente ou algo assim.

Woodman se segurou para não estremecer.

— Então, ela pediu para *você* ir com ela?

Porra, ele só tinha arrumado um acompanhante para Ginger porque sabia que ela não ia querer ir com alguém como ele, que já estava formado. Pensou que ela quisesse ir com alguém da mesma idade. Caralho, se ela estivesse disposta a ir com alguém que já tinha se formado no Ensino Médio, *ele mesmo* teria se oferecido. Doía muito saber que ela não tinha ido atrás dele quando as coisas com Robby desandaram.

Cain deu de ombros.

— Eu ofereci. Ela estava desolada e chorando... e... Porra, Josiah. Que merda você quer que eu faça?

— *Que merda eu quero que você faça?* — repetiu Woodman, a voz incrédula e irada. — Tem essa garota que conhecemos desde sempre e hoje você a beijou como se o mundo estivesse prestes a acabar, porra. E, caralho, isso é uma merda, Cain. É uma merda para mim porque eu a amo, mas há um problema maior agora. Ela está *esperando* que você a leve para aquele maldito baile do Ensino Médio esta noite, e que os *raios me partam* se eu permitir que você dê um bolo nela. Então, me diga, Cain, você tem a intenção de voltar para a casa dos McHuids e levá-la ao maldito baile?

O rosto de Cain estava impassível ao encarar o primo.

— Não.

Josiah deslizou a mão pelo cabelo, o rosto contorcido de frustração e raiva.

— Você disse ou não disse a ela que a levaria ao maldito baile?

Cain passou o polegar pelo lábio inferior e meneou a cabeça.

— Ela estava tão magoada e...

— Então, você disse que a levaria ao baile.

Cain assentiu.

— É melhor você parar de beber porque você tem a porra de um compromisso esta noite. Você vai levá-la a esse maldito baile, Cain, ou eu vou te cobrir na porrada até cair de exaustão.

Woodman estremeceu por conta dos sentimentos conflitantes em seu peito. Traição. Dor. Raiva. Tristeza. Mas o seu amor por Ginger triunfava sobre todos eles. Pensou naquele rosto adorável antes de acrescentar:

— Você *não* vai dar um bolo nela, não enquanto eu estiver vivo.

Os olhos de Cain estavam frios e selvagens ao encarar o primo. O rosto exibía uma expressão impetuosa, porém, indecifrável até mesmo para Woodman, que o conhecia tão bem. Conseguiu detectar um misto de frustração e tristeza, raiva e arrependimento, mas havia muito mais — e, por um instante, Woodman sentiu que estava vendo a raiz do profundo conflito que havia entre os dois. A sensação de afastamento que Woodman sentira durante todos esses anos borbulhava e fervia lentamente por baixo de todos aqueles sentimentos que Woodman conseguiu identificar no rosto do primo. Mas antes que tivesse chance de descobrir o que era, Cain baixou o olhar e murmurou:

— Leve-a você, Josiah.

— Ela não está esperando que *eu* a leve, seu babaca do caralho. Você a beijou, maldição! Pode não ter significado patavinas para você, mas *significou* algo para ela. — Woodman levou as mãos ao quadril, meneando a cabeça em um gesto desesperado. — Jesus, irmão. Você não pode continuar

tratando as pessoas desta forma. Como se não fossem nada além de merda na sola de seu sapato.

— Foi um erro — declarou Cain brandamente depois de sugar o ar pela boca, o sangue que escorrera do nariz começando a ficar seco e a formar uma crosta amarronzada em seu lábio superior. — Ela estava chateada porque nós dois vamos embora, chateada porque o par dela ficou doente e não poderia mais ir ao baile. Eu só estava tentando reconfortá-la um pouquinho, e então... e então...

— A sua maldita língua resolveu explorar a garganta dela.

Cain ergueu a cabeça em um gesto súbito e fitou os olhos de Woodman. Sua voz estava baixa e zombeteira quando murmurou:

— Quer saber de uma coisa, Josiah, seu babaca metido a santinho? Ela não estava reclamando.

Woodman lançou os braços para frente e suas mãos foram de encontro ao peito de Cain, empurrando o garoto com força total. Cain tropeçou e caiu de bunda no chão. Não se levantou, apenas ficou sentado na grama e olhou para o primo com uma expressão de derrota no rosto.

— Cale a boca e a leve para o baile, Josiah. Apenas vá com ela, porra — disse Cain com resignação na voz, frustração e raiva borbulhando em seus olhos até que apenas a tristeza permaneceu. — Você sabe que quer.

Woodman assentiu, olhando para o primo com repulsa. Cuspiu no chão ao lado de Cain e, então, limpou a boca com o dorso da mão.

— Tudo bem. Eu vou. Eu vou consertar a bagunça que você causou mais uma vez. — Ele começou a se virar para ir embora, mas, então, parou e olhou para Cain. Os raios do sol poente ofuscavam os olhos de Woodman, então ele mal conseguia distinguir o rosto do primo. — Mas esta é a última vez. Você entendeu, Cain? *A última vez.* Você está por conta própria a partir de agora.

Cain, com os cotovelos apoiados nos joelhos, ergueu o olhar para fitar o primo, os olhos azuis emitiam um brilho incandescente à luz do pôr do sol.

— Nós vamos para o campo de treinamento amanhã. Juntos. No programa de camaradas.

Woodman ergueu o queixo e olhou para baixo com uma expressão furiosa nos olhos arregalados.

— Bem, essa é uma coincidência infeliz agora, porque eu estou cansado de consertar a sua bagunça, camarada. É tudo ou nada a partir de amanhã, mas você vai ter que se virar sozinho. Não vou mais interceder por você. Você não é mais problema meu, Cain.

— Josiah...

— Não é mais problema meu — repetiu Woodman com firmeza antes de se virar e ir embora.

Quando estacionou na garagem circular diante da mansão de arquitetura colonial dos pais, a *Belle Royale*, Woodman olhou para o relógio no painel do carro. Seis e quinze. Tinha menos de quarenta minutos para tomar banho, barbear-se, vestir-se e apanhar algumas flores no jardim da mãe antes de voltar à casa dos McHuids. E apesar de saber que uma parte de Ginger ficaria decepcionada por ele ser o seu acompanhante em vez de Cain, a animação de Woodman aumentava a cada minuto porque, afinal de contas, esta noite seria o primeiro encontro dos dois. E apesar de desejar que isso tivesse acontecido de uma maneira diferente, não tinha como negar que não havia nenhuma outra pessoa no mundo com a qual ele preferisse passar sua última noite na cidade.

Mas, primeiro de tudo, precisava contar aos pais que não ia mais poder jantar com eles. Caminhou em linha reta até o pátio dos fundos, onde avistou os pais bebericando vinho enquanto assistiam o sol se pôr na campina atrás da casa.

— Josiah! — cumprimentou a mãe. — Estamos esperando você há uma hora! Vá se trocar, querido. Temos uma reserva no restaurante do clube de campo para as seis e meia. Você vai ter tempo o suficiente para tomar um drinque conosco antes de irmos para o jantar.

Ela tentou abrir um sorriso, mas fungou, os olhos inundados de tristeza.

— Ah, mamãe — disse Woodman, atravessando as portas de batente e sentando-se cuidadosamente nos braços da cadeira de vime em que a mãe estava. — Não fique assim.

Puxando um lenço da manga da blusa, ela enxugou os olhos.

— Não entendo por que você se alistou.

— Já discutimos isso — indicou ele, olhando para o pai em busca de apoio, mas o pai bebericou o vinho e afastou o olhar, derrubando as cinzas do cigarro nos tijolos do pátio. — Eu queria servir. Perdi a minha chance em Anápolis e eu...

— Você podia ter ido à faculdade e participado do Corpo de Treinamento de Oficiais de Reserva — lamentou-se a mãe. — Você podia ter ido à Escola de Cadetes depois de se formar. Mas se alistar? Como se fosse um qualquer...

— Deixe disso, Sophie — interrompeu o pai, inclinado a cadeira de balanço para frente para que pudesse dar um tapinha consolador no joelho da mulher. Ele olhou para o filho. — O que sua mãe está querendo dizer é que o alistamento é normal para alguém como Cain, aquele mau-caráter que só aprontava no Ensino Médio, sempre se metendo em confusão e sendo suspenso. Mas você? Você poderia ter servido ao país de outra maneira.

— De uma maneira mais *segura* — complementou Sophie.

Woodman fez cara feia.

— E cá estava eu pensando que vocês estariam orgulhos de mim por estar servindo ao meu país.

— Droga, Josiah! Nós estamos orgulhosos de você, garoto! Só queremos o melhor para nosso filho! Nós nos preocupamos com você.

Woodman assentiu para o pai e então envolveu os ombros trêmulos da mãe com um dos braços.

— Eu vou voltar para casa alguns dias depois do campo de

treinamento, mamãe. E não é como se eu tivesse me alistado ao exército ou aos fuzileiros navais. Eles sim estão nas linhas de frente no Iraque. Na pior das hipóteses, vou estar em um barco no Golfo.

— O pastor Mitchell di-disse que um terrorista su-suicida poderia jogar o avião em cima de um barco — confidenciou a mãe, abafando os soluços no lenço em sua mão.

— Então, o pastor Mitchell é um babaca — resmungou o pai, bufando de irritação. — Qual é a dele, enfiando essas ideias em sua cabeça? O dever dele não é reconfortar os fiéis temerosos?

— Acho melhor você não estar insultando o pastor Mitchell — queixou-se Sophie, batendo as mãos em um gesto indignado.

— Não precisa se eriçar, Sophie — admoestou o pai. — Só estou dizendo que não há nada de bom em colocar esses pensamentos melancólicos na cabeça do rapaz antes de ele ir embora. Precisamos pensar de maneira positiva. — Ele ficou de pé e pegou a garrafa de vinho de dentro do balde de gelo, enchendo a taça da mulher antes de se virar para o filho. — Vá se trocar, filho. Nós vamos sair para ir ao clube em alguns...

— Sinto muito — desculpou-se ele, soltando os ombros frágeis da mãe e ficando de pé entre os dois. — Eu não vou poder jantar com vocês.

— Por quê, Josiah?

— Mas, filho, nós pensávamos que...

— É a noite do baile do colégio e o par de Ginger a deixou na mão, então...

Uma sombra assomou o rosto de sua mãe.

— Então, você vai levar Ginger ao baile em vez de passar a sua última noite em casa com a sua mamãe que tanto ama você.

— Mamãe, tente entender... Ela levou um bolo e não tem mais ninguém para ir com ela. Eu sinto muito por perder o jantar, mas não posso deixar aquela garota sozinha em casa quando posso muito bem acompanhá-la. — A mãe franziu a sobrancelha com mais afinco, mas Woodman tinha razão e sabia disso. Ela abriu um sorriso leve e ele se virou para o pai. —

Posso pegar o seu terno emprestado, senhor?

— É claro, meu filho.

A mãe choramingou baixinho e enxugou as lágrimas com o dorso da mão.

— Só espero que essa garota saiba como você é maravilhoso, Josiah.

— É o mínimo que posso fazer. O cara que devia ir com ela ficou com dor de garganta.

E o outro cara é um babaca de marca maior.

— Está tudo bem. — O pai pigarreou. — Um lembrete do que vai estar te esperando quando você voltar, filho.

Woodman sentiu as bochechas queimarem e se enrubescerem antes de assentir para o pai. Apesar de gostar do fato de os pais e os McHuids torcerem para que ele e Ginger ficassem juntos, às vezes parecia que havia muita gente envolvida naquela questão em particular.

— Sim, senhor.

— Vamos te levar até a estação amanhã de manhã — estabeleceu a mãe. — *Só nós três*. Podemos nos despedir lá.

— Sim, mamãe. Não ia querer que fosse de outra forma.

Abrindo um sorriso remotamente feliz para o filho, Sophie Woodman assentiu e fez um gesto com as mãos perfeitamente cuidadas.

— Bem, então trate de ir andando! Vá se arrumar para o baile, bonito.

Ele deu um beijo na bochecha da mãe e assentiu para o pai, deixando os dois sozinhos em uma elegância silenciosa enquanto o sol se punha no horizonte.

Capítulo Seis

~ *Ginger* ~

— Vovó! — exclamou ela, entrando de supetão na cozinha do chalé com o vestido em uma mão e uma bolsa enorme na outra. — Cheguei!

Pendurou o vestido no gancho de metal ao lado da porta e colocou a bolsa, cheia de bobes de cabelo, maquiagem, três opções de joias, duas opções de calçados e quatro frascos de perfume, em uma das cadeiras da cozinha. Espalhadas por toda a extensão da pequena cozinha, havia caixas de mudança que se multiplicavam à medida que Ginger seguia em direção à sala de jantar até chegar à varanda.

— Boneca — cumprimentou a avó, estendendo a mão para pegar a bengala que a acompanhava para todo lado. — Seus pais... já foram?

Os pais de Ginger, que faziam parte da diretoria do Clube de Campo de Apple Valley, tinham planos para o jantar desta noite, então, ela teve de ir se arrumar no chalé da avó. Em todo o caso, foi melhor assim. Eles não ficariam muito felizes de saber que Cain acompanharia Ginger ao baile e talvez até a impedissem de ir. Era melhor se desculpar depois do que pedir permissão antes.

— Não, vovó, não precisa se levantar — avisou Ginger, curvando-se para dar um beijo na bochecha da avó. — O papai ainda está no pasto com a Bit-O-Honey, ela pariu uma potrinha! Mas mamãe saiu há um tempinho. Ela precisava verificar alguns centros de mesa.

— Magnolia realmente gosta que as... coisas... estejam perfeitas.

Apesar da mente da avó estar tão afiada quanto sempre fora, seu corpo estava debilitado e fora assomado por tremeliques nos últimos meses. Os tremores só tinham piorado, os movimentos haviam se reduzido a uma velocidade de tartaruga, e ela tinha dificuldade para caminhar e para manter o equilíbrio, o que acarretou em diversas quedas e na necessidade de se mudar para Silver Springs, a casa de repouso local. O pai de Ginger havia

conseguindo as melhores acomodações possíveis para a mãe: um apartamento privativo com dois quartos, sala de estar, cozinha e um banheiro. Era um local adorável e a vovó seria muito bem cuidada, podendo comparecer a jantares e atividades disponíveis para todos os residentes, além de assistência de enfermagem vinte e quatro horas, e casa de repouso à disposição para quando chegasse a hora.

Mas, pela primeira vez na vida de Ginger, a avó não estaria morando no chalé localizado a trinta metros da mansão. Moraria do outro lado da cidade e a época da mudança – que aconteceria na mesma semana em que Cain e Woodman iriam para o campo de treinamento – tornou tudo ainda pior para a garota, que se sentia mais solitária a cada segundo.

Vovó falou devagar, lutando para proferir cada palavra de forma clara:

— Você está... mais radiante... que uma moeda no-nova. Muito bom... vê-la... sorrir novamente.

— Você consegue guardar um segredo? — perguntou Ginger, sentando-se na cadeira ao lado da avó com um sorriso no rosto.

— Você sabe... que sim.

Ela pegou a mão da avó e a entrelaçou na sua para conter os espasmos.

— Nós nos beijamos, vovó! Cain me beijou.

— Minha nossa! — arfou ela.

— Meu primeiro beijo — suspirou Ginger, radiante.

— E? Como... foi?

— Divino — respondeu Ginger, soltando a mão da avó com delicadeza e estirando-se contra o encosto da cadeira de forma dramática. — Maravilhosamente divino.

— Então, Cain... é o escolhido?

— Sempre foi, vovó. Sempre foi Cain — respondeu Ginger com suavidade.

— Por quê? — quis saber a avó, um lampejo de preocupação estampado em seus olhos. — Josiah... é tão... bom para... você.

Uma onda de culpa invadiu Ginger a garota franziu o cenho.

— Não é que eu não ame Woodman.

— Então... você ama... os dois?

— É claro — respondeu Ginger. — De formas diferentes.

— Cain faz... seu sangue... ferver.

Ginger corou e afastou o olhar.

— Faz mesmo.

— E Woodman?

Ginger levou a mão ao coração.

— Ele é... ele é...

— Seu coração? — perguntou a avó cheia de esperança, olhando fixamente para a mão de Ginger.

— Meu *amigo*.

Durante os anos solitários em que Ginger foi educada em casa, a avó se tornou sua confidente mais próxima, sua amiga mais íntima. Ginger não tinha vergonha de conversar sobre tudo e qualquer coisa com a avó, mas também sabia que a senhora gostava muito mais de Woodman do que de Cain.

— Vovó — começou ela de maneira calma —, não posso me obrigar a sentir algo que não existe.

A avó assentiu e abriu um sorriso assimétrico.

— Justo.

O lampejo de preocupação passou pelos olhos da avó mais uma vez.

E Ginger o ignorou mais uma vez, levantando-se para ir enrolar os bobes nos cabelos.

— Dá para acreditar que ele vai me levar ao baile hoje? — perguntou Ginger da cozinha. — É como um sonho se tornando realidade!

Ela escutou o resmungo incompreensível da avó, mas não pediu para que ela repetisse, sentindo-se na defensiva em relação a Cain. Ficava maluca por mais ninguém enxergar algo bom em Cain – seu espírito aventureiro, seu humor, seu brilho, seu jeito convencido. Ginger amava aqueles traços de Cain, mas todos os outros – seus pais, sua avó, Woodman, os pais de Woodman, e até mesmo o próprio pai de Cain – *todos* pareciam ter opiniões pouco favoráveis a respeito do garoto. E ela odiava isso, pois, amava cada uma daquelas características dele.

— Sempre torci para...

— Torceu... para? — perguntou vovó quando Ginger apareceu na porta da varanda.

Ela deu de ombros.

— Para que ele me *enxergasse*. Sabe, não como uma irmãzinha ou como uma amiga de infância ou como a filha do chefe. Que ele enxergasse a *mim*.

— E você... acha que ele... está a enxergando agora?

Ginger assentiu.

— É claro que sim. A gente se beijou.

Os lábios da avó se contraíram e Ginger não conseguiu distinguir se foi um espasmo causado pelo Parkinson ou apenas um gesto que demonstrava sua desaprovação por Cain. Decidindo que era esse último, ela cruzou os braços sobre o peito, ressentida.

— Por que você não gosta dele? — explodiu ela. — Por que *ninguém* gosta dele?

— Não tem nada... a ver com gostar... dele ou não, boneca. E sim... se ele é... ou não é... bom para você.

— Ele é! Eu quero Cain. Sempre quis. Como é que isso poderia ser ruim? Ter algo que eu sempre quis? Por que você não pode ficar feliz por

mim?

Os olhos da avó fixaram-se aos de Ginger, tão afiados e determinados quanto eram dois anos antes. O corpo da avó parou de tremer como se ela tivesse ordenado, e a sua voz soou firme e clara ao dizer:

— Eu não confio nele.

— Por quê? — quis saber ela. — Por que não? O que ele fez?

— Além de... ser preso... e suspenso? Nada — respondeu a avó calmamente, a mão trêmula pousada sobre o braço da cadeira. — Nada. Esse é o... problema.

— Como assim? Ele não fez nada *errado* e mesmo assim você...

— Boneca, ele... também nunca fez... nada *certo*. — A avó suspirou e a preocupação, contida até aquele momento, inundou os olhos da velha senhora. — Você sabe... assim como todo mundo... ele é um patife... e é nervoso. Eu não sei se... ele tem... um único resquício... de lealdade... no corpo. E a reputação... dele é... — Ela arqueou a sobrancelha. — Irresponsável... na melhor... das hipóteses.

Ginger olhou fixamente para a avó, a frieza da opinião dela acerca de Cain perfurando a pele de Ginger como um pedaço de gelo, deixando-a fria e solitária. Vasculhou a mente em busca de lembranças de Cain, em busca da sensação quente dos lábios dele contra os seus, mas o calor que sentiu era fugaz e fraco.

— Mas, vovó...

— Não estou dizendo... que ele é *mau*. Estou dizendo que se existe um homem bom ali dentro... ainda não o vi. E eu *adoraria* conhecê-lo antes de dizer à minha única neta... que ela está apostando... no cavalo certo.

— Eu amo Cain — murmurou Ginger, sentindo-se miserável, virando-se para voltar à cozinha e verificar se os bobs já estavam quentes.

— Eu sei que... você acha isso. Mas você... realmente o *conhece*? Será que você... está o enxergando... de forma clara, boneca? — perguntou a avó com a voz fraquejando, o que fez Ginger se sentir mal. Ela estava cansando a avó.

Desfazendo seu rabo de cavalo preso por um elástico de veludo cor de creme, Ginger usou os dedos para repartir o cabelo ao meio, então, pegou algumas mechas do topo da cabeça e as enrolou no bobê, prendendo-as com um grampo. Enrolou mais duas mechas enquanto pensava na pergunta da avó.

Você realmente o conhece?

É claro que, quando era criança, conhecia Cain muito bem.

Já que havia sido educada em casa até chegar ao Ensino Médio, tinha aulas no período da manhã durante o ano inteiro, então, Ginger teve todas as tardes de sua infância livres para aproveitar com Cain, e ela aprendeu tudo que havia para saber sobre ele. Sabia seu time de beisebol favorito (os Cincinnati Reds), sua comida favorita (costelas com muito molho), a garota com a qual queria ir ao baile do Ensino Médio (Kim alguma coisa, uma garota linda e rica que acabou indo ao baile com Woodman), a marca e o modelo da motocicleta que ele sonhava em reconstruir um dia (uma R60/2 da BMW), e o fato de que, apesar de sempre se fingir de estúpido na frente do pai, ele era fluente em alemão e sabia tanto sobre cavalos quanto Klaus.

Mas além destes simples fatos, ela também conhecia as nuances da voz dele, a forma como as suas emoções eram visíveis nos ângulos de seu rosto, o toque inocente de seus dedos ásperos contra a pele dela, a forma vulnerável como seus olhos se suavizavam e as covinhas que apareciam quando ele sorria para ela. Ela sabia tudo aquilo. Ela *sentia* tudo aquilo. E ainda que nunca mais visse o rosto de Cain Holden Wolfram depois de hoje, Ginger tinha certeza de que, no dia de sua morte, ainda seria capaz de reconhecer a alma de Cain em sua forma mais pura.

Você está o enxergando de forma clara?

O problema era que a alma de Cain se escondia nas profundezas mais inescrutáveis do coração dele, sendo cuidadosamente obscurecida. E desde a infância feliz que compartilharam, ele crescera em um ambiente desequilibrado, rodeado pela falta de dinheiro da família e pela infelicidade no casamento dos pais. E, pouco a pouco, a vulnerabilidade em seus olhos azuis claros se congelou até virar gelo, e o toque áspero de seus dedos tornou-se decididamente menos inocente.

E, nenhuma discussão acerca de Cain, seja ela interna ou com outra pessoa, seria justa sem se atentar ao fato de que a avó estava certa: o nome dele era maculado. Conhecido como o rebelde do condado e por andar por aí festejando na destilaria abandonada. Além disso, havia sido preso não uma, mas sim duas vezes, por perturbar a paz. Por sorte, não prestaram nenhuma queixa, então, sua ficha criminal estava limpa, mas ele também fora o responsável por ativar o alarme de incêndio da Apple Valley High School diversas vezes (e foi suspenso em todas elas). Além do mais, todos sabiam que ele percorria o condado com sua motocicleta o tempo todo, dia ou noite.

Por escutar as conversas que o pai tinha com Klaus, Ginger sabia que as notas de Cain eram medianas, apenas o suficiente para ele se formar, e os professores não escreveram nenhuma carta de recomendação para que ele mandasse para a faculdade. Não importava. No fim das contas, ele nem se candidatou.

Mais de uma vez, alguma mulher vulgar deu as caras na Fazenda McHuid em busca de Cain, algo que definitivamente o teria feito ser demitido se não fosse o fato de Ranger depender tanto dos conselhos e da experiência de Klaus. E apesar de Cain sempre aparecer para trabalhar, estava sempre mal-humorado e distante, às vezes até mesmo com Ginger.

Um fanfarrão que causava problemas por onde passava, Cain não era visto como um rapaz bom ou apropriado, o que só o tornava dez vezes mais fascinante e, de alguma forma, o coração confuso de Ginger se alegrava em ver que o Cain que conhecera na infância ainda estava lá, escondido por debaixo dos escombros de decepção e dor. Ele era apenas um adolescente problemático que um dia ia entrar nos eixos. No fundo de seu coração, ela ainda acreditava que o garoto fã de beisebol, que amava costelas e falava alemão, aquele que a pegava em seus braços em todos os seus aniversários, conseguiria se salvar se ela o amasse.

Pegou um espelho na bolsa e admirou o seu reflexo, fitando as mechas de cabelo eriçado presas aos bobes. Ela ficaria com cachos largos e exuberantes, e, já que Cain a chamava de princesa desde sempre, Ginger pegou a tiara Sun Queen 1985 emprestada da mãe. E, nesta noite, a garotava planejava parecer exatamente como a princesa que ele imaginava. Como já tinha começado a arrumar o cabelo, estava na hora de dar início à

maquiagem. Mas primeiro, precisava responder as perguntas da avó.

Você realmente o conhece? Você está o enxergando de forma clara?

Colocando o espelho de volta à bolsa, voltou à varanda.

— Vovó? A resposta é...

A cabeça da avó estava repousada no encosto do sofá de vime, e um leve som de ronco ressoava pela pequena varanda. Ginger pegou um cobertor em uma das caixas de mudança e cobriu a avó com delicadeza, tomando cuidado para não acordá-la.

— Eu conheço o coração dele — completou ela baixinho.

E se ele permitisse que eu o amasse, eu poderia ajudá-lo a voltar a conhecer o próprio coração.

— E eu o enxergo de forma clara — sussurrou ela, a voz trêmula e incerta enquanto seu próprio coração perguntava: *Conhece mesmo? Ou será que você só enxerga o que quer?*

Mordeu o lábio inferior, absorta em pensamentos conflitantes, e voltou à cozinha da avó para terminar de se arrumar para o baile.

Uma hora mais tarde, Ginger estava sentada no balanço da varanda da casa principal. Tinha ajudado a avó a ir dormir depois de prometer que iria ao chalé na manhã seguinte para contar a ela sobre o baile.

A preocupação deu lugar à animação, e Ginger lembrou do beijo repetidas vezes, dando risinhos enquanto terminava de se maquiar e vestia o vestido de festa. A forma como a língua de Cain encontrara a dela, trazendo lugares secretos do corpo da garota à vida, como se ele tivesse apertado um botão e a ligado pela primeira vez na vida. A lembrança das mãos dele segurando o seu rosto a fazia estremecer, e a forma como ele roçou o nariz contra o dela a fazia suspirar. Ela queria muito mais naquela noite – mais cem beijos para acompanhá-la nos longos e solitários meses por vir, quando ele estaria longe. Pediria para que ele escrevesse cartas, e ele faria isso, não faria? É claro que faria, tranquilizou-se ela. Ela não sabia muito sobre

garotos, mas um beijo como aquele era algo real, era quase como uma promessa – o beijo dizia que ela significava algo para ele, dizia que esta noite era só o começo das milhares de noites felizes que passariam juntos.

Só o começo...

Deslizou as mãos pelo vestido para alisá-lo. Escolhera o vestido três semanas antes junto com a mãe, e a garota estava radiante por ter a chance de usá-lo. Era azul, com um corpete ajustado e uma saia de chiffon volumosa. O corpete era bordado em tons prateados que reluziriam conforme ela e Cain dançassem pelo salão do Apple Valley High School. Os cachos louros estavam ornamentados pela tiara brilhante da mãe, e ela também havia pego um bracelete de diamantes e safiras na caixa de joias da mãe. Sorrindo para o seu reflexo no espelho da avó, tinha de admitir que estava igualzinha a uma princesa esta noite – nada de calças de montaria ou botas enlameadas – e ela desejava desesperadamente que Cain gostasse do que visse. Ele estivera com tantas garotas nos últimos anos, pelo que Ginger ficara sabendo. Ela queria se destacar. Queria ser especial. Queria que ele a desejasse tão desesperadamente quanto ela o desejava.

Brincando com as alças de sua bolsinha azul, ela ergueu o olhar ao ouvir o ronco de um motor. Mas, quando avistou a *BMW* de Woodman no sopé da colina, seus olhos se franziram em consternação. *Droga*. Ele provavelmente veio se despedir antes de ir embora na manhã seguinte. E, apesar de ficar feliz por ele estar ali – porque ela *queria* se despedir dele – a hora não podia ser pior. Cain chegaria a qualquer momento, e ela não queria que Woodman ficasse para escanteio enquanto ela ia embora com Cain.

Não é como se Woodman tivesse declarado seus sentimentos para ela de forma direta, mas eles transpareciam em seu tom de voz, na forma que os olhos dele brilhavam quando a viam. Ele era apaixonado por ela e Ginger sabia disso, mas decidiu ignorar tudo aquilo com receio de que rejeitá-lo abertamente tornaria as coisas entre eles muito estranhas.

A última coisa que queria era que as coisas ficassem estranhas com Woodman. Ele era seu acompanhante em todos os bailes do clube de campo, sua companhia mais frequente em montarias, seu confidente e melhor amigo e irmão mais velho. Era a pessoa de quem Ginger era mais próxima, tirando a

avó, e a garota o amava profundamente. Mas a verdade era que, apesar de sua voz aveludada e sua aparência adorável, Woodman só havia feito o seu sangue ferver uma vez, muito tempo atrás, em seu aniversário de doze anos. Ele era lindo e bondoso, mas, na maior parte do tempo, Ginger desejava que ele arrumasse uma namorada e parasse de olhar para ela com aqueles olhos ávidos e cheios de um amor que ela sentia que não era capaz de retribuir.

Ansiosa para despedir-se dele, ainda que de maneira rápida, ela acenou assim que ele estacionou na garagem. Ela abriu um sorriso, que veio aos seus lábios com naturalidade. Apesar de desejar poder se libertar daqueles olhos atentos, ela também sabia que morreria de saudade de Woodman quando ele partisse, e sabia que ambos mereciam uma despedida profunda e desapressada.

— E aí? — cumprimentou ela quando ele abriu a porta do carro. — Resolveu dar uma paradinha aqui antes de ir jantar no clube?

Ele ficou de pé e Ginger sorriu ao ver os cabelos louros cuidadosamente penteados. Mas o sorriso se esvaiu de seu rosto quando olhou para baixo. Woodman estava de terno. Por que Woodman estava de terno?

— Está muito bem vestido, não acha? — murmurou ela, fitando o buquê de flores que ele carregava. — Estas são as dalias premiadas de sua mãe?

— São sim — respondeu ele, estendendo o buquê para a garota.

Ela não pegou as flores porque estava completamente paralisada, escrutinando o rosto do amigo em busca das respostas para as perguntas que fervilhavam em sua mente.

O sorriso dele estava estranho. Era um misto de esperança e tristeza, e talvez um toque de preocupação. Era o mesmo sorriso que ele exibia na manhã em que ela descobriu que a última cria de Bit-O-Honey morrera durante a noite – um sorriso gentil que não chegava aos olhos, um sorriso que tentava acalmá-la antes que ele dissesse as palavras que sabia que a magoariam.

Ela ergueu a cabeça e olhou no fundo dos olhos dele e pôde ver

claramente. A raiva fazia com que o verde de seus olhos ficasse mais profundo e mais escuro, mas os olhos exibiam um tênue brilho de compaixão. Aquilo fez com que os punhos dela se cerrassem, a compreensão atingindo a sua pele com uma onda de calor desconfortável.

Ela reuniu coragem.

— Diga o que você tem a dizer, Woodman.

— Primeiro — começou Woodman, ainda exibindo aquele sorriso gentil e pesaroso —, deixe-me dizer como você está linda esta noite, Gin. Você está...

— Você só está piorando as coisas. Diga logo.

Ele cerrou a mandíbula e estremeceu duas vezes antes que seu sorriso se esvaísse por completo e toda a gentileza e pena sumissem de seu rosto, restando apenas a raiva.

— Ele não vem.

— Quem? — murmurou ela com a mesma angústia de um filhote de coruja voando sozinha pela noite, chamando pela mãe que saíra para caçar.

— Cain. — Woodman deu um passo à frente, o buquê de dalias pendendo ao lado do corpo. — Cain não vem, querida.

Cain. Cain não vem, querida.

Ela oscilou em cima de seus sapatos de salto alto azuis e ouviu o leve farfalhar do buquê de dalias atingindo o chão quando Woodman estendeu a mão em direção ao seu cotovelo para impedir que ela caísse. Seus olhos estavam repletos de lágrimas, e ela sugou o lábio inferior, arruinando o brilho labial e apagando a marca dos lábios de Cain colados aos seus.

— Por que não? — conseguiu perguntar, fitando as dalias, débeis e esquecidas no chão de cascalho.

— Porque ele é um... — Woodman fez um som de reprovação, então, respirou fundo e Ginger sabia que ele estava escolhendo as palavras com cuidado. — Cain é Cain. Você não pode contar com ele, Gin. Você sabe disso, querida. — Ainda segurando o cotovelo da garota, Woodman a puxou

com delicadeza para junto de si. Seus braços a envolveram e ela fechou os olhos, aninhando a cabeça no ombro do amigo e mordendo a língua para impedir o choro de vir. — Sinto muito.

Ela tentou engolir o nó que se formara em sua garganta, as palavras da avó surgindo para assombrá-la.

Mas você o conhece de verdade? Você está o enxergando de forma clara?

Com a respiração entrecortada, agora ela entendia a preocupação estampada nos olhos da avó. De alguma forma, vovó já devia saber. E a estúpida e ingênua da Ginger continuou a acreditar em Cain, continuou torcendo pelo melhor.

Um soluço escapou de seus lábios ao pensar na delicadeza do toque dele, a pressão suave de seus lábios contra os dele. *Você ainda quer aquele primeiro beijo?*

Aquilo significou tudo para ela e nada para ele.

Absolutamente nada.

Algo muito parecido com raiva, salpicado com uma dose de autopreservação, infiltrou seu coração e as lágrimas sumiram de seus olhos. Ela não ia chorar por Cain. Não ia mesmo. Não ia chorar por um garoto que a tratava como lixo.

— Eu sou tão idiota — suspirou ela, a voz trêmula conforme tentava recuperar o fôlego.

— Não é não! — gritou Woodman, segurando-a com força, validando o instinto de respeito próprio da garota. — Você não é estúpida. Você é... Gin, você é a garota mais incrível do mundo. Não permita que Cain a faça se sentir mal. Cain é um, bem, ele é apenas um maldito de um bastardo, se quer saber a verdade. Tenho vergonha de ser primo dele na maior parte dos dias, mas hoje? Hoje estou furioso. Sinto muito se ele machucou você. Eu poderia...

Ginger ergueu a cabeça para fitar o rosto de Woodman e foi só então que avistou o machucado arroxeadado na bochecha do garoto. Levou a mão ao

machucado e o acariciou com delicadeza, e Woodman se retraiu.

— Vocês brigaram?

Woodman analisou o rosto dela, tentando decifrar como ela se sentia em relação àquilo, mas Ginger manteve a expressão impassível, desejando que ele fosse honesto. Por fim, ele assentiu.

— Ele mereceu.

Os lábios de Ginger estremeceram e ela meneou a cabeça em um gesto de reprovação.

— E como ele está?

— Com o lábio rachado e o nariz sangrando.

Um pequeno bufo nem um pouco feminino escapou de seus lábios.

— É muito ruim eu me sentir feliz com isso?

— Se pensar em Cain sangrando faz você sorrir, querida, eu já teria descido a porrada nele anos atrás.

— Woodman — começou ela baixinho, deslizando a mão pelo braço dele e entrelaçando os dedos com os do amigo. — O que eu vou fazer sem você?

— Que tal me deixar acompanhá-la ao baile? — Ele deu de ombros e olhou para o próprio terno antes de olhar para ela com um sorriso nos lábios. — Estou muito bem vestido para ir ao clube. E você está linda demais para ficar sozinha em casa.

Parte dela realmente queria ficar em casa. Parte dela queria jogar o vestido na lareira, vestir pijamas e chorar até cair no sono. Além do fato de que o beijo que dera em Cain — que significou tanto para ela — não ter significado nada para ele, deve ter sido um beijo horrível, o que a deixou envergonhada. Que garotinha estúpida ela era, pensando que um cara experiente como Cain ficaria impressionado com um beijo atrapalhado, que se contentaria em levá-la a um baile de colégio idiota em sua última noite na cidade. Que criança idiota e ingênua ela havia sido, pensando que aquele beijo, que havia estremecido o seu mundo, teria algum significado para ele.

Ela observou os olhos brilhantes de Woodman e conseguiu abrir um sorriso.

Lá estava Woodman, absurdamente bem vestido. Ele batera em Cain, colhera as flores premiadas da mãe e fizera um buquê e apressou-se para ir até a casa dela para reconfortá-la e levá-la ao baile. Ele ia embora para o campo de treinamento na manhã seguinte, mas tinha escolhido passar a sua última noite ao lado dela.

O sol se escondeu no horizonte, iluminando a fazenda com raios de tons dourados e lavandas. Ginger admirou Woodman com atenção, observando os cabelos louros bem penteados e o lindo sorriso. Ele não exalava aquele brilho chamejante de perigo que Cain exalava, mas talvez ela não tivesse prestado a atenção devida a ele nesses últimos anos. Talvez Woodman, a quem ela tratava apenas como amigo, merecesse mais do que uma chance.

— Você tem *certeza* de que quer passar a sua última noite aqui comigo? — perguntou ela, pendendo a cabeça para o lado.

— Gata — começou ele de forma lenta, soando tanto como Cain que ela poderia até ter fechado os olhos e fingido que ele tinha aparecido, no fim das contas —, não há nada no mundo que eu queira mais.

Duas horas mais tarde, ela estava feliz e ruborizada, de mãos dadas com Woodman na pista de dança e cantando uma versão animada do grito de luta de Apple Valley ao lado dos amigos. Dando risinhos alegres quando errava a letra, Ginger olhou para cima quando mais um aluno do último ano se aproximou deles, interrompendo a dança dos dois com educação para trocar algumas palavras com Woodman.

Algo que ela havia descoberto naquela noite: Woodman era popular. E não um pouco popular, mas sim *incrivelmente* popular, adorado, respeitado e admirado por todos. Como nunca frequentou a escola ao mesmo tempo que Woodman e Cain, Ginger nunca tivera a oportunidade de observar como os jovens de Apple Valley o tratavam. Mas ela perdeu as contas de quantas pessoas, fossem alunos ou professores, aproximaram-se para desejar boa

sorte a Woodman no campo de treinamento.

Ele trocou um aperto de mão com o aluno e deu tapinhas no ombro do garoto, dizendo para que ele se comportasse e “acabasse com a raça de Canton no campo de futebol” na semana seguinte. Ginger ficou observando com um misto de fascinação e orgulho. Ele era, de longe, o ponto alto do baile para todos que estavam presentes. E ele era o acompanhante dela. Dela.

Woodman também salvara a pele dela esta noite, indo até a Mansão McHuid daquele jeito. Se não tivesse feito isso, ela teria ficado sentada no balanço da varanda por horas a fio, esperando por Cain até se debulhar em lágrimas quando se desse conta de que tinha levado um bolo. Ela teria perdido o baile, o vestido novo viraria cinzas, e ela estaria aninhada debaixo das cobertas naquele momento, sentindo-se completamente inútil. Em vez disso, ela estava no baile com o rei – e em vez de ser a princesa de Cain, ela era a rainha de Woodman.

Quando Woodman sorriu e a puxou para dançar mais uma música de rock, Ginger se lembrou de seu aniversário de doze anos. Apesar de Woodman tê-la abraçado e segurado a sua mão milhões de vezes desde aquela tarde em que ele a presenteara com a pulseira, aquela tinha sido a primeira e única vez que os sentimentos que nutria por Woodman haviam se expandido, ainda que só um pouquinho, para algo mais. Até agora.

Ela passou anos desejando Cain, quando bem à sua frente estava o pacote completo: Woodman, em todo o seu esplendor dourado, estava aos pés dela.

Levou as mãos ao rosto dele e o puxou para mais perto de si, colando os lábios na orelha dele antes de dizer:

— Está tão quente aqui. Podemos ir lá fora?

Quando se afastou, a alegria nos olhos de Woodman deu lugar a algo mais sombrio, e ele encarou os lábios de Ginger antes de responder:

— Claro que sim.

Ainda de mãos dadas, Woodman a guiou em meio à multidão de adolescentes, parando apenas quando alguma garota queria dar um beijo na bochecha dele ou quando algum garoto queria trocar um aperto de mão.

Ponderou se ele havia pegado a mão direita dela de propósito, só para não precisar soltá-la quando fosse cumprimentar alguém. Então, deu-se conta de que ele acariciava a palma de sua mão de forma vagarosa e reconfortante. Ela se focou naquele toque hipnotizante, perdendo-se naquela sensação, até mesmo enquanto a música tocava e a voz alegre de Woodman agradecia a todos os alunos por seus votos de boa sorte. Cercada por mais de cem corpos em movimento, Ginger só prestava atenção nele – o toque suave dos dedos ásperos contra a pele dela, acariciando-a e tranquilizando-a e a guiando a um estado simultâneo de torpor e vivacidade.

Finalmente a guiou para fora do ginásio, as portas duplas batendo com um baque surdo atrás deles. O ar frio da noite beijou a sua pele úmida, fazendo-a estremecer. Pendendo a cabeça para o lado, Ginger olhou para Woodman, o coração acelerado no peito, a respiração ofegante e entrecortada.

Os olhos dele estavam sombrios, mas gentis – os mesmos olhos que a fitaram de forma tão importuna durante anos, agora a encaravam com tamanha devoção que a garota percebeu que não se importava de ser olhada daquele jeito.

— Gin.

— Sim — murmurou ela. Uma resposta, não uma pergunta.

— Sim o quê? — quis saber ele, uma expressão confusa e incerta no olhar enquanto a envolvia em seus braços.

Ela pousou as mãos no peito dele, que deu um solavanco, tão ofegante quanto ela se sentia.

— Sim... Woodman.

Ela ouviu o leve arfar que ele emitiu, viu quando o olhar dele se decaiu em seus lábios, sentiu os músculos dos braços dele se retesando e, por fim, quando fechou os olhos, sentiu o roçar dos lábios dele contra os delas, tão leves quanto uma pluma.

Ele grunhiu baixinho, puxando-a para mais perto de si e intensificando o beijo, os lábios pressionados firmemente aos dela. A língua dele abriu espaço entre os lábios dela e Ginger permitiu de bom grado,

deixando que a língua dele se enroscasse à dela, sentindo quando o membro dele se enrijeceu e cutucou a sua barriga.

E, então...

Acabou.

Ele afastou os lábios, acariciou a bochecha dela com delicadeza e a segurava com força – quase forte demais – aninhando a cabeça em meio aos cachos da garota.

— Gin, Gin, Gin... ai, meu Deus, gata, eu sempre *soube* que seria assim... Eu sempre *soube* que isso ia acontecer.

A voz dele estava ofegante de emoção, maravilhada, baixa e entorpecida, carregada de emoções tão intensas que Ginger tremeu ao abrir os olhos e pousar a cabeça no ombro dele.

— Você vai escrever para mim quando eu me for? — quis saber ele.

— É claro que vou — respondeu ela.

Ele respirou fundo e beijou a testa da garota antes de soltar um suspiro de alívio. Ela conseguia *sentir* a felicidade dele. Era profunda e cheia de vida – algo vivo e respirando, embalado pela gratidão que os envolvia.

— Podemos ficar abraçados mais um tempinho? — perguntou ele.

— Ahã — Foi tudo que ela conseguiu responder, grata pelo silêncio que se deu entre eles conforme Woodman a puxava para mais perto de si, apoiando as costas contra a parede de tijolos do ginásio, a bochecha dele colada ao cabelo de Ginger e à sua tiara de princesa.

Woodman se sentia grato por Ginger.

Mas Ginger se sentia grata pelo silêncio, já que por dentro, seu coração estava no mais completo caos.

O beijo? Foi um beijo bom. Um beijo muito, *muito* bom. Se fosse o primeiro beijo dela, até poderia ter pensado que era o melhor beijo possível.

Mas não era.

Ela havia beijado Cain.

Ela havia beijado Cain e sabia – do jeito que uma garotinha deixa de ser criança e passa a ver o mundo sob o olhar de uma mulher – que por mais que sua mente desejasse que ela amasse um homem, seu coração não seria convencido tão facilmente.

Parte Três

Três anos depois

Capítulo Sete

~ Cain ~

Cain estava sentado ao lado de um Woodman adormecido, as mãos presas ao volante do carro alugado conforme dirigia em direção à casa deles. A viagem de Bethesda, Maryland, até Apple Valley, Kentucky, durava nove horas, isso sem contar as paradas para abastecer, comer e ir ao banheiro, que acrescentavam mais duas horas ao tempo inicial. Por sorte, os analgésicos que Woodman tomara fizeram efeito há cerca de uma hora, e o garoto estava roncando desde então. Cain verificou o relógio no painel do carro: faltava pouco menos de duas horas para o fim da viagem, e ele esperava conseguir chegar à *Belle Royale* antes das nove da noite e surpreender os tios, chegando antes da hora prevista.

Woodman resmungou durante o sono, um lamúrio baixo de dor, e Cain instintivamente segurou a mão do primo, acariciando a pele branca e sardenta até Woodman se acalmar. Fazia dois meses desde o acidente que esmagara e quase arruinara o pé de Woodman, e, até agora, a recuperação estava sendo lenta e dolorosa.

Quando estavam voltando para Norfolk, Virgínia, depois de uma visita ao porto em Barcelona, Woodman estava no convés fazendo seu papel de vigia, quando teve o tornozelo direito esmagado entre uma roda de avião e uma empilhadeira. Foi levado de helicóptero até a Base Aérea Morón e, de lá, até o Landstuhl Regional Medical Center na Alemanha, onde passaria por uma cirurgia para corrigir sua fíbula fraturada. Woodman teve que esperar vários dias até que o inchaço desaparecesse para que a equipe médica pudesse operá-lo com sucesso, reconstruindo seu tornozelo fraturado com ossos de cadáver, uma placa e cinco parafusos. Depois de três semanas, o osso do tornozelo começou a necrosar por falta de sangue oxigenado, então, ele precisou se submeter a mais uma cirurgia de redirecionamento de veias para o que sangue chegasse aos ossos remanescentes. Quando seu quadro se estabilizou, três semanas depois, Woodman foi transferido para o hospital Walter Reed em Maryland e, ontem, nove semanas depois do acidente, ele

finalmente recebeu alta para ir para casa. Sua dispensa ainda estava sendo julgada, mas era apenas uma mera formalidade, tendo em vista que ele havia se machucado depois de três anos no curso de um contrato de quatro anos.

Por enquanto, ele se movimentava tranquilamente com a ajuda de muletas, já que a força de seus membros superiores não havia sido afetada. Ele precisaria fazer pelo menos um ano de fisioterapia (que só ajudaria a fortalecer o tornozelo operado) quando voltasse para casa, mas a triste realidade era que Woodman provavelmente teria que mancar e se apoiar em uma bengala pelo resto da vida.

Cain, com a exceção de alguns dias de licença que tirara em diversos portos de escala nos últimos três anos, não havia tirado férias de fato desde que se alistara. Tinha setenta dias de folga acumulados e usou dez deles para ficar com Woodman em Landstuhl e pediu para usar mais trinta para acompanhar o primo de volta a Kentucky. Não era comum que um homem no posto de Cain tivesse permissão para folgar durante um mês inteiro, mas abriram uma exceção por conta das condições de Woodman, o que resultou que eles – naquele exato momento – estivessem em um carro que seguia pela Interstate 71 em direção à Cincinnati, com o sol se pondo de um lado e a estrada ampla à frente.

Cain baixou o vidro da janela e apoiou o cotovelo no peitoril, a mente viajando para o momento em que descobriu que Josiah estava sendo encaminhado a Morón. Sem saber direito sobre a gravidade dos ferimentos do primo, Cain ficou quase paralisado de medo, temendo que o primo corresse perigo de morte, e dirigiu-se imediatamente até o seu oficial de comando para solicitar, com toda a compostura que conseguiu reunir, que fosse liberado imediatamente para que pudesse ir atrás de Josiah. Cain seria eternamente grato pela compaixão que o Tenente Carlson mostrara para com ele ao levá-lo para os alojamentos e explicar ao garoto, que estava completamente perturbado, tudo o que sabia sobre os ferimentos de Woodman e assegurar a Cain que, apesar do pé do primo correr graves riscos, a vida dele provavelmente não corria.

Depois de um relatório completo sobre a condição de Woodman, Cain solicitou formalmente a sua licença e dirigiu-se imediatamente à Alemanha, onde fez companhia para Woodman por algumas horas todos os

dias. Quando Woodman não estava completamente fora de si por conta dos analgésicos, os dois jogavam baralho e relembavam histórias dos tempos de infância e dos três anos que serviram ao país. No restante do tempo, o fato de falar alemão foi bastante útil para Cain, já que o ajudou a recuperar o tempo perdido e transar com várias *fräuleins* de Rhineland.

Apesar dos ferimentos de Woodman, aquela foi uma época estranha e surpreendente de remendos e cicatrizações no relacionamento dos primos. As prioridades de Cain haviam mudado enquanto estavam afastados de casa, suas experiências na Marinha o moldaram de um pedaço de argila incontrolável, pouco a pouco, até virar o homem que sempre aspirou ser. Aprendeu lealdade e disciplina, camaradagem e responsabilidade, e, amarrado de forma inexorável ao seu crescimento como pessoa, estava Josiah – seu primo, quase seu irmão, e o melhor amigo que ele já tivera. Ele precisava e queria ter o primo em sua vida, e estava determinado a não agir da mesma forma egoísta que agira durante a adolescência. Agora que o relacionamento entre os dois voltara para o nível de camaradagem total, Cain nunca mais queria se afastar do primo.

Antes de ser transferido da Alemanha para Maryland, Woodman, que tinha esperanças de se recuperar por completo, foi avisado de que sua carreira como oficial encarregado da prevenção de danos tinha chegado ao fim e sua aposentadoria estava nos trâmites para ser aprovada. Cain assistiu horrorizado o espírito indomável do primo mudar drasticamente, os olhos de Josiah enchendo-se de lágrimas diante da realidade de se aposentar da Marinha aos vinte e um anos de idade. Em um ato de solidariedade espontâneo, Cain prometeu a Josiah que se encontraria com ele em Walter Reed para que os dois pudessem voltar para casa juntos. O primo pareceu se regozijar com a ideia de que teria um acompanhante na viagem de volta para casa e Cain manteve a promessa, adentrando o quarto de hospital de Woodman há três dias com as chaves do carro alugado em mãos.

— E aí, primo? Pronto para ir para casa? — perguntou ele, sorrindo.

Woodman ergueu o olhar e Cain se esforçou para não demonstrar a surpresa que sentiu ao ver a mudança drástica na aparência do primo. Sentado em uma cadeira de rodas ao lado da janela, Woodman parecia um animal enjaulado que perdera toda a esperança de voltar à natureza. O corpo ainda

exibia o tônus muscular de outrora, o peitoral largo e forte por baixo da camisola do hospital, mas o rosto estava pálido e cadavérico, os olhos vazios e desprovidos de coragem, a barba despenteada e por fazer.

— Cain — disse ele suavemente, abrindo um sorriso fraco. — Bom te ver, cara.

— Josiah — Cain sentou-se ao lado do primo. — Você parece... bruto.

— Não minta para mim, hein?

— Eu não sou um bom mentiroso.

— Desde quando?

Cain riu com escárnio.

— Você tem se exercitado?

Os olhos de Josiah se estreitaram.

— Estou aleijado.

— Só de um dos pés. — O olhar de Cain se recaiu sobre o outro pé de Josiah, que estava em perfeitas condições. — O outro parece ótimo, marinheiro.

Para o horror de Cain, os lábios de Josiah estremeceram.

— Eu não sou... — Ele pigarreou e continuou com a voz firme. — Não sou mais um *marinheiro*.

— Pare de falar besteira. Você vai ser um marinheiro até o dia de sua morte.

Josiah olhou para baixo e murmurou:

— Um pedaço de mim deseja que esse dia chegue logo.

Todo o corpo de Cain ficou rígido, com exceção da mão esquerda, que voou em direção ao rosto do primo e o estapeou com tanta força que deixou marca. Os dois ficaram se encarando, chocados, até que Cain grunhiu:

— Se você repetir isso, vou quebrar seu pescoço.

Os lábios de Josiah começaram e tremer novamente, mas, para o alívio de Cain, o tremor era causado pelo riso e não por lágrimas.

— Bem, isso só aceleraria as coisas! — exclamou em meio a risinhos.

Cain se juntou a ele na risada, mas por dentro estava preocupado com o desânimo de Woodman e fez uma promessa silenciosa de que faria tudo em seu alcance para ajudar o primo a voltar à antiga forma antes que tivesse que voltar ao seu posto.

Durante os três dias que passaram em Walter Reed, o comportamento de Woodman mudou aos poucos, e o garoto passou a rir de mais e lamentar de menos. Mas, sempre que ficavam em silêncio, Cain conseguia enxergar a profunda mudança que se dera no primo – a frustração e a raiva borbulhando abaixo da superfície, a fadiga e o desespero – e ele odiava aquilo. Woodman sempre fora o garoto de ouro, bondoso e inteligente, decente e popular, destinado a coisas grandiosas. Até mesmo durante o Ensino Médio, quando o rompimento no joelho o impedira de ir a Anápolis, Woodman conseguiu recuperar o ânimo, reabilitar a perna e encontrar outro caminho para seguir. Mas agora? Parecia completamente desanimado, e aquilo preocupava Cain.

Além das preocupações acerca do primo, Cain não estava exatamente animado por voltar para casa depois de três anos fora. A sua vida mudara bastante desde que fora embora de Apple Valley, e ele não tinha certeza de que conseguiria se encaixar ou até mesmo – graças ao seu comportamento durante a adolescência – se seria bem-vindo.

A maior mudança que acontecera quando estava ausente se deu apenas uma semana depois que Cain fora para o campo de treinamento. A mãe dele se casou e mudou-se para Frankfort, uma cidade a quase uma hora de distância de Apple Valley. A forma como aquele casamento aconteceu sugeria que ela já conhecia o atual marido, Jim Johnson, há algum tempo, e Cain não conseguia evitar de se perguntar se Jim Johnson tinha algo a ver com o divórcio dos pais. De qualquer maneira, ele não estava muito ansioso para conhecê-lo.

Klaus, por outro lado, que sempre fora tão distante durante a adolescência de Cain, tornara-se o seu correspondente mais assíduo, enviando

uma ou duas cartas para o filho todo mês. E aquilo significou algo para Cain. Significou muito. Sim, as cartas eram repletas de notícias chatas sobre a Fazenda McHuid – descrevendo as novas crias, éguas favoritas, e o gosto excelente de Ranger para adquirir os melhores equipamentos para a fazenda – mas, às vezes, algo tão raro como uma pepita de ouro em meio à areia, havia uma breve menção a Ginger. E Cain praticamente vivia por aquelas aparições ofuscantes de beleza rara e inesperada nas cartas monótonas do pai.

Dando mais uma olhadela rápida em direção a Woodman para se certificar de que o primo estava dormindo antes de se permitir pensar nela, Cain respirou fundo e imaginou o rosto de Ginger. Como conhecia a garota desde sempre, podia visualizar as cenas que quisesse em sua cabeça: a pequena Ginger seguindo-o pela fazenda... o dia em que ela voltara para casa depois da cirurgia cardíaca, parecendo tão corajosa como sempre... Ginger com os braços bem abertos em todos os seus aniversários, rindo conforme pairava acima deles... Cain admirando secretamente conforme o corpo dela ia ganhando formas femininas... os lábios dela, abertos e convidativos, esperando que Cain os clamasse para si.

Ela era uma dor constante em seu coração, uma ferida aberta que palpitava sempre que Cain pensava nela. E, entre as menções ocasionais que Klaus fazia a ela em suas cartas e as cartas frequentes que a garota enviava a Woodman, que as lia em voz alta de tempos em tempos, aquela ferida nunca foi capaz de se cicatrizar.

Cain considerou escrever para ela um milhão de vezes com o intuito de se desculpar por ter dado o bolo nela no dia do baile. Ele acumulava milhares de arrependimentos em sua vida, mas aquela decisão acovardada figurava o topo da lista. Ele não teve nem a decência de cancelar. Porra, ele devia ter tido a decência de não beijar a garota do primo.

Mas, em seus sonhos, ainda conseguia ouvir aquela voz doce dizendo *Ainda quero aquele primeiro beijo*. Céus, a sensação dos lábios dela pressionados aos dele seria o seu último pensamento antes de morrer. A forma doce como ela se rendeu a ele, a confiança, os malditos fogos de artifício que explodiram em sua mente durante aquele beijo. Aquele beijo que estragou todos os outros beijos que ele dera em sua vida e que se fincou de forma permanente e brilhante em seu coração.

Ele desejava se desculpar com Ginger com todas as fibras de seu ser. Desejava mostrar a ela o homem que ele tentara se tornar desde que havia ido embora. Desejava ver a suavidade no olhar dela, sentir o corpo dela pressionado ao dele, escutar aquela voz sussurrando em seu ouvido, *Eu sempre soube. Sempre foi você.*

Ele avistou as luzes de Cincinnati à frente e seu olhar se recai sobre Josiah, que dormia profundamente ao lado. Cain se odiou por tamanha fraqueza.

Cerrou a mandíbula.

Ele precisava se manter longe dela.

Porque, independentemente do quanto você desejasse, algumas coisas simplesmente não estavam destinadas a acontecer. A única pessoa – o único tópico de conversa – capaz de levar um sorriso ao rosto entorpecido e abatido de Woodman era Ginger, e Cain preferia morrer a ser o responsável por tirar aquela centelha de esperança do primo.

Ginger pertencia a Woodman, não a ele, e Cain tinha a intenção de respeitar isso.

Mais cedo naquele dia, quando Woodman estava jogado no banco do carro com uma expressão de agonia silenciosa enquanto tentava aguentar a dor que irradiava do pé, Cain perguntara ao primo:

— Animado para ver a Ginger?

Todo o rosto de Josiah se iluminou diante da menção ao nome dela, sua expressão se suavizando e rejuvenescendo, deixando-o mais parecido com o Josiah de antigamente. Mas, aos pouquinhos, aquela expressão desmoronou-se e Josiah olhou para baixo com desânimo.

— Claro. Sempre — respondeu ele baixinho. — Mas não posso esperar que uma garota como ela ame um aleijado como eu.

— Então, não estamos falando da mesma garota — respondeu Cain, o coração palpitando conforme empurrava todos os pensamentos de Ginger para os braços de Woodman. — A garota que eu conheço não ligaria a mínima para o seu pé defeituoso. Na verdade, já que está estudando para ser

enfermeira, acho que ela vai amar. Vai ter um paciente para chamar de seu.

— Eu não quero ser a porra do *paciente* dela, Cain. Não quero ser apenas o resquício de um homem do qual ela sente pena, que não pode fazer nada por ela, que não pode... que não pode...

— Hm, eu perdi alguma coisa aqui? Suas bolas foram esmagadas no lugar do seu tornozelo?

— Cain...

— Eu estou falando sério, cara. Porque me parece que elas ainda estão em pleno funcionamento.

— Vamos parar de falar sobre minhas malditas bolas, que tal?

— Só estou dizendo — continuou ele, ignorando os protestos do próprio coração —, que você pode *sim* fazer algo por ela.

— Não fale dela deste jeito — pediu Josiah, mas havia um sorriso estampado em seu rosto corado, provavelmente por conta da ideia de transar com Ginger um dia.

E a adaga que perfurava o coração de Cain adentrou ainda mais fundo.

— Bolas dormentes — murmurou ele.

Woodman zombou.

— Elas não são tão ativas quanto as suas, irmão, mas prometo que elas não estão nem um pouco dormentes.

Isso os guiou a um dos tópicos de conversa preferidos de Cain, e ele ficou grato por pararem de falar sobre Ginger e Woodman, a pressão em seu peito diminuindo.

— Fale a verdade: você comeu ou não comeu aquela ruivinha em Fort Lauderdale?

— Apelo para o meu direito de permanecer calado — declarou Woodman, estendendo a mão para pegar uma garrafa de água.

— A loira em Marseille?

— Permanecer calado — repetiu Woodman arrastando a voz de forma cômica.

— Aquela gostosa em Roma?

— Qual delas? — quis saber Woodman.

— Ah, cara, eu amo a bucinha das italianas. — Cain suspirou e riu com o primo até que Woodman soltou um grunhido de dor. — Ei, quando você pode tomar mais uma dose de analgésicos?

— Quando eu quiser.

— Então tome.

Josiah estreitou os olhos.

— Eu consigo esperar.

— Não seja idiota — censurou Cain. — Tome quando você precisar.

— Você sabe como é fácil ficar viciado nisso?

Cain lançou um olhar para o primo.

— Você não vai ficar viciado. Você está sentindo dor. Vamos lá, Josiah.

— Não me venha com esse papo — avisou Woodman. — A dor está tolerável. Quando eu não estiver mais aguentando, vou tomar mais uma dose.

Aquela conversa aconteceu às dez da manhã e Woodman ficou até às seis da tarde sem tomar mais nenhum remédio. Por fim, a dor estava tão excruciante e intolerável que ele tomou metade de um Vicodin e apagou no banco do carro.

Por mais que não gostasse de ver o primo sofrendo de dor enquanto podia aliviá-la com os remédios, Cain se apegava a essas pequenas demonstrações de espírito, que o convenciam de que Josiah conseguiria se desvencilhar da escuridão causada pelo ferimento. Cain olhou para Woodman – para o cabelo louro que estava crescendo novamente, para a barba dourada que ele se recusava a tirar, e para as milhares de sardas que herdara da mãe. Woodman era sangue de seu sangue, um amigo com o qual compartilhava

uma infinidade de memórias. E Cain amava Woodman do fundo de seu coração.

E é por isso que ele se comprometeu a ficar longe de Ginger e desejou – apesar de aquilo fazer seu coração sangrar – que a garota conseguisse guiar Josiah de volta à luz.

— Cain! *Mein Sohn!*

— *Servus, Papa!*

Cain adentrou o casebre ao lado do estábulo e deixou-se ser abraçado pelo pai. Ainda vestia a calça jeans e a camiseta que usara o dia todo, e o pai vestia apenas a cueca que usava para dormir. Mas não importava.

Cain não conseguia se lembrar da última vez que fora abraçado pelo pai, e aproveitou o momento, absorvendo os aromas de couro e cavalo, grama recém-cortada, e shampoo. Fechou os olhos e respirou fundo. Estava em casa e foi recebido de braços abertos pelo pai, como se fosse o filho pródigo voltando à casa. E é claro que os olhos ficaram tão marejados que ele teve que se desvencilhar do abraço.

— Você recebeu os cartões postais que enviei da Alemanha, pai?

— *Ja!* — respondeu Klaus, relutante em se desvencilhar do abraço do filho e dando tapinhas nas costas de Cain como se para se assegurar de que ele estava mesmo ali. O rosto estava mais envelhecido e desbotado, mas os olhos azuis continuavam tão luminosos como sempre. — Recebi! Mas eu me perguntei: por que ele não vai para *Österreich*? Para visitar meu cavalo da raça Lipizzaner?

— Na Áustria? — bufou Cain com um sorriso largo no rosto, estendendo a mão para fechar a porta. — A Áustria não tem saída para o mar, pai. Estive em um navio nos últimos três anos.

— *Ja*, verdade. — Klaus olhou ao redor do pequeno cômodo, os olhos se recaiando sobre a máquina de café na bancada da cozinha. Bateu as palmas das mãos em um gesto esperançoso. — Você quer café? Ou *heiße Schokolade*, como costumava tomar quando era criança?

Seu pai sempre tinha sido assim? Será que durante aqueles anos de rebeldia do Ensino Médio ele ignorara os esforços do pai para se aproximar dele? Um de seus colegas no navio pendurara uma foto com o pai em um quadro de cortiça acima de sua cabine e, ao lado do foto, lia-se uma citação de Mark Twain: “*Quando eu era um garoto de 14 anos, meu pai era tão ignorante que eu mal suportava ficar perto dele. Mas, quando completei 21 anos, fiquei estarrecido de ver o quanto ele havia aprendido nesses sete anos.*” Como ele próprio tinha 21 anos, aquela citação inesperadamente adquiriu um sentido particular para Cain, que abriu um sorriso para o pai. Ele não estava a fim de tomar café ou chocolate quente, mas assentiu mesmo assim.

— Claro, pai. Chocolate quente parece ótimo.

O pai se dirigiu à cozinha, e Cain admirou o cômodo parcamente mobiliado, pensando que a maioria dos móveis deviam ser coisas que a Sra. Magnolia quis se desfazer, já que pareciam ser de ótima qualidade. Havia uma poltrona de couro e um sofá de dois lugares posicionados ao lado de um fogão à lenha de ferro fundido. A cozinha era moderna e Cain avistou uma televisão de tela plana posicionada entre os armários e a bancada de granito preto, ladeada por uma mesinha de jantar com duas cadeiras. Ao lado do cômodo, havia dois quartos e um banheiro. Era quente e acolhedor, com paredes de madeira e aromas de celeiro envolvendo o local. E Cain sentiu – pela primeira vez – como era bom estar em casa e, na verdade, como ele tinha sentido saudade daquele lugar.

— Woodman... está em casa?

— *Ja, Papa* — respondeu Cain, colocando as malas em cima do sofá de dois lugares. — Levei-o até a casa da tia Sophie há uma hora.

— Como ele está? *Der Fuß?*

— Nada bem. Ele está desanimado e ainda terá que enfrentar vários meses de fisioterapia. — Cain coçou o queixo. — Mas ele insistiu em entrar na *Belle Royale* com a ajuda de suas muletas, ainda que eu estivesse lá para carregá-lo.

— Ele vai ficar bem. É um garoto forte. Um bom garoto — disse

Klaus com convicção na voz.

Cain fez careta quando uma onda de inveja percorreu seu corpo. Mas aquela era a verdade, não era? Woodman realmente era forte e bondoso – sempre tinha sido e sempre seria – e reconhecer aquilo não traria nenhum mal a Cain.

— Ele é o melhor — concordou o garoto.

Aproximando-se do filho, Klaus estendeu a caneca fumegante de chocolate quente e meneou a cabeça, abrindo um sorriso triste para o filho único.

— *Nein, Sohn. Genauso gut. Nicht besser.*

Tão bom quanto, não melhor.

Cain cerrou a mandíbula e encarou o pai por um instante antes de desviar o olhar para a caneca que o pai segurava.

— *Danke* — sussurrou ele. — *Danke, Papa.*

Ouvir aquelas palavras vindas do pai foi como uma benção, e Cain se encheu de um tipo de esperança com a qual não estava muito familiarizado. Nunca tivera grandes planos para o futuro e sempre pensou que não merecia nada de bom. Mas durante três anos, com exceção de alguns dias de folga, Cain estivera preso em navios porta-aviões com milhares de homens e teve bastante tempo para pensar. Enquanto Woodman sempre fez de tudo para garantir que sua vida tomasse um rumo, Cain sempre sabotou a própria jornada.

Agira como um babaca com os pais durante o Ensino Médio. Sim, eles sempre foram infelizes. Sim, eles se divorciaram quando Cain tinha quinze anos, provavelmente a pior época da vida de um garoto. Mas, por mais que seus interesses não colidissem, não havia dúvidas de que seu pai fora o responsável por Cain ter conseguido manter o emprego na Fazenda McHuid durante o Ensino Médio. E, sem um emprego – por mais que não amasse ou valorizasse aquele trabalho na época – ele teria se sentindo ainda mais inútil. O salário que recebia permitiu que comprasse e reconstruísse sua moto e deu a ele a sensação de liberdade que experienciara naqueles anos. Também permitiu que o pai tivesse a chance de ver como Cain estava

diariamente, ainda que o garoto mal respondesse quando conversavam. Ele nunca amou os cavalos como o pai amava, mas seria eternamente grato pela sensação de estabilidade e de propósito que aquele emprego trouxera.

E, quanto à mãe, apesar de ser possível que já conhecesse Jim Johnson enquanto ainda era casada com Klaus Wolfram, ela continuou morando em Apple Valley durante a adolescência de Cain, apenas para que ele não precisasse lidar com o estresse de se dividir entre Frankfort e Apple Valley. Ela tomou aquela decisão por ele. E, em troca, Cain a deixava morta de preocupação em metade do tempo e, na outra metade, a envergonhava com suas rebeldias.

Ele sabia que demoraria um pouco, mas, da mesma forma como tinha reatado a sua amizade com Woodman, Cain desejava ajeitar as coisas com os pais também, e talvez até provar a eles que agora poderiam sentir orgulho do filho.

O pai soltou um pigarro.

— Você vai ficar por aqui?

— Vou ficar algumas semanas se estiver tudo bem com você, pai.

— E você vai ajudar? Na fazenda?

O motivo do sorriso esperançoso no rosto do pai não era alívio por ter ajuda, e sim alegria por poder passar um tempo com o filho. Cain conseguia enxergar isso. Sabia que era verdade, e foi inundado por mais uma onda de afeição pelo pai.

— É claro que vou, pai. O que você precisar.

O pai sorriu e assentiu com a cabeça, satisfeito.

— Vou arrumar a sua cama.

Ele deu um tapinha no ombro de Cain antes de ir em direção a um dos quartos.

Sentindo-se estranhamente emocional e nem um pouco confortável, Cain pousou a caneca sob a mesinha do pai e disse:

— Vou dar uma caminhada, pai. Volto logo. Não precisa me esperar

acordado, tá?

— *Ja, Sohn. Lauf herum.*

Vá explorar.

Cain saiu em silêncio enquanto o pai terminava de arrumar o quarto e fechou a porta atrás de si.

Dez minutos depois, estava com os cotovelos apoiados sobre uma das cercas do piquete enquanto admirava a noite, visualizando a paisagem que se desdobrava à sua frente, oculta pela escuridão da noite, da mesma forma que fizera milhões de vezes quando estava no navios: os pastos verdejantes, Heath e Bit-O-Honey comendo grama, o céu azul, o sol resplandecente e a brisa fresca. Ele conhecia os vales e campinas da Fazenda McHuid como a palma de sua mão e se deu conta de como esta fazenda, que ele pensava odiar, havia se tornado a sua casa.

Luzes vindas da garagem perturbaram a escuridão da noite e Cain virou-se para olhar. Viu uma SUV branca se aproximando lentamente e, apesar de não reconhecer o carro, sabia quem o estava dirigindo, e cada célula de seu corpo se retesou diante da perspectiva de ver Ginger novamente.

Cain ergueu a mão em um aceno e Ginger desacelerou o carro até parar. Rezando para que ela não o atropelasse enquanto passava em frente ao carro, Cain se aproximou da janela com precaução, fitando o interior do veículo e avistando o rosto de Ginger escondido na penumbra.

Ela baixou o vidro da janela e, de repente, três anos depois, o rosto dela estava a alguns centímetros do dele, o aroma sutil de limão emanando do interior do carro enquanto a garota arqueava a sobrancelha para ele.

— Meu Deus — sibilou ele quando ela abriu a janela por completo. Ele não sabia o que tinha esperado sentir, mas um soco nos pulmões resumia a sensação que o invadia no momento. Tentou recobrar o fôlego, mas não conseguiu, e ele não estava acostumado a se sentir desta forma na presença de uma mulher.

Os lábios cor-de-rosa estavam cheios e cobertos de brilho labial, e as maçãs do rosto eram proeminentes. Os cabelos louros estavam puxados para

trás e presos em um rabo de cavalo e ela usava óculos. Mas, por detrás das lentes, os olhos da garota estavam tão profundos e escuros como sempre foram, fixados em Cain com uma expressão de cautela.

— Bem-vindo de volta — disse ela com suavidade, mordiscando o lábio inferior. A voz tremeu ligeiramente, e estava um pouco mais grave do que ele se lembrava, mas ainda assim era familiar.

Ele levou as mãos ao parapeito da janela.

— Oi, princesa.

Os olhos dela se arregalaram e os lábios se curvaram ligeiramente, mas ele não teria visto o pequeno sorriso no rosto da garota se não a estivesse olhando com tanta atenção. Mas, no instante seguinte, o rosto dela se contraiu em uma carranca.

— Ginger é melhor.

— Ela é mesmo — concordou ele, abrindo um sorrisinho zombeteiro.

Ela meneou a cabeça e bufou, aborrecida, antes de desviar o olhar.

— Algumas coisas nunca mudam.

Cain ficou incomodado com aquelas palavras, já que pensava que tinha mudado bastante durante os anos em que estivera fora.

— Como assim?

— Continua sendo o mulherengo superficial de sempre, né?

Ele estremeceu, recolhendo as mãos e afastando-se do carro, apesar de continuar a encarando fixamente. Deslizou o polegar pelo lábio inferior antes de apoiar as mãos nas laterais do quadril.

— Continua sendo bravinha, né?

Ela ergueu a mão e puxou o elástico que prendia o cabelo, deslizando os dedos pelas mechas loiras. Cain ficou hipnotizado com os movimentos da garota e a observou de maneira ávida enquanto ela virava o rosto para encará-lo novamente.

— Acabei de ver Woodman. — Ela piscou para conter as lágrimas e

ergueu o queixo. — Obrigada por trazê-lo para casa.

Cain deu de ombros. Aquele era um terreno familiar entre os dois. Um terreno confortável.

— Eu faria qualquer coisa por ele.

— Eu também — respondeu ela, os olhos se suavizando.

Cain ergueu a mão e a estendeu em direção ao rosto de Ginger – para acariciá-lo, tocá-lo, sentir aquela pele morna e aveludada na palma de sua mão mais uma vez. Ele mudou o alvo no último segundo, agarrando o espelho retrovisor do carro e o puxando para admirar o próprio reflexo. Deslizou as mãos pelo cabelo despenteado como se fosse a sua intenção desde o começo, e então, deu uma piscadela.

— Como eu estou?

— Como se estivesse prestes a dar uma de Cain... no sentido bíblico — vociferou ela.

Ele deu risada e ajustou o espelho retrovisor.

— Sou um homem mudado. Meus dias de rebeldia ficaram para trás, querida. Agora o meu lema é servir e proteger.

— Confio tanto em você quanto uma galinha confia em uma raposa.

— É, você continua tão afiada quanto o bico de uma galinha — respondeu ele, sorrindo, desejando que não estivesse se divertindo tanto.

Ela retraiu-se ligeiramente diante da provocação – apenas um leve franzir de cenho antes de respirar fundo e afastar o olhar.

— Bem-vindo de volta, Cain — repetiu ela sem ao menos olhar para ele.

Então, fechou o vidro da janela e deu partida no motor, deixando-o sozinho no escuro mais uma vez.

Capítulo Oito

~ *Ginger* ~

— Srt^a McHuid, tem alguém na linha para você. Por favor, seja rápida.

Enfermeira Arklett, a quem Ginger e os outros estudantes de enfermagem chamavam de Enfermeira Ratched – como a enfermeira monstruosa do filme *Um Estranho no Ninho* – lançou um olhar severo para Ginger antes de ir embora. Ginger deu um tapinha no braço do Sr. Humphrey e colocou o livro de Roald Dahl que estava lendo sobre a mesinha de cabeceira do paciente antes de se dirigir à sala das enfermeiras, localizada no quinto andar do Silver Springs Care Center.

Como era estudante da Apple Valley Community College e fazia prática de enfermagem no Silver Springs Care Center, Ginger não podia trazer o celular consigo durante os turnos como enfermeira, pois, ele podia tocar e acordar ou assustar os moradores da casa de repouso. Então, tinha passado o número do Silver Springs para amigos e família, alertando-os para que só ligassem em caso de emergência. A sua mãe, no entanto, considerava que pedir para a filha comprar uma caixa de leite era uma emergência. A Enfermeira Ratched sabia disso e desaprovava com veemência o mal-uso que Ginger fazia daquele privilégio, mas nunca dizia nada porque, desde que a avó de Ginger passou a morar no Silver Springs, os pais da garota se tornaram os doadores mais generosos da instituição.

Quando chegou à sala das enfermeiras, Ginger recebeu um sorriso solidário de Tanya, que estendeu o telefone à garota.

— Aqui é a Ginger.

— Querida, é a mamãe.

Ginger baixou a voz.

— Mãe, você não pode ficar me ligando no trabalho!

— Eu sei, eu sei. Mas tenho notícias maravilhosas. Eu sei que você ia querer ficar sabendo imediatamente!

Ela bufou de leve.

— O que é?

— Woodman está de volta.

Seus lábios se abriram em choque e ela ficou de costas para Tanya para ter um pouco de privacidade.

— O quê? Como assim?

— Woodman voltou, querida. Chegou há meia hora. Sophie me ligou para contar.

— Mas ele só devia estar de volta na próxima semana.

— Bem, ele pegou uma carona para casa e chegou antes do previsto.
— O tom de voz da mãe passou de animado para acusatório. — Com Cain.

Como se a notícia sobre a volta de Woodman já não tivesse feito Ginger surtar, saber que Cain estava de volta a Apple Valley depois de três anos quase a deixou maluca.

— C-Cain? — sussurrou ela, o coração apertado no peito e o estômago se revirando. — Cain voltou?

— Acho que sim — respondeu a mãe com desprezo. — Mas isso não importa. O importante é que *Woodman* voltou!

Ginger olhou em direção à salinha de recreação em frente à sala das enfermeiras e viu vários residentes assistindo *Jeopardy!* e quatro idosos entretidos em uma partida de *bridge*. Uma faixa alegre e ornamentada com abóboras e folhas outonais estava cuidadosamente pendurada entre as quatro janelas que davam para o pátio externo, e José, o zelador, estava trocando a lâmpada no teto. Tudo parecia tão *normal*, mas como as coisas poderiam estar normais quando Cain Holden Wolfram estava de volta? Ela perdeu o equilíbrio e apoiou a mão na parede ao lado para não cair.

— Ginger? Ginger, você está aí?

— Estou, mamãe.

— Bem, já que você e Woodman são tão amigos, eu disse a Sophie que você ia dar uma passadinha lá depois do trabalho para vê-lo. Você sai às oito, certo?

— Oito. Isso. — confirmou ela, a mente ainda agitada, os olhos ardendo em lágrimas conforme se lembrava da última vez que vira Cain. Piscou para afastar as lembranças dolorosas, furiosa pela simples menção ao nome dele causava aquele efeito nela, mesmo depois de todo esse tempo.

— Então... você vai passar lá?

— Vou sim — respondeu ela. — Peraí, vou fazer o quê?

— Pelo amor da santa, Virginia Laire! Sua cabeça está nas nuvens hoje. — A mãe fez uma pausa, baixando a voz até que virasse um ronronado cheio de cumplicidade. — Ou talvez você só esteja empolgada para ver seu namorado.

— Meu... — Qualquer que fosse o transe em que estivera presa, as palavras da mãe a tiraram dele rapidamente. — Woodman *não é* meu namorado, mamãe. Nós somos só amigos.

— Ele te escreve toda semana, e não pense que eu não notei que você escreve de volta. E sempre que ele voltava para casa durante as folgas, levava você ao cinema ou para jantar no clube. Vocês são perfeitos um para o outro, Ginger.

— Somos *amigos*, mamãe.

— Seu pai também era meu amigo — cantarolou a mãe como quem sabia de tudo. — Mas eu também sabia distinguir uma coisa boa quando ela aparecia à minha frente, e Ranger McHuid era uma coisa tão boa quanto Josiah Asher Woodman. Escute o que estou dizendo, minha filha.

Argh. Quando a mãe começava a chamá-la de “minha filha”, era porque estava começando a ficar irritada, então, cabia a Ginger manter a paz.

— Eu amo Woodman — disse ela com delicadeza. — Você sabe disso, mamãe, mas eu simplesmente não...

— Amor é amor — interrompeu a mãe. — Você o ama. Isso é tudo que importa. Não se esqueça de passar lá depois do trabalho e dar as boas-vindas ao rapaz.

— Mamãe? Mamãe! Nós *não* somos... Eu não o enxergo desta...

Mas o barulho na linha indicava que a Sra. Magnolia McHuid já tinha desligado.

Ginger respirou fundo antes de se virar e entregar o telefone para Tanya.

— Está tudo bem, querida?

Ginger encarou o sorriso petulante de Tanya e assentiu. Então, foi em direção ao banheiro mais próximo e botou os bofes para fora.

Uma hora depois, Ginger estacionou na garagem circular da *Belle Royale*, desligando o motor da SUV branca e admirando a grandiosa mansão de arquitetura colonial, que só ficava atrás no quesito beleza para a casa dos pais em Apple Valley. Encarou o próprio reflexo no espelho retrovisor e aplicou mais uma camada de brilho labial. Demorou um minuto antes de recompor a compostura para ir apertar a campainha da casa. Se Cain estivesse ali e ela o visse, Ginger decidiu que seria educada, mas nem um pouco afetuosa.

— Vou cumprimentá-lo com um aperto de mão e, então, dedicar toda a minha atenção a Woodman — sussurrou para o próprio reflexo no espelho, meneando a cabeça em um gesto decidido.

Mas o coração estava acelerado e as palmas das mãos estavam encharcadas de suor. E essa reação não tinha nada a ver com Woodman.

Apesar de não se arrepender de ter beijado Woodman no baile, a realidade era que, por mais que *quisesse* sentir algo diferente pelo garoto, ela simplesmente não sentia. Amava trocar cartas com ele quando estava longe e adorava passar um tempo com o amigo quando ele voltava para casa durante as folgas, mas os poucos beijos que eles trocaram nos últimos três anos eram... sem graça. E quando ela os comparava – todos os beijos – com o

único beijo que dera em Cain, eles se reduziam a quase nada.

Ela realmente amava Woodman. Aguardava ansiosamente para que ele voltasse para casa e adorava ir com ele ao cinema ou aos jantares no clube. Woodman era lindo e bondoso, e ela se sentia como uma rainha ao lado dele. O que ele sentia por ela não era nenhum segredo – a expressão nos olhos dele só confirmavam o que ela sempre soubera. E apesar de sentir-se ainda mais pressionada a corresponder os sentimentos dele desde que tinha se formado no Ensino Médio, em junho do ano anterior, ele não fez exigências ou a forçou a tomar nenhuma decisão, o que permitiu que os dois continuassem sendo melhores amigos que, de vez em quando, se beijavam. Na maior parte do tempo, ela apenas esperava que os dois pudessem continuar daquela forma por tempo indeterminado, até que ambos encontrassem alguém que despertasse um fogo profundo em suas almas.

Mas quem sabe? pensou Ginger, esperançosa e cheia de dúvidas ao mesmo tempo. *Talvez os meus sentimentos em relação a Woodman se transformem algum dia e virem o tipo de amor que ele espera de mim.*

Afinal de contas, os sentimentos dela em relação a Cain certamente haviam mudado.

Houve uma época em que ele significava tudo para ela, um garoto problemático que Ginger acreditava piamente que conseguiria mudar com a força de seu amor. Mas agora? Agora ele era uma memória cortante e dolorosa. A garotinha estúpida de três anos atrás não conseguia acreditar que Cain seria capaz de beijá-la com tamanha paixão a não ser que sentisse por ela o mesmo que ela sentia por ele: um amor puro, eterno e incontrolável. E ele claramente não sentia nada remotamente parecido com aquilo. Depois de tê-la beijado, Ginger nunca mais o viu ou teve qualquer notícia dele. Nenhum pedido de desculpa. Nenhum cartão postal. Nenhuma visita. Nenhuma palavra. Por três anos, absolutamente nada. E a lógica dizia que ela devia aceitar que os sentimentos que Cain nutria por ela deviam ser tão irrelevantes a ponto de a garota não significar nada para ele. Era apenas uma garotinha de sua cidade natal. Nada além de um montículo na colina dele, ao passo que ele era o mundo inteiro para ela.

Levaram meses até que o coração dela finalmente se convencesse

daquilo. Ficara esperando tolamente por quase um ano, ansiando por um telefonema ou uma carta, rezando para que ele também voltasse para casa quando Woodman vinha à cidade em suas folgas. Mas um ano se transformou em dois e, depois, em três, e aquela ausência de notícias por parte de Cain só podia significar que ele nunca havia se importado com ela e que, a essa altura, provavelmente já a havia esquecido. Então, ela soterrou as memórias que envolviam Cain e esforçou-se ao máximo para esquecê-lo.

E agora? Bem, agora ele estava de volta a Apple Valley e provavelmente Ginger daria de cara com ele em algum momento. Céus, a mãe dele tinha se mudado para outra cidade e o pai literalmente morava na Fazenda McHuid. Mas ela não era mais uma garotinha deslumbrada de quinze anos. Não, senhor. Ela havia se formado no Ensino Médio, frequentava a faculdade e vivia praticamente por conta própria. Ela o cumprimentaria caso se encontrassem? É claro, irritou-se ela. Porque, afinal de contas, fora criada para se comportar como uma dama. Mas depois que ele a beijou, encheu-a de esperanças para simplesmente deixá-la de lado, partindo o coração dela? Bem, além de uma saudação educada, o máximo que ele poderia esperar dela era absolutamente *nada*. Para o inferno com Cain Wolfram. Ela só torcia para que ele a ignorasse da mesma forma que ela planejava ignorá-lo.

Saindo do carro, Ginger caminhou de forma decidida até os degraus da mansão que estivera na família de Woodman há duzentos anos, e tocou a campainha. Sra. Sophie apareceu à porta um instante depois.

— Olá, Ginger!

— Boa noite, Sra. Sophie — cumprimentou a garota, torcendo o nariz diante do forte aroma de gardênia que Sophie Woodman exalava. Sra. Sophie fazia com que Ginger se lembrasse do personagem Chiqueirinho do desenho do *Charlie Brown*, com a diferença que, em vez de estar sempre suja, a mulher estava sempre envolta em uma nuvem de aromas florais.

— Veja só se você não está absolutamente magnífica com essas roupas de trabalho — disse ela com um sorriso de desaprovação no rosto.

Ginger fitou as próprias roupas – um uniforme cor de lavanda com calças largas combinando e um tênis *Keds* branco. Sra. Sophie não gostava

que garotas fossem visitar rapazes, ainda que ela mesma tenha convidado Ginger por meio de sua mãe. A mulher deve ter reconsiderado sua reprovação tendo em vista que o filho estava ferido e que a famílias eram tão amigas. Dito isto, a leve torcida de nariz que a mulher dera deixou claro para Ginger que ela devia ter trocado de roupa antes de ir até ali.

— Vim direto do trabalho — explicou ela, sentindo o rosto ruborizar.

— É claro que veio. Sempre tão ocupada. Sem tempo até para... tomar banho — disse Sra. Sophie, fechando a porta atrás de Ginger. Por fim, deu de ombros e sua expressão se suavizou um pouquinho. — Não importa. Woodman está tão cansado, aposto que nem consegue enxergar direito. Não fique muito tempo, não queremos cansá-lo mais do que o necessário.

Sra. Sophie guiou Ginger pelo elegante hall de entrada, passando ao lado da escadaria em caracol e pela varanda até finalmente chegarem ao pátio dos fundos, onde os Woodmans costumavam desfrutar de drinques todas as noites. E ali, com o pé engessado pousado sobre uma almofada, estava Woodman.

Ela parou à soleira da porta, esperando que ele olhasse para ela, e, quando ele olhou, ela soube que ele não via seus tênis ou a roupa, seu cabelo preso em um rabo de cavalo, ou seus olhos cansados. Ele olhou para Ginger e todo o seu rosto se iluminou, e ela não conseguiu evitar de retribuir o sorriso, porque ele era uma de suas pessoas preferidas em todo o mundo, e ela sempre — *sempre* — ficaria feliz em vê-lo.

— Woodman — sussurrou ela, a voz carregada de ternura. — Woodman, é tão bom ver...

Quando o observou com mais atenção, esforçou-se para não se retrair. Ele estava *péssimo*. O rosto estava pálido e descarnado. Gotículas de suor cobriam sua testa, e quando ele tentou respirar fundo, vacilou, provavelmente por causa da dor.

— Onde estão seus remédios? — quis saber ela, uma onda de preocupação percorrendo suas veias.

— Oi para você também, Gin.

— Oi, Woodman. Onde estão seus remédios?

Ele revirou os olhos.

— Em algum lugar lá em cima.

Ginger virou-se para a mãe dele.

— Sra. Sophie, você poderia fazer a gentileza de ir buscar os remédios de Josiah?

Sophie lançou um olhar ansioso para o filho, que suspirou profundamente antes de assentir.

— Está no bolso de fora da mochila.

— Você não está tomando seus medicamentos quando deve — ralhou Ginger quando Sra. Sophie saiu de perto.

— Gin, pelo amor de Deus, será que dá para você vir até aqui para que eu possa te dar um beijo? Desligue o modo enfermeira por um segundo e me dê as boas-vindas, caramba!

Um pequeno sorriso fez os olhos dele se iluminarem conforme ela se inclinava e plantava um beijo na testa dele.

— Bem-vindo de volta — disse ela suavemente. — Estou feliz por você estar inteiro.

— Eu também.

Ginger deu um passo para trás e viu os sentimentos estampados nos olhos de Woodman – o desejo, a saudade, o amor que ele sentia por ela. Ela corou e baixou os olhos, sentando-se em uma cadeira em frente a ele em vez de se sentar ao lado do garoto.

— Sua aposentadoria já saiu?

A centelha em seus olhos se apagou conforme pegava a xícara de café na mesa ao lado e suspirava.

— Ainda não.

— Mas logo sai.

Ele assentiu.

— É o que eles dizem.

— E depois?

— Depois, eu vou estar aposentado da Marinha aos vinte e um anos de idade.

— Não — corrigiu-se ela. — Eu quis dizer... O que vai fazer depois? Faculdade? Trabalho? O que pretende fazer?

— Nada de faculdade. Já tive minha parcela de receber ordens. — Ele deu de ombros, a expressão agitada. — Eu não sei, Gin. Será que posso me acostumar a estar de volta primeiro?

Seu tom de voz estava sucinto, e Ginger, que não estava acostumada com aquele tratamento abrupto vindo dele, empertigou-se na cadeira e o encarou, surpresa.

— Foi mal — desculpou-se ele baixinho.

— Não foi nada — garantiu ela, abrindo um sorriso. — Estou muito, muito feliz por você estar de volta.

— Está?

— É claro que estou.

— De verdade, Gin?

— Você é o meu melhor amigo, Woodman. É claro que eu estou...

— Aqui estão! — exclamou Sra. Sophie, juntando-se a eles e entregando a mochila de Woodman para Ginger.

Ela agradeceu à mãe de Woodman com um aceno de cabeça antes de virar-se para ele e analisar a expressão em seu rosto. Estava rígida e frustrada, incomodada e ansiosa. *O que aconteceu?* perguntou-se ela. *Por que ele está tão...*

É claro.

Você é o meu melhor amigo.

É isso que aconteceu.

Parecia que não conseguia fazer nada certo esta noite. Estava com as roupas erradas, cumprimentou-o de forma errada, fez as perguntas erradas, e magoou Woodman ao lembrá-lo que só o via como um amigo quando tudo que ele queria era ter seu amor correspondido. Tudo bem. Hora de ir embora. Ela voltaria para casa dali a um minuto, mas não antes de se certificar de que ele estava tomando os remédios corretamente. A estudante de enfermagem dentro dela não conseguiria ir embora antes de verificar isso.

Ela vasculhou o bolso da mochila, pegando um frasco de Vicodin e o levantando.

— Está vendo isso aqui?

Woodman assentiu.

— Aqui diz “Tome um a cada quatro ou seis horas para aliviar a dor”, certo?

Ele assentiu novamente.

— Você está sentindo dor?

Os olhos dele ainda estavam semicerrados e inundados de dor quando assentiu mais uma vez, mas desta vez acrescentou com frustração na voz:

— Sim, Gin. Está doendo.

Ela quase titubeou diante do duplo significado daquelas palavras, mas manteve o rosto impassível e ignorou o comentário.

— Então, você devia estar tomando o remédio a cada quatro ou seis horas. Quando tomou pela última vez?

Ele deu de ombros e afastou o olhar.

— Tomei metade de um comprimido às quatro da tarde.

— Já são oito e meia. Tome outro — Ela abriu o frasco, pegou um comprimido e o estendeu para ele.

Ele demorou um pouco para pegar o remédio, encarando-a a fixamente e deixando os dedos relaxarem sobre a palma de Ginger por mais

tempo do que necessário.

— Tá.

Ela observou enquanto ele enfiava o comprimido na boca e o engolia com o café. Depois, escancarou a boca para provar que havia engolido.

— Está feliz agora?

Ela não estava nada feliz.

Não estava nada feliz por ver o amigo sofrendo, fosse por causa do machucado ou porque ela não conseguia corresponder os sentimentos dele.

Não estava nada feliz por Cain finalmente estar de volta, porque ela tinha demorado muito tempo para se recuperar da dor de ter seu coração partido, e a volta repentina do garoto só fazia aquela dor voltar à tona.

Não, ela não estava nada feliz.

— Sim — respondeu ela, ficando de pé para se despedir. — Estou feliz agora.

Ginger tinha decidido virar enfermeira depois que a avó havia sido transferida para Silver Springs três anos antes – ela passava tanto tempo visitando vovó e trabalhando como voluntária na casa de repouso que conhecia o lugar, e as pessoas que moravam ali, como a palma de sua mão. Quando a avó se mudou para Silver Springs, pareceu sofrer uma melhora. Parecia feliz com a companhia de outros idosos (ela apelidou Silver Springs carinhosamente como Clube de Campo dos Velhotes). Ainda conseguia caminhar sozinha e tornou-se muito popular em diversos grupos da parte residencial do local. Mas no mês anterior, vovó sofrera duas quedas, a segunda tendo sido a mais grave e rendendo uma costela fraturada. E apesar de os médicos decidirem que ela ainda não precisava de uma cadeira de rodas, o seu caminhar havia sido profundamente afetado, o que a deixou em um estado de espírito bem ruim. Teve que começar a considerar a mudar-se para o Silver Springs Care Center que ficava do outro lado da rua, uma adorável casa de repouso com todos os aparatos médicos de um hospital.

Entre vovó e Woodman, ambos frustrados pelas limitações apresentadas por seus corpos e descontando essa decepção em todos ao seu redor, este outono prometia ser *incrível*, pensou ela acidamente, antes de se punir por pensar coisas tão desagradáveis. Ela gozava de saúde perfeita e não tinha nenhum direito de julgar a avó, cujo corpo traiçoeiro estava ficando decrepito cedo demais, ou Woodman, que estava se aposentando de um emprego que amava aos vinte e um anos e que, provavelmente, ficaria aleijado pelo resto da vida.

— Só estou cansada — murmurou ela, entrando na estrada que levava à garagem. — Vou dormir e amanhã estarei me sentindo melhor.

Mas suas intenções foram frustradas quando avistou uma figura solitária, prostrada em uma das cercas do piquete, virar-se em direção aos faróis do carro. Apesar de só conseguir ver o contorno de uma silhueta alta, Ginger sabia quem era. Sabia exatamente quem era, e prendeu a respiração enquanto os olhos se enchiam de lágrimas. Sem pensar duas vezes, freou o carro e agarrou o volante com as duas mãos, preparando-se para encarar o cara que partira o seu coração três anos antes.

Ele acenou com a mão, atravessando na frente do carro e aproximando-se para cumprimentá-la. E, apesar de a ideia de acelerar e passar por cima dele tenha cruzado sua cabeça, ela decidiu que homicídio só serviria para piorar ainda mais a sua noite, então desacelerou por completo e baixou o vidro da janela.

E – Jesus, Maria e todos os santos do céu – ele de alguma forma conseguiu ficar ainda mais bonito durante aquele tempo. Ela abriu a boca e um pequeno lamúrio escapou de seus lábios, mas ela rezou para que ele não tivesse escutado. Para dizer a verdade, ele parecia um pouco desconfortável por estar na presença dela. Enquanto ele caminhava em direção ao carro e apoiava as mãos no parapeito da janela, Ginger fechou os lábios e tentou manter o rosto impassível. Não fazia ideia se tinha conseguido já que estava distraída pelo pulsar incessante de seu coração.

Ela deve ter murmurado *Bem-vindo de volta*, mas não tinha certeza.

— Oi, princesa.

Princesa.

O coração, cheio até a borda com emoções, acelerou diante do som da voz de Cain a chamando por aquele apelido carinhoso. Ela tentou evitar o sorriso e esforçou-se para abrir uma cara feia. Apelidos fofos só a fariam se apaixonar novamente, e apaixonar-se por uma babaca como Cain era pedir para ter o coração partido. Ela já havia atingido sua quota de sofrimento.

— Ginger é melhor.

— Ela é mesmo — zombou ele, sorrindo.

Repentinamente, a fúria borbulhou dentro dela.

Inacreditável.

Você me deu o bolo naquele baile há três anos sem ao menos pedir desculpa, e, agora, você tem a audácia de flertar comigo? Ela riu com escárnio e olhou para o freio, tentada a soltá-lo e afundar o pé no acelerador.

— Algumas coisas nunca mudam.

— Como assim?

Ginger ergueu o olhar e fitou Cain com os olhos carregados com toda a dor que ainda habitava em seu coração.

— Continua sendo o mulherengo superficial de sempre, né?

Retraindo-se, ele retirou as mãos do peitoril da janela e afastou-se do carro, tendo a audácia de parecer machucado. Ele deslizou o polegar pelo lábio inferior – o que a fez encarar aqueles malditos lábios e pensar na sensação de tê-los pressionados contra os dela – antes de levar as mãos às laterais do quadril.

— Continua sendo bravinha, né?

Seus pulmões se contraíram e as lágrimas ameaçaram vir aos olhos, mas ela preferia morrer a permitir que ele soubesse como aquele comentário machucara. Foi a primeira vez que ele fez menção ao bolo que deu nela, e aparentemente não havia nenhum pedido de desculpa à vista.

Sim! ela quis gritar. *Sim, ainda estou brava. Sim, ainda estou*

magoada. Sim, você partiu meu coração. E, sim, você fez com que eu me sentisse insegura em relação à minha habilidade de beijar. E, sim, se Woodman não tivesse me levado àquele maldito baile... Woodman... Woodman.

— Acabei de ver Woodman — comentou ela, virando-se para olhar para ele e segurando o choro. Woodman estava bravo com ela, e Cain continuava sendo um babaca, e tudo que ela queria era fugir dali, correr em direção ao antigo chalé da avó e aninhar-se na cama para chorar à vontade. Mas tinha muita dignidade para simplesmente fugir, então ergueu o queixo e optou por ter uma conversa educada. — Obrigada por trazê-lo para casa.

Cain deu de ombros, a expressão petulante tornando-se séria.

— Eu faria qualquer coisa por ele.

— Eu também — respondeu ela sem precisar pensar duas vezes.

Os seus olhares se encontraram e, por um momento – por apenas um segundo – ela pensou ter enxergado mais do que irreverência usual que habitava os olhos de Cain. Viu arrependimento e curiosidade e saudade e tantas outras coisas maravilhosas que até perdeu o fôlego. A mão dele saiu do quadril e foi em direção ao rosto dela e os seus olhos, ainda fixos aos de Cain, observaram o movimento da mão dele com a visão periférica. Ela inclinou-se para frente para que ele levasse a mão ao rosto dela. Seu corpo inteiro tremeu e ela fechou os olhos, lembrando-se da sensação da mão dele em seu rosto, dos seus lábios contra os dela, de...

O rangido do espelho retrovisor sendo ajustado fez com que ela abrisse os olhos a tempo de ver Cain deslizar os dedos pelo cabelo e sorrir para o próprio reflexo.

— Como eu estou? — perguntou ele, dando uma piscadela.

Sou oficialmente a criatura mais patética da face da Terra e eu me odeio.

Ela soltou o ar pela boca em um sibilo de desaprovação.

— Como se estivesse prestes a dar uma de Cain... no sentido bíblico — vociferou ela, aliviada quando a raiva voltou à tona, abafando a dor e a

esperança. Não era difícil fingir que estava brava com ele. Já estava brava o suficiente consigo mesma para que parecesse genuíno.

Ele soltou um risinho.

— Sou um homem mudado. Meus dias de rebeldia ficaram para trás, querida. Agora o meu lema é servir e proteger.

— Confio tanto em você quanto uma galinha confia em uma raposa.

— É, você continua tão afiada quanto o bico de uma galinha — rebateu ele, sorrindo.

Foi uma resposta inteligente e, se não estivesse tão magoada e excitada e brava e confusa, talvez tivesse rido. Em vez disso, respirou fundo e afastou o olhar. Sem dúvidas ele estava a caminho da destilaria para se encontrar com uma garota, e ela já tinha um encontro marcado com a cama.

Mas depois de dois encontros tão desastrosos com as duas pessoas que significaram tanto para ela no passado, Ginger mal conseguiu conter as lágrimas.

— Bem-vindo de volta, Cain — sussurrou ela. Então, antes que pudesse fazer algo de que se envergonhasse, subiu o vidro da janela e deu partida no carro, sem nunca olhar para trás.

— Você é uma idiota — murmurou ela, estacionando ao lado da caminhonete antiga da avó e fechando a porta do carro com um baque antes de correr em direção ao chalé, ainda encharcado com o cheiro reconfortante da avó.

Ela era muito mais do que idiota se pensava que conseguiria ignorar Cain enquanto ele estivesse por perto. Eles conversaram por apenas dois minutos, mas fora o suficiente para provar algumas verdades duras que Ginger não estava muito ansiosa para engolir:

A primeira era que ela ainda não tinha superado Cain.

E a segunda era que, se tivesse chance, ele partiria o coração dela em milhões de pedacinhos novamente.

Exausta, subiu as escadas em direção à cama e enxugou as lágrimas

que escorriam pelo rosto antes de sussurrar em meio à escuridão:

— Seja forte, Virginia Laire McHuid. *Não se atreva* a dar a ele a chance de partir seu coração.

Capítulo Nove

~ *Woodman* ~

O acidente aconteceu do nada. Esta era a coisa que mais assombrava Woodman. Em um minuto, estava parado na pista do navio orientando um jatinho à posição certa e, no minuto seguinte, o tornozelo estava sendo esmagado por uma empilhadeira. Em seus pesadelos, conseguia sentir o metal rasgando a pele e fraturando o seu tornozelo, e ele se sentia preso e completamente impotente para fazer qualquer coisa e se salvar.

Vinte segundos.

Este foi o tempo que demorou para que a vida de Woodman mudasse para sempre.

Ele entrou em choque e mal conseguia se lembrar do voo de helicóptero de Barcelona até Morón de la Frontera. Quando foi levado de avião até a Alemanha, estava tão entorpecido por analgésicos que só acordou depois que a cirurgia havia sido feita.

Odiava ter que depender dos outros. Odiava não poder nem ao menos dar uma mijada no hospital sem ter que chamar uma enfermeira para ajudá-lo a sair da cama. Não podia dirigir. Ficou preso a uma cadeira de rodas por semanas e, agora, dependia de muletas. Era o sentimento de impotência que mais o incomodava. Odiava que o vissem daquele jeito. Menos Cain.

Algo em relação a Cain fazia com que Woodman não se sentisse tão mal – talvez fosse o fato de Cain ser parte da família, e a família tem permissão para ver você em seu estado mais deplorável e vulnerável. Ou talvez fosse o modo impetuoso do garoto – a forma como continuava a tratar Woodman como se o machucado fosse apenas temporário e como se tudo fosse possível. Aquilo fazia com que Woodman sentisse que o seu mundo não tinha entrado em colapso. Mas era mais do que isso. Depois do horror do que acontecera com a perna e o pé, depois do trauma das cirurgias, e depois da aceitação lenta e certa de que sua vida nunca mais seria a mesma,

Woodman sentia-se terrivelmente só. Até Cain aparecer em seu quarto no Landstuhl Medical Center.

Os médicos e as enfermeiras estavam preocupados com o tratamento, é claro. Mas Cain? No instante em que ele adentrou o quarto de hospital, Woodman sentiu uma onda de conforto. Porque apesar da fase de afastamento que enfrentaram durante a adolescência, quando a merda atingiu o ventilador, Cain estava lá. E ver o rosto de Cain era quase como voltar para casa. Era mais do que isso, era quase como sentir uma onda imensa de conforto.

Deitado em uma cama de hospital e sentindo dores horríveis, Woodman teve tempo para pensar no seu relacionamento com o primo, reavaliando-o e decidindo que trataria aquela relação com mais cuidado. Não era de se espantar que frequentemente comparassem o relacionamento dos dois ao de dois irmãos – como eram filhos de irmãs gêmeas idênticas, Woodman e Cain eram, geneticamente falando, meios-irmãos. Mas a triste realidade desta comparação era que Sophie, a mãe de Woodman, havia se casado com um banqueiro cujo maior prazer na vida, além de ganhar dinheiro, era agradá-la. Sarah, por outro lado, apaixonara-se por um estrangeiro de cabelos negros e olhos azuis, que a engravidara antes mesmo que tivessem a chance de descobrir se de fato gostavam um do outro. Com toda a diferença cultural, monetária e idiomática, os dois casamentos produziram duas crianças muito, muito diferentes.

A vida não era um desafio para Woodman. Ele sabia que era bem-apegoado, tirava boas notas no colégio, e todas as pessoas em Apple Valley pareciam considerá-lo como um garoto de ouro. Mas Cain? Desde criança, o garoto apresentara um comportamento rebelde, provavelmente no intuito de chamar atenção dos pais infelizes, e fora rotulado como um causador de problemas quando ainda estava no ensino fundamental. E, como uma profecia que causa autossatisfação, foi exatamente aquilo que Cain se tornara para as pessoas de Apple Valley: a maçã envenenada do condado – linda por fora, mas podre por dentro.

Os Gêmeos W. Um cheio de luz, um cheio de escuridão. Um bom, um mau.

Exceto que as pessoas de Apple Valley, que obviamente adoravam os clássicos contos de fada com príncipes e vilões, não conheciam Cain de fato. Apenas ouviam falar de suas travessuras, muitas vezes aumentadas no boca a boca. Não sabiam que não havia nada podre ou envenenado no interior do garoto. Não sabiam que ele se jogaria na frente de um trem para salvar alguém que amava. Não sabiam dos riscos que ele correria para tentar atrair um pingue que fosse da atenção dos pais. Não sabiam que a fila de garotas com as quais dormia era apenas uma tentativa de se sentir conectado ou amado por alguém. E, definitivamente, não sabiam que a princesa daquele pequeno reino estivera apaixonada por Cain desde que era uma garotinha.

Mas Woodman sabia de todas essas coisas.

Sabia e remoía tudo aquilo incessantemente enquanto ficava deitado em camas de hospital por horas a fio, entorpecido por medicamentos, incapaz de processar toda a extensão das consequências de seu machucado e morrendo de saudade de casa.

Será que Cain era um homem melhor que ele?

O cérebro de Woodman insistia que não. Cain era grosseiro, mal-educado, irreverente, impertinente e irresponsável, e xingava como um marinheiro mesmo antes de ter de fato virado um. E tinha um pau que já fora tão usado que era de se espantar que ainda funcionasse. Mas o coração de Woodman sabia a verdade: no fundo, a impulsividade de Cain significava que ele arriscaria a própria segurança para salvar as pessoas que amava. E Woodman sabia que ele mesmo até poderia tomar a mesma decisão, mas não viria do mesmo lugar visceral e instintivo que as ações de Cain pareciam ser criadas. Sempre haveria um lampejo de dúvida, de ponderação, de análise. E era esse lampejo que respondia à pergunta que Woodman fizera a si mesmo. Ambos eram homens bons, mas a natureza de Cain – a mesma natureza que o fazia tomar decisões baseadas na emoção e não na razão – fazia com que ele fosse o de coração mais puro entre os dois, a matéria-prima com mais qualidade, ainda que apresentasse uma forma bruta.

Mas Woodman não estava acostumado a ficar em segundo plano, então, apesar de reconhecer a veracidade daqueles pensamentos, prevenia-se contra eles, sentindo-se muito mais confortável nos papéis tradicionais que os

dois desempenhavam durante toda a vida: o garoto de ouro e o demônio de olhos azuis. Na verdade, além de Woodman, a única pessoa que parecia enxergar o verdadeiro valor de Cain era a princesa. Ginger.

No jardim de rosas que era a vida de Woodman, Ginger, de todas as pessoas, era o espinho inesperado.

Porque o garoto de ouro, o filho dos cabelos louros, o príncipe, era quem deveria conquistar a princesa. Não o vilão. Não o demônio. O príncipe, porra. E apesar de se esforçar para ser tudo que ela sempre quis, foi Cain que conquistou o coração da garota. Woodman era a segunda opção, mesmo que desejasse, do fundo do coração, ser a primeira.

Ginger sempre fora parte de seu plano – a *melhor* parte de seu plano – especialmente porque era muito fácil se apaixonar por ela. Era linda, forte e ousada – uma dama perfeita em um minuto, uma garota atrevida no minuto seguinte. Woodman sentia adoração por ela desde sempre, e a parte mais angustiante e dolorosa de sua vida era o fato de que ela também o amava, mas não da forma que ele queria.

Ficara esperançoso na noite do baile, pensando que o relacionamento deles estava prestes a dar uma guinada. Ela estava tão magoada com Cain. Estava com tanta raiva do garoto. Woodman sabia que os sentimentos de Ginger por Cain estavam confusos e correndo risco de se extinguirem, então, aproveitando-se daquela situação, ele a beijara. E, para ele, aquele momento mudou tudo: ela permitiu que ele a beijasse, e aquilo significava que, independentemente de ser a primeira ou segunda escolha do coração da garota, Woodman tinha uma chance. E ele viveria em função daquela chance até que se tornasse a *única* escolha de Ginger.

E, considerando tudo? Suas chances não pareciam tão ruins antes do acidente. Ela escrevia para ele com frequência – histórias divertidas e animadas sobre o que se passava em Apple Valley, mantendo-o conectado à cidade e, ainda mais importante, a ela. E, no final de todas as cartas, ela escrevia *Com amor, Ginger*. Ele tirara várias folgas para ir para casa, e apesar de sempre ficar feliz por rever os pais, o real motivo da visita era ver Ginger. Com o passar do tempo, ela perguntava cada vez menos sobre Cain, até que finalmente parou de perguntar sobre o garoto por completo. Woodman sabia

como Cain magoara Ginger por tê-la beijado e dado um bolo nela na noite do baile. Cain partira o coração da garota, e Woodman estivera lá para recolher os cacos.

Em vez de se afastar de Ginger durante os três anos de serviço militar, entre cartas e visitas, Woodman sentia que estavam mais próximos do que nunca. E a chance de conquistá-la, de ser a única escolha da garota, parecia cada vez mais provável. Em sua cabeça, imaginara que terminaria os quatro anos de serviço militar e voltaria para casa, e conseguiria um emprego no corpo de bombeiros da Reserva da Marinha local. Ginger estaria prestes a se formar da faculdade, o que daria tempo suficiente para que eles se reconectassem antes que Woodman a pedisse em casamento. E, se tudo desse certo, a obsessão infantil que ela sentia por Cain já teria chegado ao fim àquela altura, e Woodman seria, finalmente, a única e eterna escolha de Ginger.

Era um plano sólido... até que uma empilhadeira esfaqueou o seu pé, mudando o rumo de sua vida por completo.

Agora, em vez de estar de volta como uma escolha saudável e agradável para o resto da vida de Ginger, ele voltava como um aposentado de vinte e um anos, um inválido, um jovem que mancava como um velho, que provavelmente seria atormentado pela dor e por problemas físicos pelo resto da vida. Se fosse um cavalo, provavelmente seria sacrificado.

— Estamos quase chegando — anunciou Cain ao lado, guiando Woodman para um destino incerto, especialmente no que dizia respeito a Ginger. — Você está acordado?

Ele estava acordado havia um tempo, refletindo sobre a própria vida, tentando manter os medos que sentia trancados dentro de si.

— Estou.

— Bem, então anime-se, meu filho! — exclamou Cain. — Sua mãe vai ficar maluca quando te ver!

Woodman virou a cabeça para lançar um olhar seco a Cain.

— Preferia voltar ao quartel com você.

Cain encarou Woodman e revirou os olhos.

— Com um bando de marinheiros suados e fedorentos? Tem certeza, Woodman?

— Eu não consigo nem andar, porra. Estou parecendo uma maldita criança.

Sem aviso prévio, em uma estrada escura a cerca de um quilômetro da cidade, Cain freou o carro bruscamente e virou-se para Woodman.

— Cale. A. Porra. Da. Boca.

— Você não entende. Você não...

— Você é o melhor homem que conheço, Josiah.

Woodman respirou fundo. Cain era uma das únicas pessoas que Woodman conhecia que o chamava pelo seu primeiro nome, e, quando fazia isso – em ocasiões como esta – dava uma sensação maior de proximidade.

Não, pensou ele. Você é.

Mas ele silenciou aquele pensamento como sempre fazia, virando-se para olhar para o primo, precisando desesperadamente do sermão estimulador que estava prestes a receber.

— E eu entendo. Eu entendo, porra. Uma parte de sua vida chegou ao fim. — Cain estalou os dedos. — Em um piscar de olhos, tudo mudou. Mas sabe de uma coisa, Josiah? Você continua sendo a mesma pessoa que rompeu o ligamento do joelho e ainda assim foi eleito co-capitão do maldito time de futebol! Eu nunca fui eleito capitão nem da minha própria punheta.

— Ah, é? — perguntou Woodman. — Você perdeu esse posto?

A expressão no rosto de Cain passou de séria para convencida.

— Fiquei empatado com Mary-Louise Walker.

Woodman riu, mas sua risada foi morrendo aos poucos conforme avistou as luzes de sua cidade natal pela janela do carro.

— Eu estava tão perto — lamentou-se ele baixinho, mais para ele do que para Cain. *Eu estava tão perto de conquistá-la, e agora...*

— Perto de quê? De ter tudo que sempre quis? — perguntou Cain, dando um tapa na perna boa de Woodman. — Pode acreditar em mim, Josiah. Você ainda vai ter tudo que sempre quis. Você é o garoto de ouro, cara. O melhor dos homens. Se existe alguma pessoa na Terra cuja vida eu sei que vai ser um sucesso, é a sua. Então, vê se consegue se animar, tá? Você está voltando para casa. Tem uma nova vida inteira pela frente! E vai ser incrível. Eu sei que vai!

Woodman assentiu com gratidão para o primo, e Cain pisou no acelerador e guiou o carro de volta à estrada.

O garoto de ouro com a perna estilhaçada.

O segundo melhor homem que ainda desejava a esquiva princesa.

O aleijado de vinte e um anos cuja vida havia tomado uma guinada e nunca mais seria previsível ou segura novamente.

Os punhos de Woodman se cerraram nas laterais do corpo conforme eles adentravam a cidade. Qualquer que fosse essa nova vida que estava começando, o seu sucesso e a sua grandeza dependiam exclusivamente de uma pessoa, e Woodman rezou para que o seu destino estivesse entrelaçado às batidas do coração de Ginger.

Ele não sabia que a mãe havia ligado para Sra. Magnolia até que Ginger apareceu do nada no pátio de sua casa.

— Woodman — disse ela, a voz afetuosa e exuberante, tão bem-vinda quanto a chuva em um dia de verão e tão doce como uma melodia. — Woodman, é tão bom ver...

Ela sorria de orelha a orelha, fazendo com que ele sofresse de desejo com a mesma intensidade que suas veias palpitavam de prazer. Infelizmente, o sorriso sumiu depressa. Os olhos dela se arregalaram conforme ela fitava o rosto do amigo e franzia o cenho.

— Onde estão seus remédios?

— Oi para você também, Gin.

— Oi, Woodman. Onde estão seus remédios?

Exatamente como ele temia, ela passou a enxergá-lo como um paciente logo de cara. Ele escondeu a decepção com um revirar de olhos.

— Em algum lugar lá em cima.

Ginger virou-se para a mãe dele.

— Sra. Sophie, você poderia fazer a gentileza de ir buscar os remédios de Josiah?

Além de Cain, Ginger também se referia a ele pelo primeiro nome às vezes, quase sempre quando estava dando bronca nele, o que Woodman amava.

— Você não está tomando seus medicamentos quando deve.

Ele estava tão feliz em vê-la que sorriu e meneou a cabeça.

— Gin, pelo amor de Deus, será que dá para você vir até aqui para que eu possa te dar um beijo? Desligue o modo enfermeira por um segundo e me dê as boas-vindas, caramba!

— Bem-vindo de volta — disse ela suavemente, inclinando-se sobre ele.

Ele sentiu o aroma de limão de seu shampoo e inclinou a cabeça para pressionar os lábios contra os dela, mas ela plantou um beijo suave em sua testa, como se ele fosse de porcelana. Se fosse para ser assim, ele preferia que ela nem o tivesse beijado. Ela deu um passo para trás e sentou-se em frente a ele, ignorando o lugar vago ao seu lado, que possibilitaria que ele segurasse a mão dela. Um calafrio percorreu seu corpo. Era como se seus medos mais sombrios estivessem se tornando realidade. Será que ela o enxergava como um homem decrépito agora?

— Sua aposentadoria já saiu? — perguntou ela.

— Ainda não.

— Mas logo sai.

— É o que eles dizem.

— E depois?

O tom de sua voz estava cáustico tamanha amargura e decepção que sentia:

— Depois eu vou estar aposentado da Marinha aos vinte e um anos de idade.

— Não — respondeu ela. — Eu quis dizer... O que vai fazer depois? Faculdade? Trabalho? O que pretende fazer?

Ele deu de ombros, desejando que ela fosse embora. Ele não estava pronto para vê-la — não estava preparado. Ele estava com uma aparência péssima e sentia-se péssimo por dentro. Queria estar com uma aparência perfeita quando visse Ginger, e não tão fraco e debilitado como estava agora.

— Nada de faculdade. Já tive a minha parcela de obedecer ordens. Eu não sei, Gin. Será que posso me acostumar a estar de volta primeiro? — revoltou-se ele.

Os olhos da garota se arregalaram, magoados, e ela empertigou-se na cadeira, encarando-o.

— Foi mal — desculpou-se ele.

— Não foi nada — disse ela, abrindo um sorriso que iluminou aquele rosto lindo e fez o coração dele se contrair de desejo. — Eu estou muito, muito feliz por você estar de volta.

Bem, isso já era alguma coisa.

— Está?

— É claro que estou.

A sua esperança cresceu.

— Está mesmo, Gin?

— Você é o meu melhor amigo, Woodman. É claro que eu estou...

Porra, porra, porra, porraaaaaaaa.

— Aqui estão! — interrompeu a mãe, entregando a mochila para

Ginger.

Ela chegou na hora certa. Se ele já tinha descontado a frustração em Ginger quando ela perguntou sobre seus planos para o futuro, estava prestes a explodir quando ela se referiu a ele como melhor amigo. A presença da mãe dispersou seu mau humor e ele cerrou a mandíbula, fuzilando Ginger com os olhos até que ela percebeu e desviou o olhar. Ocupou-se vasculhando a mochila em busca dos remédios, até que pegou um frasco e o ergueu no ar.

— Está vendo isso aqui?

Tudo que ele via era a garota dos seus sonhos tratando-o como um paciente, não como um homem. Ele assentiu de leve.

— Aqui diz “Tome um a cada quatro ou seis horas para aliviar a dor”, certo?

Ele assentiu novamente.

— Você está sentindo dor?

Ele fitou aqueles profundos olhos castanhos, perdendo-se neles, aterrorizado com a ideia de que um acidente fosse o responsável por arruinar de vez as chances que ele tinha com ela.

— Sim, Gin. Está doendo.

Ela estremeceu de leve, completamente consciente do duplo sentido do que ele dissera. Depois, ergueu o queixo e voltou ao modo enfermeira.

— Então, você devia estar tomando o remédio a cada quatro ou seis horas. Quando tomou pela última vez?

Ele deu de ombros e afastou o olhar. *Vá embora, por favor. Não consigo mais aguentar.*

— Tomei metade de um comprimido às quatro da tarde.

— Já são oito e meia. Tome outro.

Ela abriu o frasco e pegou um comprimido, estendendo-o em direção a ele.

Ele fixou seu olhar ao dela, agarrando-se a ele com força, torcendo

para que ela conseguisse ver que ainda existia um homem forte e vigoroso sentado ali, ainda que o pé estivesse estilhaçado. Ele era um homem e ela era uma mulher, e eles seriam perfeitos um para o outro se ela ao menos desse uma chance a ele. Ela nunca mais ia querer mais nada. Ele passaria o resto da vida a fazendo feliz. Se ela ao menos conseguisse enxergá-lo – conseguisse enxergar o tamanho de seu amor por ela e simplesmente o aceitasse.

Ele deixou os dedos permanecerem na palma da mão dela antes de pegar o comprimido e o engolir.

— Está feliz agora?

— Sim — disse ela, ficando de pé e beijando a testa dele novamente.
— Estou feliz agora.

Ela não parecia nem um pouco feliz, mas quando aqueles doces lábios pousaram em sua testa em um beijo casto, um beijo que ela daria em um irmão ou em um bebê, Woodman fechou os olhos e deixou-se levar por aquele toque. E, para sua surpresa, seu coração, que ainda carregava grandes esperanças, não conseguiu conceber a ideia de desistir de Ginger.

Ainda que as coisas com Ginger não tivessem corrido conforme o esperado esta noite, Woodman sentia-se muito melhor do estivera de manhã. Tomou outro comprimido de Vicodin às três da madrugada e dormiu até às nove, quando tomou outro comprimido. Agora que a dor estava mais controlada, ainda se sentia péssimo, mas não tanto quanto o dia anterior.

Pelo menos não no sentido físico.

O coração, no entanto, estava um pouco dolorido.

Depois do cumprimento inicial de Ginger, ela não tinha dado as boas-vindas animadas e cheias de beijo que ele esperava. E, enquanto ele estava ansioso para que comesçassem a namorar oficialmente, a garota parecia mais preocupada com os analgésicos que ele estava tomando. Talvez estivesse na hora, mais do que na hora, de botar todas as cartas à mesa. Ele estava em casa. Ela também. Ele queria ficar com ela. Já estava na hora de se declarar.

Quando Cain chegou, mais tarde naquela manhã, Woodman estava sentado na varanda, ainda de mau humor.

— Como você está? — quis saber Cain, sentando-se ao lado do primo. — Está feliz por estar de volta?

Woodman deu de ombros e estendeu a mão para pegar o copo de chá gelado que a mãe preparara para eles.

— É bom rever meus pais. Mas odeio a forma como olham para mim.

— Eles só estão preocupados, cara. Logo, logo eles se acostumam.

— É, eu sei — murmurou ele, botando o copo de volta à mesa. — Quer saber qual é a pior parte?

— Pode falar.

— Eu *gostava* de ser responsável pelo controle de danos, Cain. Eu *gostava* de combater incêndios. Gostava de me sentir como um... super-herói. Eu teria feito isso pelo resto da vida. Teria passado os quatro anos lá e depois voltaria para casa e começaria a trabalhar no corpo de bombeiros. Sem necessidade de ir para a faculdade. Apenas a pensão que ganharia do governo e o emprego que eu conseguiria aqui na cidade, apagando incêndios e salvando pessoas. Talvez até conseguisse ser promovido a chefe depois de alguns anos. Com Ginger ao meu lado, seria uma boa vida. Uma vida muito boa mesmo.

— Você ainda *pode* ter essa vida.

— *Como?* — explodiu Woodman, a frustração tomando conta de seu corpo. — Como é que eu vou ter essa vida se não consigo nem ao menos... porra! Não consigo nem ao menos andar sem a ajuda de muletas? Eu não posso salvar pessoas de incêndios, Cain. Eu não posso ser um bombeiro. Não posso... Não posso...

— Você ainda pode ajudar! — gritou Cain, parecendo furioso. — Pare de se sentir tão impotente, Josiah! Você ainda pode trabalhar no corpo de bombeiros. Você pode, sei lá, porra, ficar encarregado de atender o telefone! Compartilhar o que aprendeu enquanto servia ao seus país! Ter um

jantar esperando por você quando os bombeiros voltarem da rua! Porra, você ainda pode ser *útil*!

— Está tudo bem aí? — perguntou mamãe, enfiando a cabeça pelo vão da porta e remexendo as mãos enquanto observava os dois, lançando um olhar de censura a Cain. — Talvez seu primo esteja te cansando, querido?

— Não — respondeu Woodman, negando com a cabeça e afundando os ombros. — Não é o Cain, mãe. Sou eu.

— Por quê? Você está apenas... — Ela deu um passo em direção à varanda, fazendo um gesto inútil em direção ao pé dele antes de encará-lo com os olhos marejados.

— Ele está se recuperando — declarou Cain com suavidade.

— Está se recuperando. Isso é tudo. Oras, logo você vai se recuperar e começar tudo com o p... — Dando-se conta do que estava prestes a dizer, a mãe arfou e levou a mão ao peito.

— Começar tudo com o pé direito... e com o esquerdo — finalizou Cain, confiante. — Sabe por quê? Porque você é o filho da puta mais durão que eu conheço.

— Ah, minha nossa! — exclamou a mãe, abanando o rosto diante do palavreado de Cain.

— Não fale palavrão em frente à minha mãe, Cain. Onde foi que você foi criado? Em um celeiro?

— Não — respondeu ele, piscando para o primo. — Mas estou morando em um!

Woodman revirou os olhos, mas não conseguiu evitar o riso, e até mesmo a sua mãe soltou uma risadinha antes de beijar o topo da cabeça dele e voltar para o interior da casa. Quando ela já estava longe o suficiente, Woodman inclinou-se para frente.

— Ela está me tratando com muito cuidado. Faz com que eu me sinta um inválido.

— Ela é a sua mãe. Sorria e agradeça.

— É, acho que sim. — Ele fez uma pausa, mudando de assunto e observando Cain atentamente. — Vi Ginger ontem à noite. Ela passou aqui depois do trabalho.

— Ah, é? Onde ela está trabalhando?

— Silver Springs. Sabe, onde a avó dela está morando.

Cain assentiu.

— Sei.

— Ela está maravilhosa, Cain — segredou Woodman, levando o copo aos lábios, o olhar pregado ao rosto de Cain. Se Cain tivesse se encontrado com Ginger, Woodman conseguiria ver um lampejo de concordância nos olhos do primo. — Ela é, bem, ela é tudo que um homem pode querer.

— É mesmo?

— Só de vê-la já me deu vontade de, bem, me deu vontade de, sei lá... Parar de sentir pena de mim mesmo e descobrir o que o futuro me reserva.

Woodman sentiu-se aliviado quando Cain assentiu, um sorriso encorajador nos lábios.

— Fico feliz de ouvir isso, cara.

Mas não era o suficiente. Woodman precisava de mais. Precisava escutar Cain admitir que não tinha mais interesse em Ginger. Woodman não sossegaría enquanto não tivesse certeza disso.

— Você não... Sabe, eu sei que você vai morar lá na Fazenda McHuid por algumas semanas, e sei que vocês tiveram aquele lance alguns anos atrás, mas você nunca se declarou para ela...

Inclinando-se para frente, Cain pousou a mão ao joelho do primo.

— Você a reivindicou anos atrás, cara. Ela é toda sua.

Uma poderosa onda de alívio invadiu Woodman, e todo o seu corpo se relaxou quando uma mistura de adrenalina e esperança percorreu seu

corpo. Cain não tinha nenhum interesse em Ginger, e, além disso, ele iria embora dali duas semanas. E, ainda que Woodman fosse sentir saudade do primo, ele ficaria em Apple Valley, pronto e disposto a cortejar Ginger. E, se Deus quisesse, tudo sairia conforme planejado.

Ele sorriu para Cain.

— Ei, talvez você esteja certo em relação ao corpo de bombeiros. Talvez eles possam precisar de alguém para, sei lá, atender o telefone, como você mesmo disse, ou talvez eu possa compartilhar um pouco da minha experiência ou... O que você acha?

— Acho que você só vai descobrir quando for até lá.

— Você me dá uma carona?

Cain sorriu diante da presença de espírito repentina do primo, arqueando a sobrancelha antes de assentir com a cabeça.

— É claro que dou. Mas vamos daqui alguns dias, tudo bem? Primeiro descanse. Pelo bem de sua mãe.

Woodman suspirou e se recostou na cadeira, sabendo que Cain estava certo, mas frustrado por não poder se jogar de cabeça no plano que se formara em sua cabeça da forma que teria feito antes do acidente.

— Vamos na sexta-feira, Cain.

Cain concordou em voltar na sexta-feira e levar Woodman até o corpo de bombeiros, mas, enquanto isso, Woodman pegou o *laptop* e o levou para a bancada da cozinha, determinado a se familiarizar com o corpo de bombeiros e até mesmo tentar descobrir de que forma um homem como ele poderia se fazer útil.

Não estava esperando Ginger, mas quando a campainha tocou e ela adentrou a cozinha ao lado da mãe do garoto, ele ficou radiante por vê-la.

— Gin! — cumprimentou por cima da tela do computador.

Ela parecia uma pintura, o cabelo macio e dourado, as calças requintadas que usava, o suéter azul e as pérolas em seu pescoço. Woodman pensou que talvez ela tivesse se arrumado assim para vê-lo, e seu coração

quase explodiu no peito, inundado por gratidão e esperança. Com um sorriso largo nos lábios, Ginger estendeu a mão para pegar a dele, dando um apertãozinho afetuoso enquanto ele admirava a beleza do rosto dela, recaindo o olhar em direção aos peitos largos, comprimidos contra o suéter conforme ela se sentava. Ela percebeu e lançou um olhar de censura para ele, recolhendo a mão que antes segurava a sua antes de se sentar.

— Você está linda.

— Obrigada — agradeceu ela, sentada em frente a ele. — Pensei em dar uma passadinha aqui. Não gostei de como as coisas terminaram ontem à noite.

Nem ele, apesar de que o encontro dele fora como um chute na bunda. Estava determinado a se recuperar ainda mais rápido agora.

— Woodman — começou a mãe. — Vou ao mercado. Você precisa de alguma coisa?

— Não, mamãe, obrigado — respondeu Woodman sem tirar os olhos da garota maravilhosa à sua frente. — Já tenho tudo que preciso bem aqui.

A mãe saiu apressada e Ginger corou, o que fez Woodman sorrir como um maluco. O seu comentário havia afetado a garota, e aquilo era tão bom que ele quase chorou de alegria.

— Você não devia dizer essas coisas — alertou ela, ficando de pé e indo em direção à geladeira. — Acho que sua mãe fica com ciúmes.

Ele riu diante do comentário, mas se recompôs ao se dar conta de que ela havia criado a oportunidade perfeita para que ele se declarasse.

— Mas é a verdade, Gin. É como eu me sinto.

A conversa que tivera com Cain naquela manhã servira como um incentivo. Ela tinha dezoito anos e, ele, vinte e um. E Woodman a amava desde que tinha oito anos de idade. Já tinha passado da hora de botar as cartas à mesa.

— Estou em casa agora — continuou ele. — Para ficar. Não vou embora de novo. — Ele fez uma pausa, desejando que ela se virasse para olhar para ele. — Estou pronto para algo sério, Gin. Com você.

— Woodman, nós não...

Ele ficou tenso. *Ah, céus, minha doce garota, não me chame de amigo de novo, não quando nós dois sabemos como podíamos ser bem mais que isso.*

— Nós não o quê?

— Você esteve fora por três anos — expôs ela, voltando à mesa com uma caixa de leite em mãos.

— Eu sei. Mas agora estou de volta e quero ficar com você, queri...

Ela olhou para ele com o cenho franzido.

— Precisamos mesmo ter essa conversa agora? Estou lidando com tanta coisa. Trabalho e faço faculdade ao mesmo tempo, e vovó está doente e eu simplesmente não... Eu não quero sair com *ninguém*, Woodman. Não preciso desse tipo de pressão na minha vida.

As palavras dela faziam sentido e não houve nenhuma menção ao fato de serem só amigos, e ela também não o rejeitara diretamente. Se analisasse com cuidado, ela simplesmente estava dizendo que não era uma boa hora, e ele conseguia engolir isso. Na verdade, ele concordava que a hora não era boa, mas desde o acidente, estava ávido por assumir as rédeas de sua nova vida, uma vida que parecia fugir de seu controle.

Woodman conseguia lidar com o fato de que não era uma boa hora — caramba, conseguiria lidar até com o fato de ela enxergá-lo como amigo, porque tinha certeza de que conseguiria vencê-la pelo cansaço. Mas havia uma outra razão para Ginger não querer ficar com ele, e não era algo que ele tinha poder de mudar.

— É porque eu sou aleijado?

— Woodman! — vociferou ela, os olhos arregalados de espanto. — Depois dessa pergunta que você fez? Só posso responder que é porque você é um *idiota*!

— Eu sou idiota? — respondeu Woodman, tentando seguir a linha de raciocínio dela, sem entender o que ela quis dizer com aquilo.

— É! — respondeu ela. — Você é um idiota se pensa que seu ferimento faria alguma diferença para mim.

— Então, não faz nenhuma diferença? — perguntou ele, os lábios estremecendo ligeiramente quando uma onda de alívio e felicidade o inundou, deixando-o tonto.

— Não faz diferença para mim, mas eu quero que você esteja tão inteiro quanto possível. E a sua recuperação vai ser longa, Woodman. Você não precisa de uma... distração romântica no momento.

— E você não quer uma distração — assinalou ele baixinho.

Ela respirou fundo, inspirando e expirando devagar antes de olhar para ele.

— Não é a hora certa.

— E quando será?

— Eu não sei.

Para ser justo, ela estava certa. Era uma péssima hora. Motivado pela necessidade de controlar alguma coisa em sua vida, ele estava a guiando por um caminho completamente injusto, e precisava parar com isso. Fazia apenas doze horas que havia chegado em casa. Não tinha nenhum direito de pedir a ela que decidisse se queria ou não namorá-lo. Eles precisavam passar algum tempo juntos, ter a oportunidade de conhecerem melhor um ao outro, e ver aonde isso ia dar. Além disso, ele estava de volta para ficar, certo? E tinha expressado suas intenções e desejos em alto e bom som. E, pensou ele, sentindo-se aliviado, ela não tinha o recusado por completo.

Precisava ter paciência.

Ele assentiu.

— Tudo bem, Gin. Você sabe o que eu quero, mas a decisão está em suas mãos agora. Quando você estiver pronta, venha até mim. Vou estar esperando por você.

Ela relaxou os ombros e abriu um sorriso – um sorriso alegre e despreocupado.

— E até que isso aconteça, podemos continuar sendo amigos?

Argh. Aquela palavra maldita.

Paciência. Paciência. Paciência.

Ele assentiu.

— Amigos.

Ela o recompensou com um lindo e radiante sorriso antes de pegar a xícara de café e olhar para o *laptop* em cima da bancada.

— O que você está fazendo aí?

— Ah, estou dando uma olhada no *site* do Corpo de Bombeiros de Apple Valley.

— Hm. Por quê?

— Quero perguntar se posso ser útil em alguma coisa por lá. — Ele fez uma pausa e olhou para ela, esperando para ver qual seria a sua reação diante da menção ao nome do primo dele. — Cain achou que seria uma ótima ideia.

— Cain. — Ela praticamente cuspiu, e mais uma vez Woodman sentiu uma onda de alívio, mas logo sentiu-se culpado. Cain estava sendo muito bom para ele. O apoio de Cain fora fundamental para que ele conseguisse aguentar o ferimento e a volta para casa. Apesar de não querer que Cain e Ginger ficassem juntos, não podia permitir que ela falasse mal dele.

— Eu sei que você não gosta dele, mas ele tem sido muito bom para mim, Gin. Ele me ajudou muito lá na Alemanha, e ainda me trouxe de volta para casa. Para ser honesto, não sei o que eu teria feito sem ele.

— Estamos falando de *Cain Wolfram*? — perguntou ela com acidez na voz. — O egoísta e egocêntrico do Cain Wolfram?

— Lembre-me de nunca mexer com você, querida — brincou Woodman e soltou uma risadinha, admirando o lampejo de brilho nos lindos olhos da garota. — Veja bem, o Cain nunca será um perfeito cavalheiro, mas ele está mudado, Gin. Eu juro.

— Rá! — bufou ela com escárnio.

— É verdade. Cain é um homem melhor do que eu jamais fui. Ele não está bebendo nem metade do que costumava beber.

— Mas aposto que está trepando o dobro. — Ela deixou escapar, então, levou a mão à boca.

Minha nossa, ela realmente odeia o cara, pensou ele.

— Você sempre teve jeito com as palavras, Srt^a Ginger!

Os ombros dela chacoalharam conforme ela ria, e Woodman foi inundado por uma sensação profunda de contentamento, sentado ali à mesa da cozinha dos pais, tomando café e rindo com a mulher que amava.

Poderíamos ser assim para sempre. A vida poderia ser repleta de risos e amor e filhos e... Paciência. Pare de colocar o carro à frente dos bois.

— Não sei como andam as... — Woodman pigarreou, ainda abafando o riso. — As atividades extracurriculares dele, mas posso dizer o seguinte: ele é um homem mudado. Nunca pensei que diria isso, mas vou sentir saudade quando ele for embora daqui a duas semanas e meia.

Aquilo era a mais pura verdade e, de repente, Woodman sentiu, lá no fundo, a falta que Cain faria. Como aquilo significaria que sua vida militar estaria oficialmente acabada assim que Cain fosse embora. Mas ele ergueu o olhar, torcendo para que Ginger fosse a âncora em sua vida civil que Cain havia sido em sua vida na Marinha.

— Já chega de falar sobre Cain. — Ela abriu um sorriso doce. — Conte-me mais sobre seus planos para trabalhar no corpo de bombeiros.

Capítulo Dez

~ *Ginger* ~

Ela passou para ver Woodman antes de ir ao trabalho e, desta vez, vestia uma calça de seda e um suéter azul marinho e um colar de pérolas. Vestiria o uniforme de enfermeira no banheiro feminino antes que o seu turno começasse.

Sra. Sophie abriu um sorriso educado para a garota ao abrir a porta.

— Ginger! Posso ver que você se esforçou um pouquinho mais para a visita de hoje.

Ginger engoliu uma resposta sarcástica e estendeu um pão de abóbora que comprara no mercado de produtores locais. Abriu um sorriso, como devia de ser.

— Para o seu café da manhã.

— Nossa, obrigada! — Sophie inclinou-se para frente em um gesto conspiratório. — Imagino que você esteja aqui para ver o Josiah? Ele está muito melhor hoje.

Como se ele pudesse ficar pior, pensou ela.

— Que boa notícia — respondeu ela educadamente, seguindo a Sra. Sophie até a cozinha, onde avistou Woodman sentado à mesa rústica com uma xícara de café e um *laptop* à sua frente. A perna estava apoiada em uma cadeira debaixo da mesa.

— Gin! — cumprimentou ele, afastando o olhar do computador. O cabelo e a barba ainda estavam despenteados, mas ele não estava mais tão pálido, o que significava que tivera uma boa noite de sono e estava tomando os remédios de dor conforme fora instruído.

Ela estendeu a mão e ele a pegou, dando um apertãozinho carinhoso e admirando as roupas de Ginger. O olhar dele se demorou um pouco nos

seios antes de subir ao rosto.

— Você está linda.

— Obrigada — agradeceu ela, recolhendo a mão e sentando-se à frente dele. — Pensei em dar uma passada. Não gostei de como as coisas terminaram ontem à noite.

— Quer café, querida?

— Sim, por favor — respondeu ela e sorriu para Sra. Sophie quando esta colocou uma caneca fumegante em frente a ela.

— Woodman, vou ao mercado. Você precisa de alguma coisa?

— Não, mamãe, obrigado — respondeu Woodman, lançando um olhar rápido à mãe antes de voltar a sua atenção a Ginger. — Já tenho tudo que preciso bem aqui.

Os olhos da Sra. Sophie se estreitaram por um instante e ela disse para que se comportassem antes de sair pela porta, deixando Ginger corada e Woodman encantado com o embaraço da garota.

— Você não devia dizer essas coisas — alertou ela. — Acho que sua mãe fica com ciúmes.

Woodman sorriu.

— Mas é a verdade, Gin. É como eu me sinto.

Desconfortável com a declaração dele, Ginger ficou de pé em um gesto abrupto e foi em direção à geladeira, abrindo-a para pegar uma caixa de leite e sentindo-se grata pelo ar frio contra suas bochechas.

— Estou em casa agora — determinou ele. — Para ficar. Não vou embora de novo. — Ele fez uma pausa. — Estou pronto para algo sério, Gin. Com você.

— Woodman, nós não...

— Nós não o quê?

— Você esteve fora por três anos — expôs ela, fechando a geladeira e virando-se para encará-lo.

— Eu sei. Mas agora estou de volta e quero ficar com você, querid...

— Precisamos mesmo ter essa conversa agora? — interrompeu ela, sentindo uma pontinha de pânico na voz. — Estou lidando com tanta coisa. Trabalho e faço faculdade ao mesmo tempo, e vovó está doente e eu simplesmente não... Eu não quero sair com *ninguém*, Woodman. Não preciso desse tipo de pressão na minha vida.

O rosto dele desmoronou, mas Woodman continuou encarando-a com firmeza.

— É porque eu sou aleijado?

— Woodman! — vociferou ela, os olhos se arregalando, chocados. — Depois dessa pergunta que você fez? Só posso responder que é porque você é um *idiota*!

— Eu sou idiota? — repetiu ele.

— É! — respondeu ela. — Você é um idiota se pensa que seu ferimento faria alguma diferença para mim.

— Então, não faz nenhuma diferença? — perguntou ele, os lábios se curvando de leve.

Ela sentou-se à mesa e colocou um pouco de leite no café.

— Não faz diferença para mim, mas eu quero que você esteja tão inteiro quanto possível. E a recuperação vai ser longa, Woodman. Você não precisa de uma... distração romântica no momento.

— E você não *quer* uma.

Ela respirou fundo, prendendo a respiração e a soltando aos poucos, mexendo o café de forma deliberada antes de olhar para ele.

— Não é a hora certa.

— E quando será?

— Eu não sei — respondeu ela com simplicidade, odiando o fato de que o rosto de Cain se materializara em sua mente sem a sua permissão.

Woodman a encarou por um longo momento antes de assentir.

— Tudo bem, Gin. Você sabe o que eu quero, mas a decisão está em suas mãos agora. Quando você estiver pronta, venha até mim. Vou estar esperando por você.

As palavras dele a atingiram em cheio, e ela desejou — pela milionésima vez — que sentisse por Woodman a mesma atração que sentia por Cain.

— E até que isso aconteça — começou ela, abrindo um sorriso afetuoso e aliviado —, podemos continuar sendo amigos?

Ele se retraiu como se tivesse sentido um cheiro ruim, então, deu um aceno contrariado com a cabeça.

— Amigos.

Ela sentiu-se muito melhor e pegou a caneca de café, lançando um olhar radiante para Woodman. Tomou um gole e pousou a xícara de volta à mesa antes de olhar o laptop.

— O que você está fazendo aí?

— Ah, estou dando uma olhada no *site* do Corpo de Bombeiros de Apple Valley.

— Hm. Por quê?

— Quero perguntar se posso ser útil em alguma coisa por lá — Ele fez uma pausa e olhou para ela. — Cain achou que seria uma ótima ideia.

— Cain — disse ela com desdém, o nome azedo em sua boca.

— Eu sei que você não gosta dele — começou Woodman —, mas ele tem sido muito bom para mim, Gin. Ele me ajudou muito lá na Alemanha, e ainda me trouxe de volta para casa. Para ser honesto, não sei o que eu teria feito sem ele.

— Estamos falando de *Cain Wolfram*? — perguntou ela com voz ácida. — O egoísta e egocêntrico do Cain Wolfram?

— Lembre-me de nunca mexer com você, querida — Woodman deu uma risadinha. — Veja bem, o Cain nunca será um perfeito cavalheiro, mas ele está mudado, Gin. Eu juro.

Eu estou mudado. Meus dias de rebeldia ficaram para trás, querida.

— Rá! — bufou ela com escárnio.

Mas não conseguia evitar de pensar quando e como ele havia mudado, e se ele merecia uma segunda chance que ela não estava muito disposta a dar.

— É verdade, Cain é um homem melhor do que eu jamais fui. Ele não está bebendo nem metade do que costumava beber.

— Mas aposto que está trepando o dobro. — Ela deixou escapar, então, cobriu a boca com a mão.

Os olhos de Woodman se arregalaram e exibiram uma expressão jovial e divertida.

— Você sempre teve jeito com as palavras, Srta. Ginger!

Ele riu e Ginger soube que os dois estavam pensando na vez em que ela chamara Mary-Louise Walker de Peitões Walker.

Ela chacoalhou os ombros e riu com ele, aliviada pela amizade dos dois estar restaurada por hora.

— Não sei como andam as... — Woodman pigarreou, abafando o riso. — As atividades extracurriculares dele, mas posso dizer o seguinte: ele é um homem mudado. Nunca pensei que diria isso, mas vou sentir saudade quando ele for embora daqui a duas semanas e meia.

Quando ele for embora daqui a duas semanas e meia. Quando ele for embora. As palavras se agitaram na mente dela, deixando-a tonta e com o coração apertado. Sentiu vontade de fazer as pazes com essa versão supostamente nova e melhorada de Cain antes que ele fosse embora novamente.

Pegou o café e deu um grande gole, desejando que pudesse deixar os sentimentos de lado e esquecer-se de Cain de uma vez por todas, mas o garoto fazia parte dela, e ela já conseguia sentir seu coração se abrindo como uma flor diante dos raios de sol, esperançoso, ávido, imaginando quem era esse novo Cain e desejando conhecê-lo desesperadamente.

Ela percebeu que Woodman a encarava e abriu um sorriso alegre.

— Já chega de falar sobre Cain. Conte-me mais sobre seus planos para trabalhar no corpo de bombeiros.

Três dias depois, ela estava regando os gerânios na varanda da avó quando viu Cain caminhando vagorosamente em direção ao chalé, absorto em pensamentos e carregando a caixa de ferramentas de Klaus em uma das mãos. E, oh, céus, o coração dela foi a mil. Ele era alto e musculoso, o peitoral largo e os braços definidos e cobertos de veias. Vestia uma calça jeans de cintura baixa e caminhava com uma graça despreocupada, como se o mundo girasse à sua disposição. Parecia confortável e confiante em estar na própria pele, uma onda de energia masculina emanando dele com tanta força que chegava até Ginger. E o rosto, absorto em pensamentos, era de uma beleza etérea de tirar o fôlego – pele clara, feições bem definidas e olhos azuis envoltos por cílios longos e curvados. Ele era um anjo sombrio, um demônio de olhos azuis, a personificação dos desejos mais profundos de Ginger e o objeto de seu amor não correspondido. E por apenas um instante, ela o odiou. Odiou aquela beleza e graça e força. Odiou o fato de desejá-lo, querê-lo e sonhar com ele... porque ele havia impedido que ela pudesse tê-lo.

Ginger empertigou-se e apoiou as mãos nas laterais do quadril.

— O que *você está fazendo aqui? — perguntou ela.*

— Por que *você está morando aqui? — perguntou Cain, lançando um olhar em direção à mansão antes de voltar a olhar para ela. — O castelo não é mais de seu agrado, princesa?*

Ela revirou os olhos e apontou a caixa de ferramentas com o queixo.

— Klaus mandou *você vir consertar a minha pia?*

— Sempre quis dar uma conferida nos seus encanamentos, Gin.

Foi um comentário tão inesperado e atrevido que Ginger sentiu os lábios se abrirem, um sorriso prestes a surgir. Sem querer dar esse tipo de satisfação a Cain, ela virou-se e bufou, adentrando o chalé para recompor a compostura.

Não caia na lábia dele. Seja forte, Gin. Estando ele mudado ou não, não altera em nada a forma como ele a tratou no passado. Seja esperta e mantenha-se afastada.

Uma leve risada encheu a cozinha quando ele a seguiu chulé adentro, e o desejo que sentiu de chegar perto do garoto fez com que ela caminhasse em direção ao ponto mais afastado do cômodo antes de virar-se para Cain com os braços cruzados sobre o peito e uma expressão incomodada no rosto. Apontou para a pia com uma das mãos.

— Está entupida.

Mas Cain não estava olhando para a pia. Estava olhando para Ginger. Colocou a caixa de ferramentas no chão sem tirar os olhos dela. Ela prendeu a respiração conforme os olhos de Cain acariciavam o rosto dela, o olhar do garoto viajando de seus cabelos até seus olhos, demorando-se em suas bochechas e em seus lábios. O pulso de Ginger acelerou e ela sentiu o coração bater na garganta quando o olhar de Cain recaiu sobre seus seios, demorando-se ali por um longo momento antes de admirar o quadril e as pernas da garota. Ela podia ouvir a respiração dele ficando acelerada – intensificando-se e ficando entrecortada enquanto Cain a admirava e o tempo parecia ter parado.

Quando os olhos de Cain escrutinaram seu corpo novamente, estavam ávidos de desejo, e ela se deu conta do tamanho dele, muito maior e muito mais forte do que ela, e sentiu-se acuada no pequeno cômodo em que estavam. Não estava assustada ou intimidada – era Cain, afinal de contas, e ela o conhecia desde sempre. Ginger teve a sensação de que Cain estava tentando entendê-la, tentando compreender o que havia mudado nela da mesma forma que ela tentava fazer o mesmo com ele. Ele admirava as mudanças no corpo dela, e a respiração acelerada dizia a Ginger que ele gostava do que via, fazendo com que aqueles fossem os sessenta segundos mais sensuais da vida sem graça de Ginger. Seus mamilos se enrijeceram, suas veias pulsaram e suas partes se inundaram com uma forma líquida de calor.

Cain. Ah, meu Deus, Cain, como é que você consegue me deixar desse jeito com apenas um olhar?

Ela queria correr e se jogar nos braços dele. Queria sentir os lábios dele contra os dela, queria sentir as mãos dele deslizando por seu corpo. Queria ver as roupas dos dois jogadas no chão da cozinha. Queria coisas que nunca sentira antes – o peso do corpo dele contra o dela, o calor da pele dele a marcando a fogo, a respiração dele nos cantinhos mais escondidos de seu ser. Ela estava pegando fogo. Ela estava...

Completamente disposta.

E Cain olhava para Ginger como se soubesse exatamente o que se passava na mente dela.

— Terminou? — perguntou ela.

— Você terminou?

— Tão convencido...

Cain prendeu a respiração e a soltou com um bufo, dando um passo em direção a ela. E Ginger notou algo diferente nele – os movimentos ainda eram graciosos, mas estavam mais focados e cautelosos agora, como um lobo perseguindo sua presa. Os olhos não varriam mais seu corpo e, em vez disso, a encaravam fixamente.

— Princesa — começou ele, aproximando-se. — Eu sei que fui um babaca com você no passado, mas juro que mudei.

— Você parece o mesmo — murmurou ela sem convicção alguma na voz porque sabia que não era verdade.

De algumas maneiras – *como a forma que conseguia fazer uma mulher arder em chamas com apenas um olhar* – ele parecia o mesmo. Ainda a provocava como sempre fizera. As suas palavras eram repletas de insinuações como sempre foram. Mas havia algo profundo e sério no modo como ele falara sobre Woodman algumas noites antes, e agora, quando ele disse que havia mudado, algo em seu tom de voz fez com que aquilo parecesse menos com uma cantada e mais como algo... sincero.

— Sinto muito, Gin — desculpou-se ele com delicadeza, dando outro passo em direção à garota, os olhos fixos aos dela. Respirou fundo antes de acrescentar: — Sinto muito, muito mesmo por ter dado um bolo em você

naquela noite.

Aquelas palavras. Ai, meu Deus.

A vontade de ouvir aquelas palavras – de ouvir algum sinal de remorso vindo de Cain – assombrara Ginger por três longos anos, zombando dela por desejar aquela doçura inalcançável. E agora, do nada, ali estavam elas, ditas pelo demônio dos sonhos de Ginger. Seus olhos se encheram de gratidão e de lágrimas de alívio que deixaram sua visão embaçada.

— Você me magoou de verdade, Cain.

Ele assentiu uma vez, uma expressão de sofrimento nos olhos.

— Eu sei. Eu sinto muito.

— Por que você não disse nada antes? Por que nunca me mandou uma carta, Cain? — quis saber ela, dando um passo em direção a ele e diminuindo a distância entre os dois, desejando poder sentir o calor daqueles braços fortes a envolvendo, tanto para sentir-se consolada quanto para satisfazer seu desejo ardente de sentir o toque de Cain.

— Porque você não era a minha garota.

— Eu era *sim*. Eu *queria* ser.

E, então, como se houvesse lido sua mente, Cain abriu os braços dos quais ela tanto sentia falta, e Ginger deu um passo à frente, aninhando a cabeça no pescoço do garoto conforme ele a abraçava. Ela prendeu a respiração, saboreando o aroma familiar e reconfortante de Cain. Fechou os olhos e respirou fundo, deixando que seu hálito acariciasse a garganta dele e memorizando a sensação daqueles músculos contraídos em seus dedos.

Ela espalmou o peitoral dele com as mãos e sentiu o coração de Cain batendo em um ritmo frenético, as batidas nítidas debaixo das palmas de suas mãos. Mas, então, deslizou as mãos até as laterais do corpo dele e aproximou-se, pressionando o próprio coração contra o peito dele e retribuindo o abraço. E, com isso, ofereceu a ele o perdão que mantivera dentro de si desde a noite do baile. E, como se estivesse aceitando a oferta, Cain a abraçou com mais força e pressionou os lábios contra a testa dela.

— Senti sua falta, princesa — murmurou ele, plantando beijos nas

mechas de cabelo de Ginger, a voz baixa e controlada. — Senti tanto a sua falta, porra.

— Cain — soluçou ela, perdendo os três anos de coração partido e recebendo-o de volta à sua vida quando aceitou o pedido de desculpas. Os olhos arderam em lágrimas que escorreram e caíram no peito de Cain. — Eu também senti a sua falta.

— Eu sonhei com você, Gin.

Ah, céus, meu coração.

Ela também sonhara com ele.

— Todas as noites — murmurou ela, pressionando os lábios contra a pele quente da garganta dele em um beijo longo e demorado. Sentiu quando ele estremeceu e deleitou-se com a reação dele, emocionada com esse novo poder que exercia sobre Cain. Afastou os lábios e o beijou novamente, os olhos fechados, os músculos se retesando de forma instintiva, como se estivessem se preparando para algo que nunca haviam experimentado antes.

— Ginger, eu...

— Cain — suspirou ela, as palavras vindo com facilidade e parecendo tão certas quanto os raios de sol nos dias de verão. — Eu sou sua.

Mas as palavras, que pareceram tão certas para ela, não eram a coisa certa a se dizer.

Ele ficou paralisado e afastou as mãos das costas dela, dando um passo para trás. O corpo de Ginger tremia como gelatina, e sem Cain para segurá-la, ela perdeu o equilíbrio. Ele estendeu as mãos e as levou até os ombros de Ginger para que ela não caísse, e ela abriu os olhos, lançando um olhar confuso para ele.

— Ginger... — O rosto dele estava abatido, confuso e surpreso. Lançou um olhar suplicante a ela, implorando para que ela compreendesse. *Compreendesse o quê?* ela queria perguntar, mas ele voltou a falar antes que ela tivesse chance de abrir a boca. — Eu quero ser seu amigo, Gin. Só seu amigo, se estiver tudo bem com você.

Amigo? Depois da forma cálida – e ardente – que dissera

Senti tanto a sua falta, aquela palavra terrível e inesperada, *amigo*, a atingiu em cheio como um tornado. O que sentia por Cain não era *amizade*. Não queria ser amiga de Cain desde os doze anos de idade.

— Amigo — repetiu ela baixinho, lançando um olhar confuso para ele, ainda sem conseguir compreender que diabos tinha acontecido.

Amigo? Espere. Não. Não! Aquele abraço que acabaram de compartilhar não tinha nada de amistoso. Aquelas palavras, *Senti a sua falta*, *Sonhei com você*, não tinham nada de amistosas. A forma apaixonada como ele beijara o seu cabelo e a abraçara. Aquilo não tinha nada de amistoso. Que *diabos* estava acontecendo?

Ele assentiu e retirou as mãos dos ombros dela.

— Isso. Amigo. Nós... nós crescemos juntos, Gin. Devemos ser amigos e não inimigos, você não acha?

Ela olhou para ele. A mandíbula de Cain estava cerrada, os olhos dilatados e sombrios, as bochechas coradas. A voz dele oferecia amizade, mas estava claro que não era o que o corpo dele queria.

— Cain, eu...

— Eu senti falta de casa — acrescentou ele rapidamente, interrompendo-a e afastando-se ainda mais dela. Desviou o olhar, como se o simples fato de olhar para ela fosse doloroso. *Você está mentindo*, pensou ela, deixando os braços penderem ao lado do corpo enquanto ele continuava tentando convencê-la de que as palavras apaixonadas que dissera não passaram de algo impessoal. — É claro que senti sua falta, mas também senti saudade do meu pai e de Apple Valley e até mesmo da Fazenda McHuid. Senti falta de *casa*. Sonhava com isso o tempo todo.

Ela o encarou, sem saber o que dizer. Tinha certeza de que não tinha entendido errado a forma como ele a tocara, a forma como conversara com ela, mas estava claro que ele queria muito que ela caísse nessa conversa fiada sobre sentir falta de casa.

Eu sou sua.

Ela dissera aquelas palavras e elas eram verdadeiras, mas aquilo fez

com que Cain se afastasse. Por quê? Por que ele tinha tanto medo de ficar com ela? De pertencer a alguém? De amar alguém? O corpo dele reagira à presença dela – pôde sentir o coração dele batendo, a sua respiração rápida e entrecortada. Mas ele ficou paralisado de repente, e agora estava erguendo muros de amizade ao redor deles, tentando fazer com que ficassem afastados um do outro. Por quê? Por que ele não podia simplesmente dar uma chance aos dois?

Ele a encarou fixamente e, como se fosse capaz de ler a mente dela fervilhando com mil perguntas, meneou a cabeça, alertando-a para que não perguntasse nada.

— Amigo — declarou ele com firmeza. — Só seu amigo.

Doeu ouvi-lo dizer aquilo com tanta determinação, mas, estranhamente, Ginger sentiu-se aliviada por saber que ele estava mentindo. Ela tinha certeza de que Cain a queria, mesmo que estivesse negando. Ele a queria, e ela sabia disso, e se agarrou àquele pensamento. Não se importava se ele se referisse a ela como amiga. Os sentimentos dele em relação a ela eram bem mais intensos que amizade. Ela tinha certeza disso.

Ele atravessou a cozinha até chegar à pia e apoiou as mãos sobre o balcão.

— Vou dar uma olhadinha nisso aqui, tudo bem?

— Tudo bem, Cain — respondeu ela suavemente.

Não sabia por que ele não se entregava aos sentimentos que nutria por ela, mas talvez fosse por conta da diferença de idade entre os dois, ou porque ele logo voltaria à Marinha, ou porque Woodman sempre gostou dela. Ou talvez, como ela já suspeitara antes, era porque Cain não sabia ao certo como amar alguém, como pertencer a alguém. E, de repente, deu-se conta de que o motivo pelo qual ele queria se manter afastado não era importante. Ele podia se referir a ela como amiga o quanto quisesse. Cain só iria embora dali a duas semanas, e Ginger pretendia descobrir por que ele não permitia que ela se aproximasse, por que estava tão determinado a mantê-la afastada. E, quando descobrisse, resolveria o quebra-cabeça de qual era a melhor forma de amá-lo, e como fazer com que ele admitisse que também a amava.

Ele parecia tão arrependido, tão frustrado e inundado de nostalgia, que Ginger sorriu. E, naquele pequeno sorriso, ela derramou todo o seu amor, o seu desejo, toda a sua esperança de que as palavras dele não significavam nada e que o sentimento que nutriam um pelo outro era tão forte que não podia ser apagado.

Ele olhou para ela, parecendo sobrepujado.

— Está tudo bem — disse ela com suavidade.

Ele soltou a respiração em um sibilo baixo.

— Fico feliz — respondeu ele.

Por mais que quisesse passar a tarde inteira lançando olhares apaixonados a Cain, Ginger precisava pensar. Precisava descobrir o que o futuro reservava para os dois. Ela assentiu e fez um gesto em direção às escadas.

— Eu, hm, eu vou lá para cima. Pode me chamar se precisar de alguma coisa, tá?

Cain deitou-se no chão e enfiou a cabeça debaixo da pia da cozinha.

— Pode deixar.

Ginger virou-se e subiu as escadas, a mão pressionada contra o coração que batia acelerado no peito.

Capítulo Onze

~ Cain ~

— Prometi que ia dar uma olhada na pia da cozinha lá no chalé — comentou Klaus, sentado em um banco do lado de fora do celeiro na tarde de quinta-feira. — Mas preciso esperar o veterinário chegar. Os pulmões do Ravenal estão fazendo um ruído estranho. Então, pensei que talvez você pudesse ir até lá e cuidar disso por mim.

Depois de ter dado de cara com Ginger na segunda-feira à noite, Cain fizera uma longa caminhada, pensando em nada além da garota. Em todos os anos que se conheciam, Ginger nunca o havia tratado com tanta frieza quanto naquele dia. Nossa, ele deve tê-la magoado muito. Ele nunca, nunquinha, queria ter feito aquilo e ver a mágoa literalmente estampada na cara de Ginger fez com que Cain se sentisse um lixo. E mesmo que tivesse prometido que ficaria longe dela pelo bem de Josiah, ele *precisava* se desculpar. Precisava encontrar uma forma de fazê-la entender que ele sentia muito. E já que ele estava morando no celeiro e ela estava morando no chalé, Cain presumiu que eventualmente trombariam um com o outro. Só não pensou que seria...

— Cain? A pia?

... tão cedo assim.

— Por que eu não fico esperando o veterinário? — perguntou Cain, sentando-se ao lado do pai.

Sim, ele precisava pedir desculpas a ela e, sim, essa seria a oportunidade perfeita, mas só de pensar na frieza daqueles olhos o encarando, Cain ficou paralisado. Esperar mais alguns dias não fariam mal, não é mesmo?

— Eu vou esperar o veterinário Keller. Você vai consertar a pia de Ginger.

O pai o olhou de soslaio.

— Você cuida da pia. *Eu* cuido do veterinário.

— Ah, é que encanamento não é muito o meu fort...

— Cain — interrompeu Klaus, os olhos azuis repletos de compreensão. — Ela mora aqui. Você não pode evitá-la *für immer*.

Für immer. Para sempre.

Cain acariciou o lábio inferior com o polegar.

— Como assim? Eu não estou evitando a Ginger. Muito pelo contrário, eu...

— Vocês eram amigos. Agora? Não são mais. Mas é *gut* ter amigos.

— Amigos.

Klaus assentiu.

— Não é para *ficke sie* com ela como se ela fosse uma moça qualquer.

— Pai!

— Um pai deve conhecer o filho. Eu sei que você é popular entre as *Damen*.

— Ela é diferente — explicou Cain.

— *Ja*. Ela é especial — concordou Klaus. — Então, trate de ir desentupir a pia da princesa e fazer com que fique tudo *gut* entre vocês. Aceite meu conselho, filho. Eu sou velho. Queria ter acertado as coisas quando tive a chance.

Enquanto caminhava em direção ao chalé carregando a caixa de ferramentas de Klaus, Cain deu-se conta de que as palavras do pai foram o mais próximo que ele já chegou de admitir que a Fazenda McHuid e o seu amor por cavalos haviam atrapalhado o seu casamento, mas havia algo pacífico em escutar a confissão do pai. E aquilo fez com que Cain perdoasse o pai em silêncio.

Não sabia ao certo se era por causa de sua mudança de comportamento, ou pelo fato de que Woodman não estava por perto para roubar a atenção do pai, mas Cain estava apreciando a companhia dele. Sim, Klaus falava sobre cavalos o tempo todo, mas era algo que fazia com tanta paixão e com a intenção tão boa que Cain, que praticamente fora criado na Fazenda McHuid, percebeu que conseguia manter uma conversa sobre aquele assunto. Aquilo fez com que tivessem noites agradáveis repletas de camaradagem e de frango *paprikash* e *spätzle* recheado com queijo. E Cain sentiu-se grato por ter a chance de reconstruir a relação com o pai, por ter a chance de enxergá-lo com outros olhos.

Desde que voltou para casa, Cain ainda não tinha ido até à Destilaria Glenn River, ainda que vários amigos tivessem passado para convidá-lo para uma noite de bebedeira. O contraste entre a vida deles era assustador. Cain havia velejado pelo mundo, aprendido a proteger um navio porta-aviões de todos os tipos de incêndio, assumido controle sobre a própria vida, e desenvolvido um orgulho em servir, ao passo que a maioria dos antigos amigos simplesmente passaram os três últimos anos em Apple Valley, vagabundeando, enchendo a cara na destilaria e trabalhando em empregos de merda. Ele sentia que não tinha mais nada em comum com aquela gente, e, além disso, estava ansioso para mostrar ao pai e a todos em Apple Valley que Cain Wolfram podia ser bem mais do que um rebelde problemático.

Algumas das garotas com as quais “saíra” também deram uma passada e Cain tinha de admitir que elas ainda estavam ótimas. Para ser honesto, depois que levasse Woodman até o corpo de bombeiros no dia seguinte, ele iria até a casa de Mary-Louise Walker para se encontrar com a garota. E por *encontro*, ele queria dizer trepar com ela sem parar e assistir aqueles peitos maravilhosos balançando até o cair da noite. Sentiu água na boca só de pensar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou uma voz atrevida, interrompendo os seus pensamentos. Ele ergueu o olhar e deu de cara com Ginger, as mãos apoiadas na lateral do quadril, parada na varanda do chalé da Sra. McHuid.

— Por que você está *morando* aqui? — perguntou Cain, fazendo um gesto com o queixo em direção à mansão antes de voltar a olhar para Ginger.

— O castelo não é mais de seu agrado, princesa?

Ela revirou os olhos e avistou a caixa de ferramentas na mão dele.

— Klaus mandou você vir consertar a minha pia?

— Sempre quis dar uma conferida nos seus encanamentos, Gin.

Os lábios dela se abriram em surpresa antes que ela emitisse um ruído aborrecido, virasse de costas para Cain e adentrasse o chalé. Mas ele podia jurar que tinha visto um vislumbre de sorriso antes da demonstração de raiva. Também não pôde deixar de notar que ela havia deixado a porta aberta.

Dando um risinho suave – porque, céus, aquela mulher sabia guardar rancor – ele a seguiu porta adentro, percebendo que ela estava parada no lado oposto do cômodo minúsculo – tão afastada da pia quanto possível. Ela apontou para a pia com uma das mãos.

— Está entupida.

Pousando a caixa de ferramentas no chão, ele parou um momento – *roubou* um momento – para observar Ginger.

Ela não era muito alta, talvez com 1,65 de altura, apenas o suficiente para que a sua cabeça se aninhasse perfeitamente debaixo do queixo dele. Os cabelos louros estavam presos em um rabo de cavalo, mas ela não estava usando óculos como na noite de segunda-feira. Também não estava maquiada, não que precisasse: ela era, sem dúvida, a garota mais linda que ele já tinha visto, e ele já tinha visto muitas. A camiseta amarela se ajustava tão perfeitamente aos peitos largos que até parecia um sonho, e a calça jeans da marca *Levi's* envolvia o corpo dela como se fosse feita sobre medida. A cintura era fina e os quadris, estreitos, e Cain sabia que as pernas deviam estar ainda mais tonificadas agora do que estavam três anos atrás. Ela era uma obra de arte. Uma obra de arte *muito brava*, corrigiu-se ele quando deslizou os olhos por todo seu corpo até chegar ao rosto.

— Terminou? — perguntou ela.

— Você terminou? — rebateu ele, ciente da forma como ela encarava o peitoral dele.

— Tão convencido...

E foi o suficiente. Ele simplesmente não conseguia mais aguentar o rancor que emanava dela. Ele devia um pedido de desculpa a ela e era isso que faria.

— Princesa — começou ele, dando um passo em direção a ela. — Eu sei que fui um babaca com você no passado, mas eu juro que mudei.

— Você parece o mesmo — murmurou ela, mas o rosto se suavizou, demonstrando incerteza. Ela lambeu os lábios e ele sabia – sem a menor sombra de dúvidas – que ela estava se lembrando daquele beijo tão detalhadamente quanto ele.

— Sinto muito, Gin — disse ele com ternura, dando outro passo em direção a ela. — Sinto muito, muito mesmo por ter dado um bolo em você naquela noite.

Ela cerrou a mandíbula e, apesar dos olhos apresentarem uma expressão severa, encheram-se de lágrimas quando a garota olhou para ele.

— Você me magoou de verdade, Cain.

Ele assentiu.

— Eu sei. Eu sinto muito.

— Por que você não disse nada antes? Por que nunca me mandou uma carta, Cain? — quis saber ela, dando um passo à frente e diminuindo a distância entre os dois.

— Porque você não era a minha garota.

— Eu *era* sim. Eu *queria* ser.

Cain, que estava determinado a não abraçar Ginger de forma alguma, abriu os braços em um gesto acolhedor, e a garota se aproximou, recostando a cabeça no pescoço dele. Ele a envolveu com os braços, prendeu a respiração e fechou os olhos. Os ângulos ossudos do corpo adolescente de Ginger haviam dado lugar a um corpo de mulher, as curvas encaixando-se aos músculos de Cain quando a garota pressionou o corpo contra o dele.

E todos os pensamentos acerca de Mary-Louise Walker ou qualquer outra mulher sumiram da mente dele. Cain conheceu muitas mulheres no

decorrer de sua vida – uma *porrada* de mulheres – mas *nenhuma* fez seu coração bater mais rápido, sua respiração ficar ofegante, suas entranhas se contorcerem de desejo como Ginger McHuid fazia. A química que rolava entre eles desde o aniversário de doze anos de Ginger era catastrófica e inabalável, e segurá-la agora não havia qualquer diferença do passado. A única diferença é que agora ambos eram adultos, e Cain estava mais excitado e ávido do que nunca.

— Senti sua falta, princesa — murmurou ele no cabelo dela, beijando as mechas com aroma de limão — Senti tanto a sua falta, porra.

— Cain — soluçou ela, e ele sentiu as lágrimas úmidas escorrendo pelo seu abdômen, batizando-o com a tristeza de Ginger. — Eu também senti a sua falta.

— Eu sonhei com você, Gin.

— Todas as noites — murmurou ela, pousando os lábios no peitoral exposto pela gola da camiseta de Cain, fazendo-o estremecer. *Céus. Quero mais.*

— Ginger, eu...

— Cain, eu sou sua.

Você a reivindicou anos atrás.

Ela é sua.

Woodman.

Ele ficou paralisado e desvencilhou-se de Ginger conforme dava alguns passos para trás. Ela vacilou de leve, sem estar pronta para não sentir o corpo dele contra o dela. Ele estendeu as mãos e segurou os ombros de Ginger para ajudá-la a recuperar o equilíbrio, e respirou fundo em uma tentativa de que seu corpo não reagisse ao toque da garota.

— Ginger... — Ele engoliu o nó que se formara na garganta e abriu um sorriso neutro antes de dizer as palavras que nunca dissera para uma mulher antes. — Eu quero ser seu amigo, Gin. Só amigo, se estiver tudo bem com você.

— Amigo — repetiu ela baixinho, lançando um olhar confuso para ele.

Ele assentiu e afastou as mãos dos ombros dela.

— Isso. Amigo. Nós... nós crescemos juntos, Gin. Devemos ser amigos e não inimigos, você não acha?

— Cain, eu...

— Eu senti falta de casa — interrompeu ele, tentando justificar o abraço apaixonado que dera nela. — É claro que senti sua falta, mas também senti saudade do meu pai e de Apple Valley e até mesmo da Fazenda McHuid. Senti falta de casa. Sonhava com isso o tempo todo.

Os olhos dela estudaram os dele, perfurando-os com aquela familiaridade de quem se conhecia a vida toda. Ela estava confusa e magoada, mas falar sobre aquilo não ajudaria em nada, apenas enfraqueceria a decisão de Cain. Ele a queria tanto que chegava a doer, mas não poderia roubar a garota que era a principal esperança de Woodman. Não quando o primo ainda estava tão sem esperanças.

— Amigo — disse ele com firmeza. — Só seu amigo.

Ela parecia tão perdida e tão decepcionada que ele mal conseguia aguentar, então, virou-se de costas e atravessou a cozinha em direção à pia, fechando os olhos diante da dor de mantê-la afastada dele. Pousou as mãos na bancada, agarrando a borda de mármore com os dedos.

— Vou dar uma olhadinha nisso aqui, tudo bem?

— Tudo bem, Cain — disse ela com suavidade, a voz estremecendo um pouquinho.

Virando-se para encará-la, Cain viu a tristeza naquele rosto, mas, então, os lábios doces de Ginger curvaram-se em um sorriso – o único sorriso verdadeiro que ela oferecera a ele em três anos – e o coração dele se inundou com algo grande – não, algo *enorme* – e quente, os batimentos tão acelerados que podia senti-los martelando em seus ouvidos.

— Está tudo bem — disse ela com delicadeza e, fácil assim, aquelas três palavrinhas tão comuns tornaram-se as favoritas dele, porque

significavam que Ginger não estava exigindo algo que ele não podia oferecer, e sim, aceitando o que ele podia.

Ele soltou a respiração que não sabia que estava prendendo.

— Fico feliz — respondeu ele.

E apesar da decepção nos olhos dela e do desejo não atendido no coração dele, Cain estava mesmo feliz. Uma parte dele estava feliz porque tivera a chance de trair Woodman novamente e não a tinha aproveitado desta vez.

Ela assentiu, o sorriso desfazendo-se.

— Eu, hm... eu vou lá para cima. Pode me chamar se precisar de alguma coisa, tá?

Cain deitou-se de costas no chão e encarou os canos acima, grato pelo fato de seu rosto finalmente estar escondido dela.

— Pode deixar.

Como nunca tivera uma amiga antes, nos dias seguintes, Cain ficou surpreso de como era fácil e divertido manter uma amizade com Ginger.

Quando ela voltou do supermercado na tarde de sábado, ele ajudou a descarregar as compras do carro, zombando dela conforme guardavam as refeições congeladas no congelador.

— Lembre-me de nunca vir aqui em busca de uma comidinha caseira.

— Rá! — retaliou ela. — Eu sei fazer os melhores pãezinhos com molho de carne do mundo! Mas sempre saio tarde do trabalho, então, vai me desculpar se não chego disposta a preparar o jantar do zero.

Ele acompanhou o pai à igreja luterana no domingo, dando de cara com Ginger e os pais dela no jantar do clube depois da missa. Klaus foi conversar com Ranger e Sra. Magnolia e Ginger arqueou a sobrancelha de forma dramática para Cain.

— Não vá me dizer que você estava na missa de domingo! O teto da igreja caiu?

Ele revirou os olhos.

— Eu não fui *tão* malvado assim.

— Foi — contestou ela, com um brilho nos olhos e uma calma na voz. — Foi sim.

— Bem, eu não vi você lá na missa, Srt^a Virginia. Quem não tem teto de vidro...

— Sou presbiteriana — respondeu ela e sorriu.

— Bem-vindo de volta, Cain — disse Ranger McHuid, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Parece que o trabalho está te fazendo bem, filho.

— Obrigado, sr. McHuid. Está mesmo, senhor. — Ele virou-se para olhar para a mãe de Ginger. — Muito bom vê-la, Sra. Magnolia.

— Olá, Cain. Você sempre foi um diabo de lindo — elogiou ela com um sorriso afetado enquanto trocavam um aperto de mão. — Sophie disse que você... deu uma melhorada.

Cain ficava desconfortável na presença da Sra. Magnolia, então, desvencilhou-se do aperto de mão e virou-se para olhar para Ginger. Ela deu um gole no suco de laranja para abafar um risinho. Quando pousou o copo à mesa e sussurrou *Deu uma boa de uma melhorada!*, Cain sentiu um sorriso se formar nos lábios e teve que abafar o riso antes que a garçonne aparecesse para interromper a brincadeira e acompanhasse Cain e o pai até a mesa deles.

Ele procurou por ela no domingo, mas devem ter se desencontrado, porque ele não a viu em lugar algum. A mesma coisa aconteceu no dia seguinte, e, na tarde de segunda-feira, Cain deu-se conta de que estava com saudade dos sorrisos doces e das brincadeiras divertidas de Ginger. Caminhando até a garagem para ver se ela estava em casa, ficou decepcionado ao notar que as luzes do chalé estavam apagadas e perguntou-se onde ela estava e com quem. Antes que o ciúme se apossasse dele, lembrou-se de que ela chegara tarde do trabalho na segunda-feira passada, no

dia em que se reencontraram depois de todo aquele tempo.

Ela está no trabalho.

Só está no trabalho, não com...

Woodman.

A não ser que ela estivesse mesmo com Woodman.

Ele cerrou a mandíbula e os punhos antes que seus olhos se arregalassem de espanto. Porra. Não, porra. Ele não estava com *ciúmes* de Woodman, estava? Porra. Estava. Estava com ciúmes de *qualquer* pessoa com quem Ginger estivesse, porque ele a queria só para ele.

— Ah — grunhiu ele —, isso não é nada bom.

Ele virou-se e começou a se afastar da garagem, murmurando *Só amigos, só amigos, só amigos* como se fosse um mantra até que estivesse de volta à segurança do celeiro.

Deitado na cama e encarando o teto escuro, deu-se conta de que não era justo sentir ciúme de Woodman. Em primeiro lugar, porque era algo estúpido, já que Woodman era um homem melhor do que ele em todos os aspectos. E, em segundo lugar, porque Woodman *precisava* de Ginger. Cain apenas... ah, porra. Cain apenas a *queria*.

Pelo resto da semana, ele a evitou, até mesmo escondendo-se no banheiro do casebre quando viu a garota se aproximar do celeiro pela janela da cozinha. Ela não era dele, ele iria embora dali a uma semana, e não tinha direito algum de desenvolver aquele tipo de sentimento que acarretava em ciúme. Não, senhor. Ele a evitaria até o dia de ir embora e ponto final.

Na quinta-feira, foi até a *Belle Royale* de moto para ver como Woodman estava. Quando estacionou, notou um vazamento de óleo na entrada da garagem e pediu as ferramentas do tio emprestadas. Woodman foi de muleta até a varanda e sentou-se nos degraus, banhando-se à luz do sol enquanto fazia companhia a Cain, que estava consertando a própria moto.

— Então — começou Cain com uma chave de fendas na mão,

sentado ao lado da moto e de costas para Woodman —, conseguiu o emprego? No corpo de bombeiros?

— Consegui sim. Você se lembra da Gloria Kennedy?

— Aquela ruiva bonitinha com peitões enormes?

Woodman deu risada.

— Ela mesma. Vai ter um filho no mês que vem, o que significa que eles vão precisar de um despachante. Então, ela está me treinando para tomar o lugar dela.

— Isso é ótimo — entusiasmou-se Cain, genuinamente feliz. Woodman parecia estar bem melhor do que na sexta-feira passada. Não estava mais tão pálido, havia aparado a barba e caminhado de forma mais confiante do pátio dos fundos até a varanda da frente.

— É o trabalho perfeito para você, cara. Aliás, você está com uma aparência muito melhor. Como está indo a fisioterapia?

— É uma merda — respondeu Woodman. — Mas todo dia depois da sessão de fisioterapia, eu vou para o corpo de bombeiros. E quer saber de uma coisa? É uma sensação boa, Cain. Muito boa mesmo. Meio que compensa as partes ruins, sabe?

O coração de Cain, que estava apertado no peito esperando que Woodman dissesse que Ginger era a responsável por toda aquela melhora, relaxou, e ele soltou a respiração que nem sabia que estava prendendo.

— Fico muito feliz por você, primo.

— Já estou quase dominando o quadro de distribuição. — Ele deu de ombros. — Não estou apagando incêndios com as minhas próprias mãos, mas é bom saber que estou contribuindo para isso.

— Mas cuidado para não se cansar demais.

— Pare de agir como uma enfermeira — censurou ele. — Aliás, falando em enfermeiras, quer saber de uma coisa?

Cain virou-se para encarar Woodman, e o brilho nos olhos do primo fez com que Cain se virasse de volta à moto, apoiando uma das mãos em um

cano de metal.

— Conta aí.

— Tenho visto Ginger.

Encaixando a chave de fendas em um parafuso e o girando com força, Cain disse:

— Ah é?

— É sim. Ela vem me ver quase todos os dias depois do trabalho.

Cain estremeceu e fechou os olhos. Então, ela estava mesmo indo ali depois do trabalho.

— É mesmo?

— Sim. — Woodman pigarreou. — Por acaso você, hm, tem a visto lá na Fazenda McHuid?

Cain abriu os olhos e deu de ombros, determinado a manter um tom casual na voz.

— De vez em quando. Mas estou sempre trabalhando e ela também.

— Hmm — disse Woodman. — Então, você a viu.

— Vi sim.

— Ela é mais bonita do que todas as garotas que vimos na Europa juntas — declarou Woodman baixinho.

É, ela é mesmo.

— Rá! — exclamou ele, o coração apertado no peito ao ouvir a ternura na voz de Woodman. Ficou de pé e limpou as mãos sujas de graxa na calça jeans. Precisava dar o fora dali antes que Woodman percebesse a verdade, antes que ele percebesse que os sentimentos que Cain nutria por Ginger eram tão reais, intensos e fortes quanto os dele.

— Você não concorda? Acho que está precisando de óculos, cara.

— Acho que preciso mesmo — cedeu ele, pegando a chave de fenda e virando-se para o primo. — Pronto, acho que já consertei.

— Já está indo embora? — perguntou Woodman, erguendo uma das mãos para proteger os olhos do sol.

— Já. Tenho um encontro com, hm, Mary-Louise Walker — confidenciou ele. — Já estava me esquecendo.

Os ombros de Woodman se relaxaram e a expressão em seu rosto passou de aliviada para surpresa.

— Você está comendo ela de novo?

— Quase todo dia — respondeu Cain.

E era verdade. Estava trepando com Mary-Louise sempre que podia, o que na verdade era bem desprezível, já que sempre que estavam transando, Cain fechava os olhos e fingia que ela era outra pessoa.

— Seu sortudo — disse Woodman, dando uma piscadela para Cain, inclinando-se para trás até que seu rosto estivesse coberto pela luz do sol. — Bem, então, acho que é melhor você...

— Sim — respondeu Cain, jogando a chave de fenda na maleta de ferramentas do tio, fechando-a e colocando-a ao lado do primo nos degraus da escadaria.

— Cain!

— Pois não? — disse Cain, virando-se para Woodman, que estava apenas com um dos olhos aberto.

— Está tudo dando certo — declarou ele, observando a expressão no rosto de Cain atentamente conforme relembrava o que fora dito na viagem deles para casa. — Entre Ginger e eu. Assim como você disse que seria.

O sorriso de Cain era genuíno quando se virou para olhar para o primo. Estava feliz por Woodman. Estava mesmo.

Porra, ele *queria* estar.

— Você merece tudo que deseja, Josiah — disse ele do fundo do coração.

— Valeu, Cain — respondeu ele, fechando os olhos. — Não importa

quão ocupado você esteja com a Mary-Louise, acho bom você vir me ver antes de ir embora para Virgínia na sexta-feira que vem, entendeu?

Os olhos de Cain se arregalaram e ele piscou. Minha nossa, ele tinha perdido a noção do tempo. Ia embora dali oito dias. Só mais oito dias.

Ele subiu na motocicleta e vestiu o capacete.

— Pode deixar.

Quando acelerou, as palavras de Woodman invadiram a sua mente:

Está tudo dando certo. Entre Ginger e eu. Assim como você disse que seria.

É claro que está, pensou ele, cerrando a mandíbula com tanta força que chegou a doer, as batidas fortes do coração sendo abafadas pelo barulho do motor.

A garota que ele amava estava fazendo a escolha certa.

O primo que ele amava estava conquistando a garota dos sonhos.

E Cain?

Estava voltando para o emprego que amava, em um mundo que ele entendia, onde Ginger e Woodman e Apple Valley eventualmente se desbotariam e ele conseguiria encontrar uma maneira de lidar com a ausência deles.

Era o suficiente, certo? Será que seria suficiente?

— É tudo que você tem! Vai *ter* que ser o suficiente! — gritou ele, os olhos ardendo, a voz perdendo-se em meio ao ronco do motor conforme a moto fazia uma curva fechada.

Estremecendo quando passou reto pela entrada da Fazenda McHuid, Cain manteve a cabeça baixa e seguiu em frente até chegar à destilaria abandonada.

Capítulo Doze

~ *Ginger* ~

No sábado, Cain a ajudara a carregar as compras até o chalé, e ela tinha encontrado Cain e Klaus no restaurante do clube no domingo. Mas, nas poucas vezes em que passara no celeiro durante a semana, ou Cain estava fora de vista ferreando um cavalo, ou a moto dele não estava lá. Independentemente da hora em que ela passava no celeiro, Cain nunca estava, e, na quinta-feira, Ginger teve a impressão de que ele a estava evitando de propósito.

Assim como insistir que fossem só amigos era uma forma de mantê-la afastada, Cain estava fazendo o mesmo ao ser esquivo e manter-se sempre ocupado. Mas depois de uma semana, Ginger já estava farta daquilo. A relação entre eles já havia sido muito abalada três anos atrás. Ela não permitiria que aquela conversa constrangedora que tiveram na cozinha do chalé fosse o último encontro que teria com Cain pelos próximos anos por vir.

Então, ela faltou às aulas de sexta-feira e fingiu que estava doente para não ir trabalhar. Depois, dirigiu-se ao celeiro às seis da manhã, determinada a ficar sentada no banco em frente ao casebre até Cain resolver dar as caras. O que, infelizmente, só aconteceu lá pelas nove da manhã.

Quando a porta do casebre finalmente se abriu, os olhos de Ginger se arregalaram de prazer diante da visão de Cain vestindo apenas uma calça jeans, deslizando a mão pelos cabelos pretos e despenteados, os olhos semicerrados. Ele caminhou em direção às portas abertas do celeiro e deixou-se banhar pela luz do sol, espreguiçando-se e dando uma ótima oportunidade para Ginger poder conferir o abdômen desnudo.

Um leve choramigo escapou dos lábios de Ginger e Cain virou-se em direção ao som, arregalando um dos olhos e depois o outro, surpreso por vê-la ali.

Ela ficou de pé e pousou as mãos na lateral do quadril.

— Você está me evitando?

— Talvez — respondeu ele com um sorriso doce e sonolento, a voz rouca como costumava ficar no Ensino Médio depois de uma noite de bebedeira.

— Festejou muito ontem à noite? — quis saber ela.

Ele deu de ombros.

— Não foi bem uma festa, princesa.

— Destilaria?

Ele respirou fundo e suspirou, pendendo a cabeça para o lado.

— O que *you* sabe sobre a destilaria? Uma garota boazinha como você não deveria frequentar aquele lugar.

— Talvez eu não seja tão boazinha quanto você pensa — respondeu ela com atrevimento. — Além disso, eu já tenho dezoito anos, Cain. Todos os jovens de Apple Valley já frequentaram a destilaria em algum momento.

Ele meneou a cabeça e abriu um sorriso.

— Desde que você não vá com frequência.

— Não vou — esclareceu ela, retribuindo o sorriso.

— Você não devia estar no trabalho?

— Cancelaram meu turno — mentiu ela.

Ele deu um passo à frente e ela conseguiu sentir o aroma de álcool e cigarro impregnado na pele dele.

— O que você quer, Srt^a Virginia Laire McHuid?

Ela franziu o nariz.

— Primeiro? Quero que você tome um banho, Sr. Cain Holden Wolfram.

Ele abriu um sorriso que quase ateou fogo às calcinhas dela.

— Sim, senhorita. E depois disso?

— Bem, depois preciso que um *amigo* saia para montar a cavalo comigo — determinou ela com um sotaque sulista carregado.

— E imagino que este amigo seja eu.

— Por que não? — Ela deu de ombros de maneira jocosa. — Você vai tomar banho. Eu vou colocando a sela em Heath e Thunder. Combinado?

— Não posso recusar o convite de uma dama sulista — declarou ele, virando-se para voltar ao quarto e oferecendo a Ginger uma bela visão daquela bunda na calça jeans apertada. — Só me dê uns dez minutinhos.

— Só nove — respondeu ela, caminhando em direção ao estábulo de forma alegre.

Uma hora mais tarde, pararam às margens do Rio Glenn, treze quilômetros rio abaixo da casa de Ginger e a dois quilômetros de distância da destilaria na qual Cain havia festejado na noite anterior.

— A gente devia dar água para eles — propôs Cain, tomando as rédeas de Thunder e desmontando do cavalo com a habilidade de um cavaleiro de longa data.

Ela puxou as rédeas de Heath e a égua relinchou em protesto. Ginger abriu um sorriso para Cain, que se aproximou da égua para ajudar a garota a descer. As mãos deles se demoraram um pouco no quadril de Ginger conforme a garota deslizava de cima da égua. Inclinando a cabeça para trás, Ginger olhou para ele, desafiando-o a puxá-la para mais perto de si, a beijá-la, a admitir que toda aquela história de amizade não passava de conversa fiada. Mas ele cerrou a mandíbula, pigarreou e afastou as mãos.

— Valeu — agradeceu ela com voz rouca, Cain a observava com uma expressão sombria e impassível nos olhos.

Pegando as rédeas de Heath com um grunhido, ele afastou-se de Ginger, guiando os cavalos em direção à margem do rio. Ela abaixou-se para pegar uma pedra no chão e a lançou por sobre as águas paradas.

— Nada mal — elogiou Cain.

— Você sempre foi o melhor nisso.

— Não — negou ele. — Woodman era o melhor.

— Nada disso — discordou ela, pegando outra pedra no chão. — Woodman era bom, mas você era melhor. Você se lembra daquela vez no feriado de Quatro de Julho? A sua pedra quicou onze vezes! *Onze* vezes. Foi um recorde.

Satisfeito por ver que os cavalos estavam calmos e bebendo água, Cain abaixou-se e pegou uma pedra, lançando-a em direção às águas escuras.

Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete...

— Uau! — exclamou ela, batendo palmas. — Você ainda leva jeito!

Ele virou-se para ela, sorrindo.

— Você sempre fica animada com as coisas mais simples. Qual é a sensação de ficar tão feliz com qualquer coisa, Gin?

— Qual é a sensação de não ficar feliz com nada, Cain? — devolveu ela, a voz carregada de atrevimento.

— Estou bem feliz com *você* agora, princesa.

Uma onda de eletricidade passou entre eles quando Cain disse aquilo, e a respiração de Ginger se acelerou por um instante, mas, então, ela olhou para o chão e pegou outra pedra. Estava se divertindo muito hoje para retornar à Terra do Constrangimento.

Lançou a pedra, que quicou míseras três vezes antes de afundar.

— Você se lembra de quando salvou a minha boneca de um destino miserável neste rio? — perguntou ela.

Ele franziu o cenho.

— Não fui eu. Deve ter sido o Woodman.

— Foi você *sim*! — insistiu ela. — Não foi Woodman!

— Salvar uma boneca? Por favor. Isso é a cara de Woodman. Duvido

muito que eu ligaria caso a boneca afundasse.

— Mas *eu* ligaria — esclareceu ela baixinho. — Foi por isso que você a salvou.

— Tudo bem. Acredite no que quiser — queixou-se ele, sentando-se em uma grande rocha à beira do rio.

Ela suspirou, agachando-se para lavar as mãos na água límpida antes de olhar para ele.

— Por que você faz isso?

— Isso o quê?

— Deixa Woodman levar o crédito por todas as coisas boas?

Ele deu de ombros e afastou o olhar, fixando-o no rio adiante.

— Eu não faço isso.

— Você acabou de fazer isso. Duas vezes.

Ele suspirou e a olhou com uma expressão de sofrimento nos olhos.

— Se alguma coisa boa aconteceu, é bem mais provável que tenha sido obra de Woodman.

— Por quê?

— Porque ele é um homem melhor, Gin — respondeu Cain de forma ponderada, uma expressão séria no olhar.

Ela ficou de pé, virando-se para ficar de frente para ele.

— Você realmente acredita nisso?

Ele afastou o olhar.

— É a verdade.

— Cain. Cain, olhe para mim. — As palavras não pareceram suficientes, então, ela implorou com os olhos. — Você é um homem tão bom quanto ele.

— Rá! — zombou Cain, ficando de pé. — Até parece, princesa.

Ginger presenciou as diferenças entre os primos durante sua vida toda. Woodman vinha de um lar abastado e feliz, enquanto Cain vinha de um lar infeliz e não tão abastado assim. Então, a vida do garoto seguiu um curso natural em direção à rebeldia e à indiferença. Mas, de alguma forma, Cain sonhara com uma vida melhor e fora atrás dela e, aparentemente, o tempo na Marinha fora uma escolha acertada que o tornara um homem melhor. Ginger não podia tolerar que ele fosse tão duro consigo mesmo.

— Você está errado — contrariou ela. — Vocês dois são muito diferentes, você e Woodman, mas eu... eu queria que você pudesse se ver como *eu* te vejo.

Ele olhou para ela, e a ternura, a *gratidão* estampadas nos olhos dele fizeram um nó se formar na garganta de Ginger e a garota se deu conta, pela primeira vez, que enquanto os pais dela estavam constantemente dizendo o quanto a amavam, e que os pais de Woodman diziam a mesma coisa ao filho, ninguém dizia a Cain o quanto ele era amado. Klaus estava sempre muito ocupado com os afazeres da Fazenda McHuid para se preocupar com o filho, e Sarah sempre fora uma mãe ausente e infeliz. Ginger lembrou de Cain aos nove anos de idade, esperando no celeiro durante festas para as quais não fora convidado, torcendo para que os amigos conseguissem escapar com um pedaço de bolo para ele. Apenas um garotinho que ninguém desejava, um garotinho que calculava seu valor por todas aquelas coisas não ditas.

— Garotinha do coração valente — disse ele baixinho.

Os olhos de Ginger se encheram de lágrimas, mas ela abriu um sorriso doce para ele.

— Você era melhor em lançar pedras na água. Você salvou minha boneca. Você é bom, Cain.

— Princesa — começou ele, a voz respeitosa e baixa, mas com um apelo atrelado. — Você vai acabar comigo se não parar com isso.

Então, ele ficou de pé e foi em direção aos cavalos. Pegou as rédeas e entregou a de Heath para Ginger sem olhar para ela. Antes que tivesse a chance de montar e afastar a égua do riacho, Cain e Thunder já haviam ido embora.

Ginger tinha medo de que aquela conversa franca que tiveram no rio desencadeasse outra situação constrangedora que faria Cain evitá-la novamente, mas na manhã seguinte ela acordou com o som de buzinas e de água escorrendo vindos do lado de fora do chalé. Quando saiu da cama e olhou pela janela, avistou Cain na entrada da garagem lavando a antiga caminhonete de sua avó.

— Ei! — chamou ela.

Ele olhou para ela por baixo da aba do chapéu de *cowboy* preto, os lábios formando um sorriso de tirar o fôlego. Ele fechou a mangueira.

— Ei, dorminhoca!

Ela abriu um sorriso, apoiando o cotovelo no parapeito da janela e pousando a bochecha na palma da mão.

— O que você está fazendo aí?

— Lavando a caminhonete da sua avó. Se você vai usar essa lata velha como enfeite de jardim, no mínimo tem que estar sempre nos trinques.

— Ah é?

— É sim, princesa — respondeu ele, apoiando as mãos no quadril e respirando fundo, fazendo o peito estufar por baixo da camiseta branca molhada.

— Não está com fome depois de todo esse trabalho? — quis saber ela.

— O que você tem para me oferecer? Já vi o seu freezer recheado de pizzas congeladas.

— Quero que você saiba que faço um ovo frito bem bom.

Ele deu risada, abrindo um sorriso sob o sol outonal e ajeitando a aba do chapéu.

— Não duvido.

— Então, termine aí e venha para cá.

Antes que ele tivesse a chance de responder, ela fechou a janela e saiu do quarto, batendo as palmas das mãos e soltando um risinho diante daquela situação fantástica. Eles tiveram uma conversa profunda no dia anterior e ele não tinha fugido dela hoje.

— Cain — suspirou ela, a respiração ficando acelerada conforme o coração batia mais rápido diante de um antigo amor que repentinamente parecia novo, que parecia instigante – e até que enfim – *possível*.

Despiu a camisola e a jogou no piso de madeira, abriu a gaveta da cômoda e pegou um sutiã branco de renda e uma calcinha combinando. Havia comprado aquelas peças no impulso antes do baile do último ano do Ensino Médio, mas acabou não as usando porque o seu acompanhante – Silas Varner – aparecera para buscá-la com duas horas de antecedência e completamente bêbado. Papai o escoltara para fora da propriedade com um revólver em mãos, e aquele havia sido o fim nada cerimonioso da formatura de Ginger. Não que ela tivesse se importado, pensou, vestindo a calça jeans e vasculhando o armário em busca da camiseta cor-de-rosa. Silas não era especial para ela.

Prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e sorriu para o reflexo no espelho antes de descer as escadas descalça, feliz por ainda conseguir ouvir a água respingando contra a caminhonete da avó.

Pegou a frigideira no armário e a colocou em cima do fogão, então, pegou uma caixa de ovos na geladeira. Quando colocou os ovos em cima da bancada, pendeu a cabeça para o lado e olhou pela janela para ter um vislumbre de Cain. Depois do *bom dia* apressado que trocaram, ele tinha tirado a camiseta, provavelmente tentando mantê-la seca enquanto enxaguava a caminhonete que esfregara com tanto carinho.

A clavícula estava proeminente na base do pescoço, forte e sólida. Deslizou os olhos pelo abdômen coberto de pelos escuros até chegar ao músculo em formato de V que levava até a virilha, sentindo o rosto ruborizar. Tracejou os gominhos do abdômen com o olhar até chegar ao peitoral definido, e depois...

Ah, maldição!

Naquele exato momento, Cain ergueu o olhar e a pegou no flagra. Ela sentiu os olhos se arregalarem e deu um passo para o lado, afastando-se da janela, o coração acelerando no peito ao ouvir a risada de Cain.

— Tem uma princesa xereta por aqui! — gritou ele, jogando água na janela da cozinha.

Ginger levou as mãos às bochechas, soltando um risinho enquanto meneava a cabeça, morrendo de vergonha.

Depois de um instante, lembrou-se do que devia estar fazendo e virou-se para pegar a manteiga, jogando uma quantidade generosa na frigideira antes de acrescentar quatro ovos. Quando devolveu a caixa de ovos à geladeira, pegou o pão e colocou duas fatias na torradeira.

Dois minutos depois, os ovos ficaram prontos, e ela estava passando manteiga na torrada de Cain quando ele adentrou a cozinha. Estava de camiseta novamente.

— Não queria distraí-la — provocou ele, tirando o chapéu e o colocando em um prego ao lado da porta.

As bochechas de Ginger, que haviam acabado de voltar ao normal, coraram novamente. Mas ela não ligou. Cain estava bem ali na cozinha dela prestes a tomar café da manhã. E aquilo a deixava tão feliz que devia ter ficado assustada. Mas tudo que enxergava era Cain, finalmente em casa, na casa *dela*, de volta à vida dela, onde ela tinha certeza de que era o lugar dele.

— Ainda convencido de cabo a rabo — observou ela, servindo café para os dois.

— Disse a garota que estava me espiando pela janela da cozinha.

— Quer saber de uma coisa, Cain? — perguntou ela, virando-se em direção a ele, segurando as xícaras de café.

— Quero. Manda bala, Gin — respondeu ele, sentando-se à mesa e olhando para ela com um brilho nos olhos.

Ela deu uma risadinha e meneou a cabeça como se ele fosse um garoto levado, incorrigível e adorável ao mesmo tempo.

— Estou feliz por você estar em casa.

— É mesmo? — perguntou ele.

— É sim — sussurrou ela, fitando-o fixamente até que o sorriso dele desvanecesse e que os olhos ficassem escuros e cálidos.

Por fim, ele engoliu em seco e olhou para os ovos que ela havia preparado.

— Nada de pizza congelada.

Ela colocou uma xícara de café em frente a ele e sentou-se na cadeira do lado oposto da mesa.

— Sou boa em manter promessas, Cain.

Ele pegou o garfo e estava prestes a pegar um pedaço do ovo quando parou e olhou para ela com uma expressão desesperada e agradecida. Os lábios dele se abriram conforme dava uma garfada no prato.

— Também estou feliz por estar em casa.

Depois do café da manhã, eles foram andar a cavalo novamente. Desmontaram às margens do rio e seguiram a pé, guiando os cavalos pelo cabresto. Enquanto serpenteavam em meio aos bosques e campinas de Glendendale County, Cain contou a Ginger sobre os três anos que passara na Marinha – pequenas histórias que a fizeram sorrir, e algumas que quase a fizeram chorar. E todas aquelas histórias resultavam em um homem que estava muito mais satisfeito do que o garoto que era quando partiu. Aquilo fazia o coração de Ginger explodir de felicidade, porque um Cain feliz poderia ser um Cain capaz de abrir um espaço para ela em sua vida.

— É quase como se eu estivesse destinado a me tornar um oficial encarregado da prevenção de danos — confidenciou ele, enroscando as rédeas de Thunder entre os dedos conforme caminhavam vagarosamente. — Nunca amei cavalos, sabe?

— Eu sabia — respondeu ela. — Dava para notar.

— Eu gostava da maquinaria.

— Como a sua moto.

— Aham. Como a minha moto. Eu nunca... Quer dizer, não me entenda mal, Gin, mas nunca senti que eu pertencesse a este lugar. Aqui em Apple Valley. — Ele esfregou a ponta da bota em alguns pedregulhos que marcavam o caminho para a Campina Conrad. — As únicas coisas que tornavam tudo tolerável eram você e Woodman.

— E as garotas na destilaria — acrescentou ela, lançando um olhar de soslaio a ele.

Ele deu um risinho.

— É, imagino que sim. Elas também. Mas você sabe que elas não significavam *nada* para mim, não sabe? Não são como você e Woodman.

Caminharam em silêncio por mais alguns minutos enquanto Ginger apreciava de bom grado aquelas palavras. Quando olhou para Cain, o rosto anguloso dele parecia suave à sua maneira — como se pela primeira vez ele não estivesse lutando contra o local onde estava ou a pessoa que o acompanhava. Como se ele realmente estivesse satisfeito.

— Fico feliz por você e Woodman terem se acertado.

Cain a olhou rapidamente antes de assentir.

— É, eu também. Quase fodi com tudo de vez quando eu... quando nós dois, bem, você sabe.

— Woodman não é meu dono, Cain. Eu *quis* que você me beijasse.

Ele manteve a cabeça baixa, as pedras esmagando pedregulhos e folhas secas conforme caminhavam pelo caminho que atravessava a campina.

— Você era tão nova.

— Eu sabia o que queria — disse ela com simplicidade.

— Não quero falar sobre isso — avisou ele com firmeza.

Ginger mordeu a língua e se obrigou a ficar em silêncio porque ela *queria* falar sobre aquilo. Queria conversar sobre tudo abertamente. Por que

ele fugia sempre que o relacionamento deles parecia prestes a mudar de platônico para algo mais? Por que ele encerrava a conversa quando o assunto era a atração que sentiam um pelo outro? Por que ele não se entregava aos sentimentos que nutria por ela? Era enlouquecedor, especialmente porque já era sábado. O tempo estava acabando. Dali a uma semana, Cain teria ido embora e Ginger não fazia ideia de quando ele voltaria para casa. Ela sentia uma necessidade devastadora de aproveitar ao máximo o tempo que ainda tinham juntos.

— Como decidiu que queria virar enfermeira? — perguntou ele.

— Hm. Bem, meus pais acharam melhor que minha avó se mudasse para Silver Springs três anos atrás, e eu ia visitá-la sempre que podia. Acho que me acostumei a estar sempre por lá.

— Você gosta disso.

— Gosto mesmo — concordou ela, escutando o raspar das botas pelo caminho que trilhavam. — Na verdade, eu *amo*.

— Isso é muito bom, Gin — disse Cain, dando uma leve cotovelada no quadril da garota. — Por que disse isso como se fosse um segredo?

— Meus pais odeiam. Eles preferiam que eu tivesse ido para a faculdade em Lexington ou Frankfort, ou para algum lugar como Vanderbilt.

Cain bufou em escárnio.

— Caralh... Caramba, mas quem se importa com o que eles querem? É a sua vida, não a deles.

Uma onda de calor invadiu o peito de Ginger e ela virou-se para olhar para ele. Cain sempre a encorajava a pular quando todos os outros diziam para que ficasse parada, ficasse quietinha, ficasse segura. Como ela desejava que aquele cara arrogante e forte fosse uma constante em sua vida. Como era exaustivo lutar suas pequenas batalhas sem ninguém ao lado. Foi envolta por uma nuvem de melancolia quando pensou que ele a deixaria para trás mais uma vez.

— Você está ansioso para ir embora na sexta-feira que vem? — perguntou ela baixinho.

Ele deu de ombros.

— Mais ou menos.

— Por quê?

— Estou ansioso para ir porque sou bom no que faço e eu me sinto, sei lá, no controle da minha vida quando estou em serviço. Responsável. Útil. Como se eu me encaixasse de uma forma que nunca aconteceu quando morava aqui. — Ele passou a mão pelas mechas pretas de cabelo. — É uma boa combinação, o serviço militar e eu. Eu me *encontrei* lá, Gin. Nossa, isso pareceu muito idiota, mas...

— Não pareceu, não — assegurou ela com o coração apertado, imaginando que já que ele amava tanto a vida militar, voltar para casa e estabelecer-se em Apple Valley, que Ginger amava tanto, não seria uma possibilidade muito atraente para ele. — Você pensa em seguir carreira?

— Talvez — respondeu ele. — Ainda não sei. Tenho mais um ano de contrato, depois posso tirar alguns meses de folga e decidir.

— Decidir se vai se realistar novamente?

— Isso — respondeu ele, assentindo. — Ultimamente, tenho pensado que gostaria de subir na minha moto e dirigir país afora. Ou até mesmo pelo Canadá. Ou pela Europa. Ou, diacho, pelos três lugares. Vi vários lugares incríveis a bordo do navio. Queria vê-los em terra também.

— *Wanderlust*, o desejo de viajar — disse Ginger baixinho.

— *Wanderlust* — repetiu ele, e Ginger percebeu que ele estava dizendo aquela palavra pela primeira vez. — Ei, gostei disso, Gin. Acho que acabei de encontrar um novo nome para a minha moto.

— Então, você serve por mais um ano, dirige pelos EUA, Canadá e Europa, decide se vai se realistar ou...

— Ou... — disse ele com determinação, como se aquela palavra pudesse ser uma escolha, e provavelmente no mundo de Cain, era mesmo uma escolha. Aquilo estava enlouquecendo Ginger, que queria planos e promessas, que queria saber a data exata em que ele estaria de volta para que pudesse circular o dia em seu calendário e olhar para aquilo sempre que

estivesse tendo um dia ruim.

Ele parou de andar repentinamente e entregou as rédeas de Thunder para Ginger. Ela ergueu o olhar e observou enquanto Cain corria pela campina em direção a uma macieira na extremidade de um jardim. Ele estendeu a mão, o corpo longilíneo se esticando conforme ele colhia quatro maçãs, equilibrava-as nos braços e corria de volta para Ginger.

— Você acha que o velho Sr. Pinkney vai perceber que pegamos quatro maçãs?

— Aposto que não — respondeu ela, entregando as rédeas de Thunder a Cain e pegando duas maçãs. Deu uma a Heath e mordeu a outra, o sumo doce e aromático escorrendo pela garganta. — Você não terminou de falar naquela hora.

— Como assim? — perguntou ele, o sumo da fruta se acumulando no cantinho da boca. Por um instante, Ginger quis ser corajosa o suficiente para lamber aquilo.

— Quando perguntei se você estava ansioso para ir embora, você disse que mais ou menos. Mas só falou os motivos pelos quais queria ir. Quais são os motivos para ficar?

— Ah — disse ele, arqueando as sobrancelhas e dando outra mordida na maçã antes de olhar para Ginger, e ela desejou ser capaz de ler pensamentos, porque ele vacilou ligeiramente antes de se virar, puxar as rédeas de Thunder e começar a caminhar novamente.

Ela o seguiu, sabendo que Cain havia se colocado em uma sinuca de bico, mas com a certeza de que se ela permanecesse em silêncio, ele conseguiria se esquivar.

Depois de um instante, ele disse:

— Tem uma citação que eu gosto, sobre como adolescentes enxergam o pai como um idiota e que, quando fazem vinte um anos, ficam chocados ao perceberem o quanto o pai havia aprendido.

Ginger deu uma risadinha e deu outra mordida na maçã antes de dar o resto para Heath.

— As coisas com o meu pai são mais ou menos assim — segredou Cain. — Nós nunca... sei lá, nós nunca nos demos muito bem. Ele estava sempre tão absorto nas coisas da fazenda e nos cavalos. Sempre senti que ele tinha muito mais em comum com Woodman do que comigo.

— E agora?

— Ou ele amadureceu... ou eu amadureci... ou nós dois amadurecemos — apontou Cain de forma ponderada. — O negócio é que ele ainda fala sobre cavalos o tempo inteiro, mas eu simplesmente...

— Não odeia mais isso tanto assim?

Cain meneou a cabeça.

— Não odeio nem um pouco. Na verdade, até que gosto. Tem algo... familiar em relação a isso.

— Algo reconfortante.

— É, imagino que sim.

— E a fazenda?

— A mesma coisa — respondeu ele. — Eu estava tão ansioso para ir embora, mas foi surpreendente voltar, sabe? Voltar para casa. Como se eu estivesse vendo tudo com novos olhos e me dando conta que tudo que eu pensava odiar não era tão ruim no fim das contas.

— É porque você está diferente — comentou ela.

— Você acha mesmo?

— Ah, com certeza — garantiu ela, observando um bando de gansos voando para o sul em uma formação em V. — Eu sei que está. Você não é mais esquentado e nervosinho. Quer dizer, continua o mesmo paquerador de sempre — brincou, dando uma cotovelada nele. — Mas você amadureceu muito no tempo em que esteve fora, Cain.

— É porque eu encontrei um propósito — declarou ele. — Igual a você, Gin.

Mas o meu propósito me mantém aqui e o seu te mantém tão

afastado de mim, pensou ela com melancolia, pensando que Cain ia embora para Virgínia na sexta-feira e não voltaria para casa tão cedo. Não antes de terminar o contrato, percorrer o mundo em sua moto, daí, se realistar por mais quatro anos. Era um pensamento tão triste que um nó se formou em sua garganta e ela olhou para o chão.

— Então, sim, acho que vou sentir falta de meu pai. E vai ser triste deixar meu primo para trás. Nunca fui um marinheiro sem ele ao meu lado.

— Eu vou cuidar dele — prometeu ela, olhando para o rosto de Cain ao dizer aquilo. Ele cerrou a mandíbula e acariciou o lábio inferior com o polegar.

— Tenho certeza de que vai — disse ele de forma um pouco rígida.

Quando você estiver pronta, venha até mim. Vou estar esperando por você.

As palavras de Woodman invadiram a mente de Ginger e ela pensou naquilo... pensou nos três anos que Cain estivera fora... pensou na possibilidade de ele ir embora e nunca mais voltar. Ainda que ele decidisse que não ia se realistar, Cain queria conhecer o mundo, e o mundo de Ginger era bem ali, em Apple Valley. Se ela fosse esperta, esqueceria a forma como seu coração se acelerava na presença de Cain, esqueceria o desejo de tocá-lo, esqueceria o som doce e suave da voz dele. Se ela fosse esperta, montaria no cavalo e iria até a casa de Woodman e diria a ele que tinha decidido dar uma chance aos dois. Se ela fosse esperta, empenharia-se ao máximo para amar Woodman de todo coração e com as melhores das intenções, e ver se havia uma boa vida para os dois, apenas esperando para ser descoberta.

— E eu também vou sentir a sua falta, princesa — sussurrou Cain, desacelerando o passo até parar por completo. — Eu vou sentir muito a sua falta.

Ela parou em frente a ele, processando o que ele havia dito antes de se virar para encará-lo. Ele a olhou com tanta ternura que Ginger não conseguiu desviar o olhar.

— Você vai sentir a minha falta quando estiver em Tombuctu — disse ela, tentando manter um tom de voz despreocupado, mas falhando

miseravelmente.

— Onde quer que eu esteja — disse ele com a voz carregada de um desejo de partir o coração, e Ginger ficou sem fôlego —, vou *sempre* sentir a sua falta.

Enquanto fitava aqueles olhos azuis, um trovão ressoou pela campina, e Ginger olhou para o céu a tempo de ver uma nuvem escura tapar o sol.

— Tem uma tempestade chegando — avisou Cain, olhando para o céu com uma expressão preocupada no rosto. — É melhor a gente voltar.

Ele entrelaçou as mãos, e apesar de Ginger odiar ter de interromper aquela conversa, ela apoiou o pé nas mãos de Cain e montou no cavalo. Cain montou em Thunder, ajustando-se com facilidade na sela.

Virando-se para ela, Cain disse:

— Cavalgue depressa. Você é rápida e forte. Nós vamos conseguir escapar da tempestade. Vou estar bem atrás de você.

Rápida e forte. Ela não se sentia nem um pouco assim naquele momento.

Os olhos estavam tão marejados que ela mal conseguia enxergar, mas assentiu e pôs Heath a galopar. Lágrimas escorreram pelo seu rosto e o vento as levou embora. Ginger fechou os olhos, grata por Heath saber o caminho para casa.

Era a manhã de domingo, e o céu acinzentado fazia com que o mundo parecesse frio e incerto. Ginger acordou sentindo-se confusa e abalada depois da conversa que tivera com Cain no dia anterior. Tivera sonhos revoltos e caóticos, e acordou exausta. Em vez de sair da cama e vestir-se para ir à igreja, aninhou-se em meio às cobertas, buscando a paz que não conseguia encontrar.

Por um lado, Cain parecia determinado a mantê-la afastada. Por outro, era impossível que ela tivesse entendido errado a intenção dele ao dizer

que sentiria falta dela. Foi diferente daquela vez na cozinha do chalé, quando ele inventou uma conversa fiada sobre como sentiria falta do pai e de Woodman. Dessa vez, quando disse que sentiria falta dela, estava falando diretamente com *ela*. E ela o escutara em alto e bom som.

Mas aos vinte e um anos de idade, Cain parecia não ter um plano sólido para a sua vida. Parecia muito mais jovem do que Ginger e Woodman, com aquele papo sobre percorrer a Europa em cima de sua moto, sem ter ideia se ia se realistar ou fazer outra coisa da vida. Antes de ir para o campo de treinamento, Woodman tinha a vida toda planejada: cinco anos em serviço, três anos na Reserva, depois, trabalhar na Fazenda McHuid e ser voluntário no corpo de bombeiros até que tivesse dinheiro suficiente para comprar uma casa em Apple Valley. E é claro que o plano dele sofreria algumas modificações por conta do ferimento, mas, pelo menos, Ginger conhecia o plano dele, e gostava da segurança e do conforto que aquilo trazia. A previsibilidade daquilo era tentadora e fazia com que ela se sentisse segura. Mas Cain? Cain era livre, leve e solto – nenhum plano sólido traçado. Apenas um jovem com um brilho nos olhos, um jovem que via o mundo como um parquinho esperando para ser explorado.

Apesar de todo o dinheiro dos pais, que facilmente poderiam ter bancado um *wanderlust*, Ginger não tinha interesse em viajar. Era uma garota de cidade pequena que gostava da sua vidinha de cidade pequena. Estava satisfeita por ficar morando no chalé na fazenda dos pais até se casar, satisfeita em cursar enfermagem em uma faculdade local e satisfeita por trabalhar na casa de repouso em que a avó morava. Ginger não tinha sonhos grandiosos sobre ir embora de Apple Valley e viajar mundo afora. Os seus sonhos eram pequenos e locais. O que significava que naquele momento – ela com dezoito anos e Cain com vinte e um – os dois eram incompatíveis no que dizia respeito ao futuro que imaginavam para eles mesmos. Queriam coisas diferentes. Queriam coisas muito, muito diferentes.

E mesmo assim...

Ela fechou os olhos e permitiu-se sonhar sem reservas, fantasiando sobre o que *realmente* queria.

Em seus sonhos mais loucos – em seu mundo perfeito – ela perderia

a virgindade com Cain nos próximos dias, e ele a desabrocharia com ternura, declarando o seu amor eterno por ela. Quando ele fosse embora, prometeria que manteria contato, e trocariam cartas apaixonadas expressando o amor profundo que sentiam, e contariam os dias até o momento em que pudessem ficar juntos novamente. Ela o encontraria em Virgínia, e eles passariam o fim de semana em um hotel. Ele a surpreenderia ao vir passar uma semana em casa na primavera, incapaz de ficar longe de Ginger, e eles ficariam aninhados no chalé até que fosse a hora de ele ir embora. E, então, bem, quando o último ano do contrato chegasse ao fim, ele voltaria para Ginger, todas as fantasias sobre percorrer a Europa de motocicleta deixadas de lado, porque estar ao lado de Ginger era toda a aventura de que ele precisava.

Ele decidiria que não queria se realistar e iria para a Reserva, porque escolher ficar longe de Ginger era algo impensável. Com o passar do tempo, aprenderia a amar Apple Valley – Ginger o ajudaria com isso, ajudaria a tornar a cidade como um lar para ele, ajudaria Cain a ser feliz. Ele trabalharia no corpo de bombeiros e um dia, quando chegasse em casa do trabalho, Cain a pediria em casamento — *Você quer se casar comigo, princesa?* E ela diria *Sim, sim, mil vezes sim!* E eles viveriam felizes para sempre.

— Felizes para sempre — sussurrou ela. — Ginger e Cain Wolfram.

Mas dizer aquilo em voz alta pareceu tão improvável que aquele sonho lindo e impossível se desfez enquanto lágrimas se formavam em seus olhos e escorriam em direção aos seus cabelos. O problema com aquele plano?

Não era o plano de Cain.

Era o de Woodman.

E o grande dilema de sua vida – amar duas partes diferentes de dois homens diferentes – veio à tona quando deu-se conta, mais uma vez, de que enquanto um deles poderia oferecer a estabilidade e a doçura que ela tanto desejava, era o outro que a desafiava e ateava fogo em seu coração. Ela podia ter segurança com Woodman ou eletricidade com Cain, mas não podia ter as duas coisas com nenhum deles. Nenhum dos primos podia oferecer as duas coisas a ela.

Virando-se de lado, ela aninhou a cabeça no travesseiro, olhando pela janela e admirando as campinas e pastos da fazenda. Estava triste e frustrada, e o tempo não estava a seu favor no que dizia respeito a Cain.

— Pare de pensar no futuro — implorou para si mesma. — O que você quer *agora*?

A resposta veio fácil: *Quero Cain. Pelo tempo que puder.*

O pensamento estava concebido, e não importava se ela não tivesse pensado naquilo antes, porque agora reconhecia a verdade absoluta inerente ao pensamento. Cain fora o seu primeiro beijo. Ela queria que ele fosse o seu primeiro amante também.

O seu corpo inexperiente ganhava vida quando Cain estava por perto – cantinhos secretos e escondidos estremecendo de desejo e prontidão, os mamilos rígidos, e os calafrios de prazer que percorriam sua espinha. Ela nunca havia sentido aquilo por mais ninguém. E, aos dezoito anos de idade, já estava mais que pronta para ter sua primeira relação sexual, mas havia se guardado... para Cain.

E sim, ela sabia que ele estivera com dezenas de mulheres, mas também sabia que ele não amara nenhuma delas.

E sim, ela sabia que ele a deixaria para voltar à Marinha, mas parte dela torcia para que ele tivesse mais um motivo para voltar para casa se eles dormissem juntos.

E sim, ela sabia que ele tinha um desejo de explorar o mundo, mas uma parte dela tinha esperanças de que se eles se amassem – se ficassem juntos e se declarassem um para o outro –, então Cain consideraria um futuro em Apple Valley porque era onde *Ginger* estaria, e o desejo de estar com ela, de escolhê-la, seria tão forte que ele não teria escolha a não ser obedecer.

E no fim das contas, sim, era possível que ela perdesse a virgindade com Cain e nunca mais o visse, mas... mas...

Ela deitou de barriga para cima, encarando as sombras no teto do quarto. Será que ela conseguiria lidar com isso? Conseguiria aguentar ter Cain por alguns dias e, depois, perdê-lo para todo o sempre?

A resposta veio fácil novamente.

Sim, eu conseguiria aguentar.

A única coisa que não aguentaria era não tê-lo nunca.

Ainda tinha mais cinco dias antes de Cain ir embora, e mesmo que não soubesse se o veria novamente, ela o queria por completo agora. Queria saber, mesmo que por alguns dias, qual era a sensação de amá-lo e de ser amada por ele. Se precisasse, viveria naquele torpor, naquele paraíso, naquelas memórias apaixonadas, pelo resto de sua vida.

E sim, ela teria uma vida boa em Apple Valley com um homem bom ao seu lado. Teria uma casa e filhos – uma vida decente, respeitável e estável que ela protegeria e apreciaria. Mas, assim como o desejo de explorar o mundo de Cain, Ginger desejava explorar o corpo dele, e queria criar memórias de estar nos braços dele, do corpo dele contra o dela, do coração dela nas mãos dele, de sua alma entrelaçada a dele eternamente antes que ele fosse embora por tempo indefinido.

— *Servus*, Klaus — cumprimentou ela, adentrando o celeiro em busca de Cain depois da igreja e encontrando o pai dele limpando um dos estábulos.

Ela afastara os pensamentos impuros da mente durante a missa, mas todos os seus sentimentos de luxúria haviam retornado rapidamente quando ela voltou para casa para vestir o sutiã e a calcinha rendados, a calça jeans e um suéter preto bem ajustado ao corpo. O cabelo estava solto, mais encaracolado que o normal por causa da umidade da chuva, e ela havia passado sombra nos olhos e um batom escuro. Não queria que Cain hesitasse. Queria que aquilo acontecesse.

— Ginger! *Guten Tag* — Ele apoiou-se em uma pá e abriu um sorriso para a garota. — Pedi para o Cain ir até o antigo celeiro para pegar madeira.

Ginger assentiu e virou-se para ir embora.

— Obrigada. Vou até lá para procurá-lo.

Klaus soltou a pá e correu em direção a Ginger, pegando uma capa de chuva amarela em um prego ao lado da porta e a estendendo para ela.

— Logo vai chover.

— *Danke*, Klaus — agradeceu ela, sorrindo para o homem que conhecia desde pequena.

Os olhos azuis de Klaus, idênticos aos de Cain, fitaram-na fixamente antes que ele assentisse, abafando quaisquer palavras que estava prestes a dizer.

Ela acenou em despedida e saiu para procurar Cain.

O antigo celeiro era a estrutura que costumava abrigar os cavalos McHuids cem anos antes, quando o bisavô de Ginger comprou a propriedade da Fazenda McHuid e se instalou em Apple Valley. Quando o avô de Ginger assumiu o controle da fazenda, nos anos 1950, construía a mansão e o chalé em uma escarpa localizada a um quilômetro e meio da casa de fazenda e do celeiro antigos. A pequena casa de fazenda havia sido demolida para impedir invasões e festas de adolescentes, mas o antigo celeiro era mantido em boas condições para abrigar o gado estrangeiro temporariamente. O pai de Ginger, no entanto, havia renovado o novo celeiro no sopé da colina e não usava o antigo celeiro há mais de uma década. Na última vez que Ginger estivera no local, um ou dois anos atrás, vira que a construção havia sido dilapidada, o teto estava desmoronado e várias tábuas haviam sido arrancadas das paredes. Klaus estava determinado a desmanchar o celeiro e vender os pedaços de madeira, que ainda estavam em excelentes condições. E o pai de Ginger dissera que ele podia ficar com os lucros desde que fizesse todo o trabalho e a venda sozinho.

Enquanto Ginger passava por um piquete vazio, começou a garoar, e ela sentiu-se grata pela capa de chuva que Klaus a entregara, ainda que aquela capa de borracha estragasse o seu visual sexy. Não importava. Estava no meio de uma missão e decidiu ignorar o frio na barriga e a camisinha no bolso da calça. Se pensasse melhor no plano que bolara para seduzir Cain, talvez perdesse a coragem, e ela não podia perder aquela chance. Tinha que agir rapidamente se quisesse ficar com Cain antes que ele fosse embora.

Depois de quinze minutos de uma caminhada difícil, Ginger chegou ao topo da cadeia de colinas que despontava em um dos inúmeros vales da Fazenda McHuid. Avistou o antigo celeiro no sopé da montanha e, lá embaixo, trabalhando debaixo de chuva e carregando tábuas para uma pilha de madeira a alguns metros do celeiro, estava Cain.

Escondida no topo da colina, observou-o por um longo período, o coração batendo acelerado de tanto amor. Ele estava sem camiseta e vestia uma calça jeans de cintura baixa, as barras enfiadas dentro das botas gastas. O peitoral reluzia – fosse por causa de suor ou de gotas da chuva – e ela ficou hipnotizada diante da beleza esculpida e musculosa do garoto.

— Cain! — gritou ela, erguendo a mão em um aceno.

Ele virou-se para ela e, como sempre, um sorriso brotou em seu rosto no instante em que olhou para ela. Aquilo a deixou confiante e esperançosa. Fez com que seguisse em frente em direção ao sopé da colina e, esperava Ginger, em direção aos braços de Cain.

— Oi — cumprimentou ela sem fôlego, abrindo um sorriso enquanto se aproximava. Respirou fundo para dissipar o frio que sentia na barriga. O antigo celeiro parecia etéreo emoldurado pelas nuvens escuras que pairavam no céu, e ela adentrou o recinto, torcendo para que Cain a seguisse.

— O que você está fazendo aqui, princesa? — perguntou ele, abaixando-se para pegar uma garrafa d'água que deixara no chão ao lado da porta de um dos estábulos.

Ginger olhou fixamente para os lábios dele, observando a forma como sorvia a água, a maneira como a língua percorria os lábios para lamber as gotículas que se formaram ali, o jeito como enxugava a boca com as costas da mão e sorria para ela com uma expressão curiosa no rosto.

— O gato comeu a sua língua?

Ela o encarou. Agora que estava aqui, sua coragem estava sumindo, e ela não conseguia encontrar as palavras certas.

— Eu queria... Eu queria ver você. Preciso falar uma coisa. — A voz saiu aguda e falhada, e ela pigarreou, fazendo um gesto para a garrafa que ele tinha em mãos. — Posso dar um gole?

Ele estendeu a garrafa lentamente e ela a pegou, roçando os dedos contra os dele e sentindo uma onda de eletricidade percorrer seu braço. Não desviou o olhar enquanto levava a garrafa à boca, os lábios tocando o gargalo em que a boca de Cain estivera momentos antes.

Cain a encarou com interesse, com uma compreensão crescente, os olhos ficando cada vez mais cálidos, o corpo parcialmente desnudo pronto e radiante.

Quando baixou a garrafa, lambeu os lábios devagarzinho de modo proposital, a respiração acelerando quando os olhos de Cain se fixaram sobre a boca dela e ali ficaram.

— O que você quer, Gin? — perguntou ele com a voz baixa e grave, sem parar de olhar para os lábios dela.

Ela deu um passo à frente, diminuindo a distância entre os dois. A capa de chuva estava colada contra o corpo, os seios cobertos por duas camadas de roupa.

— Cain, logo você vai embora, e eu quero... quer dizer, eu sinto que...

Ele não se afastou, e quando respirou fundo, o peitoral dele foi de encontro ao dela, fazendo com que os peitos macios de Ginger ansiassem pelo toque de Cain. Ela arfou baixinho e ele a encarou fixamente, pousando as mãos nos braços dela e os apertando suavemente.

— Você sente o quê, princesa?

— Eu estou apaixonada por você — disse ela sem pensar, arfando assim que se deu conta do que havia dito e então prendeu a respiração, encarando-o com os olhos arregalados de pânico. Uma onda de adrenalina percorreu o corpo dela, e, do nada, escutou-se acrescentar: — Eu quero *ficar* com você, Cain.

— Ginger — disse ele com a voz surpresa e chocada.

— É você que eu quero. *Sempre* foi você. O meu primeiro beijo foi com você e quero que a minha primeira... — Ela parou de falar e as bochechas ficaram ruborizadas. — Cain — disse ela meio arfando meio

sussurrando —, eu quero fazer amor com você.

Os olhos de Cain vasculharam o rosto de Ginger com uma expressão chocada e selvagem. Ela lambeu os lábios e a respiração ficou rápida e entrecortada quando as mãos de Cain a envolveram com mais força. O olhar dele recaiu sobre os lábios de Ginger e ela arqueou as costas, pressionando o corpo contra o dele antes de sussurrar:

— Por favor.

Aquelas palavras surtiram uma combustão e Cain a puxou com força para mais perto dele, envolvendo-a e pressionando os lábios contra os dela. Gemendo, ele a beijou com uma intensidade furiosa, pressionando o corpo dela contra a parede do antigo celeiro e colando à sua virilha à dela, a língua abrindo caminho entre os lábios da garota.

As mãos de Ginger estavam presas entre os dois, mas ela espalmou o peito dele, os dedos apalpando aquela parede de músculos e suas costas se arqueando, fazendo com que os seios dela ficassem pressionados contra ele. Cain levou as mãos em direção aos botões da capa de chuva de Ginger e ela o ajudou a desabotoar a roupa, os dedos dos dois encontrando-se no meio do caminho. Ele abriu a capa e levou a mão à bainha do suéter, enfiando-a por baixo do tecido, as mãos ásperas apalpando a pele suave da barriga de Ginger. A língua de Cain estava entrelaçada à dela conforme o garoto a acariciava, deslizando a mão cada vez mais para cima. Pressionou o corpo contra o dela e Ginger sentiu o membro rígido dele, apertado contra o zíper da calça jeans.

Ele apalpou os seios dela por cima do sutiã, e Ginger gemeu baixinho, esforçando-se para tirar as mãos presas entre eles e envolver o pescoço de Cain, puxando a cabeça dele para mais perto dela e deslizando sua língua pela boca suave e aveludada dele.

Ele grunhiu e deslizou os lábios em direção ao pescoço dela, beijando, lambendo, chupando, estimulando os mamilos de Ginger com os dedos, o tecido de renda friccionando a pele dela de forma doce e forte ao mesmo tempo. Doce e forte. Como Cain. Como ela e Cain juntos.

Recostou a cabeça na parede e gemeu o nome dele – como uma

oração, uma súplica, um pedido:

— Cain, Cain, Cain... Eu te amo. Céus, eu te amo tanto.

Os lábios dele ficaram rígidos, ainda colados ao pescoço dela, e as mãos dele pararam de acariciar os mamilos dela.

— Gin — grunhiu ele. — Ah, porra, não. O que estamos fazendo?

Ela abriu os olhos.

— Cain, espere...

— Não — ofegou ele, o corpo ainda pressionado contra o dela, o hálito quente indo de encontro ao pescoço dela. — Não, isso é errado. Isso é... não.

— Pare de dizer não — pediu ela em meio a um soluço.

Ele tirou as mãos de debaixo do suéter e pressionou a testa contra a dela, a respiração ofegante e entrecortada.

— Princesa, nós não podemos fazer isso.

— Por que não? — soluçou ela, lágrimas de rejeição e humilhação escorrendo pelo seu rosto.

— Porque eu não sou bom para você.

— É *sim*. Você é bom. E eu estou apaixonada por você.

— Não está, não.

— Não me diga como eu me sinto, Cain. Eu te amo. Eu quero você.
— Ela inclinou-se para frente e tentou beijá-lo novamente, mas ele a segurou contra a parede, mantendo-a afastada dele. — Estou me oferecendo a você. Por favor, não me rejeite.

Ele estremeceu como se aquelas palavras o tivessem magoado, magoado *muito* mesmo, então, seus olhos ficaram frios.

— Você quer a *verdade*?

— Eu quero *você* — choramingou ela, a voz baixinha e magoada.

Ele continuou a falar como se não a tivesse escutado.

— Você sabe aonde eu vou toda noite, Ginger? Eu vou trepar com a Mary-Louise Walker. Toda noite. Três, quatro, cinco vezes por noite. No apartamento dela. Na minha moto. Na destilaria. No banheiro do O'Halloran entre uma dose de *Jack Daniel's* e outra.

Ginger arfou e soltou um choramingo de descrença e fúria, erguendo a mão para dar um tapa nele, como se aquilo fosse o suficiente para apagar aquelas palavras. Mas Cain segurou o braço dela com força, seu membro rígido ainda pressionado à barriga dela, os olhos exibindo uma expressão fria.

— Quer saber de outra coisa? Você está agindo como uma prostituta mirim hoje, oferecendo a sua virgindade para um homem que já trepou com mais mulheres do que um ator pornô, mas você *não* é assim, princesa. Você é o tipo de garota para casar e eu *não sou* esse tipo de cara.

Ela desmoronou de encontro à parede diante daquelas palavras que a açoitaram como um chicote, envergonhando-a e sentindo-se como uma tola. Ela reuniu o resto de coragem que ainda tinha.

— Não estou *pedindo* para você se casar comigo. Eu só queria que você desse uma chance a esse... esse *lance* que rola entre nós. Pelo amor de Deus, você vai embora na sexta-feira! Só estou pedindo alguns diazinhos. Por que você não pode fazer isso, Cain? Por que não pode *ficar* comigo? Por que não pode dar uma *chance* a nós dois?

— Você sabe muito bem — grunhiu ele.

— Não sei, não! — gritou ela.

— Porque meu primo é apaixonado por você, Ginger — berrou ele.
— Woodman *é apaixonado* por você!

— Mas eu sou apaixonada por você — soluçou ela.

Ele fechou os olhos por um instante, a dor estampada no rosto, os lábios contorcidos de desgosto enquanto respirava fundo. Quando abriu os olhos, exibia uma expressão perversa. Quando falou, a voz saiu cortante.

— Quer saber de uma coisa, Gin? — perguntou ele, pressionando o corpo contra o dela. — Você é ótima em fingir que é a namoradinha dele, sabia? Escreve cartas. Beija-o quando ele está em casa. Passa quase todas as

noites com ele depois que sai do trabalho. Você acha que eu não sei disso tudo? Bem, eu sei. Ele fala sobre você a porra do tempo inteiro. E aqui está você dando em cima de *mim*, sombra preta nos olhos e esse batom vermelho, como se você fosse uma vadia qualquer da destilaria. Acho que você não faz a mais puta ideia do que quer de verdade, princesa.

— Faço *sim*. Eu quero *você*. Woodman e eu temos um... relacionamento complicado. Mas nós somos apenas amigos e...

— Não são, *não* — discordou Cain, finalmente a soltando e afastando-se. Ele meneou a cabeça e apoiou as mãos no quadril antes de lançar um olhar de censura para ela. — Até *eu* consigo ver que vocês são mais que amigos. E se você não consegue enxergar isso, então, deve ser cega... ou é a porra de uma vadia que só sabe provocar.

— Cain! — arfou ela diante daquelas palavras vulgares, desesperada para retomar as rédeas daquela conversa que havia trilhado por um caminho completamente diferente do que ela sonhara naquela manhã. — Eu vou falar com ele. Vou deixar claro que nós não somos...

— Você é maluca, porra? — quis saber Cain, aproximando-se dela cheio de fúria, os olhos frios como gelo. — Não se *atreva* a fazer isso! Você tem noção de como ele estava deprimido? Você tem noção de como aquele ferimento fodeu com a cabeça dele? Você não viu o estado que ele ficou. Você não estava lá. Ele queria *morrer*, Ginger. Ele queria *morrer*, porra! Mas pensar em você, *em voltar para você*, era a única coisa que o fazia seguir em frente. Você acha mesmo que eu tiraria isso dele? Você acha que eu teria a capacidade de magoá-lo desta forma? Você acha que eu permitiria que *você* o magoasse assim? Você não entende? Não *importa* se você me ama. Porra, não importaria nem se eu também te amasse, Ginger, porque eu definitivamente não odeio Woodman a ponto de acabar com a vida dele!

As palavras dele eram furiosas e decididas, e a acertaram em cheio, como um soco na boca do estômago. Tão em cheio que teve que soltar todo o ar do corpo em uma respiração exausta e dolorida. Afundou-se na parede do celeiro enquanto lágrimas de derrota escorriam pelo rosto. Cain soltou um grunhido quando olhou para ela, então, esfregou os olhos antes de olhar para o chão.

Ele havia ignorado completamente as tentativas de aproximação dela, e algo no coração de Ginger – algo ingênuo e infantil que provavelmente devia ter morrido há muito tempo – estilhaçou-se em milhões de pedacinhos.

— Essa conversa chegou ao fim — determinou ele sem ao menos olhar para ela. — Vá para casa.

Ela piscou para que as últimas lágrimas caíssem. Então, ergueu o queixo e esperou até que ele olhasse para ela.

— Eu sei que você me ama, Cain. Posso ver. Posso sentir. Eu sei que é verdade — disse ela, a voz baixinha e magoada, as palavras fluindo diretamente daquela parte estilhaçada em seu peito. — Mas agora não importa mais. Essa é a última vez que você vai me rejeitar e me humilhar. Eu juro. A última vez.

Com o resto de dignidade que conseguiu reunir, afastou-se da parede e passou por ele, indo embora do celeiro e da vida de Cain.

Para valer.

Capítulo Treze

~ *Woodman* ~

Jantar na casa dos McHuids aos domingos não era novidade na vida de Woodman – ele e os pais eram convidados mais ou menos uma vez ao mês desde que ele era pequeno, e Woodman sempre aturava as provocações de brincadeira que sua mãe e a Sra. Magnolia faziam, e trocava olhares desconfortáveis com Ginger sempre que os pais dos dois fingiam planejar o casamento deles e inventar os nomes para os netos imaginários. Mas desta vez, teve que admitir que a mãe estava passando um pouco dos limites.

— Woodman — disse Sra. Magnolia, fazendo um gesto para dispensar o servente que segurava uma travessa cheia de pernil —, quais são os seus planos agora que voltou para casa? Um emprego estável? Uma casa adorável? Uma bela noiva?

— Por favor, mamãe — censurou Ginger, a voz baixa e cansada.

— Bem, eu só estou pensando em como a Fazenda McHuid fica maravilhosa em junho. O local perfeito para um casamento.

Ela deu um risinho e a mãe de Woodman deu um tapinha brincalhão na amiga.

— Magnolia Lee, você é impossível!

Sra. Magnolia empertigou-se e piscou para Sophie antes de virar-se para Ginger.

— Você só estava esperando o Woodman voltar para casa, não é, Virginia? Bem, aqui está ele. O que você vai fazer a respeito?

As bochechas de Ginger coraram e ela fixou o olhar no prato em cima da mesa. Mal tinha encostado na comida, e ela parecia especialmente frágil esta noite. Woodman ficou preocupado, e queria que o jantar acabasse logo para que ele pudesse conversar com ela a sós.

— Apesar do pé ferido, você parece ótimo, Woodman — declarou Ranger do outro lado da mesa.

— Obrigado, senhor.

— Sinto muito orgulho de você por ter servido ao seu país — continuou Ranger, servindo-se da terceira ou quarta colherada de purê de batata.

— Foi uma honra servir, senhor.

— Filho de peixe, peixinho é, hein, Howard?

O pai de Woodman assentiu, servindo-se de pernil e estendendo a mão para pegar o pote de mel no meio da mesa.

— Isso mesmo. Os homens da família Woodman são da Marinha. Josiah levou a nossa tradição adiante.

Sophie sorriu para o filho antes de virar-se para Ginger, que parecia totalmente desanimada.

— Magnolia, sua filha apareceu na minha casa segunda-feira passada com uma roupinha violeta adorável.

A mãe de Ginger encarou a filha com uma expressão de censura.

— Não vá me dizer que você foi à casa da Sra. Sophie vestindo o seu maleco!

— *Jaleco*, mamãe — corrigiu Ginger como se fizesse aquilo com frequência.

— Tsc, tsc. Céus, eu não entendo todo esse fascínio por gente velha e penicos. Não é nada agradável, filha.

— *É a sua vida, não a deles* — disse Ginger como se estivesse bem longe.

Woodman a chutou de leve por debaixo da mesa com o seu pé bom, alertando-a para não dar corda. Aquilo só pioraria as coisas.

— Você disse alguma coisa, mocinha? — perguntou Sra. Magnolia, terminando de tomar a sua terceira taça de Chablis e encarando a filha com os

olhos cerrados. — Você disse alguma coisa para a sua mamãe que comprou aquela SUV para você, que permite que você more no chalé sem pagar aluguel, que paga a sua faculdade e que dá uma mesada generosa?

— Não, senhora.

Ela virou-se para a amiga.

— Sophie, você acha que nossos netos vão puxar mais ao lado Woodman ou ao lado McHuid da família?

Woodman lançou um olhar suplicante para mãe, que o ignorou completamente.

— Espero que uma mistura dos dois.

— Nem pense em monopolizar nossos netos, Sophie. Estamos entendidas?

— Ora só, Magnolia, acho que você está com medo de que eu seja a preferida.

Quando Woodman e Ginger não entraram na brincadeira constrangedora das duas, perdeu a graça, e a Sra. Magnolia perguntou à mãe dele se ela tinha ficado sabendo do escândalo envolvendo o pastor metodista e a Sra. McGaskell do coral.

— Vamos sair daqui — sugeriu Woodman, e Ginger, que estava com uma aparência miserável desde o início do jantar, olhou para ele com os olhos marejados e assentiu em gratidão.

— Eu e Gin vamos dar uma caminhada — avisou ele, apoiando-se na mesa para ficar de pé. Ginger pegou as muletas no canto do cômodo e as levou até ele.

— Que ótima ideia — alegrou-se Sra. Magnolia. — Mas só beijinhos, entenderam?

— Meu Deus, mãe! — exclamou Ginger, a primeira vez que demonstrou estado de espírito naquela noite.

— Não se *atreva* a falar comigo desse jeito, mocinha!

Ginger bufou e engoliu a resposta espertinha que devia estar na ponta de sua língua, então, virou-se e saiu do cômodo, deixando Woodman para trás. Ele mancou até encontrá-la sentada no balanço da varanda, os braços cruzados sobre o peito, os olhos cheios de lágrimas, parecendo incrédula e furiosa ao mesmo tempo.

— Era de se esperar que elas já teriam se cansado disso depois de dez anos — queixou-se ela.

Woodman deu risada da irritação da garota.

— Elas estão piores do que o normal hoje.

— Elas falam da gente como se fôssemos os cavalos do meu pai. *Vá procriar e fazer alguns netinhos para mim, filha!* É nojento.

— Ah, deixe disso. Elas sempre foram meio bobas com essas brincadeiras.

— É só um jogo para elas, a quem amamos, a quem queremos.

Quem você ama, Gin? Quem você quer?

Movimentando-se da melhor forma que podia, Woodman sentou-se ao lado dela no balanço, e ela abriu espaço para ele.

Antes que as mães dos dois tivessem tornado o jantar em algo completamente constrangedor, ele tinha notado que Ginger parecia quieta e distraída. Ela mal dissera nada durante o jantar, e Woodman não conseguiu evitar de pensar no fim abrupto da conversa que tivera com Cain na tarde de quinta-feira e na forma como o primo subiu na moto e foi embora assim que Woodman tocou no nome de Ginger.

Lembrou-se da forma como Ginger costumava olhar para Cain quando eram crianças, como se ele fosse a coisa mais incrível do mundo, e Woodman sentiu uma forte suspeita de que algo havia acontecido entre os dois naquela semana. Algo complicado. Algo que estava afastando os dois de Woodman e os lançando em direção um ao outro.

— Ginger — começou ele.

— Eu não sou o fantoche de ninguém, Woodman — declarou ela,

virando-se para olhar para ele.

— Eu sei disso — respondeu ele com delicadeza. — Você sempre teve opinião própria, querida.

Ela respirou fundo e suspirou.

— Não tem como você controlar as pessoas, mesmo que você queira. Nosso coração toma decisões que nossa mente desaprova. Mal conseguimos controlar a nós mesmos. E nada, *nadinha no mundo*, acontece exatamente do jeito que você quer.

As palavras dela, ditas de forma tão apaixonadas e à beira de um soluço, reverberaram na mente dele. *Não tem como você controlar as pessoas, mesmo que você queira. Mal conseguimos controlar a nós mesmos.* E, de repente, Woodman teve uma epifania de tirar o fôlego.

Não posso controlar Ginger.

Não posso controlar Cain.

Ele sempre foi muito bom em amar Ginger em silêncio e em oferecer a ela todo o tempo e espaço de que precisava para decidir o que ela queria, mas algo no acidente, algo na sensação de perder o controle depois que teve o ferimento, fez com que ele a pressionasse em busca de respostas desde o instante em que chegara. E ainda que ela o visitasse e conversasse com ele normalmente, Woodman colocara muita tensão no relacionamento dos dois porque estava criando expectativas que Ginger nunca dissera que estava disposta a cumprir. E de repente tudo ficou claro e nítido em sua mente:

Você não pode declarar posse sobre o coração de alguém. Você não tem direito de clamar um coração se a pessoa não o entregou a você. Tudo que você pode fazer é entregar o seu coração e torcer para que a pessoa o queira. Tudo que você pode fazer é oferecê-lo e torcer para que a pessoa o aceite. Tudo que você pode fazer é amá-la e torcer para que ela encontre uma forma de corresponder ao seu amor.

— Sinto muito — sussurrou ele.

— Pelo quê? — quis saber ela.

— Por tentar obrigá-la a me amar.

— Ah, Woodman — disse ela, a voz carregada de emoção. — Eu amo você.

— Eu sei que ama. Como amigo. Como irmão.

Ela deu de ombros, desamparada.

— E às vezes...

Ele esperou que ela continuasse.

— Algumas vezes — começou ela baixinho. —, pensei que sentia algo a mais.

Com o pé bom, Woodman deu um impulso leve no balanço e deixou-se balançar enquanto processava o que ela havia dito. Aquelas vezes – aqueles momentos preciosos – em que ela sentiu que seria possível sentir algo a mais, ele também sentira. Aquilo o dava esperança. Restaurava a sua paciência.

— Eu te amo — disse ele com delicadeza, olhando fixamente para um antigo carvalho que bloqueava os raios do sol poente. A luz envolvia o carvalho em tons laranjas dourados e parecia que a árvore estava em chamas. — Eu sou apaixonado por você desde que consigo me lembrar.

— Woodman — soluçou ela.

Ele não olhou para ela. Continuou encarando a árvore enquanto os raios dourados e alaranjados incendiavam a grama e observou enquanto o antigo carvalho era banhado por um tom calmo de lavanda.

— Se você me dissesse “não”, Gin, se você me dissesse “nunca”, eu te deixaria em paz. Você sabe disso, não sabe? Isso acabaria comigo, mas eu... eu prometo que eu me afastaria. Mas a não ser que você diga essas palavras, Ginger, eu vou continuar esperando por você.

Ela respirou fundo e ele sabia que, se olhasse para ela, veria as lágrimas formando-se nos cantos de seus olhos. Mas ele não olhou. Apenas ficou observando a grama adquirir um belo tom de lavanda que depois tornou-se roxo. Fixou o olhar na luz que se esvaía.

— Gin — sussurrou ele, odiando-se por perguntar aquilo, mas

desesperado para saber a resposta —, você está apaixonada por Cain?

De soslaio, ele a viu assentir e pender a cabeça para baixo até que o queixo estivesse apoiado no peito, os ombros agitando o balanço com os soluços silenciosos. E então ele teve certeza. Tinha acontecido. De alguma forma, naquele curto espaço de tempo, Ginger tinha se apaixonado por Cain novamente.

— Gin — disse ele com delicadeza, segurando o queixo dela entre os dedos e puxando o rosto para que se virasse para ele. Os cabelos louros brilhavam sob a luz da varanda, o resto do mundo adquirindo um tom escuro de roxo. — Cain é meu primo e eu o amo, mas eu... eu não acho que ele é a pessoa certa para você.

— *Por quê?* — quis saber ela, a voz trêmula e suplicante, como se ela realmente precisasse de uma resposta, como se já tivesse se perguntado aquilo sem sucesso.

Porque Cain deve estar fodendo Mary-Louise Walker neste exato momento enquanto você chora por ele. As palavras estavam na ponta da língua, mas Woodman não conseguiu dizê-las – não conseguiria magoá-la daquela forma, e não queria demonizar Cain daquela forma, nem quando isso significaria que Ginger ficaria com ele.

— Eu vejo você *comigo*, não com *ele* — respondeu ele com simplicidade. — Querida, eu seria tão bom para você. Será que você não percebe?

Ela assentiu, lágrimas escorrendo por aquele rosto adorável e repleto de tristeza.

Woodman estendeu a mão e buscou a de Ginger, entrelaçando-a à sua e levando-a em direção ao próprio coração.

— Meu coração é todo seu — declarou ele baixinho, a voz carregada de devoção, entregando-se completamente a ela, seu coração, seu controle, até mesmo sua alma. — Se existir uma mínima chance de você o querer algum dia. Porque eu sei de uma coisa: mesmo que você não possa me entregar o seu, o meu coração já pertence a você.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Ginger e rolaram por seu

queixo, caindo no colo da garota. Ela encarou a própria mão, que estava apoiada sobre o coração de Woodman. Quando ergueu o olhar, tentou abrir um sorriso, mas mais lágrimas saíram de seus olhos.

— Pelo amor de Deus, Josiah. Por que v-você é tão bom comigo?

— Por que o céu é azul, Ginger? — devolveu ele, levando a mão dela em direção à boca e beijando a pele translúcida do pulso de Ginger antes de entrelaçar os dedos aos dela. — Porque é o único jeito que pode ser.

— Estou tão cansada — confessou ela, apoiando a cabeça no ombro dele. Suspirou com tanta força que o seu corpo todo tremeu, e Woodman a envolveu em seus braços, puxando-a para mais perto de si e usando o pé bom para dar um impulso no chão e fazer o balanço se mover. Para frente e para trás. Para frente e para trás. Woodman suspirou e apoiou a testa na cabeça de Ginger.

— Então, vá descansar — aconselhou ele. — Não vou a lugar nenhum, Gin. Meu coração é seu. Se algum dia você estiver pronta para me entregar o seu, bem, então, você pode vir me encontrar, querida. Vou estar esperando.

Ela tentou respirar fundo, mas acabou soluçando e fungando.

— V-você m-merece o q-que há de melhor, W-Woodman.

— E é por isso que estou esperando que a melhor de todas se dê conta disso — disse ele, dando uma risadinha.

— Você me ama tanto assim?

— Até mais — declarou ele, as palavras brotando com facilidade e parecendo certas. — Feche os olhos e balance um pouquinho ao lado do velho Woodman. Eu amo você, Gin. Estou aqui por você. Pode demorar o tempo que precisar, querida.

Ela respirou fundo e não havia nenhum sinal de choro, e Woodman sentiu a postura dela se relaxar. Os dedos ainda estavam entrelaçados aos dele, a cabeça ainda estava apoiada em seu ombro. Então, Woodman também fechou os olhos, o coração estranhamente satisfeito com aquela rendição, por ter entregado o resto do controle que tinha para a mulher que amava, por ter

colocado o seu destino nas mãos de Ginger.

Capítulo Catorze

~ *Ginger* ~

Jantar com os Woodmans era uma tortura depois do que havia acontecido com Cain, e não ajudou em nada o fato de a mãe encher a cara de Chablis e começar a falar sobre o casamento de Ginger e Woodman. Depois da discussão que tivera com Cain, essa era a última coisa que queria ouvir. O que realmente queria era se aninhar na cama e chorar até cair no sono, então, ficou calada e brincou com a comida no prato, tentando ao máximo não cair no choro à mesa do jantar.

Woodman, que parecia ter notado o desânimo dela, sugeriu que caminhassem um pouco, e eles finalmente saíram da mesa e foram se sentar no balanço da varanda. Ainda que não pudesse contar a ele sobre o que acontecera com Cain – não que ela quisesse, era muito humilhante – pelo menos não precisava mais aturar as brincadeiras bobas da mãe.

— Era de se esperar que elas já teriam se cansado disso depois de dez anos — queixou-se ela.

Woodman deu uma risadinha.

— Elas estão piores do que o normal hoje.

— Elas falam da gente como se fôssemos os cavalos do meu pai. *Vá procriar e fazer alguns netinhos para mim, filha!* É nojento.

— Ah, deixe disso. Elas sempre foram meio bobas com essas brincadeiras.

Ela chorou por todo o trajeto do antigo celeiro até o chalé naquela tarde e, então, continuou chorando por mais uma hora em sua cama até que os Woodmans chegassem para o jantar. Agora, as lágrimas ameaçavam vir à tona novamente, obrigou-se a ficar brava para tentar afastar a profunda tristeza que sentia.

— É só um jogo para elas, a quem amamos, a quem queremos.

— Ginger...

— Eu não sou o fantoche de ninguém, Woodman — disse ela, virando-se para olhar para ele, que estava sentado ao seu lado no balanço.

— Eu sei disso — disse ele com delicadeza, uma expressão de pesar no rosto. — Você sempre teve opinião própria, querida.

— Não tem como você controlar as pessoas, mesmo que você queira. Nosso coração toma decisões que nossa mente desaprova. Mal conseguimos controlar a nós mesmos. E nada, *nadinha no mundo*, acontece exatamente do jeito que você quer.

É claro que ela estava falando sobre Cain – sobre como foi estúpida ao se jogar nos braços dele, acreditando que ele a aceitaria, faria amor com ela repetidamente, e declararia devoção eterna. Mas, em vez disso, ele a rejeitou, apunhalou o coração de Ginger, humilhou-a e fechou a porta de qualquer futuro que ela sonhara que podiam ter juntos.

Então, as palavras seguintes de Woodman a pegaram de surpresa, porque ele deve ter pensado que Ginger estava falando *dele*.

— Sinto muito — sussurrou ele.

— Pelo quê?

— Por tentar obrigá-la a me amar.

— Ah, Woodman — disse ela, a voz carregada de emoção. — Eu *amo* você.

— Eu sei que ama. Como amigo. Como irmão.

Ela deu de ombros, desamparada, lembrando-se da noite em que ele a levava para o baile do Ensino Médio.

— E às vezes...

Ela olhou para Woodman, para aqueles cabelos louros e para o rosto barbeado. Ele era lindo e bondoso, e faria qualquer coisa por ela. Ficar com ele poderia significar uma boa vida, uma ótima vida, uma vida que combinaria muito mais com ela do que uma vida com Cain. E talvez, se permitisse que os seus desejos por Cain morressem, ela poderia abrir o

coração para abrigar Woodman.

De repente, lembrou-se da pulseira que ganhou de presente no seu aniversário de doze anos, de como sentiu uma onda repentina de atração por Woodman, que se repetiu no baile do Ensino Médio, quando ele salvou a sua pele e a beijou pela primeira vez.

— Algumas vezes — disse ela baixinho —, pensei que sentia algo a mais.

— Eu te amo — disse ele, como se as palavras dela o tivessem encorajado a dizer como se sentia. — Eu sou apaixonado por você desde que consigo me lembrar.

Quando aquelas palavras – que ela queria tanto ouvir de Cain – saíram dos lábios de Woodman com tanta delicadeza, com tanta seriedade, uma represa se rompeu dentro dela e lágrimas de mágoa e frustração caíram de seus olhos.

— Woodman — soluçou ela.

— Se você me dissesse “não”, Gin, se você me dissesse “nunca”, eu te deixaria em paz. Você sabe disso, não sabe? Isso acabaria comigo, mas eu... eu prometo que eu me afastaria. Mas a não ser que você diga essas palavras, Ginger, eu vou continuar esperando por você.

Ela respirou fundo, lamentando-se pela chance perdida que tivera com Cain naquele dia e sentindo um impulso de se entregar a Woodman. Como seria fácil escolhê-lo e construir um relacionamento com ele. Nada de frustração e corações partidos. Ninguém a desafiando e pedindo para que pulasse. Nada de braços a afastando, apenas puxando-a para um abraço seguro e apertado.

— Gin — sussurrou ele —, você está apaixonada por Cain?

E, simples assim, seu coração se despedaçou novamente. Mas, desta vez, foi por causa de Woodman.

Porque ela sabia como devia ser doloroso para ele perguntar aquilo, e ele perguntou assim mesmo e perguntou de forma gentil, a voz carregada de amor e de compreensão. Os ombros dela tremeram e seu queixo pendeu para baixo, em direção ao peito, enquanto lágrimas saíam de seus olhos.

Eu amo o primo errado. Oh, Deus, me ajude.

— Gin — disse Woodman, segurando o queixo dela entre os dedos e puxando o seu rosto para que ela se virasse para ele. Os olhos dele estavam tristes e bondosos. — Cain é meu primo e eu o amo, mas eu... eu não acho que ele é a pessoa certa para você.

— *Por quê?* — quis saber ela, percebendo como precisava de uma resposta para aquela pergunta. *O que há de tão errado comigo que ele não pode me escolher?*

— Eu vejo você *comigo*, não com *ele* — continuou Woodman. — Querida, eu seria tão bom para você. Será que não percebe?

Ela assentiu e lágrimas escorreram pelo seu rosto, porque é óbvio que ela percebia. Sempre soubera daquilo. Woodman pegou a mão dela e a guiou em direção ao coração dele.

— Meu coração é todo seu — declarou ele baixinho, a voz carregada de emoção. — Se existir uma mínima chance de você o querer algum dia. Porque eu sei de uma coisa: mesmo que você não possa me entregar o seu, o meu coração já pertence a você.

E algo cedeu dentro de Ginger. Aconteceu algo inesperado e surpreendente: um deslocamento tectônico de placas partidas. Não que ela tivesse passado a amar Woodman da mesma forma louca e apaixonada que amava Cain, mas por apenas um instante, seu coração o enxergou de uma forma nunca vista antes. E depois de todo o sofrimento que seu coração enfrentara mais cedo naquele dia, aquilo pareceu uma benção e um alívio.

Quando ergueu o olhar, tentou abrir um sorriso, mas mais lágrimas saíram de seus olhos.

— Pelo amor de Deus, Josiah. Por que v-você é tão bom comigo?

— Por que o céu é azul, Ginger? — devolveu Woodman, levando a mão dela em direção à boca dele e beijando a pele translúcida de seu pulso antes de entrelaçar os dedos aos dela. — Porque é o único jeito que pode ser.

— Estou tão cansada — confessou ela, apoiando a cabeça no ombro dele. Suspirou com tanta força que o seu corpo todo tremeu, e Woodman e

envolveu em seus braços, puxando-a para mais perto de si e apoiando a testa na cabeça dela.

E nos braços de Woodman, ela encontrou uma paz profunda e inesperada depois daquele dia longo e exaustivo. Nos braços de Woodman, encontrou amor incondicional, apoio, admiração e aceitação. Nos braços de Woodman, sentia-se segura e desejada. E naquele instante? Naquele momento, depois do fora devastador que recebera de Cain? Sentir-se segura e desejada parecia bom, parecia certo, parecia como o caminho certo para o seu futuro, para o resto de sua vida.

— Então, vá descansar — aconselhou ele. — Não vou a lugar nenhum, Gin. Meu coração é seu. Se algum dia você estiver pronta para me entregar o seu, bem, então, você pode vir me encontrar, querida. Vou estar esperando.

Ela tentou respirar fundo, mas acabou soluçando e fungando.

— V-você m-merece o q-que há de melhor, W-Woodman.

— E é por isso que estou esperando que a melhor de todas se dê conta disso — disse ele, dando uma risadinha.

Ela acordara naquela manhã com a certeza de que queria se entregar a Cain, mas ali estava ela, terminando o dia nos braços de Woodman, aninhada a ele e sentindo-se mais em paz e reconfortada do que achava que merecia.

E, de súbito, ocorreu a Ginger que só cabia a ela escolher – aqui e agora – deixar Cain para trás, bani-lo de vez de seu coração magoado, esquecer que um dia o desejara... e entregar todo o seu amor a Woodman.

Não pense tanto assim. Apenas faça. Faça uma boa escolha. Faça a escolha certa.

— Você me ama tanto assim?

— Até mais — declarou ele com ternura e ela soube, sem sombra de dúvidas, que ele estava sendo sincero. — Feche os olhos e balance um pouquinho ao lado do velho Woodman. Eu amo você, Gin. Estou aqui por você. Pode demorar o tempo que precisar, querida.

Mais uma vez, as palavras certas exatamente quando ela precisava delas. Respirou fundo e relaxou a postura ao lado dele, fechando os olhos conforme ele instruíra. Apertou os dedos dele por conforto e apoiou a cabeça no ombro dele, mas a tranquilidade não chegou. A cena de Cain afastando-a surgiu em sua mente, as palavras cruéis ecoando em sua cabeça, fazendo com que seu coração ficasse apertado e dolorido no peito.

Você sabe aonde eu vou toda noite, Ginger? Eu vou trepar com Mary-Louise Walker... Acho que você não faz a mais puta ideia do que quer de verdade... vadia que só sabe provocar... Essa conversa chegou ao fim. Vá para casa.

Estremeceu quando uma onda de angústia inundou seu peito e abriu os olhos. Não conseguia mais suportar. Precisava fazer alguma coisa – *qualquer coisa* – para apagar Cain de sua mente de uma vez por todas. E, de repente, a resposta se desdobrou à sua frente como a luz em meio à escuridão, como o calor em meio ao frio – uma escolha que acalmaria a dor lancinante em seu coração partido.

— Não preciso de tempo nenhum — declarou ela, erguendo a cabeça e lançando o olhar mais ardente que seus olhos virginais conseguiam reunir.
— Quero ficar com você.

Capítulo Quinze

~ Cain ~

Eu sei que você me ama, Cain. Posso ver. Posso sentir. Eu sei que é verdade. Essa é a última vez que você vai me rejeitar e me humilhar. Eu juro. A última vez.

Ele reviveu a briga dos dois pelo resto do dia, escutando a voz dela em sua cabeça repetidamente até que o sol se pôs e uma espécie de pânico tomou conta de Cain.

Havia uma determinação tão fria nas palavras de Ginger, e aquilo o assustou de verdade. Por quê? Porque, desde o aniversário de doze anos da garota, ele sabia que havia uma química entre eles, uma espécie de eletricidade que só acontecia uma vez na vida. Ele havia ignorado e negado aquilo, tentando deixar tudo para trás pelo bem de Woodman, mas a ideia de perdê-la de vez?

Não, aquilo era assustador. Era aterrorizante. Era definitivo demais. À sua própria maneira, parecia a morte.

Eu só queria que você desse uma chance a esse... esse lance que rola entre nós. Pelo amor de Deus, você vai embora na sexta-feira! Só estou pedindo alguns diazinhos. Por que você não pode fazer isso, Cain? Por que não pode ficar comigo? Por que não pode dar uma chance a nós dois?

Aquelas perguntas inundavam a sua mente enquanto ele retirava as tábuas do antigo celeiro e as jogava em uma pilha. As palavras o atormentavam sem misericórdia enquanto ele trabalhava exaustivamente, farpas perfurando seus dedos, pregos rasgando a pele. Ele não se importava. Tudo que conseguia ver era a mágoa nos olhos de Ginger. Tudo que conseguia ouvir era a dor em sua voz – implorando para que ele enxergasse o que rolava entre eles e deixasse que aquilo viesse à tona, que aquilo ganhasse vida própria.

Por que você não pode dar uma chance a nós dois?

Porque Josiah é meu primo.

Porque Ginger era a garota de Josiah.

Porque Josiah era apaixonado por Ginger desde que Cain conseguia se lembrar.

O problema, percebeu Cain ao sair do antigo celeiro em meio ao pôr do sol, era que ele não sentiria tanto medo assim – *tanta angústia assim* – a não ser que também estivesse apaixonado por ela. E reconhecer que os sentimentos que nutria por Ginger desde que era um garotinho eram tão intensos quanto os de Woodman fez com que ele desejasse morrer. Porque essa era uma situação terrível e não haveria vencedores.

Dois primos.

Uma garota.

Um vence.

Outro perde.

E hoje Ginger havia garantido a vitória dele, o que significava que Josiah – seu melhor amigo, seu primo, sangue de seu sangue – perderia. Prendeu a respiração. Não tinha certeza se conseguiria suportar aquilo.

Mas *porra!* Era justo que Woodman, que havia reivindicado Ginger para si quando eram apenas crianças, fosse o gelo que se interpunha entre o fogo que ardia entre Cain e Ginger? Só porque Woodman a amava e a queria para ele, não significava que Cain não pudesse sentir e querer o mesmo. Ele sentia. Sempre sentira. Só havia se dado conta um pouco mais tarde do que Woodman.

Chegando ao celeiro, abriu a porta do casebre e chamou:

— Pai? Pai? Está aqui?

Quando não ouviu resposta, sentiu-se grato. Precisava de um tempo sozinho para pensar.

Atravessou o cômodo escuro e silencioso e pegou uma Kölsh na geladeira, abriu a tampa e levou o vidro gelado aos lábios, saboreando as bolhas frias enquanto se apoiava na bancada da cozinha.

Baixou a garrafa e sugou o lábio inferior, fechando os olhos com força.

— Pooooorra! — gritou em meio ao silêncio, o desespero e a frustração saindo do controle e fazendo seu coração acelerar no peito como se tivesse corrido por quilômetros.

Ela estava furiosa e magoada quando foi embora.

E ele iria embora dali a alguns dias.

Qualquer chancezinha que tivesse para consertar aquilo estava se esvaindo rapidamente, e se Cain não fosse atrás de Ginger naquele momento, seria tarde demais quando voltasse para casa no futuro. Ele praticamente jogara nos braços ávidos de Woodman, e com os dois morando em Apple Valley, seria apenas uma questão de tempo até que Cain perdesse a chance que tinha com Ginger... de vez.

— Não! — grunhiu ele, tomando outro gole e batendo a garrafa com força na bancada.

Despiu a camiseta suja e a jogou no chão, tirou a calça jeans e foi em direção ao banheiro. Abriu o chuveiro e tirou a cueca enquanto esperava a água esquentar, então, entrou no box, suspirando quando a água quente escorreu por seus músculos fatigados.

Tinha apenas mais quatro dias antes de voltar para Virgínia, e não conseguia suportar pensar em passar esses dias evitando Ginger quando tudo que queria fazer era ir ao seu encontro, tocá-la, beijá-la, amá-la, criar memórias suficientes com ela para que conseguisse aguentar os anos que passaria longe da garota.

Ensaboou o peito, os dedos percorrendo os músculos, e perguntou-se qual seria a sensação das mãos ensaboadas de Ginger deslizando por sua pele. O seu pau se enrijeceu quando Cain lembrou-se dos olhos dela naquela tarde. Céus, a força que precisou reunir para dar o fora nela depois daquele beijo – aquele beijo ardente e delicioso. Se ele tivesse aceitado a oferta dela, àquela altura, ela seria dele. Ela pertenceria a ele em todos os sentidos da palavra. Pressionando a testa contra a parede do banheiro, deixou que a água quente escorresse por suas costas e suas pernas, levando todo o sabão embora.

Ele queria Ginger. Porra, como queria.

— Você não pode simplesmente deixá-la, porra — murmurou ele, fechando o registro do chuveiro e abrindo a porta do box. Pegou uma toalha limpa na pilha e enxugou o corpo enquanto pensava nas mudanças que acometeram o primo nas últimas semanas.

Woodman estava melhor agora, não estava? É claro que ainda demoraria um tempo até que se recuperasse completamente, mas estava trabalhando no corpo de bombeiros e seu humor tinha melhorado bastante. Estava se barbeando, cuidando mais de si mesmo. Parara com aquela conversa sobre como não valia a pena viver.

Cain bufou e vestiu uma cueca limpa. Não, a porra da hora não era ideal, mas se Ginger o queria e ele queria Ginger, tinha que haver uma forma de fazer aquilo acontecer, certo? Ele podia colocar as cartas à mesa, fazer com que Ginger o perdoasse por todas as coisas horríveis que ele dissera hoje, e, então, podiam conversar com Woodman juntos. Podiam explicar tudo, não podiam? Falar de uma forma que suavizasse a pancada e fizesse ele compreender?

Vestindo a calça jeans, ensaiou algumas palavras.

— Josiah, nós precisamos... hm, não. — Tentou novamente. — Josiah, é o seguinte: eu sei que você tem sentimentos por Ginger, mas eu também tenho. Não. Eu também... porra, eu também... pooooorra! — gritou ele, fechando o botão da calça. Passou a mão pelos cabelos molhados. — Tudo bem. Woodman, nós precisamos conversar com você... Não. Porra. Tudo bem... Woodman, nós precisamos ser honestos com você. — Ele olhou para o reflexo no espelho e assentiu. — Isso é bom. Muito bom. Hm, nós precisamos ser honestos com você, e sabemos que você não vai gostar, mas nós... nós, hm, o *quê*? Nós precisamos que você ouça... É. Isso... Nós precisamos ser honestos com você, e sabemos que você não vai gostar, mas nós precisamos que você ouça o que temos a dizer.

Ele assentiu para o reflexo no espelho novamente, praticando um pequeno discurso conforme as palavras surgiam em sua cabeça. *Não consigo evitar... Queria muito conseguir... Eu também a amo...* E, por fim, quando tinha todas as palavras de que precisava, vestiu uma camiseta branca de

botão, calçou os tênis e saiu porta afora.

Primeiro, tinha que consertar as coisas com Ginger.

A caminho da mansão McHuid, Cain avistou o carro dos tios estacionado em frente à casa e perguntou-se se Woodman teria vindo junto. Por um instante, reconsiderou sua decisão de conversar com Ginger, especialmente quando sabia que não era bem-vindo à mesa de jantar da Sra. Magnolia. Mas, então, lançou um olhar em direção ao chalé de Ginger e decidiu que não faria mal conferir se a garota estava em casa.

Passou reto pela mansão e tomou o caminho que ladeava a varanda e seguia em direção ao chalé, sentindo-se aliviado quando viu que as luzes estavam acesas. Bateu à porta e deu um passo para trás, olhando para janela na esperança de ver o rosto de Ginger antes que ela o deixasse entrar. Enquanto esperava, pensou no que diria a ela. Sim, ela ainda estaria magoada e provavelmente muito brava com ele, então ele precisaria agir com muita doçura, mas – sorriu para si mesmo ao se lembrar da sensação dos lábios de Ginger – Cain era bom em pedir desculpas. E eles ainda tinham de segunda-feira até quinta-feira para recuperar o tempo perdido. Ansioso para vê-la, deu um passo à frente e bateu à porta com um pouco mais de força dessa vez, mas a porta não deve ter sido fechada direito, porque se abriu à sua frente.

Ele adentrou a cozinha, tentando escutar alguma coisa.

— Ginger?

Não houve resposta, mas quando se virou para ir embora, escutou alguma coisa. Um som abafado, como algum pequeno objeto caindo, e ele se virou novamente.

— Ginger? — chamou ele de novo, mas não houve resposta.

Caramba, ele não queria se intrometer assim, mas também não queria perder tempo. Precisava acertar as coisas e convencê-la a ir contar as novidades para Woodman. Se os três conversassem, conseguiriam resolver as coisas, certo? Certo.

Silenciosamente, subiu as escadas, os passos abafados pelo carpete

fofo que a avó de Ginger deve ter escolhido. Parou e escutou por um momento, então, ouviu um barulho vindo do quarto à esquerda. Virou-se e ficou parado em frente à porta.

Eu sei que você me ama, Cain. Posso ver. Posso sentir. Eu sei que é verdade.

Era verdade mesmo.

Era verdade, e negar não faria com que aquele sentimento fosse embora. E ele merecia a chance de amá-la se fosse isso que ela queria. Porque Deus sabia o quanto ele queria aquilo.

Ergueu a mão para bater à porta, mas ficou paralisado quando ouviu uma voz de homem – a voz sonolenta do primo – grunhir:

— Gin, eu amo você.

O quê? O que Woodman estava fazendo no quarto de Ginger, porra?

Inclinou-se em direção à porta para ver se escutava a voz de Ginger, mas não escutou mais nada.

Sem bater, abriu a porta silenciosamente.

Demorou um instante para que os olhos se adaptassem à parca luz do pôr do sol e vissem aquele pesadelo que ele queria apagar de sua mente.

Os dois estavam nus, os corpos entrelaçados um ao outro, pálidos e relaxados. Woodman estava deitado de barriga para cima, e Ginger estava ao lado dele, aninhada em seus braços. As mechas de cabelo de Ginger estavam espalhadas sobre o peito de Woodman em uma cascata dourada. Um dos braços de Ginger estava embaixo de Josiah, mas o outro estava sobre o peito dele, os dedos das mãos entrelaçados como dois amantes.

Os pulmões de Cain ficaram sem oxigênio e sua mente se anuviou. Ele voltou para o corredor, os dedos se fechando sobre os entalhes na parede para conseguir se manter de pé.

— Porra — sussurrou ele, os olhos ardendo, a cabeça zozna.
Preciso sair daqui. Ele seguiu em direção à escada acarpetada e desceu aos tropeços, passando pela pequena cozinha e saindo porta afora.

Essa é a última vez que você me rejeitar e me humilhar. Eu juro. A última vez.

Ela já sabia? Ela já sabia, naquele momento, que quando se afastasse de Cain, iria direto em direção aos braços de Woodman e se ofereceria a ele?

Ele cambaleou em meio à escuridão como um bêbado, os passos lentos e incertos a princípio, então, acelerando até que estivesse correndo em direção ao celeiro como se o diabo estivesse ao seu encalço. Quando chegou ao celeiro, foi direto para o casebre, pegou as chaves e fechou a porta atrás de si. A placa de identificação de soldado estava no pescoço. Todo o resto podia ser enviado a ele ou substituído.

Saiu em direção à noite e subiu na moto, colocou o capacete e deu partida, cerrando a mandíbula e estreitando os olhos diante do ronco do motor. A Ginger de seus sonhos, a garota mais doce e adorável de todas – *a princesa que partira seu coração* – era apenas mais uma vadiazinha desequilibrada.

Abrindo os olhos gélidos e duros como pedra, guiou a moto em direção à estrada e pisou no acelerador. Dirigiu pela estrada e saiu de Apple Valley e, depois, de Kentucky.

Tudo o que importava era a distância.

Tudo o que importava era ir para mais longe dos dois quanto possível.

Parte Quatro

Três anos depois

Capítulo Dezesseis

~ *Ginger* ~

— O que você acha, vovó? — quis saber Ginger, segurando as paletas de cores próximas da luz. — Areia da Praia ou Raio de Sol?

— B-boneca — disse Vovó, desviando os olhos perturbados das cores praticamente idênticas e os pousando no rosto da neta —, faz diferença?

Uma enfermeira enfiou a cabeça pelo vão da porta e abriu um sorriso doce para Ginger.

— As visitas da tarde acabam em dez minutos, Srt^a McHuid. Você pode voltar depois do jantar se quiser.

Os ombros de Ginger desmoronaram.

— Anna, pare de me chamar de Srt^a McHuid!

— Enfermeira Ratch... quer dizer, Enfermeira Arklett prefere que a gente se refira aos visitantes de maneira adequada.

Anna deu de ombros como um pedido de desculpas e abriu um sorriso educado para Ginger antes de se virar e sair do quarto.

Ginger suspirou profundamente, pegando a paleta de cores e as arrumando como um baralho.

Nove meses antes, quando Woodman a pediu em casamento, e pressionada pelos pais *dela*, pelos *dele* e até mesmo por *Woodman*, Ginger finalmente concordou em pedir licença do emprego no SSCC para que pudesse se concentrar em planejar o casamento. Mas ela não sentia que era necessária – parecia que todos os detalhes já haviam sido escolhidos por sua mãe, pela futura sogra e pela planejadora de casamento caríssima que tinham contratado, Charm Simpkins. Basicamente, o que sobrou para Ginger foi escolher as cores das tintas da casinha que Woodman havia comprado no ano

anterior. Embora ainda mantivesse todas as suas roupas e coisas pessoais no chalé e que não fosse começar a decorar a casa nova até que estivessem oficialmente casados na véspera do Ano Novo, às vezes tudo parecia uma bobeira, já que ela costumava dormir na casa nova duas ou três vezes por semana.

— Acho que é melhor eu ir embora, vovó — avisou Ginger ao olhar para a avó, que havia sido transferida para um quarto particular um ano atrás quando sua saúde se deteriorara ainda mais. No entanto, a situação dela havia se estabilizado desde então, e apesar de só conseguir se movimentar com a ajuda de uma cadeira de rodas, a fala estava estável e os pensamentos ainda estavam lúcidos quando ela conseguia externá-los. Cansava-se com facilidade, então, depois de meia hora admirando paletas de cores, ela provavelmente estava pronta para o cochilo da tarde.

A avó levou a mão trêmula em direção à de Ginger.

— N-nós ainda temos... o-oito minutos.

A avó tinha sido a única pessoa que fora contra a decisão de Ginger de tirar uma licença do trabalho. Na verdade, aquilo afastara as duas por um ou dois meses, e Ginger ficou profundamente triste. Também estava profundamente triste por perder a carreira que tanto amava, mas vivia dizendo a Woodman que voltaria ao trabalho assim que estivessem casados, e ele respondia, apesar de Ginger suspeitar que fosse só para agradá-la, que ele a apoiaria em qualquer decisão.

— C-como está... Josiah?

Ela afastou o olhar.

— Como ele está? Está muito bem, vovó. Eu contei que ele foi promovido a tenente no mês passado, né? É ótimo, porque ele não precisa sair em campo, mas tornou-se indispensável lá no corpo de bombeiros. Ele é basicamente responsável por todas as operações internas e...

— V-você... e Josiah — esclareceu a avó com os olhos semicerrados.

Ginger ergueu o queixo.

— Estamos muito bem.

Sem dizer nada, a avó deixou a reprovação invadir o quarto, e Ginger piscou antes de afastar o olhar.

— Eu nunca devia ter contado aquilo a você, vovó. Nunca devia ter falado sobre aquilo. Nunca.

A mão da avó, que estivera trêmula e frouxa até então, apertou-a de leve, e Ginger ergueu o olhar.

— C-conte... como vocês e-estão. D-de verdade.

Ginger nunca fizera amigos muito próximos nos três anos em que frequentara o Ensino Médio – a maioria das garotas era amiga desde o maternal, e, além disso, Ginger era um estranho no ninho. Todos sabiam quem ela era – a garota que tivera o problema no coração, a princesinha da Fazenda McHuid – mas ninguém parecia querer conhecê-la *de verdade*, conhecê-la a fundo. Não foi convidada para festas do pijama nem recebeu ligações à meia-noite para conversar sobre garotos. Era apenas a Ginger, quieta e tímida, amigável com todos, mas amiga de ninguém.

Ela tinha feito algumas amizades na faculdade de enfermagem, mas desde que tirara licença do SSCC, sentia que se afastava cada vez mais delas. E ainda que estivesse se aproximando das mulheres que trabalhavam no corpo de bombeiros, ainda não era próxima de verdade de nenhuma delas, o que significava que Ginger não tinha mais ninguém para conversar além de Woodman. E da avó, é claro.

Algumas semanas antes, depois do primeiro dos quatro chás de panela que teria, no qual recebera várias *lingeries* sensuais das amigas da mãe, ela visitara a avó depois de ter ingerido um pouquinho de álcool. Infelizmente, Ginger foi honesta demais em relação a como andavam as coisas entre ela e Woodman no quarto, e basicamente contara tudo sobre a sua vida sexual medíocre à avó.

— Vovó, deixe isso para lá, *por favor*, e esqueça que eu disse alguma coisa. Está tudo *bem* — pediu ela baixinho, sentindo as bochechas corarem.

— N-não... está... não.

Ginger desvencilhou a mão do aperto da avó, sentindo-se na defensiva e querendo proteger o relacionamento que tinha com Woodman e

desejando que nunca tivesse enchido a cara e confessado aquilo para a avó. Pigarreou e sentou-se, ajeitando o vestidinho de verão enquanto remexia nas paletas de cores em suas mãos, recusando-se a dizer qualquer coisa.

Ela sabia, é claro, desde a primeira vez que dormira com Woodman, que ou os livros de romance mentiam ou que eles dois não tinham aquele tipo de química especial que causava faíscas. Enquanto ele grunhia de prazer em cima dela, o rosto completamente extasiado, Ginger praticamente *suportava* o fato de estar fazendo amor.

A parte física da coisa não a tinha surpreendido, nem a ausência de orgasmos. Ela crescera em uma fazenda e nunca havia visto uma égua revirando os olhos de prazer enquanto procriava. O que a surpreendeu *de fato* foi que não doera tanto assim, mas provavelmente foi porque todas aquelas corridas a cavalo devem ter acabado com qualquer parede fina de resistência há muito tempo.

Woodman era gentil com ela, respeitoso e cuidadoso e, para dizer a verdade, não havia muito do que gostar ou não. No fim das contas, a coisa toda não durava mais do que cinco minutos.

Algumas mulheres – talvez a *maioria* delas – sentiriam uma decepção imensa diante de uma estreia tão sem graça no mundo do sexo. Mas de coração partido depois do fora que levou de Cain e extremamente confusa, Ginger lembrava principalmente do conforto que sentira ao ser envolvida pelos braços de Woodman depois do sexo. Gostara da sensação quente da pele dele contra a dela, de ouvir as batidas de seu coração, da forma como ele acariciara o seu cabelo e sussurrara coisas doces sobre o futuro por vir. Ela adormecera em sua cama, nos braços de Woodman, acordando horas depois e sentindo que conseguiria suportar a dor causada pela rejeição de Cain. O amor de Woodman – sua fé, sua ternura e sua devoção – fizera com que Ginger conseguisse suportar a dor.

Ela se lembrava constantemente de que não havia sido obrigada a nada. Não era uma vítima. Ela tinha *escolhido* Woodman, e em troca da bondade que ele demonstrava para com ela, Ginger – independentemente de qualquer coisa – honraria a escolha que havia feito.

O silêncio entre ela e a avó se tornou pesado demais para que ela

suportasse, então, Ginger disse:

— Há vários tipos de casamentos, vovó. Sim, existe o tipo apaixonado, mas também existe aquele em que dois amigos decidem passar o resto da vida juntos. É um casamento baseado em bondade e respeito. Em história e... e, sim, em amor. Amor verdadeiro. Não o tipo de amor dos contos de fada, ou daqueles romances de banc...

— Gin-ger... — sussurrou a avó.

Ginger ergueu o olhar.

— Eu q-queria... aquele t-tipo de... a-amor para... você. A-amor... *verdadeiro*.

Lágrimas pinicaram os olhos da garota.

Nas semanas que seguiram a conversa desastrosa que tivera com Cain e sua decisão súbita de dormir com Woodman, Ginger sentiu-se anuviada. Tão anuviada que Woodman deve ter interpretado como um reflexo de sua própria felicidade, mas a realidade é que o que sentia era puro temor. Ela se sentia como uma personagem em um filme. Ou como se estivesse assistindo um filme da própria vida, seu papel quase irreconhecível. O coração tinha sido despedaçado em milhares de pedaços, e nenhuma ida ao Hospital Infantil Vanderbilt seria capaz de consertá-lo dessa vez. E o amor de Woodman era o único oásis em meio àquele sofrimento.

Não dormiram juntos por um tempo depois da primeira vez, decidindo que fariam tudo nos conformes, então, começaram a namorar nos meses que antecediam o Natal. E durante aquelas noites longas e solitárias depois que Woodman a deixava em casa, quando os estilhaços de seu coração partido se enterravam nos lugares mais macios em seu interior, Ginger lia poesias e canções e histórias sobre amores perdidos e sentia a crueldade insuportável da rejeição de Cain.

Insuportável porque ela sabia – sem sombra de dúvida – que o tipo de amor verdadeiro do qual a avó falava era o tipo de amor que só encontraria ao lado de Cain. Nesta vida, Cain e apenas Cain, era a metade de sua alma. Isso era visível pela forma como o seu coração saltava no peito quando ele estava por perto. Pela forma como o seu desejo por ele ardia de forma

incessante, pela forma como sonhava com ele todas as noites e pela forma como lutava para se esquecer dele enquanto estava acordada. O seu corpo, o seu coração e até mesmo a sua alma sempre haviam desejado Cain. Mas, desprovida daquele amor eterno, ela aceitou com gratidão o que podia ter: Woodman.

Segurou-se para não chorar e fungou baixinho, abrindo um sorriso para a avó.

— Eu tenho exatamente o que preciso. Eu *quero* Woodman, vovó. Eu *escolho* Woodman.

— M-mas você... a-ama... Ca...

— Woodman — interrompeu ela com firmeza, impedindo que a avó dissesse o nome *dele*. — Eu *amo* Woodman.

A avó respirou fundo e suspirou, uma expressão triste e derrotada no rosto. Incapaz de lutar contra a fadiga, os olhos da avó se fecharam e Ginger ficou de pé para plantar um beijo na testa dela antes de ir embora.

Enquanto caminhava pela calçada, o sol do início de outubro às suas costas, Ginger pensou nos compromissos da semana: mais tarde tinha a degustação de bolos na Southern Belle Confections, feito. Esta noite tinha aula de dança na Winston Schultz School of Dance, feito. No dia seguinte, ela e a mãe iam se encontrar com a responsável pelo bufê novamente, e na sexta-feira ela ia com Woodman e com os padrinhos na Tanner's Tuxedos para finalizar o aluguel dos ternos antes do jantar anual do corpo de bombeiros, no qual ela e Woodman sempre davam uma mãozinha.

Eram um par agora, ela e Woodman – o príncipe e a princesa de Apple Valley: membros do clube de campo, voluntários de todos os eventos sociais do corpo de bombeiros, e visitantes assíduos da Igreja Presbiteriana Valley View às quartas para jogar bingo e aos domingos para a missa. Era a vida que Ginger sempre imaginara para si e, ainda assim, inexplicavelmente, Apple Valley parecia diminuir de tamanho desde que ficara noiva. E, à medida que o casamento se aproximava, a cidade que ela sempre amara parecia ficar cada vez mais sufocante.

— Só estou amedrontada — murmurou ela, conferindo as horas no relógio de pulso e franzindo o nariz ao se dar conta de que estava atrasada.

Depois da cirurgia no coração, a mãe havia contratado um tutor que dera aulas a Ginger por dez anos, mas ao completar doze anos, a garota implorara a mãe para que pudesse frequentar a escola. A mãe sempre recusava, alegando que era mais seguro ficar em casa. Por fim, algumas semanas antes de seu aniversário de dezesesseis anos, Ginger foi até a Apple Valley High School, pegou os formulários de matrícula, preencheu-os e os entregou aos pais. Só assim eles cederam e ela pôde se matricular no Ensino Médio. Infelizmente, era tarde demais. As panelinhas já estavam formadas, os relacionamentos já tinham começado, e Ginger era a garota estranha que ninguém conhecia.

Depois que se formou, teve que lutar com unhas e dentes para que os pais permitissem que ela se matriculasse na faculdade de enfermagem. A mãe queria que ela fosse para a Asbury University em Lexington, e adentrasse a Pastoral Juvenil ou, então, cursasse francês, mas Ginger manteve-se firme em sua decisão de se tornar enfermeira, e os pais finalmente cederam com a condição de que ela continuasse morando na Fazenda McHuid, onde eles podiam observá-la de perto. Ginger, em resposta, mudou-se para o chalé da avó, o que deixou a mãe furiosa. Mas, tecnicamente, como Ginger dissera à mãe, ainda estava morando nos limites da fazenda.

Aquelas poderiam ser pequenas vitórias na vida de outra pessoa, mas para Ginger, que sempre esteve sob a vigilância constante dos pais, eram vitórias gigantescas. Eram como uma prova de que ela estava crescendo e construindo uma vida própria.

Mas agora? Parando de trabalhar e prestes a se casar, aos vinte e um anos de idade, com o homem que os pais haviam escolhido para ela? Subitamente, sentiu-se como aquela garotinha de seis anos de idade com o coração partido. Pequena e impotente, à mercê das decisões dos pais e controlada por eles. Algo em relação à sua vida parecia como se estivesse desistindo, como se não tivesse mais propósitos, e Ginger tinha medo de que, quando se casasse, desaparecia ainda mais.

É claro que Woodman tinha uma resposta para aquilo. Não queria

que ela desaparecesse. Além de ser sua esposa, queria que ela fosse encarregada de outra coisa, e tiveram uma discussãozinha sobre aquilo na noite anterior.

Deslizando para fora de Ginger, Woodman suspirou, tirou a camisinha e deu um nó na ponta antes de jogá-la na lata de lixo. Ainda virado de costas para ela, perguntou:

— Já sabe quando vamos parar de usar isso aqui, querida?

Não era a primeira vez que perguntava aquilo, mas Ginger notou que a pergunta se tornava mais frequente à medida que o casamento se aproximava.

— O quê? Camisinha?

Ele virou-se para ela, apoiando as mãos no quadril e arqueando a sobrancelha.

Ginger desviou o olhar do corpo desnudo dele. Virou-se de costas e pegou a calça de pijama, vestindo-a debaixo das cobertas.

— Não estou pronta para começar uma família.

— Gin, você tem vinte e um anos. Eu tenho vinte e quatro. Vamos nos casar em dois meses e, entre minha pensão e o meu salário, vamos ter uma vida mais do que confortável. — Ele pegou a cueca no chão do quarto e a vestiu, sentando-se na beira da cama e virando-se para encará-la. A voz era gentil. — Nós temos esta casinha adorável. Você não está mais trabalhando. Você quer ter filhos, não quer?

É claro que queria. Em algum dia, em um futuro distante, ela queria ter filhos, mas não agora. Queria voltar a trabalhar, talvez até mesmo viajar um pouco – aproveitar um pouco a vida ao lado de Woodman antes que estivessem comprometidos para sempre.

— Ainda não.

Woodman suspirou, deitando-se na cama e apoiando a cabeça nos braços entrelaçados.

— Todo mundo espera que a gente comece uma família logo de cara.

Ela fechou os olhos com força. Todo mundo esperava que eles namorassem. Todo mundo esperava que eles ficassem noivos. Todo mundo esperava que ela largasse o emprego. Todo mundo esperava que ela se casasse com Woodman. E agora filhos?

Quem se importa com o que eles querem? É a sua vida, não a deles.

O seu coração se apertou no peito diante da voz de Cain em sua mente, mas ela a ignorou como sempre fazia e abriu os olhos.

— E nós vamos. Um dia.

— Você está feliz, amor? — perguntou Woodman, virando-se para olhar para ela. O olhar dele recaiu sobre a camiseta de pijama de Ginger, a qual ela não tirara durante o sexo, e ele franziu o cenho antes de fixar os olhos aos dela. — Diga a verdade, você está feliz por se casar comigo?

— É claro — respondeu ela.

— Porque às vezes parece que você não...

Ela respirou fundo, sabendo o que estava por vir.

Ele deu de ombros.

— Parece que você não está muito... *empolgada*.

— Com o casamento? — perguntou ela.

As bochechas dele ficaram vermelhas. Ainda que tivessem observado cavalos procriando durante toda a infância, Woodman era completamente desajeitado quando conversava sobre sexo.

— Não, amor. Com a gente.

Ela odiava essa conversa. Odiava porque o vidro que erguera entre eles era muito fino, e pressioná-lo tanto assim podia quebrá-lo, trazendo à tona o fato de que vovó estava certa e que o relacionamento deles era errado – havia uma época da vida em que um casamento podia se basear em amizade, mas esta época não era quando se tinha vinte e um anos de idade.

O estômago de Ginger se revirou.

— Não teria aceitado se não quisesse me casar com você.

— Mas você está *feliz*? — insistiu ele.

— Estou, meu Deus — respondeu ela baixinho, virando-se para encarar o teto. Havia uma nota de irritação em sua voz, mas ela estava muito cansada para abafá-la. — Estou feliz, tá bem?

Pensar naquela conversa a deixava triste, e ela não queria ficar triste. Era uma noiva a caminho de uma confeitaria para degustar bolos de casamento. Fizera uma escolha. Escolhera Woodman. Ponto final.

E em relação aos filhos? Bem, estava cansada demais de lutar contra as expectativas dos pais e do noivo. Era muito mais fácil concordar do que discutir. Mas se não batesse o pé, acordaria dali a cinco anos casada com Woodman e com pelo menos dois filhos, aprisionada em uma vida boa e decente em Apple Valley. E talvez fosse o nervosismo pré-casamento falando, mas havia momentos – momentos passageiros – em que não tinha certeza se era isso que queria. Sim, era o que queria quando tinha dezoito anos, quando era apenas uma garota recém-saída do Ensino Médio. Mas não parecia mais tão... *certo*.

Ela não se permitia pensar em Cain e, quando o fazia, preferia pensar que ele estava morto. Mas ela sabia, por meio das poucas notícias que Woodman recebia do primo, que Cain tirara seis meses de licença depois do fim do contrato e estava percorrendo a Europa a bordo de sua motocicleta. Frequentemente, Ginger sonhava com aqueles cabelos pretos soprados pelo vento, a moto percorrendo os alpes e os vales repletos de oliveiras da Itália. Quase conseguia sentir o vento soprando os próprios cabelos, a forma como envolveria Cain em seus braços e se agarraria a ele na garupa da moto. A palavra *wanderlust* parecia estar grudada na ponta de sua língua, agridoce, e ela quase conseguia sentir o desejo de viver uma aventura também – algo de que se lembrar quando estivesse rodeada de filhos clamando por ela dali a alguns anos.

Mas a manhã sempre chegava. E, à luz do dia, com o leve ronco de Woodman ao seu lado, Ginger lembrava-se do que podia e não podia ter. E a gratidão reinava. Ela seria amada e desejada todos os dias de sua vida por um homem que a enxergava como a coisa mais preciosa do mundo. Era o suficiente, não era?

— É tudo que você pode ter. Precisa ser o suficiente — sussurrou ela.

Virou na esquina da Main Street e adentrou a General Lee Lane, parando em frente à fachada da confeitaria que parecia ter saído diretamente da Terra dos Doces. Ajeitou o colar de pérolas, deslizou as mãos pelos cachos louros e abriu a porta.

O sininho alardeou a sua chegada e quatro pares de olhos – os de sua mãe, de Sra. Sophie, o de Charm Simpkins e o da confeitadeira – a encararam, desviando a atenção que até então estava fixa no álbum de fotos de bolos de casamento extravagantes.

— Olha só, Ginger! — exclamou Sra. Simpkins. — Você quase não está atrasada!

— Olá, Sra. Simpkins — cumprimentou Ginger, parada à soleira da porta, sentindo-se apreensiva, sem saber direito o que fazer quando já havia tantas pessoas tomando as rédeas de seu casamento.

— Boa tarde, Ginger — cumprimentou Earline Ford, a melhor confeitadeira de Apple Valley, desviando o olhar do álbum de bolos e abrindo um sorriso gentil. — Está pronta para ser uma noiva adorável? Só mais três meses até o casamento!

Ela sentiu os lábios se curvarem em um sorrisinho para a confeitadeira que costumava dar bolinhos escondidos a ela desde que Ginger tinha quatro anos de idade.

— Estou, senhora.

— Venha se sentar, querida. Vou pegar outra cadeira para mim.

Sem outra escolha a não ser se sentar entre a mãe e a futura sogra, pegou o lugar que a Sra. Ford ocupava.

— Oi, mamãe. Oi, Sra. Sophie.

— Você está maravilhosa hoje, Ginger. As pérolas de minha avó combinam perfeitamente com o seu rosto adorável — elogiou a futura sogra, o olhar fixo no colar de pérolas, uma herança de família que Ginger recebeu como presente de noivado dos Woodmans. — Magnolia, não consigo guardar

segredo! — Ela virou-se para Ginger. — O Woodman contou para você sobre o presente que estamos pensando em dar a vocês?

— Não, senhora — respondeu ela.

Sra. Sophie trocou um sorriso alegre com a mãe de Ginger.

— Nós reformamos o berço e o cavalinho de madeira de Woodman! Estão completamente brancos agora, mas podemos pintá-los de rosa ou de azul-claro quando vocês descobrirem qual será o sexo do primeiro filho! Estávamos pensando em como vão ficar adoráveis no quarto vazio da casa de Woodman. O que você acha? Posso falar para o Howard levá-los para a casa nova hoje mesmo!

Ginger baixou o olhar e girou a aliança no dedo, a raiva crescendo em seu interior. Havia tantas coisas que a incomodaram naquele anúncio que ela nem sabia por onde começar.

Em primeiro lugar, não gostava de como a Sra. Sophie parecia achar que a casa que Woodman comprara só pertencia ao filho. Sempre se referia ao lugar como a casa de Woodman, como se Ginger não fosse a futura esposa dele.

Em segundo lugar, não gostava muito da ideia de a futura sogra decorar a casa, especialmente quando Ginger e Woodman podiam querer usar o quarto vazio para outra coisa.

Em terceiro lugar, o fato de ela ter presumido que Ginger e Woodman estavam prontos para terem filhos de imediato fez a garota cerrar os dentes em frustração.

E, em quarto lugar, Sra. Sophie *claramente* havia discutido aquilo com Woodman, que não dissera nada a Ginger. Provavelmente porque devia torcer para que aquele presente amolecesse o coração da noiva. Ainda assim, Ginger ficou ressentida por Woodman não ter dito nada, deixando-a ser pega de surpresa.

— Ginger — chamou a mãe, chutando-a por baixo da mesa. — Como é que se diz?

— Não estou grávida.

— Bem, espero que não esteja mesmo — respondeu Sra. Sophie. — *Ainda* não.

— Hmm... — enrolou ela, olhando para a Sra. Sophie e torcendo para que a raiva que sentia não estivesse evidente em seu rosto. — Tenho certeza de que essas coisas vão ser úteis... no futuro.

O sorriso animado de Sra. Sophie desvaneceu e seus lábios se contraíram em uma linha cor-de-rosa.

— Sei. Bem, não sei quanto a você, Magnolia — começou Sophie, afastando o olhar de Ginger e franzindo o cenho. —, mas eu sempre digo que, quanto mais nova é a mãe, mais feliz é o bebê. Espero que a sua filha não esteja planejando fazer com que meu filho espere uma eternidade para ser pai.

Magnolia franziu os lábios em desaprovação.

— E, então, filha?

Estava prestes a responder, *Acho que isso só diz respeito a mim e Woodman*, mas ainda faltavam três meses até o casamento e ela não estava interessada em ter que aturar a Sra. Sophie bancando a mártir durante todo esse tempo.

— É um presente adorável, Sra. Sophie. E você será a primeira a saber caso eu e Woodman tenhamos... novidades.

Visivelmente aliviada, Sophie assentiu para Ginger e virou-se para Magnolia.

— Tudo vai sair conforme planejamos.

Ginger ficou de pé em um sobressalto, derrubando a cadeira no chão. O estrondo fez com que as mulheres arfassem, surpresas, e olhassem para ela.

— Eu... — começou ela com o peito tão apertado que mal conseguia respirar.

— Virginia! — exclamou a mãe com um misto de irritação e preocupação no rosto.

— Com licença — pediu ela, correndo em direção ao banheiro do

outro lado do cômodo e fechando a porta atrás de si.

Com as mãos apoiadas na pia, Ginger respirou fundo, enchendo os pulmões de ar antes de soltar o ar devagar e abrir os olhos.

Encarou o reflexo no espelho e avistou uma linda garota: cabelos louros, olhos castanhos cuidadosamente emoldurados por delineador e rímel, os lábios brilhantes e as bochechas coradas. Usava um vestidinho de verão e um cardigã de lã, o pescoço ornamentado por um colar de pérolas que combinava perfeitamente com os brincos de pérolas. Parecia perfeita. A perfeita noiva sulista.

Também parecia triste. Tão solitária. Tão, tão perdida.

Abriu a torneira e deixou que a água gelada escorresse sobre suas mãos até que estivessem adormecidas, então fechou a torneira, secou as mãos e voltou à mesa para se desculpar e ajudar a escolher o bolo de casamento.

Ginger não sabia o que tinha dado nela na confeitaria, mas, ironicamente, quando estava surtando por conta do casamento e do futuro, havia apenas uma pessoa capaz de fazê-la se sentir melhor, então, Ginger caminhou apressada em direção ao Corpo de Bombeiros de Apple Valley, a alguns quarteirões de distância, ansiosa para ver Woodman.

— Oi, Gin! — cumprimentou um dos rapazes, parado do lado de fora do corpo de bombeiros com um café em uma das mãos e conferindo o celular com a outra.

— Oi, Logan. O Woodman está aqui?

— Woodman está sempre aqui! — respondeu ele, apontando para o interior do recinto com o polegar.

— Você está ótima, Ginger — elogiou Fred Atkins, o chefe assistente, quando ela abriu a porta.

— Obrigada, Fred.

Srta. Melody Grace, a recepcionista, acenou e permitiu que Ginger entrasse, e ela seguiu em direção à sala de comunicações, onde sabia que ia

encontrar Woodman.

Quando abriu a porta, uma bola de futebol americano de espuma atingiu em cheio no meio da testa e ela cambaleou enquanto Woodman bradava:

— Que merda é essa, Austin?

Esfregando a testa, abriu os olhos e deu de cara com um Austin Wyatt acanhado, enquanto Woodman atravessava o cômodo a passos largos. Já fazia meses desde que Woodman deixara de usar uma bengala, e apesar de mancar um pouco, caminhava melhor do que o esperado. O fisioterapeuta dissera que nunca tinha visto ninguém se esforçar tanto assim para se recuperar, e Woodman dizia que os créditos por todo o progresso que fizera e a melhora em sua situação eram de Ginger. Alegava que ela – a forma como o recebera de volta, como acolhera-o em seus braços, em sua cama, em seu coração – era a responsável por dar as forças e a motivação que precisava para se esforçar, para ser mais forte, para ficar bem, para ficar inteiro.

Quando a pedira em casamento na véspera do Ano Novo, dissera:

— Você entregou o seu coração para mim. E eu quero entregar a minha vida inteira a você.

Lágrimas escorreram dos olhos de Ginger diante daquelas palavras. Ele não sabia que o coração dela fora despedaçado dois anos antes, em um antigo celeiro, quebrado em milhões de pedacinhos. Não sabia que, quando ela dissera que o coração dela era de Woodman, estava oferecendo algo quebrado e impossível de ser consertado.

Mas se ele quisesse, era todo dele. O que quer que tivesse restado do coração de Ginger, pertencia a Woodman.

— É seu — sussurrou ela em meio a lágrimas, e ele enfiou o anel que pertencera à avó no dedo de Ginger.

— Era para Austin ter pegado a bola — disse ele, envolvendo o rosto de Ginger entre as mãos e lançando um olhar preocupado para a testa dela. — Você está bem, querida?

Ela respirou fundo e deu um passo à frente, deixando-se envolver

pelo aroma e pela força de Woodman. Ela puxou-o para um abraço e fechou os olhos, apoiando o rosto no peito dele.

— Aham — murmurou ela. — Estou bem.

— Tem certeza, amor?

Ele levantou o rosto dela e pressionou os lábios contra os de Ginger.

Estavam quentes e macios. Reconfortantes. Mas quando ele tentou intensificar o beijo, Ginger se afastou para responder:

— Tenho.

— Como foi na confeitaria?

Ela suspirou.

— Nossas mães e a Sra. Simpkins estão tomando conta de tudo.

— Ah, amor — disse ele, acariciando as costas dela em um gesto reconfortante. — Elas só estão empolgadas.

Seus pelos se eriçaram. Apesar de saber, ou acreditar, que na hora da verdade Woodman ficaria ao lado dela, ele era diplomático demais, tranquilo demais. Ginger desejava que ele matasse dragões por ela, mas, em vez disso, Woodman ficava amigo dos dragões e inventava desculpas quando eles cuspiam fogo.

Ela desvencilhou-se do abraço e lançou um olhar irritado para ele.

— Sua mãe mencionou alguma coisa sobre um presente de casamento?

Woodman se encolheu.

— Muito exagerado?

— Muito *mesmo*.

— Só pensei que... bem, querida, ela estava tão empolgada por reformar aqueles móveis. Que tal se a gente aceitar e guardar no sótão por enquanto?

Mais um passo em direção a um destino que não é meu.

— Tudo bem — concordou ela, apoiando a testa no ombro dele e sentindo-se exausta.

— Além disso — começou ele —, é apenas um presente de casamento. O que importa é que vamos nos casar. Eu e você para todo o sempre, certo?

Ela assentiu, sentindo um peso implacável que nem mesmo Woodman era capaz de suavizar e que tornava até a tarefa de falar mais difícil.

— Certo. — Conseguiu sussurrar.

— Felizes para sempre, Gin — disse ele, beijando a lateral da cabeça dela.

— Felizes para sempre — repetiu ela, fechando os olhos e fazendo um esforço para se lembrar como é que respirava.

Capítulo Dezessete

~ *Woodman* ~

— Era para Austin ter pegado a bola — disse Woodman, envolvendo o rosto de Ginger com as mãos e observando a testa dela. A pele estava macia e lisa, e ela era tão linda que ele nem conseguia acreditar que era noiva dele. — Você está bem, querida?

Em vez de responder, ela fez algo que ele amava mais do que qualquer coisa no mundo: aproximou-se, aninhou-se em seu peito e permitiu que ele a abraçasse. Ela envolveu a cintura dele com os braços e o coração de Woodman quase explodiu tamanha ternura que sentia por Ginger.

— Aham — murmurou ela. — Estou bem.

Woodman beijou a cabeça dela e cerrou a mandíbula, preocupado. O problema era que, apesar de estar sempre o tranquilizando, Woodman não sentia que ela estava bem de verdade. Não parecia bem há algum tempo. Apesar de sempre afirmar que estava feliz quando ele questionava, Ginger estava inesperadamente emocional desde que ele a pedira em casamento. Parecia ansiosa e arredia. E Woodman não conseguia entender o que estava acontecendo.

Será que era nervosismo pré-casamento? Céus, ele esperava que fosse só isso. Esperava que assim que dissesse *Aceito*, ela voltaria a agir como antes.

Mas, se Woodman fosse honesto, Ginger já tinha mudado antes mesmo do pedido de casamento. Não sabia ao certo quando a mudança tivera início – por pouco mais de um ano depois que voltara para casa, os dois pareciam estar se acostumando um ao outro, entendendo como o relacionamento funcionaria depois de tantos anos de amizade e depois do choque repentino de terem dormido juntos. Aos pouquinhos, foram se tornando um casal com tudo que tem direito – Woodman dormindo no chalé de vez em quando e Ginger passando algumas noites na casa que ele

comprara. Passando todos os finais de semana juntos, assim como todos os feriados. Celebrando todas as comemorações importantes e compartilhando todas as dificuldades que enfrentavam nos respectivos trabalhos e contando um ao outro sobre os aborrecimentos com a família. Mas às vezes Woodman tinha a impressão de que Ginger estava empurrando o relacionamento com a barriga – como se ela não estivesse tão envolvida no namoro quanto ele.

O maior problema de todos, até onde Woodman sabia, era que mesmo depois de três anos de namoro, o relacionamento deles ainda não assumira os ares de romance. Bem, pelo menos não para Ginger. Quando Woodman agia apenas como amigo de Ginger – quando estavam jantando juntos ou conversando sobre o trabalho ou quando ele a estava confortando como agora – ela parecia relaxada e confortável. Mas quando ele queria agir como amante – provocá-la, acariciá-la, fazer amor com ela – Ginger ficava distante.

Naquele momento, sentindo os seios dela pressionados contra o seu peito e as mechas de cabelo acariciando o seu pescoço, o corpo de Woodman ficava ávido por ela. Mas ele a conhecia bem o suficiente para saber que ela estava abraçada a ele porque estava amuada e um abraço de Woodman era reconfortante porque, afinal de contas, ele continuava sendo o melhor amigo dela em primeiro lugar.

— Tem certeza, amor?

— Tenho — respondeu ela.

Ele levantou o rosto dela e pressionou os lábios contra os de Ginger, sem resistir à tentação de tentar – torcendo para que desta vez ela enfiasse os dedos no cabelo dele ou arqueasse as costas diante do seu toque. Ansiava por ouvir um gemido vindo dela, ou por sentir um calafrio percorrendo os braços da noiva, para que ele soubesse que ela o desejava tanto quanto ele.

Os lábios dela estavam quentes e macios e ela correspondeu ao beijo, mas afastou-se antes que ele tivesse a chance de beijá-la de verdade. Sentiu a decepção familiar, mas lembrou-se de que conseguira tudo que desejava.

Três anos antes, quando estavam sentados no balanço da varanda, logo antes de tirar a virgindade dela, Woodman havia dito que o seu coração

pertencia a ela. Oferecera-o a ela sem exigir nenhuma promessa em troca. Ele a queria tão desesperadamente assim. E agora ela era dele e os dois iam se casar dentro de algumas semanas. Então, que diferença fazia se o relacionamento deles mais parecia uma amizade e que não havia muito fogo entre os dois? Ele conseguira tudo que desejara, não conseguira? *Não implore pela chuva quando o sol acabou de raiar. Uma coisa de cada vez. Vai chegar a hora. Um dia.* E Woodman acreditava de todo o coração que essa hora chegaria.

— Como foi na confeitaria?

Ela suspirou.

— Nossas mães e a Sra. Simpkins estão tomando conta de tudo.

— Ah, amor — disse ele, acariciando as costas dela em um gesto reconfortante. — Elas só estão empolgadas.

Mais empolgadas que você. Todos estão mais empolgados que você.

Na noite passada, depois de uma transa rápida e sem graça, ele perguntara a Ginger se ela estava feliz, e ela insistiu que estava.

E ele não a pressionara, porque a resposta dela o tranquilizava, ainda que ele não acreditasse que fosse verdade. A verdade era que ele a amava tanto que aceitaria qualquer coisa vinda dela. É claro que ficava incomodado com a falta de paixão entre eles e pelo fato de que ela – nos dois anos em que estavam juntos – nunca tinha tomado a iniciativa quando transavam, com exceção da primeira vez. Também ficava incomodado por nunca tê-la visto gemendo de prazer durante o sexo. Mas ela não se afastava. Não o privava de seu calor e de seu corpo. E quando ele a pediu em casamento, ela aceitou.

Na maior parte do tempo, Woodman se focava nas partes boas e acreditava que o amor que sentia por ela era o suficiente para que passassem o resto da vida juntos. Na verdade, tudo acontecera exatamente da forma esperada entre os dois. E, quem sabe, talvez as coisas melhorassem com o tempo. Ele estava ansioso para passar a vida inteira ao lado dela, e faria tudo ao seu alcance para deixá-la feliz.

Mas, pelo jeito, a felicidade de Ginger não seria possível naquele dia. Quando se afastou para olhar para ele, o lindo rosto exibía uma expressão

azedada.

— Sua mãe mencionou alguma coisa sobre um presente de casamento? — quis saber ela, os olhos arregalados e acusadores.

Ah, merda. O berço e o cavalinho.

Ele estremeceu.

— Muito exagerado?

— Muito *mesmo* — respondeu ela sem um pinga de humor.

Ele abriu um sorriso encabulado.

— Só pensei que... bem, querida, ela estava tão empolgada para reformar aqueles móveis. Que tal se a gente aceitar e guardar no sótão por enquanto?

Uma onda de rebeldia assomou o rosto dela – um vislumbre da Ginger de antigamente, e Woodman sentiu-se tentado a irritá-la mais um pouco porque sentia falta daquela parte dela. Queria aquilo de volta. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, ela apoiou a testa no ombro dele.

— Tudo bem.

Merda! Tudo bem de novo.

— Além disso — começou ele —, é apenas um presente de casamento. O importante é que vamos nos casar. Eu e você para todo o sempre, certo?

— Certo — sussurrou ela.

— Felizes para sempre, Gin — disse ele, beijando a lateral da cabeça da noiva.

— Felizes para sempre — repetiu ela baixinho.

Ele cerrou a mandíbula e lembrou-se do cartão postal que carregava no bolso, pensando que agora não era a hora certa para compartilhar aquelas notícias com ela. Mais tarde ele arrumaria um tempinho para conversar com Ginger.

Descobrir que Cain estava voltando para casa no dia seguinte definitivamente não ajudaria em nada o humor da garota.

Recém-promovido ao cargo de tenente do Corpo de Bombeiros de Apple Valley, Woodman só conseguia pensar em uma coisa além de Ginger e o casamento que se aproximava. E essa coisa era receber permissão do médico para vestir a camisa e voltar a apagar incêndios. Mas, mesmo depois de seis cirurgias reconstrutivas no Lexington VA Medical Center, que incluíam um enxerto ósseo vascularizado, uma osteotomia, uma artroplastia do joelho, descompressão central e dois anos de fisioterapia, a lesão de Woodman ainda não estava completamente curada. Na verdade, doutor Collins ainda não tinha permitido que Woodman parasse de usar bengala.

Woodman ficava constantemente frustrado pelo fato de assistir aos outros caras vestindo a camisa e fazendo a diferença, quando ele mesmo não podia. Às vezes, vestia uma jaqueta antichamas e ia ao local do incêndio para assistir e ficar à disposição, mas conseguia sentir bem lá no fundo – o desejo de partir para ação, a vontade de voltar a ser um herói. Queria aquilo por ele mesmo, é claro, mas também pensava em Ginger. Ele não conseguia evitar de pensar que a razão pela qual ela não era muito entusiasmada com a vida sexual deles *poderia* ter a ver com o fato de não enxergá-lo como um homem de verdade.

Quando ela se entregou a ele pela primeira vez, naquela noite maravilhosa três anos antes, ele estava tão arrebatado de desejo e devoção que nem pensou duas vezes em tirar a virgindade dela e compartilhar a sua própria. Estava esperando há séculos para dormir com a garota que amava – não ia discordar quando ela oferecesse. E apesar da primeira vez ter sido rápida, Ginger se aninhou nos braços dele depois do sexo e adormeceu abraçada a ele, o seu corpo macio e quente totalmente entrelaçado ao dele. Woodman já era apaixonado por Ginger antes daquilo, mas foi naquele momento que tudo mudou para ele. Depois de ter um gostinho do paraíso que era dormir com ela, Woodman soube que nunca poderia deixá-la ir embora.

Ela estava tensa e nervosa por causa do casamento? Não tinha problema. Desde que ela fosse até o altar e dissesse *Aceito*, tudo ficaria bem.

O nervosismo iria embora.

Ela ainda o enxergava como melhor amigo? Também não tinha problema. Eles tinham a vida inteira para encontrar aquele ritmo romântico que todos os casais acabam descobrindo.

Ela não gostava muito de sexo? Bem, Woodman pensava que aquilo também podia ser remediado. No instante em que Ginger o visse como um homem de verdade, como um super-herói pronto para ação, a atitude dela mudaria em relação à intimidade dos dois. Ele só tinha que chegar a esse ponto.

— Woodman — cumprimentou doutor Collins, adentrando a salinha de exame. — Como você está, filho?

— Muito bem, senhor — respondeu ele, afastando os pensamentos sobre Ginger e concentrando-se no tornozelo, rezando para que dessa vez ele recebesse uma alta completa.

Doutor Collins folheou alguns papéis em um fichário.

— Como está o tornozelo?

— Muito bom, senhor.

— Está sentindo dor? — quis saber o médico, encarando Woodman.

— Nada que eu não consiga suportar.

— Mas então *está* sentindo dor?

Woodman deu de ombros.

— Só quando vai chover.

Era mentira. A dor era constante e muito mais do que uma pontada ocasional. Ainda assim, ele não mentiu quando disse que conseguia suportar. Consequia. *Suportava*. Todos os dias sem reclamar.

Doutor Collins pigarreou e lançou um olhar em direção à cadeira no canto da sala, na qual Woodman colocara a bengala e a jaqueta.

— Ainda está usando a bengala conforme eu instruí?

— Sim, senhor.

— Não está deixando de lado de vez em quando, certo?

— Não, senhor.

Mais uma mentira. Já fazia meses que não usava a bengala. Odiava sentir-se como um velho mancando por aí. Ginger era jovem e linda, ele não queria acompanhá-la a jantares ou ao cinema usando aquela maldita bengala. Na maior parte dos dias – a não ser que a dor estivesse realmente lancinante – ele deixava a bengala em casa.

O médico pegou uma lâmina de raio-X e a segurou contra a luz.

— Parece que está tudo bem. Os ossos parecem ter se assentado. A quantidade de oxigênio nos dedos do pé indica que a circulação sanguínea está boa. Você disse que não está sentindo dor. Estamos chegando lá, Woodman. — Ele colocou o arquivo na bancada atrás de si. — Por que você não se deita e deixa eu dar uma olhada?

Woodman deitou-se na maca recoberta por papel e prendeu a respiração. Isso era o mais próximo que chegara de receber permissão para voltar a trabalhar de verdade.

— Eu ia gostar muito de poder ajudar a combater os incêndios — comentou ele.

— Eu sei disso. Sei mesmo. Mas eu não seria um médico muito bom se permitisse que você colocasse seu tornozelo parcialmente curado em risco, seria?

O médico examinou o pé com cuidado, percorrendo os dedos pelas placas e parafusos e enxertos que mantinham os ossos do tornozelo unidos. Fez uma careta e estalou os lábios.

— Está um pouco inchado aqui. Não muito, só um pouquinho.

Merda. Merda, merda, merda.

Woodman prendeu a respiração enquanto o médico examinava o tornozelo e esforçou-se para não estremecer diante da fricção das unhas contra a sua pele.

O médico suspirou.

— Bem, estamos chegando lá.

Mas...

— Mas eu não acho que você esteja pronto para combater incêndios ainda. Vamos esperar mais um tempinho, tudo bem?

— Doutor, se eu já estou quase lá, talvez eu pudesse simplesmente partir para ação?

— Você pode partir para ação de *ficar sentado*. — O médico pegou o arquivo na bancada, abriu e anotou algumas coisas no topo da página antes de olhar para Woodman. — Ainda não, filho. Sinto muito. Mas não posso arriscar a permitir que você vá e algo ruim aconteça com você ou com outra pessoa. Você entende. Continue usando a bengala, ela alivia o peso do corpo para que os ossos possam continuar a se curar. O corpo humano é uma coisa engraçada, uma pessoa poderia se curar de uma lesão dessas em um ano e, outra, poderia demorar a vida toda. Você está indo bem. Vai estar a bordo do caminhão de bombeiros antes que se dê conta.

— Obrigado, senhor — agradeceu Woodman, a decepção esmagando-o por dentro.

Doutor Collins pegou o receituário no bolso do jaleco.

— O inchaço indica que você está sentindo dor. Quero receitar uma coisa.

— Não, senhor — negou Woodman.

O médico colocou o receituário na bancada.

— Sentir dor não vai ajudar em nada, filho.

— Já disse que estou bem.

O médico suspirou e deu de ombros antes de terminar as anotações no arquivo de Woodman. Quando ergueu o olhar, exibia um sorriso profissional e compassivo.

— Logo, logo, Woodman. Prometo.

O médico estendeu a mão e apertou a de Woodman antes de ir embora.

Ele finalmente respirou fundo e soltou o ar pela boca em um bufo de irritação. Estendeu as mãos e puxou as meias para cima. Desceu da maca e esquadrinhou a salinha com os olhos, notando que o médico havia deixado o receituário em cima da bancada. Olhou fixamente para aquilo e obrigou-se a desviar o olhar. Pegou os sapatos e os calçou. Quando estava prestes a ir embora, aproximou-se da pia e encarou o receituário, engolindo em seco. Woodman nunca infringia as regras, nunquinha, mas essa era uma situação especial, não era? Ele definitivamente sabia mais sobre o próprio corpo do que o médico, não sabia? Só precisava pegar uma folha de papel e escrever “Liberado para todos os tipos de trabalho”. Mordeu o lábio inferior.

— Você não pode fazer isso — murmurou ele e deu as costas ao papel.

Mas quando a mão atingiu a maçaneta, o rosto de Ginger invadiu sua mente. Antes que pudesse pensar duas vezes, rasgou a primeira folha do bloco e a enfiou no bolso antes de sair porta afora.

A aula de dança do Sr. Schultz não fez muito bem ao tornozelo de Woodman, que doeu loucamente depois daquilo. Mas Woodman insistiu que queria levar a noiva para jantar fora. Foram ao Danvers Grille e cumprimentaram vários amigos que encontraram por lá.

— Tam, tam, tam *tããam!* — cantarolou Sallie Rialto, uma garçonete que Woodman e Ginger conheciam desde a infância. — Quantos dias até o casamento?

Ginger corou e abriu um sorriso para a mulher.

— Ainda falta bastante, Sallie! Não me apresse.

As palavras de Ginger foram bem-intencionadas e Sallie entregou o cardápio a eles. Woodman relaxou e observou a beleza sufocante da noiva por cima do cardápio. Está nervosa com o casamento. É só isso que está acontecendo para ela estar agindo de forma tão estranha. Quando estivermos

casados, tudo será perfeito.

— O velho Sr. Schultz estava mais surdo que o normal hoje ou foi só impressão minha?

Ela deu uma risadinha.

— Você lembra quando nós fizemos aquela aula de dança juntos quando eu tinha onze anos? Acho que ele já era surdo naquela época.

Ele assentiu e deu risada.

— Ele fez você usar luvas brancas.

— E você usou um terno.

— É verdade. Eu amava aquelas noites de quinta-feira, Gin. Praticamente vivia à espera delas.

Ela abriu um sorriso doce, mas meneou a cabeça como se ele estivesse mentindo.

— Para dançar com a sua irmãzinha?

Ele odiava quando ela falava esse tipo de coisa. Sugou o lábio inferior.

— Só para constar, você nunca foi minha irmã.

As bochechas dela ficaram coradas.

— Ah, eu sei. Só quis dizer que você precisava acompanhar uma garotinha à aula de dança em vez de jogar basquete ou andar por aí com o...

Ela parou de falar e piscou antes de franzir os lábios e voltar a atenção para o cardápio.

— Com o Cain? Nós nunca tivemos a mesma turma. Você sabe muito bem disso.

Mas ela não respondeu. Na verdade, foi quase como se não tivesse escutado o que ele acabara de dizer. Desde que Cain fora embora de Apple Valley três anos antes, Ginger se recusava a dizer o nome dele. Na maior parte do tempo, evitava trazê-lo à tona, mas quando o fazia, era como se

desse de cara em uma parede antes que pudesse dizer o nome dele ou pensar nele com carinho.

Woodman não sabia o que havia acontecido entre eles. Nunca perguntou e Ginger nunca disse nada. Independentemente do que aconteceu, fez Cain ir embora e Ginger ir para os braços de Woodman. Ele não ia se intrometer. Independentemente do que fosse, ela poderia manter em segredo. Porque, no fim das contas, ela havia escolhido *Woodman* e não Cain. Ele não se importava com os motivos, e sim com os resultados.

Mas a triste realidade era que Cain estaria de volta a Apple Valley na noite seguinte, e Woodman precisava contar a Ginger antes que ele desse as caras. Suspirou, apreensivo. Odiava ter que trazer à tona um assunto que a deixaria chateada ou brava, e já que ela se recusava a até mesmo conversar sobre Cain, Woodman imaginava que o retorno do primo faria com que Ginger, que já estava totalmente desequilibrada, perdesse a cabeça.

— Acho que vou pedir carne picada com molho e torradas. E você?
— quis saber ela, o rosto sereno e contido novamente, mas a faísca de alegria que exibira quando estavam conversando sobre o Sr. Schultz havia ido embora.

— É. Parece bom. — Ele colocou o cardápio à mesa e ela fez o mesmo. Woodman pegou a mão dela. — Preciso falar com você.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Aconteceu alguma coisa no consultório médico hoje?

Hm. Não era isso, mas ele também precisava conversar sobre aquilo com ela.

Ele assentiu.

— Sim. Recebi a permissão para voltar a combater incêndios.

Ela arfou, o rosto tomado por surpresa e felicidade.

— Woodman! Que notícia maravilhosa!

Ele assentiu e sentiu um comichão por causa da mentira, mas retribuiu o sorriso. *Valeu a pena. Valeu a pena pela reação dela.*

— Não é? Eu sei!

— Querido, estou tão feliz por você! — exclamou ela, beijando as mãos dele com ternura e animação.

Era um gesto tão inesperado vindo dela, que o coração de Woodman se apertou no peito e seu estômago se contorceu.

— Eu sabia que você ia ficar bem! Ah, estou tão feliz que podia até cantar! Precisamos de champanhe. Você acha que tem aqui?

Woodman a observou do outro lado da mesma – o brilho e a empolgação naqueles olhos castanhos – e seu peito se encheu de esperança. Talvez ela começasse a enxergá-lo como um homem de verdade, como o seu *parceiro*, não seu amigo. Pensar naquilo o encheu de desejo, otimismo e esperança.

E ele se recusava a arruinar aquele momento contando sobre o retorno de Cain.

Ela estava sorrindo como uma louca.

— Vou perguntar para a Sallie se ela tem algum espumante! — Inclinou-se sobre a mesa e deu um selinho em Woodman antes de se dirigir ao balcão.

Ele encontraria um jeito de contar a ela sobre Cain no dia seguinte.

Capítulo Dezoito

~ Cain ~

Em cima da sua moto *BMW* modelo R 1200 RT – customizada com um motor *Saab* 900 que comprara na Suécia e instalara com a ajuda de um mecânico na Islândia – Cain Wolfram seguia pela estrada de Huntington, Virgínia Ocidental, em direção ao oeste. As árvores com folhagens avermelhadas, alaranjadas e douradas que ladeavam a Highway 64 eram bonitas *pra* caralho, e ele tinha de admitir que, apesar de ter visitado lugares incríveis nos seis anos que passara viajando, nada se comparava aos Estados Unidos em outubro.

Conferiu o relógio no painel e não ficou surpreso de notar que já eram quase duas horas da tarde. Estava dirigindo desde às seis da manhã e só tinha parado algumas vezes para comprar comida e encher o tanque da moto desde que saíra de Norfolk, Virgínia. Com sorte, chegaria em Versailles às quatro da tarde.

Versailles, Kentucky.

O novo lar de Cain.

Não voltara a Apple Valley desde aquele dia em outubro, três anos antes, quando Ginger declarara o seu amor e se entregara a ele só para dar as costas e trepar com Woodman.

Ele cerrou a mandíbula e pisou no acelerador, colando o corpo contra a moto.

Ainda doía.

Depois de três malditos anos – que incluíam seis meses na Europa fodendo qualquer *senõrita* e *mademoiselle* que cruzassem seu caminho – *ainda* doía para caralho.

Revivera os detalhes daquele encontro no antigo celeiro um milhão de vezes: as declarações apaixonadas de Ginger e o corpo delicioso da garota

pressionado contra o dele. A sensação dos seios dela nas mãos de Cain, macios e entumecidos, a forma como aquela boca – que era a oitava maravilha do mundo – o beijara e entrelaçara a língua à dele. Mas mesmo que o corpo de Ginger fosse feito para o tipo de pecado que Cain mais amava, foram as palavras dela que o assombraram, zombando dele enquanto a visão do corpo desnudo de Ginger entrelaçado ao de Woodman invadia a sua mente noite após noite.

Cain... Eu amo você. Céus, eu te amo tanto.

Você é sim. Você é bom. E eu estou apaixonada por você.

Eu sei que você me ama, Cain. Posso ver. Posso sentir. Eu sei que é verdade.

E quando pensava que a dor de relembrar aquelas palavras doces – aquelas *mentiras* doces – acabaria com ele, Cain se torturava mais um pouquinho e pensava na expressão nos olhos de Ginger naquela tarde – a dor que exibiam e a sensação devastadora de vê-la ir embora.

... não importa mais. Essa é a última vez que você vai me rejeitar e me humilhar. Eu juro. A última vez.

E cara, ela manteve mesmo a promessa.

Ela não foi a última a ser rejeitada. *Ele* foi.

Ela nunca saberia o quanto ele se esforçara para não correr atrás dela naquela tarde, o quanto o seu corpo e o seu coração doíam de desejo por ela, o quanto ele quisera correr atrás dela depois que ela saiu do antigo celeiro. Nunca saberia que ele fora ao maldito chalé horas depois para tentar acertar as coisas entre eles, para dar a chance que ela tanto implorara. E ela nunca, nunca saberia o quanto ele a amava – e como perder aquele amor o devastou como um terremoto, as consequências o abalando durante os três anos em que estivera longe. A ausência dela marcou o coração partido de Cain como uma fenda na terra, rachada e profunda demais para ser preenchida, estilhaçada demais para ser remendada.

Havia tantas Gingers habitando a sua mente: a garotinha que conhecia desde a infância, a garota atrevida que se recusava a pular no aniversário de doze anos, a maravilhosa moça de quinze anos que ele beijara,

e a mulher espetacular de dezoito anos que o fizera se sentir mais completo e mais bem-vindo ao seu lado do que ele se sentira durante toda a vida. Doía pensar nas brincadeiras entre eles no dia em que Cain lavara a caminhonete da avó dela. Sentia uma punhalada no coração ao se lembrar dos passeios a cavalo e das caminhadas, das conversas despretensiosas e das conversas cheias de significado enquanto percorriam a campina e mordiscavam maçãs recém-colhidas. E o antigo celeiro? Bem. Se ele tivesse escolha, incendiaria o lugar e transformaria todas as memórias que ele representava em cinzas. Porque as lembranças doíam *pra* caralho, e Cain temia que isso nunca ia mudar.

Precisou reunir uma quantidade imensa de coragem para retornar a Kentucky, mas Cain se orgulhava do fato de não ser mais um adolescente esquentadinho. Agora, era um homem feito. E ele se deu conta de que voltar para Kentucky era uma escolha que podia fazer independentemente das memórias que envolviam Ginger. Além disso, *ela que se foda*. Voltar para casa tinha a ver com ele – visitar os pais e o primo, que convidara Cain para ser seu padrinho de casamento. E, principalmente, era sobre Cain tomar as rédeas da própria vida e finalmente criar raízes em algum lugar. Ficava puto da vida pelo fato de as memórias amargas de Ginger terem envenenado as lembranças boas. Depois de três longos anos, estava cansado de Ginger ser a coisa que o impedia de voltar para casa – era como entregar as rédeas da própria vida nas mãos dela, algo que ela não merecia de jeito nenhum.

Então, ele finalmente decidiu retomar o controle.

Dois meses antes, Woodman escrevera pedindo para que Cain voltasse para casa em outubro e fosse seu padrinho de casamento. A sua reação inicial foi “Até parece!”. Mas apesar do histórico doloroso que Cain tinha com a noiva duas caras de Woodman, sempre que ele se sentava para responder a carta, percebia que não podia negar o pedido. E finalmente se deu conta de que, apesar de ter adorado viajar e conhecer o mundo, quando os seus dias na Marinha estavam chegando ao fim, viu-se – em meio ao choque – sentindo saudade de casa.

Depois de seis anos na Marinha e tendo pouquíssimas despesas, Cain havia conseguido poupar quase trinta mil dólares. Durante alguns dias de licença no verão, foi a Lexington sem avisar ninguém e passou dois dias com

um corretor de imóveis comerciais. Procurou em Lexington, Frankfort e em todas as cidadezinhas adjacentes, até que finalmente encontrou o que estava procurando na cidade de Versailles, localizada a apenas quinze minutos de Apple Valley, logo ao sul da estrada I-64 que ligava Lexington e Frankfort.

Era um complexo de tijolos de quase quatrocentos metros quadrados que incluía uma garagem fechada, uma garagem dupla, um showroom com drive-through e revestimento de madeira rústico e elegante, e um escritório com banheiro privativo. O aluguel era de mil e oitocentos dólares por mês e Cain fechara o contrato por um ano. As três motocicletas que havia comprado seriam entregues na semana seguinte e ele planejava modernizar a construção para ficar com a sua cara e, então, abrir uma garagem para consertar e vender motos a partir de janeiro.

Concebeu a ideia de abrir o próprio negócio depois de passar um mês e meio na Islândia com o seu amigo Sven. Lá, aprendera a mexer com a contabilidade, prestar serviços, pegar serviços pequenos como restaurações, e criar alguns modelos novos. Apesar de saber que existiriam pedras no seu caminho como empreendedor, Cain estava se informando acerca de ser um proprietário de pequenas empresas em Kentucky e sentia que estava pronto para entrar de cabeça no futuro.

Era estranho deixar a Marinha depois daquela experiência de seis anos que mudou a sua vida, mas Cain havia se alistado na Reserva para começar no primeiro dia de dezembro, o que significava que ainda estava com um pezinho na Marinha e podia desfrutar de algumas vantagens da vida militar: assistência médica, treinamento em uma instituição de ensino aprovada pela GI Bill caso decidisse entrar em algum curso técnico, acesso liberado à cantina militar local, e uma renda modesta relativa à sua aposentadoria como marinheiro de primeira classe.

E claro, ele ainda viajaria quando o *wanderlust* apertasse. Estava morto de vontade de conhecer o Oceano Pacífico, que não pudera visitar durante seus anos servindo à Sexta Frota dos EUA. Cain conhecera grande parte do litoral leste dos Estados Unidos, e toda a parte costeira da África e da Europa. Isso sem mencionar as luzes portuárias do Mar Mediterrâneo que avistara do seu local estratégico no convés do navio. Mas nunca estivera no Pacífico. Ser o próprio chefe significava que, depois do casamento de

Woodman, Cain podia fechar a loja por algumas semanas, subir na moto e dirigir do estado de Washington até a Baixa Califórnia.

Pela primeira vez na vida, traçara um plano que levava em conta os seus interesses e ainda assim possibilitava a liberdade que tanto desejava.

Aproximando-se de Lexington, ele afundou o pé no acelerador e passou reto pela saída que o levaria a norte de Apple Valley e seguiu em direção ao oeste até a saída que o levaria para casa. Mas é claro que o seu olhar se recaiu na primeira saída e sua mente se fixou em Ginger como um pássaro em cativeiro que havia sido liberto, mas que não conseguia encontrar uma nova casa.

Não seria estranho se encontrar com Ginger?

— Não sei e não quero saber — grunhiu ele, voltando o olhar para a estrada à sua frente.

Para Cain, ela estava morta. Não existia. E ele, definitivamente, não planejava ficar perto dela. Nunca tinha contado a Woodman sobre o que acontecera naquele dia horrível três anos antes, e se não fosse capaz de ficar prostrado no altar com um maldito sorriso no rosto enquanto o primo se casava, então devia ter negado o pedido de Woodman.

Uma promessa é uma promessa, pensou ele melancolicamente, então, ele tinha de comparecer à Igreja Presbiteriana Valley View e ficar ao lado do primo enquanto ele cometia o pior erro de sua vida. *Erro* porque Cain tinha uma certeza tão profunda que queimava como ácido: Woodman, que estivera apaixonado pela garota desde a infância, merecia algo *muito* melhor do que aquela traidora desequilibrada da Ginger McHuid.

Quando estacionou a moto, sentiu o celular vibrar. Pegou-o no bolso de trás da calça e tirou o capacete enquanto descia da moto.

JAW: Que horas você chega, primo?

Cain abriu um sorriso. Caramba, estava ansioso para reencontrar Woodman.

CW: Posso chegar hoje à noite. Tem algo planejado?

Ninguém, nem mesmo o primo, sabia que Cain havia alugado o complexo em Versailles, e Cain não estava interessado em compartilhar a novidade por enquanto. Consequia imaginar a desaprovação da tia Sophie quando descobrisse que ele estava prestes a abrir uma garagem de motocicletas como um reles qualquer. Não estava a fim de ver ninguém tripudiando seus sonhos.

JAW: Jantar no corpo de bombeiros. Churrasco. Ainda gosta de costelas?

CW: Pra caralho. Que horas?

Além de Cain amar costelas, um jantar no corpo de bombeiros parecia uma situação segura para se reencontrar com Woodman e evitar Ginger. Além disso, passar a noite ao lado de vários bombeiros parecia uma boa ideia – estava acostumado à companhia de homens, e tinha trepado o suficiente em Virgínia para não precisar correr atrás de Mary-Louise Walker em sua primeira noite de volta.

JAW: Às seis em ponto.

CW: Combinado, marinho.

Enfiou o celular no bolso da calça jeans, tirou os óculos de sol e abriu o zíper da jaqueta Kevlar, tirando um molho de chaves de um dos bolsos. O chaveiro era da “Imobiliária Versailles”, mas logo ele compraria um da *BMW* ou da *Harley-Davidson*. Enfiou a chave na fechadura e a girou, a ansiedade fazendo o coração acelerar no peito.

Esse lugar é meu. Todinho meu. Não sou um empregado aqui, diferente do meu pai na Fazenda McHuid. Sou o dono. O chefe.

Abriu a porta e adentrou o local vazio, respirando fundo e absorvendo o aroma de graxa e tinta fresca. O corretor de imóveis havia mandado pintar o piso de um tom brilhante de cinza, mas Cain não via a hora de dar os retoques finais. E, quem sabe, talvez até pudesse pedir para que o pai e o Woodman viessem dar uma mãozinha a ele por algumas horas... ajudá-lo a tornar a Motocicletas Wolfram um sucesso.

Deixou a porta entreaberta e saiu da garagem fechada, seguindo em direção à moto. Abriu um dos alforjes e pegou uma mochila cheia de roupas e itens de higiene pessoal. Do outro alforje, tirou um saco de dormir, um travesseiro e uma toalha. Dormiria no escritório até encontrar um apartamentinho para alugar em Versailles.

Conferiu o relógio e viu que ainda tinha quarenta minutos antes das cinco da tarde, tempo o suficiente para tomar banho, barbear-se, trocar de roupa e ir para Apple Valley. Trancou a porta da garagem e atravessou o showroom até chegar ao escritório, jogando as suas coisas no chão. Então parou um momento para apreciar aquele lugar que pertencia a ele... ignorando e desprezando o seu desejo pela garota que nunca seria dele.

Capítulo Dezenove

~ *Ginger* ~

— Oi, Gin — cumprimentou Woodman com um beijo na bochecha enquanto se juntava a ela na mesa do churrasco. — Preciso conversar com você.

A embalagem gigantesca de alumínio que continha a salada de batata de Leigh Ann Chumsky estava pesando em seus braços, então ela e a entregou para Woodman e suspirou aliviada quando ele a pegou.

— Juro que ela usa pedras no lugar de batatas. Preciso colocar isso aí na geladeira — comentou ela. — Como foi lá na loja de ternos?

— Tudo certo, Gin, mas...

Ela caminhou de volta à sede do corpo de bombeiros com Woodman ao seu encalço.

— Vocês gostaram das camisas brancas? Achei que fica melhor sem as pregas. E você?

— Sim, achei legal.

— Você vai ter que escolher um desses caras para ser seu padrinho de casamento logo, logo — alertou ela.

É claro que as madrinhas de Ginger foram escolhidas pela mãe da garota, que tripudiara a ideia das colegas enfermeiras da filha no altar e recrutou cinco primas de Charleston para assumirem o posto. Magnolia estava pouco se lixando para o fato de Ginger mal conhecer as garotas. Elas eram membros da irmandade Tri Delta e ficariam maravilhosas nas fotos de acordo com a mãe dela.

— Sim, quanto a isso...

Ela abriu a porta do saguão e a segurou para que ele passasse.

— Ah, droga! Esqueci de pegar a salada de repolho! Precisa ir para a geladeira também. Que tal você levar essa travessa para a geladeira do porão e eu vou...

— Cain Wolfram!

O pescoço de Ginger se virou com tanta rapidez que foi um milagre não ter torcido. A mão soltou a maçaneta e todo o seu corpo ficou paralisado, com a exceção dos olhos, que esquadrihavam a multidão com um misto de desejo e pânico.

— Cain Wolfram em carne e osso!

A boca ficou seca e as mãos começaram a tremer quando escutou uma mulher dizendo olá. Ele estava ali? Ai, meu Deus, Cain estava ali mesmo? Não podia ser. *Não podia*. Por que ele estava de volta logo *agora*? Do nada?

— Vem aqui me dar um abraço!

Ginger piscou, observando enquanto um homem alto e de cabelos escuros descia da moto que havia acabado de estacionar, tirava o capacete e o colocava sobre o assento. Arfou, atordoada pelas batidas ensurdecedoras do próprio coração, petrificada diante daquela visão.

— Cain — murmurou ela com um sibilo.

— Tentei te avisar — alertou Woodman.

Ela não prestou atenção no que Woodman dissera nem olhou para ele, pois não conseguia tirar os olhos de Mary-Louise Hayes, que largara a mesa de doces e corraera para dar as boas-vindas a Cain. Ginger ficou paralisada enquanto assistia à ex-namorada de Cain envolvê-lo em um abraço apertado, pensando em como o gesto era inapropriado, tendo em vista que Scott Hayes estava logo ali.

Os churrascos do corpo de bombeiros eram sempre grandiosos. Havia várias mesas de piquenique montadas, uma mesa gigantesca onde a comida seria servida, a enorme churrasqueira, tudo regado ao som de música country enquanto uma centena de pessoas caminhavam de um lado para o outro, comendo e conversando. Estava lotado o suficiente para que Cain não

a visse, ainda que ela estivesse a alguns passos de distância.

Ginger observou os lábios dele fixamente enquanto ele cumprimentava Mary-Louise.

— Oi, querida — cumprimentou ele, abrindo um sorriso e a abraçando. — O que você está fazendo aqui? Virou bombeira?

Ela se inclinou para trás e abriu um sorriso sedutor.

— Rá! Até parece! É o jantar mensal. Todas as esposas e namoradas comparecem.

Cain arqueou a sobrancelha, afastando-se dela sem deixar de sorrir.

— E você é o quê, Mary-Louise Walker? Esposa ou namorada?

Com um sorriso gigantesco, ela ergueu a mão esquerda e agitou o dedo anelar, mostrando a aliança para Cain.

— É Mary-Louise *Hayes* para você, Cain Wolfram. Não podia ficar te esperando para sempre.

Ginger revirou os olhos diante da cara de pau de Mary-Louise, mas um nó se formou em seu estômago. *Eu também não.*

— Você se casou com o Scotty Hayes?

— Sim, senhor. Dois anos atrás. Minha mãe está cuidando do nosso pequenino esta noite.

Scott Hayes finalmente se levantou da mesa de piquenique e caminhou em direção aos dois, estendendo uma das mãos para Cain e envolvendo a cintura da mulher com a outra, puxando-a para mais perto de si.

— Obrigado por ficar tanto tempo longe.

— Não há de quê — respondeu Cain com um risinho bem-intencionado. — Você é um homem de sorte.

— E você acha que eu não sei? — disse Scott, beijando a testa da mulher. — Quer uma cerveja, marinheiro?

— Parece ótimo — concordou Cain, seguindo Scott em direção ao

barril de cerveja ao lado da mesa de doces.

Os pulmões de Ginger começaram a queimar e ela se deu conta de que estava prendendo a respiração. Soltou o ar em uma respiração ruidosa e inspirou fundo, tentando não entrar em pânico.

Cain voltou. Cain voltou. Cain está *aqui*.

— Amor, vamos levar a salada lá para dentro e conversar um pouquinho — propôs Woodman.

— Não — sussurrou ela, a voz tão baixa e entrecortada que até mesmo Ginger estremeceu. — Eu preciso... Preciso pegar a salada de repolho.

— Não precisa ser agora.

— Precisa sim, Woodman — determinou ela, virando-se para encará-lo, a raiva que sentia crescendo dentro dela.

Ele obviamente sabia que Cain estava voltando, mas não ocorreu a ele que devia contar a ela? Avisá-la? Não importava que Woodman não soubesse toda a extensão do que acontecera entre ela e Cain. Ele sabia que as coisas entre os dois não terminaram de maneira amigável.

— Você devia ter me contado.

Ele olhou para a travessa de alumínio que carregava e voltou a olhar para ela.

— Não queria te magoar.

Ela piscou, os olhos ardendo com as lágrimas que ameaçavam vir à tona, mas ela se recusava a chorar.

— Bem, não adiantou.

Woodman arqueou as sobrancelhas, pego de surpresa.

— Ele é meu *primo*. Cresceu nesta cidade. O pai dele mora na fazenda de seus pais, Ginger. Nunca passou pela sua cabeça que talvez ele fosse voltar um dia?

— Você devia ter me contado — repetiu ela com uma nota de

irritação na voz.

— Por quê? — perguntou ele baixinho. — Que diferença faz se Cain volta ou não para casa? Você sabia que ele viria ao nosso casamento, não sabia, Gin?

Ela estava cerrando os dentes com tanta força que sentiu as narinas se inflarem. Ele nunca havia perguntado sobre o que acontecera entre ela e Cain nos dias que antecederam a partida abrupta do garoto. Nunca. Era isso que ele estava tentando fazer agora?

Bem, era tarde demais.

Ela era uma garota magoada, confusa e profundamente machucada na noite em que se entregara a Woodman naquela varanda. Ele não fez nenhuma pergunta naquele dia. Não merecia nenhuma resposta agora.

Pegando a travessa de salada de batatas dele, Ginger ergueu o queixo e adentrou a sede do corpo de bombeiros sem olhar para trás.

A hora seguinte constituiu-se em Ginger fingir que estava normal e alegre enquanto suas entranhas estavam tomadas por caos e confusão.

Woodman a deixou em paz e Cain ainda não a tinha notado, ainda que Ginger o fitasse como uma águia conforme o garoto se movimentava entre as mesas de piquenique, cumprimentando os antigos colegas de classe e recebendo tapinhas de agradecimento por seus anos servindo ao país. Se ele era lindo aos vinte e um anos, era um espetáculo aos vinte e quatro, o que fez o coração de Ginger saltar no peito e seus lábios se contraírem.

Depois que saiu de perto de Woodman, ficou sozinha no porão, lágrimas escorrendo pelo rosto e soluços de choque e fúria escapando de seus lábios. Choque diante da aparição inesperada de Cain e fúria por Woodman não tê-la avisado. Aquelas eram duas das inúmeras emoções que a assomavam como um redemoinho: vergonha por conta do último encontro que tivera com Cain – a forma como abrira o coração para ele só para ser rejeitada completamente; arrependimento por ter acreditado que ele a queria, culpa por ter escondido o que acontecera aquele dia de Woodman, vergonha

por ter dormido com Woodman quando na verdade estava apaixonada por Cain.

Algo morreu dentro dela naquele dia no antigo celeiro. Sua infância. Sua esperança. Seu atrevimento. Sumiram. Ela se tornou uma mulher naquele dia, mas não só porque perdeu a virgindade, e sim, porque abriu mão dos sonhos mais profundos que habitavam seu coração. E agora? Agora que Cain caminhava despreocupadamente pelo recinto como um herói de guerra voltando ao lar? Toda aquela dor voltou à tona.

Ginger serviu uma colherada de purê de batatas em outro prato, desfranzindo o cenho. Tinha decidido que não ia se servir e sentar-se à mesa para comer. Em vez disso, resolveu ajudar a servir a comida, colocando batatas e milho na espiga em pratos que outros ajudantes levavam à churrasqueira para assar a comida antes de servir aos convidados. Ela preferiu ficar trabalhando. E ficar escondida.

— Oi, Ginger — cumprimentou Jenny Whitley, namorada de um dos bombeiros mais jovens. — Estou pegando bebidas para os ajudantes. Quer alguma coisa?

Ginger ergueu o olhar para encarar Jenny e avistou Cain ao longe. Ele estava conversando com Woodman e com dois outros bombeiros, e dissera alguma coisa que estava fazendo os três gargalharem.

— Quero sim — respondeu ela. — Uma cerveja, por favor. — Woodman deu um tapinha nas costas do primo e Ginger estreitou os olhos. — Pensando melhor, quero duas.

Trinta minutos mais tarde, as duas cervejas haviam percorrido a corrente sanguínea de Ginger na velocidade da luz e ela precisava ir ao banheiro. Como não estava acostumada a beber, deu-se conta de que estava, bem, *ligeiramente embriagada* assim que começou a se mover. Ciente de todos os seus movimentos, caminhou com cuidado em direção ao corpo de bombeiros para ir ao banheiro feminino, virando-se em direção às mesas a tempo de assistir Cain gargalhando de algo que Mary-Louise Hayes dissera para um grupo de homens que incluía Scott e Woodman.

Ninguém parecia se lembrar de que Cain um dia fora um rebelde problemático. Ninguém parecia se importar. Ele era o ponto alto do churrasco, e uma parte de Ginger estava profundamente incomodada com aquilo. Ele a magoara. Parte dela queria que ele fosse tão indesejado para os outros quanto era para ela.

— Argh! — exclamou ela baixinho. — Odeio ele!

Abriu a porta e entrou no saguão antes de se dirigir ao banheiro feminino. Depois de usar o banheiro, lavou as mãos e enxugou o rosto suado.

— Nossa, estou morrendo de fome — confidenciou ela para o reflexo no espelho enquanto o estômago roncava.

No seu reflexo, os olhos estavam escuros e profundos, faiscando com uma energia que ela conseguia sentir nas pontas dos dedos, comichando em seus lábios, contorcendo seu estômago, e fazendo seu coração se acelerar no peito. *Cerveja*, pensou ela, lembrando-se da vez em que visitara a avó depois de encher a cara de ponche no seu chá de panela. Ela estava bêbada? Merda.

— Pegue um prato de comida e uma garrafa d'água. E quando terminar de comer, vá para casa. Esse é o plano.

Seria um ótimo plano se Cain não estivesse parado do lado de fora do banheiro feminino esperando por ela.

Obviamente, ela não imaginava que teria alguém parado ali, então deu de cara com ele ao sair pela porta. Subitamente envolvida por aquele aroma familiar, sentiu uma dor tão profunda no coração que até perdeu o fôlego.

— Cain — suspirou ela, a voz baixinha.

— Ginger — disse ele com um tom de voz muito menos embriagado, pousando as mãos nos ombros da garota para firmá-la no chão.

Ela soltou o ar pela boca e respirou fundo, preparando-se antes de erguer o olhar. Os olhos azuis gélidos de Cain, os quais Ginger conhecia desde sempre e os quais ela via todas as noites em seus sonhos, fitaram os dela fixamente. Ela ouviu o leve arfar que ele soltou, sentiu a pressão das mãos dele aumentar. Mas então ele afastou as mãos dos ombros de Ginger

como se eles estivessem em chamas e estreitou os olhos.

— O que você quer? — indagou ela, afastando-se dele e colando as costas na porta do banheiro.

— Pensei que estava na hora de deixarmos isso para lá.

— Deixar *o quê* para lá?

— Que tal se a gente se cumprimentar e agir como duas pessoas civilizadas? — propôs ele, cruzando os braços sobre o peitoral largo. — Pelo bem de Woodman.

Havia milhões de respostas e insultos fervilhando na mente de Ginger, mas a verdade era que as palavras dele faziam sentido. Desde que conseguia se lembrar, a intenção de Cain nunca fora magoar Woodman. Pela expressão nos olhos de Cain, Ginger se deu conta de que a afeição que ele sentia pelo primo estava forte e sólida como sempre fora.

Agir como pessoas civilizadas pelo bem de Woodman.

— Tudo bem — concordou ela, apoiando as mãos no quadril.

— Tudo bem — repetiu ele com a voz ligeiramente alterada, ainda parado em frente a ela com os braços cruzados sobre o peito.

Estavam em um impasse, pensou ela – nenhum afastaria o olhar nem faria menção de sair do lugar.

Ela acariciou o próprio braço e disse:

— *Nunca* mais encoste em mim.

— Pode deixar — desdenhou ele, a boca contraída em uma linha fina de repulsa.

Na última vez em que o vira, Cain a chamara de *vadiazinha que só sabe provocar*, e pelo jeito ainda pensava da mesma forma. Ainda assim, as palavras dele a atingiram como um tapa e doeram com a mesma intensidade, mas ela ergueu o queixo e manteve o rosto indiferente, obstinada a não deixar que ele percebesse o quanto a afetara.

— Ótimo — concordou ela. — Oi, Cain. Tchau, Cain. Civilizada o

suficiente para você?

Ela deu um passo para o lado e afastou-se dele, ignorando os tremores nos dedos e os batimentos acelerados de seu coração.

— Ginger — disse ele em um tom de voz tão letal que fez os pelos da nuca dela se arrepiarem. Ela parou, mas não se virou para ele. — Woodman merece alguém muito melhor que você.

Ela estremeceu, encolhendo-se diante do ódio no tom de voz dele. Mas a raiva que sentia – tempestuosa e intensa – veio à tona e ela se virou para encará-lo.

— Como você se *atreve*? Que direito você acha que tem para me julgar? Como ousa... *falar* comigo? Quem você pensa que é, vindo até aqui e...

— Quem *eu* penso que sou? — Ele diminuiu a distância entre ele com duas passadas largas, os olhos lívidos de fúria. — Pelo que me lembro, foi você quem se declarou para mim e ofereceu a sua bucinha como uma vadia qualquer e, então... então você...

— Você me *rejeitou*, Cain! Você me mandou à merda!

Ele apontou um dedo na cara dela.

— Eu *nunca* disse isso. E eu tinha meus motivos para...

— Estou me lixando para os seus motivos! Você fez com que eu me sentisse um lixo por ter sido honesta, e eu odeio você por isso, Ca...

— Você está louca? Você *me* odeia? Foi você quem saiu daquele celeiro e foi direto para...

A porta do saguão se abriu de súbito e os dois se viraram e deram de cara com Woodman, que alternava o olhar entre Ginger e Cain. Ginger estava com as mãos no quadril e Cain ainda estava apontando o dedo para a cara dela.

— O que está acontecendo aqui, *porra*?

Ginger piscou, afastou-se de Cain e fitou o chão.

— Cain? — chamou Woodman.

Ele soltou o ar pela boca e conseguiu manter um tom de voz calmo.

— Nada, primo. Só estamos... batendo um papo.

Ginger lançou um olhar para Cain, incomodada ao perceber que ele parecia sereno, com exceção das bochechas ruborizadas.

— Batendo papo ou *berrando* um com o outro?

Ginger pigarreou, o estômago se contorcendo e a mente a mil. Ela precisava sair dali. Minha nossa, precisava muito tomar um ar ou um copo d'água ou... ou...

Não. Tarde demais. Aquilo tudo era demais para ela suportar.

Sentiu o estômago se contrair e a boca se escancarar, e as duas cervejas que havia bebido acabaram indo parar no chão à sua frente.

Capítulo Vinte

~ *Woodman* ~

Woodman assistiu chocado enquanto Ginger se inclinava para frente e vomitava no chão. Depois de três ou quatro jatos de vômito, ela se empertigou, lançou um olhar horrorizado para Cain e Woodman e saiu correndo porta afora.

— Jesus! — exclamou Cain, encarando a enorme poça de vômito no chão. — Que *porra* é essa?

Woodman virou-se para o primo, completamente chocado, mas também sentindo-se na defensiva por Ginger.

— Ela passou mal. As pessoas passam mal, Cain.

Cain franziu o nariz diante do cheiro.

— Ela entornou um barril inteiro de cerveja? Desde quando a princesa Ginger bebe tanto assim?

Woodman também sentiu o cheiro do vômito e estava se perguntando a mesma coisa.

— Ela trabalhou aqui a tarde toda. Deve ter tomado uma cerveja de estômago vazio.

Olhando para a poça no chão, Cain meneou a cabeça.

— Foi mal, primo, mas acho que foi mais de uma.

— Quer saber de uma coisa? — começou Woodman, prestes a soltar os cachorros em Cain, mas então meneou a cabeça e respirou fundo. — Preciso ir atrás dela. Mas por que diabos vocês estavam brigando? Ela até *vomitou*, Cain.

Cain lançou um olhar para ele.

— Deus nos livre de alguém magoar a princesa.

— Será que dá para chamá-la de Ginger?

— *Ginger* e eu não somos amiguinhos — respondeu Cain.

Woodman estava começando a perder a paciência.

— O que aconteceu entre vocês dois?

Cain parou por um instante, mordendo o lábio inferior antes de fitar o chão com uma expressão enojada no rosto.

— Nada. Apenas trazendo velhos assuntos à tona.

— O baile do Ensino Médio?

Cain deu de ombros.

— Claro. Essas merdas aí. — Ele percorreu o saguão com os olhos.
— Você, hm, tem um esfregão por aí? Vou limpar essa bagunça e você pode ir atrás dela.

— Valeu. Fica ali. — Woodman fez um gesto em direção ao armário no canto do cômodo. Virou-se em direção à porta e voltou a olhar para o primo. — Cain...

Cain ergueu o olhar, os olhos perturbados e a voz inflexível.

— Pare. Não queira revirar o passado, Josiah. Não vai encontrar nada bom.

Woodman franziu as sobrancelhas, absorvendo a resposta defensiva de Cain e observando a posição de defesa que ele armou.

— Eu só ia dizer que estou feliz por você estar de volta.

— Ah — disse Cain, parecendo encabulado. — É. Valeu. É bom, hm, estar em casa.

O que aconteceu entre Ginger e Cain, pensou Woodman enquanto caminhava apressadamente em direção à sua casa, parecia muito mais complicado que as briguinhas de Ensino Médio.

Em primeiro lugar, Ginger não havia levantado a voz acima do tom

que usava para dizer “sim, senhora”, “não, senhora”, e “está tudo bem” há meses, mas quando Woodman se aproximou do saguão, conseguia enxergá-los com clareza através da porta de vidro, ambos lívidos de raiva. E, novamente, não parecia que a briga deles tinha algo a ver com uma coisinha que acontecera séculos atrás. Parecia mais recente. Parecia fresco. O ar estava carregado de urgência, fúria e frustração quando Woodman os interrompeu.

Em segundo lugar, Ginger McHuid, que era a imagem perfeita da jovem dama sulista desde que ficaram noivos, tinha acabado de botar os bofes para fora no saguão do Corpo de Bombeiros de Apple Valley. Meu Deus, ele nunca tinha visto nada igual. E só restava acreditar que algo profundamente perturbador era o responsável por aquela reação.

E, em terceiro lugar, como Cain havia assinalado, o vômito era constituído basicamente de cerveja. Na verdade, era só cerveja. E mais de uma.

Ele a avistou à frente, caminhando rápido de cabeça baixa, e ele acelerou o passo na medida do possível para tentar alcançá-la. O tornozelo, desgastado por conta da aula de dança do dia anterior, protestou no tênis ortopédico, mas ele precisava conversar com ela. Precisava entender o que estava acontecendo, então se obrigou a caminhar mais rápido.

Quando a alcançou, segurou-a pelo braço.

— Vá mais devagar.

— Me solte — grunhiu ela, desvencilhando-se dele e continuando a caminhar a passos largos.

— Não consigo andar rápido assim. Vá mais devagar, Gin. Por favor!

Ela parou e se virou para olhar para ele. Os olhos estavam marejados e as bochechas estavam úmidas, e havia uma mancha na camiseta verde-clara.

— O que deu em você? — quis saber Woodman. — Você quase nunca bebe.

— Posso beber se eu quiser — protestou ela, avistando a mancha de vômito na camisa e cruzando os braços para escondê-la.

— Nunca disse que não podia, mas não posso evitar de reparar já que você não costuma fazer isso, amor.

Os olhos ficaram ainda mais marejados e ela enxugou as bochechas.

— Será que podemos deixar isso para lá? Por favor? Já estou morrendo de vergonha.

Ele pegou a mão dela com delicadeza e entrelaçou os dedos aos dela.

— Não, Gin — negou ele. — Acho que precisamos conversar sobre o que aconteceu.

— Woodman — suspirou ela, fitando a calçada. — *Por favor.*

— Vocês estavam *berrando* um com o outro quando eu cheguei. O que aconteceu para deixá-los tão exaltados assim?

Um pequeno soluço escapou dos lábios dela antes que ela respondesse baixinho:

— Como Cain disse... só estávamos batendo um papo.

Woodman começou a andar, mais devagar dessa vez, o tornozelo protestando a cada passo.

— Vocês não estavam batendo papo. Não minta para mim.

— Eu *não* quero falar sobre isso — soluçou ela enquanto caminhava ao lado dele.

— Amor — começou Woodman, o coração apertado no peito por conta da preocupação que sentia —, nós conversamos. É isso que a gente faz. Nós não mentimos um para o outro. Sei que não temos o relacionamento mais romântico do mundo, mas eu sei o quanto nossa amizade significa para nós dois. É algo sólido. É algo verdadeiro. Não consigo pensar em nada, nenhuma coisinha sequer, sobre a qual eu não contaria a você. Por que você não...

Ela parou de caminhar e deu um apertão na mão dele, e Woodman parou de falar, olhando-a com curiosidade.

— Gin?

— Nós *podíamos* ser mais românticos — sussurrou ela. Estavam parados em frente à cerca branca de madeira que rodeava a casa de Woodman. Ginger olhou para a cerca e voltou a olhar para ele. — Vamos fazer amor? Agora mesmo?

Ele a imaginara dizendo aquilo milhares de vezes. Toda manhã. Toda noite. Todas as vezes que a via. E ele sempre pensou que quando ela finalmente dissesse aquilo, seria em um momento em que o relacionamento deles tivesse atingido um patamar em que o amor que sentiam um pelo outro – o amor *romântico* – era puro e verdadeiro.

Nunca, nem em um milhão de anos, Woodman teria imaginado que aquilo causaria essa sensação angustiante, fria e avassaladora, como se tivesse sido apunhalado no coração. O ar escapou de seus pulmões e o mundo virou de cabeça para baixo enquanto ele a encarava e se forçava a admitir algo que sempre soubera, mas tentava desesperadamente ignorar.

— Gin — disse ele, segurando a mão dela com firmeza enquanto seu coração se despedaçava ao meio. — Desde que nos conhecemos, só houve duas ocasiões em que você me pediu para fazer amor com você. A primeira foi na noite em que Cain foi embora de Apple Valley, e a segunda foi no dia em que ele voltou.

Ele observou o rosto dela com atenção – aquele lindo rosto que ele amava profundamente – e viu quando desmoronou. Os olhos de Ginger se arregalaram e se tingiram de um profundo tom de castanho antes de se fecharem, os lábios tremeram e franziram, e o rosto pendeu para frente, como se o que estivesse se passando em sua mente fosse um fardo pesado demais para o seu pescoço carregar.

Ela soltou um soluço longo e profundo.

— Isso não tem nada a ver com...

— Cain — disse ele. — Diga o nome dele.

— C-Cain — murmurou ela pela primeira vez em três anos.

— E você está mentindo, querida — disse ele com suavidade. — Tem *tudo* a ver com Cain.

Quando ela não respondeu, quando não negou, Woodman fechou os olhos com força, sentindo uma dor no peito mais intensa do que qualquer coisa que sentira durante seu ferimento e sua recuperação. Ela não negou, porque não podia.

Algo em Ginger se alimentava de algo em Cain – era palpável e devastador, e Woodman se dera conta no instante em que adentrara o saguão e os vira juntos: havia mais química e mais paixão no ódio que Cain e Ginger nutriam um pelo outro do que jamais haveria no amor que ela nutria por Woodman. Havia algo em Ginger que clamava por Cain e algo em Cain respondia àquele chamado. Havia algo na presença de Cain que fazia com que ela parecesse ter sido ligada na tomada – deixava-a vibrante e viva, fazia com que ela parasse de dizer *tudo bem*, fazia com que ela *sentisse* algo, mesmo que esse sentimento fosse raiva. A verdade era essa. Sempre fora. E sempre, sempre seria.

E Woodman não podia mais viver em negação. Nem poderia competir com aquilo. Só Deus sabe o quanto ele tentara.

Em certo ponto, ele acreditava que *ter* Ginger compensava o fato de que ela nunca o amaria tanto quanto ele *a* amava. Mas agora ele enxergava a realidade cruel e agonizante e entendia que estivera errado esse tempo todo. O lugar de Ginger não era ao lado dele. Era ao lado de alguém que a fizesse se sentir viva. O lugar dela era ao lado de Cain, e mantê-la afastada do lugar ao qual pertencia era errado, ainda que abrir mão de Ginger acabasse com Woodman. Ele a amava demais para ficar em seu caminho.

— Por favor, Woodman. — Ela soluçou baixinho e lançou um olhar suplicante a ele. — Eu amo você. Amo tanto.

— E eu amo você — disse ele com a voz embargada. — E sempre vou amar, mas eu...

De repente, um alarme ressoou do celular dele, ecoando o alarme que vinha da torre do corpo de bombeiros no final da rua. O alarme ressoava por toda a cidade, um alerta para todos os bombeiros.

Woodman desviou o olhar e pegou o celular no bolso de trás da calça e encarou a mensagem: *J-10 Todas as unidades J-9 Celeiro da Fazenda*

Laurel Ridge.

Ele olhou para Ginger, uma parte dele completamente grata por escapar da terrível e dolorosa conversa que estavam prestes a ter.

— Preciso ir.

— Onde?

— Laurel Ridge. Estou de volta ao serviço, esqueceu?

Ela soltou uma respiração entrecortada.

— Woodman...

— Fique aqui esta noite, Gin. Precisamos conversar quando eu voltar para casa.

— É claro que vou ficar aqui. Para onde mais eu iria? — disse ela, a última pergunta quase inaudível em meio aos soluços. — Woodman... você está me assustando.

Ele se inclinou e envolveu o rosto dela com as mãos, o coração tão apertado e dolorido que ele mal conseguia respirar, mas conseguiu plantar um beijo na testa de Ginger, os olhos ardendo em lágrimas quando seus lábios pousaram na pele macia.

— Eu amo você — sussurrou ele. *Amo tanto que vou abrir mão de você porque não sou capaz de fazê-la feliz, meu amor.* — E eu sinto muito.

E, então, antes que ela tivesse chance de responder, ele se virou e — pela primeira vez na vida — Josiah Woodman deixou Ginger McHuid para trás.

Quando chegou no corpo de bombeiros, todas as portas estavam abertas e havia um caos organizado no vestiário, onde todos aqueles que não haviam passado a tarde inteira enchendo a cara, incluindo Cain, estavam vestindo os equipamentos de proteção.

— Você vai junto? — perguntou Woodman, sentando-se ao lado de Cain, que vestia um par sobressalente de calças de bombeiro.

— É claro que sim. Primeira noite de volta e já tenho uma oportunidade dessas! O comandante disse que seria bom contar com a ajuda de alguém que sabe manusear a mangueira.

Cain agitou as sobrancelhas ao dizer aquilo, mas Woodman não estava no clima para se juntar à brincadeira. Para dizer a verdade, ele não fazia ideia de como deveria se sentir em relação ao primo. Com a exceção daquela única vez em que Cain beijara Ginger quando a garota tinha quinze anos, Woodman acreditava que o primo nunca havia traído a sua confiança. Pensando bem, se visse as coisas sobre determinada perspectiva, perguntou-se se Cain não havia ficado todo esse tempo longe em respeito aos sentimentos que Woodman nutria por Ginger. Quando pensou naquilo, uma luz se acendeu em sua mente e ele enxergou a verdade. Cain havia ficado longe de propósito. Aquilo tornava a tarefa de odiá-lo muito difícil.

— Por que você não me pergunta sobre Ginger? — quis saber Woodman, vestindo a calça de bombeiro e olhando no fundo dos olhos de Cain.

— Ela não é problema meu — respondeu Cain, a expressão alegre e atrevida esvaindo do rosto.

— Hm — disse Woodman, calçando as botas e baixando a barra da calça.

— É um incêndio dos grandes! — gritou Scott Hayes, o capitão do Segundo Batalhão. — Apressem-se, homens! Andem logo!

Cain e Woodman vestiram o capuz de segurança ao mesmo tempo e jogaram as jaquetas de combate a incêndio por sobre o ombro.

— Como está o pé? — perguntou Cain enquanto pegava um capacete.

Woodman pegou um rádio e o prendeu a uma correia ao lado do ombro.

— Bem. Fui liberado para voltar ao trabalho.

Cain assentiu.

— Mas fiquei sabendo que faz pouco tempo que você foi liberado.

Faz quanto tempo que você não combate um incêndio de verdade?

— Não se preocupe com isso — cortou Woodman, vestindo o capacete e caminhando em direção a Scott. — Tive o mesmo treinamento que você teve. Fui liberado e ponto final.

Cain parecia incerto.

— Você que sabe.

— Aonde devo ir, senhor? — perguntou Woodman a Scott.

Scott fez um gesto em direção a um dos caminhões de bombeiro.

— Você fica no veículo esta noite, Woodman.

— Estou pronto para entrar em ação, senhor.

— Você fica no veículo — repetiu Scott.

— Sim, senhor — concordou ele.

— Devo ficar com Woodman? — perguntou Cain e Woodman se enfureceu. Não precisava da porra de uma babá. Não nesta noite. Não quando já sentia que nem era um homem de verdade.

Para o alívio de Woodman, Scott respondeu:

— Você vem comigo. Caminhão Três. Linha de frente. Entendeu?

Caminharam apressados em direção à porta, mas Woodman segurou o braço de Cain antes que fosse em direção ao caminhão.

— Quando você voltar, precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Ginger.

— Pelo amor de Deus, Josiah. Pare de chutar cachorro morto. Não tenho nada a dizer.

— Mas *eu* tenho — argumentou Woodman com raiva assim que as sirenes começaram a soar.

— Tudo bem — concordou Cain, virando-se em direção ao

caminhão. Mas virou-se para ele logo em seguida. — Ei, você está bem?

— Sempre, irmão — respondeu Woodman.

Cain abriu um sorriso e Woodman assistiu enquanto ele ia embora.

Assistiu enquanto ele ia embora.

— Você ficou sabendo? — gritou Logan McKinney, elevando a voz para se fazer ouvir em meio às sirenes.

— Não. Pode me contar — pediu Woodman, segurando-se na barra à sua frente enquanto o caminhão saía da garagem e seguia em direção à Main Street.

— Incêndio no celeiro da Fazenda Laurel Ridge. Pelo jeito a coisa é feia. Tem uns cinquenta ou sessenta cavalos lá. Nenhum hidrante na propriedade. Fred Atkins ligou para mais doze postos para pedir ajuda. Ouvi ele dizer que pode ser que precise de umas vinte pessoas para apagar o fogo.

— Porra.

— Pois é. Bem ruim, né?

— Não parece nada bom — concordou Woodman.

— Você já enfrentou uma merda desse tipo, Woodman?

— Incêndio em celeiros? — Ele negou com a cabeça. — Costumava apagar incêndios em navios.

— Vou fazer uma oração enquanto não chegamos lá, tudo bem?

Woodman assentiu e observou enquanto Logan, que havia se juntado ao corpo de bombeiros no ano anterior, juntou as mãos e baixou a cabeça, os lábios se movendo em uma oração silenciosa.

Ocorreu a Woodman que ele também devia orar, mas todas as orações que fazia antes de combater incêndios tinham início com “Todos vão voltar para casa”, que era o lema de todos os bombeiros. *Todos de volta ao lar*. Mas Ginger sempre fora seu lar, e quando ele rompesse o noivado mais

tarde naquela noite, não teria mais um lar. Ficaria com um espaço frio e vazio dentro do peito, um local que sempre fora ocupado por Ginger, um local no qual ele a amara e ela se permitira ser amada. Mesmo que todos voltassem para o conforto do lar naquela noite, ele não voltaria. O seu lar não existiria mais.

— Amém — disse Logan. — Incluí você em minhas orações, Woodman.

— Fico muito grato por isso — respondeu ele e apesar de realmente estar grato, tudo aquilo era em vão. Sem Ginger, ele entraria em um vale sombrio em que não havia esperança, não havia significado, não havia futuro. Seria o pobre Woodman, que teve a ex-noiva roubada pelo primo. Sentiriam pena dele, mesmo que ele tivesse passado os últimos três anos buscando respeito e igualdade, lutando para não ser digno de pena por ninguém.

Logan interrompeu os pensamentos de Woodman.

— Fred me pediu para acionar um drone para monitorar o setor Charlie. Acho que a maior parte do incêndio está localizada no setor Alpha. E você?

— Estou aqui para te ajudar — declarou Woodman, fazendo uma concha com as mãos para que Logan pudesse ouvi-lo.

O rosto do homem, que parecia assustado, relaxou-se um pouco e ele abriu um sorriso para Woodman.

— Ah, é? Nossa, isso é um alívio. Pensei que teria de ir sozinho.

— Não, senhor — respondeu Woodman, olhando à frente e avistando uma parede de chamas de quinze metros que fustigava as nuvens, expelindo uma fumaça marrom-acinzentada que tingia o céu de um tom tão sombrio quanto o de uma noite sem lua. — Todos vão voltar para casa.

Capítulo Vinte e Um

~ *Cain* ~

Depois de vinte minutos em meio às chamas, a água no Caminhão Um havia chegado ao fim, e a espuma retardante de fogo que Cain direcionava ao incêndio também estava acabando. Um carro-tanque de Lexington estava chegando para assumir o lugar deles.

Cain havia presenciado incêndios elétricos, incêndios no motor de aeronaves, e até mesmo alguns incêndios descontrolados no tempo em que serviu à Marinha, mas nunca tinha visto nenhum tão grandioso e terrível quanto esse. Até aquele momento, oito departamentos haviam comparecido com seus caminhões e carros-tanque na esperança de trazer água suficiente para apagar as chamas. Mas não adiantou. Os cavalos haviam sido retirados daquele inferno sãos e salvos, mas o vento mudara e as chamas estavam se espalhando para o centro do celeiro.

Scott Hayes bateu em Cain com o ombro.

— Terminamos. Vamos tirar o caminhão daqui.

Fecharam a mangueira e deram ré no caminhão para dar lugar ao caminhão vindo de Lexington, cheio de bombeiros dispostos a ajudar.

Cain aproximou-se de Scott.

— Você viu o meu primo?

Scott negou com a cabeça.

— Ele está no Caminhão Dois, que está na parte de trás do celeiro. Ouvi que as coisas estão mais tranquilas por lá.

— Tem certeza?

Scott assentiu, observando as chamas que ainda ardiam e tremeluziam.

— Quanto tempo será que temos até o teto... — Antes que Scott

tivesse chance de terminar, Cain assistiu parte da estrutura ceder, a parte da frente do teto colapsando no meio do celeiro em chamas, as labaredas espalhando-se em direção à parte traseira da estrutura.

— Merda — praguejou Cain.

Um grito alto soou do rádio de Scott.

— Meeeeeeerda!

Scott pegou o rádio da correia no ombro.

— Hm, Fred? O que está acontecendo aí atrás?

— A porra do teto acabou de cair! QSO, Código 1! Deve ter vindo do segundo andar. Precisamos de caminhões aqui atrás! Agora!

Os olhos de Cain se arregalaram.

— Você disse que estava mais tranquilo lá atrás!

— Pensei que estivesse! — gritou Scott. — QTC no setor Charlie. Preciso de água no setor Charlie!

Scott saiu correndo para encaminhar os caminhões em direção à parte de trás do celeiro e os pelos na nuca de Cain se arrepiaram em alerta total.

Eu gostava de combater incêndios. Gostava de me sentir como um... um super-herói. Eu teria feito isso pelo resto da vida. As palavras que Woodman dissera três anos antes invadiram a mente apreensiva de Cain e uma onda de compreensão o atingiu em cheio: Woodman não conseguiria ficar olhando o fogo sem fazer nada. Não mesmo.

Com o coração a mil, contornou o celeiro em meio à escuridão, pulando obstáculos e empurrando bombeiros para longe de seu caminho enquanto corria em direção à parte de trás do celeiro, descobrindo que a parte traseira da estrutura estava tão precária quanto a parte da frente. O que ele não tinha conseguido ver quando estava na parte da frente do celeiro, era que o centro da estrutura estava prestes a desmoronar. O teto ainda não havia cedido por completo, mas as partes mais baixas nos setores Alpha e Charlie já haviam caído.

— Cadê o Woodman? — perguntou ele ao novato familiar que estava

ao seu lado e encarava as chamas boquiaberto.

— Eu não...

O novato estava prostrado ao lado do parceiro e Cain agarrou os ombros do rapaz, chacoalhando-o para que ele mantivesse o foco.

— Cadê o Woodman? Cadê o Woodman, porra?

— Ele, hm, ele estava com o Logan McKinney.

— Então, cadê a porra do Logan McKinney? — perguntou ele, gritando para ser ouvido em meio ao bruxulear das chamas e aos barulhos do celeiro caindo aos pedaços.

— Eu não sei — respondeu o garoto com um dar de ombros indefeso.

Cain o tirou do caminho e continuou a abrir caminho em meio à multidão de bombeiros até encontrar Fred Atkins.

— Cadê o Woodman?

— Woodman? Ele deve estar lá no caminhão. Eu e Scott dissemos para ele ficar fora de ação.

— Cadê o Logan McKinney?

— Logan? Logan foi armar um drone quinze minutos atrás. Deve estar por aqui... — Fred esquadrinhou os arredores, franzindo a sobrancelha enquanto avistava os homens e não via Logan entre eles. Cutucou o homem ao lado. — John, você viu o Logan por aí?

— Logan? Não vi, não.

Fred pegou o rádio e apertou um botão.

— QSO para Logan McKinney.

— E Josiah Woodman! — gritou Cain.

Cain levou os dedos à nuca e fechou os olhos, tentando abafar a cacofonia ao seu redor. Os ruídos dos rádios, as sirenes, o bruxulear das chamas, a estrutura entrando em colapso.

— Fale comigo, Woodman. Pelo amor de Deus, fale comigo, *por favor!*

— Caaaaaain!

Não tinha certeza se aquele som era ou não real, mas abriu os olhos e correu em direção ao celeiro em chamas. As botas derraparam sobre o cascalho na entrada do celeiro.

— Woodman? — gritou ele, dando uma olhada no interior da estrutura. Era uma armadilha mortal, tomada por chamas alaranjadas e azuladas, vigas caídas e espalhadas pelo chão sendo lentamente devoradas pelas chamas.

— Caaaaaain!

Dessa vez não restou dúvida. O som que vinha do interior do celeiro era a voz de Woodman.

Cain virou-se para o bombeiro ao seu lado e agarrou a jaqueta do homem antes de dizer:

— Meu nome é Cain Wolfram. Vou entrar para resgatar o meu primo, Josiah Woodman.

Então, baixou a máscara de oxigênio sobre o rosto e correu em direção às chamas.

Estar em meio a um incêndio era algo que ele não desejaria nem ao pior inimigo, mas também havia uma espécie de beleza nas chamas – a fumaça alaranjada, o contorno das labaredas, as vigas enegrecidas formando triângulos no chão, lambidas pelas chamas laranjas e azuis. As cortinas de fumaça. A voracidade do fogo, devorando, consumindo, destruindo tudo ao seu alcance.

Como a máscara cobrindo a boca, não conseguia gritar muito alto, mas não precisou. Avistou Logan McKinney quase de imediato. Estava jogado no chão ao lado do que costumavam ser baías. Estava inconsciente e não usava máscara. Cain não pensou duas vezes. Abaixou-se e jogou Logan

por sobre o ombro, o peso morto forçando os músculos de Cain a trabalharem intensamente, e correu o mais rápido que pôde, parando na entrada do celeiro e gritando “Ajudem ele!” para o aglomerado de bombeiros do lado de fora que esperavam as mangueiras do Caminhão Três serem ligadas. Apressaram-se para pegar Logan e, assim que se viu livre do homem, Cain voltou correndo para o interior do celeiro.

Levantou a máscara por um instante e gritou o nome do primo a plenos pulmões antes de baixar a máscara sobre a boca novamente.

Mais escombros caíram no centro do celeiro – pedaços do teto que ainda não haviam cedido, mas estavam aguentando por um fio. Estava no mesmo local em que encontrara Logan e podia seguir para a esquerda, direita ou em frente. Decidiu seguir pela esquerda e escutou Woodman gritar seu nome da direção oposta.

— Caaaain! — O grito estava mais fraco do que antes.

Ele tirou a máscara de oxigênio e gritou:

— Josiah! Estou indo!

Lembrando-se de caminhar com cuidado para não danificar a estrutura instável, seguiu em direção à voz do primo, o corpo no piloto automático enquanto um único objetivo permeava sua mente: encontrar e salvar Woodman.

Encontrá-lo foi fácil. Também estava jogado no chão e não usava máscara, mas uma viga havia caído em cima dele e o prendia contra o chão.

Cain tirou a máscara e ajoelhou-se, vestindo a máscara no rosto do primo.

— Estou aqui, mas você está preso. Vou tirar a viga.

Ficou de pé e inclinou-se para segurar a viga com as mãos enluvadas, grunhindo diante do esforço que precisou para movê-la por menos de cinco centímetros.

— Engatinhe, Woodman! — berrou ele, mas Woodman permaneceu imóvel e Cain assistiu horrorizado enquanto outra viga caia a três metros de distância deles.

Estava inalando fumaça e fuligem e os olhos ardiam tanto que podia sentir as lágrimas escorrendo por seu rosto. Com tanta delicadeza quanto possível, soltou a viga e inclinou-se para perto do primo.

— Você está me ouvindo? — gritou ele em meio a um acesso de tosse. — Se consegue me ouvir, preste atenção, Josiah. Vou erguer a viga, mas você precisa rastejar até sair daí. Você é um filho da mãe forte para caramba. Quando eu der o sinal, você engatinha para fora daí!

Josiah piscou e emitiu um grunhido que Cain tomou como um sim.

Inclinando-se novamente, Cain agarrou as laterais da viga e reuniu toda a força em seu corpo para levantá-la, os braços tremendo e os músculos queimando por conta do esforço. Os dedos de Josiah espalmaram o chão de concreto e ele se arrastou, centímetro por centímetro, para longe da viga.

Quando viu que o primo estava a uma distância segura, Cain soltou a viga e abaixou-se para ajudar Woodman, virando-o de cabeça para cima e envolvendo os ombros dele com as mãos para arrastá-lo para fora dali.

Outra viga se partiu e caiu em meio às chamas, mandando fagulhas em direção aos dois. Cain tropeçou e deu alguns passos para trás, tentando identificar o caminho que devia seguir, mas a fumaça estava mais densa e local parecia ainda mais abafado. E, porra, os pulmões ardiam como se o próprio diabo tivesse se instalado ali, e talvez tivesse mesmo.

— Cain! — Ele se virou e ficou aliviado ao ver Scott Hayes se aproximando. — Eu levo Josiah!

Scott segurou Josiah e Cain pendeu para trás, as energias quase completamente drenadas.

— Dê o fora daqui! — gritou Scott.

Cain virou-se e guiou Scott enquanto seguia em direção à saída. Até que finalmente sentiu o cascalho sendo esmagado por suas botas e soube que estavam seguros.

Scott levou Woodman até um trecho coberto de capim do lado esquerdo do celeiro em chamas e o deitou com delicadeza no chão. Cain desabotoou a jaqueta e tirou o tanque de oxigênio das costas, embolando o

casaco e o colocando como um travesseiro improvisado debaixo da cabeça de Josiah. O rosto do primo estava coberto de cinzas e fuligem e havia uma queimadura grave acima do olho esquerdo e a luva da mão esquerda fora reduzida a nada. A máscara de oxigênio estava torta e Cain ajoelhou-se para ajustá-la.

— Nós conseguimos — disse ele para Woodman, tossindo e cuspidando uma saliva escura na grama.

Sentiu a mão de Scott em seu ombro.

— Vou chamar a ambulância.

Mal distinguiu a voz de Scott no rádio:

— QRR. QRR, ferimento com risco de morte. Preciso de uma maldita ambulância. Imediatamente. Na parte de trás da porra do celeiro. Setor C. Imediatamente.

— Cain... — sussurrou Woodman, os olhos verdes arregalados e espantados. Não estavam fixados em nada nem ninguém, apenas vagando e piscando sem parar. E então Cain se deu conta: Woodman estava cego por conta da fumaça e do calor. Não conseguia enxergar.

— Estou... ai, meu Deus... Estou aqui, Josiah. — Ele estendeu a mão direita e tirou a luva do primo para que pudesse segurar a mão dele.

— Cain... preste atenção... — A voz estava tão baixa que Cain mal conseguia escutar, então, mudou de posição, soltando a mão do primo e aninhando a cabeça dele em seu colo. Woodman tinha perdido o capacete e, quando Cain olhou atentamente, viu que a máscara do primo estava parcialmente derretida na lateral esquerda do rosto.

Cain arfou diante da terrível visão de pele queimada, sendo invadido por um medo intenso que crescia a cada momento.

— P-pare de falar, tudo bem? Eu... Eu preciso que você poupe suas energias. Estão trazendo oxigênio. Scott chamou uma ambulância e...

— Ela ama... *você* — disse Woodman baixinho, os olhos verdes buscando os olhos azuis de Cain desesperadamente.

Ela. Ginger. Porque em toda vida de Woodman, só havia existido uma mulher. *Ela.*

Os olhos de Cain arderam em lágrimas e ele afastou uma mecha do rosto de Woodman.

— Não. Não ama não. Ela ama *você*. Pare de dizer maluquices. Aguenta firme. Eles estão... Você logo vai...

Um paramédico surgiu ao lado deles e abriu o kit de primeiros socorros. Tentou colocar uma máscara sobre o rosto de Woodman, mas ele grunhiu, disse “Não” e virou o rosto.

— Josiah — soluçou Cain. — Por favor. — Então: — *Cadê a porra da ambulância?*

O paramédico pressionou o estetoscópio no pescoço de Woodman. Estremeceu e lentamente retirou o instrumento dos ouvidos.

— Cain... seja... bom... para... ela.

Cain acariciou a pele queimada no rosto de Woodman, mas o primo não vacilou diante de seu toque. Não houve nenhuma reação. Não havia dor.

— Cuide... dela. — O peito mal oscilava e a voz estava cada vez mais fraca. — Ame... Ginger. — A voz saiu num fiapo, a respiração cada vez mais entrecortada. — Prometa.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Cain enquanto a sirene indicava que a ambulância havia chegado. O paramédico estava ajoelhado ao seu lado e, quando Cain olhou para ele, o homem segurou o choro enquanto murmurava:

— Sinto muito.

— *Ah, porra.* — Cain soltou um soluço leve e enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Não preciso prometer — disse ele, inclinando-se para beijar a testa de Woodman, suas lágrimas escorrendo e caindo no rosto do primo. Ele sabia que Woodman não conseguia vê-las nem senti-las. — Você... você vai ficar bem, Woodman.

Os olhos verdes de Woodman vasculhavam a escuridão em busca de

um rosto que não podia enxergar. Um som estrangulado escapou de seus lábios, e uma mistura viscosa de sangue e fuligem jorrou de sua boca.

— P-por f-favor — murmurou ele.

— Não! — Cain chorou e puxou o primo para mais perto de si, inclinando-se para pressionar a testa contra a de Woodman e desejando ser capaz de transmitir toda a sua força para o primo. *Fique comigo. Fique comigo. Ah, meu Deus, fique comigo.* — Não! Não vou prometer nada! Não se atreva a me deixar aqui, Josiah! Você vai voltar para casa e para Ginger. Você vai...

— P-prometa — pediu Woodman, a voz não passando de um sussurro, os pulmões se esvaziando à medida que os profundos olhos verdes se enchiam de lágrimas.

— Sim! — choramingou Cain, pressionando a bochecha contra a de Woodman, as lágrimas dos dois se misturando em uma coisa só. — Eu prometo, porra! Josiah, eu prometo. — Ele soluçou e fechou os olhos com força, a voz embargada. — Eu prometo.

E, então, como se tivesse recebido uma permissão para partir, o resquício de ar nos pulmões de Josiah Asher Woodman saiu em um suspiro sereno e ele ficou deitado ali nos braços de Cain, débil e derrotado, os olhos voltados para o céu noturno.

Cain empertigou-se e um grito se formou no fundo de sua garganta quando agarrou os ombros de Woodman e o chacoalhou.

— NÃO! PORRA, JOSIAH! Não! Não! Não se vá. Não me deixe aqui sozinho! Não! Agente firme. Agente firme, porra. Josiah! Josiaaaaaaah...

O nome do primo se tornou um lamento, uma canção de ninar em meio a soluços, uma lamúria e um terrível apelo por algo – por *alguém* – que já havia partido.

O corpo de Woodman foi colocado na parte de trás da ambulância, e Cain ficou parado, ainda trajando o uniforme de bombeiro, piscando em

atordoamento enquanto assistia o veículo se afastar e seguir noite afora. Assistiu até que os faróis se transformassem em pontinhos longínquos em meio à escuridão, até desaparecerem por completo.

Fred Atkins havia ligado para tia Sophie e tio Howard e pedira que fossem ao encontro do filho no hospital. Não contara que o filho já estava morto. Pelo jeito, eles só ficariam sabendo daquilo quando chegassem ao All Saints. Cain deslizou a mão pelo cabelo, profundamente ciente do pesadelo que eles estavam prestes a vivenciar.

Fred e Scott encorajaram Cain a ir de ambulância até o hospital para consolar os tios, mas havia mais uma pessoa que precisava descobrir o que tinha acontecido, e ela merecia descobrir por ele e não por um bombeiro bem-intencionado que ela só conhecia de longe. Apesar de Cain desprezar as decisões que Ginger tomara, ela fizera Woodman feliz. Contar a Ginger era responsabilidade dele.

Ouviu passos atrás de si e virou-se a tempo de ver Scott Hayes se aproximando.

— Cain — disse ele baixinho, o rosto carregado de tristeza —, eu sinto muito. — Cain cerrou a mandíbula para impedir que as lágrimas caíssem e assentiu. — Fred perguntou se eu não podia passar na casa de Ginger e...

— Não — interrompeu Cain. — Eu vou contar a ela.

— Tem certeza?

Ele assentiu novamente.

— Sim. Eu, hm, eu a conheço desde sempre. Vai ser melhor se ela descobrir por mim.

Os olhos de Scott estavam fatigados e o rosto estava coberto de fuligem, um lembrete de que os últimos minutos que Cain pôde passar com Woodman foram graças à, em parte, bravura de Scott.

— Você foi o único que me seguiu — disse Cain. — Muito obrigado. Eu devo a você.

— Talvez não seja a hora certa para isso, mas... — Scott deu de

ombros. — Eu amo a minha mulher. Não sou bobo de pensar que fui o primeiro homem dela, mas eu a amo de verdade. Sei quais caras a trataram como lixo e quais a trataram bem. Você nunca tirou vantagem dela, nunca falou dela pelas costas e nunca a tratou como lixo. Isso significou muito para ela. E ela significa muito para mim. Então, saiba que você não me deve nada. — Ele fez uma pausa e enxugou as lágrimas. — É uma perda e tanto. O seu primo. Queria ter chegado antes.

— Eu também — concordou Cain, segurando o choro.

Scott enfiou a mão no bolso e pegou as chaves de uma SUV.

— Eu pego carona com algum dos caras. Vá contar a Ginger. Não vai ser nada fácil.

— Eu não... Eu não sei como contar a ela...

Cain engoliu o caroço que se formara em sua garganta. Não fazia ideia do que dizer, não fazia ideia de como contar a ela, não fazia ideia de como conseguiria olhar nos olhos de uma pessoa que conhecia desde a infância e dizer, *Woodman se foi*. Ele mal conseguia *pensar* naquilo, quanto mais dizer.

Pigarreou e enxugou os olhos com a ponta dos dedos, sentindo-se desamparado e amedrontado e tomado de pesar.

Scott pousou a mão nos ombros de Cain.

— As palavras vão aparecer.

— É — murmurou ele, fitando o chão. — Obrigado, Scott.

Sem olhar para trás, caminhou em direção à caminhonete de Scott e deixou as lágrimas caírem livremente enquanto se afastava da Fazenda Laurel Ridge e seguia em direção à casa de Woodman, onde presumiu que encontraria Ginger. Enquanto dirigia, recebeu uma ligação da mãe, que disse em meio às lágrimas:

— Cain, não pode ser!

— Mamãe — soluçou ele. — Eu não cheguei a tempo.

— Oh, meu filho. Eu sinto muito. Eu sinto tanto, Cain. O médico no

hospital teve que dar um calmante a Sophie. O Howard acabou de ligar. Estou indo para Apple Valley. O Jim vai me levar e eu vou direto para a casa de Sophie. Vá me encontrar lá daqui uma hora mais ou menos.

Ele assentiu.

— Sim, mas preciso fazer outra coisa primeiro.

— Cain... não vá encher a cara.

— Não, mamãe — negou ele. — Não é isso. Eu, hm, eu vou me encontrar com você na casa da tia Sophie mais tarde.

Antes que ela tivesse chance de responder, Cain desligou o telefone e enxugou as lágrimas, concentrando-se na estrada à sua frente.

O seu corpo doía, mas o seu coração, meu Deus, seu coração parecia ter sido esmagado por um trem. Parecia esfrangalhado e destruído, ensanguentado e despedaçado. Os pulmões também estavam congestionados, mas ele não estava a fim de ir ao médico. Ficaria bem dentro de alguns dias.

Dobrou a esquina da Main Street e parou no semáforo, as mãos segurando o volante com uma força descomunal.

Que porra você vai dizer? Como você vai contar a ela?

— Porra! — gritou ele, os olhos ardendo em lágrimas. — Porra, porra, porra! — gritou novamente, espancando o volante e chorando como um bebê.

O carro de trás buzinou e Cain berrou *Vai se foder!* antes de pisar no acelerador e dirigir até a casa de Woodman. Tinha avistado a casinha mais cedo naquele dia a caminho do churrasco – o churrasco no qual Woodman estivera rindo sobre histórias idiotas dos tempos da Marinha, animado ao confidenciar que tinha sido liberado para voltar ao trabalho. Vivo. Tão vivo, porra, e agora...

Estacionou em frente à casa do primo e desligou o motor. Enxugou as lágrimas com as costas da mão e nem se deu ao trabalho de se olhar no espelho. Estava coberto de cinzas e fuligem. Os olhos deviam estar vermelhos e as lágrimas deviam ter aberto caminho e deixado um rastro em meio à sujeira do rosto. Ela saberia. Ela saberia, logo de cara, que algo muito

ruim tinha acontecido.

— Porra — sussurrou ele, abrindo a porta do carro e pisando no meio-fio. Fechou a porta com força e abriu o portãozinho branco, pensando, *Woodman cuida muito bem deste lugar*. Então se corrigiu, *cuidava*. E outra onda de tristeza invadiu o seu corpo.

A porta da casa se abriu e Ginger apareceu à soleira com um sorriso no rosto.

— Woodman, você já volt... espere aí. — O olhar dela se recai nas roupas imundas de Cain, a expressão perturbada, mas não exatamente assustada quando fixou os olhos aos dele. — Cain?

Doeu *pra* caralho, mas ele sustentou o olhar enquanto caminhava na direção dela, os pés pesados como se a tristeza o estivesse puxando para baixo, e ele não fazia ideia de como conseguiu seguir em frente.

— Princesa — disse baixinho.

— Cain? — disse ela, a voz ligeiramente alterada e os olhos ficando arregalados.

— Minha nossa, Gin — soluçou ele ao chegar à escada da varanda. Subiu o primeiro degrau e ficou parado em frente a ela.

Ela arfou e levou uma das mãos ao coração.

— C-Cain? O que aconteceu?

— Eu sinto tanto, querida.

— Sente pelo quê? *Pelo quê?* — quis saber ela, um pânico crescente na voz. — O quê? *O que foi, Cain?* — perguntou ela com a voz estridente. A respiração ficou entrecortada, o peito oscilando a cada fôlego que tomava. — *O que aconteceu?*

Cain meneou a cabeça e sentiu o rosto desmoronar quando as lágrimas vazaram de seus olhos.

— Eu cheguei tarde demais.

Ela avançou para cima dele e desferiu um golpe no peitoral de Cain,

que caiu para trás e a puxou para si.

— NÃO! — choramingou ela, socando o peito dele. — NÃO! NÃO! NÃO!

Ele a puxou para perto de si e as mãos dela ficaram presas entre o corpo dos dois.

— Ele ficou preso debaixo de uma viga. Não consegui... não consegui salvá-lo a tempo.

— *Nãoooooooo!* — soluçou ela, lamentando-se e levando as mãos ao rosto. — Não não não não. Isso não é real. Não. — Então, de súbito, ela enxugou as lágrimas e ergueu o queixo, lançando um olhar determinado a Cain. — Ele vai ficar bem. Tem médicos ótimos aqui, Cain. Ele vai ficar bem. Eu sei que vai. Nós vamos até o hospital e, então...

— Ginger! — gritou ela, agarrando os ombros da garota e chacoalhando até ela parar de falar. — Ele *morreu!* Ele se foi, querida.

Ela ficou paralisada e o encarou por um momento, o rosto contorcido em uma careta de descrença e angústia. Piscou várias vezes e os olhos se reviraram nas órbitas enquanto o corpo pendia débil em direção ao peito de Cain.

— Princesa — choramingou ele, a dor em seu coração ficando mais intensa ao observar o coração dela se partir ao meio.

Com a maior delicadeza possível, ele a pegou no colo e a levou para dentro da casa.

Capítulo Vinte e Dois

~ *Ginger* ~

Meus olhos estão ardendo, pensou ela, piscando quando a luz da manhã iluminou seu quarto. *E minha cabeça dói.*

Deslizou a mão pelo lençol em direção ao outro lado da cama, onde Woodman dormia, mas ele não estava lá.

E os lençóis estavam frios.

Abriu um dos olhos e olhou para o travesseiro dele, fofo e desamassado.

E então – como uma avalanche horrível – as memórias da noite anterior vieram à tona. *Cain. Cain viera contar a ela que...*

— Não! — gritou, sobressaltando-se e empertigando-se na cama.

— O que foi? — gritou Cain, sentado em uma cadeira no canto do quarto. Sentou-se ereto, esfregou os olhos e olhou ao redor em estado de alerta. Ainda vestia as roupas imundas e cobertas de fuligem do dia anterior, as mesmas que usava quando contou a ela aquela notícia terrível de que Woodman tinha... que Woodman estava...

— Woodman — sussurrou ela, os olhos enchendo-se de lágrimas, as mãos agarrando-se aos lençóis da cama.

Cain fechou os olhos como se a menção ao nome do primo fosse dolorosa demais para suportar. Cerrou a mandíbula e inclinou-se para frente, deslizando as mãos pelo cabelo despenteado.

— Ai, meu Deus — disse ela baixinho. — Ai, meu Deus. Não pode ser verdade.

— Queria muito que não fosse, mas é — declarou ele com a voz baixa e derrotada.

As lágrimas escorreram dos olhos de Ginger e deslizaram por seu rosto até caírem em direção ao lençol que a garota ainda agarrava.

— Cain — murmurou ela como um pedido, como uma súplica. *Cain... me ajude. Cain... me abrace. Cain... conserte isso. Cain... afaste essa dor de mim.*

— Preciso ir — avisou ele, tampando a boca quando um acesso de tosse fez com que segurasse o braço da poltrona com força. Por fim, ficou de pé, pegou o celular no bolso de trás da calça e digitou algo.

— Você está doente — disse ela em meio a soluços.

— Vou ficar bem. — Ele fitou o celular como se estivesse lendo mensagens e estremeceu com o conteúdo. — Eu não devia ter caído no sono. Preciso ir ver a minha tia...

— Cain — chamou ela, olhando para ele. *Não vá.* As palavras estavam na ponta da língua, carregadas de tristeza, inundadas de um desespero para que ele a reconfortasse em seus braços.

Só um pouquinho. Só alguns minutos. Eles tinham tantas lembranças em comum, tantas histórias entrelaçadas. Ninguém mais no mundo amara Josiah Woodman como aqueles dois. Ninguém mais no mundo poderia compartilhar a tristeza mútua que os dois sentiam. E ainda assim...

— O quê? — A voz dele estava frágil e apagada. Encarava-a com firmeza com uma expressão ilegível no rosto. Mas a discussão que tiveram no churrasco do dia anterior tornou-se fresca em sua mente, e ela estendeu a mão para pegar o edredom, segurando-o com força contra o seu peito. *Ele merece alguém muito melhor que você.*

— Obrigada por ter passado a noite.

Ele respirou fundo e a encarou profundamente, como se estivesse reunindo coragem para dizer alguma coisa, mas então levantou-se da poltrona e assentiu. Deu mais uma espiada no celular antes de virar-se para ela.

— Funerária Wright. Hoje às três da tarde. Você tem de ir.

Funerária.

— Ai, meu Deus! — exclamou ela, engolfada por soluços e apoiando a cabeça nas mãos.

Escutou os passos de Cain se aproximando e sentiu quando ele pousou a mão no cabelo dela e a deixou ali.

— Ele te amava mais que tudo no mundo, Gin. Você o fez muito feliz.

— W-Woodman — sussurrou ela, lembrando-se das últimas palavras que ele dissera. *Eu amo você. E sinto muito.*

Ela nunca duvidara do amor que ele sentia por ela. Nunca. Nem uma vez.

Mas o seu coração magoado afundou-se em perdição quando ela se deu conta de que, ainda que ele tivesse entregado todo o seu coração a Ginger, ela só o retribuía com uma parte do dela. Ele dizia que não tinha problema. Sempre a tranquilizava dizendo que estava satisfeito em receber apenas o que ela estava disposta a dar. Mas Cain estava certo: ele merecia mais. Merecia algo melhor. E agora ele tinha ido embora.

Parte dela culpava Cain, porque a razão pela qual nunca fora capaz de entregar todo o seu coração a Woodman era que grande parte dele – ainda que tivesse sido rejeitado – sempre pertencera a Cain. E talvez não fizesse sentido, mas sentia raiva dele porque se ele não a tivesse enchido de esperanças, a enganado só para partir o coração dela no fim das contas, talvez ela tivesse conseguido entregar-se por completo para Woodman.

Ela desvencilhou-se da mão de Cain e lançou um olhar marejado para ele.

— Por favor, vá embora.

Cain recolheu a mão, a expressão passando de suave para magoada para fria. Assentiu, afastou-se da cama e limpou a mão na calça amarela imunda.

— Vejo você às três.

Ginger agarrou o travesseiro de Woodman e o amassou até que virasse uma bola antes de abraçá-lo com força e chorar até que, enfim, voltou a dormir.

Ginger estava em frente ao espelho colocando o colar de pérolas quando ouviu uma leve batida na porta do quarto.

— Pode entrar.

A mãe abriu a porta e enfiou a cabeça pelo vão.

— Filha? A porta da cozinha estava destrancada, então, eu resolvi entrar.

— Oi, mamãe — cumprimentou ela, a voz sem expressão.

Diferente de Ginger, que acordara anuviada depois que Cain fora embora naquela manhã, a mãe dela estava chorando quando Ginger foi até a mansão algumas horas antes, e, pela aparência da mulher, parecia que ainda não tinha parado. Ela enxugou os olhos com um lençinho e meneou a cabeça de forma triste antes de sentar-se na beirada da cama de Ginger.

— Minha... Minha ficha ainda não caiu. É tão horrível.

— É mesmo. — Ginger fitou os olhos da mãe pelo reflexo o espelho e desviou o olhar rapidamente.

— Onde você vai? Prestar condolências?

— Sim, senhora.

— Tentei ligar para Sophie agora pouco. Howard disse que ela não está recebendo ligações. Coitadinha. Eu queria... queria estar lá para apoiá-la.

Você ajudaria muito, pensou Ginger, chorando igual uma louca.

Ginger verificou o relógio.

— É melhor eu ir, mamãe.

— Quer que eu vá com você?

— Não precisa — respondeu ela, vendo os olhos exaustos e vermelhos da mãe. — Pode ficar descansando. Eu vou sozinha.

Sra. Magnolia assentiu com tristeza.

— Era para você estar vestida de branco daqui algumas semanas, não de preto.

Ginger encolheu-se, mas afastou os sentimentos que haviam causado aquele gesto instintivo. Em vez disso, respondeu:

— Vou ficar no chalé da vovó por mais um tempinho, se não tiver problema.

A mãe ergueu o olhar, enxugando as lágrimas.

— Não tem problema algum. Os convidados do casamento não vão mais ficar hospedados lá mesmo. — Ela fungou baixinho antes de se levantar e sair do quarto, o rosto levemente confuso.

Algo dentro de Ginger se apertou diante das palavras da mãe, mas, novamente, ela abafou os sentimentos e os ignorou. Pegou a bolsa em cima da cama e desceu as escadas para dirigir até a Funerária Wright.

Chegou às 14h55 e avistou Sra. Sophie, Sr. Woodman, Cain, a mãe e o padrasto dele parados na sala de espera, aguardando dar a hora. Evitou o olhar de Cain, mas a mãe dele, Sra. Sarah, abraçou Ginger assim que ela chegou e sussurrou palavras doces no ouvido da garota enquanto a abraçava com força. Sr. Johnson, que Ginger nunca tinha visto antes, estendeu a mão e lamentou a perda de Ginger. Mas quando a Sra. Sophie se virou e deu de cara com Ginger, seus olhos estavam frios e estreitos.

— O que você está fazendo aqui, Ginger?

Ginger piscou, surpresa.

— Eu a convidei — avisou Cain. — Pensei que ela devia estar aqui.

— Por acaso você é o encarregado de tomar as decisões? — perguntou Sra. Sophie, os olhos furiosos e aquilinos quando se virou para encarar o sobrinho.

— Não, senhora. Mas Ginger é a noiva dele, e pensei que...

— *Era* — corrigiu Sra. Sophie. — Ela *era* a noi...

Sr. Wright abriu a porta da sala, interrompendo o comentário de Sophie.

— Meus pêsames, Sr. Woodman e Sra. Sophie. Que coisa horrível.

— Obrigado, Dale — agradeceu Howard Woodman, enxugando os olhos vermelhos. — Obrigado por nos receber aqui hoje.

— É claro, é claro — disse Dale Wright com um tom de voz reconfortante enquanto pousava as mãos nos ombros de Howard. — Entrem para conversarmos um pouco.

Sra. Sophie lançou um olhar para Ginger, mas não disse para ela ir embora, então, a garota caminhou roboticamente atrás de Cain e Sr. e Sra. Johnson.

Sentaram-se a uma elegante mesa de cerejeira, os pais de Woodman sentados em frente ao Sr. Wright e todos os outros sentados mais afastados. Cain sentou-se ao lado de Ginger e, por um instante, ela sentiu-se reconfortada com a presença dele, mas algo naquele conforto pareceu errado, então, ela respirou fundo e voltou a atenção ao Sr. Wright.

Ele começou a discorrer sobre os detalhes. Haveria um velório no fim da tarde de domingo para que os amigos e vizinhos pudessem comparecer, e o sepultamento aconteceria dali a dois dias, na segunda-feira. Ginger estava aérea e mal escutou direito, o corpo exausto, a mente anuviada e entorpecida, mas quando Sra. Sophie disse que Woodman devia ser sepultado com seu uniforme da Marinha, a garota virou-se e sentiu palavras – palavras inesperadas e abruptas – saindo de sua boca.

— Não. O uniforme de tenente.

— Ele não era tenente — devolveu Sra. Sophie com irritação na voz. — Ele era um oficial da Marinha.

— Era um tenente no corpo de bombeiros — rebateu ela, sentindo o rosto arder enquanto fitava a mesa antes de erguer o olhar para encarar Sra. Sophie e acrescentar: — E ele ama esse trabalho.

Os olhos de Sra. Sophie se encheram de fúria e ela pigarreou, virando-se para o Sr. Wright.

— Ele vai ser sepultado com o uniforme branco da Marinha. Como ele teria preferido.

— Ele *não* ia querer isso — argumentou Cain.

— Ele era *meu filho* — cortou a tia, ignorando Cain e fuzilando Ginger com os olhos. — Por que você está aqui? Você não é da família. Você já roubou tempo o suficiente dele enquanto estava vivo. Não pode fazer isso quando está morto também!

— *Ela* era a noiva de Josiah — argumentou Cain, e ela sentiu a raiva emanando do corpo dele, uma fúria contida que ele estava se esforçando para segurar. — Ela merece o direito de opinar.

Sra. Sophie bateu as mãos no tampo da mesa, fazendo-a tremer.

— *VAI SE FODER!* — gritou ela, os olhos marejados e cintilantes. — Você ousa me dizer o que *ela* merece? *Eu* não merecia que o meu filho *morresse* com vinte e quatro anos de idade! — O rosto estava vermelho e a voz tremia quando ela ergueu um dedo trêmulo e o apontou para Cain. — Você poderia ter salvado Josiah! Por que você não salvou o meu filho?

— Ele não devia estar lá! — defendeu-se Cain. — Eu não sabia. Eu tentei encontrá-lo, mas...

— Mas você *não* conseguiu. Você não o salvou porque é uma semente podre, Cain Wolfram. Você é um problemático egoísta e que só pensa no próprio nariz, e eu não *quero* você aqui! *Ninguém* quer você aqui!

— Sophie — soluçou Sarah, balançando a cabeça e estendendo a mão para pegar a da irmã.

— Não encoste em mim, Sarah! — Ela virou-se para Cain e ficou de pé, espalmando as mãos sobre o tampo da mesa e desvencilhando-se do marido que tentava fazê-la voltar à cadeira. — *Ninguém* pediu para você vir aqui!

— Você está errada — disse ele com a voz entrecortada e dolorida, mas clara e límpida. — *Josiah...* — Ele parou e um som sufocado escapou de sua garganta, precedendo um ataque de tosse. Quando voltou a falar, a voz estava mais suave. — *Josiah* me pediu para vir. Eu voltei para casa por causa dele.

— Bem — soluçou Sra. Sophie, uma lágrima obstinada finalmente

abrindo caminho e escorrendo pelo rosto infeliz —, eu queria que você *nunca* tivesse voltado! Queria que você tivesse ficado longe para sempre!

Cain não disse nada. Baixou a cabeça e encarou o tampo da mesa. Sem pensar, Ginger desentrelaçou as mãos e estendeu uma em direção a Cain, pegando uma das mãos dele e entrelaçando os dedos aos seus. Olhou para Sra. Sophie, sentindo-se profundamente triste por ela, por Cain, e por todos que estavam sentados àquela mesa miserável e carregada de sofrimento. *Algo horrível aconteceu*, pensou ela, mas respirou fundo e abafou o pensamento. Não estava no centro do palco. Estava na plateia, assistindo de longe. Só assistindo.

— Deveria. Ter. Sido. *Você!* — gritou Sra. Sophie, socando a mesa com os punhos a cada palavra. — Deveria ter sido *você!* Não Josiah. *Você, Cain!* Sempre aprontando alguma coisa. Nunca foi metade do homem que meu filho era. *Você* devia ter morrido naquele incêndio. Não o meu bebê. — Ela soluçou, o corpo inteiro tremendo antes que ela se jogasse na cadeira e apoiasse o rosto na mesa, chorando de uma forma tão desesperada e carregada de angústia que Ginger não conseguiu evitar de chorar. — Meu *bebê*. Ai, meu Deus! Ai, meu Deus, meu bebê. Meu menino...

Ginger inclinou-se para a esquerda e aproximou os lábios da orelha de Cain.

— Vamos embora.

Ficou de pé e puxou a mão de Cain até que ele se levantasse. Sem olhar para mais ninguém, os dois saíram da sala em silêncio e atravessaram a sala de espera até o lado de fora da funerária.

Na varanda em frente à funerária, havia várias poltronas e sofás, e Ginger acomodou-se em um, fazendo Cain sentar-se ao lado dela antes de soltar a mão dele.

— Ela não quis dizer aquilo — disse ela baixinho.

— Quis sim — respondeu Cain, que não havia levantado a cabeça desde a falação da tia.

— Não — negou Ginger, enxugando as próprias lágrimas com as costas das mãos. De onde elas tinham vindo? Nem tinha percebido que

começara a chorar. — Ela está fora de si por causa do luto.

— Ela está certa — sussurrou ele.

— Não está, não.

— Eu não consegui salvá-lo.

— Mas você tentou.

— Tentei. — Cain assentiu. — Mas cheguei tarde demais. Ele estava... preso. Eu nem sabia que ele tinha entrado no celeiro.

A voz dela soou distante enquanto enxugava novamente as lágrimas que escorriam pelo rosto.

— Não foi sua culpa.

— Ele era um homem muito melhor do que eu jamais serei. — Cain apoiou os cotovelos nos joelhos e levou o rosto às mãos. — Se um de nós tivesse que morrer, ela estava certa... Deveria ter sido eu.

Não!, gritou uma parte primitiva das profundezas da alma de Ginger, abalando-a por um instante e tirando-a do seu estado confortável de torpor. *Não, não, não!*

A mente estava acelerada e uma voz – uma voz desesperada – começou a narrar uma história em sua cabeça: *Era uma vez dois primos: um dourado como o sol, um sombrio como a noite, ambos donos de partes iguais, porém, diferentes, do coração de uma garota...*

— Não — disse ela, ofegante conforme a respiração ficava cada vez mais acelerada.

Levou a mão ao peito dolorido. O coração daquela garotinha estava despedaçado novamente, murchando em seu peito, definhando, morrendo, completamente diferente da coisa sólida e inteira que já fora um dia.

Levantou-se do sofá e apoiou as mãos na amurada que cercava a varanda, admirando a vista da Main Street, abarrotada e barulhenta como se fosse um sábado comum, como se o mundo não tivesse acabado na noite anterior.

— Eu não devia ter vindo — pensou em voz alta.

— Gin — disse Cain baixinho.

As palavras dele remexeram algo no interior de Ginger e ela se virou para encarar aqueles olhos azuis gélidos. Estavam tão carregados de sofrimento que algo dentro dela se partiu, mas a dor foi logo anuviada, envolta em torpor e em uma apatia reconfortante. Deu de ombros e as lágrimas se secaram – ela não tinha mais nada dentro de si.

— Não consigo — murmurou ela, as lágrimas desaparecendo tão misteriosamente quanto haviam aparecido.

— Gin — começou ele e ficou de pé, fazendo gestos inúteis com as mãos. — Sinto muito... por ele ter ido embora.

Sinto muito por ele ter ido embora. Uma martelada que acertou em cheio o que restava de seu coração. Sete palavras e o coração se desfez em cinzas.

— Ele não se foi — declarou ela baixinho enquanto se afastava de Cain, entorpecida e anuviada mais uma vez. *Ele só não está aqui.*

Parte Cinco

Capítulo Vinte e Três

Ela ama você.

Seja bom para ela.

Ame Ginger.

Prometa.

Por favor.

Prometa.

Cain acordou de sobressalto em sua cama, coberto de suor e tremendo diante das palavras de Woodman que se dissipavam de sua mente.

— Céus — arfou ele, esfregando o rosto com as mãos e ajustando os olhos à escuridão antes de apoiar a testa nos joelhos.

Desde a morte de Woodman, quase um mês antes, acordava desse jeito quase toda noite: vendo os olhos verdes e assustados do primo encarando o vazio, presos ao vácuo eterno, depois, sentindo o peso da cabeça de Woodman em seu colo, observando a saliva vermelha e preta escorrer pela boca do primo e fluir em direção à bochecha gélida.

E sempre – *sempre* – escutava a súplica moribunda de Woodman. Aquelas palavras eram uma companhia constante a Cain – *um tormento constante, dormindo ou acordado* – e ainda assim ele não fazia ideia de como honrar o desejo do primo, de como fazer aquilo acontecer.

Não que ele tivesse tentado de verdade. Vivia quase sempre embriagado desde o funeral e, quando não estava bêbado, estava percorrendo as estradas de Kentucky em sua moto. Por sete vezes, arrumou as malas e dirigiu em direção à fronteira, e nas sete vezes se interrompeu antes de seguir em direção a Tennessee ou Virgínia ou Virgínia Ocidental ou Ohio ou Indiana ou Illinois ou Missouri. Ficou parado nos limites da fronteira por sete vezes, o estado limítrofe zombando do cativo em que Cain se colocara. Ele estava desesperado para ir embora – desesperado para fugir e nunca mais

voltar a Kentucky. Mas se fizesse isso, estaria dando as costas a Woodman permanentemente. Estaria jogando a confiança sagrada de Woodman no lixo. E ele não podia fazer isso. Não podia mesmo.

Então, por sete vezes, em sete fronteiras estaduais, deu as costas de má vontade e voltou a Versailles. Bem, voltava a Versailles depois de dois ou três dias de bebedeira onde quer que estivesse no momento.

Sentou-se na cama portátil que armara no cantinho do escritório vazio e estendeu a mão para pegar a garrafa de vodca onipresente no chão ao lado. Tirou a tampa e entornou um longo gole, saboreando a queimação na garganta. Lambeu os lábios e tomou outro gole antes de tampar a garrafa, então ficou de pé e se espreguiçou. Não havia janelas no pequeno escritório, o que era uma boa coisa, já que Cain estava completamente nu. Vestiu a calça jeans às avessas, sem se importar em fechar o zíper e o botão, e caminhou sobre o piso gelado do escritório até chegar à porta. Abriu-a e franziu os olhos diante dos raios de sol que incidiam pela claraboia do showroom.

Em um lado do cômodo estavam as três motocicletas que foram entregues diretamente da Islândia e de Virgínia, ainda amarradas ao estrado em que haviam chegado. Não encostara o dedo nelas desde que foram entregues.

Virou-se em direção ao escritório e acendeu a luz antes de caminhar até o frigobar, pegar uma barrinha de cereal em cima do freezer e jogar a embalagem no chão. O relógio do micro-ondas indicava que eram 11h46, o que significava que o Kennedy's abriria em quatorze minutos caso Cain estivesse a fim de uma cerveja gelada e de se cercar da estupidez humana antes de retornar ao escritório dez horas mais tarde e desmaiar em um estupor gelado.

Havia feito a mesma coisa no dia anterior, e no dia anterior a este, depois de voltar da fronteira de Ohio quando deu as costas à divisa perto de Cincinnati.

Quando era criança, os pais o haviam levado ao Zoológico de Cincinnati, e ele se lembrava de admirar o lobo marchar em sua jaula. Pergantara ao tratador por que o lobo ficava caminhando de um lado para o outro naquele cercado de três metros de comprimento, e o homem respondera

que o lobo estava habituado a percorrer uma área vasta para caçar e para reivindicar território. Sem muito espaço para vagar livremente, caminhava pela pequena extensão da jaula no intuito de recriar seus instintos de perambular sem rumo. Estava tentando se agarrar aos seus propósitos, mas sem a necessidade de caçar, seus propósitos eram nulos.

Olhara no fundo dos olhos do lobo, o tom de azul dos olhos do animal idênticos ao dos olhos de Cain, e sentiu uma empatia tão dolorosa que fez sua respiração ofegar. O lobo estava aprisionado e era inútil. Tudo que o animal queria era ser liberto, correr de volta ao seu hábitat e redescobrir os seus propósitos.

Cain pensou no lobo e foi tomado por uma nova compreensão. Também queria fugir – de Kentucky, de Apple Valley, do primo morto, da sua família devastada e das promessas que fizera e que não fazia ideia de como cumprir. Se ao menos pudesse subir na moto e ir embora, sentia que poderia deixar o coração partido para trás, juntamente com a tristeza opressiva e a realidade inconcebível de que viveria o resto da vida sem o primo, o irmão, o amigo ao seu lado.

Mas fugir também significava desonrar a memória de Woodman.

Então, ele estava aprisionado, andando de um lado para o outro em sua jaula, enclausurado e sem propósito.

Ao lado da cama, o celular vibrou e deslizou sobre o piso de cimento. Cain atravessou o cômodo e o pegou.

KW: Ligue para mim, Cain.

Assim como tinha sido a conexão de Cain com o lar durante o tempo em que passara na Marinha, o pai fazia questão de enviar uma ou duas mensagens de texto por dia desde o funeral de Woodman, verificando como o filho estava e até mesmo – em várias ocasiões – insistindo para que ele “voltasse para casa” na Fazenda McHuid. Cain não respondia, Klaus não fazia ideia se o filho ainda estava em Kentucky. Até onde sabia, Cain podia muito bem estar na Califórnia ou em Maine a essa altura.

Não voltara a Apple Valley desde o funeral. Também fora a última vez que vira Ginger, ainda que não tivesse conversado com ela desde aquela

tarde na funerária. No dia do funeral, ela ficou nos fundos ao lado dos pais, como se estivesse incerta em relação ao seu lugar e sobre ser ou não bem-vinda, e ainda que tivessem trocado um olhar quando o caixão de Woodman foi baixado na cova, Cain não a reconheceu. A mãe dela chorava ao lado, mas Ginger permaneceu austera e calma, fria e impassível. Como se ela não estivesse ali de fato. Como uma casca vazia. Como um fantasma.

Aquela não era a garota que Woodman implorara para Cain amar e cuidar.

Porra. Ele mal conseguia cuidar de si mesmo.

O celular vibrou novamente.

KW: Cain, é urgente. Me ligue.

Suspirando, estendeu a mão em direção à garrafa de vodca quando sentiu o celular vibrar pela terceira vez.

KW: É sobre a Ginger.

Engolindo em seco, Cain Holden Wolfram, que até dois segundos antes tinha certeza de que estava meio morto, aprisionado a uma existência sem propósitos, subitamente se deu conta de que na verdade estava muito vivo. O coração acelerou no peito por conta do medo – não, não era medo, era *pavor*. Será que tinha *acontecido* alguma coisa com Ginger? Céus! Será que enquanto ele ficava dirigindo por Kentucky e enchendo a cara, algo tinha *acontecido* com ela, porra?

Prometo.

Eu prometo! Josiah, eu prometo.

Merda. Merda, por favor, não. Não. Não, não, não. Por favor, meu Deus. Por favor, faça com que Ginger esteja bem.

As mãos estavam trêmulas e cobertas de suor quando ligou para o pai.

— *Cain? Bist du...?*

— *Papa, sag es mir! — Desembuche!*

— *Gott sei Dank, Cain. Du lebst.* — Graças a Deus. Você está vivo.

— Pai — começou ele, sentando-se na beirada da cama, o corpo tenso e elétrico. — O que aconteceu com Ginger? Ela está bem? Está tudo certo? O que aconteceu com ela?

— *Ela está... sehr traurig.*

Cain expirou, o corpo todo relaxando. Se algo grave tivesse acontecido, o pai já teria contado.

— É claro que ela está triste — comentou ele, passando a mão pelos cabelos despenteados antes de apoiar os cotovelos nos joelhos, tremendo de alívio da mesma forma que tremera de medo.

— *Ranger me contou. Ela não come. Não fala. Não sai do chalé.*

Cain inspirou o ar e prendeu a respiração.

— *Cain? Você está aí?*

A respiração saiu em um suspiro exausto.

— Estou.

— *Você conhece a princesa desde... sempre.*

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Cain e ele a enxugou com as costas da mão.

— Conheço.

— *Ela está sofrendo, mein Sohn.*

Os joelhos tremiam por conta da adrenalina que sentiu quando leu as mensagens do pai.

— Todos nós estamos sofrendo, pai. Ela não é a única.

O pai ficou em silêncio por alguns segundos e, então, disse:

— *Ela está sofrendo... mais.*

Cain olhou para a garrafa de vodca pela metade no chão e a pegou. Abriu a tampa e a levou aos lábios, mas o olhar vidrado de Ginger no funeral invadiu a sua mente. Baixou a garrafa e seguiu em direção ao banheiro do

escritório e esvaziou a garrafa na pia, observando enquanto o líquido transparente se esvaía pelo ralo. Quando a garrafa estava vazia, jogou-a no lixo transbordando e encarou o próprio reflexo no espelho.

Mal se reconhecia.

Cortara o cabelo no estilo militar antes de ir embora de Virgínia, mas agora as mechas já tinham crescido quase três centímetros e o maxilar, as bochechas e o pescoço estavam cobertos por uma barba hirsuta. Estava mais magro e o rosto estava encovado, e a pele estava amarelada por conta da bebedeira. Os olhos estavam vermelhos e exibiam olheiras profundas, e os lábios estavam secos e rachados. Deslizou a língua pelos lábios.

— *Cain?*

Engoliu o nó na garganta, lembrando-se do dia em que adentrara o quarto de Woodman no hospital Walter Reed.

Você parece... bruto.

Não minta para mim, hein?

Eu não sou um bom mentiroso.

Desde quando?

Deu um risinho leve e os olhos se encheram de lágrimas, o coração dolorido de saudade do primo.

— Oi, pai. Estou aqui.

— *Você vem para casa, Cain? Você precisa vir pelo bem de Ginger.*

Seja bom para ela. Cuide dela. Prometa.

— Sim, pai — respondeu ele baixinho. — Sim, eu vou para casa. — Contemplou o próprio reflexo mais uma vez e estremeceu. — Só preciso de alguns dias, tudo bem?

— *Não demore muito* — pediu o pai.

Por favor. Prometa.

— Pode deixar. Hm, que dia é hoje?

— *Terça-feira.*

— Chego aí na sexta, tá?

— *Ja. Gut. E vai ficar? Ficar por duas semanas? Para o Dia de Ação de Graças, ja?*

Cain assentiu.

— Vou ficar um tempinho, pai. — Estava prestes a desligar o telefone quando ouviu o pai dizer mais alguma coisa. — O quê?

— *Ela precisa de você, Cain. Verstesht du mich?*

Ele assentiu.

— Eu entendo. Logo estarei aí.

Encerrou a chamada e colocou o celular na prateleira acima da pia. Abriu o armário, pegou creme de barbear e lâmina e abriu a torneira de água quente.

Alguns dias – na *maioria* dos dias – Ginger fingia que ele estava longe. Como em uma viagem a trabalho ou em uma viagem de pesca. Homens faziam essas coisas, não faziam? Não importava que ele não fosse um empresário ou que não gostasse de pescar. Era mais fácil imaginar que ele estava vivo em algum lugar do que forçar a sua mente a aceitar que Woodman tinha ido embora para sempre. E ainda que uma parte dela soubesse que aquele comportamento não era saudável, Ginger não dava a mínima. Para coisa alguma. Para nada.

Pegou o controle remoto, mudou de canal e encarou a tela. Uma mulher gritava com uma criança à beira do choro. Mãe gritando. Criança atormentada. Mãe sacudindo os ombros da criança. Rosto da criança desmoronando.

E Ginger continuou encarando com o olhar vidrado, sem se mexer.

Não sentia muita coisa ultimamente.

Também não saía muito do chalé. Nem mesmo para visitar a avó, a

quem não visitava há mais de um mês, desde o dia anterior ao funeral de Woodman, quando Ginger chorou ininterruptamente ao lado da avó até cair no sono. As enfermeiras não tiveram coragem de acordá-la, então, dormiu ali e acordou horas depois, a cabeça recostada na cama da avó, sentindo-se desorientada e assustada. Pegou a bolsa e caminhou até o carro em um estado de torpor e dirigiu até o chalé às duas da manhã, jogando-se na cama completamente vestida.

De tempos em tempos, a mãe deixava sacolas de compras e revistas de moda na varanda do chalé. Um único bolinho apareceu no aniversário de Ginger, mas, no geral, a mãe a deixava em paz.

O pai batia à porta às vezes e parecia decepcionado quando ela aparecia de pijama e com os cabelos oleosos e sem vida emoldurando o rosto magro. Ela fixava o olhar na boca do pai e observava os lábios se mexendo enquanto ele fazia um discurso. Ela registrava algumas palavras soltas – *ar fresco, conversar com alguém, não pode continuar desse jeito* – mas elas não significavam nada, dispersando-se de sua mente como folhas de outono, carregadas para longe pela brisa cada vez mais fria. Ela assentia no momento certo, o pai beijava sua testa, e ela fechava a porta enquanto ele voltava à mansão.

Quando Cain contara a ela sobre a morte de Woodman, Ginger sentira o peito se rachar em agonia, os sentimentos tão intensos e dolorosos que parte dela queria morrer. Mas foi só no funeral, quando olhara no fundo dos olhos de Cain, que Ginger se dera conta de como estava só. Woodman, ainda que ela não o amasse da mesma forma que ele a amara, era o seu melhor amigo, sua base, seu porto seguro, seu futuro confortável. Ela já perdera Cain anos antes, mas enquanto tivesse Woodman ao seu lado, nunca estaria sozinha.

Mas agora? *Agora* ela estava completamente só.

Vovó estava doente e não duraria muito.

Nunca fora muito próxima dos pais.

Não tinha irmãos nem amigos de verdade.

Ela era uma ilha isolada de tudo e todos.

No funeral – as honrarias militares tornaram tudo ainda menos real para Ginger – ela se lembrara da garotinha que amava dois garotos. E, agora, assim como a avó previra no aniversário de doze anos, ela tinha perdido os dois.

Woodman se fora e Cain a odiava. E já que o coração dela era dividido entre os dois, ainda que de maneiras diferentes, perdê-los significava que o seu coração estava irreparavelmente despedaçado, sem chances de salvação ou conforto. Ela não lutou contra essa verdade, apenas a aceitou em silêncio. Então, vestiu o pijama, deitou-se na cama e, além de uma xícara de chá ocasional ou as idas ao banheiro, não saiu de lá por uma semana. Quando finalmente levantou da cama, não via motivo para sair do quarto. E, quando finalmente saiu do quarto, não via motivo para sair do chalé. Então, não saiu. Fazia quase um mês que não saía de casa. Quase um mês que não chorava. E, a cada dia que passava, sentia que estava mais morta por dentro.

Mas estava tudo bem.

Na verdade, era melhor assim.

Apertou o botão no controle remoto e mudou de canal novamente. Duas policiais interrogavam uma jovem grávida que estava com os cotovelos apoiados sobre uma mesa e parecia confusa, incrédula e, por fim, atormentada. Ginger encarou a jovem atriz que soluçava e berrava e socava a mesa de metal. O que haviam contado a ela? Que o carro havia sido roubado? Que a casa havia pegado fogo? Que o namorado havia sido morto?

Seria triste, não seria? Ser uma jovem grávida sem carro, sem casa e sem namorado? Era o tipo de história triste que teria feito Ginger chorar, mas nenhuma lágrima veio à tona. Nenhum nó se formou em sua garganta. Nenhuma ardência em seus olhos. Nada. Simplesmente... nada.

Sentou-se ereta e ficou de pé e foi até a cozinha para servir-se de um copo d'água. Ficou parada ao lado da pia por um instante.

Por quanto tempo vou continuar desse jeito? perguntou-se ela. *Será que vou continuar definhando para sempre? Até que um dia você se torna o fantasma que sempre foi.*

— Talvez seja assim que tudo termina — filosofou baixinho para si

mesma. — Você simplesmente definha até sumir de vez.

Ouviu uma batida à porta e virou-se em direção ao som com indiferença. Fechou os olhos e respirou fundo, desejando que a mãe ou o pai fossem embora, que a deixassem em paz. Será que não viam que ela era uma ilha? Não reconheciam um fantasma quando viam um?

Mais uma batida à porta.

Afastou-se da pia e olhou pela janela ao lado da porta, mas os pais eram espertos. Não ficavam espiando pela janela. Ficavam longe de vista para que ela não pudesse mandá-los embora com apenas um gesto.

Toc, toc, toc.

— Tudo bem — murmurou para os seus botões enquanto atravessava a cozinha e abria a porta.

Deu de cara com uma camiseta cinza da marca Henley, então ergueu o olhar até uma mandíbula forte. Demorou-se nos lábios, abafando brutalmente a sensação daqueles lábios pressionados contra os seus. Ergueu ainda mais o olhar e admirou as maçãs do rosto bem definidas antes de fixar o azul gélido dos olhos dele.

— Ginger — sussurrou ele com delicadeza.

— Cain — respondeu ela com uma nota de surpresa na voz baixa.

Reconheceu a voz, mas mal podia distinguir o rosto.

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

Capítulo Vinte e Quatro

Ela estava péssima.

Na verdade, nos vinte e um anos em que Cain conhecia Ginger Laire McHuid, nunca a tinha visto com uma aparência tão ruim.

— Oi — cumprimentou ele, examinando o rosto dela.

Os olhos estavam vidrados e exaustos e adornados por olheiras profundas. Os cabelos, geralmente louros, brilhantes e encaracolados, pendiam oleosos e sem vida. Baixou o olhar e notou que ela vestia pijamas – uma camiseta cor-de-rosa com os dizeres “Hora da soneca!” cheia de manchas, a maior parte delas concentrada na área dos seios, e calças pretas de algodão cobertas por marcas de dedo.

— O que você quer? — perguntou ela.

Ele percorreu o corpo dela com o olhar até parar nos olhos. E enquanto a encarava, uma onda de alívio invadiu seu corpo porque ali, atrás das lágrimas, do cansaço, da raiva e da desolação, estava Ginger. A Ginger que ele conhecia. A Ginger que ele não havia visto no funeral.

— Vou dar uma volta e você vai junto — determinou ele, apoiando-se no batente da porta.

Ela negou com a cabeça e estendeu a mão para fechar a porta.

— Não estou a fim de dar uma volta.

Cain enfiou o pé na soleira para impedir que a porta se fechasse.

— Em primeiro lugar, você sempre está a fim de uma volta. E, em segundo, não perguntei se você está ou não a fim.

Ela respirou fundo e suspirou alto, lançando um olhar glacial a ele.

— Vá embora, Cain. — Ela encarou o chão e tornou a erguer o olhar.
— Estou falando sério.

— Hmmm — murmurou ele, sustentando o olhar gélido da garota.
— Não vou.

— Jesus! — exclamou ela, batendo o pé no chão. — Por que você está me enchendo o saco assim?

Ele deu de ombros.

— Você precisa sair do chalé.

— Você não é minha mãe.

— Graças a Deus.

— Estou avisando...

— Pare de ser um pé no saco e vá vestir uma calça jeans.

— E se eu não for?

— Nós vamos dar uma volta de qualquer jeito — avisou ele, adicionando um pouco mais de firmeza à voz ao se lembrar da promessa que fizera a Woodman. Não havia honrado a promessa e olha só o que aconteceu. Balançou a cabeça, sentindo raiva de Ginger e dele mesmo. — E se você não subir no cavalo por conta própria, princesa, vou jogá-la sobre o ombro, descer a colina até chegar ao celeiro enquanto você grita e esperneia, e colocá-la sobre a sela de Heath antes de dar um tapinha para que ela saia a galope. Então, vá vestir uma calça. Você vai dar uma volta comigo.

Ela piscou.

Então, cerrou a mandíbula, o rosto se contorcendo e ficando lívido de fúria.

— Calça — bradou ele, apontando para a escada atrás da cozinha. — Agora.

— Tá! — explodiu ela. — Mas eu *não* vou me divertir.

— Sua diversão é opcional. Você precisa mesmo é de ar fresco... — Ele se inclinou para frente e deu uma cheirada antes de franzir o nariz e se afastar. — E de um *banho*. Você está fedendo, princesa. — Ele apontou para a cadeira de balanço na varanda e tirou o pé da soleira da porta. — Vou esperar ali.

— Você é um mala.

— Já fui chamado de coisas piores.

Fuzilando-o com os olhos uma última vez, Ginger bateu a porta e Cain pôde ouvi-la resmungar escada acima.

Sentou-se na cadeira de balanço e admirou a mansão à distância. Estava torcendo para que conseguisse evitar os McHuids. Não que não conseguisse manter-se firme na presença deles, só não estava muito a fim de papo furado. Também não estava muito a fim de dar uma volta. Estava fora de forma depois de semanas de bebedeira, mas a promessa que fizera a Woodman o atormentara incessantemente no último mês até que, por fim, encontrou um pouco de paz no coração no que dizia respeito ao primo. Agora, pelo menos, estava fazendo *alguma coisa* para ajudar Ginger.

E para poder ajudá-la, Cain teve que se recompor. Não ingeria uma gota de álcool há três dias e saíra para três corridas dolorosas. Finalmente tirou as motocicletas da embalagem e instalou luzes especiais no showroom para fazê-las brilhar. Saber que precisava apoiar Ginger significava que tinha de se restabelecer primeiro. E nada além de uma promessa a Woodman – preferia não dar nenhum crédito a Ginger pela sua transformação – seria capaz de incitar tal mudança.

Mas pela primeira vez desde a morte do primo, Cain sentia que tinha um propósito. Não se sentia mais como um animal enjaulado, andando de um lado para o outro no mesmo lugar. Tinha um propósito, e ela querendo ou não, esse propósito era Ginger.

Ficou de pé e percebeu que a cerca branca que rodeava o chalé já vira dias melhores. Precisava de algumas tábuas novas e algumas demãos de tinta. E a caminhonete da avó de Ginger, coberta de poeira e folhas secas, precisava ser lavada. Ele cuidaria daquilo também. Talvez durante a semana que antecedia o Dia de Ação de Graças, que planejava passar com o pai, ele viria até ali escondido e daria um jeito no chalé enquanto Ginger estivesse na mansão.

A porta se abriu em um baque e Cain avistou Ginger.

Ainda estava com uma aparência péssima, mas o rosto estava limpo e o cabelo recém-lavado estava preso em um coque. Vestia um suéter limpo

com os dizeres “Eu ♥ Enfermagem” e uma calça jeans larga em seu corpo franzino.

— Bom, você está menos horrível agora — apontou ele.

— Sempre sonhei em ouvir isso.

— Pelo menos você está limpa.

— Até passei desodorante — contou ela.

— Que Deus seja louvado por esses pequenos milagres. — Ele fez uma pausa e observou a calça jeans larga. — Quando foi a última vez que você comeu alguma coisa?

— Quer saber de uma coisa? Vá se ferrar, Cain.

Ela se virou e estendeu a mão em direção à maçaneta, mas Cain segurou a outra mão da garota, impedindo-a de entrar no chalé.

— Nós vamos dar uma volta — grunhiu ele, ignorando o calor que emanava da mão dela e a sensação daqueles dedos entrelaçados aos seus. Fazia muito tempo desde a última vez que a tocara daquela forma. Mesmo quando contara a ela sobre a morte de Woodman e a carregara até o quarto, ele não havia encostado nela de verdade. E na funerária, foi ela quem pegou a mão *dele*, e não o contrário.

Ela se virou para encará-lo, dando uma olhadela nos dedos entrelaçados aos dele antes de afastar a mão.

— Meu Deus! Tudo bem! Eu vou dar uma volta, mas não vou conversar com você.

— Por mim tudo bem. Não posso dizer que conversar com você está sendo um prazer inenarrável nesta manhã mesmo. — Ele desceu da varanda e lançou um olhar sensato a ela. — Ande logo.

Ginger não fazia ideia do que a motivara a subir as escadas e tomar um banho. Não fazia ideia do que a motivara – em meio a resmungos – a trocar de roupa depois de três ou quatro dias e vestir uma calça jeans e um

suéter limpos que encontrou na pilha de roupas lavadas no canto do quarto.

Na maior parte de sua infância, sempre que Cain dizia “pule”, Ginger pulava. Então, talvez ela só estivesse agindo no piloto automático desde a aparição inesperada de Cain em sua porta de entrada. Além disso, tinha de admitir, ainda que de má vontade, que era um alívio voltar a *sentir* alguma coisa, mesmo que esses sentimentos fossem irritação, nervosismo e incômodo.

Ainda que tivessem muita roupa suja para lavar, Ginger conhecia Cain desde sempre. Nem mesmo seus pais foram capazes de alcançá-la da forma que Cain conseguira. No nível mais visceral possível, Cain a *afetava* – sempre a afetou e, talvez, pensou ela com melancolia, talvez sempre afetaria. Ah, ela nunca mais se permitiria a se apaixonar por Cain, ou a sentir a onda de alegria que costumava sentir na presença dele – sofrera demais com a rejeição para ser tão estúpida novamente – mas a *conexão* entre eles, por falta de uma definição melhor, fora forjada no decorrer de uma vida inteira, e ela conseguia senti-la pulsar entre eles enquanto caminhavam em silêncio, lado a lado, em direção ao celeiro. O crepitar de energia, a forma como os passos deles se sincronizaram quase que instantaneamente, a sensação de tê-lo ao seu lado – uma sensação familiar e cálida e forte, ainda que ele não tivesse sido capaz de amá-la da mesma forma que ela o amara.

Ele a magoara mais do que qualquer pessoa, mas a verdade era que havia uma sensação reconfortante em caminhar ao lado de Cain, algo que fazia com que não se sentisse tão só. E naquela companhia silenciosa, encontrou um pouquinho da paz que não sentia desde que Woodman...

Desde que Woodman se fora.

— Sei que não somos muito amigos, Gin — começou Cain como se estivesse lendo os pensamentos de Ginger —, mas Woodman amava você. Então, não vou simplesmente...

— Não quero conversar — disse ela entredentes.

— Eu entendi, mas só queria dizer que...

Ela parou de caminhar e pousou as mãos no quadril, observando Cain continuar a descer a colina até se dar conta de que ela não estava ao seu lado

e virar-se para olhar para ela.

— Não fale sobre ele — sussurrou Ginger, a voz ligeiramente ensandecida. — Estou falando sério.

Cain estremeceu e franziu as sobrancelhas, fitando o rosto dela em busca de algo.

— Nadinha?

Ela estava cerrando a mandíbula com tanta força que ficou com medo de deslocá-la. Não conseguia falar, então, fez que não com a cabeça.

Cain assentiu e estendeu a mão para ela.

— Tudo bem.

Ela olhou para a mão estendida e ergueu o olhar para o rosto de Cain, então, desviou da mão, recusando-se a encostar nele, e continuou a caminhar, mas sentiu-se aliviada ao perceber que ele caminhava atrás dela.

Depois de duas horas cavalgando lado a lado no mais completo silêncio, voltaram ao celeiro. Ginger desmontou de Heather e levou a égua até o estábulo, removendo a sela e as rédeas e pendurando-as em um gancho. Acariciou o focinho da égua com delicadeza.

— Prometo que vou voltar amanhã, garota. Sinto muito por ter ficado tanto tempo longe.

Cain a espiou pela porta do estábulo.

— Quer um café?

Ela negou com a cabeça sem tirar os olhos de Heath.

— Não, valeu.

— Chá?

— Não.

— Chocolate quente?

Soltou um suspiro de irritação e saiu do estábulo, fechando a porta atrás de si.

— Não.

Cain assentiu.

— Tudo bem. Acho que vejo você na terça-feira. Que tal se eu passar no chalé às dez?

Ela franziu o nariz e olhou para ele.

— Do que você está falando? O que tem na terça-feira?

— Meu pai me contou que vão levar uma coroa de flores ao túmulo de Woodman por conta do Dia dos Veteranos de Guerra — comentou ele, observando a expressão no rosto dela. — Acho que a gente devia ir.

Ginger sentiu o peito se contrair e o ar escapar de seus pulmões.

— Eu não vou — guinchou ela.

Cain deu um passo à frente, encarando-a com firmeza.

— Ah, você vai sim, Ginger McHuid. É bom você estar pronta quando eu chegar, ou vou até o seu quarto e a tiro daquela cama à força. E, aí, você vai ficar ao lado do túmulo de Woodman vestindo seus pijamas imundos. Entendeu?

— Não, eu *não* entendi. Eu não vou...

Ele virou as costas e disse *Vejo você na terça-feira, princesa* antes de entrar no casebre e fechar a porta atrás de si.

— Argh! — grunhiu ela, os olhos ardendo e as narinas infladas. — Quem você pensa que é?

— Cain Holden Wolfram — respondeu ele, a voz abafada ecoando detrás da porta.

Ela cerrou os punhos. *Eu não vou. Não mesmo. Ele não pode me obrigar. Não pode me obrigar, porra!*

— Vá para casa, princesa.

— Vá para o *inferno*, Cain!

— Acabei de voltar de lá — respondeu ele, a voz cada vez mais

abafada à medida que ele se afastava da porta.

Ginger começou a caminhar para longe de Cain e saiu do celeiro, esmagando os cascalhos com suas passadas furiosas, os braços pendendo na lateral do corpo. Continuou andando até chegar à cozinha do chalé e pegou pão, um pote de manteiga de amendoim e duas bananas, xingando Cain sem parar enquanto preparava um sanduíche, e acabou devorando dois.

— Que *merda*! — resmungou ela, jogando um vestido cinza em cima dos vestidos azuis-marinhos e pretos espalhados na superfície da cama.

Nos últimos três dias, o apetite dela havia voltado aos poucos, mas todos os vestidos que experimentava ficavam largos e inadequados à sua silhueta franzina.

Sentou-se na cama e lançou um olhar triste ao relógio: 9h48. Cain chegaria a qualquer momento, e Ginger sabia que ele tinha falado sério quando avisara que a carregaria para o cemitério independentemente da roupa que estivesse vestindo.

E o que ela poderia fazer? Gritar com ele? Claro. Seria de ótima ajuda. Ele a pegaria, gritando e esperneando, e a jogaria na caminhonete de Klaus sem o menos esforço.

Trancar todas as portas? Ótima ideia... se Cain não tivesse aprendido a arrombar fechaduras quando tinha onze anos de idade. E se Ginger se lembrasse bem, ele ainda não tinha encontrado uma fechadura que não conseguisse arrombar.

Ligar para a polícia e pedir que vigiassem a porta? Na teoria até podia ser uma opção, mas causaria um escândalo em Apple Valley e Ginger não seria capaz de fazer isso com Cain. Por mais que estivesse brava com ele, ela simplesmente não conseguiria.

O que a deixava com duas opções: pagar para ver se ele realmente a arrastaria até o cemitério mesmo que estivesse de pijama ou encontrar algo decente para vestir.

Ficou de pé e foi até o guarda-roupa, pegou uma calça jeans azul-

escura e a vestiu. A calça sempre fora um pouco apertada, então, estava perfeita agora. Pegou uma camisa branca de seda e a vestiu, cobrindo-se com um cardigã cor de lavanda. Torceu o cabelo em um coque e o prendeu com um elástico azul-marinho. Não se deu ao trabalho de se olhar no espelho – parte dela não se importava com a aparência, e a outra parte não queria ver as bolsas debaixo dos olhos e as bochechas encovadas.

Enquanto descia as escadas, escutou uma batida à porta e desacelerou o passo. Ele estava cinco minutos adiantado e ia ter de ficar esperando. Ginger pegou a bolsa em uma mesinha no pé da escada e a vasculhou em busca de um protetor labial, deslizando-o pelos lábios devagarinho, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ajeitou o coque e entrou na cozinha, ouvindo mais uma batida à porta, mais forte dessa vez.

Quando estava prestes a abrir a geladeira e pegar alguma coisa para comer, Cain gritou a plenos pulmões:

— Virginia Laire McHuid, traga o seu traseiro até aqui imediatamente ou eu...

— Cain! — Ela abriu a porta e tapou a boca de Cain com as mãos. — Fique quieto!

Conseguia imaginar a reação da mãe ao escutar Cain Wolfram gritando “traseiro” a plenos pulmões no chalé da filha, e Ginger não estava com disposição para lidar com a mãe naquela manhã.

Ele a observou atentamente, mas não se mexeu, e Ginger demorou um segundo para se dar conta de que os lábios dele pressionavam a palma da mão dela. A boca de Cain estava aberta e ela conseguia sentir o hálito quente acariciando a sua pele. Olhou para ele, piscou e tirou a mão.

— Se você quisesse que eu desse um beijo na sua mão — comentou ele —, era só pedir.

— Não me venha com gracinhas — alertou ela, cerrando o punho para afastar o calor que os lábios dele deixaram em sua mão e tentando ignorar a forma como o seu coração palpitou quando Cain dissera a palavra *beijo*.

— Tudo bem — concordou ele. — Não vou ser uma gracinha hoje.

Pela primeira vez desde que ele chegara, Ginger afastou o olhar do rosto de Cain e observou que ele não vestia a calça jeans e a camiseta Henley que costumava usar. Hoje, pela primeira vez, ela o estava vendo de farda, e a visão a deixou sem fôlego.

Vestia uma camisa azul-marinho com três listras brancas no colarinho e outras três listras nas bainhas. Um lenço preto envolvia o pescoço bronzeado e musculoso. Os olhos de Ginger recaíram sobre o peitoral largo e ela mordeu os lábios quando viu a calça do mesmo tom de azul da camisa, o fechamento frontal composto por treze botões. Calçava sapatos sociais pretos, engraxados e lustrosos, e o coração de Ginger se aqueceu no peito, pensando no tempo que ele gastara para deixá-los tão brilhantes. Ele ergueu o quepe branco engomado que segurava e o assentou sobre os cabelos pretos despenteados.

— Que tal estou? — perguntou ele baixinho, os olhos atipicamente sérios.

Ela assentiu e piscou para afastar as lágrimas. A última vez que vira alguém com o uniforme da Marinha fora... fora...

Ele não morreu. Só não está aqui.

A sua visão ficou embaçada e ela encarou o peitoral de Cain, decorado com vários alfinetes e faixas. Ele estendeu a mão para ela, um gesto formal para guiá-la cozinha afora.

Ele não morreu. Só não está aqui.

— Não precisa, mas obrigada — disse ela, recusando a mão que ele estendera antes de respirar fundo. — Só estou indo porque você me obrigou.

— Bem, isso é uma pena — lamentou-se Cain, posicionando-se ao lado dela. A voz continha uma leve nota de censura quando acrescentou: — Seria ótimo se você realmente *quisesse* ir.

Ele se afastou do chalé e caminhou em direção à caminhonete do pai. Abriu a porta do lado de passageiro para ela, os olhos fixos no horizonte, o corpo em alerta.

Sentiu-se mal pelo que havia dito e estremeceu diante da decepção no

tom de voz dele. Mas aquilo não durou muito. O arrependimento logo deu lugar à raiva. Caminhou até a caminhonete e acomodou-se no banco.

— Não me julgue, Cain.

Ele não respondeu. Nem ao menos olhou para ela. Apenas fechou a porta, deu a volta na caminhonete e sentou-se no banco de motorista sem dizer nenhuma palavra. Estava dando um gelo nela e aquilo a deixou ainda mais possessa.

— Sabe o que eu estava pensando? O que você está fazendo *aqui*? Por que você ainda não foi embora? Quando as coisas ficam difíceis, Cain dá o fora. Por que você ainda está *aqui*?

Ele a olhou de relance enquanto dirigia pela Fazenda McHuid.

— Ora, princesa, talvez eu só esteja aqui para te encher o saco. Nunca pensou nisso?

— Sempre penso — devolveu ela.

Encarou a paisagem através da janela e franziu os lábios. Ainda que tivesse feito aquelas perguntas só para irritá-lo, percebeu que queria mesmo saber a resposta. Adotou um tom de voz mais gentil.

— É sério, Cain. Pensei que você iria embora depois do... do... — Não era capaz de dizer *funeral*. — *Por que* você ainda está aqui?

Ele deu de ombros.

— Prometi ao meu pai que ficaria para o Dia de Ação de Graças.

Ah. Então ele *planejava* ir embora em breve. Não ia ficar para sempre.

Foi nesse instante em que Ginger se deu conta de que, ainda que Cain a tivesse magoado no passado, sentia-se triste por saber que ele a deixaria sozinha mais uma vez. Ela não sabia o que pensar sobre as visitas inesperadas do rapaz – a forma como ele a forçara a dar uma volta ou a ir à cerimônia de hoje. Ela não gostava nada daquilo, mas ainda assim havia uma parte dela – por menor que fosse – que precisava admitir que Cain era provavelmente a única pessoa capaz de forçá-la a sair do estado destrutivo em que se

encontrava e voltar à realidade. Ela não queria depender de Cain, mas ainda assim sentia-se reconfortada pela presença dele.

E, para a surpresa de Ginger, o seu coração, que ela tinha certeza de que estava morto, voltou à vida e doeu diante da perspectiva de Cain saindo da vida dela mais uma vez.

Cain a observou atentamente durante a cerimônia: a expressão impassível em seu rosto, a ausência de lágrimas em seus olhos. Ela não fungou nem chorou, apenas ficou parada ao lado dele com uma postura austera, aceitando as condolências de forma educada, a voz desprovida de emoção.

De frente a eles, tia Sophie o fuzilava com o olhar, provavelmente desejando que ele estivesse morto, e ele desejava que aquilo não o magoasse, mas magoava. Ele e a tia nunca haviam sido muito próximos, mas a morte de Woodman fora um golpe muito forte nos dois, e eles poderiam ter reconfortado um ao outro. Em vez disso, a tia direcionava toda a raiva que sentia a ele, tornando-se uma ilha de tristeza, isolada de todos por sua fúria.

Assim como Ginger.

O que precisa acontecer para você desmoronar? perguntou-se ele, lançando um olhar para os cabelos louros presos em um coque apertado. *Porque você vai desmoronar, princesa. Cedo ou tarde, você vai ter de dizer o nome dele; vai ter de assimilar o fato de que ele está morto. Vai ter de gritar e chorar ou, então, nunca vai passar pelo luto. Nunca vai conseguir se libertar da tristeza terrível que assola seu peito.*

Não que Cain estivesse se sentindo leve como uma pluma. Muito pelo contrário. Na maior parte dos dias, sofria desesperadamente pela morte do primo e sentia o peso do coração partido pela falta que Woodman fazia. Cinco semanas não haviam sido suficientes para apagar as memórias de Woodman morrendo em seus braços, muito menos para dissipar as últimas palavras que dissera a Cain. Mas Cain percebera que, desde que começara a honrar a promessa que havia feito, passou a sentir indícios de uma paz que não sentiu nos dias de bebedeira e cólera. Queria que Ginger sentisse aquela

mesma paz por dois motivos: o primeiro era que, sem aquilo, ela jamais conseguiria encontrar o caminho que levava à cura e, o segundo, porque era o que Woodman ia querer que ela sentisse. Cain tinha a intenção de fazer tudo a seu alcance para ajudá-la a encontrar a paz. Ele havia prometido.

Depois da cerimônia, ficaram ao lado de Mary-Louise e Scott Hayes por alguns minutos, mas Ginger parecia pálida e cansada, então, Cain despediu-se deles para levá-la para casa. Ponderou o que deveria dizer a ela – sentia que precisava chegar até ela, mas não sabia como.

Seja você mesmo.

As palavras brotaram em sua mente e ele decidiu obedecê-las.

Assim que se afastaram do cemitério, ela suspirou e Cain olhou para ela.

— Você está bem?

— Estou.

— Eles fizeram um bom trabalho.

Ela não respondeu, apenas ficou encarando a paisagem pela janela do carro.

— Foi bom você ter comparecido.

Nada. Nenhuma reação.

— Eu estava para perguntar... — começou ele, a voz ligeiramente alterada. — Como está a sua avó?

— Não tenho saído muito. — Ela olhou para ele, os olhos relampejantes.

— Ela já está velha, Ginger.

— O que *você* sabe sobre a *minha* avó? Além disso, não é da sua conta o que eu faço ou deixo de...

Ele guiou a caminhonete para a lateral da estrada e freou bruscamente, erguendo uma nuvem de poeira e folhas secas.

Fitou-a intensamente, tentando manter a voz equilibrada, mas falhando miseravelmente.

— Quer saber de uma coisa, Gin? Entendo que você esteja sofrendo. Eu também estou. Mas a verdade é que Woodman ficaria *envergonhado* de ver a forma que você vem se comportando. Recusando-se a comparecer à cerimônia em homenagem a ele? Deixando de visitar a sua avó? Passar o dia todo de pijama? Sem banho? Sem cuidar de si mesma?

— Ah, sinto muito se não estou atendendo aos seus padrões de aparência feminin...

— Não tem *nada* a ver *comigo*. Estou pouco me lixando para você não ficar se emperequetando toda, princesa. Isso tem a ver com honrar a memória *dele* ao viver a *sua* vida com dignidade. Em continuar sendo a mulher que Woodman amava mesmo que ele esteja morto. Aquela mulher era forte e corajosa. Era linda e inteligente, doce e carinhosa. Mesmo quando todos pensavam que ela era de porcelana, ela deu um jeito de provar a todos, para todas as pessoas dessa maldita cidade, que não era.

Ela inflou as narinas, o único indício de que tinha prestado atenção a ele, porque continuava encarando a janela, o rosto desprovido de emoções. Ele bufou.

— E quer saber do que mais? Se *aquela* Ginger resolver dar as caras, aquela a quem meu primo amava *pra* caralho, aquela garotinha do coração valente que não deixava que um coração partido a pusesse para baixo, faça o favor de me avisar, tá? Eu ia adorar vê-la novamente.

Pisou no acelerador e voltou à estrada cantando pneu, e nenhum deles disse uma palavra até chegarem ao chalé. Assim que ele estacionou a caminhonete, Ginger esticou a mão para abrir a porta, mas Cain pegou a outra mão da garota e a apertou de leve, tentando suavizar a pancada de suas palavras, tentando fazer com que ela entendesse que só dissera aquilo porque se importava com ela.

Mas ela o fuzilou com os olhos e desvencilhou a mão do aperto dele.

— Não encoste em mim.

Ah, meu Deus, pensou ele, balançando a cabeça em frustração. *Tudo*

bem. Como quiser.

Estreitou os olhos e a encarou.

— Vá visitar a sua avó, pelo amor de Deus. Ela não vai viver para sempre.

— Vá se ferrar — esbravejou Ginger, saindo da caminhonete e fechando a porta com força.

Capítulo Vinte e Cinco

No dia seguinte, em vez de dormir até o meio-dia, Ginger acordou cedo, tomou banho, secou o cabelo e vestiu roupas limpas. Entrou na SUV que não usava há mais de cinco semanas e dirigiu até o Silver Springs Care Center para visitar a avó.

No trajeto, prometeu a si mesma que essa decisão não fora influenciada pelo discurso motivacional de Cain no dia anterior, mas o seu coração conseguia distinguir uma mentira. As palavras dele a machucaram, fizeram-na se sentir fraca e com pena de si mesma, e ele estava certo: Vovó *não* ia viver para sempre, e Ginger *realmente* a havia deixado de lado.

Parou na floricultura no meio do caminho e escolheu um buquê de rosas como uma oferta de paz, mas, ao adentrar o quarto da avó, percebeu que não tinha sido uma ideia original. Em cima da cômoda e da mesinha de cabeceira, havia vasos de flores silvestres, alegrando o quarto com as vibrantes cores outonais.

Ela deu de ombros. *Papai deve ter passado aqui por esses dias.*

Colocou o buquê na ponta da cama e plantou um beijo na testa da avó. A pele estava cálida e macia, e Ginger respirou fundo e inalou o aroma de marshmallows e coco que a encheram de conforto.

— G-Gin? — sussurrou a avó, despertando do sono. — É... você, q-querida?

— Sou eu, vovó — respondeu ela, fungando e enxugando uma lágrima com o dorso da mão.

A avó parecia ainda mais frágil do que da última vez que a vira, depois do funeral de Woodman, e Ginger sentiu uma onda de gratidão por Cain, por suas palavras duras que a incentivaram a sair da cama, vestir-se e ir visitar a avó.

— B-boneca — disse a avó —, já f-faz... tanto... t-tempo.

— Eu sei, vovó. Sinto muito — desculpou-se ela, enxugando outra

lágrima que escorria pelo rosto. — Acho que fiquei um pouco sem rumo.

— Você... está... e-encontrando o rumo... agora?

Ela abriu um sorriso e fungou novamente.

— Acho que sim. Espero que sim.

— Não é fácil... perder a-alguém... que v-você ama.

Ele só não está aqui. Ele só não está aqui. Ele só não está aqui.

Contraiu a mandíbula.

— Não estou pronta para... conversar sobre ele, vovó. Ainda não.

— Se você... n-não fizer i-isso, v-vai... s-s-sucumbir sob o... p-peso... da sua t-tristeza.

Ginger empertigou-se e pegou o buquê na cama, abrindo um sorriso radiante.

— Trouxe flores para você, mas parece que alguém teve a mesma ideia que eu. Papai veio aqui recentemente?

— Veio, mas não foi ele que trouxe — respondeu a avó, os olhos alertas examinando o rosto de Ginger com atenção.

— Arranjou um namorado novo? Ou é um admirador secreto?

A avó soltou um risinho leve, que acabou virando um acesso de tosse.

Ginger serviu um copo d'água para a avó e segurou o canudo para que ela pudesse beber. Já fazia tempo que a avó precisava da ajuda dos outros para se alimentar e para beber qualquer coisa. As mãos dela estavam tão trêmulas que teriam derramado água em todo o canto caso tentasse segurar o copo sozinha.

— O-obrigada, b-boneca.

Ginger colocou o copo na mesa de cabeceira e sentou-se na cama.

— Não quero cansar você, vovó. Mas prometo que virei com mais frequência agora. Sinto muito por ter ficado tanto tempo sem vir.

— Eu e-entendo.

— Obrigada — agradeceu ela, inclinando-se para beijar a bochecha enrugada da avó.

— G-Gin? — sussurrou a avó perto da orelha dela.

— Sim, vovó? — respondeu ela.

— As p-pessoas... m-mudam.

Ginger afastou-se e olhou para a avó.

— É claro que mudam.

— C-completamente. D-de quem... e-eram... p-para quem... s-são.

— Eu sei disso — afirmou ela, pendendo a cabeça para o lado e tentando entender o que se passava na mente da avó. — O que você está querendo dizer com isso? Está se referindo a alguém em particular?

Os lábios da avó se abriram e os seus olhos pareciam implorar para que Ginger compreendesse, mas ficaram cansados e se fecharam, como se a conversa que estavam prestes a ter fosse exaustiva demais.

— Vovó? — sussurrou Ginger, mas a respiração da avó estava lenta e profunda. Estava dormindo.

Ginger levou o buquê de rosas até o banheiro, pegou um vaso embaixo da pia e colocou os caules na água. Carregou o vaso até o quarto e o colocou em cima da cômoda da avó, ao lado do vaso de flores silvestres. Sorriu diante do contraste: rosas delicadas e colhidas em estufa de um lado, flores silvestres e coloridas de outro.

— Ele... ama... você — sussurrou a avó ainda adormecida, as palavras saindo como um suspiro.

Ginger assentiu, os olhos ardendo em lágrimas porque todos se referiam a Woodman no passado, mas, em seus sonhos, vovó ainda falava como se ele estivesse vivo.

Sim, ele ama, pensou ela com tristeza e virando-se para ir embora. *Ele ama muito mesmo.*

O Dia de Ação de Graças não foi muito próspero naquele ano, contando com a presença de apenas três membros da família McHuid, o pastor e a Sra. Greenvale. A mãe de Ginger havia convidado os pais de Woodman como sempre fazia, mas Howard ligara para avisar que neste ano passariam o feriado com a irmã de Sra. Sophie, Sarah, e o marido dela em Frankfort. Aquilo deixara a mãe de Ginger em um estado lastimável, mas Ginger sugerira que ela convidasse o novo pastor, o que animou a mãe imediatamente.

Durante quase toda a vida de Ginger, a mãe e a Sra. Sophie eram como unha e carne, sempre aos risinhos enquanto bebericavam vinho, comparecendo a todos os eventos sociais de Apple Valley juntas, e organizando lindas festas em conjunto. Mas desde a morte de Woodman, mal viram os pais do garoto – quase como se a ideia de se encontrar com a família de Ginger fosse dolorosa demais para suportar. Eram um lembrete do futuro perdido de Woodman e dos bons tempos que passaram juntos. Além disso, Ginger notara que a Sra. Sophie, que sempre sentira um pouco de ciúme dela, transformara aquele ciúme em raiva. Parecia irada por Ginger ter sido dona de um pedaço do coração de Woodman, como se o amor que ele sentisse por ela diminuísse o amor que sentia pela mãe.

O poço da amizade havia sido envenenado pela morte de Woodman, e apesar da mãe ainda falar sobre Sophie como se a amizade delas fosse voltar ao normal algum dia (“Quando Sophie estiver disposta, precisamos organizar outra Noite do Cassino no clube”), Ginger estava segura de que a amizade de longa data entre os Woodmans e os McHuids tinha chegado ao fim.

Ainda que não estivesse muito ansiosa para se encontrar com os Woodmans, a ausência daquela família depois de passarem o Dia de Ação de Graças dos último vinte anos reunidos era difícil de ignorar, e aquilo fazia com que Ginger sentisse uma solidão inesperada. A mãe, no entanto, estava no modo anfitriã.

— Ginger, tenho de dizer que você está com uma aparência muito melhor — elogiou ela, estendendo a mão para dar um tapinha na mão da filha

ao mesmo tempo que um garçom ia de convidado em convidado para servir o peru. Sra. Magnolia virou-se para Monica Greenvale e disse em um sussurro alto: — O bombeiro que morreu no começo de outubro era noivo de Ginger.

— Eu sei — respondeu a Sra. Greenvale, lançando um olhar solidário por sobre a mesa. — Sinto muito, Ginger.

— Obrigada, senhora — agradeceu Ginger, desvencilhando-se do aperto da mãe.

— Pastor Greenvale, o senhor não me disse que tem um filho em Emery?

— Tenho sim, Sra. Magnolia — confirmou Stuart Greenvale. — É o Colin, nosso caçula.

— Colin Greenvale — disse a mãe de Ginger, abrindo um sorriso encorajador para filha. — Não é um nome ótimo?

Ginger fez uma careta para a mãe, perguntando-se qual era o rumo que aquela conversa estava tomando e temendo que suas suposições estivessem corretas.

— É.

— Conte mais sobre o Colin, por favor — pediu a mãe para a Sra. Greenvale.

Monica Greenvale assentiu.

— Está no último ano da faculdade e acabou de completar vinte e um anos no mês passad...

— Olha só! A mesma idade da minha Ginger!

— Você tem vinte e um anos, querida? — perguntou a mulher do pastor.

— Sim, senhora. Tenho sim.

— Nosso Colin está estudando para virar médico, então, ainda tem muitos anos pela fren...

— Olha só! — arfou Sra. Magnolia, levando a mão à parte da frente

do seu vestido de seda da marca Tony Burch. — Nossa Ginger é enfermeira!

— Que coincidência! — exclamou o pastor Greenvale, servindo-se de outra colherada de vagem. — Filhos na área de saúde, hein, Ranger?

— É, acho que sim — respondeu Ranger e olhou para Ginger, fazendo as bochechas da filha corarem.

— Seu filho está passando o Dia de Ação de Graças com a namorada? — perguntou Ginger, sentindo-se cada vez mais desconfortável e tentando acabar com o interesse da mãe em Colin Greenvale.

— Não, não — respondeu Sra. Monica —, está fazendo trabalho voluntário em um hospital na Guatemala. São seis meses no total, ele volta para os Estados Unidos depois do Ano Novo.

— Em janeiro, Ginger — frisou a mãe, com um sorriso de quem sabe das coisas. — E já que ele é novo em Apple Valley, espero que você possa tirar uma tarde para mostrar a cidade a ele, certo?

Ginger prendeu a respiração, a ansiedade fluindo em suas veias.

— Virginia — chamou Ranger, exigindo a atenção da filha. — Pedi para Nina separar uma torta de abóbora para Klaus e Cain. Se já tiver terminado de comer, você não se importaria de levar a torta para eles lá no casebre, certo?

— Ranger! — exclamou Sra. Magnolia. — Nós ainda estamos jantando.

O pai de Ginger ignorou a mulher e manteve os olhos, repletos de compaixão, fixos na filha.

— Você não se importaria, não é mesmo, querida?

— Não, senhor — respondeu ela baixinho, colocando o guardanapo embaixo do prato e ficando de pé. — Com licença — pediu ela, abrindo um sorriso sereno para a mãe e para os Greenvales antes de dar um aceno repleto de gratidão ao pai.

E Ranger McHuid, que Ginger nunca vira negar qualquer coisa para a mulher, deu uma piscadela conspiratória para a filha antes que ela fosse

embora.

— *Noch ein Bier?*

— *Ja, Papa* — respondeu Cain, levantando-se da poltrona de couro ao lado do pai. Pegou duas garrafas de cerveja vazias na mesinha de centro. — Eu pego mais cerveja para nós.

O cômodo estava cheirando a frango assado e vegetais que ficariam prontos dali uma hora, e apesar de não ser o cardápio tipicamente americano que a mãe serviria no próprio jantar de Dia de Ação de Graças naquele dia, Cain havia decidido que preferia passar o feriado ao lado do pai. A raiva que a tia Sophie sentia dele, ainda que controlada, tornaria o jantar completamente desconfortável. Além disso, a mãe tinha o marido e a irmã. O pai não tinha ninguém, e Cain estava perfeitamente feliz de passar a noite assistindo futebol americano enquanto bebia uma cerveja gelada e comia salgadinhos. Seria uma noite tranquila e amigável.

Jogou as garrafas vazias no lixo reciclável e pegou mais duas garrafas de Grolsch na geladeira. Ficou surpreso ao ouvir uma batida na porta do casebre. O pai olhou para ele, os olhos franzidos em uma expressão curiosa.

— Você está esperando alguém?

— *Nein, Papa* — respondeu Cain, entregando as cervejas para o pai antes de se dirigir à porta. E é óbvio que o coração de Cain acelerou no peito quando avistou Ginger do outro lado.

— Oi — cumprimentou ela, a voz consideravelmente mais calorosa e suave do que estava uma semana antes, quando ele a deixara no chalé depois da cerimônia no cemitério.

— Oi — cumprimentou ele, admirando os cachos louros brilhantes e o batom cor-de-rosa que desviou a atenção dele à boca de Ginger.

— Meu, hm... — Ela pigarreou, fixando os grandes olhos castanhos nos de Cain. — Meu pai pediu para eu trazer uma torta.

— *Wunderbar, Ginger! Danke!* — exclamou o pai de Cain, levantando-se da poltrona com os braços abertos. — *Bitte schön!*

— Ele está tão empolgado com a torta que esqueceu de falar inglês — brincou Cain, dando um risinho bem-intencionado diante do sorriso largo do pai. — Maravilha, obrigado, e pode entrar — traduziu ele.

Ginger abriu um sorriso e entregou a torta a Klaus, olhou para Cain e franziu os lábios ligeiramente, o olhar caloroso tornando-se ligeiramente mais frio, como se ela não confiasse em Cain, como se não estivesse certa em relação a ele.

Ele ergueu a garrafa.

— Quer uma cerveja?

— Hmmm — murmurou ela, e as bochechas adquiriram um tom de vermelho. Ele a observou por um momento, a forma como ela baixou o olhar para encarar os sapatos de salto alto. E, então, ele se lembrou – da última vez que Ginger bebera cerveja, vomitara no chão do corpo de bombeiros.

O pai, com uma hospitalidade tipicamente austríaca e sem saber sobre o porre que Ginger tomara, apareceu com uma garrafa de Grolsch na mão e a ofereceu à garota.

— Feliz Dia de Ação de Graças! — disse Klaus com um sorriso animado nos lábios e brindando a própria garrafa à de Ginger.

Ela deu uma risadinha e assentiu, levando a garrafa aos lábios para tomar um gole.

E Cain, que a estava observando, também ergueu o braço. Por apenas um momento – um momento perfeito e curto – ela parecia feliz. Parecia jovem e adorável e disposta, sem nenhum resquício de dor a colocando para baixo. Ele arfou – nem Ginger nem o pai perceberam – e o coração acelerou dentro do peito diante da mulher mais linda que ele já vira na vida.

Quase como se estivesse em câmera lenta, o lindo rosto de Ginger virou-se para Cain, e os olhos dela fixaram-se aos dele por cima da garrafa de cerveja. O gargalo gelado contrastou com a calidez dos lábios dele, e a cerveja deslizou pela garganta enquanto ele observava Ginger baixar a

garrafa e dizer:

— Feliz Dia de Ação de Graças, Klaus.

Klaus se alternou entre olhar para o filho e para Ginger.

— Quer saber? Preciso dar água aos cavalos e verificar umas... coisas. Já volto, tá?

Antes que tivessem chance de responder, o pai de Cain saiu porta afora, deixando os dois sozinhos.

— Você gosta de futebol americano? — perguntou Cain, esforçando-se para não estremecer, sentindo-se, pela primeira vez em muitos anos, jovem e constrangido perto de uma mulher.

— Hm, para ser honesta, não sou muito fã.

Ele fez um gesto em direção às poltronas.

— Você veio até aqui. Fique uns minutinhos. Precisa terminar a cerveja.

Ela pareceu desconfiada por um instante, mas abriu um sorriso.

— Claro. Só alguns minutinhos.

Sentaram-se lado a lado, mas Cain estava tão ciente da presença dela – o leve aroma cítrico, o vestido cor de ameixa, os belos sapatos – que não conseguia evitar de observar como ela estava mudada. Além disso, da última vez em que a vira, Ginger estava puta da vida com ele, e agora ela parecia muito mais gentil, mais parecida com a Ginger de outrora, mais parecida com a garota que um dia ele amara tão desesperadamente.

— Você está ótima, Gin — elogiou ele, forçando-se a afastar o olhar. Encarou a TV e tomou outro gole de cerveja.

— Obrigada — agradeceu ela. — Eu, bem, para dizer a verdade, um velho amigo me aconselhou a parar de sentir pena de mim mesma.

— Esse cara parece ser um completo babaca. Vou enchê-lo de porrada por você.

Ela gargalhou de leve, meneando a cabeça para ele.

— Sinto muito, princesa — desculpou-se ele, estremecendo ao recordar as palavras duras que dissera a ela.

O sorriso dela desvaneceu, mas a voz continuou gentil.

— Eu odiei as suas palavras, mas eu precisava ouvi-las.

Ele assentiu e afastou o olhar do rosto doce de Ginger, lembrando-se de que ele era um emissário das vontades de Woodman. Cuidar de Ginger era cumprir a promessa que fizera ao primo. Era só isso, e nada... mais.

— Então, hm — começou ele —, eu fui à igreja presbiteriana e a missa é muito boa.

— Espere aí. Você acabou de dizer que foi à igreja? E que gostou?

— Não sou um herege completo, Gin.

— Isso está aberto a discussão — devolveu ela.

— Caramba — disse ele, rindo baixinho enquanto tomava outro gole de cerveja.

— E achou boa comparada ao quê? À Igreja das Motocicletas, Vadias, Xingamentos e Cerveja?

— Atrevida *pra* caralho — sussurrou Cain, olhando-a de soslaio e divertindo-se com ela.

Ela estava certa. Ele não gostava muito de ir à igreja, mas nas duas semanas em que frequentara a igreja que ela costumava ir, Ginger não deu as caras. E aquilo o incomodou. Tinha sido uma parte importante da vida de Ginger quando Woodman estava vivo, e ele estava ansioso para que ela voltasse a ir à missa. Ela precisava estar em meio à comunidade – precisava se sentir menos sozinha.

— Eles estão, hm, fazendo um lance de cantoria onde sua avó mora.

— Um lance de *cantoria*?

Ele assentiu.

— Na próxima sexta-feira. Eu pego você às seis e a gente pode ir juntos.

E, de repente, toda a gentileza e atrevimento abandonaram o navio. Ela empertigou-se na poltrona, o rosto contorcido.

— Acho que não. Eu não...

— Ah, foi mal — interrompeu Cain —, tem algum filme muito importante na TV que você não pode perder?

Ela virou a cabeça com um gesto rápido, os olhos estreitos de irritação.

— Não é isso, eu simplesmente não...

— Ótimo. Você está livre. Eu busco você às sete, e se você não estiver vestida...

— Eu sei. Eu sei. Você vai me pegar na cama e me jogar na caminhonete do seu pai.

Ele não conseguiu evitar o sorriso.

— Você aprende rápido.

Ela franziu o nariz.

— Tudo bem. Eu vou. Mas não prometo que vou me divertir.

— Acho que já combinamos que o fato de você se divertir ou não é irrelevante.

— Quanto charme. — Ela revirou os olhos antes de encarar a TV. — É assim que você conquista as mulheres?

— Não — respondeu ele, colocando a garrafa vazia na mesinha de centro. — Minha personalidade é um lixo. O segredo são as minhas covinhas. E a minha bunda.

— Rá! — gargalhou ela. — Tão convencido.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Não tem como mudar o uivo do lobo.

— Nem o zurro do jumento — devolveu ela, dando um gole na cerveja antes de pousar a garrafa ao lado da dele.

Caramba, ela era rápida. E engraçada. E linda. Mas, em volta dos olhos dela, Cain via linhas profundas de tristeza. Ir à igreja uma vez por semana não seria o suficiente. Ela precisava ir a algum lugar, precisava fazer alguma coisa. Precisava sair do maldito chalé.

— O que você tem feito ultimamente? — quis saber ele.

— Visitado a minha avó. — Ela respirou fundo e suspirou. — E fui andar a cavalo algumas vezes.

— Quando você vai voltar ao trabalho?

Ela deu de ombros e evitou o olhar dele, que estava fixo nela.

— Não sei.

— Você amava ser enfermeira. Lembro de quando você me contou.

— Eu realmente amava — concordou ela. — Mas acho que ainda não estou pronta para...

— Então, você vai ficar sentada em casa o dia todo? Vai virar uma dondoca igual a sua mãe?

— Não! É só que eu... eu...

— Você o quê?

Ela soltou uma respiração exasperada.

— Quer saber de uma coisa? O que eu faço ou deixo de fazer não é da sua conta! O que *você* tem feito? Passa o dia todo aqui enchendo a cara?

Na verdade, ele trabalhara bastante na Motocicletas Wolfram. Terminara toda a parte da fiação elétrica e instalara todas as luzes no showroom e nos compartimentos de escritório. Além disso, tinha encomendado alguns dos equipamentos mais caros de que precisava para oferecer um serviço de ponta nas motos europeias. Comprara uma mesa, duas cadeiras e um lindo tapete persa para o escritório, e encontrara uma casa para alugar em Lexington, que ficava no meio do caminho entre Apple Valley e Versailles. Era em um condomínio fechado com lago e piscina, muito melhor do que *ele* podia esperar. Tudo o que importava para ele era como aquilo poderia agradar a Ginger. E ele não estava nem um pouco interessado em se

aprofundar no porquê de ela estar tão presente em sua mente enquanto ele assinava o contrato de aluguel.

Mas ainda não estava pronto para dizer a ela que decidira fincar raízes em Kentucky.

— Estou me mantendo ocupado — respondeu ele, encarando a TV. — Aliás, a dobradiça do seu portão dos fundos está quebrada, e algumas tábuas da cerca estão podres. Vou lá arrumar tudo isso amanhã. Se você não quiser desfrutar da minha companhia, é melhor não dar as caras, tudo bem?

Ela ficou de pé.

— Eu não preciso de sua ajuda, Cain. Sou perfeitamente capaz de...

— Talvez seja uma boa desculpa para você ir visitar a sua avó — interrompeu ele, lançando um olhar significativo para ela.

Ela estreitou os olhos novamente, e a voz adquiriu um tom irritado.

— Você vai ficar quanto tempo por aqui?

— Ainda não decidi — respondeu ele, voltando a encarar o aparelho de TV. — Faz diferença?

Ela demorou tanto para responder que Cain virou-se para olhar para ela. Ela estava o observando com uma expressão pensativa no rosto, o lábio inferior preso entre os dentes. O olhar dele se fixou nos lábios dela e todo o corpo de Cain se contraiu.

— Não — respondeu ela por fim, negando com a cabeça. — Não faz nenhuma diferença para mim.

Sem dizer mais nada, ela seguiu em direção à porta e a fechou atrás de si.

Capítulo Vinte e Seis

O *Cain que se dane*, pensou ela, entrando com o carro no estacionamento do Silver Springs Care Center e desligando o motor. Ele havia aparecido logo cedo para consertar a cerca do chalé e é claro que a mente de Ginger voltou àquele dia três anos antes, quando acordou e o encontrou lavando a caminhonete da avó. Foi arrebatada por um turbilhão de memórias – o sorriso de Cain quando ela o cumprimentara da janela do quarto, a forma como ele a pegara espiando pela janela da cozinha enquanto fritava ovos, a volta a cavalo que deram depois daquilo, como ela tinha se apaixonado ainda mais por ele.

De um lado, parecia caloroso e inocente relembrar daqueles dias dourados e passageiros com Cain – naquela época, seu coração estava repleto de esperanças de que talvez ela e Cain finalmente pudessem ficar juntos. Mas, de outro lado, aquilo fazia seu coração contorcer de dor, de vergonha e de arrependimento. No dia seguinte, ela havia se declarado para Cain e fora destruída por sua honestidade. E, em busca de conforto, tomou uma decisão abrupta e impulsiva de ficar com... de se oferecer para...

O coração de Ginger acelerou no peito e ela ajustou o espelho retrovisor para admirar seu reflexo.

Ele só não está aqui. Ele só não está aqui.

— Ele só não está aqui — sussurrou ela, umedecendo os lábios e piscando para afastar o ímpeto de chorar.

Nos últimos dias, tinha percebido que estava cada vez mais difícil bloquear as memórias com Woodman e enganar a si mesma dizendo que ele não estava entre eles temporariamente. Nunca se permitia a pensar que ele tinha ido embora para sempre – *nunca* – mas conforme passava mais tempo com Cain e o coração lentamente voltava à vida, ficava cada vez mais difícil negar a ausência de Woodman. Sentia uma pressão crescente de confrontar aquele sentimento – de nomeá-lo e lidar com ele. Como a água em uma barragem, a pressão só aumentava, e, algum dia, a barragem não seria capaz de suportar tanta pressão. As paredes acabariam cedendo. As comportas

seriam abertas. E Ginger teria que lidar com o que de fato acontecera com Woodman, e encarar os sentimentos complicados que acompanhavam a realidade da ausência dele.

— Hoje não — disse ela baixinho no conforto de seu carro. — Ainda não. Por enquanto... ele só não está aqui.

De queixo erguido, pegou a bolsa e caminhou em direção à casa de repouso e assinou seu nome na recepção. Enquanto seguia em direção ao elevador, escutou alguém gritar “*Espere aí!*” e conseguiu segurar as portas do elevador para que a Enfermeira Ratch – *Arklett* – entrasse.

— Srt^a McHuid — cumprimentou ela com educação, abrindo um sorriso para Ginger. — Bom dia. Veio visitar a sua avó?

— Sim, senhora — respondeu Ginger, abrindo um sorriso para a senhora grisalha.

Enfermeira Arklett abriu a boca como se fosse perguntar algo, mas mudou de ideia e disse:

— Não. Acho que... não.

— Pois não? — quis saber Ginger.

— Srt^a McHuid, isso vai contra tudo que ensino às minhas garotas aqui, confraternizar com os visitantes, mas estou em apuros. Quatro enfermeiras vão sair depois do Ano Novo, e ainda não consegui substituí-las.

— Quatro de uma vez? O que aconteceu?

Enfermeira Arklett bufou.

— Abriu uma nova casa de repouso em Paris. Um lugar muito moderno. Estão contratando qualquer pessoa com diploma de enfermagem.

— Ahhh — disse Ginger. — Bem, ninguém comanda com linha dura igual a senhora. Aprendi mais com a senhora no tempo que passei aqui do que aprendi nos três anos de faculdade. Elas seriam muito bobas de deixá-la para trás.

— Srt^a McHuid — começou Enfermeira Arklett, seguindo Ginger para fora do elevador no quarto andar —, imagino que você não esteja

pensando em voltar em janeiro, certo? Três ou quatro dias por semana? Até que eu consiga contratar algumas enfermeiras e treiná-las?

— Voltar a trabalhar aqui?

A enfermeira estremeceu e meneou a cabeça.

— Não, imagino que não. Sinto muito por tê-la incomodado. Mande minhas lembranças à sua...

— Espere aí! Sim!

— O quê?

— Sim, senhora. Sim, vou voltar a trabalhar aqui. Três dias por semana e em alguns domingos também. Que tal?

— Segundas, quartas e quintas?

— Parece ótimo. Posso começar no dia dois de janeiro.

Enfermeira Arklett abriu um sorriso.

— Estou tão feliz. Às nove da manhã no dia dois de janeiro, Enfermeira McHuid. Não esqueça o jaleco. Pronta para o trabalho.

— Sim, senhora. Estarei aqui.

— Passe no RH antes de ir embora hoje. Vou avisá-los que você vai lá acertar as coisas.

— Muito obrigada, senhora.

A chefe assentiu e seguiu pelo corredor em direção a algum lugar. Ginger acenou para Teresa, uma enfermeira que conhecia, que estava na sala das enfermeiras do quarto andar.

— Oi, Gin... Foi mal. Oi, Srt^a McHuid.

— Pode me chamar de Ginger — comentou ela com um sorriso. — Vou voltar a trabalhar em janeiro.

— Ah, Ginger! — exclamou Teresa, aproximando-se para um abraço. — Estou muito feliz de ouvir isso, querida. Vou contar para as meninas! Nós todas sentimos a sua falta!

E isso vai mostrar a você, Cain Wolfram, que eu estou voltando aos trilhos e que não preciso da sua ajuda ou dos seus estímulos ou da sua interferência.

Ginger abriu a porta do quarto da avó e ficou surpresa ao ver que o quarto estava totalmente decorado para as festas de fim de ano: havia um arbusto da espécie buxinho envolto por um laço de veludo vermelho em cima da cômoda, ladeado por dois copos-de-leite. Havia uma manta de lã verde, vermelha e branca dobrada ao pé da cama, e uma estátua do Papai Noel com uma garotinha loura no colo na mesinha de cabeceira.

— Ora, ora, vovó! — exclamou ela, inclinando-se para dar um beijo na avó. — Quem são esses duendes que vieram visitá-la?

— Gin-ger — cumprimentou a avó, tentando abrir um sorriso. — O-oi, b-boneca.

— Oi, minha linda — cumprimentou Ginger.

— V-você está... de b-bom... humor.

— Vou voltar ao trabalho — contou ela. — Três dias por semana e alguns domingos também.

Os olhos da avó se iluminaram e Ginger conseguiu ouvir um pequeno suspiro de satisfação.

— E-estou tão... f-feliz.

— Vou te mimar muito, vovó. Vou contrabandear sorvete e coisas do tipo — confidenciou ela, esquadrinhando o quarto com os olhos. — Agora, será que você pode me contar quem está trazendo tantas flores?

— N-não.

— Por quê?

— É m-meu... s-segredinho... por e-enquanto.

Ginger pegou um livro na mesa de cabeceira da avó.

— *A Caixa de Natal*. Posso ler para você?

Vovó lançou um olhar pensativo para Ginger, então deu uma

risadinha e disse:

— P-pode, b-boneca. Comece n-na... página m-marcada.

— Ah. Alguém já começou a ler para você?

A avó assentiu, recostou-se no travesseiro e fechou os olhos, um raro lampejo de tranquilidade e contentamento em seu rosto.

— Começou n-na... noite p-passada. M-mas vocês... p-podem ler para... m-mim j-juntos. S-seria... p-perfeito.

Quando Cain estacionou a caminhonete do pai em frente ao chalé na sexta-feira à noite, Ginger estava *relutantemente* pronta para ir aos cânticos natalinos. Saiu da varanda vestindo calça jeans, um suéter branco de gola alta e um cardigã vermelho. Usava o colar de pérolas da avó no pescoço e uma tiara de veludo vermelho nos cabelos.

Cain baixou o vidro da janela.

— Eu teria ido até a porta. Não sou um homem das cavernas.

— É sim. E, além disso, eu não preciso de você — determinou ela, seguindo em direção à porta de passageiro. Abriu a porta e entrou na caminhonete, lançando um olhar atrevido para Cain. — *E* para sua informação, vou voltar ao trabalho em janeiro.

Ele assentiu, as covinhas ficando salientes, e um lampejo de respeito ou orgulho passou pelos olhos dele. E aquilo significou tanto para Ginger que ela sentiu os lábios se abrirem em um sorriso.

— Vai voltar ao trabalho. Isso aí, princesa. É um passo e tanto.

— É mesmo. — Ela colocou o cinto e ele deu partida no carro e dirigiu para a saída da Fazenda McHuid. — O que você pensou? Que eu ia ficar na minha casa assistindo TV para sempre?

— Você estava agindo de forma muito convincente de que essa era a sua nova missão de vida.

— Eu só precisava de um pouco de tempo, Cain.

— Eu entendo — assegurou ele baixinho, saindo da Fazenda e seguindo em direção à cidade. — Fico feliz por saber que você está seguindo em frente, Ginger... — Olhou para ela e cheirou o ar. — E que voltou a tomar banho.

— Sempre tão charmoso — declarou ela, olhando-o com irritação.

— Se você estiver procurando alguém para puxar o seu saco, não sou a pessoa certa. Nunca a vi como uma bonequinha de porcelana, princesa. Foi mal.

As palavras dele a atingiram em cheio e ela se deu conta da verdade por detrás delas. Cain *nunca* a tratou como uma coisinha frágil. Caramba, a mãe quase não a deixava sair de casa depois do problema no coração, mas lá estava Cain, estimulando-a a saltar do segundo andar do celeiro. Lá estava Cain, que não suavizou o impacto de sua rejeição quando disse a Ginger que não queria nada com ela. E agora, aqui estava Cain, motivando-a, forçando Ginger a sair do chalé e voltar ao mundo real, quando, verdade seja dita, se não fosse por Cain, ela teria ficado em casa assistindo TV com seus pijamas imundos por muito mais tempo.

Esse era o comportamento de Cain desde que ela conseguia se lembrar – desafiando-a, irritando-a, mas tratando-a como uma igual, mesmo quando a chamava de princesa. Houvera ocasiões em que ele a protegera, como na funerária quando Sra. Sophie quase pulou na garganta dela. Mas, de modo geral, ele não a mimava, e, ao contrário de todo mundo, não a subestimava. De alguma forma, Cain a estimulava a querer ir além, a ser mais forte, a ser uma pessoa melhor. Talvez porque ele havia acreditado nela quando mais ninguém acreditou. Ele *acreditava* que ela era forte, e aquilo a fez tentar *ser* forte.

— Não precisa se desculpar — avisou ela, empertigando-se e erguendo o queixo ao olhar o reflexo no espelho retrovisor. — Porque eu *não* sou uma bonequinha de porcelana. Nunca fui.

Cain assentiu.

— Não precisa dizer isso para mim. Eu sempre soube.

— Como? — quis saber ela, virando-se para encará-lo. — Como

você sempre soube isso se todo mundo me tratava como...

Ela arfou, dando-se conta de onde a pergunta que fizera ia dar. Aquilo trairia a memória de Woodman, não trairia? Admitir que ele não enxergava a força que havia nela? Ele não a enxergava como um igual. Ele a via como uma coisa delicada e frágil. Ele a via como alguém a quem proteger e cuidar. Espere aí. Não era *via* e sim *tinha visto*...

Respirou fundo e fechou os olhos com força enquanto sua mente tentava se referir a Woodman no passado.

Não!

— Pare — ordenou ela. — Quer dizer, d-deixe para lá!

— Na verdade, eu queria responder, se estiver tudo bem com você — comentou Cain, olhando para ela quando pararam em um semáforo próximo à Silver Springs.

— Cain, por favor, apenas...

Ele a interrompeu.

— Quando o seu coração estava todo ferrado, quando você era criança, a cidade inteira ficou sabendo. *A princesinha da Fazenda McHuid foi levada de helicóptero até o Vanderbilt*, diziam eles. *Ela pode morrer*, diziam eles. *Coitadinha*, diziam eles. — Ele parou de falar, cerrou a mandíbula e a fitou com intensidade. — Eu *odiava* aquilo. Odiava cada palavra. Odiava a ideia de perder você. Eu só tinha oito anos, mas disse a mim mesmo que se você voltasse para casa, era porque você era mais forte que a própria morte, Gin. Mais forte que a morte, com o coração valente. E eu disse a mim mesmo que se você fosse capaz de vencer a morte, então, era a garotinha mais forte do mundo todo.

— Cain... — começou ela baixinho, emocionada com uma versão da sua história que ela nunca havia ouvido.

Um carro buzinou atrás deles, e Cain levantou o dedo do meio pelo espelho retrovisor antes de voltar a dirigir. Olhou pelo para-brisa enquanto entravam no estacionamento da casa de repouso.

— Daí, você voltou para casa — continuou ele, estacionando o carro

e virando-se para encará-la. O rosto de Cain, o lindo rosto de Cain, estava virado para ela, os olhos suaves, os lábios ligeiramente curvados. — Você voltou para casa. E corria e gritava e brincava e montava como sempre havia feito, e eu disse a mim mesmo, *Meu Deus, é verdade mesmo. Ela é mais forte que a própria morte. Ela é mais forte que qualquer coisa.* E o que mais me causava estranheza era que mais ninguém parecia ver as coisas desta forma. Seus pais tiraram você da escola e contrataram um professor particular, e sua mãe fez de tudo para manter você em segurança, manter você dentro de casa. Ninguém além de mim parecia ver como você era forte, você tinha vencido a própria morte, afinal de contas. Até parece que a vida ia te colocar para baixo se nem mesmo a morte foi capaz de te vencer.

Ginger respirou fundo e apoiou o queixo no peito, que estava carregado de emoções.

— Mas a vida me põe para baixo.

— É claro que sim. — Cain assentiu. — Eu sei que põe. Eu sei, Gin. — Ele deu de ombros. — Mas isso não muda o fato de que, quando as nuvens clarearem, você vai ficar bem. Você tem o coração valente, princesa. E tem as cicatrizes de batalha como prova.

Ginger se lembrou de todas as vezes que Cain a chamara de “garotinha do coração valente” e, de repente, tudo fez sentido. Ele estava se referindo à força dela. Estava se referindo ao fato de Ginger ter sobrevivido.

O coração valente.

As cicatrizes como prova.

No sentido literal, ela realmente tinha uma cicatriz sobre o coração por conta da cirurgia que fizera tantos anos antes.

No sentido figurado, ela tinha muitas outras cicatrizes em seu coração, e várias delas foram causadas por Cain.

Cain, que nunca ficava por perto.

Cain, que sempre a deixava para trás, com o coração partido.

— *Por que* você ainda está aqui? — perguntou ela sem fôlego.

— Tenho meus motivos.

— Pode me contar, Cain. O Dia de Ação de Graças já passou. *Por favor*, conte-me por que você ainda está aqui.

— Faz diferença?

Ela não queria que fizesse. Não queria mesmo.

Ginger assentiu.

Ele se afastou e a encarou, como se estivesse ponderando algo – se ela estava pronta ou não para saber alguma coisa, se ele estava pronto para contar.

— Tudo bem, se você quer saber o motivo pelo qual estou aqui, eu vou *mostrar* a você, mas você precisa ir dar uma volta comigo.

— E aonde vamos?

— É segredo. — Ele fez uma pausa. — Você confia em mim?

Ela negou com a cabeça.

— Não. — Deu de ombros e respirou baixinho. — Mais ou menos.

— Nós temos muita história, né? — comentou ele, afastando o olhar. Deu de ombros. — Bem, a decisão é toda sua.

Ficaram uns trinta segundos em silêncio até Ginger tomar a decisão. Parte dela queria correr para o mais distante de Cain quanto possível. A outra parte, no entanto, precisava dele para sobreviver.

A sobrevivência venceu.

— Quando?

— Sábado que vem.

— Que horas?

— Às cinco — respondeu ele. — E vista roupas quentes. Não posso pegar a caminhonete do meu pai. Nós vamos de moto.

— Na sua moto. Ah, tudo bem — concordou ela, assistindo enquanto ele saía da caminhonete e dava a volta para abrir a porta para ela.

Ela nunca havia andado de moto antes, mas estava curiosa demais para negar a oferta.

E sábado parecia estar muito, muito distante.

Durante a maior parte da vida, Ginger McHuid fora o fruto proibido de Cain Wolfram. Ele não havia respeitado muitas coisas durante a adolescência, mas uma coisa que sempre *tentou* respeitar foi o amor incondicional que o primo sentia por Ginger.

Quando se deu conta, aos quinze anos, que sentia atração por ela... ou aos dezoito, quando os sentimentos que nutria pela garota eram muito mais profundos que a amizade de infância que compartilhavam... ou aos vinte e um, quando estava apaixonado por ela... *ainda assim* negou-se a ficar com Ginger em respeito aos sentimentos do primo. Mesmo cinco semanas antes, quando apareceu à porta dela e ameaçou tirá-la da cama e jogá-la na sela de Heath de pijama e tudo, ainda dizia a si mesmo que só estava voltando à vida de Ginger para honrar a promessa que fizera a Woodman, e não porque ainda sentia algo por ela. Ele *não* podia sentir algo por ela. Não permitiria que aquilo acontecesse.

Mas o que ele não esperava era que se forçar a cuidar dela e ser bom para ela também significava que tinha que investir na felicidade e no bem-estar de Ginger. E aquele investimento estava causando uma mudança inesperada em seu coração – o ódio e a mágoa que ele nutrira por três anos estava se transformando em amor, e ele não fazia ideia de como impedir aquilo. E sem a presença de Woodman em sua vida, não havia nada impedindo a consciência de Cain de se apaixonar por Ginger novamente. E, desta vez, para sempre.

Bem, havia *uma* coisa impedindo Cain: o fato de que, depois de se declarar a Cain, Ginger deu as costas e dormiu com o primo dele algumas horas depois. Foi doloroso *pra* caralho dar de cara com o corpo nu de Ginger entrelaçado ao de Woodman. Se parasse para pensar naquilo, *ainda* conseguia sentir a dor. E se ela havia sido capaz de machucá-lo uma vez, certamente poderia machucar novamente.

Depois de passar a vida toda resguardando seu coração em segurança, ele seria um tolo de entregá-lo à única garota que já o despedaçara, não seria? Seria. E Cain Wolfram não era nada tolo.

E era por isso que a sensação do corpo dela colado ao dele, os braços dela envolvendo a cintura de Cain e o rosto dela apoiado na jaqueta de couro dele enquanto dirigiam em meio à escuridão em direção a Versailles, era perigosa para o coração dele e para a sua sanidade e bom-senso.

Não estava preparado para a onda de emoções que sentiu quando ela o envolveu com os braços, ou para a forma como o seu pau se enrijeceu, pulsando a cada quilômetro que percorriam, a vibração do motor apenas piorando aquela tortura.

Fazia meses desde a última vez que Cain dormira com alguém – dez semanas para ser mais exato, desde que ele trepara com uma garota que conhecera em um bar em Norfolk antes de seguir para Versailles. Dez malditas semanas. Nunca tinha ficado tanto tempo sem transar desde que perdera a virgindade com Mary-Louise na destilaria aos quinze anos de idade. E, já que a única mulher com quem Cain convivera nessas últimas dez semanas era Ginger, talvez não fosse tão surpreendente que ele ficasse de pau duro quando a bucinha dela estava pressionada contra ele – malditas roupas – enquanto dirigiam a cem quilômetros por hora em meio à escuridão.

Mas ele estaria mentindo a si mesmo se esse fosse o único motivo.

A realidade desconcertante era que, quanto mais tempo passava com Ginger, menor ficava o seu desejo de vagar por aí, menor ficava a sua vontade de degustar alguma garota qualquer. Ainda que ela fosse ex-noiva de Woodman, e ainda que ele fosse sentir falta do primo por todos os dias de sua vida, Ginger era uma dor crescente dentro dele. Não apenas em seu coração, o que poderia ser letal, mas em todo o seu maldito corpo traidor também.

Saindo da estrada principal, parou em um sinal vermelho e sentiu o hálito quente de Ginger em sua nuca. Fechou os olhos por um momento.

— Aonde nós estamos indo? — quis saber ela.

— Só mais dez minutos — respondeu ele, pisando no acelerador, permitindo-se aproveitar a onda de adrenalina de ter Ginger na traseira da

moto.

Ele passara a última semana dando um trato no edifício por causa dela. Tinha encomendado um letreiro de neon há algumas semanas, mas finalmente o instalou e o ligou antes de ir buscá-la. Comprara algumas motos de um distribuidor em Lexington para que tivesse algum inventário. Tinha se livrado da cama portátil do escritório e o frigobar estava em cima de um armário, bem ao lado de uma máquina de fazer café, chá e chocolate quente. Tinha limpo o banheiro, instalado uma nova pia e um novo vaso sanitário, e colocado uma barra de sabonete com aroma de laranja em uma saboneteira branca.

Mal podia esperar para mostrar tudo a ela.

Pela primeira vez na vida de Cain – pela primeiríssima vez – ele sentia que era digno de Ginger McHuid, e ainda que estivesse tentando manter as expectativas baixas, ficaria arrasado se ela não gostasse do lugar.

Ficaria mesmo.

Ginger nunca havia andado de moto antes, e, em um primeiro momento, tinha ficado desconfortável e envergonhada por ter de ficar agarrada a Cain de um jeito tão íntimo. Surpreendentemente, não demorou muito para que fechasse os olhos e relaxasse, saboreando a proximidade entre eles e aproveitando o passeio.

Saboreando, mas não porque tinha algum desejo por Cain – não era burra de se apaixonar por ele novamente, nem sentia que estava pronta para isso – mas a sensação de se agarrar a ele era boa.

Outrora, ela tivera um porto seguro, um noivo a quem correr quando estava triste ou magoada ou confusa, e ele a puxaria para perto, a beijaria e a abraçaria, confortando-a com um afeto incondicional. Fazia semanas que não encostava em ninguém. A princípio, decidira se confinar à casa, mas então, mesmo quando estava saindo da concha em que se aprisionara, as pessoas ao seu redor não pareciam ser muito dadas a beijos e abraços. Os pais não eram muito carinhosos, e a avó não tinha muito controle sobre o próprio corpo para abraçá-la. O seu abrigo seguro e caloroso se fora. E ela sentia falta de contato

físico. Muita, muita falta mesmo.

Ela se agarrou a Cain com força, apoiando o rosto contra a jaqueta de coró dele e sentindo os músculos retesados do abdômen dele conforme seguiam pela estrada e atravessavam vales. Fechou os olhos e regozijou-se diante do calor do contato humano.

Quando Cain estacionou a moto, Ginger demorou um instante para abrir os olhos e, assim que o fez, demorou outro instante para perceber que precisava desvencilhar as mãos da cintura dele. Um lamento escapou de seus lábios e ela torceu para que ele não tivesse escutado, e tentou se reconfortar com a ideia de que poderia abraçá-lo novamente no caminho de volta.

— Você está bem, princesa? — perguntou ele por sobre o ombro, a voz carregada de gentileza.

Ela estendeu a mão para abrir o fecho do capacete que ele pusera nela e o tirou da cabeça. Cain desceu da moto e estendeu a mão para ela.

— Estou. Onde estamos? — quis saber ela, aceitando a ajuda dele para sair da moto.

Os olhos dele cintilaram em meio à escuridão – duas obsidianas tracejadas por um tom claro de azul. Ele a puxou pela mão e a guiou para fora da garagem em direção à calçada iluminada pelas estrelas.

— Vire-se — pediu ele.

Ela obedeceu e arfou quando avistou o letreiro branco acima da garagem que dizia “Motocicletas Wolfram”. Piscou duas vezes, admirando a garagem dupla da qual havia acabado de sair e o vidro brilhante do showroom ao lado. O piso no interior era de um tom brilhante de cinza, e havia cinco ou seis motocicletas iluminadas pelas luzes fluorescentes brancas e azuis que pendiam do teto do showroom.

— Cain — murmurou ela.

— O que você achou? — perguntou ele detrás dela.

Ela se virou e deu de cara com Cain. Ele exibia uma expressão esperançosa e duvidosa no rosto e os olhos a examinavam com atenção.

— É seu?

Ele assentiu.

— Aham. *Todinho* meu. Meu próprio negócio.

— Mas eu pensei que...

Pensei que você ia embora.

De repente, os olhos de Ginger se encheram de lágrimas e ela pendeu a cabeça para encarar o chão. Foi arrebatada por um sentimento simples e visceral, atingindo-a como uma tempestade. *Alívio*. Ela estava tão, *tão* aliviada que mal conseguia respirar.

— Você não gostou — disse ele baixinho, uma nota de tristeza na voz.

Ela meneou a cabeça e espalmou o peito dele, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Hm. Bem. Acho que não é todo mundo que gosta de motos. — Ele parou de falar e tirou a mão dela do peito. — Merda — sibilou ele. — Vou levá-la de volta para casa.

Ele fez menção de sair, mas Ginger foi mais rápida e agarrou o braço dele, os dedos envolvendo o pulso de Cain como uma videira. Ergueu o olhar para encará-lo.

— Estou tão orgulhosa de você — soluçou ela. — Tão orgulhosa.

O rosto dele mudou diante das palavras dela. Magoado e bravo a princípio, ele franziu as sobrancelhas em uma expressão confusa e a encarou, e quando olhou no fundo dos olhos dela e deu-se conta de que ela estava sendo honesta, as covinhas ficaram salientes e ele abriu um sorriso enorme e reluzente.

Ele deu uma risadinha e meneou a cabeça.

— Eu pensei que... ai, cara, pensei que você não tinha gostado.

— Mas não gostei mesmo — sussurrou ela. — Eu *amei*.

— Você *amou*? — repetiu ele, olhando para os dedos dela envoltos

no pulso dele antes de voltar a encará-la.

— Você vai ficar aqui — disse ela, os olhos fixos aos dele.

Ele assentiu.

— Vou ficar aqui, Gin. — Estendeu a mão livre e enxugou uma lágrima que escorria na bochecha dela. Então desvencilhou-se do aperto e entrelaçou os dedos aos dela, puxando-a para a garagem. — Venha ver!

Ela sorriu e assentiu enquanto ele a guiava pelo local. E ela realmente estava orgulhosa dele. O local tinha um estilo rústico e industrial que casava perfeitamente com as motocicletas – paredes com tijolinhos à mostra, piso cinza brilhante, lustres modernos, e quadros em latão com logos de motocicletas e luzes neon decoravam as paredes.

Mas mesmo enquanto admirava esses pequenos detalhes, sua mente se focava no que realmente importava.

Ele vai ficar.

Cain vai ficar.

Cain finalmente vai ficar.

Era um território inexplorado. Com exceção de duas semanas, Cain praticamente havia ido embora de Kentucky quando ela tinha quinze anos de idade. E agora, seis anos mais tarde, ele estava de volta. Para ficar. Sua mente voltou aos pensamentos desordenados que tivera três anos antes – a esperança de que ele dormisse com ela e encontrasse uma forma de tornar Apple Valley seu lar. Ele não queria fincar raízes naquela época, e Ginger pensava que ele continuava sem querer isso. Mas alguma parte significativa de Cain deve ter desejado fincar raízes. Ele começara o próprio negócio a apenas quarenta e cinco minutos de Apple Valley. Cain Wolfram estava oficialmente fincando raízes.

Era algo chocante e confuso para Ginger, porque aquilo não correspondia ao homem que pensava que ele fosse. Também era um alívio, já que ele voltara a ser uma pessoa importante na vida dela no decorrer das últimas semanas e ela não estava pronta para perdê-lo. E era um pouco triste, porque o seu sonho finalmente havia se tornado realidade, mas agora já era

muito tarde para os dois.

Muito tarde porque ela já havia feito uma escolha, e não escolhera Cain.

Escolhera...

— Woodman — disse ela.

— Quê?

Antes disso, ele estava apontando para uma das motos que estava exposta em cima de um painel alto e preto. Mas então ele se virou para ela, o sorriso dissipando do rosto.

— Eu escolhi Woodman — declarou ela com a voz distante.

Cain assentiu.

— Sim, você escolheu.

Ela mordeu o lábio inferior, o cérebro a mil, o passado e o presente colidindo um com o outro. *Woodman foi embora e Cain está aqui. Cain está fincando raízes e Woodman está vagando pelo mundo. Espere aí. Não é isso. Não pode ser isso.* Piscou, confusa e tonta, e esticou o braço para manter o equilíbrio. Sentiu o braço de Cain envolver a sua cintura e a guiar até o escritório, ajudando-a se sentar em uma cadeira.

— Vou pegar um copo d'água.

— Woodman — repetiu Ginger, fechando os olhos e tentando respirar fundo. — Quero que ele volte.

Sentiu o vidro gelado contra os lábios e abriu a boca para que a água fria deslizesse pela sua língua até chegar à garganta. Quando ela terminou e beber, Cain pegou o copo e Ginger o ouviu colocá-lo no tampo da mesa.

— Ginger — chamou ele com delicadeza e firmeza —, abra os olhos.

Ela fez o que ele pediu, sentindo-se profundamente confusa enquanto olhava para Cain. Ele envolveu o rosto dela com as mãos.

— Ele se foi, querida.

Ela estremeceu e tentou se desvencilhar das mãos dele, mas ele a segurou com mais força e manteve os olhos fixos aos dela.

— Ele se foi e fingir que ele ainda está aqui não vai trazê-lo de volta. Você precisa enfrentar a verdade, Ginger. Você precisa lidar com isso.

Ela não lutou para se desvencilhar das mãos dele – não adiantaria de nada, já que ele era bem mais forte que ela – mas sentiu algo gélido percorrer suas veias quando absorveu as palavras dele, e ela recebeu aquilo de bom-grado. Parecia bom. Parecia um escudo, uma proteção. Impediu que as lágrimas viessem à tona e fez com que a voz permanecesse calma e controlada quando finalmente falou:

— Você pode me forçar a ir andar a cavalo ou a comparecer a uma cerimônia ou até mesmo a um cântico, mas não pode me forçar a encarar o luto à sua maneira, Cain.

Ele estremeceu, os olhos azuis carregados de tristeza e preocupação. A voz estava profunda e emotiva.

— Eu sei o que você está fazendo e não é nada saudável, querida.

— *Eu não estou nem aí* — grunhiu ela. Desvencilhou o rosto das mãos dele, que penderam no ar por um instante antes que ele finalmente as baixasse.

— Mas *eu* estou — determinou ele com seriedade, agachando-se em frente a ela. — E Woodman também estaria.

O nome dele. Ouvir alguém dizer o nome dele doía tanto.

Ela respirou fundo e soluçou baixinho.

— Sou muito grata por tudo que você fez por mim, Cain. Eu vou voltar ao trabalho. Estou de volta aos trilhos. E este lugar é incrível. Desejo toda a sorte do mundo a você. — Ela parou por um momento, olhando-o intensamente antes de se levantar. — Mas eu quero que você me leve para casa. E quero que você me deixe em paz.

Ele ficou de pé, forçando Ginger a olhar para cima para poder encará-lo.

— Eu só estou tentando ajudar, Ginger.

— Eu sei disso — respondeu ela, a frieza mantendo a voz austera e calma. Virou-se de costas para ele e caminhou em direção à moto. — Agora, leve-me para casa, por favor.

Capítulo Vinte e Sete

Os pijamas sujos e os cabelos oleosos reinaram nas duas semanas seguintes, mas desta vez, Cain não apareceu para ameaçar tirá-la de sua zona de conforto, o que, se ela fosse honesta, a incomodou *pra caramba*. E ela finalmente descobriu – e teve que lidar com os fatos – que o motivo pelo qual estava agindo daquela forma era para ser um chamariz para Cain, ou como um protesto pela forma que ele tentara forçá-la a processar as coisas. Sim, ela havia pedido que ele a deixasse em paz, mas não estava falando sério. O que ela *realmente* quis dizer foi “*Você pode vir me encher o saco, e podemos passar um tempo juntos, mas só se pudermos fingir que Woodman está viajando para algum lugar e que vai voltar para casa um dia.*”

Era loucura. A parte racional do cérebro dela *sabia* que era loucura e também sabia que ela não podia passar o resto da vida acreditando nisso. Mas, enquanto conseguisse evitar o luto, era exatamente o que faria. Morria de medo de descobrir o que aconteceria quando fosse forçada a encarar a realidade.

Na véspera de Natal, já tinha assistido a filmes natalinos o suficiente para uma vida toda e decidiu que já tinha passado da hora de tomar banho e sair para montar a cavalo. Estava claro que Cain não apareceria para encher o saco, e ainda que aquilo a deixasse frustrada e magoada, também percebeu que ultrapassara a fase de luto em que pijamas imundos e cabelo oleoso não a incomodavam.

E, com ou sem Cain, ela não gostava de ficar suja e fedida.

Quando viu que o casebre estava vazio e escuro na véspera de Natal e não avistou Cain na missa, o coração de Ginger afundou no peito.

O Natal chegou e foi embora sem alvoroços, e os Greenvales se juntaram aos McHuids novamente para uma comemoração modesta. E é claro que a mãe de Ginger forçara a Sra. Monica a falar sem parar sobre Colin, o *Wunderdokter*. Ginger enxergava as motivações ocultas da mãe, mas não tinha disposição para confrontá-la, então, apenas sorriu e concordou em jantar com os pais, os Greenvales e Colin em janeiro. *Sim, senhora, vou*

adorar jantar com vocês. Mal se deu conta das palavras que havia dito em voz alta.

Cadê Cain e Klaus? perguntou-se ela. Pode ser que Cain tivesse decidido passar o Natal com a mãe, mas onde estava Klaus? Talvez estivessem na casa de Cain, se é que Cain tinha uma casa. E então, viu-se em meio ao jantar de Natal, encarando o prato enquanto se perguntava onde Cain morava e qual seria a aparência do local, já que ele não a havia levado lá. Será que era lá que ele estava? Em sua casa nova? Com o pai? Ou talvez com uma garota que conheceria? Ou...

— Ginger! Monica acabou de contar que o Colin ama andar a cavalo. Você ouviu?

— Ah é? — perguntou Ginger, erguendo o olhar, desperta dos próprios pensamentos.

— Mas aposto que ele não monta tão bem quanto você — comentou Sra. Monica com uma piscadela.

Ah, meu Deus, pensou Ginger. *A pobre mulher embarcou nas loucuras da minha mãe.*

Ela suspirou e pediu licença para sair da mesa e voltou ao chalé.

Na noite de Ano Novo, Cain ainda não tinha dado as caras nem dado notícias, e a dor no peito de Ginger estava ficando mais intensa. Muito mais intensa. Lembrou-se de quando ele a levou para andar a cavalo, para a cerimônia, e das cervejas que tomaram no Dia de Ação de Graças. Lembrou-se de ir aos cânticos e da história que ele contara sobre o coração valente dela. E lembrou-se da Motocicletas Wolfram, o novo negócio de Cain. Teve que se impedir de ir até Versailles dezenas de vezes para ver se ele ainda estava lá.

Mas parte dela sabia que não seria bem-vinda. Ainda não. Não enquanto não encarasse a realidade e aprendesse a lidar com ela. Não enquanto não lidasse com a ausência de Woodman.

Na noite de Ano Novo, ela foi à casa de repouso para visitar a avó.

— B-boneca — cumprimentou a avó quando Ginger adentrou o

quarto e beijou a testa dela. — Q-quanto t-tempo.

Ginger respirou fundo e suspirou.

— Fiquei uns dias em casa, afundando-me em autopiedade.

— Você passou... p-por coisas... d-difíceis. — Ginger não disse nada, então a avó continuou. — V-você já está... p-pronta para conversar... s-sobre W-Wood...

— Ah, vovó — interrompeu ela, meneando cabeça. — Eu sou uma pessoa horrível.

A avó estremeceu, os olhos repletos de tristeza.

— N-não é, n-não, b-boneca.

Ela fungou.

— Eu não... Eu não o amava como deveria. Ele merecia... — Ela fez careta quando sentiu uma pontada no peito e levou a mão ao coração. — Não consigo. Não consigo falar sobre ele. Por favor, não me obrigue.

A avó lançou um olhar para as mãos de Ginger.

— A-ainda está... u-usando a aliança?

— *Por favor* — implorou ela.

Ela se recusou a olhar para a aliança que Woodman dera a ela na noite de Ano Novo do ano anterior. Noite de Ano Novo. Ai, meu Deus. Já fazia um ano.

Não pense nisso. Não pense nisso.

O coração dela começou a bater desconfortavelmente, então, ela ficou de pé e esquadrinhou o cômodo com os olhos para se distrair.

Não pense nisso.

Alguém havia regado o buxinho, porque ele parecia verde e saudável, assim como os copos-de-leite. Havia uma faixa em que se lia “Feliz Natal e um Próspero Ano Novo” em letras prateadas, vermelhas e verdes pendurada acima das janelas do quarto. Ao lado da janela, havia uma estante de livros

que Ginger nunca vira antes.

— Papai trouxe uma estante para você? — quis saber ela, sentindo-se grata pelo fato de os batimentos cardíacos estarem se normalizando.

Vovó abriu o melhor sorriso que conseguiu.

— Um a-amigo... f-fez para m-mim. P-presente de N-Natal.

— Que amigo, vovó? Que amigo é esse que traz flores, decora o seu quarto e lê *A Caixa de Natal* para você?

A avó a encarou fixamente.

— U-uma pessoa... n-nova.

— Nova? Uma pessoa nova na cidade? Nova em Apple Valley? — Ela meneou a cabeça. — Quem é, vovó? Algum voluntário?

— P-pessoas do p-passado... p-podem s-ser... n-novas, G-Ginger.

Ela observou a estante de livros.

— Foi essa pessoa quem fez isso para você? — Ginger percorreu a estante com os dedos, sentindo a textura polida e suave como laca. — Que amor de estante!

— S-sim. Foi f-feita... c-com... amor.

Ginger virou a cabeça e fitou a avó com intensidade.

— Kelleyanne McHuid, diga de uma vez por todas. Você está com um namoradinho novo?

Os olhos da avó a observaram com ternura, examinando o rosto da neta atentamente.

— C-conte-me... sobre C-Cain. — Ela parou e observou a expressão no rosto de Ginger. — S-seu p-pai... c-contou... que ele v-voltou.

Ginger respirou fundo e deitou-se na cama ao lado da avó.

— Ele voltou mesmo.

— E?

— E eu... — Ginger suspirou. — Eu não sei, vovó. Cain... Cain e eu estamos envolvidos até o pescoço em... antigas mágoas e desafetos. Eu o odiei por muito tempo. Eu o odiei quando ele voltou para cá em outubro. Mas então...

— O ódio e... o a-amor... a-andam j-juntos, G-Gin.

Lágrimas escorreram dos olhos de Ginger porque ela vinha enxergando a verdade, aos pouquinhos, desde o dia em que Cain a deixara em paz a pedido dela. Ela sentia falta dele. Sentia muita, muita falta dele.

Virou-se de lado e apoiou a cabeça no travesseiro, aninhando-se no pescoço frágil e enrugado da avó.

— Mas e-então...? — quis saber a avó.

Ginger engoliu em seco.

— Ele é como um corte. Quando volta à minha vida, a ferida é aberta, ainda que não sangre, mas consigo senti-la porque é um corte profundo. E, então, a ferida começa a cicatrizar, e, quando cicatriza, eu sinto falta. Sinto falta da dorzinha que a ferida causa. — Ela respirou fundo. — Eu sinto falta de Cain.

— M-mas ele n-não... — A avó parou de falar. — E-ele n-não está... l-logo ali... em V-Versailles?

Ginger assentiu.

— Então v-você não p-precisa... s-sentir falta... d-dele, b-boneca.

— Mas eu não sei como ser amiga dele, vovó. Nós éramos amigos durante a infância, mas, então, eu me apaixonei por ele e, depois, passei a odiá-lo. E agora? Agora eu não sei como devo me sentir em relação a ele. E, sinceramente, acho que não devia sentir nada. Não quero me importar com Cain, vovó. Não quero me importar com ninguém. Só com você e com meus pais. E mais ninguém. Quando a gente se importa com alguém, acaba... machucada — disse ela em meio a soluços, afundando a testa no pescoço da avó.

— Mas n-não d-devia — respondeu a avó, estendendo a mão trêmula para acariciar o cabelo da neta. — A-amar alguém... n-não devia... m-

machucar tanto a-assim.

— Mas machuca — sussurrou ela. — Todo santo dia.

— Woodman — sussurrou a avó, ainda acariciando o cabelo dela. — Mas isso é... p-perder, não... a-amar.

— E qual é a diferença? — Ginger suspirou e fechou os olhos fatigados. — Se você ama alguém, pode perdê-lo a qualquer momento. É um risco. Você está se arriscando a se machucar.

— Ou a s-ser... feliz.

Feliz. Ginger não se sentia assim há séculos.

Um tempo depois, a avó parou de acariciar o cabelo de Ginger e a garota soube que ela tinha caído no sono. Então, vestiu o casaco e o cachecol, beijou a bochecha da avó e saiu do quarto em silêncio.

Não estava muito frio do lado de fora, então, ela deixou o carro no estacionamento e foi a pé até o centrinho de Apple Valley, respirando o ar invernal e tentando colocar os pensamentos em ordem.

O seu coração estava voltando à vida e *sentia* mais, *queria* mais. Assim como as flores que brotavam no solo primaveril, Ginger sentia o esforço que demandaria para voltar a florescer. Era algo exaustivo e amedrontador, mas ela não conseguia evitar: quanto mais Cain se mantinha afastado, mais Ginger pensava nele. Estar com Cain fazia com que se sentisse viva e a enchia de conforto. Mas, para estar com Cain, ela precisava enfrentar a realidade acerca de Woodman. Não podia receber Cain em sua vida sem antes lidar com a ausência de Woodman.

Se ela quisesse Cain, precisava começar a se despedir de Woodman.

Não deveria ter ficado surpresa quando percebeu que seus pés a haviam levado até a antiga casa de Woodman, mas ficou. Perdeu o fôlego ao avistar a casinha que ele havia comprado com tantas esperanças e da qual cuidara com tanto amor. Havia uma placa de *Vende-se* atrás da cerca branca, e Ginger a observou oscilar com a brisa invernal.

Há mais de um mês, o Sr. Woodman havia deixado duas caixas na casa dos McHuids, e o pai de Ginger as entregara a ela no mesmo dia. Ginger

pedira ao pai para colocar as caixas no armário e ela não abria a porta do armário desde então. Nem sabia ao certo o que tinha lá dentro – talvez algumas roupas, calçados, uma camisola e alguns itens de higiene. Como o chalé ficava pertinho da casa de Woodman, Ginger preferia tomar banho e se vestir em sua própria casa na maior parte dos dias, então, não deixava muitas coisas na casa dele. Mas é claro que teriam algumas coisas. Lembretes da vida que compartilharam um dia.

Levou a mão enluvada ao trinco do portão e o abriu, empurrando-o e adentrando o pátio que Woodman costumava cuidar com delicadeza. Fora ele quem plantara as flores que ladeavam o caminho que Ginger percorria naquele instante – estariam alegres e vibrantes em alguns meses – bem como as duas floreiras carregadas na varanda da frente. Ela subiu os três degraus que levavam à varanda, onde costumavam sentar-se nas tardes de domingo. A tinta continuava do mesmo tom de azul-claro que Woodman havia pintado, e o teto ainda era do mesmo tom de azul-escuro, como ela sugerira. Vasculhou a bolsa e encontrou a chave da porta, enfiou-a na fechadura e girou a maçaneta. A porta se abriu com facilidade, e Ginger entrou na casa, sendo instantaneamente bombardeada com milhares de lembranças que a encheram de um pesar tão profundo que ela enfim chorou.

— Merda! — gritou Cain, jogando a chave de fenda longe e levando o polegar à boca. Havia se machucado porque não conseguia se concentrar. Mas, caramba, estava praticamente impossível se concentrar em *qualquer coisa* nos últimos dias.

Ele a pressionara muito.

Ele a pressionara muito mesmo, porra.

Antes de levá-la para casa duas semanas antes, Ginger pedira que ele a deixasse em paz. E, como estava completamente confuso em relação aos sentimentos que nutria por ela, ele havia concordado. Mas a verdade? A verdade era que ele não podia dizer que só estava correndo atrás de Ginger para honrar as promessas que fizera a Woodman. Tinha começado por conta disso, é claro. Tinha ido atrás de Ginger por obrigação, para cumprir os

últimos desejos do primo moribundo. Mas as coisas mudaram rapidamente e logo ele se viu vivendo em função dos momentos que passava com Ginger, torcendo para que ela gostasse da Motocicletas Wolfram, torcendo para que ela sentisse orgulho dele. Ficava pensando em maneiras de dar de cara com ela, de passar um tempo com ela. Ele estava se apaixonado por ela, e a hora não poderia ser pior. Era uma hora de bosta. Ela ainda não tinha superado Woodman. Não estava nem perto disso.

E, porra, ele não era um orientador psicológico especializado em luto! Ele não sabia que merda estava fazendo. Só estava tentando ajudá-la a voltar para sua antiga vida – igreja, emprego, montaria – mas a realidade era que a antiga vida de Ginger não existia mais. NÃO EXISTIA MAIS. E ele não tinha direito nenhum de dizer a ela qual era a melhor forma de sofrer pelo noivo que morrerá.

Que porra ele sabia? Talvez não tivesse problema nenhum ela parecer não processar o fato de que Woodman havia ido embora de vez. Talvez não tivesse problema ela agir normalmente a menos que o nome de Woodman viesse à tona. Talvez fosse melhor que ela ainda não tivesse encarado a realidade se aquilo fosse muito para ela suportar.

— Não sei — grunhiu ele, bufando e sentindo-se um lixo.

Ele sentia falta de Ginger.

Essa era a maldita verdade.

Sentia falta dela, e pensava nela vinte e quatro horas por dia.

Klaus fora visitar a família na Áustria e Cain passara o Natal com a mãe, agradecendo aos céus pelo fato de os tios terem decidido passar o feriado em Barbados. Cain estivera na casa do pai uma ou duas vezes na última semana, e viu a caminhonete branca de Ginger saindo da fazenda, então, pelo menos ela não estava confinada em casa novamente, o que era ótimo. E, se ela não tivesse mudado de ideia em relação ao emprego, voltaria a trabalhar na quarta-feira, o que também era ótimo. Mas isso não mudava em nada o fato de que sentia saudade dela.

Cain tentou sair em Versailles, e até chegou a conhecer uma mulher que parecia ser muito legal. Ele não tinha muita experiência em encontros –

sexo casual era muito mais a sua cara – mas ele era homem o suficiente para admitir que estava se sentindo solitário e precisava de amigos. Cassidy era garçoneiro no Kennedy's e, na semana anterior, Cain a levava para jantar. Mas, quando ela o convidou a entrar no seu apartamento no fim da noite, Cain fizera algo que nunca havia feito antes. Ele disse não e a agradeceu pelo encontro sem ao menos beijá-la. E, então, foi embora.

Desde então, não teve coragem de dar as caras no Kennedy's.

Por que ele tinha desperdiçado a chance perfeita de trepar com uma mulher bonita?

Porque o rosto de Ginger havia se materializado em sua mente. Cabelos louros. Olhos castanhos profundos e tristonhos. A sensação dos braços dela ao redor dele. Os dedos macios entrelaçados aos dele. Ela ainda não tinha lidado com a morte de Woodman, então não tinha condições de entrar em um relacionamento... Mas isso não fazia diferença para ele. Cain *queria* Ginger. E ainda que isso não o tenha impedido de ficar com outras pessoas no passado, agora, não conseguia fazer o mesmo. Queria Ginger e mais ninguém.

Na esperança de fazer amigos em algum lugar que não fosse o Kennedy's, Cain fora ao Corpo de Bombeiros de Apple Valley algumas vezes e saía para tomar cerveja com Scott Hayes. Scott fora até Versailles para ajudar Cain a prender uma moto vintage em cabos e suspendê-la no teto do showroom. Cain meneou a cabeça diante do absurdo de ter se tornado amigo do marido de Mary-Louise Walker, mas pensou que coisas ainda mais estranhas aconteciam o tempo todo na vida real.

Cain estava ocupado preparando tudo na Motocicletas Wolfram para a grande inauguração na semana seguinte, bem como mobiliando a casa nova aos pouquinhos, mas seus pensamentos sempre davam um jeito de voltar a Ginger, e, ultimamente, sua cabeça parecia se fixar naquele dia fatídico três anos antes quando ele a flagrara na cama com Woodman.

Mas em vez de ficar cego pela raiva, tentou examinar a fundo o que havia acontecido naquela ocasião. A forma como ela abrira seu coração para ele. Como ele a havia rejeitado, não porque não a queria – *ele a queria desesperadamente* – e sim porque não seria capaz de tirá-la do primo quando

pensava que Ginger era essencial para o bem-estar de Woodman. Nem podia trair a confiança do primo ao ficar com Ginger às escondidas quando Woodman havia declarado seus sentimentos em relação a garota em alto e bom som. Mas Cain se lembrou da expressão devastadora no rosto de Ginger ao dizer, *Eu sei que você me ama, Cain. Posso ver. Posso sentir. Eu sei que é verdade.* E aquilo o enchia de dor.

E era mesmo verdade. Ela estava certa. Ele a amava tanto naquela época e ainda assim a deixou ir embora. Não. Ele não a deixou ir embora. Ele a xingara e a insultara. Ele a mandara para longe dele com toda a sua força. E acabou a mandando direto para os braços de Woodman.

Flagra-la com Woodman havia magoado Cain, mas, pela primeira vez em anos, ele questionou se tinha o direito de ter se sentindo magoado. Ele havia pego os lindos e tenros sentimentos de Ginger e os esmagado até virarem pó. Não fazia diferença que, horas depois, ele tivesse mudado de ideia e resolvido se desculpar com ela. O dano já havia sido feito. Ele provavelmente havia partido o coração dela naquele dia, e era exatamente por isso que ela corria em direção aos braços de Woodman em busca de conforto. Sob essa perspectiva, Cain era responsável por Woodman e Ginger terem ficado juntos.

Ele suspirou e caminhou sobre o piso de concreto para buscar a chave de fenda que jogara longe. Sentiu o celular vibrar no bolso e um número desconhecido apareceu na tela.

— Alô?

— C-Cain?

— Ginger? — perguntou ele. Ela estava chorando, e uma onda de adrenalina percorreu seu corpo, fazendo os pelos dos seus braços se eriçarem.
— Princesa, você está bem?

— Ele se f-foi.

Cain fechou os olhos e sentiu um aperto no coração. Tinha acontecido. Ela finalmente havia desmoronado.

— Ele se foi, minha linda — disse ele com ternura. — Ele se foi. Eu sinto tanto.

— C-Cain — soluçou ela. — V-você pode... você pode v-vir? V-vir me ver?

— Onde você está?

Ele jogou a chave de fendas na caixa de ferramentas, trancou a porta do showroom e pegou o capacete em cima da moto. Vestiu a jaqueta de couro, subiu na moto e girou a chave na ignição.

— Na casa de W-Woodman.

Na casa de Woodman? Merda. Merda, merda, merda.

Seja forte, garota do coração valente. Seja forte por mim.

— Já estou indo — avisou ele, a voz séria e urgente. — Fique bem, querida. Estou a caminho.

Capítulo Vinte e Oito

Toda a tristeza.

Era como se toda a tristeza do mundo a tivesse engolfado e a arrastado para o mar, abandonando-a em uma ilha de desespero absoluto. Em todos os cantos da casa, via Woodman: rindo ao mostrar o lugar a ela pela primeira vez, sentado em frente a ela no chão da sala de estar enquanto comiam pizza em cima de uma caixa de mudança, guiando-a em direção ao quarto no andar de cima, exercitando a perna em frente à TV, esperando-a para jantar depois que ela tivera um dia ruim no trabalho, ajoelhando-se em frente a ela – em frente à primeira árvore de natal que montaram juntos – para pedi-la em casamento.

Por fim, sentou-se nos degraus da escada e chorou. Mal conseguia recuperar o fôlego e não conseguia se lembrar de uma ocasião em que havia sentido uma tristeza tão profunda e debilitante. E, ainda assim, em meio àquela escuridão, havia uma luz improvável: Cain. Cain viria. Cain viria agora. Ele a seguraria e a ajudaria e compartilharia lembranças com ela. Ele lamentaria com ela – de forma tão intensa e profunda quanto ela lamentava. Porque Cain, acima de qualquer outra pessoa, conhecera e amara Woodman tanto quanto Ginger.

Lembrou-se do momento em que Woodman a pedira em casamento, um ano antes, e tirou a aliança do dedo pela primeira vez desde então. Apertou-a contra a palma da mão até que o metal que envolvia a pedra perfurasse a pele enquanto memórias de Woodman – o Woodman a quem ela amara profundamente durante toda a vida – invadiam sua mente:

Aos seis anos de idade, segurando a mão gorducha da Ginger de três anos e a levando ao piquete para “falar oi para os cavalinhos”.

Aos oito anos de idade, chamando a mãe de Ginger aos berros quando o coração da garota parou. Ele salvara a vida dela naquele dia e estava esperando na varanda da mansão quando ela voltou duas semanas depois.

Aos dez anos de idade, levando-a ao celeiro para ver Cain no

aniversário de sete anos de Ginger. Ela só descobriu quando chegaram lá, mas Woodman havia escondido um pedaço enorme de bolo e três garfinhos embaixo do suéter, e a barriga pálida ficou cheia de cobertura.

Aos doze anos de idade, levando-a ao casebre para colocar um curativo no joelho de Ginger, que caíra de bicicleta. Ele limpou o machucado e o assoprou e colocou o curativo enquanto Cain ficava ao lado fazendo-a rir.

Aos quinze anos de idade, no aniversário de doze anos de Ginger, presenteando-a com o bracelete mais lindo que ela já vira – com um cavalo, uma maçã, um banjo e o coração dele.

Aos dezoito anos de idade, salvando a pele dela ao aparecer para levá-la ao baile com um buquê de flores proibidas em uma das mãos. Ele a beijara pela primeira vez naquela noite, e ainda que Ginger soubesse que os dois nunca teriam a mesma química que ela tinha com Cain, ele provara o seu amor a ela de uma forma que Cain nunca tinha feito e – aparentemente, na época – nunca faria.

Aos dezenove anos de idade, voltando para casa depois do primeiro ano na Marinha. Ele a envolveu em seus braços fortes, segurando-a bem perto de si enquanto a girava pelo ar. Depois, deu um beijo doce e rápido nos lábios dela e exclamou *Ginger! Você cresceu tanto! Está tão linda!*

Aos vinte e um anos de idade, com todo o direito de se afundar em autopiedade e raiva, ele voltou para casa pronto para amá-la. E ela permitiu que ele a amasse. Ela se entregou a ele, e, enquanto a envolvia em seus braços, Woodman dissera que aquela tinha sido a melhor noite de sua vida.

Era verdade que os sentimentos que nutria por ele nunca passaram de uma amizade profunda para o romance, mas as memórias de estar envolta nos braços de Woodman sempre fariam o seu coração estremecer. Até o dia de sua morte, Ginger se lembraria da forma tenra como ele a segurava, em como se sentia segura nos braços dele, e o quanto ele a amara. A amava de verdade, profunda e eternamente... e ela nunca foi capaz de corresponder a esse amor.

— Ah, meu Deus, Woodman — soluçou ela. — Não era para as coisas terem acontecido dessa forma entre a gente. Não era para termos ficados juntos. Sinto muito. Sinto tanto, tanto.

Woodman era um homem maravilhoso – uma pessoa tão boa, afável e protetora, um amigo tão maravilhoso – com certeza existia no mundo uma mulher que arderia pela forma como os olhos dele adquiriam um tom de verde-escuro quando estava com desejo, que arderia diante do toque dos lábios dele em seus seios, pela maneira que a voz dele ficava áspera quando dizia que a amava. Mas essa mulher não era *ela*. E ela o perdera antes que pudesse deixá-lo ir embora, antes que pudesse liberá-lo para encontrar uma mulher que fosse capaz de amá-lo da forma que ele merecia.

Apoiou a testa nos joelhos dobrados e chorou – pela morte de Woodman e por não ter sido capaz de oferecer o que ele tanto queria; pela doçura dele, algo de que ela sentiria falta para sempre; pela amizade dele, que ela lamentaria até o dia de sua morte. Libertou todas as lágrimas que prendera nos últimos três meses, e então chorou mais um pouco – lágrimas de culpa, arrependimento, perda e tristeza, tudo enquanto se perguntava se algum dia seria capaz de se sentir inteira novamente agora que ele tinha ido embora.

Ouviu a porta da frente se abrir e as passadas da bota dele contra o chão de madeira antes de ouvi-lo dizer o nome dela com tanta urgência que a deixou sem fôlego.

Cain. O ombro se relaxou diante do alívio de ouvir a voz dele.

— Estou aqui — avisou ela, erguendo a cabeça e enxugando as lágrimas com as costas da mão. — Estou aqui na escada.

Um segundo depois ele estava parado em frente a ela, o capacete em uma das mãos, o macacão coberto de graxa, assim como o rosto. Ele se ajoelhou e colocou o capacete no chão.

— Como você está, princesa?

Ela tentou respirar fundo, mas não conseguiu.

— Nada bem.

— Eu levo você para casa — ofereceu ele, estendendo a mão.

Ela a aceitou sem pensar duas vezes, os olhos se fechando por um instante diante da sensação daqueles dedos ásperos e quentes em seus dedos frios.

— Fique comigo — sussurrou ela.

Ela não estava olhando para ele, então não conseguiu ver a expressão em seu rosto, apenas escutou a voz grossa quando ele respondeu:

— Não vou sair do seu lado até que você esteja se sentindo mais forte.

— Espero que você não tenha nenhum compromisso marcado num futuro próximo — disse ela, abrindo os olhos marejados.

— Você está se subestimando, Gin. A pior parte é encarar a realidade. E você fez isso hoje.

Ela franziu o cenho e entrelaçou os dedos aos de Cain.

— Você estava certo. Ele merecia alguém muito m-melhor que eu, Cain. Muito melhor. Muito, muito melhor.

Com a mão livre, Cain envolveu o queixo dela, forçando-a a olhar para ele.

— Eu não tinha direito nenhum de dizer aquilo. Só você e Woodman entendiam o relacionamento de vocês. A única coisa que eu sei é que você o fazia feliz. Muito, muito feliz, Gin. Você... Bem, sonhar com você, fez Woodman ser quem ele era. Fez com que ele fosse forte e bondoso. Ele queria ser a melhor versão possível de si mesmo para você. Eu sei disso e você também devia saber.

As palavras dele fizeram o ombro dela se chacoalhar quando mais uma leva de lágrimas veio à tona, e Ginger sentiu Cain deslizar o braço para baixo dela e puxá-la para cima. Por um instante, ele pareceu ficar em dúvida do que deveria fazer, segurando o corpo débil de Ginger antes de pegá-la no colo. Caminhou pelo piso da casa que carregava o futuro perdido de Ginger e Woodman e a levou em direção a um mundo sombrio e solitário, que só parecia suportável se estivesse nos braços de Cain.

— Onde está seu carro? — perguntou ele, a boca colada ao ouvido dela.

— Na casa de repouso — respondeu ela, aninhando a testa no pescoço de Cain.

Ele vacilou e sugou o ar entre os lábios, como se tivesse se queimado.

— Eu estou de moto. Você consegue se agarrar a mim para voltarmos para casa?

Eu estou cansada. Tão, tão cansada.

— Consigo — respondeu ela quando Cain a colocou no chão, bem ao lado da moto, a mão pousada no ombro de Ginger para se certificar de que ela não ia cair.

— Já volto.

Ela assistiu enquanto ele correu para dentro da casa e voltou um segundo depois com o capacete em mãos. Apagou as luzes da sala de estar e fechou a porta da frente. Caminhou em direção a Ginger e fechou o portão branco com cuidado. Então, colocou o capacete nela e a ajudou a subir na moto antes de subir também e dar partida.

— Segure firme, Gin. Não me solte por nada.

Como se não confiasse nela completamente, ele segurou as mãos geladas de Ginger enquanto dirigia pela noite em direção à Fazenda McHuid.

Quando chegaram ao chalé, ele nem se deu ao trabalho de ajudá-la a descer da moto. Apenas a pegou no colo e a carregou para dentro da porta destrancada, passando pela cozinha e por um corredor escuro antes de subir as escadas e adentrar o quarto que ele só vira uma vez, na noite em que a flagrara com Woodman. Colocou-a na cama com delicadeza, e ela ficou sentada com uma expressão impassível no rosto enquanto Cain despiu o casaco dela. Por baixo do casaco, vestia calça jeans e uma blusa de lã, que pareciam tão confortáveis quanto possível.

— Deite, princesa.

Como se estivesse no piloto automático, Ginger virou o corpo e se recostou nos travesseiros, as pernas ainda pendendo pela beirada da cama. Cain ajoelhou-se e retirou as botas dela antes de acomodar as pernas de

Ginger em cima da cama.

Enquanto ele fazia isso, ela encarava o teto, fungando e chorando, quase como se estivesse presa em seu próprio mundinho de dor e sofrimento. E Cain sofria por saber que não podia fazer nada para aliviar a angústia que ela estava sentindo.

Sentira o peso morto do corpo dela quando a pegara no colo na casa de Woodman, e imaginou que ela devia se sentir como um maratonista no final de uma corrida, que cruza a linha de chegada e se joga nos braços de alguém esperando por ele. O corpo dela parecia estar tão exaurido quanto o de um maratonista – exausto, mole e débil – como se ela tivesse passado semanas e semanas correndo sem parar, apenas para cair nos braços dele naquela noite, quando a sua maratona emocional havia chegado ao fim.

Cain lamentava a dor dela. Desejava poder tirar a dor que ela estava sentindo e passar para ele, mas não podia. A diferença gritante entre eles era que Cain teve a chance de se despedir do primo, bem como um propósito a cumprir depois da morte dele. Além disso, Cain não só recebera permissão para amar Ginger, como fora encorajado a isso. Ele amava Woodman e lamentaria a ausência do primo pelo resto de sua vida, mas Cain estava em paz.

Ginger, por outro lado, não estava. Cain não fazia ideia a quantas andava o relacionamento deles quando Woodman morreu, mas entre as últimas palavras que dissera, Woodman mencionara *Ela ama você*. E manteve-se vivo até escutar Cain prometer que a amaria de volta. Ginger estava vivendo com o peso da culpa e do arrependimento nas costas, e por mais que Cain desejasse tirar aquele fardo dela, ele não podia. Não sem contar a ela sobre a promessa que fizera a Woodman, e ele não estava preparado para isso.

A realidade era que ele precisava manter aquilo em segredo até que ela acreditasse, sem sombra de dúvida, que a amava. Se contasse a ela cedo demais, ela poderia se questionar se o amor dele era verdadeiro ou apenas estimulado pela promessa que fizera a Woodman. Mas a verdade era que o amor que sentia por Ginger não precisava de estímulo algum. O amor que sentia por Ginger era tão natural quanto respirar, e tão importante quanto.

Tinha sido assim desde que eram crianças e seria assim até o dia de sua morte.

Um nó se formou em sua garganta e ele o engoliu.

— Gin — disse baixinho, acariciando a bochecha úmida com o dorso da mão. — Você quer chá ou algo assim?

Ela abriu os olhos, que estavam vidrados e cansados.

— Você pode me a-abraçar um pouquinho? — sussurrou ela com a voz tão carregada de tristeza que ele sentiu o coração se despedaçar.

Cain engoliu em seco. Já tinha trepado com centenas de mulheres. E nunca tinha abraçado quase nenhuma delas voluntariamente.

— Eu... Eu estou imundo, Gin. Não me troquei antes de vir. Vou sujar toda a sua cama. Posso ficar sentado no chão ao seu lado...

— Não me importo — murmurou ela. — P-por favor, Cain.

Ele não tinha certeza se seria bom ou não no que dizia respeito à intimidade emocional – os pais não foram um bom exemplo – e nunca havia se permitido a se apegar a nenhuma das garotas com as quais estivera, sempre indo de um lado para o outro sem nunca se conectar de verdade com ninguém. Mas, porra, se havia uma garota pela qual ele estava disposto a tentar, essa garota era Ginger.

Sentou-se na cama, as costas apoiadas nas curvas do corpo dela, e abaixou-se para desamarrar os cadarços das botas, o coração tão acelerado quanto o de um adolescente prestes a ver um peito pela primeira vez na vida. Os dedos estavam trêmulos, o que só dificultava as coisas, mas por fim conseguiu descalçar as botas. As mãos eram ásperas e estavam cobertas de graxa, e por um instante ele considerou ir até o banheiro e se lavar antes de deitar ao lado dela, mas sentiu que ela precisava mais da presença dele do que de mãos limpas, e prometeu a si mesmo que, caso arruinasse as roupas dela ou o cobertor, a presentearia com coisas novas.

Ficou de pé e deu a volta na cama, então, parou para observar o corpo dela. Estava deitada em formato de S, a cabeça para frente e as pernas dobradas para trás. Quando ele se sentou do outro lado da cama, o colchão

afundou e a respiração de Cain ficou acelerada. Subiu na cama e se deitou, virou-se de lado e chegou mais perto de Ginger. Envolveu a cintura dela com um dos braços, absorvendo o aroma feminino e cálido do corpo dela, e a puxou para mais perto de si. Enfiou o outro braço embaixo da cabeça dela como um travesseiro e entrelaçou os joelhos aos dela. Ela estendeu a mão para segurar a dele e se aproximou até que estivessem tão colados que Cain conseguia sentir o peito dela subindo e descendo a cada respiração. Em vez de se concentrar na sensação de segurá-la em seus braços, ele fechou os olhos e sincronizou a respiração à dela. Aos pouquinhos, o coração desacelerou no peito e o seu corpo, que estivera tão ligado alguns minutos antes, se relaxou.

Pouco tempo depois, escutou a respiração pesada e deu-se conta de que ela havia caído no sono. Inclinou-se e pressionou os lábios nos cabelos dela.

Eu estou apaixonado por você, pensou ele, estremecendo ao puxá-la para mais perto de si. Estive apaixonado por você pela maior parte da minha vida, princesa. E eu prometo, aqui e agora, que você é a única pessoa do mundo para mim. Não estou dizendo que serei bom nisso, porque eu não faço ideia de como agir sem sair correndo. Mas não importa quanto tempo demore, eu prometo que vou esperar por você. Vou ajudá-la a encontrar a paz de que tanto precisa. Eu vou fazer qualquer coisa, minha querida. Qualquer coisa para ficar com você.

— Cain — sussurrou ela em meio à escuridão, a voz tão suave e cansada que ele não conseguiu identificar se ela estava dormindo ou não.

— O que foi, princesa?

— Não me abandone de novo — murmurou ela, suspirando profundamente antes de voltar a dormir.

Ele não fazia ideia se Ginger estava ciente do que acabara de dizer ou do que aquelas palavras causaram nele – a esperança que acenderam, o desejo que aliviaram, os lindos sonhos que incitaram.

— Eu não vou a lugar nenhum, querida — avisou ele baixinho. — Vou ficar com você.

Ela não respondeu, mas aconchegou-se mais a ele, e Cain entrelaçou

os dedos aos dela. Cain. Ginger. Cain. Ginger. Cain.

Seja bom para ela.

Cuide dela.

Ame Ginger.

— Obrigado, meu primo — suspirou Cain em meio à escuridão antes de cair no sono ao lado de Ginger.

Quente.

Seguro.

Cain.

Os primeiros raios de sol da manhã incidiram através da janela do quarto, o que era uma ótima desculpa para fechar os olhos e fingir que ainda estava dormindo. Os dedos dela ainda estavam levemente entrelaçados aos de Cain, e a parte frontal do corpo de Cain ainda estava pressionada às costas dela. Ginger conseguia sentir a respiração dele em sua nuca, profunda e calma, aquecendo a sua pele e causando arrepios em seus braços. Ela se virou e ficou de frente para ele, e foi recompensada por um grunhido baixo quando ele a abraçou com mais força.

Ela não se sentia desorientada nem confusa. Não se perguntou se ainda estava sonhando. Sabia onde estava e com quem, mas mal conseguia conter o turbilhão de emoções que a invadiu ao acordar nos braços de Cain. Havia uma sensação imediata de que aquilo estava certo, que era algo natural, como uma sensação de estar de volta ao lar. Era algo que ela nunca tinha sentido antes. Nem com Woodman. Nem com ninguém.

Virou-se para observá-lo enquanto dormia.

As maçãs do rosto estavam mais salientes que nunca, e a mandíbula definida estava coberta por uma barba por fazer, os pelos pretos contrastando com a palidez da pele. Admirou os lábios dele por um instante – estavam cheios e vermelhos, relaxados por conta do sono, e ela se lembrou da sensação de senti-los contra os seus. De forma tão delicada quando tinha

quinze anos e de forma tão voraz quando ela tinha dezoito. Qual seria a sensação agora? A mesma? Diferente? Ela respirou fundo, os seios pressionados contra o peito de Cain, os mamilos se enrijecendo por baixo da blusa de lã. Os cílios dele, longos e negros como obsidiana, ornavam os olhos e as sobrancelhas eram grossas e escuras.

Ele era tão lindo que Ginger perdeu o fôlego, e uma onda de sentimentos inesperados a atingiu em cheio. Durante toda a sua vida, Cain tinha sido um anjo sombrio em seu ombro: a voz da imprudência, o galanteador de olhos azuis, o responsável por estilhaçar seu coração e o carrasco de seus sonhos, afastando qualquer coisa segura e a desafiando a ir atrás do que fosse espetacular. E, em troca, ela o amara de formas diferentes – com paixão, com força, com fúria – desde que podia se lembrar.

E agora aqui estava ele, deitado ao lado dela, um homem feito, fincando raízes.

Pessoas do passado podem ser novas, Ginger.

Cain servira na Marinha. Perdoara o pai. Viajara mundo afora. Perdera o primo. Não era mais um arruaceiro nem um adolescente rebelde nem um jovem que andava a esmo sem fincar raízes em lugar nenhum. Era um novo homem, uma nova pessoa. E ainda assim, se ela estreitasse os olhos e virasse a cabeça de uma forma que os raios do sol iluminassem os cabelos negros, Ginger conseguia ver o Cain de sempre, em todas as suas formas, em todas as suas fases, até o desta manhã, que a envolvia em seus braços.

Nada – nadinha mesmo – parecera tão certo.

Parecia certo para o seu coração.

Parecia errado para a sua cabeça.

Woodman havia morrido há três meses. Não seria errado transferir o seu afeto para Cain tão rapidamente? Seria. Mas ela nunca amara Woodman da mesma forma que amava Cain. Ela nunca estivera *apaixonada* por Woodman. A realidade dura e fria era que ela era uma pessoa horrível que ficara noiva de alguém que não era o amor de sua vida. O amor de sua vida estava ao seu lado naquele momento. Ela não tinha perdido sua alma gêmea. Sua alma gêmea estava bem ali.

Será que era possível que a hora deles finalmente houvesse chegado?

Ela estremeceu.

Como podiam se entregar a esse relacionamento às custas da vida de Woodman? Eles podiam mesmo ter um futuro juntos? Será que ela era mesmo o que Cain queria? Como ela poderia saber? O Cain de agora – aparecendo quando ela chamava, ficando quando ela pedia – era um novo Cain. Ela não fazia ideia do que ele queria.

Mas ele não a odiara quando Ginger se declarara para ele três anos antes? Ele não a odiara quando voltara para casa em outubro? O que havia mudado? A morte de Woodman? Seria o luto o responsável por aproximá-los assim? Mas o luto se dissiparia. Não seria tão intenso assim para sempre. E depois o quê? O que aconteceria depois que a tristeza que os unia desaparecesse?

Ela respirou fundo, raspando o dente no lábio inferior enquanto o admirava, uma montanha de sentimentos fazendo com que se sentisse mais afastada dele do que instantes atrás. Muitas perguntas difíceis. Muita coisa para resolver para que pudessem abrir caminho para um futuro juntos. Parecia uma batalha perdida.

Cain, no entanto, estava alheio às preocupações dela.

— Hmmm — grunhiu ele, puxando-a para mais perto de si, os corpos colados um ao outro. Debaixo do macacão, a ereção abriu caminho em direção às coxas de Ginger, roçando-se contra ela enquanto um gemido baixinho escapava de seus lábios. As mãos dele, que ainda a envolviam, deslizaram em direção ao quadril de Ginger, e ele a puxou para perto de si, pressionando a virilha contra à dela e esfregando-se contra a garota.

E, caramba, que sensação maravilhosa. Tão maravilhosa que Ginger ficou sem fôlego e gemeu baixinho.

— Linda — murmurou Cain, os olhos ainda fechados quando aproximou o rosto do pescoço dela.

Ela arfou, surpresa.

— Cain. Cain, já chega.

Os lábios dele percorreram sua pele, a ponta da língua acariciando as veias pulsantes em seu pescoço.

— Ah, deixa eu continuar, linda — pediu ele lentamente, a voz carregada de sono.

— Cain! — disse ela mais alto, inclinando a cabeça para trás. Por mais que estivesse bom, ela não se sentia confortável em continuar com aquilo. Não fazia ideia de como as coisas estavam entre eles naquele momento. Não fazia ideia de onde pretendia chegar com Cain. Havia muitas coisas para acertar antes que ao menos considerassem dar o próximo passo. Ela deu um cutucão no ombro dele.

— Cain, pare com isso!

Ele abriu os olhos e afastou a cabeça, os olhos ficando cada vez mais arregalados.

— Gin? O que aconteceu? Onde estou?

Ela piscou para ele, observando o rosto de Cain enquanto ele se lembrava da noite anterior e se dava conta de onde estava.

— Bom dia.

Ele deitou de costas e esfregou o rosto com as mãos, as bochechas ficando cada vez mais coradas.

— Bom dia. Porra. Sinto... muito.

Cain, o lobo mau, que estivera com mais garotas que ela podia imaginar, estava corando como um adolescente pego no flagra com uma revista de mulher pelada. Ela deu uma risadinha e meneou a cabeça antes de colocar as pernas para fora da cama. Quando o olhou por sobre o ombro, Cain ainda estava encarando o teto como se sua vida dependesse disso.

— Quer ovos?

Ele se virou para ela, os olhos sombrios e agitados e, ainda assim suaves, e sentiu o coração palpitar quando ele a olhou e assentiu.

— Quero.

Porra. *Porra.*

Você estava praticamente trepando com ela por cima das roupas, cara! Recomponha-se, porra!

Estremeceu e sentiu o pau pulsar, quente, grosso e duro. Estava com uma ereção e tanto, e ela estava no andar de baixo fritando ovos para o café da manhã.

Ele respirou fundo e tentou pensar em futebol americano, basquete, nevasca, vômito, mas nada adiantou. Tudo o que conseguia ver eram os grandes olhos castanhos de Ginger a poucos centímetros dos seus. Tudo o que conseguia sentir era aquele corpinho delicioso colado ao seu, como se ela tivesse sido feita para ficar com ele, só com *ele*. Sentou-se ereto e olhou em direção ao banheiro, pensando se devia ir até lá bater umazinha, mas ouviu Ginger o chamando do andar de baixo:

— Cain! O café da manhã está pronto.

Ele só tinha duas opções: ou corria sem sair do lugar por cinco minutos para fazer o sangue circular para outras partes do corpo ou se forçava a mijar. A segunda opção foi a vencedora, mas deixou Cain com um mau humor que ele tentou dissipar no trajeto do banheiro até a cozinha.

Três meses sem mulher era um saco.

Essa era a verdade.

Ou era a verdade até que se viu parado na soleira da porta da cozinha observando Ginger McHuid servir ovos em dois pratos. Ela virou-se do fogão, surpresa por vê-lo ali embaixo, e aqueles lábios doces se curvaram no sorriso mais maravilhoso que ele já havia visto. E de repente ele não dava a mínima para três meses sem sexo. Só conseguia pensar naquilo que estivera pensando antes de cair no sono:

Você é a única mulher do mundo para mim. Eu vou esperar por você.

O que significava que ele tinha de encontrar um modo de vê-la.

Regularmente. E se isso significava que teria que vir até a Fazenda McHuid todo fim de semana, então que seja, mas ele torcia para que conseguisse encontrar outra forma.

— Está com fome? — perguntou ela, colocando os dois pratos sobre a mesinha na qual tomaram café da manhã três anos antes, depois que ele lavara a caminhonete da avó dela.

Estou faminto pra caralho, querida.

— Hm, estou — respondeu ele, sentando-se à frente dela.

— Não consigo acreditar que volto ao trabalho amanhã — comentou ela, pegando um pouco de ovo mexido com o garfo.

Porra. É verdade. Isso só vai dificultar as coisas, já que não vai ser tão fácil me encontrar com ela. Quem foi o gênio que a encorajou a voltar a trabalhar? Ah, é. Fui eu.

— Você vai trabalhar que dias mesmo? — perguntou ele, dando uma garfada no prato.

— Por enquanto? Segundas, quartas, quintas e em alguns domingos também.

— O que você vai fazer nas terças e sextas?

— Não sei. Talvez vou tentar fazer hora extra. — Ela deu de ombros. — Quer suco de laranja?

— Claro — respondeu ele. — Hm.

— “Hm” o quê? — quis saber ela, pegando o suco na geladeira e dois copos no armário. Sentou-se novamente e serviu suco para os dois. — Hein?

Será que é uma boa ideia? Uma péssima ideia? Porra, eu não sei. Eu não sei como funcionam essas coisas. Eu só sei que quero me encontrar com ela. Várias vezes.

— Por que você não começa a trabalhar para mim? — propôs ele.

Ela arregalou os olhos e abriu um sorriso surpreso para ele.

— *Trabalhar* para você? Você quer dizer... consertando motos? — Ela franziu o nariz de um jeito que ele sempre achou adorável. — Eu não sei nada sobre...

— Eu preciso de alguém para atender o telefone, não preciso?

— Ah... Você quer que eu seja sua secretária?

Ele deu de ombros.

— Eu não sei qual é o nome do cargo. Atenda o telefone. Diga oi para as pessoas.

— Recepcionista.

— É. Tipo isso — concordou ele, dando um gole no suco de laranja.

Ela mordiscou o lábio inferior por um instante antes de lambê-lo. *Ah, puta que pariu, Gin, eu não sou um homem muito forte, pare, por favor.* Ele afastou o olhar e encarou o prato, enfiando o garfo no ovo mexido com um pouco mais de força do que o necessário.

— Nossa! O que esse ovo fez para você?

O ovo está no prato que está na mesa que está entre o meu corpo e o seu, então, eu odeio esse ovo pra caralho. Eu quero passar por cima dessa mesa e te beijar até que você esteja implorando para que eu te coma até o sol se pôr e o dia raiar. É por isso que eu odeio esse maldito ovo.

— Então? — estimulou ele, franzindo o cenho para o prato antes de olhar para ela.

— Qual seria o meu horário, chefe? — perguntou ela, arqueando uma das sobrancelhas.

Atrevida. Caralho, ele amava quando ela estava atrevida.

— De meio-dia às sete.

— Que tarde!

— Eu gosto de dormir até tarde — grunhiu ele. *E gosto ainda mais quando estou dormindo ao seu lado, princesa.*

Ela abriu um sorriso.

— E quanto vou receber?

Foi só então que ele se deu conta: *Ela está aceitando. Ela está aceitando, porra. Eu vou vê-la todas terças e quintas-feiras.*

— Setenta e cinco dólares por dia.

— Noventa e cinco — negociou ela.

— Feito.

— Feito — repetiu ela com um sorriso radiante no rosto.

Ele a observou atentamente – os cabelos louros, dourados à luz do sol que irradiava pela janela da cozinha, os lábios cor-de-rosa que ele tanto queria provar novamente. *Logo, logo, cara. Logo, logo.*

Ela estendeu a mão para ele, dando um risinho leve.

— Temos um trato?

Ele pegou a mão dela por cima da mesa e a apertou.

— Feliz Ano Novo, princesa.

— Feliz Ano Novo, Cain.

Capítulo Vinte e Nove

Enquanto apertava o botão do quarto andar, Ginger suspirou, satisfeita. Os pés latejavam depois de um plantão de oito horas, mas ela se sentia energizada e revigorada... e agora, faltava menos ainda para o dia seguinte, quando veria Cain novamente.

No dia anterior, depois do café da manhã, perguntara a Cain se ele visitaria o túmulo de Woodman com ela e ele concordou. Foi com ela até o cemitério e segurou a mão de Ginger enquanto ela chorava. Depois de um instante, ele a soltou e saiu de perto, dando um pouco de privacidade a ela, e Ginger conversou com Woodman por um tempinho, dizendo a ele como sentia sua falta. Quando não tinha mais nada a dizer, avistou Cain prostrado debaixo de uma árvore seca a uns vinte metros de distância e foi ao encontro dele.

— Você está bem, princesa? — perguntou ele, afastando-se do tronco e abrindo os braços.

Ela se deixou envolver pelo abraço dele, os braços pendendo ao lado do corpo. Apoiou o rosto no peito de Cain e fechou os olhos. Segundos se tornaram minutos e ele não disse nada, apenas a segurou em seus braços, o queixo apoiado no topo da cabeça dela, e assim ficou pelo tempo que Ginger precisou dele.

A cada respiração, o peito dele, forte e largo, oscilava, um lembrete da força dele, da força que ele estava compartilhando com ela. E a cada respiração, ela se sentia cada vez mais certa de que conseguiria suportar a ausência de Woodman, desde que nunca tivesse que suportar a ausência de Cain.

Por fim, quando estava quase caindo no sono, levantou a cabeça e Cain a encarou.

— Está melhor?

Ela respirou fundo e assentiu.

— Um pouquinho.

Os olhos dele, azuis e tristonhos, fitaram os dela.

— Um pouquinho é melhor do que nada, certo?

— Sinto saudade dele — confidenciou ela baixinho.

— Eu também.

— Será que vamos sentir saudade dele para sempre?

Cain suspirou.

— Essa dor não vai durar para sempre, mas sim. Acho que vamos.

Ele interrompeu o abraço e Ginger sentiu falta do calor de Cain, mas ele logo pegou a mão dela e entrelaçou à sua.

— Que tal se formos buscar seu carro?

— Pode ser — concordou ela, deixando-se guiar pelo caminho que ladeava o túmulo de Woodman e seguia em direção ao estacionamento. — Sabe, antes de ele ter saído para... combater o incêndio naquela noite, nós tivemos uma... não sei exatamente o que foi, na verdade. Uma briguinha, acho.

— Você e Woodman?

Ela assentiu.

— É. E eu...

— Você o quê?

— Eu queria que não tivéssemos brigado. Queria tê-lo beijado e dito o quanto eu o amava.

— Ele sabia — afirmou Cain baixinho, soltando a mão dela quando chegaram à moto. — E ele a amava mais do que tudo no mundo, Ginger.

A porta do elevador se abriu no quarto andar, e as suas lembranças do dia anterior se dissiparam quando ela saiu em direção ao corredor, ansiosa para visitar a avó por alguns minutinhos antes de ir embora.

Conforme se aproximava do quarto, notou que o arquivo da avó ainda estava na caixinha de plástico ao lado da porta. Ginger não era a

enfermeira encarregada do quarto andar, mas não conseguiu resistir ao ímpeto de dar uma olhadinha no arquivo. Arrependeu-se quase instantaneamente.

Dois de janeiro: Recomendação de cuidados paliativos. Paciente não avisada a pedido do filho.

Cuidados paliativos, também conhecidos como cuidados do fim da vida. Era um tratamento recomendado para quando o tratamento médico habitual havia parado de funcionar. Significava que o corpo da avó não respondia à medicação que devia diminuir a progressão do Parkinson. Significava que ela não tinha mais muito tempo de vida.

Será que Ginger não tinha notado, enquanto sofria pela morte de Woodman, a deterioração acelerada na saúde da avó? Ela ainda conseguia falar muito bem, ainda que estivesse nos estágios mais avançados da doença. Não apresentara sinais de demência ou esquecimento. Mas o arquivo apontava incontinência, constipação, falta de ar e dificuldades para engolir. Administrariam alguns medicamentos para aliviar o estresse e a dor, mas o corpo da avó estava se deteriorando depressa, e pelo jeito o seu pai pedira à equipe médica para não contar à avó que seu tempo estava acabando. O que significava que Ginger precisava manter-se firme sempre que estivesse ao lado da avó.

É claro que ela sabia que a doença da avó venceria eventualmente, e ela já tinha percebido que a avó estava nos estágios mais avançados da doença. Mas Ginger não sabia que isso aconteceria tão cedo assim.

Então, lembrou tudo que sabia sobre Parkinson: um paciente poderia viver anos recebendo cuidados paliativos. Parkinson era uma doença complexa e, sozinha, não era suficiente para tirar a vida de alguém. Para que isso acontecesse, complicações precisariam aparecer. Enquanto a avó permanecesse no Silver Springs, cuidada por uma equipe de médicos e enfermeiros, ainda poderia ter mais tempo de vida. E Ginger escolheu se agarrar a essa possibilidade do que pensar na chance de perder alguém a quem amava.

De queixo erguido, guardou o arquivo na caixa de plástico, enxugou os olhos e abriu um sorriso. Se tinha alguém no mundo que merecia a

coragem de Ginger, esse alguém era a sua avó.

— Oi, bonitona — cumprimentou ela ao adentrar o quarto. Logo avistou um buquê de flores silvestres que não estava ali na véspera de Ano Novo.

— B-boneca — disse a avó baixinho.

Ginger inclinou-se e beijou a bochecha da avó.

— Ganhou mais um buquê?

Os olhos da avó pousaram sobre as flores e voltaram a olhar para a neta.

— Como f-foi... o t-trabalho?

— Foi ótimo — respondeu ela, pegando a mão trêmula da avó.

— V-veja você... a-amanhã?

— Posso vir de manhã se você quiser, porque vou começar a trabalhar com Cain às terças e quintas.

Foi apenas a imaginação de Ginger ou os olhos da avó cintilaram?

— Como está... C-Cain?

— Confuso. Maravilhoso. Péssimo. Incrível. — Ginger bufou baixinho, tracejando as veias azuladas no dorso da mão da avó antes de levantá-la e beijá-la. — Você se lembra de quando eu tinha quinze anos? Você me alertou em relação a ele.

— Eu não... c-confiava nele. Mas, b-boneca... — A avó se esforçou para respirar fundo e, quando conseguiu, suspirou profundamente antes de continuar. — As p-pessoas m-mudam... C-Cain... m-mudou?

— Mudou — respondeu Ginger, deitando-se ao lado do corpo trêmulo da avó. — Ele mudou sim. Para começo de conversa, ele até fincou raízes. Não está mais bebendo e não é mais rebelde. Ele cresceu, vovó. Não é mais um garoto. Ele é... Ele é um homem agora.

— Um homem b-bom?

Ginger parou para pensar. Lembrou-se de como ele fora contar a ela sobre Woodman, de como ele a tirara do poço sombrio e depressivo e a trouxera de volta à vida. Como ele arriscara os sentimentos dela ao dizer a verdade, como fora a encontrar na véspera de Ano Novo e como a fizera companhia no dia anterior.

— Acho que sim... Mas, vovó, eu já o amei no passado e ele não me amava de volta. Ele não me queria.

— Cain s-sempre... te quis.

Ela negou com a cabeça.

— Não. Isso não é verdade.

— É sim, q-querida. Sempre. Ele a-apenas... n-não achava q-que era... d-digno de v-você. E t-talvez não f-fosse mesmo... s-sempre perambulando p-por aí... c-com Deus sabe quem.

— Ele não é mais assim — avisou Ginger rapidamente. — Ele abriu um negócio, vovó. Ele está mudado. Eu juro. — Ela inspirou profundamente e deixou o ar sair aos poucos. — Desde que Woodman... desde que Woodman... *morreu*, Cain está diferente. — Ela tremeu, como se a noção da morte de Woodman ainda fosse uma novidade dolorosa. — Ele ainda é mal-humorado. Ainda fala muito palavrão. E é mandão que só ele. Mas eu acho que... Quer dizer, sinto que estarei desperdiçando uma chance se não ficar com ele. De certo modo, ele me salvou, vovó. Ele me salvou de passar a vida toda afundada em sofrimento.

— Você disse... que j-já o amou... um d-dia?

— Muito mesmo — confessou Ginger, lembrando-se da coragem que precisou reunir para ir ao encontro dele no antigo celeiro e declarar o seu amor por ele. As mãos dele em seu rosto. O corpo dele pressionado ao dela contra a parede do celeiro. O beijo. As mãos dele. *Cain, Cain, Cain... Eu amo você. Meu Deus, amo tanto.*

— E e-esse tipo... de a-amor... m-morre? — quis saber a avó.

Não. Não morre. Não minta, Ginger. Não diga que morreu quando você consegue senti-lo vivo em seu coração nesse exato instante.

Ela mordeu o lábio inferior, pensativa, antes de responder.

— Não morre, mas torna-se cauteloso.

— Então... f-faça tudo... no s-seu t-tempo — aconselhou a avó.

As palavras saíam enroladas e a voz ficava cada vez mais baixa e o corpo cada vez mais trêmulo. Ginger deitou-se de lado e envolveu a avó em seus braços.

— Eu vou sentir sua falta... um dia — declarou Ginger, uma única lágrima escorrendo pelo rosto.

— Mas v-você... terá... C-Cain.

Será? Será que é possível que, depois de tudo que passamos, Cain e eu fiquemos juntos?

Os olhos da avó estavam se fechando.

— Concentre-se... em q-quem ele é... não em quem... costumava ser.

Um novo homem. Um homem bom. Um homem gentil. Um homem que não vai embora. Um homem que faz seu corpo todo esquentar. Um homem que ela sempre quis, e ainda assim...

— Se eu me der permissão para amá-lo, acho que não aguentaria perdê-lo novamente. Vovó, eu precisaria ser tão corajosa para me apaixonar por ele de novo.

— G-garotinha... d-do coração v-valente — murmurou a avó, caindo no sono.

Ginger se sobressaltou, imaginando quando a avó teria escutado Cain chamá-la daquele jeito. Mas Cain a chamava assim há séculos. Certamente a avó deve ter escutado em algum momento dos últimos anos.

Mais forte que a própria morte, com um coração valente.

Mas será que ela era forte o suficiente para dar mais uma chance ao amor e a Cain? E será que ele estava interessado em receber essa chance?

Era apenas o segundo dia em que a Motocicletas Wolfram estava aberta, mas nada estava dando certo.

Cain tinha comprado dois *laptops* – um para ele e um para Ginger – mas o cara que ele contratou para instalá-los basicamente disse que os dois eram um lixo. Ótimo. Então, Cain teve que ir até a Best Buy em Lexington e comprar dois *laptops* novos pelo o dobro do preço dos primeiros que havia comprado.

Quando voltou, notou que as flores que ele tinha colocado em cima da mesa de Ginger haviam sumido, então, o técnico de informática admitiu que tinha esbarrado no vaso sem querer e o quebrado em milhares de pedacinhos, mas tinha recolhido toda a sujeira e jogado tudo no lixo. Então, Cain teve que tirar o lixo e ir até a floricultura para comprar flores novas.

Quando voltou, o telefone estava tocando. Alguém ligando para informar sobre um barulho estranho no motor da moto. Será que Cain poderia dar uma olhadinha? Claro que podia. Poderia ser ao meio-dia? Ele fez careta. Definitivamente não queria recusar um trabalho, mas estava torcendo para ter a chance de bater um papo com Ginger quando ela chegasse.

— Claro — concordou ele, estava profundamente mal-humorado, mas manteve o tom de voz profissional. — Ao meio-dia está ótimo. Pode trazer a moto e eu dou uma olhada.

— Sr. Wolfram — começou Linus, o técnico de informática assim que Cain desligou o telefone —, você quer Wi-Fi, conexão DSL ou via cabo?

Cain, que fora um adolescente rebelde e um bombeiro naval, não sabia quase nada sobre computadores.

— Hm, eu preciso de internet.

— Eu sei. Mas como você prefere: cabo, DSL ou Wi-Fi?

Cain cerrou a mandíbula.

— O que você escolheria no meu lugar?

— DSL ou cabo conectado ao seu *laptop* e Wi-Fi para a sua assistente. E você também pode disponibilizar o Wi-Fi para os clientes enquanto estiverem esperando o serviço ficar pronto.

— Maravilha. Ótimo. Manda bala.

— DSL ou cabo?

— Tanto faz! — gritou Cain, atendendo o telefone. — DSL Wolfram.

— *Ah, desculpe, foi engano.*

A pessoa desligou antes que Cain tivesse chance de corrigir o erro. Ele grunhiu e bateu o telefone no gancho.

Preciso dar o fora daqui por alguns minutos.

Mas, quando estava prestes a arrancar todos os fios de cabelo da cabeça, a sineta em cima da porta soou, indicando que alguém tinha acabado de adentrar o showroom.

— Oi? Cain?

E todo o estresse que o atormentara durante aquela manhã evaporou de seu corpo. Ela estava ali. Cain examinou as próprias roupas e fez careta. Não teve tempo para tirar o macacão e vestir jeans e camiseta, mas estava torcendo para que ela não se importasse.

— Dê um jeito nisso aí — grunhiu ele para Linus e o rapaz se encolheu, voltando a atenção para os dois computadores.

Cain atravessou o escritório e parou à soleira da porta e olhou em direção ao showroom, onde avistou Ginger envolta pelos raios de sol enquanto admirava a moto preferida dele. O cabelo louro estava preso em um rabo de cavalo, aquela bunda perfeita estava linda em uma calça jeans colada, e a mão dela acariciava o para-choque cromado de uma moto *Zündapp K800* de 1952. Cain demorou-se por um instante para gravar aquela cena – mais *sexy* do que qualquer filme pornô – em um cantinho do seu cérebro. Então, pigarreou.

— Você gostou?

Ela se virou para ele e curvou os lábios em um sorriso.

— Parece bem antiga.

— E é. Tem quase sessenta e cinco anos.

— Uau! É linda, Cain.

Ele admirou a motocicleta antiga.

— Conheci um cara na Suécia chamado Sven, ele era da Islândia. Ele restaurava motos antigas e, quando minha viagem pela Europa chegou ao fim, fui até a oficina dele. Acabei ficando lá por uns meses. Foi assim que tive a ideia de abrir meu próprio negócio.

— Essa moto era dele?

Cain meneou a cabeça.

— Eu a vi na Inglaterra e pedi para que fosse despachada para oficina de Sven. Nós a restauramos juntos. Ela vale uma grana agora para um colecionador, pois, está em perfeitas condições.

Ela apoiou as mãos na lateral do quadril, virando a cabeça para olhar para ele.

— O que *aconteceu* com você? — Ela meneou a cabeça e deu uma risadinha. — Às vezes até me esqueço que você é o mesmo garoto que conheço desde sempre.

— E isso não é algo bom, princesa?

— Talvez — respondeu ela, a voz suave e ansiosa, um sorriso caloroso no rosto. — Você está todo crescido agora.

— Já estava na hora.

— É, acho que sim.

— Tem alguma reclamação?

Ela mordeu o lábio inferior, como se estivesse ponderando se devia dizer algo. Decidiu que não, então, negou com a cabeça.

— Nenhuma.

Ele sabia que era um ato descarado, mas olhou fixamente para os lábios dela, então, foi percorrendo o corpo dela com os olhos: o pescoço, os

seios, cheios e firmes em um suéter azul. Mais para baixo, a cinturinha fina e os quadris estreitos. As pernas escondidas debaixo da calça jeans, provavelmente torneadas depois de uma vida inteira montando a cavalo. Deixou que seu olhar trilhasse o caminho inverso, devagarinho e repleto de admiração, até chegar ao rosto. Admirou aqueles olhos castanhos, escuros e arregalados.

— Você também cresceu, Gin.

Ela engoliu em seco.

— Tem alguma reclamação?

Ele negou com a cabeça.

— Nenhuma.

— Hm, Sr. Wolfram? — chamou Linus de dentro do escritório. — Tenho uma pergunta sobre o cabeamento, senhor.

Maldito Linus.

— Está pronta para começar o trabalho? — Cain perguntou a Ginger.

Ela assentiu, mas pôde jurar que viu uma pontinha de decepção nos olhos dela, como se estivesse curiosa para descobrir onde aquela conversa ia dar caso estivessem sozinhos e com tempo de sobra.

— Acho que sim.

Ele a guiou até o escritório e a apresentou a Linus.

— Linus, essa é a Ginger. Ginger, esse é o Linus. Ele é da loja de informática. Obviamente — murmurou ele.

— Oi, Linus — cumprimentou Ginger, estendendo a mão para o rapaz mirrado que usava óculos.

Por cima da cabeça de Ginger, Cain lançou um olhar a Linus que dizia que Ginger estava completamente fora de cogitação a não ser que ele estivesse a fim de apanhar com o laptop que estava configurando.

— Boa tarde, senhorita.

— Ginger é a, hm, recepcionista ou, hm, secretária. Então mostre a ela como essas paradas aí funcionam, tá?

O ronco de um motor soou do lado de fora e logo a porta do showroom se abriu, fazendo a sineta soar.

Ginger lançou um olhar a ele.

— Devo ir...?

— Não — respondeu Cain. — Fique aqui e dê um jeito nesses computadores, tudo bem? — Ele apontou para uma pilha de papéis. — E talvez resolva isso aí? Mais tarde eu volto.

E queria mesmo voltar. Porra, adoraria passar o dia todo apenas a admirando. Mas o cara com problema no motor fazia parte de um clube de motociclistas de uma cidade vizinha, e ele ligara para um cara que ligara para outro e para outro, e Cain estava deitado debaixo de uma motocicleta britânica antiga, chamada *Vincent Rapide C*, quando avistou Linus seguindo em direção ao seu *fusca* preto, branco e laranja.

— Linus! — chamou ele. — Já terminou por hoje?

Linus virou-se para olhar para Cain, uma expressão perplexa no rosto.

— *Já?* São quase sete da noite. Mas sim, já terminei. Depois eu mando a conta.

Cain verificou o relógio e piscou quando viu o horário. *Porra.* Ginger iria embora dali a quinze minutos.

Havia três motociclistas esperando na garagem, mas ele saiu de debaixo da moto e ficou de pé.

— Caras, preciso fechar a oficina daqui a pouco. Vic, acho que você não vai mais ter problemas com a embreagem. Frank, será que você pode deixar a Vincent comigo por mais uns diazinhos?

— Claro, Cain — concordou Frank, assentindo com compreensão.

— Eu, hm, eu ligo para você quando terminar de arrumar os garfos de suspensão dianteira. Talvez precise encomendar algumas peças.

— Caramba, filho. Você sabe tudo sobre motos.

Cain abriu um sorriso para o homem mais velho.

— Venho mexendo em motos desde que me conheço por gente.

Ele se despediu dos homens, dizendo para voltarem sempre, e voltou para o interior da oficina para saborear os últimos minutos com Ginger.

Deu uma batidinha leve na porta do escritório e observou quando ela ergueu o olhar. Estava sentada à mesa, que parecia muito mais organizada agora do que estivera naquela manhã. Todas as contas e recibos espalhados haviam sido substituídos por uma pilha de pastas organizadas, e os laptops estavam na outra extremidade da mesa. Havia uma cadeira de cada lado.

— Oi — cumprimentou ela.

— Oi — devolveu ele, limpando as mãos sujas de graxa no macacão e adentrando o escritório. — Como foi o primeiro dia de trabalho?

— Foi bom. — Ela fez um gesto em direção aos arquivos. — Organizei e separei os arquivos de compras e os recibos. — Apontou para uma pilha de papéis cor-de-rosa. — Mensagens que deixaram por telefone. — Pegou o *laptop* à sua frente e o mostrou para ele. — Um programa simples de contabilidade que Linus me ajudou a instalar.

— Está tudo perfeito, Gin. Obrigado por me ajudar a organizar as coisas.

Ela sorriu.

— De nada. Achei melhor anotar os recados em vez de ir perturbar você. Pensei que você já tinha trabalho demais para um dia só.

— Valeu.

— E pelo tamanho daquela pilha, acho que amanhã vai ser um dia cheio. — Ela respirou fundo e suspirou. — Bem, já são quase sete horas. Acho que é melhor eu ir. — Ela pegou o casaco e o vestiu. — Então, vejo você na sexta-feir...

— Ei, hm... — Ele apoiou as mãos na lateral do quadril, sentindo as bochechas queimarem. — Quer sair, hm... quer sair para jantar comigo na

sexta-feira? Depois do trabalho?

— Claro. — Ela abriu um sorriso. — Mas as suas namoradas não vão ficar com ciúmes?

— Não tenho namorada — respondeu ele, mantendo a expressão séria.

— Bem, se vamos ser honestos, você nunca teve uma namorada *de verdade* — declarou ela baixinho. — O que você teve foi uma cambada de...

Ele ergueu a mão para interrompê-la.

— Só estou interessado em uma garota, Gin. E ela está bem na minha frente.

Os olhos dela se arregalaram, e Cain observou a respiração dela se acelerar. Os lábios se abriram em surpresa e ela o observou atentamente, levando a palma da mão ao peito.

— Eu?

Você está reivindicando algo aqui?

Ele assentiu.

— Não tem mais ninguém aqui, princesa.

— Espere aí. Hm. — Ela pendeu a cabeça para o lado, o rosto confuso e chocado. — Calma aí, Cain... você está me chamando para um *encontro*?

— Eu não sou um especialista em encontros, Ginger. Mas sim — disse ele, assentindo com a cabeça —, acho que você pode dizer que é um encontro.

— Estou mais interessada no que você pode dizer sobre isso — rebateu ela, baixando a cabeça e arqueando a sobrancelha.

Atrevida. Seu coração se acelerou no peito. Suas bolas se contraíram. *Caramba.*

Ele a encarou fixamente, incapaz de evitar o sorriso. Deslizou o polegar pelo lábio inferior e continuou a encarando — encarando-a da mesma

forma que faria quando ela estivesse nua na cama e ele pudesse tê-la a noite inteirinha.

— Eu diria que é um encontro — disse ele por fim, a voz áspera.

— Ah — murmurou ela, piscando para ele. — Hm. Eu não estava, hm, eu não estava...

Merda. Ela estava dando um fora nele? *Ah, merda.* Ele tinha interpretado tudo errado.

— Quer saber de uma coisa? Deixe, hm, deixe para lá — pediu ele, respirando fundo e tentando impedir que uma onda de decepção viesse à tona e o deixasse arrasado.

— Não, valeu.

— Tá.

Ele pendeu a cabeça para baixo e fitou o chão, piscando, perguntando-se o que tinha feito de errado. Tinha pensado que... porra, tinha pensado que ela também estava a fim dele. Mas deve ter entendido tudo errado. Ela não estava interessada nele. Só estava interessada em sua amizade e em seu conforto e...

— Não, valeu. Eu não quero deixar para lá — declarou ela baixinho. — Eu quero...

Ele levantou a cabeça e a observou atentamente, sem nem conseguir respirar.

— Eu *quero* sair para jantar com você na sexta-feira. Eu quero ir em um encontro com você, Cain.

— Sério? — perguntou ele, soltando o ar pela boca e deslizando a mão pelo cabelo despenteado. Sentiu os lábios se abrirem em um sorriso aliviado. — Quer mesmo?

Ela assentiu, abrindo um sorriso doce.

— Quero sim.

O coração dele apertou no peito, porque ela estava tão limpa e

delicada e linda sentada atrás da mesa do escritório. E porque ela havia dito sim, quando ele tinha certeza de que ela diria não. Manteve o olhar fixo ao dela e sorriu, perguntando-se se era assim que Woodman se sentia quando Ginger estava por perto, e entendendo – entendendo *de verdade* — por que Woodman a havia reivindicado tantos anos antes e por que havia se agarrado com tanta força àquilo.

Ela lambeu os lábios e mordiscou o lábio inferior, devolvendo o olhar para Cain. Abriu um sorriso bobo e seus olhos cintilaram.

Ah, meu coração, princesa. Eu nunca o entreguei a ninguém, mas agora ele é seu. Ele é todo seu.

— Tudo bem então. — Ele engoliu em seco. — Nos vemos na sexta-feira.

— Encontro marcado — disse ela em meio a risadinhas, como se mal pudesse acreditar naquilo. Pegou a bolsa e deu a volta na mesa. Parou ao lado de Cain e ficou na ponta dos pés antes de beijar a bochecha dele com aqueles lábios doces. — Boa noite, Cain.

Ele ficou paralisado, sem conseguir respirar, o corpo tenso e imóvel. Escutou quando ela passou por ele e saiu porta afora, escutou quando ela deu partida no carro e os pneus cantaram no asfalto. O aroma de limão ainda envolvia o escritório, e a bochecha dele queimava como se tivesse sido marcada a ferro...

... e ainda faltavam três longos dias até sexta-feira.

Capítulo Trinta

Na sexta-feira, Ginger apareceu na oficina vestindo uma calça jeans, uma camiseta de manga longa e tênis. Mas havia deixado uma blusa de gola alta e um par de botas pretas no porta-malas do *Jeep*. Assim como na terça-feira, passou a maior parte do dia sozinha no escritório, atendendo telefonemas e fazendo café para os caras que esperavam ali enquanto Cain consertava as motos. Vários deles vinham se sentar na cadeira de visitantes enquanto esperavam Cain aparecer para dizer que tinha terminado ou que ia precisar de mais um tempinho, e Ginger ficava conversando com eles, e descobriu que gostava da companhia deles e de bater papo. Mas o que ela mais gostava era que, quando Cain entrava no escritório, a primeira coisa que fazia era olhar para ela. E ela se via ansiando por aqueles segundos de intimidade, que logo se tornaram o ponto alto de seu dia.

Ela conversara sobre Cain com a avó no dia anterior, contando a ela sobre o encontro que haviam marcado para sexta-feira, e a avó ficou maravilhada. Ginger teria ficado tão animada quanto a avó se não fosse por uma ideia fustigando a sua mente.

Será que ela e Cain só estavam próximos por causa do luto?

Como a maioria dos relacionamentos que começavam sob pressão, Ginger se preocupava com a possibilidade de aquilo não acabar bem. E perder Cain novamente era demais para o seu coração tão castigado.

Três anos antes, Cain a magoara e, como resposta, ela redirecionara sua atenção, ainda que não seus sentimentos românticos, para Woodman. Como tinha se jogado nos braços de Woodman logo depois de se declarar a Cain, ele deve ter pensado que ela era completamente indecisa e decidido que Woodman merecia alguém muito melhor que ela. Quando ele foi atrás dela no churrasco do corpo de bombeiros, a discussão que tiveram foi cáustica e cheia de ódio. Poucas horas depois daquilo, Woodman morreu tragicamente, e, um mês depois, Cain voltou à vida dela. E, agora, ali estavam eles, prestes a sair em um encontro. E se tivesse restado dúvidas acerca da intenção do encontro no momento em que ele o propôs, Cain deixou muito claro pelo olhar ardente em seus olhos, que estava interessado em Ginger.

Mas por quê?

Ou melhor... como?

Eles eram praticamente arqui-inimigos no churrasco.

Daí, Woodman morreu.

E toda o ódio que sentiam um pelo outro evaporou.

Era tudo muito estranho, e lá no fundo, Ginger sabia que não fazia sentido, e aquilo a preocupava. Será que a raiva que sentiam um pelo outro tinha ido embora de verdade? Ou só estava adormecida temporariamente para dar lugar ao luto? Será que tinham se acertado tão rapidamente assim só porque tinham perdido alguém que amavam? Isso não significava que, assim que o sofrimento diminuísse, toda aquela raiva e mágoa voltariam à superfície? Eles não teriam que lidar com tudo o que acontecera entre eles no passado em algum momento? Caso contrário, como conseguiriam seguir em frente?

Ela não sabia. Mas aquilo a preocupava muito.

Às sete em ponto, foi até o carro para pegar a blusa e as botas, voltou ao escritório e se trocou no banheiro. Passou rímel e batom, soltou o rabo de cavalo e penteou o cabelo até que pendesse em uma cascata de cachos brilhantes. Quando estava pronta, abriu a porta e deu de cara com Cain.

— Princesa — murmurou ele, os olhos trilhando o corpo dela, dos olhos até os lábios, passando pelo pescoço e pelos seios até chegar às botas e, depois, traçando o caminho oposto. — Você está... *linda*.

— Obrigada — agradeceu ela, com um sorriso nos lábios. Viu que ele segurava uma calça jeans. — Parece que tivemos a mesma ideia.

— Você pode esperar um minutinho enquanto eu me troco? — pediu ele.

Ela assentiu.

— Vou desligar os computadores e configurar o telefone para que as chamadas caiam na secretária eletrônica. Espero você no showroom.

— Perfeito — concordou ele sem se mexer, as covinhas salientes e

adoráveis.

O coração de Ginger acelerou no peito quando ele se aproximou da porta do banheiro, cada vez mais perto, até roçar a lateral do corpo no dela. Ele se inclinou e sussurrou no ouvido dela:

— Você está linda, princesa, mas também está *gostosa pra caralho*.

Ginger conseguiu evitar de gemer em voz alta enquanto ele passava por ela e fechava a porta do banheiro atrás de si. A pele formigava e o coração martelava no peito, e ela sabia que, se olhasse no espelho, veria que seus olhos estavam arregalados e escuros como a noite.

— Gin — chamou ele de dentro do banheiro. —, você ainda está parada aí fora?

Ela abriu os lábios, surpresa, e caminhou em direção à mesa na ponta dos pés, esforçando-se para ser o mais silenciosa possível. *Tão convencido*.

— Oi? Você falou alguma coisa? — perguntou ela.

Ela escutou uma risadinha e sentiu as bochechas corarem. Configurou o telefone e desligou os dois *laptops*.

— Você mente muito mal — avisou ele.

— Não faço ideia do que você está falando — respondeu ela, apoiando as mãos no quadril e mostrando a língua para a porta do banheiro.

Ele riu novamente e, dessa vez, ela não conseguiu evitar e riu também. A felicidade de Cain era muito contagiante para ignorar.

Ele falou através da porta do banheiro novamente.

— Pensei de irmos com o seu carro até Apple Valley esta noite e, depois do jantar, levo você para casa e fico na casa do meu pai.

Hm. Ele havia pensado em tudo. E ela se viu estranhamente tocada pelo fato de Cain ter bolado um plano. Sabia que ele fora sincero ao dizer que todo esse lance de encontros era novidade para ele. Ele era bem saidinho na época do Ensino Médio, mas Ginger nunca o tinha visto com uma namorada de verdade. E Woodman nunca dissera nada sobre Cain arranjar uma namorada na época da Marinha. Ela não acreditava que ele *nunca* tinha ido a

um encontro, mas sabia que não era algo corriqueiro na vida dele, o que tornava os seus esforços ainda mais adoráveis.

Ainda assim, ela não estava nem um pouco pronta para ir a um encontro com Cain Wolfram em Apple Valley.

— Hmm — começou ela. — Que tal se a gente ficar aqui por Versailles?

Silêncio. Barulho de água escorrendo por trinta segundos. Mais silêncio.

— Cain?

— Por que você não quer ir para Apple Valley?

Ela estremeceu.

— Eu e Woodman morávamos lá, Cain. Era nossa casa, sabe. O que pensariam se vissem que...

A porta do banheiro se abriu de supetão e Cain apareceu à soleira, os olhos sombrios e sérios.

— Você tem vergonha de ser vista comigo?

— *O quê?* — arfou ela. — O que você está... não! Claro que não!

Ele pegou uma toalha ao lado da pia e enxugou a espuma de barbear de sua mandíbula recém-barbeada. Havia tirado o macacão e colocado uma calça jeans e uma camisa branca. Estava tão maravilhoso que ela não conseguiu evitar que um gemido de prazer escapasse de seus lábios. Mas talvez tenha sido bom, porque Cain ouviu e sua expressão atordoada se suavizou um pouco.

A voz estava mais calorosa quando disse:

— Gin, converse comigo. Conte o que se passa na sua cabeça, linda.

— Eu não quero que fiquem fofocando sobre mim — confessou ela, apoiando-se na mesa de escritório e cruzando os braços sobre o peito. — Não. Não é só isso. Eu não quero... — Ela engoliu em seco. — Eu não quero desonrar a memória de Woodman, aparecendo com o primo dele apenas três

meses depois que ele morreu.

O peito de Cain se expandiu conforme ele respirava fundo e a encarava, absorvendo o que ela acabara de dizer. Por fim, assentiu devagar.

— Tudo bem. Mas se você não quer sair comigo, por que concordou em ir a um encontro?

Ela respirou fundo, as palavras ressoando em sua cabeça enquanto ela reunia a coragem para dizê-las.

— Eu *quero* sair com você. Ficar com você não parece *errado* — declarou ela baixinho, olhando-o fixamente.

Ele estremeceu de leve e, então, sua postura relaxou e ele jogou a toalha no banheiro e deu um passo em direção a ela.

— Mas também não parece totalmente certo? — perguntou ele. — Você só vai sair comigo desde que mais ninguém saiba? Não gosto disso. Parece que sou um segredinho sujo ou algo do tipo.

Ela descruzou os braços e deu um passo à frente, diminuindo a distância entre eles. Levantou a mão e acariciou o rosto dele.

— Você não é um segredinho sujo. Parece tão certo — garantiu Ginger baixinho. — Quando somos só nós dois, prometo que parece certo, Cain.

— Mas...?

— Mas é tão complicado.

Cain virou o rosto para beijar a mão de Ginger e a envolveu em seus dedos antes de soltá-la.

— Vamos fazer assim... Eu levo você a algum lugar que não seja em Apple Valley esta noite desde que a gente converse sobre por que isso é tão complicado. Combinado?

— Combinado — respondeu ela, seguindo-o para fora do escritório e perguntando por onde devia começar.

Ela entregou as chaves do carro a Cain para que ele dirigisse, e como ele realmente queria conversar com ela, decidiu levá-la à casa dele. Primeiro, porque ficava no meio do caminho entre Versailles e Apple Valley e, segundo, porque queria Ginger todinha para ele, e que lugar melhor para terem privacidade para conversar do que a casa dele?

No entanto, Ginger se fechou assim que entraram no carro. Não estava dizendo nada.

— Gin? — começou ele enquanto se afastavam da Motocicletas Wolfram. — Conte-me por que é tão complicado.

— Por onde começo?

Ele deu de ombros.

— Por onde quiser.

— Você é primo de Woodman.

— Sou sim.

— Vai pegar mal se eu começar a sair com você alguns meses depois da morte dele. — Ela suspirou e afastou o olhar. — Ele morreu em outubro e nós estamos em janeiro. E se nós começarmos a sair, vai parecer que eu não amava Woodman de verdade.

— Mas é claro que você o amava.

Depois de cinco segundos sem resposta, Cain olhou para Ginger.

Ela estava mordendo o lábio inferior com uma expressão preocupada no rosto, as sobrancelhas franzidas enquanto encarava o chão.

— Mas é claro que você o amava — repetiu ele, encarando-a.

A mandíbula dela estava cerrada e ela piscou repetidamente.

Ele estacionou o carro, desligou o motor e virou-se para ela.

— Diga-me que você o amava, Gin — murmurou ele.

— Não como eu devia — sussurrou ela por fim.

— Como assim?

Ela virou-se para ele, os olhos marejados e os lábios curvados para baixo.

— Eu amava Woodman. Ele era o meu melhor amigo, mas eu... eu nunca... — Ela respirou fundo antes de acrescentar: — Mas eu nunca fui *apaixonada* por ele.

Mas eu nunca fui apaixonada por ele.

Cain a encarou, absorvendo o que ela acabara de dizer e entendendo o seu real significado.

— Espere aí. O quê? Como assim?

Ela engoliu em seco e afastou o olhar, uma lágrima escorrendo pelo rosto.

— Eu o amava como amigo. Eu nunca fui apaixonada por ele. Nunca.

— Mas você ia se *casar* com ele.

Ela assentiu e seu corpo todo tremeu.

— Eu tentei amá-lo da forma que ele queria ser amado. Só Deus sabe o quanto tentei. Eu queria muito. Queria ser capaz de amá-lo tanto quanto ele me amava. — A voz dela não passava de um sussurro e as lágrimas fluíam descontroladas. — Mas eu não consegui.

Os olhos de Cain, que encaravam o horizonte, se fecharam.

— Por que não?

Ele sabia. Ele sabia por quê. Sabia porque os mesmos sentimentos que sobreviveram no coração de Ginger também sobrevieram no coração dele.

— Porque sempre existiu outra p-pessoa em meu coração — confessou ela com a voz embargada.

Ele cerrou os olhos com mais força enquanto o significado oculto daquelas palavras fincavam raízes em sua mente. *Meu Deus, será que é possível que ela ainda esteja apaixonada por mim? Por favor, espero que*

sim.

— E eu não conseguia me esquecer dessa pessoa — soluçou ela. — Eu queria odiá-lo. Nossa, como eu queria odiá-lo. E uma parte de mim fez exatamente isso por um tempo. Mas eu não conseguia tirá-lo do meu coração, não importava o quanto eu tentasse.

— Princesa... — sussurrou Cain em meio à escuridão, abrindo os olhos para encará-la. — Ginger.

— Eu sei que você não me queria, Cain. Sei que você não me amava como eu te amava, mas eu...

— Não é verdade, Ginger — determinou ele. — Eu queria *sim*. Amava *sim*. Eu só...

— *O quê?* — arfou ela, os olhos arregalados e a boca escancarada. — Do que você está *falando*? Você disse que eu era uma vadia. Você me mandou embora. Você foi *embora* naquela noite. Você...

— Eu não fui embora. Quer dizer... — Ele engoliu em seco. — Acabei indo depois, mas primeiro...

— O que você está...

— Primeiro, eu fui atrás de você para dizer que eu estava errado. — Ele estremeceu, os olhos ardendo diante daquela memória vívida e terrível. — Eu fui até o chalé para dizer que eu não estava falando sério no antigo celeiro. Que eu a amava tanto quanto você me amava. Que a amava há anos. Que eu só estava a afastando porque Woodman era apaixonado por você e eu não queria magoá-lo depois de tudo que ele tinha passado. Mas eu a amava, Gin. Amava mesmo. Juro por Deus que é verdade. Eu fui procurar por você mais tarde naquele dia. — Ele parou e encarou o rosto chocado de Ginger. — A porta do chalé estava destrancada. Quando bati, ela se abriu. Eu entrei, subi as escadas, fui até o seu quarto e...

— Não! — gritou ela, cobrindo as orelhas com as mãos. — Não! Não, não, não! — Ela o encarou, os olhos arregalados, lágrimas escorrendo pelo rosto. A respiração saía entrecortada e em meio a soluços. — Pare! Pare de falar! Por favor, pare...

Ela deslizou as mãos em direção ao rosto, cobrindo os olhos enquanto chorava – soluços longos e profundos que faziam o seu corpo inteiro tremer. E Cain não conseguia aguentar vê-la daquele jeito.

Cain tirou o cinto e a envolveu em seus braços, puxando-a para seu colo. Envolveu-a em um abraço e ela enfiou o rosto no pescoço dele, chorando desesperadamente, soluços carregados de tristeza, de angústia, de chances perdidas e de revelações horríveis.

Ele fechou os olhos marejados e beijou o topo da cabeça dela.

— Você está errada — murmurou ele. — Não é complicado, querida. Não é mais complicado.

Ela ofegou.

— Você viu. Você me viu com ele.

Cain cerrou a mandíbula antes de beijá-la novamente.

— Sim, eu vi.

— Foi por isso que você foi embora uma semana antes, há três anos?

— Foi.

— Foi por isso que você estava com tanta raiva de mim no... no churrasco?

— Foi.

— Foi por isso... foi por isso que você disse que Woodman merecia alguém muito melhor que eu?

Ele assentiu.

— Mas eu também tive minha parcela de culpa — lamentou-se ele, abraçando-a com mais força. — Eu fui tão cruel com você, princesa. As coisas horríveis que eu disse. — Ele estremeceu. — Quando eu me lembro do seu rosto... de como você me olhou ao dizer que eu nunca te machucaria novamente, deu as costas e foi embora. Eu queria me encher de porrada. Uma parte de mim queria morrer por tê-la magoado daquela forma.

Ela olhou para ele com os olhos marejados.

— Eu fiquei tão devastada e... e ele era tão bom para mim. Meu coração estava despedaçado e Woodman...

— Princesa.

Ele a interrompeu porque doía. Queria que não fosse daquele jeito, mas doía lembrar do corpo de Ginger entrelaçado ao de Woodman logo depois que ela havia se declarado para *ele*. E sim, ele entendia o papel que desempenhara ao mandá-la embora direto para os braços de Woodman, e arrependia-se amargamente. Mas o sentimento de perda, de traição, de que tinha chegado “tarde demais”, não era algo que ele estivesse disposto a relembrar.

— Para ser honesto. Eu entendo. Entendo mesmo. Entendo por que você correu para os braços dele. Mas eu quero... — Cain esfregou o rosto com as mãos e olhou para Ginger, cujo rosto estava apoiado no braço dele. — Eu quero seguir em frente. Não quero mais pensar no que aconteceu naquele dia.

Ela suspirou e aconchegou-se a ele.

— Eu também. Quero seguir em frente, mas... Cain?

— Sim, linda?

— Você acha que só nos aproximamos por causa do luto?

Ele pressionou os lábios na testa dela.

— Querida, eu nem sei o que isso quer dizer.

— Lembra do churrasco? Nós estávamos putos da vida um com o outro. Mal conseguíamos agir como pessoas civilizadas. E, agora, nós estamos indo a um encontro. Será que só estamos fazendo isso porque sentimos saudade de Woodman e estamos tão tristes pela morte dele que nos aproximamos em nosso luto? — Ela engoliu em seco. — E, então, um dia não estaremos mais tão tristes, e você vai se lembrar que eu sou a vadia que se declarou para você e foi correndo dormir com seu primo, e eu vou me lembrar que você era o maldito sem coração que me deu um fora.

— É isso que você pensa de mim? — A voz saiu dura, mas doía ouvi-la descrever os dois de forma tão cruel.

Ela olhou para ele fixamente e negou com a cabeça.

— Não. Não mais. De jeito nenhum. — Ela mordiscou o lábio inferior por um instante. A voz não passava de um sussurro quando perguntou: — Mas você não pensa isso de mim? Nem que seja um pouquinho?

— De jeito nenhum — respondeu ele com tristeza. — E eu fico muito triste por saber que já pensamos isso um do outro um dia.

Ela ficou em silêncio por um instante antes de dizer:

— Talvez... talvez a gente tivesse que passar por aquilo para chegarmos onde estamos hoje.

Ele assentiu e se recostou ao assento para conseguir enxergá-la melhor.

— Nós estamos conectados por algo muito mais forte que o luto, Gin. Estamos conectados pelas memórias e sonhos e passeios a cavalos e brincadeiras à beira do lago. Estamos conectados por nossa amizade quando éramos criancinhas e por quando éramos adolescentes estúpidos e sonhadores. Estamos conectados por termos arruinado um ao outro e ainda assim não nos esquecermos. *Eu não consigo parar de pensar em você.* E, algumas vezes... porra, na *maior parte* das vezes, eu tenho certeza de que eu fui feito para você e que você foi feita para mim. Não há nenhuma outra mulher no mundo que me afeta dessa forma. Talvez a gente tivesse que passar pela parte ruim para chegar à parte boa.

Ele olhou no fundo dos olhos dela, o coração martelando no peito enquanto ele mergulhava naquele olhar, entregando-se ao calor dela, aquele calor capaz de recolher os cacos do coração despedaçado dos dois e os tornar inteiros novamente.

— Eu não sei como ou por quê. Eu só sei que nós estamos *conectados*, princesa. Isso é tudo que eu sei.

Ele a observou atentamente enquanto aproximava o rosto do dela e beijava Ginger McHuid pela quarta vez na vida.

A primeira vez foi quando ela tinha doze anos de idade, e Cain

beijara a sua bochecha em seu aniversário, sendo pego de surpresa pela onda de eletricidade entre eles... e ele saía correndo dela, incapaz de processar os sentimentos repentinos que despertaram em seu peito.

A segunda vez foi o primeiro beijo de Ginger. *Você ainda quer aquele beijo?* Os lábios doces e intocados se abriram e foram de encontro aos seus, e foi um beijo diferente de todos que vieram antes e de todos que viriam depois. E mais uma vez ele fugiu daquele sentimento arrebatador, daquele desejo por mais, daquele sentimento de saber que nenhuma outra mulher chegaria perto de ocupar a posição que Ginger ocupava no coração dele. Ele sabia disso enquanto se afastava dela tanto quanto possível.

A terceira vez? *Cain, Cain, Cain... Eu amo você. Céus, eu amo tanto você.* Foi um beijo desesperado, raivoso, forte e selvagem e desenfreado, porque ele a amava loucamente e não podia tê-la. Porque ela era doce e disposta e oferecia a ele tudo que seu coração sempre sonhara. Ele a beijou sabendo que não podia tê-la, e aquilo o devastou por dentro e a mandou direto para os braços de Woodman.

Mas Cain não era mais uma criança nem um adolescente arrogante nem um jovem revoltado que não podia sucumbir aos desejos de seu coração. E ele não fugiria dessa vez. Ele não fugiria nunca mais.

Envolveu o rosto dela em suas mãos e admirou aqueles olhos escuros até que eles se fechassem, até que os lábios dele foram de encontro aos dela com um franzir suave e um grunhido de satisfação e desejo. Ela deslizou a língua pelos lábios dele e a retraiu. Quando Cain a beijou novamente, Ginger mordiscou o lábio inferior dele, cujo autocontrole foi para as cucuias. Enrolou os dedos nas mechas douradas e macias de Ginger e ela estendeu a cabeça para atrás e abriu a boca de forma convidativa. Ele a beijou novamente e deslizou a língua sobre os lábios aveludados e quentes de Ginger, e ela soltou a respiração que estivera prendendo – ele escutou e sentiu o hálito quente e doce escapar dos lábios dela e impregnar-se em sua pele.

Ela estava sentada no colo dele, as costas apoiadas na porta do motorista, mas então, virou-se de frente e pressionou os seios contra o peitoral dele, as mãos deslizando pela parte da frente da camisa e

envolvendo-o pela nuca e puxando-o para mais perto.

Ginger, Ginger, Ginger... Eu amo você. Céus, eu amo tanto você.

Ele puxou a cabeça dela para trás e deslizou os lábios pela mandíbula dela até chegar ao pescoço. Parou em cima de uma veia pulsante e escutou a respiração rápida e ofegante de Ginger e o gemidinho que indicava que ela estava gostando. Ficou extasiado quando ela arqueou as costas e pendeu a cabeça para trás, esticando o pescoço para que ele continuasse a beijando.

— Princesa — murmurou ele com os lábios colados à pele dela, uma súplica. Ela guiou a cabeça dele mais para baixo. Ele afastou a gola da blusa e beijou a clavícula até chegar à alça preta do sutiã, e enlaçou a cintura de Ginger com os braços.

— Cain — gemeu ela. — Cain...

— Porraaaa. Eu quero você, Gin — grunhiu ele, percorrendo a extensão de pele com os lábios até chegar à boca. Beijou-a mais uma vez, com mais insistência e com mais força.

Queria o corpo dela nu e ofegante debaixo dele. Queria enfiar seu pau duro na bucetinha macia dela até que Ginger revirasse os olhos de prazer e arranhasse as costas dele até sangrar. Ela estava tão ávida quanto ele e agarrou o rosto de Cain quando ele a puxou para ainda mais perto. Mas ainda não era o suficiente. Não podia sentir o corpo dela colado ao seu, não podia sentir a maciez das partes dela envolvendo seu membro duro, não podia sentir a pele cálida e macia dela colada à dele, e aquilo não era o suficiente. Não chegava nem perto disso.

— Esse maldito carro! — explodiu ele, afastando o rosto e encarando os olhos surpresos de Ginger, que haviam se aberto diante do grito de frustração que ele dera.

O rosto dela se iluminou e ela sorriu antes de lambe os lábios inchados sem tirar os olhos de Cain, acariciando o pescoço dele quando baixou as mãos.

— Você acabou de me beijar. De novo.

— Pode ir se acostumando — avisou ele.

Ela respirou fundo e se aproximou para beijá-lo novamente. Quando se afastou, olhou para ele com uma expressão maravilhada que imitava a de Cain.

— Vou fazer isso sempre que eu quiser — prometeu ela.

Os olhos de Ginger cintilaram de felicidade, e ele não conseguiu evitar de sorrir para ela, ainda que seu coração doesse de tanto amor e que seu corpo estivesse retesado e enfurecido de desejo.

— Acho bom.

Ela saiu do colo dele e voltou para o banco do passageiro. Ele esticou o braço, roçando o dorso da mão nos mamilos enrijecidos dela, pegou o cinto de segurança e o afivelou. Ginger gemeu diante do toque dele e Cain abriu um sorriso satisfeito.

— Porraaaaaa — sibilou ele, meneando a cabeça e sentindo pena de si mesmo. Não conseguia tirar os olhos dela e seu corpo estava tão repleto de desejo que até doía. Mas eles estavam em um carro e precisavam ir para algum lugar mais reservado antes que pudesse se deleitar com o que ele tinha certeza que ela estava oferecendo.

— Eu ia levar você até a minha casa e pedir comida em algum lugar. Tudo bem para você?

Ou que tal se a gente simplesmente for para cama e trepar o fim de semana inteiro?

— Hmmmm... — Ela assentiu e deu de ombros ao mesmo tempo. — Ou podemos ir ao meu chalé. Não me importo com o local, eu só quero estar com você.

Era de se esperar que ouvir aquelas palavras – *Eu só quero estar com você* – vindas da princesa, vindas da garota proibida dos seus sonhos, aumentariam ainda mais o seu desejo, mas o efeito foi exatamente o oposto: acalmaram a fera faminta dentro dele. Ela queria ficar com *ele*. A princesa queria ficar com *ele*, o garotinho que não podia ir às festas, que tinha um pai que limpava os estábulos da fazenda dela, que tinha um garoto de ouro como primo, um garotinho que tinha sido um rebelde que só causava problemas.

Ela ainda o amava depois de todo esse tempo, e Cain, que passara a maior parte da vida fazendo sexo sem amor, deu-se conta de que estava prestes a fazer amor pela primeira vez na vida, e o seu coração martelou no peito diante da noção de que o que quer que fosse acontecer entre ele e Ginger seria uma novidade para ele, seria como um novo começo.

— Cain? Vamos para o chalé?

Ele abriu um sorriso para ela.

— Você ainda tem aquelas pizzas congeladas no freezer?

Ela estreitou os olhos e lançou um olhar para ele.

— E eu aqui pensando que você estava faminto por outra coisa.

Uma onda de desejo percorreu seu corpo, o pau se enrijeceu mais ainda e pressionou o zíper da calça jeans. A respiração de Cain ficou ofegante. Ela estava disposta a transar com ele? Agora mesmo? Naquela noite? Já? O coração dele acelerou no peito.

— Gin...

— Quer saber... — Ela estremeceu antes de menear a cabeça e abrir um sorriso tímido para ele. — Eu não devia ter dito isso. Eu quero que você vá ao chalé comigo. Quero que você d-durma lá. Quero que a gente fique jun... hm, ai, meu Deus, eu nem sei se a gente está...

— Se nós estamos juntos? É isso que você ia dizer?

Ela se encolheu toda.

— É. Acho que sim.

— Porra, Gin, depois desse beijo que a gente deu? Com o que eu estou pensando agora? Eu *espero* muito que a gente esteja junto, mesmo que a gente tenha que manter segredo por agora.

— Mas, Cain, eu não estou pronta para... Eu preciso de um... de um tempo. Eu só estive com... hm, talvez a gente pudesse apenas... — Ela mordiscou o lábio inferior e os olhos de Cain observaram a cena cheios de desejo. — ... ficar de pegação esta noite?

— Ah. — Os olhos dele se arregalaram com entendimento, e ele olhou para ela e sorriu. — Vamos fazer o que você quiser, princesa. — Ele deu uma risadinha porque ela estava tão adorável e ele a amava tanto. — Vamos combinar uma coisa? Eu não vou tirar minha calça.

Os lábios de Ginger se curvaram em um sorriso aliviado e os ombros dela se relaxaram.

— Eu também não.

— Mas vou tirar *todo* o resto — avisou ele.

Ela arqueou as sobrancelhas, uma expressão doce e atrevida ao mesmo tempo.

— Eu também.

Porraaaaaaaaaa.

Ele deu partida no carro e pisou no acelerador e tanto o seu pé quanto o seu pau pareciam ser feitos de chumbo naquele instante.

Capítulo Trinta e Um

Quando entrou no escritório do Motocicletas Wolfram na terça-feira de manhã, notou que havia um buquê de flores enorme em cima da mesa. Cain a olhou por cima da tela do *laptop*, os olhos cálidos e sedutores.

— Tranque a porta.

Ela piscou e ficou sem fôlego e sentiu as calcinhas se encharcarem.

Fechou a porta atrás de si e a trancou. Assim que ouviu o trinco, sentiu o corpo de Cain atrás do dela e observou as mãos dele sobre a madeira da porta, estendidas ao lado dela, aprisionando-a. Ela respirou fundo quando sentiu a ereção pressionando sua bunda, mas virou-se devagar para que os seus seios roçassem contra os músculos do peitoral dele.

— Senti sua falta — disse ele, colando o corpo ao dela e pressionando-a contra a porta antes de beijá-la.

Eles ficaram juntos o fim de semana inteiro, e Cain havia cumprido a sua palavra e ficara de calça o tempo todo, mas o pau dele estava tão duro atrás do zíper que deve ter ficado todo arranhado. Ginger também não tirou a calça, mas, assim como ele, despiu a camisa. E Cain passara o fim de semana inteiro provando a ela que era possível ter um orgasmo apenas com estímulo nos seios, algo que ela jamais imaginara antes. Aquilo fazia com que seus mamilos se enrijecessem de desejo.

A língua dele, tão experiente em fazer com que Ginger se derretesse toda, percorreu os lábios dela como se eles pertencessem a ele. E a verdade era que pertenciam mesmo. Qualquer parte do corpo dela poderia pertencer a Cain se ele quisesse, e ela estava quase ficando sem forças para fazê-lo esperar até que ela se entregasse por inteiro.

Mãos.

No fim de semana, Ginger descobrira que as mãos dele eram quentes, ásperas, secas e rachadas, e a textura grosseira causava muito mais prazer à pele sensível e sedosa de Ginger do que causariam se fossem tão macias quanto as mãos dela.

Ele acariciou o pescoço dela e a deslizou por sobre os seios de Ginger até chegar à bainha do suéter. Enfiou as mãos por baixo da roupa dela e envolveu-a pela cintura. Enquanto a língua dele explorava a boca de Ginger, ele deslizou as mãos em direção às costas dela, abrindo o fecho do sutiã com destreza. Ela ergueu os braços para que ele tirasse o suéter e o sutiã dela e os jogassem no chão.

— Ginger — gemeu ele, dobrando os joelhos e abocanhando o mamilo dela. — Um dia longe de você é tempo demais...

— Ahh — gemeu ela quando ele lambeu o mamilo entumecido e o sugou entre os lábios. — Caaaaaaain...

— Você é doce como açúcar, querida. Você me deixa louco.

Com o mamilo entumecido ainda entre os lábios, Cain envolveu o rosto dela com as mãos e enfiou o polegar na boca de Ginger, e ela o chupou de modo ávido e com a mesma intensidade que ele chupava o seu mamilo.

Cain levou o dedo úmido em direção ao mamilo dela e o acariciou com movimentos circulares no mesmo ritmo em que circulava o outro mamilo com a língua. Dolorosamente devagar, Cain tracejou a aréola dela e Ginger arqueou as costas, desesperada para que ele abocanhasse o mamilo e o chupasse. Quando ela pensou que estava prestes a enlouquecer, ele lambeu o mamilo entumecido antes de assoprá-lo suavemente, e ela gritou. Ainda não tinha atingido o orgasmo, mas a sensação era tão forte e tão boa e ainda assim não era o suficiente. Ela estava ficando cada vez mais faminta. O que a fizera gozar no domingo já não era o bastante na terça-feira.

— Cain — gemeu ela enquanto ele estimulava o mamilo dela com o dedão. — Eu preciso... preciso de mais...

— Eu sei, linda — disse ele, levando a mão em direção ao botão da calça dela e o abrindo com os dedos. Ele segurou o zíper e sussurrou no ouvido dela: — O fim de semana acabou. Será que agora podemos tirar a calça? Se você quiser que eu pare, é só falar.

Ela estava molhadinha e cheia de desejo, e a calça teria que sair para aliviar a fome que a assomava.

— Não pare.

— Vou te estimular com a minha língua.

— Ai, meu Deus...

— Você já fez isso antes?

— N-não, mas preciso de você.

— Tem certeza, linda?

— *Por favor, Cain.*

A respiração dela ficou cada vez mais ofegante conforme ele baixou a mão, soltando o seio dela, e ajoelhou-se. Com um movimento brusco, abaixou o jeans e a calcinha dela até o joelho, então agarrou a bunda dela e a puxou para frente, fazendo com que as costas dela ficassem apoiadas contra a porta enquanto ele posicionava as pernas dela sobre os ombros dele. Ginger acariciou os mamilos entumecidos e úmidos e deslizou a mão pela pele macia de sua barriga até chegar às suas partes íntimas. Cain inclinou-se para frente e Ginger apoiou a cabeça na porta do escritório quando a língua dele deslizou sobre seu clitóris em um golpe longo e vagaroso.

Ela envolveu a cabeça dele entre as mãos e o guiou com delicadeza. Para frente e para trás, para cima e para baixo, a língua dele a estimulando cada vez mais rápido, os dedos dele segurando a bunda dela com força e puxando-a para mais perto de si.

Todos os músculos do corpo de Ginger estavam retesados e contraídos, como as cordas de um violino, tão esticadas a ponto de arrebentar, e ele a estimulou com ainda mais intensidade, uma mão segurando-a enquanto a outra circulava seu clitóris.

— *Cain!*

Ela gritou o nome dele quando foi inundada por ondas desordenadas que a deixaram trêmula e vacilante, as suas partes quentes e úmidas envolvendo a língua de Cain enquanto Ginger experimentava o orgasmo mais intenso que tivera em toda a sua vida.

Por fim, os tremores começaram a diminuir e ela colocou os pés no chão. Cain se apoiou nela para ficar de pé. Ela jogou o corpo contra o dele, derretida, frouxa e completamente satisfeita.

— Recupere o fôlego, linda. Vou fazer isso de novo daqui a dez minutos.

Ela abriu os olhos e o encarou, dando uma risadinha diante do olhar satisfeito e maroto de Cain.

— Promete? — perguntou ela, trêmula e ofegante.

— Ô se prometo. Foi a coisa mais sexy que eu já vi em toda a minha vida.

Ela respirou, ainda ofegante, e abriu um sorriso para ele, ficando na ponta dos pés para dar um beijo nele quando o telefone tocou.

— Ignore — grunhiu ele.

— Cain — começou ela, gemendo quando ele beliscou o mamilo dela —, é melhor eu atender.

— Não. É melhor a gente se beijar de novo.

Ela levou a mão em direção à dele, que acariciava o mamilo dela, e fez com que ele diminuísse o movimento.

— Você vai perder clientes.

— Maravilha. Já tenho o suficiente. — Os olhos dele estavam tão escuros que mal se via o tom de azul. — Mas ainda não tenho você o suficiente, princesa. *Nunca* terei.

O telefone tocou novamente e ela se inclinou para beijá-lo novamente, então, abaixou-se para vestir a calça. Pegou o suéter no chão e o pressionou sobre os seios antes de seguir em direção à mesa e atender o telefone.

— Motocicletas Wolfram... Aham. Sim, entendi. — Ela cobriu o bocal com a mão e virou-se para Cain, que parecia profundamente irritado com ela. — Você vai receber alguma moto *Harley* em breve?

Ele negou com a cabeça e deslizou o polegar pelo lábio inferior.

— Cain? — chamou ela novamente, negando-se a ser distraída por ele, negando-se a permitir que ele perdesse um cliente porque estava muito

distraído com ela.

Ele bufou e lançou um olhar de rendição.

— Não, mas posso encomendar. Anote o recado e eu ligo de volta depois.

— Oi, você poderia me passar seu nome e seu telefone? Aí, o Cain liga para você depois, tudo bem?

Ela apoiou o telefone no ombro e anotou algo em um pedaço de papel, completamente ciente dos olhos de Cain fixos em suas costas e adorando o fato de afetá-lo tanto assim.

— Muito obrigada. Isso. Vai ligar para você mais tarde. Tchau.

Ela se virou e viu que Cain ainda estava no local exato em que ela o deixara e exibia uma expressão perturbada no rosto. Parecia tão insatisfeito e impaciente. E, se Ginger fosse honesta consigo mesma, ela também estava.

— Logo, logo, Cain — prometeu ela, compreendendo-o tão bem quanto sempre. — Eu juro.

Ele respirou fundo e deu um passo em direção a ela, pegando o sutiã que ela segurava.

— Estique os braços.

Ele enfiou as alças do sutiã pelos braços dela e as levou até o ombro, baixou a cabeça e deu um beijo em cada um dos mamilos antes de prender o fecho do sutiã em suas costas. Pegou o suéter embolado das mãos dela e o chacoalhou antes de enfiar a gola pela cabeça dela e ajudá-la a enfiar os braços nas mangas.

— Nunca tive de esperar... — confessou ele baixinho, quase como se estivesse falando para ele mesmo.

Uma pequena parte dela se eriçou e ela quase disse, *Bem, sinto muito se não sou uma das vadias que você pegava no Ensino Médio, sempre prontas e dispostas.*

Os olhos dela chamejaram e ela assistiu enquanto a boca mais sexy do mundo se curvava em um sorriso. Ele enlaçou a cintura dela com as mãos.

— Não precisa ficar irritadinha, princesa. Eu ainda não terminei de falar.

— Então, termine — ordenou ela com insolência, alisando a blusa e lançando um olhar irritado para ele.

Ele a puxou para mais perto até que os seios dela estivessem colados ao peitoral dele e o seu membro duro pressionasse as partes dela. Mas apesar da excitação que sentiam, os olhos tempestuosos de Cain estavam focados e intensos e a fitavam com um desejo tão forte que o coração de Ginger acelerou diante do amor que sentia por ele.

— Nunca tive de esperar... — disse ele baixinho —, até você. E por você, querida, eu esperaria até o fim dos dias. E, quando o meu fim chegasse, eu esperaria por você no paraíso. E quando você chegasse lá, eu passaria a eternidade esperando que o seu coração valente me desse outra chance e que me escolhesse novamente.

— Cain...

— Eu amo você — disse ele com a voz grave, franzindo o cenho como se dizer aquilo doesse um pouquinho. — Eu te amo há tanto tempo que nem sei como parar. Não quero mais ninguém, princesa. Nunca mais. Quando você estiver pronta, estarei pronto também. E até que isso aconteça... eu vou esperar.

Sua respiração ficou ofegante.

Seu coração ficou acelerado.

Eu te amo há tanto tempo que nem sei como parar.

Ela esperara para ouvir aquelas palavras a vida inteira, e agora – de repente – ali estavam elas.

Antes que tivesse chance de responder, Cain se aproximou e a beijou com delicadeza e ternura. Então, afastou-se dela e saiu do escritório.

Ela olhou por cima do ombro e viu que ele tinha ido embora, então, caminhou em um estado de torpor até a cadeira. Jogou-se contra o assento e recostou-se na cadeira, os olhos marejados e uma felicidade inesperada borbulhando em sua barriga, subindo por sua garganta até escapar por seus

lábios na forma de uma gargalhada que encheu o cômodo em um som de descrença e alegria.

Ele a amava.

Cain Holden Wolfram, a pessoa que ela amara desde que tinha onze anos de idade, finalmente a amava também.

— *Ele me ama* — sussurrou ela. Deu uma risadinha e bateu os pés no carpete antes de repetir, mais alto dessa vez: — Ele me ama!

— Ama mesmo! — berrou ele do showroom. — Agora trate de trabalhar ou eu vou até aí e dessa vez não vamos sair até amanhã de manhã!

Ela sentiu o rosto corar, mas sorriu e sussurrou: — É. Ele me ama. — Repetiu mais uma vez só para garantir e para que pudesse escutar aquilo novamente.

O corpo ainda estremecia bem lá no fundo, onde Cain desencadeara um efeito dominó quando a clamou com seus dedos e sua língua, quando a estimulou até que gritasse o nome dele. E ficou com um sorriso sonhador nos lábios pelo resto do dia. Bem, por quase o resto do dia.

Era a terceira semana desde a inauguração da Motocicletas Wolfram e claramente a notícia de que havia um mecânico jovem e gostoso se espalhara, porque todas as mulheres da cidade que dirigiam, fossem carros ou motos, apareceram para se queixar de um “problema” mecânico. No momento, havia quatro mulheres aguardando para serem atendidas pelo chefe de Ginger.

A atirada: — Será que Cain pode dar uma olhadinha nas minhas coisas?

A curiosa: — O Sr. Wolfram é tão gostoso quanto dizem por aí?

A insegura: — Então, ele é solteiro ou tem namorada?

A convencida: — Fiquei sabendo que o Sr. Wolfram está aqui hoje. Diga a ele que preciso vê-lo. Imediatamente.

A última fez Ginger revirar os olhos, mas ela pediu para que a mulher com cabelos louros avermelhados e a minissaia ridícula se sentasse

enquanto ela ia atrás de Cain. E ela o encontrou no depósito atrás do showroom, procurando por um rolamento.

— Cain?

Ele se virou para encará-la, o lindo rosto se iluminando todo.

— Por favor, alegre o meu dia e diga que quer dar uma rapidinha aqui no depósito?

— Você quer que a nossa primeira vez seja nesse depósito sujo? — perguntou ela, apoiando as mãos no quadril e arqueando uma das sobrancelhas.

Ele envolveu a cintura dela com uma das mãos e a puxou para mais perto de si.

— Eu *quero* que a nossa primeira vez seja três anos atrás, mas eu ferrei com tudo, então...

— Então, o depósito serve? — Ela ergueu o polegar e fez um gesto para a esquerda. — O quê? Ali do lado daqueles pneus?

Ele fez careta e bufou baixinho, soltando-a.

— Olha, se você veio até aqui só para me torturar, é melhor voltar para o escritório. Eu já estou enlouquecendo sem que você piore as coisas.

— Pobrezinho — zombou ela com voz de neném. Estendeu a mão e acariciou a mandíbula dele.

— Gin — grunhiu ele. — Não me provoque. Meu coração não aguenta e meu pau está quase explodindo.

Ele parecia tão triste e adorável, então, ela se aproximou e lambeu os lábios dele, enroscando a língua à dele quando ele abriu a boca. Ele a envolveu novamente, segurando-a com força depois de deixar cair o que quer que estivesse em sua mão, o som do metal atingindo o chão competindo com os gemidos dos dois. Quando ela estava zonzá e sem fôlego, afastou-se e aninhou a cabeça no ombro dele, maravilhada pela forma que o corpo dele respondia ao dela, de um jeito que nunca tinha acontecido com Woodman. Ela estava prontinha para ele. Esperar era doloroso, mas ela não podia evitar.

Queria que a sua primeira vez com Cain fosse especial.

— Vá para minha casa depois do serviço — propôs ele, beijando o pescoço dela, os lábios acariciando a pele macia e a língua fazendo movimentos circulares que a fizeram estremecer. — Passe a noite comigo.

— Bem que eu queria — respondeu ela em meio a um gemido sussurrado. — Mas meu turno começa cedo amanhã, e minha avó não está muito bem. Ela vai fazer alguns exames. Quero ficar ao lado dela.

— Posso ir até lá para ficar com você.

— Eu preciso me concentrar nela por um ou dois dias, Cain, e você é uma distração muito tentadora — declarou ela com um sorriso, o coração inundado pelo amor antigo e pelo amor novo que sentia por ele. — Mas eu volto na sexta-feira. Eu prometo. E...

— E? — Ele parou de beijá-la por um instante, os lábios inertes sobre a pele dela, o hálito quente mandando uma onda de calafrios pelo corpo de Ginger.

— Eu não vou trabalhar no domingo. — Ela engoliu em seco. — Estou livre o fim de semana todo.

— Tudo bem — disse ele, afastando-se dela, os olhos azuis arregalados. — Mas pegue as suas coisas e fique comigo até segunda-feira de manhã. *O fim de semana todo*, Gin. Eu quero ficar com você o fim de semana inteiro.

Ela enxergou o real significado daquilo nos olhos dele, o que ele queria dizer quando pediu para ela passar o fim de semana todo com ele. Os corpos deles se fundiriam em um só, como se cada barreira que ainda se prostrasse entre os dois finalmente tivesse sido derrubada. Era assim que eles ficariam, e era o que ela queria que acontecesse... durante o fim de semana todo.

Ela estremeceu com expectativa e, então, assentiu. Quando se virou para ir embora, lembrou-se do motivo pelo qual viera procurá-lo em primeiro lugar.

— Aliás, tem uma cambada de mulheres no escritório. Todas querem

ver você.

— São clientes em potencial?

Não mesmo.

Ginger deu de ombros.

— Tudo bem — respondeu ele. Olhou para o volume em sua virilha.
— Vou ficar aqui uns minutinhos pensando em *baseball*, tá?

— Sexta-feira — sussurrou ela, sorrindo para ele antes de voltar para o escritório, sentindo o desejo arder dentro de si.

— O Sr. Wolfram já vem, senhoritas. Alguém aceita um café?

Nenhuma delas quis, então, Ginger se sentou à mesa e as observou atentamente. Todas eram bonitas à sua maneira, mas a convencida era a mais bonita de todas, e Ginger sentiu uma pontada de preocupação de que Cain a veria e sairia correndo, deixando Ginger para trás. A mulher parecia ser dez vezes mais experiente que Ginger, exibia um ar confiante e Ginger podia apostar que ela já tivera cerca de um milhão de orgasmos e sabia exatamente o que fazer na cama para dar prazer a um homem.

Cain? Cain amava prazer.

E Ginger? Ginger só tivera um sexo medíocre com um amigo.

E se ela não fosse o bastante para ele? Definitivamente ela não chegava nem perto de ser tão experiente quanto ele. Ele dormia com mulheres desde o começo da adolescência, e Ginger só dormira com Woodman. E se ela não fosse boa de cama? E se quando ela e Cain finalmente transassem, fosse tão sem graça e insosso quanto era com Woodman?

Levantou-se e foi fazer uma xícara de café, espiando a mulher convencida que folheava uma revista e olhava para a porta do escritório de tempos em tempos antes de soltar um suspiro de irritação. Os peitos de Ginger não eram tão grandes quanto os dela e a sua cintura não era tão fina, e a mulher era bem mais alta que ela.

— Humpf — murmurou Ginger, colocando um pouco de leite no

café antes de voltar à mesa.

Espere só até que elas o vejam de perto e comecem a piscar os olhinhos para ele. Ela ia fazê-lo esperar até sexta-feira quando tinha certeza de qualquer uma das mulheres naquele escritório ficariam mais do que contentes em permitir que ele as comesse ao lado dos pneus no depósito dos fundos. Merda. Maldição. Por que ela estava o fazendo esperar? Por que ela estava colocando em risco o relacionamento que estavam desenvolvendo?

Então, ele apareceu e parou à soleira da porta do escritório. Ela o sentiu, mas também escutou os suspiros sonhadores vindos de ao menos duas das quatro mulheres do recinto.

— Boa tarde, senhoritas — cumprimentou Cain, parado em frente às quatro mulheres. — A Ginger, *minha namorada*, disse que vocês estão precisando de um mecânico para as motos de vocês. É isso mesmo?

Os lábios de Ginger tremeram enquanto ela observou duas das mulheres – a curiosa e a insegura – esvaziarem como um balão diante da menção à namorada de Cain. Uma delas deu uma desculpa de que precisava de um mecânico especializado em carros, e a outra disse que tinha pensado que ele consertava bicicletas. Cain indicou uma oficina de carros no final da rua para uma delas e uma oficina de bicicletas para a outra. Restaram duas.

A atirada ajeitou os peitos, enfiou um dedo na boca e perguntou se Cain podia dar uma olhadinha nas coisas dela.

— Claro — concordou ele, assentindo. — Para dar uma olhadinha, eu cobro quatrocentos dólares por hora. Você pode acertar o pagamento com a Ginger e eu agendo um horário para consertar...

— *Quatrocentos dólares?* — gritou ela, tirando o dedo da boca. — Pode esquecer!

Ela saiu do escritório batendo o pé, deixando Cain, Ginger e a mulher convencida para trás. Ginger entrou em estado de alerta. A convencida tinha 1,75 de altura, estava bronzeada em pleno inverno e tinha cabelos louros avermelhados e olhos verdes. Ela era maravilhosa e sabia disso.

— Sr. Wolfram — começou ela, estendendo a mão. — Meu nome é Saffron Barnett, mas meus amigos me chamam de Saffy.

— Srt^a Barnett, meu nome é Cain — cumprimentou ele cordialmente, dando um aperto de mão nela.

Ginger cerrou a mandíbula e os punhos, os olhos fixos no aperto de mão que Cain e a convencida Saffy trocavam.

— Já que você é novo na cidade e eu sou a assistente do chefe da Câmara de Comércio de Versailles, pensei que poderíamos sair para jantar na sexta-feira e... — Ela deu uma risadinha, a voz *sexy*, baixa e sugestiva. — ver o que acontece depois.

Cain abriu um sorriso e apertou a mão dela mais uma vez antes de se afastar.

— Srt^a Barnett? Está vendo aquela garota sentada ali? Impossível não ter visto. Ela é a garota mais linda e adorável do mundo inteiro, e eu sou apaixonado por ela desde sempre. Você está a vendo ali, né?

Srt^a Barnett lançou um olhar gélido a Ginger e pigarreou.

— Estou sim.

— Bem, eu só saio para jantar se ela organizar tudo e, depois, sentar-se ao meu lado à mesa. Agora, eu vou voltar ao trabalho. E se você quiser marcar esse jantar com Ginger, tenho certeza de que ela ficará feliz em arrumar um espacinho para você em *nossa* agenda. — Ele olhou para Ginger. — Não é mesmo, meu amor?

Dito isso, Cain abriu um sorriso *sexy* para Ginger e piscou para ela antes de sair do escritório.

— Você quer marcar... — começou Ginger, oprimindo um sorriso enquanto abria a agenda de Cain.

Srt^a Barnett pegou a bolsa e fez um som de escárnio com o nariz.

— Vamos deixar para outra ocasião. Cuide-se.

Quando a mulher foi embora, o coração de Ginger se inundou de amor, tanto amor que escorreu por todas as fendas e buraquinhos dentro dela, até que seu corpo inteiro estivesse envolto em uma sensação cálida. E ela soube – sem sombra de dúvida – que não fazia diferença se ela tinha ou não

tinha experiencia. Ela não decepcionaria Cain porque ele a amava. E porque algumas coisas – ainda que demorem uma eternidade – simplesmente foram feitas para acontecer.

Capítulo Trinta e Dois

— Ranger, Srt^a Ginger, é tão bom vê-los. Por que vocês não vêm até o meu escritório para que possamos conversar sobre Kelleyanne?

Ginger seguiu o pai em direção ao escritório do Dr. Sheridan e sentou-se ao lado dele em uma das três cadeiras de visita.

O médico abriu o arquivo em cima da mesa e suspirou, lançando um olhar repleto de compaixão para os McHuids.

— A Kelleyanne entrou no que chamamos de estágio final do Parkinson. Ranger, sei que você notou que ela tem estado mais confusa ultimamente.

O pai de Ginger pigarreou.

— Faz pouco tempo, só nas últimas semanas. Ela tem perguntado sobre minha irmã, Amy, que morreu quando era criança. Ela pede para vê-la.

Dr. Sheridan assentiu.

— Isso é muito comum. Temo que agora as coisas vão andar mais depressa. — Ele se virou para Ginger. — Já faz algum tempo que ela apresenta um quadro de incontinência, e está enfrentando alguns problemas para engolir. Eu recomendo... — O coração de Ginger afundou no peito. — um tubo de alimentação. Por questões de segurança.

Seria mais seguro, mas significava que a avó não poderia mais conversar tanto. Aquilo faria cócegas em sua garganta e a incomodaria quando tentasse falar, o que significava que as longas e maravilhosas conversas que costumavam ter chegariam ao fim.

— Quando? — quis saber ela.

— Marquei o procedimento para amanhã. Kelleyanne já sabe. Não posso dizer que ela está contente com a notícia, mas ela está ficando cada vez mais desnorteada, como você mesmo observou, Ranger. Não vou fazer rodeios. Ela está ficando mais fraca. Está tendo cada vez mais dificuldade para respirar e para engolir. Vocês precisam se preparar para o que está por

vir. — A voz do médico era bondosa e franca, mas Ginger sentiu aquelas palavras envolvendo seu coração com força. Seus dois melhores amigos – um já tinha ido e a outra estava prestes a ir – e ela se sentiria completamente perdida sem eles.

— Quanto tempo ela tem? — perguntou Ranger, piscando para conter as lágrimas.

— Acho que algumas semanas — respondeu o médico. — Talvez um mês. Não muito mais que isso. E ela vai ficar cada vez pior. Mas nós podemos deixá-la mais confortável. Podemos fazer com que os seus últimos dias sejam os mais tranquilos possíveis.

O pai de Ginger esfregou os olhos antes de bater as mãos nos joelhos.

— Obrigado, senhor. Eu sei que você fez tudo ao seu alcance para ajudá-la.

— Passe um tempinho com ela hoje, Ranger. Você também, Ginger. Vai ficar mais difícil conversar com ela depois de amanhã.

Ginger engoliu em seco e assentiu para o médico antes de se virar para o pai.

— Pode ir primeiro, Ginger — determinou Ranger. — Doutor, se o senhor estiver de acordo, eu gostaria de passar a noite com ela. Até a hora do procedimento amanhã.

— É claro — respondeu o médico. — Se a Ginger quiser ir ficar com a avó agora, você pode ir comer alguma coisa e voltar daqui algumas horas. Vou avisar às enfermeiras que você vai passar a noite. Elas podem montar uma cama portátil para você.

— Seria ótimo.

— Papai, eu posso ficar também — ofereceu Ginger, mas o pai negou com a cabeça e deu um apertãozinho na mão dela.

— Não, querida. Ela é minha mãe. Eu quero ficar sozinho com ela.

Ginger assentiu.

— Eu entendo.

Ginger deixou o pai e o médico discutindo os detalhes do procedimento do dia seguinte e caminhou em direção ao elevador. Ela iria até o quarto da avó e ficaria com ela um pouquinho, e com sorte teria chance de conversar com ela uma última vez antes que as coisas piorassem.

Quando entrou no quarto, deu de cara com a avó. Ela estava sentada na cama, o rosto fixo no horizonte.

— Vovó?

— Amy — disse ela, a voz suave e entrecortada.

— Não, vovó. Sou eu. A Ginger.

— Ah, Ginger. — Ela olhou para a neta e demorou um instante até que seus olhos demonstrassem que a haviam reconhecido. — *Ginger*. Como... você e-está, b-boneca?

Ginger puxou a cadeira ao lado da cama da avó e sentou-se ao lado dela. Estendeu a mão e pegou a mão ossuda da avó.

— Estou bem. E *você*, como está?

— Cansada. — Ela suspirou e fechou os olhos por um instante.

Ginger engoliu em seco e piscou para afastar as lágrimas.

— Você e-está com u-uma cara... p-péssima — comentou a avó.

— Eu vou sentir tanta saudade de você — declarou Ginger, apoiando a cabeça na cama, bem ao lado do corpo frágil da avó.

— Nós fomos... m-muito amigas... eu e você.

— Fomos mesmo.

— M-mas — disse ela, as palavras vindo devagar e com suavidade, provavelmente sugando o resto da energia que a avó tinha. — Você... v-vai ficar... bem. — Ela parou por um momento e arfou baixinho. — C-Cain... v-você veio.

Ginger levantou a cabeça e olhou para trás, chocada ao dar de cara com Cain. Ele vestia uma calça jeans e uma camisa de botão e estava parado à soleira da porta com um buquê de flores em uma das mãos. O rosto exalava

preocupação, mas ele abriu um sorriso quando se aproximou da cama, e Ginger teve que se segurar para não se jogar nos braços dele e em todo o conforto e força que eles ofereciam.

— Eu vim ver a senhora, Kelleyanne.

— Você é... l-lindo. — Ela olhou para as mãos dele. — F-flores.

Ele assentiu e colocou o buquê em uma mesinha aos pés da cama.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Ginger, enxugando as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Ela ergueu o olhar para encará-lo, tão cheia de gratidão que quase ficou zozza.

— Você disse que a sua avó ia fazer alguns exames. Eu pensei que talvez... — Ele deu de ombros e se ajoelhou ao lado da cadeira em que ela estava sentada e apoiou as mãos nos joelhos dela. — Eu pensei que você precisaria de um amigo.

— Um amigo?

Os olhos dele cintilaram antes que ele assentisse.

— Um amigo. Você não precisa de uma distração esta noite, mas precisa de um amigo que ame você.

A palavra *amigo* a deixara preocupada por um instante, mas a preocupação foi logo deixada de lado quando Cain a lembrou de que a amava. Aquilo significava que ele estava abafando os desejos que sentia por ela naquela noite e só estava ali para apoiá-la. E aquilo significava mais para ela do que ele imaginava.

— Obrigada. — Ela conseguiu sussurrar em meio a lágrimas.

Ele se inclinou e deu um beijinho em seus lábios antes de se afastar.

— Vocês ficam... l-lindos juntos — comentou a avó, observando-os da cama do hospital. — Como se... f-finalmente tivessem... e-encontrado o caminho... um p-para o outro.

— E acho que nós encontramos mesmo, vovó — respondeu Ginger, desistindo de conter as lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

Cain a pegou pela mão e entrelaçou os dedos aos dela, e Ginger suspirou diante do amor incondicional e do apoio gentil que ele estava oferecendo esta noite. Ela não sabia o quanto estava precisando dele até que ele chegasse, e agora que ele estava ali, ela sentia que conseguiria suportar qualquer coisa.

— P-por que você e-está... c-chorando, Ginger? T-tem alguém... m-morrendo? — Kelleyane não conseguia mais sorrir, mas Ginger conseguiu notar o sorriso oculto naquela voz cansada. — Quem q-quer que s-seja... espero que t-tenha tido... uma v-vida boa... como a m-minha.

Depois de falar tanto, a avó soltou um suspiro longo e carregado, e Ginger ficou arrasada de ver a avó, tão forte e resiliente, definhando tão rápido.

— Agora, chamem... R-Ranger e Amy... p-para verem... a m-mãe deles. — Ela fechou os olhos e suspirou novamente, a respiração fraca e entrecortada. — C-Cain... c-cuide da m-minha... g-garotinha do... coração v-valente.

A voz foi ficando cada vez mais fraca e a última palavra saiu quase como num sussurro.

— Sim, senhora — assegurou Cain. — Eu vou cuidar. Prometo.

Ginger ainda estava de mão dada com ele quando ficou de pé e inclinou-se para beijar o rosto adormecido da avó. Então, deixou-se guiar por Cain para fora do quarto. Assim que chegaram ao corredor, os braços de Cain a envolveram em um abraço apertado. Ela apoiou a cabeça no ombro dele enquanto soluços silenciosos faziam seu corpo inteiro tremer.

Ele a abraçou apertado e acariciou as costas dela. Disse coisas como *Pode chorar, querida* e *Está tudo bem, meu amor* e *Estou aqui, Gin* até que suas lágrimas se esgotassem. Ela respirou fundo e olhou para ele.

— Você nunca vai saber, e eu nunca vou ser capaz de expressar, o quanto significou para mim você ter vindo aqui hoje. Cain — começou ela, meneando a cabeça quando ele envolveu seu rosto entre as mãos —, eu amo você. Nunca deixei de amar e nunca deixarei.

Ele arfou baixinho, franzindo as sobrancelhas da mesma forma que fizera no dia anterior, quando dissera que a amava. E, então, ele soltou o ar

pela boca e deixou que as palavras *Você me ama* pegassem carona em sua respiração.

Ela assentiu.

— Eu amo. Sempre amei.

Ele a puxou para mais perto, os lábios colados no ouvido dela, a voz embargada de emoção.

— Graças a Deus. Você me ama.

— Eu não sei como viver sem amar você, Cain Wolfram. Prometa... prometa que você nunca mais vai partir meu coração.

— Eu prometo — disse ele. — O seu coração já se partiu mais vezes do que deveria, princesa. De agora em diante, vamos mantê-lo inteiro. *Eu* vou mantê-lo inteiro, porque agora ele pertence a mim.

Ela apoiou a cabeça fatigada no peito dele, maravilhada de ver que um momento tão lindo e aguardado aconteceu em meio a um corredor de hospital, com os dias da avó chegando cada vez mais perto do fim.

Mas é por isso, pensou ela, que esse momento é *tão* importante: é um momento em que a vida a presenteia com o limão mais azedo que existe, e o homem que te ama senta-se ao seu lado para compartilhar aquele azedume com você.

Esse é o momento em que você descobre que pode confiar nele, que pode confiar no amor que ele sente por você, e que descobre que o seu amor estará seguro nas mãos dele, Ginger. Aqui, nesse exato lugar, é o primeiro momento da sua eternidade ao lado de Cain Wolfram.

— Gin — disse ele baixinho, dando um beijo no cabelo dela. — Se você não puder ir na sexta-feira... se você quiser ficar aqui com a sua avó...

— Não, Cain — sussurrou ela. — A sexta-feira é o nosso dia.

— Eu entenderia, princesa — avisou ele, a voz estremecida, porém honesta.

— Eu sei que entenderia — respondeu ela, afastando-se para abrir um sorriso em meio às lágrimas. — Mas ela ainda vai ficar com a gente por

mais um tempinho. E eu *quero* ficar com você. — Ela ficou na ponta dos pés e puxou o rosto dele para perto do seu. — Eu *preciso* ficar com você.

Cain estava *radiante* na sexta-feira.

Acordara nas primeiras horas da manhã e corra oito quilômetros antes de voltar para casa para malhar um pouco. A Marinha tinha sido uma ótima oportunidade para se manter em forma, e ele não relaxaria agora que voltara a ser um civil. Mas, durante todo o tempo em que estivera correndo e se exercitando, havia apenas um pensamento em sua mente: *Ela será toda minha às sete horas de hoje. Toda minha.*

Ginger chegou pontualmente ao meio-dia, as bochechas ficando coradas quando Cain a encarou pela garagem. E foi tão adorável que ele teve que se segurar para não correr até ela na frente de todos os clientes que estavam lá. *Você está pensando a mesma coisa que eu, princesa. E eu espero que você esteja com tanta vontade quanto eu estou.*

Mas, em todas as vezes em que a via no decorrer do dia, Cain percebeu que ela afastava o olhar e mordia o lábio inferior o tempo inteiro. Estava nervosa e o nervosismo só aumentava à medida que os ponteiros do relógio se aproximavam das sete da noite. Quando chegasse a hora, ela estaria completamente arruinada, e não era isso que Cain queria. Então, quando se deu conta de que não havia mais ninguém no escritório além de Ginger, foi até lá e trancou a porta atrás de si. Ficou parado enquanto Ginger a encarava do outro lado do cômodo.

Ela ergueu o olhar e engoliu em seco, os olhos arregalados.

— O-oi.

— Oi — cumprimentou ele, e foi direto ao assunto. — Por que você está tão nervosa?

— Eu não estou — respondeu ela rapidamente, baixando o olhar para o tampo da mesa, as bochechas ficando vermelhas como um pimentão.

Ele não conseguiu evitar de sorrir.

— Princesa? Essa é uma das vezes em que você vai me odiar por conhecê-la desde sempre. Eu consigo ler as suas expressões. Você está nervosa. E muito. Por quê?

— Você está brincando, né, Cain? — perguntou ela, a voz cheia de atrevimento.

Ele apoiou as mãos no quadril e negou com a cabeça.

— Não estou, não.

— Nós vamos *transar* esta noite!

— Porra — disse ele com o rosto impassível. — É *sério*?

Ela ficou boquiaberta.

— Bem, sim... Quer dizer... eu pensei que... não vamos?

— Hm. Bem, a gente pode — cedeu ele. — Se você quiser muito.

Ela o olhou fixamente e pendeu a cabeça para o lado, os lábios finalmente se curvando em um sorriso.

— Você está zoando com a minha cara.

Ele riu.

— Talvez eu esteja.

— Nós vamos transar esta noite — repetiu ela.

— Céus, eu espero que sim. Já faz anos que espero para ter você embaixo de mim, querida.

Ela sugou o ar pela boca e levou as mãos ao peito.

— Como você consegue dizer essas coisas em voz alta?

Ele deu um passo em direção a ela.

— Que coisas? Que eu quero olhar seu rosto enquanto deslizo para dentro de você?

Os olhos dela ficaram mais escuros e a respiração ficou mais ofegante.

Ele deu outro passo em direção a ela.

— Que eu quero ouvir os seus gemidos quando você gozar?

O peito dela oscilou e ela o encarou intensamente.

Ele deu mais um passo em direção a ela, apoiando as mãos no tampo da mesa e inclinando-se para perto dela.

— Que eu quero saber qual é a sensação de dormir com o seu corpo peladinho ao lado do meu?

— Cain — sussurrou ela, lambendo os lábios antes de franzi-los em uma linha.

— O que foi, linda? — ronronou ele. — O que foi?

— E se eu não for boa? — Ela deixou a escapar, a voz saindo como um choramingo desesperado.

Ele se empertigou e a encarou, confuso.

— Espere aí. *O quê?*

Ela engoliu em seco e ficou de pé e apoiou as mãos no tampo da mesa do mesmo jeito que ele estivera segundos antes.

— E se não for bom? E se... — Ela baixou a voz. — E se *eu* não for boa?

— De cama? — perguntou ele, tentando compreender.

Ela assentiu.

— Você já dormiu com tantas mulheres. E todas elas sabiam o que estavam fazendo, e eu só... eu só...

— Ah, meu amor — suspirou ele, dando a volta na mesa e a puxando para um abraço. — É por isso que você está preocupada? Está com medo de... me desapontar?

— Eu amo você — sussurrou ela, os olhos arregalados e cheios de dúvida. — Eu quero... eu quero que seja bom para você. Que seja bom para nós.

Ele envolveu a cabeça dela com uma das mãos e a puxou em direção ao seu ombro, então cerrou a mandíbula e estreitou os olhos, tentando acalmar os sentimentos inquietos que pareciam ser grandes demais para seu coração. Ela estava preocupada e com medo de não agradá-lo. Porra. Ele não a merecia.

— Princesa, você sabe por que a nossa noite vai ser boa?

— Por quê? — perguntou ela com a voz minúscula.

— Porque você não é a única que está entrando em um território inexplorado. — Ele abriu os olhos e admirou as mechas loiras de cabelo em sua mão. — É verdade que eu já estive com muitas mulheres. Mas eu nunca *fiz amor* com nenhuma delas. — Ela não respondeu. — E, até onde eu sei, você também nunca fez amor com ninguém. — O coração dele batia como o de um adolescente que seguia uma garota em direção ao porão da casa dela para que pudessem se beijar pela primeira vez. — Qualquer coisa que acontecer esta noite será boa porque eu amo você. E porque você me ama também. E não vamos simplesmente transar. Vai ser muito mais que isso.

Ela respirou fundo, os pulmões se expandindo e fazendo com que os peitos dela pressionassem o peitoral de Cain. E ele sentiu todo o seu sangue fluindo em direção ao pau.

— Tem outro motivo pelo qual vai ser bom. Quer saber qual é? — rosnou ele.

— Qual? — Ela ainda estava sem fôlego, mas parecia mais confiante. As palavras dele estavam fazendo sentido para ela, e aquilo o deixou feliz.

— Porque você está molhadinha agora. E eu estou de pau duro.

Ela arfou e levou a boca em direção ao pescoço dele, pousando os lábios na pele dele. Ele engoliu em seco e piscou, tentando não se deixar levar pela doçura do toque dela.

— Eu estou certo, não estou? — quis saber ele.

— Sim, v-você está — respondeu ela sem fôlego.

Ele tirou a mão do cabelo dela e a levou em direção ao quadril de Ginger, mudando de ideia no meio do caminho e enfiando a mão por dentro

da calça dela até sentir os pelos macios e aparados que cobriam a bucinha dela. Ele pousou a mão em cima daqueles pelos, cobrindo as partes íntimas dela.

— E se eu a estimulasse... bem aqui... agora... você gozaria rapidinho.

A respiração dela estava ofegante e entrecortada e ela arqueou as costas.

— S-sim. Gozaria mesmo.

Ele tirou a mão de dentro da calça dela e deu um passo para trás, levando a outra mão em direção ao ombro dela para impedir que ela perdesse o equilíbrio.

— Hm? — gemeu ela, os olhos se abrindo e a boca se escancarando.

— A nossa noite vai ser incrível — garantiu ele. — Pare de se preocupar.

Então ele ajustou a ereção na calça, piscou para Ginger e saiu porta afora.

Três horas mais tarde, Ginger estava sentada ao lado de Cain no carro a caminho da casa dele. Não conseguia evitar de querer tramar uma pequena vingança pela forma como ele a deixara cheia de desejo, ainda que não pudesse negar que ele havia aliviado as preocupações que ela sentia. Ou, melhor ainda, ele a havia distraído delas. O corpo de Ginger estava encharcado e pronto depois que aquele maldito a deixou sozinha depois de provocá-la, e ela teve que passar o resto do dia tão excitada que chegou a doer.

— Pensei que podíamos ir até a minha casa e pedir alguma coisa — comentou ele. — Eu não cozinho muito bem.

Ela admirou o perfil dele. *Lindo*. Vovó estava certa. *E todinho meu*. Finalmente.

— Tudo bem.

A mala dela estava no banco de trás, e continha um short e uma camiseta de pijama, a *lingerie* mais *sexy* que tinha, duas calças jeans, duas blusas, um suéter macio e que deixava os ombros à mostra, e suas meias felpudas preferidas. Tinha sido empolgante, e até mesmo excitante, arrumar a mala para passar o fim de semana na casa de Cain. E parecia *certo*. Ah, tão, tão certo.

— Você está brava comigo? — quis saber ele. — Por causa do que eu fiz mais cedo?

Ela suspirou, os olhos fixos no horizonte.

— Foi um truque sujo.

— Você ainda está preocupada?

Ela o olhou de canto de olho com mau humor.

— Não.

— Missão cumprida então. — Ele deu uma risadinha e ligou o rádio, que tocava música *country*. — E é melhor você me aproveitar neste fim de semana, querida, porque eu não vou estar aqui no próximo.

Ela virou-se para ele.

— O quê? Aonde você vai?

Velhas inseguranças sobre Cain ir embora vieram à tona, mas ela se forçou a permanecer calma. *Ele não está fugindo. Ele não está fugindo. Ele me ama. Ele não faz mais essas coisas.*

— Treinamento dos Reservas — informou ele. — Centro de Suporte Operacional da Marinha em Louisville, para ser mais preciso. Vou sair na quarta-feira e só volto no sábado à noite.

— Ah — disse ela, os ombros relaxando. — Eu não... Eu não sabia que você ainda estava...

— Em serviço? Ah, acho que eles não vão me convocar tão cedo assim, princesa. Mas, sim, eu vou continuar servindo por meio da Reserva. Eu gostava da Marinha.

— Gostava mesmo, né? — perguntou ela, virando-se para ele. — E foi uma coisa boa para você.

Ele assentiu.

— Me fez amadurecer. Me fez ser um homem melhor.

— Você nunca foi um homem ruim, Cain.

— Você era a única pessoa que via algo bom em mim naquela época. — Ele parou no sinal vermelho e virou-se para encará-la. — Você *sempre* viu algo bom em mim, Gin.

— Sempre teve algo bom para ver — declarou ela.

Ele pisou no acelerador quando o sinal abriu.

— Causando problemas na destilaria abandonada? Trepando com todas as garotas do Ensino Médio? Enchendo a cara até que minha mãe ligasse para Woodman ir me buscar? Quebrando o coração da garota mais adorável que eu já conheci? — Ele meneou a cabeça. — Eu não era nada bom. Eu era um garoto problemático, meu amor.

— Você não era nenhum santo — concordou ela. — Mas também não era o demônio.

Ele virou à esquerda e passou por um chafariz antes de acenar ao guarda que abriu o portão para eles, então, continuou em frente por várias e várias casas adoráveis e bem cuidadas em um condomínio fechado.

— É *aqui* que você mora?

Ele não respondeu, mas Ginger viu quando os lábios dele se curvaram ligeiramente em um sorriso contido. Dirigiram por mais um quilômetro mais ou menos, passando por um salão de festas, uma piscina e algumas quadras de tênis antes de virarem à direita na Nightingale Lane e pararem em frente à casa de número 12.

— Lar, doce lar — disse ele, desligando o motor e virando-se para ela com um sorriso no rosto.

— Cain! — exclamou ela, retribuindo o sorriso. — Esse lugar é lindo!

Ele assentiu.

— Preciso ser honesto com você. Quando comprei este lugar, só conseguia pensar em você. Eu queria que você gostasse e que se sentisse confortável aqui. Algo neste lugar, ah, sei lá, algo aqui meio que me fez lembrar da Fazenda McHuid.

O coração dela ficou leve ao ouvir aquelas palavras. Ele comprara esse lugar para ela, para *elas*, sabendo o quanto ela ia gostar. Ginger se lembrou de como ele apareceu no hospital dois dias antes, e em como ele a arrastou do fundo do poço quando ela estava sofrendo pela morte de Woodman, e, de repente, ela o viu pelos olhos da Ginger de seis anos de idade, lembrando-se de como os cabelos negros de Cain reluziam à luz do sol quando ele disse a ela para pular em seus braços.

E, naquele instante, parte dela queria pular novamente — pular no colo dele e beijá-lo como se o mundo estivesse prestes a acabar, mas aquilo só atrasaria o que ela queria *de verdade*. Ela o queria por *completo*.

— Vamos entrar — sugeriu ela, a voz baixa e rouca.

Um lampejo escuro passou pelos olhos dele.

— Com todo prazer.

Ele tirou a chave da ignição, deu a volta no carro e abriu a porta para que ela pudesse sair. Mais uma vez, ela se esforçou para não se jogar nos braços dele, mordiscando os lábios de ansiedade e entrelaçando uma mão na outra para que elas se comportassem. *Estamos quase lá*.

Ele a guiou em direção à entrada e destrancou a porta da frente, então, deu um passo para trás para que ela pudesse entrar primeiro. Ela olhou para ele enquanto adentrava a casa.

— Eu amei. Amei tudo em relação a esse lugar.

Ele abriu um sorriso.

— Que bom. Fico feliz. Eu queria que você...

— Mais tarde eu vejo o resto da casa. Agora, eu quero ver o seu quarto — avisou ela, os olhos perfurando-o como raio *laser*, o seu corpo no

controle, a voz entrecortada e sedutora. — Nós já esperamos tempo demais, Cain. Eu quero ficar com você.

O sorriso dele desapareceu dos lábios.

Ela deu um passo para trás e ele a seguiu em direção ao *hall* de entrada, fechando a porta com um chute.

As chaves caíram no chão ao mesmo tempo em que ele a puxou para si e a beijou com tanta força que os dentes deles colidiram, os corpos ávidos por ficarem mais próximos um do outro, as respirações entrecortadas e ofegantes enquanto se agarravam um ao outro desesperadamente. Ele a apoiou contra a porta e a beijou freneticamente, a língua entrelaçada à dela enquanto o membro duro e rijo pressionava as partes de Ginger. Ela gemeu e pendeu a cabeça para trás, e Cain começou a desabotoar a camisa dela.

— Foi mal, linda — ofegou ele, arrancando a camisa dela com tanta força que os botões se espalharam pelo chão de madeira. — Não consigo ir mais devagar.

Ela levou os dedos em direção ao fecho do sutiã, desesperada para tirá-lo, mas Cain foi mais rápido e abaixou a parte frontal, deixando os seios e os mamilos entumecidos a mostra. Ela agarrou os cabelos de Cain quando ele baixou a cabeça e abocanhou um dos mamilos, chupando-o avidamente enquanto acariciava o outro com os dedos.

Gemendo de prazer, Ginger puxou os cabelos dele com mais força e ele gemeu, mordiscando o mamilo entumecido até que ela gritasse de prazer. Cain grunhiu com impaciência e agarrou a bunda de Ginger, pegando-a no colo com facilidade. Ela enlaçou a cintura dele com as pernas enquanto ele a carregava pela casa, escada acima, e ele baixou a cabeça para que ela pudesse tirar a camiseta dele. Os músculos rígidos do abdômen dele pressionavam os seios macios de Ginger enquanto eles subiam as escadas, sem parar de se beijar.

Com um dos pés, ele abriu a porta do quarto e Ginger foi cercada pelo aroma de Cain – o aroma de homem e de óleo de motor, de grama recém-cortada e de ar fresco. Quando os pés de Ginger tocaram o chão, Cain arrancou o sutiã e a blusa dela e os jogou longe.

Os dois estavam completamente nus da cintura para cima, e Cain a puxou novamente e caíram os dois na cama, Ginger por cima dele.

Ela parou para recobrar o fôlego e empertigou-se, enlaçando-o com as pernas antes de abrir um sorriso.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi na vida — confessou Cain, apoiando a cabeça nas mãos, as covinhas salientes por conta do sorriso satisfeito em seu rosto.

Ela arqueou as costas e levou as mãos aos seios, apertando-os um contra o outro.

— Porraaaaa — rosnou ele. — E você vai acabar comigo esta noite.

— De jeito nenhum — murmurou ela, rebolando em cima do volume na calça jeans de Cain. Ela se inclinou e pousou as mãos na cintura dele, tracejando os músculos do abdômen até chegar perto da virilha. — Você também é lindo.

Ele se apoiou sobre os cotovelos.

— E agora?

— Você foi o meu primeiro beijo — disse ela, levando os dedos em direção ao botão da calça dele e o abrindo. — E o meu primeiro amor — continuou ela, baixando o zíper.

Enfiou os dedos debaixo do elástico da cueca dele e puxou tudo para baixo, observando atentamente quando a ereção dele ficou a mostra. Os pelos dele eram pretos e enrolados. O pau era enorme e estava duro, debatendo-se de leve como um touro prestes a sair do cercado. Salientes veias azuis envolviam o membro rijo e ela o acariciou novamente e a cabeça vermelha se libertou, saliente e pulsante.

Os olhos dela se fixaram aos dele por um momento – e ela mergulhou neles enquanto deslizava a mão em direção à base do pau dele, envolvendo-o com força. Os olhos de Cain estavam arregalados e escuros e as narinas estavam infladas, o peito oscilando pela respiração ofegante.

— Princesa — rosnou ele, os olhos suplicantes.

— Tantas primeiras vezes — murmurou ela, baixando a cabeça e enfiando o membro dele inteiro na boca.

Ele soltou um rugido estrangulado e içou os quadris para cima quando ela ergueu a cabeça, deslizando os lábios até a parte superior da dureza dele. Lambeu os lábios e o abocanhou novamente, e sentiu as calcinhas ficarem úmidas diante dos sons que escapavam dos lábios de Cain – gemidos de prazer profundos e guturais que fizeram com que Ginger se sentisse como uma deusa. Ela raspou os dentes de levinho sobre a carne dele e ergueu a cabeça. Fez movimentos circulares com a língua na cabeça avermelhada e pulsante do membro dele e lambeu o líquido que saiu da pontinha, então, sem aviso prévio, abocanhou-o por inteiro novamente. Estimulou a base do membro com a mão enquanto o chupava, deleitando-se ao notar que ele agarrava os lençóis, o quadril ainda elevado.

— Gin — ofegou ele. — Gin, você precisa parar.

— Não — protestou ela, lambendo-o da base até a pontinha antes de acariciar a cabeça vermelha com a língua em movimentos longos e lentos.

— Eu vou gozar — gemeu ele.

Ela ergueu a cabeça e o encarou fixamente.

— Promete?

— Porraaaaaaaa — sibilou ele quando Ginger umedeceu os lábios e baixou a cabeça para lambê-lo novamente.

Ela sentiu o membro dele pulsar e sacudir, sinais que anteviam o clímax.

— Porra! Ginger! — gritou ele, dando duas arremetidas antes de se desfazer em um orgasmo. Ela o chupou levemente, engolindo todo o líquido até que o corpo dele pendeu sobre o colchão e ele soltou um suspiro longo e profundo de prazer.

Por fim, ela levou os lábios à pontinha do membro dele e a beijou de leve antes de sentar-se. Os braços de Cain estavam cruzados sobre a cabeça, cobrindo os olhos dele enquanto o peitoral musculoso oscilava pela respiração ofegante.

— Cain? — chamou ela baixinho e pendeu a cabeça para o lado, sentindo-se ligeiramente insegura.

Observou enquanto os lábios dele se curvavam no sorriso mais feliz e sexy que ela já havia visto, e sentiu a risada borbulhando, alegre e livre. Ela o deixara feliz.

Ele baixou os braços e olhou para ela, os olhos calorosos e cintilantes.

— Isso. Foi. Épico.

Com cuidado para não esbarrar no membro dele, ela rebolou até se sentar sobre o abdômen trincado dele.

— Ah é?

— Eu não quero nem *pensar* em como você aprendeu a fazer isso.

Ela sentiu as bochechas corarem e afastou o olhar.

— Princesa — chamou ele, levando a mão ao rosto dela e fazendo-a se virar para encará-lo. — Eu não queria ter mencionado Woodman. Foi mal, eu...

— Eu nunca fiz isso em Woodman — confessou ela. — Eu nunca tinha feito isso... até agora.

Era ridículo que as palavras dela fizessem uma onda de felicidade pura e genuína atingir seu corpo, mas fizeram. E fizeram porque o que Ginger tinha acabado de fazer pertencia a ele e somente a ele. E ele desejava poder dar algo que também pertencesse somente a ela... e, então, se deu conta de que podia.

— Srt^a Virginia Laire — começou ele, mantendo a voz calma ainda que seu coração palpitasse de emoção —, você é muito boa nisso.

— Sou mesmo, Sr. Wolfram? — perguntou ela com um acento sulista carregado, rebolando ligeiramente no colo dele.

Ela precisava de prazer e, porra, como ele queria dar isso a ela.

Esticou o braço e desabotoou a calça jeans dela antes de baixar o zíper, mas, como ela ainda estava no colo dele, não tinha como despi-la. Aos risinhos, ela saiu do colo dele e se ajoelhou na cama e baixou a calça e a calcinha. Sentou-se na beirada da cama para que pudesse se despir por completo e jogou as roupas no chão do quarto. Cain fez o mesmo, despindo a cueca e a calça por completo, bem como os tênis.

O seu humor passou de brincalhão para um sentimento de veneração profunda quando virou-se e deu de cara com o corpo nu de Ginger, de costas para ele e sentada à beira da cama. Ela jogou os cabelos louros sobre o ombro e Cain tracejou o pescoço e as costas dela com o olhar, e sorveu aquela imagem como um homem sedento. A cintura estreita e os quadris curvilíneos. Os seios cheios vistos de relance. As linhas suaves de seus ombros. Ela era uma deusa, e ele definitivamente não era digno dela, mesmo que tivesse passado a vida inteira – *a vida inteira mesmo* – esperando por aquele momento, esperando merecê-la. E ainda que tivesse demorado a vida toda para conquistá-la, ele nunca deixaria de agradecer a Deus pela chance de amá-la e pela segunda chance de ser amado por ela.

— Obrigado — sussurrou ele. — Obrigado por ter me entregado essa parte de você.

— Sempre foi sua — confessou ela, olhando-o por sobre o ombro.

— Obrigado por me amar.

— Sempre amei.

— Obrigado por permitir que eu a ame.

— De nada — murmurou ela.

Sentou-se atrás dela e a puxou para perto de si. Plantou um beijo nas costas dela e deslizou os lábios em direção ao ombro, beijando cada um dos lados antes de levar os lábios à base do pescoço. Levou as mãos aos seios dela e a puxou para mais perto de si. O membro rijo dele pressionou as costas dela e Ginger pendeu a cabeça para o lado, esticando o pescoço enquanto ele acariciava os seios dela e beliscava os mamilos com movimentos circulares e suaves.

Respirou fundo.

— Eu nunca...

— Você nunca o quê? — perguntou ela sem fôlego.

— Eu nunca transei com uma mulher... sem proteção — admitiu ele, mordiscando a orelha dela, o que a fez arfar. — Sem uma barreira.

Ele levou a mão ao coração dela e sentiu o leve relevo da cicatriz antiga e, logo abaixo, os batimentos fortes e acelerados. E ele soube que aquele coração estava completamente curado – da cirurgia, da dor que ele causara, da perda de Woodman. Era inteiro e forte... e dele.

— Nunca? — perguntou ela com a respiração entrecortada, deixando a cabeça pender para atrás em direção ao ombro de Cain, o pau dele pulsando nas costas dela.

— Nunquinha — respondeu ele, arrastando os lábios sobre a pele dela, perguntando-se se tinha o direito de pedir tal coisa. — Mas eu quero fazer isso... com você.

Ela ficou de pé e virou-se para encará-lo. Esticou os braços e envolveu o rosto dele com as mãos, e Cain Holden Wolfram, um mulherengo notório, ficou sem saber o que dizer, atingido em cheio pela força e pela intensidade do amor que sentia por Ginger, por esta criatura adorável que ele conhecia desde sempre e que tinha sido dona de uma parte do coração dele desde a infância e que agora era dona do coração todo.

Ela se inclinou e pressionou os lábios na testa dele e os deslizou em direção à ponta do nariz antes de levá-los aos lábios de Cain, beijando-o com ternura e mordiscando o lábio inferior. Ela se acomodou em meio às pernas de Cain e apoiou as mãos nos ombros dele, e Cain levou as mãos às laterais do quadril dela para ajudá-la, para guiá-la.

— Eu também quero — sussurrou ela, o corpo tão colado ao seu que Cain podia sentir os seios dela contra o peito dele. Ele deslizou os dedos e envolveu a bunda dela, puxando-a para cima, posicionando-a de forma que os joelhos ladeassem as laterais do corpo dele. Ela arqueou-se e movimentou-se para que a pontinha do membro dele se encaixasse na abertura dela, então enlaçou o pescoço dele com os braços para se segurar.

— Mulher do coração valente — suspirou ele. — Eu vou te amar

para sempre.

— Eu também vou te amar para sempre — declarou ela enquanto se movimentava e afundava-se aos pouquinhos no pau inchado e pulsante de Cain.

Ela estava quente e molhadinha, macia e apertadinha, encaixando-se nele como uma luva e guiando-o para o paraíso do seu corpo. Ele prendeu a respiração e sentiu as paredes dela se estreitarem ao redor de seu membro, maravilhado pela textura sulcada que envolvia seu pau e esperou até que estivesse completamente dentro dela antes de soltar a respiração. Os olhos dela, que estavam fechados, finalmente se abriram e o fitaram intensamente. E ele soube, pela primeira vez na vida, qual era a sensação de fundir seu corpo ao de outra pessoa, a sensação de ter aberto sua alma para à dela, e como transar era completamente diferente de fazer amor.

— Amor — ofegou ele —, você está bem?

— Aham — suspirou ela, abrindo aquele sorriso absurdamente lindo que fez o coração de Cain explodir e suas bolas se contraírem.

Ele deu uma arremetida e ela gemeu, inclinando-se para pressionar a testa contra a dele.

— Mais — arfou ela, rebolando no colo dele e esfregando os seios no peitoral dele.

— Me beije — pediu ele, dando mais uma arremetida e tentando se conter, mas incapaz de resistir ao paraíso inacreditável que era a bucetinha dela.

Pressionou os lábios contra os dela e a sua língua abriu caminho em direção à boca de Ginger conforme suas arremetidas ficavam cada vez mais rápidas. Ela interrompeu o beijo e fincou as unhas nos ombros dele, gemendo cada vez mais alto, as paredes de seu sexo estreitando-se em volta do membro de Cain.

— Cain — gemeu ela, a voz entrecortada enquanto uma lágrima escorria pelo seu rosto. — Eu amo você. Eu amo tanto.

Ela era tão linda que ele mal conseguia respirar.

— Goze para mim, linda.

— Cain! — gritou ela e contraiu os músculos lá de baixo e os relaxou, pulsando sem parar. Ela jogou a cabeça para trás, o pescoço esticado, o pulso agitado com selvageria.

Cain a segurou pelo quadril e deu uma arremetida, duas, três – e gritou o nome dela, grunhindo o amor que sentia por Ginger enquanto ela o envolvia com os braços e ele adentrava um estado de êxtase, certo de que sua vida havia mudado para sempre: batizada com amor, renascida em devoção, o coração conectado ao dela até o fim dos tempos.

Capítulo Trinta e Três

É claro que ele estava certo. Ginger nunca tinha feito amor até aquela noite. E, agora, ela não queria mais nada – *nada*, pelo resto da vida – além de passar todas as noites fazendo amor com Cain.

Na segunda vez, ele manteve contato visual e se movimentou vagarosamente, deslizando para dentro dela de uma forma dolorosamente lenta, pairando acima dela, sustentando o seu peso com os braços retesados, os músculos contraídos, o membro grosso e rijo movimentando-se dentro dela, tocando, clamando e amando cada pedacinho dela. Eles atingiram o clímax ao mesmo tempo, gemidos de prazer escapando de seus lábios, os olhos fixos uns aos outros, sem necessidade de promessas nem juramentos. Um milhão de pensamentos transmitidos por aquela expressão compartilhada de amor incondicional enquanto os corpos tremiam diante da união perfeita e intensa, e eles caíram no sono ainda conectados, abraçados firmemente um ao outro.

Horas depois, ela abriu os olhos em meio à escuridão. Afastou-se ligeiramente do abraço caloroso e aconchegante e verificou o horário no relógio em cima da mesinha de cabeceira de Cain: 10h43. Abriu um sorriso e aninhou-se novamente nos braços dele. Eles já estavam dormindo há algumas horas, e ela ainda não tinha certeza se queria acordar, então, fechou os olhos, respirou fundo e suspirou.

— Está com fome, princesa? — perguntou ele, o hálito quente acariciando a pele do pescoço dela.

— Você está acordado? — Ela se virou para ficar de frente para ele. Os seios macios, que ele acariciara loucamente horas antes, roçaram nos pelos encaracolados do peito dele, e ela mordeu a língua para conter um gemido.

— Eu não... — começou ele antes de sorrir para ela, as covinhas em suas bochechas ficando mais salientes. Meneou a cabeça e deitou-se de costas, esfregando o rosto com as mãos antes de voltar a olhar para ela com

um sorriso feliz e abobalhado nos lábios. — Eu não quero perder nada. Isso não faz de mim o namorado mais animado do mundo inteiro?

Ela estava deitada de lado, a cabeça apoiada sobre um dos cotovelos.

— *Namorado?*

Ele piscou, os olhos cheios de dúvidas.

— Não sou?

— É — respondeu ela baixinho, pousando uma das mãos nos músculos definidos do abdômen dele, o coração explodindo de felicidade. — Definitivamente é.

— Podemos ficar juntos em Apple Valley? — quis saber ele, arqueando as sobrancelhas.

Ela estremeceu e respirou fundo.

— Ainda não.

— Mas ele *queria*. — Cain se interrompeu abruptamente e mordeu o lábio inferior antes de franzir o cenho.

Mas ele queria...

— O quê? Quem? *Woodman*? — indagou ela, acariciando o peito dele com delicadeza e içando o corpo para cima para que pudesse encará-lo, tentando ler os olhos dele, mas Cain os manteve baixos. — Cain? O que você ia dizer?

Ele fechou os olhos e deslizou o polegar pelo lábio inferior. Quando abriu os olhos, evitou o olhar de Ginger e encarou o teto.

— Deixe para lá.

— Não — negou ela com firmeza, tirando a mão do peito dele. — Não posso. O que você ia dizer?

Ele estendeu o braço e pegou a mão dela, entrelaçando os dedos aos seus e levando ambas as mãos ao coração. Quando olhou para ela, os olhos cintilavam.

— Eu amava Woodman — sussurrou ele.

— Eu sei que amava — disse ela, apertando os dedos dele. — Eu também.

— Ele era como um irmão para mim, Gin. Você e Josiah eram as únicas pessoas que... que viam algo bom em mim. — Ele a observou com atenção. — Eu teria feito qualquer coisa por ele. Eu afastei você de mim, mesmo que *eu* tivesse sentimentos por você, só porque *ele* a amava.

Ela arfou baixinho e assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Eu me lembro.

Pensar naquelas palavras era algo dolorido, mas elas estavam marcadas a ferro em sua mente:

Ele queria morrer, Ginger. Ele queria morrer, porra! Mas pensar em você, em voltar para você, era a única coisa que o fazia seguir em frente. Você acha mesmo que eu tiraria isso dele? Você acha que eu teria a capacidade de magoá-lo desta forma? Você acha que eu permitiria que você o magoasse assim?

— Você se lembra do seu aniversário de doze anos?

Ela fez que sim.

— O ano em que eu não pulei.

— Enquanto você estava fazendo birra, Josiah me disse que ia se casar com você um dia. Perguntou se eu tinha algum problema com isso... e eu... eu só a enxergava como uma criança, Ginger. Eu disse que você era toda dele.

— Como um pacto?

Cain negou com a cabeça.

— Não. Foi mais como um irmão reivindicando uma garota e o outro irmão respeitando a escolha dele.

— Quanto tempo isso durou? Essa... reivindicação?

Cain suspirou e afastou o olhar.

— Não importa. O que importa é que me deu uma boa razão para ficar longe de você. Você precisa entender, Gin. Por muito tempo, eu pensei que... não, eu tinha *certeza* de que ele seria melhor para você do que eu. Eu não lutei pelo seu amor porque eu pensava que não a merecia.

— Mas eu amava você.

— E eu amava você — declarou ele, franzindo a testa. Suspirou, os olhos perturbados. — Venha aqui.

Ele colocou um travesseiro embaixo da cabeça e puxou Ginger para mais perto até que ela estivesse deitada no peito dele. Ele a abraçou e acariciou as costas dela de uma maneira reconfortante.

— Se eu te amasse menos, Gin — começou ele, a voz retumbando sobre a orelha dela —, eu teria aceitado quando você se ofereceu para mim no antigo celeiro aquele dia. E se eu amasse Woodman um pouco menos, talvez eu tivesse cometido o pior erro de minha vida.

— Um *erro*? Ficar *comigo* é um erro? — perguntou ela, as palavras a magoando profundamente.

— De arruinar a possibilidade disso *aqui* — esclareceu ele com a voz carregada de emoção. — Do que temos *agora*. De você aqui ao meu lado e com o futuro inteiro à nossa frente. — Ele acariciou os cabelos dela com carinho. — Eu não estava pronto para ser o homem que você precisava. E eu sinto muito por isso, mas eu ainda precisava amadurecer um pouco mais. E se eu tivesse a reivindicado para mim naquele dia, eu teria arruinado meu relacionamento com Woodman e aniquilado a possibilidade de que algo bom acontecesse entre mim e você um dia.

As palavras dele faziam sentido, mas ela sentiu a raiva borbulhar dentro de si. Raiva de um homem morto que ficara entre ela e o garoto a quem ela amava tão desesperadamente.

— Ele sabia como eu me sentia... e mesmo assim ficou entre nós.

— Ele sabia que eu não era bom o suficiente para você. Não naquela época.

Os olhos dela se encheram de lágrimas de frustração.

— Ele não tinha o direito de dar uma de Deus e mandar no meu coração, Cain! Eu... eu estou com raiva dele!

— Mas não devia — advertiu ele calmamente. — Cada escolha, cada obstáculo, cada passo que demos nos trouxe até *aqui*, e eu não mudaria isso por nada no mundo. Aceito tudo que tivemos que passar e enfrentaria tudo de novo... só para estar com você aqui e agora.

Ela fungou baixinho e reescreveu dez anos de memórias com as informações que acabara de receber. Mas, vasculhando em sua mente, não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião em que Woodman falara mal de Cain ou a alertara para ficar longe dele. Ele sempre fora leal ao primo, defendendo e protegendo Cain mesmo quando estava fazendo o mesmo por ela. Que corda bamba ele teve que trilhar. E talvez Cain estivesse certo – se Woodman não tivesse ficado entre eles ao reivindicar Ginger tão cedo, talvez não estivessem enlaçados nos braços um do outro naquele momento. Talvez tudo tivesse acontecido exatamente do jeito que deveria.

Mas ainda assim, expor a felicidade que acabara de encontrar nos braços de Cain? Ela não conseguia negar que aquilo parecia errado. Woodman a amara, e ela tinha feito promessas a ele. Não se importava com o que as pessoas pensariam dela, mas Woodman havia se esforçado tanto para manter Cain e Ginger longe um do outro, que ficarem juntos parecia ser uma desonra à memória dele. E aquilo a fez se encher de culpa.

— O que você ia dizer antes? — quis saber ela. — O que Woodman queria?

Cain respirou fundo e soltou o ar pela boca.

— Ele morreu nos meus braços, Gin.

— Woodman? Mas eu pensei que ele tivesse morrido no celeiro que estava pegando fog...

— Não — interrompeu Cain, a voz baixa e carregada de tensão. — Ele ainda estava vivo quando eu o tirei do celeiro. Ele morreu nos meus braços.

— Não. — Ela levantou o corpo para poder encará-lo. — Ai, meu Deus. Eu não sabia. Sinto muito, Cain.

Ele tirou uma das mãos das costas dela e a pousou sobre sua testa, cobrindo os olhos parcialmente enquanto olhava para ela, a dor vindo como ondas.

— Ele não morreu logo de cara — contou Cain, o olhar ainda fixo ao dela.

O estômago dela se contorceu e ela choramingou.

— Não, querida. Ele não estava sentindo dor. Acho que ele não estava sentindo nada, mas... — O rosto de Cain estava coberto de tristeza. — Ele disse algumas palavras.

— Disse? O que ele... Por que você não me contou? O que ele disse? — quis saber ela, ignorando a lágrima que escorria pelo rosto.

Cain esticou o braço e enxugou a lágrima, afastando-a em direção ao cabelo de Ginger. Ele a olhou com intensidade.

— Você sabe que eu te amo, não sabe?

Ela assentiu, mas o seu corpo estava rígido e cheio de nós.

— Eu preciso ouvir você dizer.

— Você me ama — disse ela baixinho. — Eu sei que ama. E eu amo você.

Cain assentiu.

— Você sabe que eu *sempre* te amei, não sabe? Mesmo quando eu estava fazendo de tudo para mantê-la afastada de mim. Você acredita nisso, não é?

Ela assentiu novamente, piscando enquanto mais lágrimas vinham à tona.

— Eu não duvido do amor que você sente por mim, Cain.

— Que bom, meu amor, porque o que eu estou prestes a dizer pode ser difícil de ouvir.

— Diga logo, por favor — suplicou ela.

Cain assentiu.

— Antes de Josiah morrer, ele disse que você me amava.

Ela arfou e prendeu a respiração enquanto olhava fixamente para Cain.

— Tem mais... Ele... ele pediu para que eu fosse bom para você, e cuidasse de você, e... — A voz dele ficou embargada e ele pigarreou antes de continuar. — E que a amasse.

— Caaaaain — soluçou ela, cobrindo a boca com a mão quando a trágica história do amor que Woodman sentia por ela encerrava seu ciclo terrível.

— Ele me fez prometer — contou Cain.

Ela negou com a cabeça, tentando conter os soluços, mas falhando miseravelmente.

— Foi por isso que você se aproximou de mim — comentou ela.

Ele ficou tenso, o corpo todo se retesando.

— Você *sabe* que eu te amo. Não duvide disso só por causa dos últimos desejos de Woodman, meu amor.

— Mas você estava com tanta raiva de mim naquele churrasco — argumentou ela, respirando em meio a soluços. — Você se aproximou de mim por causa da promessa que fez a Woodman. Admita.

— Em parte — confessou ele, franzindo as sobrancelhas, os olhos a observando com desespero, implorando para que ela enxergasse a verdade em suas palavras. — A promessa que eu fiz a ele me forçou a perdoá-la por ter dormido com ele logo depois de ter se declarado para mim. Então, sim, eu me aproximei de você por causa dele a princípio... Mas *continuei* me aproximando por *sua* causa. Foi tão fácil me apaixonar por você novamente. Será que você não percebe, Gin? A única coisa que sempre me manteve afastado de você era Woodman. E, antes de morrer, ele me presenteou com... sua bênção.

A cabeça dela pendeu para frente diante do peso da tristeza que

sentia, diante da magnitude da devoção que Cain Wolfram mostrava para alguém que amava, diante da pungência dos últimos desejos de Woodman. Cain mantivera-se longe dela por causa do amor que sentia pelo primo, e Woodman havia concedido sua permissão para que Cain a amasse, tudo porque seu ex-noivo sempre tinha amado os dois. E descobrir aquilo a devastou por dentro. Eles sempre disseram que se viam como irmãos, mas isso nunca tinha ficado tão evidente para Ginger como agora, e aquilo a enchia de triste e alegria, conforto e gratidão. Tudo porque descobriu que Woodman se agarrou à vida por tempo suficiente para dizer aquelas palavras que garantiriam a felicidade de Ginger.

— Nós éramos primos apaixonados pela mesma garota — declarou Cain, segurando o queixo dela com uma das mãos e a fazendo olhar para ele. — Isso não significa que um de nós era o vilão e, o outro, o herói. Você não consegue controlar por quem vai se apaixonar. Mas o coração de alguém vai se partir. No final, ele se certificou de que não seria o nosso.

— Ele morreu pensando em nós — disse Ginger, enxugando as lágrimas.

Cain assentiu.

— Ele *sempre* quis que você fosse feliz, Gin.

Por que o céu é azul, Ginger? Porque é o único jeito que pode ser.

— É errado estarmos felizes? É ruim estarmos juntos parcialmente porque ele se foi?

— Nós dois amávamos Woodman — disse Cain com ternura. — O que aconteceu foi horrível. Nós jamais desejaríamos que isso acontecesse. — Ele fez uma pausa. — Mas aconteceu, e ele não ia querer que ficássemos sofrendo por ele pelo resto da vida. De jeito nenhum. As últimas palavras dele foram uma prova de que ele queria que nós dois fôssemos felizes, princesa.

Exausta, mas estranhamente reconfortada, Ginger deitou-se novamente e deixou-se envolver pelos braços de Cain, que a puxaram para mais perto. Ela apoiou a orelha sobre o coração forte e acelerado dele, e foi assim que caiu no sono novamente: conectados pela tristeza, mas unidos pela

paz.

Cain esperou até que a respiração dela estivesse profunda antes de virar de lado e a puxar para mais perto dele para que ficassem deitados de conchinha. Ele sempre soubera que não poderia contar as últimas palavras de Woodman a Ginger até que ela tivesse certeza do amor que Cain sentia por ela, mas depois que compartilharam os corpos um com o outro na noite passada, ele não queria mais manter aquilo em segredo. Não queria mais nenhum segredo entre eles. Nunca mais.

Além disso, ele não suportava ver que ela se sentia culpada por estarem juntos, quando as últimas palavras de Woodman tinham sido sobre o amor que Cain e Ginger tinham um pelo outro. Woodman não ia querer que ela fosse infeliz. Nem por um segundo. Ele passou a vida fazendo de tudo para garantir a felicidade de Ginger. E, agora, ela entendia que o fato de estarem juntos não era uma traição, e sim uma forma de concretizar os últimos desejos de Woodman. E Cain torcia para que ela encontrasse a mesma paz que ele encontrou ao honrar o último pedido do primo.

Fechou os olhos e lembrou-se do rosto sardento de Woodman quando criança – o primeiro amigo de Cain, o seu melhor amigo no jardim de infância, seu companheiro em aniversários de família e em piqueniques de verão. Os cabelos louros de Josiah iluminados pelos raios de sol e os olhos verde-musgo franzidos em uma gargalhada. E, então, Ginger também apareceu em suas memórias – uma criancinha rechonchuda com uma coroa de margaridas nos cabelos tão louros que beiravam o branco, de mãos dadas com Cain e Woodman enquanto corriam por prados verdejantes.

Pelo resto da vida, Cain sentiria saudade de Woodman.

Pelo resto da vida, Cain seria bom, amaria e cuidaria de Ginger.

Não porque ele prometera a Woodman, e sim porque o amor que sentia por Ginger estava profundamente arraigado em todas as fibras de seu ser. Se forçasse a memória, ainda conseguia sentir aqueles dedos gorduchos entrelaçados aos seus.

Mas ele seria eternamente grato a Woodman por ter contado a ele

que finalmente chegara a hora de Cain amar Ginger – que ele finalmente era digno dela.

Envolvendo-a com mais força e aninhando-se ainda mais contra ela, Cain respirou tranquilamente, fechou os olhos e adormeceu.

Capítulo Trinta e Quatro

Ginger estivera apaixonada por Cain por muito tempo, mas havia algo surreal e precioso e inacreditável em saber que o amor que sentia era totalmente correspondido. Eles passaram a manhã de sábado na cama e fizeram amor mais uma vez antes que Cain a levasse para tomar café da manhã em uma lanchonete local e, depois, foram à loja Bed Bath & Beyond para que ela o ajudasse a escolher cortinas para a sala de estar e um novo edredom para a cama.

Eram atividades rotineiras – sentar-se em frente a ele em uma lanchonete e comprar coisas para a casa – que milhões de casais ao redor do mundo faziam diariamente, mas Ginger, que esperara a vida toda para estar com Cain, e que finalmente havia se libertado da culpa de amá-lo, mal conseguia conter a sua felicidade.

Ele a abraçava, ou pegava a mão dela, ou acariciava as costas dela antes de beijá-la com ternura enquanto ela segurava uma colcha marrom que combinava perfeitamente com o edredom bege que ele tinha acabado de comprar. A conexão entre eles era natural, nascida de uma amizade duradoura, mas também era ardente, nascida do amor redescoberto, e aquela combinação a deixava eufórica.

No sábado à tarde, ele a levara por um *tour* pela casa e pelo condomínio, e ela admirou a expressão orgulhosa no rosto dele quando ele apontava para o lago e para a piscina e perguntava se ela sabia jogar tênis. Ela não sabia, mas isso não era importante. O que importava era se dar conta de que ele havia amadurecido e se tornado um homem responsável e autossuficiente que não estava apenas mostrando a sua nova vida a ela – mas sim, a cada olhar, a cada palavra – oferecendo aquela vida a ela também, oferecendo compartilhar tudo aquilo com Ginger quando ela estivesse pronta.

E a verdade era uma só. Ela não havia se sentido nem um um pouco pronta para se casar com Woodman, mas a mente dela se inundava de pensamentos sobre se casar com Cain, deixando-a ansiosa e empolgada. Ela mal podia esperar para que pudessem caminhar de mãos dadas em direção ao futuro.

No domingo, ele se ofereceu para levá-la à igreja, mas ela recusou. Imaginou a dor nos olhos da Sra. Sophie ao observar o sobrinho tomando o lugar do filho, e Ginger sabia que compaixão e discrição era o caminho certo a seguir, ainda que Cain estivesse impaciente para declarar o amor dos dois para o mundo inteiro ouvir.

Os dois foram ficando cada vez mais melancólicos à medida que o dia ia chegando ao fim, e o sol se pôs no horizonte como um sinal de que o fim de semana perfeito estava prestes a acabar. Depois de um beijo de despedida que durou quase uma hora, apoiados no carro dela, as mãos entrelaçadas, os corpos ávidos por mais, Ginger finalmente se desvencilhou de Cain e foi embora. Chorou durante todo o trajeto até Apple Valley, desolada por ter de ficar longe de Cain mesmo que por só um dia.

E aquilo fez com que a viagem para Versailles na terça-feira de manhã fosse ainda melhor. Sem conseguir aguentar de saudade, ela saiu da Fazenda McHuid às dez e meia da manhã e enviou uma mensagem para Cain avisando que já estava a caminho. Quando chegou, ele estava esperando por ela na garagem, a calça jeans de cintura baixa, a camiseta de manga longa colada no peitoral musculoso, os olhos – azuis-escuros e límpidos – a fitaram intensamente através do para-brisa do carro enquanto ela estacionava, desligava o motor, saía do carro e corria para se jogar nos braços dele.

Ele a pegou no colo com facilidade e ela enlaçou a cintura dele com as pernas, os lábios se fundindo em um beijo desesperado enquanto ele a carregava para dentro.

— Eu preciso de você — rosnou ele, abrindo a porta do escritório com um chute. — Céus, eu senti a sua falta, princesa.

Ela pressionou os lábios contra a mandíbula, as bochechas, os olhos e os lábios de Cain.

— Eu também senti — arfou ela, as calcinhas encharcadas, o corpo tenso e pronto para ele.

— Não consigo ir devagar — avisou Cain, colocando-a no chão em frente à mesa. Esticou o braço e empurrou o conteúdo da mesa, incluindo os *laptops* e o telefone, para o lado, e virou-a de costas. — Apoie-se aí.

Ela ergueu o vestido até a cintura, baixou a calcinha até o joelho e inclinou o corpo, apoiando os braços no tampo da mesa. Ouviu quando Cain abriu o zíper da calça e a despiu. Arfou quando sentiu o membro rijo dele indo de encontro às suas partes sensíveis e úmidas e gemeu alto quando ele a agarrou pelo quadril e deslizou para dentro dela com uma arremetida suave.

— Ahhh — ofegou ele, enterrado bem fundo nela e inclinando-se sobre as costas de Ginger, a camiseta pressionada contra o tecido franzido do vestido dela.

Ginger apoiou o rosto sobre o tampo de madeira frio e liso e fechou os olhos, sentindo-se grata e aliviada.

Ele afastou o cabelo dela para o lado e levou os lábios em direção ao pescoço de Ginger, ainda imóvel, ainda que seu membro pulsasse em um ritmo acelerado. As paredes sensíveis de Ginger sentiam cada pulsar conforme o membro de Cain se agigantava dentro dela.

— Me desculpe — suspirou ele sem fôlego.

— Não precisa se desculpar — murmurou ela. — Eu também preciso disso.

— Do que você precisa, amor? — quis saber ele, lambendo o pescoço dela enquanto deslizava as mãos em direção aos seios de Ginger.

Ela gemeu e pressionou o corpo contra o dele.

— De mais.

Sem pressa, Cain deu outra arremetida, e Ginger gemeu alto.

— Mais.

Ele segurou um tufo de cabelo dela e a puxou, com delicadeza e firmeza, para mais perto de si antes de dar outra arremetida.

— Ai, meu Deus — gemeu ela. — Mais.

Ele envolveu a cintura dela com o outro braço e a puxou um pouquinho para trás.

— Segure-se firme, Gin.

Ela espalmou o tampo da mesa e ele deu outra arremetida. Cain acariciou o corpo dela até chegar ao clitóris entumecido e sensível de Ginger. O dedo de Cain, áspero e quente, foi de encontro àquele pedaço de carne pulsante e o estimulou enquanto puxava o tufo de cabelo com a outra mão e dava mais uma arremetida.

— Eu quero ouvir você gritar meu nome — grunhiu ele. — Quero ouvir você gritar meu nome quando gozar, princesa.

Ela assentiu, quase incapaz de responder diante do desejo ardente e doloroso que tomava conta de seu corpo. Só conseguiu dizer:

— Tá.

— Está pronta para gozar?

— *Por favor* — implorou ela.

Ele estimulou o clitóris sensível em movimentos circulares enquanto dava arremetidas cada vez mais rápidas, todo o seu corpo se retesando em antecipação a um orgasmo tão grandioso que ela prendeu o fôlego e pressionou a testa contra o tampo da mesa, o corpo estremecendo por inteiro e um gemido escapando de seus lábios:

— Cain!

— Ah! Princesa! — gemeu ele, segurando-a pelo quadril e deslizando seu membro para fora de Ginger antes de voltar para dentro dela com uma arremetida tão profunda que ela sentiu a ponta do pau dele no útero e explodiu com o poder do clímax dele, quente e úmido, dando arremetidas ritmadas até que ela se deu conta que estava deitada na mesa e que o corpo dele pendia sobre o dela.

Ela estava exausta.

Ela estava completamente exaurida.

Ela estava muito satisfeita.

— Hmm — murmurou ela, sentindo o coração bater nas têmporas, e sentindo os batimentos acelerados de Cain em suas costas.

— Você está bem? — ofegou ele.

— Ai, meu Deus — disse ela. — Eu não fazia ideia...

— Que poderia ser assim?

— Que eu poderia ter tanta vontade — confessou ela, a respiração voltando ao normal. — Que eu poderia gostar tanto assim.

Ele deu risada e deslizou para fora dela. Envolveu a cintura dela com uma das mãos e a puxou para ele antes de se sentar em uma das cadeiras, levando-a junto com ele. Ela estava sentada em seu colo, a cabeça apoiada nos ombros de Cain, as pernas em cima dos braços dele, e Cain a olhou, os olhos azuis repletos de amor.

— Oi, namorada.

— Oi, amor — respondeu ela com um sorriso, amando a expressão suave no rosto dele, sabendo que ela era a responsável por aquilo.

— Feliz terça-feira.

— Até agora, tudo bem — determinou ela.

Ele se inclinou e a beijou com ternura.

— Eu amo você.

— Eu também amo você.

— Venha morar comigo — pediu ele, olhando-a fixamente.

Ela gargalhou, então, ficou séria quando se deu conta de que ele não estava brincando.

— Cain. A gente está namorando há uns cinco minutos.

— Mas a gente se conhece há mais de vinte anos e faz pelo menos dez anos que sou apaixonado por você.

— Woodman morreu no outono. Acabamos de entrar no inverno.

— Ele queria que nós ficássemos juntos.

Ela desviou o olhar daqueles olhos esperançosos e ajustou o vestido.

— Ginger?

Ela respirou fundo antes de encará-lo.

— Ainda não estou pronta.

Os lábios dele se curvaram para baixo em um sinal de decepção e o sorriso desapareceu, mas ele assentiu.

— Mas eu vou ficar — garantiu ela. — Logo, logo.

Ele deu de ombros e abriu um sorrisinho.

— Pelo menos eu tentei.

— E pode continuar tentando — avisou ela, ajeitando as pernas e sentindo os rastros do amor deles escorrendo em suas coxas. — Eu preciso ir me limpar.

Ele a segurou com mais força.

— Ainda não. Conte-me sobre a sua avó.

Ela suspirou e apoiou a cabeça no ombro dele.

— Está igual. Ficando cada vez mais confusa.

— Você a visitou ontem?

Ginger assentiu, o coração se enchendo de tristeza.

— Ela não me reconhece mais. Fica me chamando de Amy o tempo todo.

— Sua tia.

— Eu não a conheci. Ela morreu antes de eu nascer.

— Talvez não seja algo tão ruim assim — refletiu Cain com ternura, acariciando o braço dela.

— Como assim?

— Imagino que perder um filho é a pior coisa que pode acontecer com alguém. Mas agora? Agora, a Amy dela está de volta. Agora, ela pode ver a filha e conversar com ela e... — Ele deu de ombros, uma expressão tristonha no rosto. — Talvez não doa mais tanto assim.

Ginger não tinha pensado naquilo, mas sentiu-se reconfortada ao pensar que, apesar da avó estar indo embora aos pouquinhos, iria para um lugar no qual poderia se reunir com a filhinha que perdera.

— Você acredita no paraíso, Cain?

— Você acredita?

Ela assentiu.

— Acredito sim.

— Então, eu também acredito — declarou ele. — Porque se é para lá que você vai, eu vou atrás de você.

Ela se inclinou e envolveu o rosto dele com as mãos, olhando-o intensamente.

— Você vai continuar sendo fofo assim comigo?

Ele estendeu a mão prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

— O quanto você quiser, meu amor.

— Pode ser para sempre?

Ele abriu um sorriso.

— Você está me reivindicando, Srt^a Virginia Laire?

— Pode apostar — respondeu ela com um sorriso nos lábios.

O sorriso dele ficou cada vez mais largo até se transformar em uma gargalhada – um som de alegria genuína que encheu o cômodo e o coração e a alma de Ginger, e eles ficaram tão inundados de Cain Wolfram que ela teve certeza de que todas as partes dela que estiveram quebradas um dia estavam inteiras novamente. E, enquanto Cain estivesse ao seu lado, elas nunca mais se quebrariam.

Ir para o treinamento dos Reservas da Marinha naquela manhã era a última coisa que Cain queria fazer, especialmente porque Ginger tinha

passado a noite em sua casa e ele acordara com o pé entrelaçado ao dela e ficou admirando aquele rosto adorável e adormecido. Soltou um grunhido cheio de autopiedade, rolou o corpo nu até a beirada da cama e seguiu silenciosamente em direção ao banheiro para tomar um banho.

A partir do mês seguinte, só precisaria comparecer aos treinamentos uma noite por mês. Mas, como havia adiado o treinamento de dezembro por conta da morte de Woodman, precisava treinar por dois dias a mais em janeiro. Não via razão nenhuma para não ir agora, mas voltou ao quarto, a toalha enrolada na cintura, e admirou a linda garota adormecida em sua cama e sentiu uma pontada de arrependimento. Não queria deixá-la para trás. Muito menos por três noites seguidas.

Ajoelhou-se ao lado da cama e assoprou a bochecha dela. Por reflexo, ela esfregou o rosto com o dorso da mão e Cain a assoprou novamente até que os olhos dela se abrissem.

— Cain? — chamou ela, virando-se de costas e suspirando. — Que horas são?

— Eu vou sair logo, logo.

Ela abriu um dos olhos.

— Queria que você ficasse.

— Eu também.

Ela estendeu a mão e os olhos dela se fecharam.

— Deite-se aqui comigo mais um pouquinho — convidou ela com a voz carregada de sono.

E, porra, como ele queria, mas meneou a cabeça, ficou de pé e inclinou-se para beijar a testa dela.

— Eu vou me vestir para ir embora. Vou tentar ser o mais silencioso possível. Pode ficar aqui o quanto quiser, tá?

Ela assentiu, virou-se de lado e voltou a dormir.

Ele praticou atividade física assim que chegou, às sete da manhã, e tomou um banho logo depois. Agora, estava de bobeira até a hora da

formação, às onze, fazendo nada além de sentir saudade dela. E já que passaria a tarde toda ocupado assistindo aulas e fazendo outras coisas, pegou o celular do bolso da calça.

CW: Foi muito difícil deixar você para trás esta manhã, meu amor.

Ele encarou o celular por um momento antes de enfiá-lo de volta ao bolso. Ficou surpreso por senti-lo vibrar imediatamente. Pegou-o novamente e olhou a tela.

A Princesa: Nem me lembro direito de ter me despedido. Fico feliz de saber que você chegou bem. Sábado parece tão longe.

Ele abriu um sorriso.

CW: Eu vou até o chalé no sábado à noite e posso dormir por lá.

A Princesa: Combinado. Que horas?

CW: Na hora do jantar.

A Princesa: A pizza congelada estará esperando por você.

Ele deu risada do atrevimento dela e digitou.

CW: Está com saudade de mim?

A Princesa: Estou.

CW: Então vá morar comigo.

A Princesa: Logo, logo.

CW: Eu amo você.

A Princesa: Eu também amo você.

Guardou o celular no bolso e comeu uma comida horrível e assistiu às aulas que pareciam meio bobas depois de seis anos servindo à Marinha. Mas, na terça-feira à noite, deitado em sua cama, ele pegou o celular novamente.

CW: Como foi o trabalho, meu amor?

Ela demorou um pouco mais para responder dessa vez, e ele estava

quase dormindo quando o celular vibrou.

A Princesa: Ainda estou aqui. Vou sair já, já.

CW: Turno da noite?

A Princesa: Fiquei um pouquinho com a minha avó.

CW: Como ela está?

A Princesa: Nada bem. Eu queria que você estivesse aqui.

O coração de Cain afundou no peito porque ele também queria estar lá. Pensou em ligar para ela, mas sabia que era proibido atender o telefone em Silver Springs.

CW: Falta pouco. Depois de amanhã eu volto.

A Princesa: Eu sei. É que ela... Sei lá. Ela está tão frágil e fraca. E o tubo de alimentação está a incomodando muito. Posso ver em seus olhos que ela está desistindo.

Cain pensou na Sra. Kelleyanne – uma mulher que ele conhecia desde sempre. Ela sempre fora gentil com ele, e tornaram-se bons amigos desde...

A Princesa: Como está o treinamento?

CW: Uma porcaria. Mas pelo menos só preciso voltar daqui a quatro semanas.

A Princesa: Ei, eu estava para perguntar. Será que a gente podia passar um tempo fora algum dia? Juntos?

CW: Tipo ir viajar?

A Princesa: Isso. Eu quase nunca viajei.

Cain deitou-se de costas, suspirando de prazer diante da ideia de levar Ginger para conhecer todos os lugares maravilhosos em que ele estivera.

CW: Aonde você quer ir?

A Princesa: Aonde você quer me levar?

Ele a visualizou de biquíni nas areias brancas de Creta, ou bronzeando-se em uma piscina em Madri. Mas quando pensava em Ginger, quando pensava em quem ela era e em tudo que ela amava, um outro lugar brotou em sua mente, um lugar ainda mais perfeito porque também seria novidade para ele.

CW: Meu pai sempre fala de Lipizzaners. Que tal se a gente fosse para Viena, meu amor?

A Princesa: Queria que você pudesse ver meu rosto agora.

CW: É só me contar como ele está.

A Princesa: Ele está feliz porque você é a pessoa certa para mim. Está triste porque queria que você estivesse aqui. Ainda não sabe ao certo como amar alguém tanto assim. Meu rosto não sabe como reagir quando você diz a coisa certa. Sim, eu ia adorar ir para Viena com você.

CW: Então, é para lá que vamos.

A Princesa: Simples assim?

CW: Simples assim. Nós vamos até à Escola Espanhola de Equitação para conferir os cavalos de meu pai, depois, vamos percorrer toda a Áustria em cima da minha moto, e a Alemanha também, e onde mais você quiser.

A Princesa: E eu vou me agarrar a você.

CW: Ô se vai.

A Princesa: E você vai falar alemão.

CW: Scheisse, ja.

A Princesa: Já estou em casa. E não estou mais tão triste quanto antes. Obrigada por me animar.

CW: Eu faço qualquer coisa por você, princesa.

A Princesa: Volte em segurança para mim no sábado. É tudo que eu quero.

CW: Vejo você no sábado.

A Princesa: Eu amo você.

CW: Eu também amo você.

Cain suspirou e colocou o celular na mesinha de cabeceira, sonhando com Ginger e com motocicletas e com cavalos brancos e com fazer amor com ela por toda Europa.

Quando o alarme soou, às seis da manhã, havia um alerta de mensagem no celular. Ele abriu a mensagem com urgência, perguntando-se se havia perdido alguma declaração tardia de Ginger depois da conversa da noite anterior. Abriu um sorriso para tela e esfregou os olhos sonolentos com o dorso da mão, mas seu coração afundou no peito quando leu as palavras na tela:

A Princesa: Ela foi se encontrar com Amy, Cain. Minha avó se foi.

Capítulo Trinta e Cinco

Não há nada bom em ouvir o telefone tocar às 4h43 da madrugada. Sua mente reconhece, antes mesmo que seus dedos tenham chance de se mover, que algo horrível deve ter acontecido.

Não é que ela não estivesse esperando aquilo. Ela estava. Mas não tão cedo assim.

— Ginger, filha? É o papai.

E, então, ela soube.

— Quando? — quis saber ela.

— Faz uma hora mais ou menos. Uma das enfermeiras do turno noturno passou no quarto para ver como ela estava e notou que ela não estava respirando.

Ginger sentou-se e colocou as pernas para fora da cama.

— Você está aí?

— Estou.

— E a mamãe?

— Achei melhor deixá-la dormindo — contou ele. — Mas você... você sempre teve uma conexão tão especial com ela.

Sim, eu tinha.

— O Wright está vindo. — Ele fez uma pausa. — Virginia Laire?

— Chego aí em alguns minutos.

— Você não precis...

— Eu quero me despedir — avisou ela —, antes que eles a levem embora. Não... não deixem que eles a levem embora, papai.

— Estou esperando você, filha.

— Sinto muito — lamentou-se ela, os olhos ardendo quando seu

cérebro registrou a morte da avó.

— Eu também sinto, Ginger. Mas, se pararmos para pensar, ela levou uma vida muito boa. E ela era muito amada.

Sim, era mesmo.

— Estarei aí logo, logo, papai.

Ela desligou o telefone e o segurou com força por um momento, a quietude do chalé da avó a envolvendo com uma espécie de paz inesperada.

Ela foi se reencontrar com Amy. Agora ela pode ver a filha e conversar com ela, e talvez não doa mais tanto assim.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto e as palavras de Cain deram as forças que ela precisava para escrever uma mensagem de texto para ele antes de se levantar para trocar de roupa.

Ainda estava escuro quando ela desceu as escadas em direção à cozinha, pegou as chaves e caminhou até o carro. O casebre estava escuro quando ela passou pelo celeiro. O mundo ainda estava adormecido. Ela não sabia porque insistia em ir se despedir em Silver Springs – a alma da avó tinha ido para o céu horas antes – mas o corpo dela, o corpo que Ginger conhecera a vida inteira, seria maquiado e arrumado em uma última ocasião de formosura assim que o pessoal da Funerária Wright fosse buscá-la. Enquanto a noite ainda caía, Ginger queria dar o seu último adeus.

Parou o carro no estacionamento e usou a credencial de funcionária para abrir a porta lateral e pegar o elevador de serviço até o andar da avó. O pai estava sentado em uma cadeira ao lado do corpo da mãe, segurando aquela mão frágil, o ombro tremendo.

— Papai?

— Oi, filha — cumprimentou ele ao olhar para ela, os olhos vermelhos e marejados.

Ela pousou a mão no ombro do pai e ele ergueu uma das mãos para segurar a dela.

— Eles disseram que ela foi em paz.

— Ela está com Amy agora — disse Ginger.

O pai assentiu.

— Está mesmo.

— E o doutor Sheridan?

— Já veio prestar as suas condolências.

Ela sentou-se na cama, ao lado do corpo sem vida da avó.

— Por que você não vai lavar o rosto e pegar um café para nós? Eu fico aqui com ela.

Era exatamente a mesma coisa que ela dissera centenas de vezes para famílias que haviam acabado de perder um ente querido. E o pai dela, assim como todas aquelas pessoas, assentiu e ficou de pé.

Quando chegou à soleira da porta, virou-se.

— Ela, hm, ela queria que você ficasse com isso.

Ele estendeu um envelope com o nome de Ginger.

— Foi ela que escreveu?

— Ela ditou e eu escrevi.

Ginger pegou o envelope e o encarou, sentindo-se ligeiramente zozna.

— Quer leite ou açúcar no café?

— Os dois.

Ela abriu o envelope e, antes de pegar a carta, deu um beijo na mão da avó.

— Obrigada por isso. Seja o que for, obrigada por essa última conversa.

Janeiro de 2016

Boneca,

Eu estou definhando rapidamente agora.

Tão rapidamente que às vezes não a reconheço imediatamente quando você chega, ainda que seu sorriso me encha de alegria. E, então, eu me dou conta “Essa é a sua linda neta” e me encho de orgulho.

Muito tempo atrás, uma linda garotinha me perguntou “O que eu faço se amo os dois?” e eu respondi “Um dia você vai ter de escolher.” O que eu não sabia era que o seu coração já havia escolhido. Naquele dia, tantos anos atrás, você já tinha escolhido Cain. Talvez você tenha nascido amando Cain. Não importa por que nem quando você começou a amá-lo. Ele era o que o seu coração desejava desde o começo, e eu estava assustada por você, perguntando-me se a bússola em seu coração estava quebrada.

Alguns anos depois, você veio me ver, tão empolgada por ele tê-la convidado para o baile e desesperada para que eu o amasse tanto quanto você o amava. Mas eu não podia. Eu não podia dar a minha benção a vocês porque eu não confiava nele. Acho que as minhas palavras foram mais ou menos assim: “Não estou dizendo que ele é mau. Mas estou dizendo que, se é que existe um homem bom ali dentro, eu adoraria conhecê-lo antes de dizer à minha única neta que ela está apostando no cavalo certo.”

Pouco tempo depois, ele partiu seu coração.

Era uma confirmação de que todos estavam certos em relação a ele – Cain Wolfram não era um homem bom. E eu fiquei feliz quando ele foi embora e você pareceu desviar seu afeto para Josiah.

Mas você não fez isso de verdade.

Seu coração – seu pequeno coração valente que sempre bateu por Cain – ainda o amava, e – eu confesso, boneca – eu o odiava por ter esse poder sobre você porque eu não conseguia ver nada de bom nele.

E, ainda assim, quanto mais tempo ele passava fora, mais a minha garota forte e corajosa definhava. Você virou uma casca do que costumava ser, Ginger. Sem Cain para amar, acho que você se esqueceu de quem era de

verdade. E, com o passar do tempo, eu fiquei desesperada para que ele voltasse. Eu queria que ele voltasse e soprasse vida em você assim como Adão fez com Eva. Pensei comigo mesma, Sim, Cain pode magoá-la novamente, mas pelo menos ela estará viva para sentir a dor.

Mas Josiah morreu.

E uma parte sua pareceu morrer com ele.

Cain vai ficar bravo comigo por eu contar a você que ele veio me ver um mês depois da morte de Woodman. Eu o reconheci logo de cara – aqueles olhos azuis eram inconfundíveis – mas não conseguia imaginar o motivo pelo qual ele viera me visitar e, para minha vergonha, fui fria com ele e o mandei embora.

Mas ele foi insistente. Primeiro apareceu com flores – buquês perfeitos vindos direto da floricultura – até que eu disse a ele que as flores silvestres eram as minhas preferidas. E, depois disso, ele sempre aparecia com um buquê de flores silvestres. Às vezes, trazia um martelo e alguns pregos e consertava alguma coisa em meu quarto. Certa vez, trouxe uma luz fluorescente e a instalou no teto. Outra vez, consertou um azulejo lascado em meu banheiro. Ele trabalhava em silêncio, sem dizer uma palavra sequer, sem perguntar nada, deixando que suas ações me mostrassem que ele não era a pessoa que eu pensava que fosse.

Depois de uma ou duas semanas, finalmente perguntei a ele por que continuava aparecendo. Ele parou de trabalhar e me fitou com aqueles olhos azuis. “Ginger” respondeu ele com simplicidade. “Eu quero conhecê-la melhor, compreendê-la, amá-la como ela precisa ser amada. Eu quero que você me conte tudo que preciso saber para deixá-la feliz, porque Woodman se foi e um dia você também irá embora, e, quando todos vocês tiverem partido, caberá a mim fazê-la feliz. E eu estava esperando que você pudesse me ajudar com isso.”

Pensei muito no que ele disse, boneca, mas no fim acabei não dando nenhum conselho a ele. Apenas disse: seja você mesmo. O que ele não sabia, mas eu sim, era que você o amava desde pequena. Ele não precisava fazer nada de diferente. Não precisava de conselho nenhum. Continuava me perguntando “O que eu preciso fazer para deixar Ginger feliz, Sra.

Kelleyanne? E eu sempre respondia “Seja você mesmo, Cain Wolfram.”

Cain estava sendo ele mesmo quando colocou as decorações de Natal no meu quarto. Estava sendo ele mesmo quando continuou fazendo pequenas melhorias para deixar meu quarto mais confortável. Estava sendo ele mesmo quando leu A Caixa de Natal e construiu a estante de livros para mim. Estava sendo ele mesmo quando me disse sobre o novo negócio, quando contou que havia comprado uma casa na esperança de que você a amasse, e quando contratou você para trabalhar com ele. Estava sendo ele mesmo, feliz e cheio de esperança, quando me contou que você estava se apaixonado por ele novamente. Estava sendo ele mesmo naquela noite – a noite que antecedeu o procedimento para colocar esse maldito tubo em minha garganta – aparecendo aqui com um buquê de flores porque sabia que o seu coração estava dolorido, então, era aqui que ele devia estar.

Eis o que eu sei:

Você estava certa, boneca.

A bússola do seu coração nunca esteve quebrada.

De alguma forma, você sempre soube que existia um homem bom escondido nas profundezas de Cain Wolfram. Eu ainda não tinha me dado conta naquela época, mas você sempre apostou as fichas no cavalo certo. Ver a minha neta querida voltar à vida depois de tantos meses foi uma das maiores bênçãos em toda a minha vida longa e feliz. Isso deu permissão a mim, e a esse corpo velho e cansado, para dizer adeus.

Josiah e eu fomos embora, e eu sei que você vai sentir nossa falta.

Mas Cain ainda está aí, e eu prometo, boneca, que ele é o homem que você sempre amou, o homem que você sempre acreditou que ele fosse. Confie no seu coração. Ele nunca esteve quebrado. Sempre foi inteiro e sempre esteve certo.

Agarrem-se um ao outro, e saiba que eu estarei ao lado de Amy e Josiah celebrando a felicidade de vocês aqui do céu.

Com amor,

Vovó

Lágrimas caíram sobre o papel, Ginger dobrou a carta com cuidado e a guardou no envelope. Colocou-o sob a cama para que pudesse segurar os dedos da avó com as duas mãos.

— Obrigada, vovó. Obrigada.

— Ela não conseguia mais escrever — começou o pai, materializando-se atrás dela e estendendo um copo de café —, mas ainda estava lúcida. Ela realmente quis dizer tudo o que está escrito aí, Virginia Laire.

— No Dia de Ação de Graças — começou ela, olhando para o pai —, quando você me mandou até o casebre para entregar a torta para Klaus, você sabia. Você sabia que Cain estava visitando a vovó.

O pai assentiu.

— E, ainda mais importante, eu sabia que ele estava trazendo você de volta à vida.

Ela segurou o copo de café com as duas mãos.

— É, acho que foi exatamente isso que ele fez.

— Eu nunca gostei muito de Cain. Eu não confiava no seu jeito rebelde. Mas ele se tornou um grande homem, Ginger. E, no futuro, eu ficarei feliz de chamá-lo de filho.

— Papai — sussurrou ela com um leve tom de reprovação. — Ainda falta muito para isso acontecer.

— Além disso, eu errei em permitir que sua mãe fosse tão protetora em relação a você. Woodman era um bom homem, mas Cain é forte. Ele mudou a própria vida para tornar-se digno de você, filha. Ele a ama intensamente. Acho que sempre amou. E sempre vai amar.

— Eu sei — disse ela com um sorriso nos lábios. — Eu sei que ele me ama, papai.

O pai sentou-se ao pé da cama e observou o rosto da avó de Ginger, que estava sereno, como se ela estivesse em um sono profundo. — Ela era demais, hein? Sempre tinha de ter a palavra final.

Eu estarei celebrando a felicidade de vocês aqui do céu.

— Sim, senhor — concordou Ginger, virando-se para admirar o rosto adorável da avó pela última vez. — Ela era demais mesmo.

Obrigada.

Depois que os encarregados levaram o corpo da avó, o pai de Ginger foi à Lanchonete Apple Valley para tomar café da manhã antes de ir para casa. Ela o encontrou lá e empurrou os ovos no prato enquanto pensava na avó, em Woodman e em Cain. No passado, os três foram as pessoas mais importantes na vida de Ginger, e agora, dois dele haviam ido embora. E ainda que aquela realidade devesse fazer com que ela se sentisse terrivelmente solitária, Ginger descobriu que a pessoa de quem mais sentia falta não era Woodman nem a avó, mas sim Cain. Ela esperava ansiosamente por ele com uma pontada de desespero e autopiedade, desejando que ele se materializasse do nada e a envolvesse em seus braços para que ela se sentisse forte e inteira.

Olhou pela janela e observou o dia frio e chuvoso, uma parte dela desejando avistá-lo na calçada, mas é claro que ele não estava lá. Ele ficaria em Louisville até a noite de sábado, o que significava que ela precisava enfrentar a tristeza sozinha por mais um tempinho.

— Você quer mais alguma coisa? — perguntou o pai, e ela negou com a cabeça. — Quer me encontrar na Funerária Wright mais tarde? Disseram que o velório será na segunda-feira à noite e o sepultamento na terça-feira de manhã. Não tem muita coisa para organizar, para ser sincero.

— Eu encontro você lá, papai.

— Sua mãe nunca gostou muito da sua avó.

Ginger deu de ombros.

— Azar o dela.

— Acho que ela se sentia ameaçada. Minha mãe era como um furacão, impossível de ser contido.

— E a minha mãe não é assim também?

O pai deu uma risadinha.

— Eu acho que ela está ficando mais dócil com a idade.

— Desde que ela entenda que eu jamais ficarei com Colin Greenvale.

— Vou dar uma palavrinha com ela, contar que Cain vai começar a aparecer com mais frequência.

— Você não precisa fazer isso — avisou Ginger. — Meu relacionamento com Cain ainda é muito... recente.

— E eu aqui pensando que o principal ponto da carta da sua avó era mostrar que, na verdade, não é nada recente.

O pai pegou uma nota de vinte dólares na carteira e a colocou sobre a mesa, então, ficou de pé.

— Às três da tarde na funerária, filha. Vejo você lá.

No caminho para casa, a chuva ficou mais forte, tão forte que o limpador de para-brisa não estava dando conta do serviço.

E foi por isso que ela só descobriu que Cain estava esperando por ela na varanda quando estava correndo em direção ao chalé.

Parou de correr, as frias gotas de chuva a atingindo enquanto ela ficava parada sem tirar os olhos de Cain.

Ele vestia um uniforme militar azul e botas pretas. Segurava o quepe azul em uma das mãos, apertando-o em um gesto de preocupação, observando Ginger com seriedade conforme ela se aproximava.

Quando ela parou, ele desceu os degraus correndo e a puxou pela mão até a varanda antes de envolvê-la com os braços.

— Você veio embora sem licença oficial? — quis saber ela.

— Não, meu amor — esclareceu ele. — Eu pedi permissão para sair

assim que recebi a sua mensagem.

Ela fechou os olhos e toda a tristeza e o cansaço a envolveram e ela caiu nos braços dele. Ele a segurou com força.

— Cadê a sua chave?

Ela aninhou a cabeça no pescoço dele e suspirou de alívio.

— A chave reserva fica debaixo da porta.

Ele a segurou com um dos braços e, com o outro, tateou o chão em busca da chave. Então, abriu a porta e adentrou a cozinha. Fechou a porta com o cotovelo e caminhou em direção à sala de estar e sentou-se no sofá com Ginger ainda no colo.

— Como você está?

— Estou melhor agora — respondeu ela.

— Eu sinto muito por não estar aqui na hora.

— Mas agora você *está*.

— Como está o seu pai?

— Triste. Mas ele já sabia que cedo ou tarde isso ia acontecer. — Ela ergueu a cabeça para olhar para ele. — Senti sua falta.

Cain a beijou, gotículas de chuva escorrendo pelos lábios deles.

— Eu também senti sua falta.

— A vovó me contou sobre as suas visitas.

Ele franziu a sobrancelha.

— Como assim?

— Ela escreveu uma carta.

— Ela não devia ter contado — disse ele. — Era para ser segredo.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— Eu não queria que você pensasse que eu estava puxando o saco da sua avó para chegar até você.

— Cain — começou ela —, quando será que você vai aprender?

— Aprender o quê?

— Você era melhor em atirar pedras no rio. Você salvou minha boneca. Você sabia que eu não era de porcelana. Você me trouxe de volta à vida. Você visitou a minha avó. Você faz ideia do homem maravilhoso que é? Porque *eu* sei que é. Eu sempre soube. E eu amo você.

— Eu vou sentir falta dela — confessou Cain. — Nunca tive uma avó. Meio que me acostumei a ir visitá-la.

— Ela gostava muito de você.

Ele sorriu.

— Eu também gostava muito dela.

Ela fechou os olhos e aconchegou-se contra o pescoço dele.

— Eu estou tão cansada. Que tal se você me levar até o quarto e ficar abraçado comigo até eu cair no sono?

Ele beijou os cachos de Ginger, então ficou de pé e a carregou em direção à escada.

— É por isso que eu estou aqui, meu amor.

— E vai à Funerária Wright comigo às três.

— O que você quiser. Você pode dizer ao Sr. Wright que eu sou um amigo da família. E eu, hm... — Ele pigarreou enquanto subia os degraus. — Eu vou ao funeral sozinho para ninguém descobrir que estamos juntos.

Ela esperou até que ele a deitasse na cama, tirasse as botas e deitasse ao lado dela na cama. Ficaram debaixo das cobertas olhando um para o outro.

— Cain — disse ela baixinho, estendendo a mão para acariciar o rosto dele —, você pode se sentar ao meu lado no velório na segunda-feira, e depois, pode ir comigo ao funeral na terça? Você pode ficar comigo aqui na fazenda e me ajudar a receber os convidados na terça-feira à tarde? E, depois

que eles forem embora, você pode vir ao chalé e passar a noite comigo? E quando as pessoas perguntarem quem você é, pode responder que é meu namorado e que eu sou sua namorada? E você pode segurar a minha mão para que a cidade inteira veja?

— Princesa, você tem...

— Certeza? Tenho — garantiu ela, dando um beijo nele antes de se afastar para observá-lo. — Eu amo você. Eu sempre amei. E eu vou amar até o dia de minha morte. E é só isso que importa. Eu e você. — Conseguiu abrir um sorriso em meio às lágrimas. — E as duas pessoas que mais nos amaram estarão sorrindo lá em cima, felizes por finalmente estarmos juntos.

Ele piscou e cerrou a mandíbula, e Ginger soube que ele estava com um nó na garganta, então, não o forçou a responder. Além disso, a ternura estampada nos olhos de Cain já dizia tudo que ela precisava saber. Ela se aconchegou a ele e fechou os olhos, suspirando quando ele a envolveu com os braços e a puxou para ainda mais perto.

— Eu também amo você — sussurrou ele, a voz embargada de emoção.

Pule para aquele que você ama mais, querida.

O coração de Cain, que sempre pertencera a ela, batia ao ritmo da eternidade contra o coração de Ginger, que seria dele por toda a eternidade.

Epílogo

Oito meses depois

— ... muitos anos de vida!

Ginger observava todas as pessoas à mesa e abriu um sorriso ao ver a mãe, o pai, Klaus e, por fim, Cain, que estava sentado ao lado dela e segurava a sua mão por baixo da mesa.

— Feliz aniversário, princesa — sussurrou Cain com um sorriso no rosto.

Era a primeira vez que Cain tinha sido convidado para uma festa de aniversário na mansão McHuid. E, a princípio, ele pedira para Ginger ir sozinha para que os dois pudessem comemorar sozinhos depois.

— Hmm — murmurou ela, sentando-se e suspirando antes de sair da cama e caminhar nua em direção ao banheiro do quarto dele.

Hmm. Aquilo significava que ela tinha algo em mente.

— Hmm o quê?

Ela o espiou pela porta do banheiro e sorriu.

— Hmm, então, acho que vou ter de me mudar sozinha.

— Mudar o quê? O que isso significa?

— Significa, *hmm*, eu estava planejando mudar para cá depois do meu aniversário. Caramba, eu já encaixotei quase todas as minhas coisas, mas já que você não está interessado em me ajudar...

Ela sumiu dentro do banheiro e Cain levantou-se da cama em um sobressalto, atravessando o quarto em três passadas largas. Parou à soleira da porta, completamente nu, e a encarou apoiada contra a bancada da pia, as pernas cruzadas e os lábios franzidos na tentativa de segurar um sorriso.

— Você vai vir morar comigo? — quis saber ele.

— Bem, eu já fico aqui quatro dias por semana. Então, imaginei que...

Ele permaneceu rígido, os braços esticados e agarrados ao batente da porta, os olhos fitando Ginger com intensidade.

— Sim — respondeu ela. — Eu vou vir morar com você... se o convite ainda estiver de pé.

Ele não tinha percebido que estava prendendo a respiração, mas soltou o ar pela boca e adentrou o banheiro. Foi até Ginger e abriu as pernas dela para que pudesse se enfiar ali no meio.

— Você está falando sério ou só está me provocando?

Ele a convidava para morar com ele toda semana desde janeiro. Oito meses. Trinta e duas semanas. E ela sempre respondia *Ainda não* ou *Um dia* ou *Logo, logo*.

Ela sentou-se ereta e encostou os seios no peitoral dele antes de encará-lo intensamente.

— Eu estou falando sério. Estou pronta. Eu quero morar com você.

Ele a beijou e a envolveu em seus braços ao mesmo tempo, pegando-a no colo e levando-a em direção à cama para mostrar como ele estava feliz de saber que ela estava pronta para dar esse passo.

Aquilo havia acontecido há algumas semanas, e ela já estava praticamente morando com ele àquela altura. Hoje, eles pegariam as últimas caixas e entregariam as chaves do chalé aos pais dela. E ela estaria oficialmente morando com Cain.

E esse era um dos motivos para que esse dia fosse o mais feliz da vida dele – os outros ainda estavam por vir.

— Faça um pedido, Ginger — avisou a mãe. — As velas vão apagar.

— Eles já se tornaram realidade — declarou ela antes de abrir um sorriso para Cain, os olhos castanhos cintilando com um milhão de promessas.

— Faça um pedido mesmo assim — estimulou Ranger, apontando

para o bolo e sorrindo para a filha.

Ela respirou fundo e assoprou as velas e os pais, Cain e Klaus, bateram palmas.

— *Herzlichen Glückwunsch zum Geburtstag!* — exclamou Klaus, que presenteara Ginger com um cavalo de madeira que ele mesmo esculpira. Era um cavalo da raça Lipizzan, é claro, e estava em cima da cadeira de Ginger, esperando para roubar uma mordida do bolo dela.

— *Danke*, Klaus — agradeceu ela, abrindo um sorriso para o pai de Cain.

Convencer a mãe de Ginger de que ela precisava derrubar a barreira social que ela mesma construíra entre os McHuids e os Wolframs tinha sido um trabalho árduo, mas o fato de Ranger apoiar completamente o relacionamento de Cain e Ginger ajudou muito. E, aos pouquinhos, a mãe de Ginger pareceu aceitar que os Wolframs, querendo ou não, agora eram parte de sua vida. Pelo bem do marido e da filha, seria melhor aceitá-los do que lutar contra eles.

No fundo, Cain ainda não era muito fã da Sra. Magnolia, mas ela estava muito mais gentil agora, amaciada pela morte de Woodman e da sogra, e ele podia vislumbrar um futuro em que haveria uma paz genuína e duradoura entre eles. Um dia.

Uma hora mais tarde, depois de bolo e champanhe, Ginger e Cain despediram-se de todos e Cain prometeu ao pai que traria a caminhonete de volta no dia seguinte. Os três acenaram da varanda da frente enquanto o carro descia pela estrada. Antes de sair da Fazenda McHuid, Cain virou à esquerda e passou pela estrada de cascalhos até estacionar em frente ao celeiro.

Desligou o motor do carro e virou-se para Ginger, que estava com uma expressão surpresa no rosto.

— É o seu aniversário — declarou ele, apontando para o celeiro com o queixo. — Você não quer pular?

Ela deu risada.

— Acho que eu estou velha demais para pular, você não acha?

— Você acha que eu não vou te pegar, né? — Ele saiu do carro, as mãos suadas conforme se aproximava do celeiro. Entrou e esperou que ela fosse se juntar a ele.

Um instante depois, escutou a porta do carro se abrindo e o cascalho ranger sob os pés de Ginger.

— Você não está falando sério, né? É capaz de eu me quebrar toda.

— Você que sabe — disse ele, sem saber ao certo se a emoção que sentia era alívio ou decepção.

— Ah, espere aí! — cedeu ela, sorrindo para ele. — Mas se você não me pegar, vai se ver comigo! — berrou ela, correndo pelo celeiro em direção à escada.

O coração dele acelerou no peito e ele engoliu em seco.

Ah, porra. Isso está mesmo acontecendo.

Ele enfiou a mão no bolso de trás da calça e pegou a caixinha de veludo preto que continha uma aliança simples com um diamante de 1.25 quilates. Lapidação no estilo princesa, é claro.

Respirou fundo e ficou de joelhos, os olhos fixos na janela do palheiro, lembrando-se de todas as vezes em que a pegara, lembrando-se do primeiro beijo que trocaram, lembrando-se de Woodman e de festas de aniversário e do sorriso de Ginger. E então...

Lá estava ela.

— Você está pronto? Vê se não me derrub... Cain!

Ela ficou de queixo caído e levou as mãos à boca, os olhos enchendo-se de lágrimas.

— Eu preciso perguntar uma coisa para você, princesa — disse ele com um sorriso no rosto, segurando a caixinha em uma das mãos.

— Ai, meu Deus! — exclamou ela, as palavras abafadas pelas mãos que cobriam seus lábios.

— Você desce ou quer que eu vá até aí?

— Eu não consigo me mexer — avisou ela, piscando repetidamente.

— Então eu subo. — Ele fechou a caixinha, ficou de pé e correu em direção à escada. Subiu os degraus e não parou até estar a poucos metros de Ginger. — O pulo vai ser meio diferente este ano — declarou ele, ajoelhando-se e abrindo a caixinha.

Ela deu um passo à frente e ele viu que ela estava chorando, as lágrimas escorriam pelo rosto e a boca ainda estava coberta pelas mãos.

— Venha aqui, princesa.

— Cain — choramingou ela.

— Venha cá — pediu ele, abrindo um sorriso.

Ela deu outro passo à frente, e depois outro, soluçando mais uma vez antes de baixar as mãos. E estava sorrindo. Chorando também, claro. Mas sorrindo. E qualquer preocupação que ainda estivesse no coração de Cain evaporou e ele admirou a mulher que ele amava desde que tinha quinze anos de idade.

— Me dê sua mão — pediu ele, estendendo a mão para ela.

Os dedos dela estavam trêmulos.

— Eu amo você — começou ele. — Você é minha amiga de infância, minha melhor amiga, minha namorada e minha amante. Eu estou radiante por você estar se mudando para minha casa hoje, mas isso não é o suficiente. Porque eu quero fazer amor com você todos os dias pelo resto de nossas vidas. Eu quero que o seu nome seja Virginia Laire McHuid Wolfram. Quero que nossos filhos tenham os seus cabelos louros e os meus olhos azuis. Eu quero que você seja minha esposa. — Ela mordiscou o lábio inferior e levou a outra mão para enxugar os olhos. — Princesa, você quer se casar comigo? — perguntou Cain.

Ele já tinha visto o sorriso de Ginger McHuid um milhão de vezes.

Mas esse era um sorriso novo. E era todo dele.

— Cain! — exclamou ela, os ombros sacudindo em meio aos soluços, o sorriso radiante. — Ai, meu Deus! Sim! Mil vezes sim!

Ele tirou a aliança da caixinha de veludo e a deslizou pelo dedo dela. Ficou de pé, puxou-a para perto de si e beijou a noiva enquanto eles concordavam em dar as mãos e pular juntos em direção ao futuro.

Quatro anos depois

— Não se esqueça que hoje é o aniversário da mamãe — avisou Cain, despenteando os cabelos louros de Josiah, seu filho de dois anos de idade.

— Mamãe — repetiu ele, os olhos verde-musgo idênticos aos do tio homônimo. — Tá pegando *leitinho* da *Keyee-anne*.

— Isso mesmo, rapazinho, porque a Srt^a Kelleyanne aqui fica muito brava se acordar sem mamadeira, não é mesmo?

Josiah e Kelleyanne.

As duas pessoas que foram os faróis que iluminaram o caminho de Cain para Ginger e de Ginger para Cain. Dois espíritos fortes que sempre estariam, com a graça de Deus, junto a eles.

Ele olhou para a filha adormecida em seus braços – os cabelinhos pretos que cobriam a cabeça da bebê de dois meses de idade – e sentiu o coração se encher, como sempre, de tanta alegria que ele nem sabia se ia aguentar.

— Aham — respondeu Josiah, olhando para a irmãzinha com uma expressão irritada. — *Keyee-anne brava*.

Cain deu risada.

— Você se lembra da música que vai cantar para a mamãe, certo?

— A música do *parabeins*.

— Isso mesmo.

— Nós vamos cantar todos juntos. O vô e a vó. Vô Jim. E a vovó e o vovô também — listou Cain. — E a titia.

Vô e vó eram os pais de Cain, vô Jim era o marido da mãe de Cain. Vovó e vovô eram os pais de Ginger, e titia era a tia de Cain, Sophie.

Mesmo tendo sido convidada, tia Sophie se recusara a ir no casamento de Ginger e Cain. Mas, quando o pequeno Josiah nasceu, dez meses depois, por razões desconhecidas, ela foi junto com a irmã, Sarah, conhecer o sobrinho-neto. Talvez fosse curiosidade. Talvez não conseguisse resistir à oportunidade de conhecer o neto da irmã gêmea.

Ela provavelmente não esperava que o pequeno Josiah, nomeado em homenagem ao filho, com os mesmos cabelos louros e os mesmos olhos verdes, arrebatasse seu coração à primeira vista. Com lágrimas de gratidão nos olhos, ela agradecera Cain e Ginger por honrarem a memória de Woodman. E, daquele dia em diante, ela fez de tudo para estreitar os laços com os McHuids e com Cain. Pelo amor que sentia pelo pequeno Josiah e, agora por Kelleyanne também, tia Sophie encontrou uma forma de voltar a ser parte da família, e Cain sentia-se grato por isso.

— Isso mesmo — concordou Cain. — *Todos* nós vamos cantar para a mamãe.

— Eu amo a *mamain*, papai.

— Eu também — disse Cain, sorrindo para o filho, os olhos carregados de amor. — É muito fácil amar sua mamãe, rapazinho.

A porta do banheiro se abriu.

— Céus, a gente vai se atrasar! — exclamou Ginger, adentrando a sala de estar do casebre e estendendo uma garrafa de leite materno para Cain. Enfiou a mão por baixo da camisa para fechar o sutiã, alisou a roupa e abriu um sorriso. — Que tal estou?

Cain assentiu, maravilhado, como sempre, diante da beleza natural da mulher.

— Você está maravilhosa.

— Tá *bunita*, *mamain*.

Ginger sorriu para o filho e inclinou-se para beijar o topo da cabeça dele. Alguém bateu à porta do casebre, onde eles sempre se hospedavam

quando vinham passar a noite na Fazenda McHuid. Klaus, a pedido de Ranger, mudara-se para o antigo chalé de Kelleyanne McHuid alguns anos antes, e costumava jantar frequentemente com Ranger e Magnolia na mansão.

— Acho que faz sentido — dissera Magnolia, finalmente recebendo Klaus em seu círculo social e em seu refúgio sagrado —, já que somos uma família agora.

Ginger abriu a porta e deu de cara com Magnolia, Sarah e Sophie paradas do lado de fora, três mulheres desesperadas pela chance de mimar as crianças.

— Feliz aniversário, Ginger — desejou a mãe, beijando a bochecha da filha enquanto adentrava o cômodo e seguia em direção a Cain. — Pode me entregar esse bebê, Cain. Eu vou levá-la até a mansão para que você e Ginger tenham tempo de respirar antes que a festa comece.

Cuidadosamente, Cain entregou a filha para a sogra e entregou a mamadeira para a mãe.

— Não se esqueçam de dar a mamadeira quando ela acordar, tá bom, mãe?

Sarah sorriu e assentiu enquanto a irmã, Sophie, exclamava:

— Josiah Woodman Wolfram, venha dar oi para a titia Sophie agora mesmo.

Josiah olhou para Ginger por um instante, esperando que a mãe acenasse com a cabeça antes que ele fosse correndo em direção à vó e à titia.

— Vamos cantar para *mamain*!

— Isso mesmo — respondeu a vó. — Que tal se eu, você e a titia praticarmos enquanto caminhamos até a mansão?

— *Parabeins pra voooxêêêê...*

As vozes alegres dos três foram sumindo conforme a mãe de Cain, a sua tia e o seu filho saíam do celeiro, de mãos dadas, e cantavam o *parabeins pra voxê*.

Cain fechou a porta e a trancou, virou-se para a mulher com um

brilho lupino no olhar, e Ginger sorriu para ele, os lábios doces se curvando em um sorriso.

— Quanto tempo nós temos? — perguntou ele, aproximando-se dela um passo de cada vez.

— Cain...

A voz dela era um alerta, mas Ginger já estava andando de costas em direção ao quarto, os olhos castanhos cintilando.

— Quer dizer, temos pelo menos mais alguns minutinhos, não temos? — perguntou ele, seguindo-a. — E é o *seu* aniversário, princesa. Tem algum desejo especial?

— Nós vamos perder o bolo — avisou ela, rindo quando caiu de costas na cama, os olhos convidativos.

— Você é mais gostosa que qualquer bolo — declarou ele, pegando-a no colo e envolvendo o rosto dela com as mãos, aproximando-se para beijá-la —, minha mulher do coração valente.

FIM

Uma carta para meus leitores

Querido leitor,

Muito obrigada por ler *Paixões Rebeldes*. Espero que você tenha gostado de ler sobre a jornada de Ginger McHuid rumo ao amor eterno!

Sempre foi a minha intenção que Woodman e Cain entrassem para a Marinha, e a escolha de torná-los oficiais de controle de danos veio da crença de que seria um dos únicos cargos da Marinha que poderiam se transformar em um emprego no corpo de bombeiros de uma cidadezinha. Toda cidadezinha tem um corpo de bombeiros, certo? Certo. Continue com meu raciocínio...

Um dia, em dezembro de 2015, eu estava pesquisando sobre oficiais de controle de danos na internet e me deparei com a história de Nathan Bruckenthal. Bruckenthal, que serviu como oficial de controle de danos na Guarda Costeira dos EUA, morreu no Golfo Persa em 2004, e foi o primeiro guarda-costeiro a morrer em combate desde a Guerra do Vietnã. Na época de sua morte, Bruckenthal estava terminando seu segundo ano no Iraque, ansioso para voltar para casa para a esposa grávida e ansioso para conhecer seu primeiro filho. Infelizmente, esse desejo foi arrancado dele de forma trágica.

Quando pesquisei mais sobre ele, fiquei chocada ao descobrir que ele (olhos arregalados e respiração ofegante) cresceu na minha cidade natal, Ridgefield, Connecticut, e serviu por dois anos como voluntário no corpo de bombeiros. Foi uma grande surpresa descobrir que o homem cuja vida eu estava pesquisando tinha servido não apenas ao serviço militar dos EUA, mas também atuara como bombeiro na cidade que tanto amo.

Em homenagem ao sacrifício de Nathan Bruckenthal, e em um sincero agradecimento aos serviços por ele prestados, tanto no país quanto fora, sinto orgulho em anunciar que 25% dos lucros das vendas dos e-books de *Paixões Rebeldes* (original em inglês) serão doadas ao Corpo de Bombeiros de Ridgefield, Connecticut, em todas as vendas de março a abril de 2016.

Do fundo do meu coração, agradeço a você, querido leitor, por esta compra.

Com amor,

Katy

AGRADECIMENTOS

Um obrigada especial para as minhas garotas, meu maravilhoso grupo de amigas. Eu sinceramente não sei o que faria sem vocês. Vocês me apoiam e me encorajam, vocês me fazem rir com os seus comentários e fazem-me chorar com suas mensagens emocionantes. Eu sou a escritora mais sortuda do mundo por ter todas vocês em minha vida.

Para Selma e Sejla, muito obrigada por serem as melhores revisoras de alemão neste projeto e por toda a gentileza que demonstraram para comigo. Seu entusiasmo por este livro faz meu coração se encher de gratidão.
#GêmeasMaravilhosasdeViena

Para os Sampsons — Teresa e Jeff — muito obrigada por responderam tantas perguntas sobre a vida na Marinha. Sou extremamente grata por todo conhecimento que compartilharam comigo.

Para Lauren, Toni e Kirby, muito obrigada por seus olhos atenciosos e seu apoio ilimitado. Sei que meu livro está em boas mãos quando está sendo lido por vocês. Sou muito abençoada por ter a amizade, o companheirismo e a bondade de vocês.

Para Amy e Mia. Eu amo vocês. É sério, eu sou louca-e-profundamente apaixonada por vocês duas, que são pessoas talentosas, lindas, hilárias, inteligentes e boas. Obrigada por permitirem que eu comemore esse lançamento com o de vocês e obrigada pela amizade sem igual que temos.
#m • a • kAttack #SideEyesForever #TheBestKind

Para Cassie Mae, que veio ao meu auxílio milhões de vezes. Meus livros são bonitos por sua causa, *baby*. Obrigada por ser minha guru de formatação.

Para Marianne Nowicki, obrigada pela minha capa maravilhosa. (Por todas as minhas capas maravilhosas!) Você é a melhor no que faz e é muito bom trabalhar com você. Sinto-me muito grata por ter você ao meu lado em todos os momentos da minha incrível jornada como escritora.

Para Tessa Shapcott, minha editora de desenvolvimento. Eu me desfaço em lágrimas quando leio seu relatório porque sua opinião e seus conselhos significam tudo para mim. Saber que você ama este livro faz com que eu me sinta confiante o suficiente para compartilhá-lo com o resto do mundo. Muito obrigada.

Para Chris Belden e Melissa DeMeo, meus editores, que não deixam nada escapar. E é isso mesmo que eu quero. E é disso mesmo que eu preciso. Suas dicas, suas anotações e seus conselhos fazem com que minha escrita atinja seu potencial máximo. Sou muito grata por trabalhar com vocês.

Para os meus pais, George e Diane, por serem os faróis que iluminam minha vida. Vocês me encorajam e me inspiram, apoiam-me e celebram-me. Obrigada, do fundo do meu coração, por seu amor incondicional. Eu sou a filha mais sortuda do mundo todo.

E, finalmente, para George, Henry e Callie. Vocês são meu coração, minha alma, minha vida toda. A coisa mais importante que existe é a bondade, e eu amo muito todos vocês.

SOBRE A AUTORA

Autora best-seller do *USA Today*, Katy Regnery começou a carreira como escritora ao se inscrever em um curso em janeiro de 2012. Um ano depois, assinou o primeiro contrato para um romance de inverno chamado *By Proxy*.

Agora, trabalha exclusivamente no regime de autopublicação (na língua inglesa) e é autora da Série *Blueberry Lane*, que narra a história das famílias English, Winslow, Rousseau, Story e Ambler da Filadélfia, bem como da série best-seller *Contos de Fada Modernos*, a série *Enchanted Places*, e do livro *Frosted*.

O primeiro livro de contos de fadas, *O Coração da Fera*, foi indicado para o prêmio *RITA* em 2015 e venceu o *Kindle Book Awards* de 2015 na categoria Romance. Quatro de seus livros, dentre eles dois da série Contos de Fadas, ficaram em primeiro lugar dentro de suas categorias na lista de mais vendidos da *Amazon*.

Katy mora nas paisagens relativamente remotas do norte de Fairfield County, Connecticut. Seu quarto de escrita tem vista para a floresta e o seu marido, seus dois filhos, os dois cachorros e o gato da raça tonquinês criam um caos tão alegre que a fazem lembrar que as melhores histórias de amor começam em casa.

Outros livros da autora lançados pela editora Bezz:

O Coração da Fera (baseado no conto *A Bela e a Fera*)

O Silencioso Canto da Sereia (baseado no conto *A Pequena Sereia*)

bezz
EDITORA



NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)

KATY REGNERY
BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

O Coração da Fera

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM BELA E A FERA



bezz
EDITORA



O coração da fera

Regnery, Katy

9788554288006

347 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto de Fadas Moderno de A Bela e a Fera, vencedor do Kindle Book Awards® de 2015, na categoria Romance, e finalista do prêmio RITA®, no mesmo ano. Contém vocabulário e cenas de conteúdo adulto. Recomendável para leitores acima de 18 anos. Um erro de julgamento destruiu a carreira dela... A promissora jornalista investigativa, da cidade de Nova York, Savannah Carmichael, viu sua carreira ir por água abaixo quando foi enganada por alguém em quem confiava ao ser apresentada a uma fonte não fidedigna. Voltando à sua cidade natal, ela tem uma nova oportunidade quando um jornal de menor expressão lhe dá a chance de provar seu valor, escrevendo uma matéria especial para a edição de Quatro de Julho.

Imediatamente, Savannah se lembra do "eremita" da cidade; um veterano ferido que retornou há oito anos e nunca mais foi visto. Ele seria seu passaporte para voltar à ativa. Um passo em falso destruiu a vida dele... Asher Lee quis fazer a diferença na vida dos outros, pelo seu país, e se alistou após o 11 de Setembro. Alguns anos depois, teve sua vida modificada quando uma mina no Afeganistão praticamente destruiu o lado direito de seu corpo.

Agora, ele faz jus ao apelido que recebeu na cidade ao viver escondido em sua enorme casa; uma 'fera' vivendo uma semi-vida através dos romances que lê avidamente. Quando uma bela repórter aparece à sua porta, trazendo-lhe brownies e querendo fazer sua história conhecida, a princípio ele reluta, para mais adiante, não só aceitar, como se ver enredado em sentimentos que nunca ousou pensar que lhe seriam permitidos novamente. Ela era seu passaporte para a esperança. E juntos, tornaram suas cicatrizes uma ponte para o Amor. Savannah e Asher criaram um vínculo imediato, tocando o coração um do outro de formas que nem imaginavam ser possível. Mas um terrível erro

ameaça distanciá-los, e terão que decidir se o amor que aprenderam a conhecer é forte o suficiente para lutarem por seu final feliz.

[Compre agora e leia](#)

"Delicioso demais para se perder."
LISA KLEYPAS

Segredos de uma Noiva em Fuga

*Algumas vezes o nobre
errado é... oh perfeito...*

VALERIE BOWMAN



LEQUE ROSA

Segredos de uma noiva em fuga

Bowman, Valerie

9788554288044

183 páginas

[Compre agora e leia](#)

A emoção da fuga A Srta. Annie Andrews está finalmente livre para se casar com o homem que ama. Com sua irmã superprotetora fora do país em lua de mel, nada pode impedir sua fuga para Gretna Green - nada, a menos que ela seja sequestrada pelo cavalheiro errado. A doçura da rendição Quando Jordan Holloway, o Conde de Ashbourne, prometeu cuidar da cunhada de seu melhor amigo, ele não imaginava que ela pudesse ser tão difícil. Mas quando ele a sequestra para sua casa de campo na tentativa de evitar uma nova fuga, ele descobre que a beleza sedutora sabe como lutar. Para piorar a situação, ele está preso no papel de honrado protetor... quando o que ele realmente quer é ele próprio fugir com ela.

[Compre agora e leia](#)



A Voz do Coração

Bezerra, Elizabeth

9788568695920

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

O último dos solteiros do seletto grupo de amigos de Nova York estava feliz em continuar assim... solteiro. Muralha, Grandão, Mulherengo, esses eram alguns dentre tantos atributos que Peter Stone encarava com bom humor. Mas ainda que ele fosse visto como o "Don Juan", havia um traço em Peter do qual ele carregava com orgulho: o de Salvador. Ele era o que ajudava em tudo e a todos. A regra era clara: não mexam com quem ele amava e protegia. E quando a jovem carregando cicatrizes internas e externas, Fabiana Mendes, é colocada sob seus cuidados, a ideia era apenas essa, protegê-la. No entanto, a couraça que ele construiu ao seu redor e que o ajudava a caçar bandidos e eliminar qualquer ameaça, agora sobre Fabiana, foi vencida graças à fragilidade, doçura e força interior desta mulher que tinha tudo para não sobreviver a tamanhas adversidades. As cicatrizes de Fabiana faziam com que Peter encarasse as dele. Fantasmas de seu passado ressurgiam para atormentá-lo e, em meio a tudo isso, ele se vê lutando contra o fascínio e o desejo incontrollável por sua Honey... O oitavo e último livro da série New York traz doses explosivas de romance, drama e ação, que farão seu coração viver momentos inesquecíveis.

[Compre agora e leia](#)